



COMO MUDAR SUA MENTE

O que a nova ciência das
substâncias psicodélicas pode
nos ensinar sobre consciência,
morte, vícios, depressão
e transcendência

MICHAEL POLLAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



COMO MUDAR SUA MENTE

O que a nova ciência das
substâncias psicodélicas pode
nos ensinar sobre consciência,
morte, vícios, depressão
e transcendência

MICHAEL POLLAN

MICHAEL POLLAN

COMO MUDAR SUA MENTE

*O que a nova ciência das substâncias psicodélicas pode nos ensinar
sobre consciência, morte, vícios, depressão e transcendência*

Tradução de
Rogerio W. Galindo
Rosiane Correia de Freitas



Copyright © 2018 by Michael Pollan

TÍTULO ORIGINAL

How to change your mind

PREPARAÇÃO

Diogo Henriques

REVISÃO

Carolina Leocadio

Carolina Rodrigues

IMAGEM DE CAPA

Craig Cutler

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Victor Huguet

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0417-3

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para o meu pai

A alma deveria ficar sempre entreaberta.

— EMILY DICKINSON

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo: Uma nova porta

CAPÍTULO UM

O renascimento

CAPÍTULO DOIS

História natural: sob a influência de cogumelos

Coda

CAPÍTULO TRÊS

História: a primeira onda

Parte I: A promessa

Parte II: O racha

Coda

CAPÍTULO QUATRO

Memórias de viagem: uma excursão clandestina

Viagem I: LSD

Viagem II: Psilocibina

Viagem III: 5-MeO-DMT (ou o sapo)

CAPÍTULO CINCO

A neurociência: seu cérebro sob o efeito de psicodélicos

CAPÍTULO SEIS

A viagem de tratamento: compostos psicodélicos na psicoterapia

I: Morrendo

II: Vício

III: Depressão

Coda: Indo conhecer minha rede neural de modo padrão

Epílogo: Um elogio à diversidade neural

Glossário

Agradecimentos

Notas

Bibliografia

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

[Leia também](#)

Uma nova porta

EM MEADOS DO século XX, duas novas moléculas incomuns, compostos orgânicos com semelhança familiar impressionante, explodiram no Ocidente. Com o tempo, elas afetariam a história social, política e cultural, bem como a história pessoal de milhões de indivíduos que as introduziram em seus cérebros. A chegada desses compostos químicos revolucionários coincidiu com outra explosão histórica — a da bomba atômica. Houve quem comparasse os dois eventos e desse grande importância à sincronia cósmica. Novas e extraordinárias energias teriam sido liberadas no mundo; as coisas jamais voltariam a ser as mesmas.

A primeira dessas moléculas foi uma invenção acidental da ciência.¹ A dietilamida do ácido lisérgico, conhecida como LSD, foi sintetizada pela primeira vez por Albert Hofmann em 1938, pouco antes de os físicos conseguirem realizar a fissão de um átomo de urânio. Hofmann, que trabalhava para a farmacêutica suíça Sandoz, procurava uma droga que estimulasse a circulação, não um composto psicoativo. Somente cinco anos depois, ao ingerir por acidente uma quantidade minúscula do novo composto, ele percebeu que havia criado algo potente, ao mesmo tempo terrível e maravilhoso.

A segunda molécula já estava em circulação há milhares de anos, embora ninguém no mundo desenvolvido a conhecesse.² Produzida não por um químico, mas por um discreto cogumelo marrom, essa molécula, que viria a ser conhecida como psilocibina, já era usada há séculos por povos indígenas do México e da América Central em rituais religiosos. Chamado pelos astecas de *teonanácatl*, ou “carne dos deuses”, o cogumelo teve seu uso brutalmente reprimido pela Igreja Católica após a conquista espanhola e foi relegado à clandestinidade. Em 1955, passados doze anos da descoberta do LSD por Albert Hofmann, um banqueiro e micologista amador chamado R. Gordon Wasson experimentou o cogumelo na cidade de Huautla de Jiménez, no estado de Oaxaca, no sul do México. Dois anos depois, ele publicou um relato de quinze páginas sobre o “cogumelo que provoca estranhas visões” na revista *Life*, marcando o momento em que a notícia de uma nova forma de consciência chegou ao grande público.³ (Em 1957 o LSD só era conhecido na comunidade de pesquisadores e profissionais da

saúde mental.) As pessoas só iriam perceber a dimensão do que havia acontecido anos mais tarde, mas a história do Ocidente havia mudado.

É difícil superestimar o impacto dessas duas moléculas. O advento do LSD pode ser ligado à revolução na neurociência iniciada na década de 1950, quando os cientistas descobriram a função dos neurotransmissores no cérebro. O fato de quantidades de LSD medidas em microgramas serem capazes de produzir sintomas semelhantes aos da psicose inspirou os neurocientistas a procurar uma causa neuroquímica para transtornos mentais considerados inicialmente como de origem psicológica. Ao mesmo tempo, as substâncias psicodélicas encontraram um lugar na psicoterapia e passaram a ser usadas no tratamento de diversas doenças, entre as quais o alcoolismo, a ansiedade e a depressão. Durante a maior parte da década de 1950 e o início da década de 1960, muitas autoridades da psiquiatria consideravam o LSD e a psilocibina drogas milagrosas.

A chegada desses dois compostos também está ligada ao surgimento da contracultura na década de 1960 e, talvez em especial, a seu tom e estilo. Pela primeira vez na história, os jovens tinham um rito de passagem todo deles, a “viagem de ácido”. Em vez de servir como porta para que os jovens entrassem no mundo adulto, como os ritos de passagem sempre fizeram, esse os mandava para um local da mente que poucos adultos conheciam. O impacto, para dizer o mínimo, foi perturbador.

Contudo, no fim dos anos 1960, as ondas de choque sociais e políticas liberadas por essas moléculas pareciam se dissipar. O lado negro das substâncias psicodélicas começou a receber enorme atenção pública — *bad trips*, surtos psicóticos, flashbacks, suicídios —, e a partir de 1965 a exuberância em torno do uso dessas novas drogas foi substituída por um pânico moral. Com a mesma velocidade com que havia aderido às substâncias psicodélicas, o *establishment* cultural e científico se voltava agora duramente contra elas. No fim da década, essas drogas — que eram legais na maioria dos lugares — foram banidas e relegadas à clandestinidade. Pelo menos uma das duas bombas do século xx parecia ter sido neutralizada.

Mas então algo inesperado e revelador aconteceu. No início da década de 1990, bem longe da vista da maioria de nós, um pequeno grupo de cientistas, psicoterapeutas e os chamados psiconautas se convenceu de que algo precioso havia sido abandonado pela ciência e pela cultura e resolveu recuperá-lo.

Hoje, depois de várias décadas de exclusão e negligência, as substâncias psicodélicas vivem um renascimento. Uma nova geração de cientistas, muitos deles inspirados por suas próprias experiências com os compostos, estão testando seu potencial na cura de distúrbios mentais como depressão, ansiedade, trauma e vício. Outros cientistas

usam essas substâncias em conjunto com novos exames de imagem para explorar a ligação entre cérebro e mente e esperam desvendar alguns mistérios sobre a consciência.

Uma boa maneira de tentar entender um sistema complexo é perturbá-lo e ver o que acontece. Ao colidir átomos, o acelerador de partículas os força a revelar seus segredos. Ao administrar doses cuidadosamente controladas, os neurocientistas podem alterar profundamente a consciência desperta dos voluntários, diluindo as estruturas do “eu” e provocando o que pode ser descrito como uma experiência mística. Enquanto isso acontece, exames de imagem modernos registram as mudanças nas atividades do cérebro e nos padrões de conexão. Esse trabalho já está produzindo informações surpreendentes sobre os “correlatos neurais” da nossa autopercepção e da experiência espiritual. O velho clichê dos anos 1960 de que as substâncias psicodélicas eram a chave para compreensão — e expansão — da consciência não parece mais algo tão absurdo.

Como mudar sua mente é a história desse renascimento. Embora não tenha começado dessa forma, é uma história pública e ao mesmo tempo muito pessoal. Talvez isso fosse inevitável. Tudo que eu estava aprendendo sobre a experiência de outras pessoas com a pesquisa acerca de substâncias psicodélicas me fez querer explorar esse novo panorama da mente também em primeira mão — para ver qual a sensação causada pelas mudanças na consciência que essas moléculas provocam e se elas tinham algo a me ensinar sobre a *minha* mente e se poderiam contribuir para a minha vida.

* * *

ESSA FOI, PARA mim, uma mudança inesperada no rumo dos acontecimentos. A história das substâncias psicodélicas que resumi aqui não é a história que vivi. Nasci em 1955, bem no meio da década em que essas drogas explodiram pela primeira vez nos Estados Unidos, mas a ideia de experimentar LSD só se apresentou a sério pela primeira vez quando comecei a me aproximar dos 60 anos. Isso pode parecer improvável para alguém nascido no pós-guerra, um descuido no cumprimento de um dever da minha geração. Mas eu tinha apenas 12 anos em 1967, portanto era jovem demais para ter algo além de uma ligeira consciência do Verão do Amor ou dos Testes de Ácido de São Francisco. Aos 14 anos, a única forma que eu tinha de ir para Woodstock era se meus pais me levassem. Vivenciei a maior parte dos anos 1960 através das páginas da revista *Time*. Quando me deparei conscientemente com o dilema sobre experimentar ou não LSD, o composto já tinha percorrido seu ciclo midiático, passando de droga psicoativa milagrosa a sacramento da contracultura e finalmente a

destruidora da mente dos jovens.

Eu devia estar no primeiro ano do ensino médio quando um cientista divulgou (erroneamente, no fim das contas) que o LSD causava alterações cromossômicas; toda a mídia, bem como meu professor de educação em saúde, fez questão de nos informar a respeito.⁴ Alguns anos depois, Art Linkletter, uma celebridade da TV, começou uma campanha contra o LSD, que ele acreditava ter feito sua filha pular da janela do apartamento e se matar. O LSD supostamente também tinha alguma ligação com os assassinatos de Charles Manson. Quando, no início dos anos 1970, fui para a universidade, tudo que ouvíamos sobre o LSD parecia ter a intenção de nos assustar. Para mim, funcionou: sou mais filho do pânico moral que essas drogas causaram do que da cultura psicodélica dos anos 1960.

Também tive um motivo pessoal para me manter longe das substâncias psicodélicas: uma adolescência dolorosamente ansiosa que fez com que eu (e pelo menos um psiquiatra) duvidasse da minha sanidade. Quando cheguei à universidade, estava me sentindo mais forte, mas arriscar minha saúde mental usando substâncias psicodélicas ainda parecia uma má ideia.

Tempos depois, já mais perto dos 30 anos e me sentindo mais estável, experimentei cogumelos mágicos duas ou três vezes. Um amigo tinha me dado um pote de vidro cheio de *Psilocybe* secos e retorcidos e em algumas ocasiões memoráveis minha parceira (hoje esposa), Judith, e eu engolimos dois ou três, suportamos uma breve sensação de náusea e então partimos para quatro ou cinco horas interessantes juntos no que parecia uma versão levemente distorcida da realidade que conhecíamos.

Entusiastas das substâncias psicodélicas provavelmente classificariam o que vivenciamos como uma “experiência estética” de baixa dosagem, não como uma viagem plena de dissolução do ego. Certamente não deixamos para trás o universo conhecido nem vivenciamos o que chamam de experiência mística. Mas foi *realmente* interessante. O que lembro em especial foi o tom sobrenatural e intenso do verde do bosque e a sensação especial de maciez aveludada das samambaias. Fui tomado por uma vontade irresistível de estar ao ar livre, nu e o mais longe possível de qualquer coisa feita de metal ou plástico. Como estávamos sós no campo, isso tudo foi possível. Não me lembro da viagem seguinte, no Riverside Park, em Manhattan, exceto que foi menos agradável e inconsciente que a primeira e que gastamos boa parte do tempo nos perguntando se as pessoas podiam perceber que estávamos drogados.

Na época eu não sabia, mas a diferença entre essas duas experiências com a mesma droga demonstrava algo importante e especial a respeito dos compostos psicodélicos: o papel crítico do

“cenário” e do “ambiente”. “Cenário” é a mentalidade ou expectativa do usuário em relação à experiência e “ambiente” é o local no qual ela acontece. Comparadas a outras drogas, as psicodélicas raramente afetam as pessoas da mesma forma duas vezes, porque tendem a amplificar o que está dentro e fora da mente do usuário.

Depois dessas duas viagens curtas, o pote de cogumelos ficou esquecido no fundo da despensa por anos, intocado. A ideia de gastar um dia inteiro com uma experiência psicodélica se tornara inconcebível. Estávamos trabalhando muito, construindo novas carreiras, e a vasta quantidade de tempo livre propiciada pela rotina da universidade (ou do desemprego) era apenas uma lembrança distante. Agora havia uma nova droga, uma droga diferente e muito mais fácil de conciliar com a natureza da vida profissional em Manhattan: a cocaína. O pó branco fazia os cogumelos marrons e enrugados parecerem ridículos, imprevisíveis e trabalhosos demais. Um dia, ao limpar os armários da cozinha, encontramos o pote e o jogamos fora junto com pacotes de comida e temperos estragados.

Hoje, passadas três décadas, eu queria não ter feito isso. Daria muita coisa para ter um pote inteiro de cogumelos mágicos agora. Comecei a me perguntar se talvez essas moléculas extraordinárias não seriam desperdiçadas com os jovens, se não teriam mais a nos oferecer posteriormente, depois que nossos hábitos mentais e rotineiros tivessem se sedimentado. Carl Jung escreveu certa vez que não são os jovens, mas as pessoas de meia-idade, que precisam de uma “experiência do sagrado” para ajudá-las a negociar a segunda metade de suas vidas.

Quando cheguei são e salvo aos 50 anos, a vida parecia transcorrer em trilhos confortáveis: um casamento feliz e duradouro junto com uma carreira igualmente longa e gratificante. Como acontece com frequência, eu tinha desenvolvido uma série de algoritmos mentais confiáveis para enfrentar o que quer que a vida me apresentasse, fosse em casa ou no trabalho. O que faltava na minha vida? Nada que eu conseguisse identificar — isto é, até que tomei conhecimento de novas pesquisas relacionadas a compostos psicodélicos e comecei a me perguntar se havia negligenciado o potencial dessas moléculas não só para compreender, mas para quem sabe mudar a mente.

* * *

EIS OS TRÊS pontos que me fizeram ver que esse era o caso.

Na primavera de 2010, uma matéria de capa do *New York Times* anunciava que “Alucinógenos voltam a atrair a atenção dos médicos”.⁵ O texto informava que pesquisadores estavam fornecendo grandes doses de psilocibina — o princípio ativo dos cogumelos mágicos —

para pacientes terminais de câncer como forma de ajudá-los a lidar com a “angústia existencial” da proximidade da morte.

Esses experimentos, que estavam sendo conduzidos simultaneamente na Johns Hopkins, na Universidade da Califórnia e na Universidade de Nova York, pareciam não só improváveis como loucos. Se eu recebesse um diagnóstico terminal, a última coisa que ia querer seria tomar uma droga psicodélica, abrir mão do controle da mente e nesse estado psicologicamente vulnerável olhar de frente para o abismo. Mas muitos dos voluntários relataram que em uma única experiência guiada com substâncias psicodélicas foram capazes de reinterpretar o câncer e a perspectiva de morrer. Muitos afirmaram ter perdido totalmente o medo da morte. E a explicação para essa transformação era particularmente intrigante, mas também vaga. “Os indivíduos transcendem sua identificação primária com seus corpos e experimentam estados livres do ego”, declarou um dos pesquisadores, segundo a reportagem. Eles “voltam com uma nova perspectiva e uma profunda aceitação”.

Mantive essa reportagem arquivada por um ano ou dois, até que um dia eu e Judith nos vimos em um jantar numa mansão em Berkeley Hills, sentados numa grande mesa com umas doze pessoas, quando uma mulher na outra ponta começou a falar sobre suas viagens com ácido. Ela parecia ter a minha idade e, como vim a saber, era uma psicóloga renomada. Eu estava no meio de outra conversa, mas assim que o som das letras L, S, D chegou à minha ponta da mesa não resisti, passei a ouvir e tentei entrar no assunto.

De início achei que ela estava desenterrando alguma velha história da época de faculdade. Mas não era isso. Logo ficou claro que a tal viagem de ácido tinha acontecido dias antes e fora, na realidade, uma das primeiras experiências dela. Todos na mesa arquearam as sobancelhas. Ela e o marido, um engenheiro de software aposentado, haviam descoberto que o uso ocasional de LSD era intelectualmente estimulante e valioso para o trabalho. Mais especificamente, a psicóloga sentiu que o LSD lhe propiciara uma compreensão melhor de como as crianças pequenas veem o mundo. A percepção das crianças não é mediada pelas expectativas e convenções baseadas em experiências passadas, como a dos adultos. Como adultos, explicou ela, o que fazemos não é simplesmente absorver o mundo como ele é, mas criar suposições baseadas no bom senso. Confiar nessas suposições, que se baseiam no que já vivemos, poupa energia e tempo quando, por exemplo, tentamos adivinhar o que é um padrão de pontos verdes no campo de visão. (As folhas de uma árvore, provavelmente.) O LSD parece desabilitar esse modo de percepção convencional, que usa certos atalhos, e, ao fazer isso, restaura uma abordagem infantil e imediata e um senso de espanto na nossa

experiência com a realidade, como se estivéssemos vendo tudo pela primeira vez. (*Folhas!*)

Interrompi para perguntar se ela tinha planos de escrever sobre essas ideias, o que deixou todos na mesa interessados. Ela riu e me olhou como quem diz: *santa ingenuidade!* O LSD é uma substância ilícita nível 1, o que significa que o governo a vê como substância controlada com risco de abuso e sem uso terapêutico autorizado. Seria imprudente para alguém como ela sugerir publicamente que os compostos psicodélicos podem contribuir com a filosofia e a psicologia — que podem ser uma ferramenta valiosa para explorar os mistérios da consciência humana. Pesquisas sérias com substâncias psicodélicas foram banidas das universidades há cinquenta anos, logo após o espetacular naufrágio do projeto Psilocibina de Timothy Leary em Harvard, em 1963. Nem mesmo Berkeley estava disposta a investir nisso novamente, pelo menos ainda não.

Terceiro ponto: a conversa no jantar reavivou uma vaga lembrança de que anos antes alguém me enviara um artigo científico sobre pesquisa com psilocibina. Como estava ocupado com outras coisas na época, nem abri, mas ao procurar por psilocibina encontrei o artigo na mesma hora, na pilha virtual de e-mails descartados no meu computador. O documento fora enviado a mim por um dos autores, um sujeito que eu não conhecia chamado Bob Jesse; talvez ele tivesse lido algo que escrevi sobre plantas psicoativas e achado que eu podia me interessar. O artigo, escrito pela mesma equipe da Hopkins que estava dando psilocibina para pacientes com câncer, fora publicado pouco tempo antes no periódico *Psychopharmacology*. Para uma pesquisa científica submetida ao crivo da comunidade científica, o texto tinha um título curioso: “Psilocibina pode ocasionar experiências místicas com significado pessoal permanente e valor espiritual”.⁶

Esqueça o termo psilocibina; o que saltava aos olhos em uma publicação de farmacologia eram as palavras “místicas”, “espiritual” e “significado”. O título indicava uma transposição interessante das fronteiras da pesquisa, capaz de juntar duas palavras que nos acostumamos a ver como irreconciliáveis: ciência e espiritualidade.

Mergulhei no artigo da Hopkins, fascinado. Trinta voluntários que nunca haviam usado compostos psicodélicos receberam cápsulas que poderiam conter uma versão sintética da psilocibina ou um “placebo ativo” — metilfenidato, ou Ritalina — para fazer o paciente pensar que estava consumindo a droga. Os voluntários deitavam num sofá com os olhos cobertos e ouvindo música por meio de fones de ouvido, acompanhados o tempo todo por dois terapeutas (a venda nos olhos e os fones de ouvido visavam incentivar uma viagem mais introspectiva). Depois de trinta minutos, coisas extraordinárias começaram a acontecer com a mente das pessoas que haviam recebido

a pílula de psilocibina.

O estudo demonstrou que uma dose alta de psilocibina pode ser usada para “ocasionar” uma experiência mística com segurança e de forma confiável — que é descrita como a dissolução do ego seguida pela sensação de se fundir à natureza ou ao universo. Isso talvez não seja surpresa para quem já experimentou compostos psicodélicos ou para os pesquisadores que os estudaram nos anos 1950 e 1960. Mas não era óbvio para a ciência moderna, nem para mim em 2006, quando o artigo foi publicado.

O que é mais notável a respeito dos resultados descritos no texto é que os participantes do estudo indicaram a experiência com psilocibina como uma das mais significativas de suas vidas, comparável “ao nascimento do primeiro filho ou à morte de um dos pais”. Dois terços dos participantes classificaram a sessão como uma das cinco “experiências espirituais mais significativas” de suas vidas; um terço classificou-a como a experiência *mais importante* do gênero que haviam tido. Quatorze meses depois, essa classificação havia mudado apenas ligeiramente. Os voluntários relataram melhoras no “bem-estar, satisfação com a vida e mudanças de comportamento para melhor”, mudanças que foram confirmadas por membros da família e amigos.

Embora ninguém soubesse na época, o renascimento da pesquisa com substâncias psicodélicas começou a sério com a publicação daquele artigo. O texto levou à realização de uma série de experimentos — na Hopkins e em várias outras universidades — em que se utilizou a psilocibina para tratar diversos problemas, como ansiedade e depressão em pacientes com câncer, vício em nicotina e álcool, transtorno obsessivo-compulsivo, depressão e distúrbios alimentares. O que chama a atenção na linha de trabalho dessas pesquisas clínicas é a premissa de que não é no efeito da droga, mas no tipo de experiência mental que ela provoca — ao promover a dissolução temporária do ego —, que pode estar a chave para mudar a mente de alguém.

* * *

SEM MUITA CERTEZA de ter tido uma única experiência “espiritual significativa” sequer, que dirá em número suficiente para poder classificá-las em um ranking, descobri que o artigo de 2006 despertara a minha curiosidade, mas também reforçara o meu ceticismo. Muitos voluntários diziam ter tido acesso a uma realidade alternativa, a uma outra dimensão onde as leis do mundo físico não se aplicavam e as diversas manifestações de consciência cósmica ou divindade lhes pareceram inegavelmente reais.

Isso me pareceu meio difícil de engolir (não seria apenas uma alucinação provocada pela droga?), mas ao mesmo tempo intrigante; parte de mim queria que aquilo fosse verdade, ainda que eu não soubesse dizer exatamente o que era “aquilo”. Fiquei um pouco surpreso, porque nunca me vi como uma pessoa espiritualizada, muito menos mística. Isso se deve, em parte, à minha visão de mundo, mas também à negligência: nunca dediquei muito tempo a explorar caminhos espirituais e não tive uma criação religiosa. Minha perspectiva padrão sempre foi a da filosofia materialista, que acredita que a matéria é a substância fundamental do mundo e que as leis da física devem ser capazes de explicar todas as coisas. Parto do princípio de que a natureza é tudo que há e gravito em torno das explicações científicas para os fenômenos. Dito isso, também sou sensível às limitações da perspectiva científico-materialista e acredito que a natureza (inclusive a mente humana) ainda detém grandes mistérios que, às vezes, a ciência desdenha de forma arrogante e injustificável.

Seria possível que uma única experiência psicodélica — algo que se resume a tomar uma pílula ou ingerir um pedaço de papel — pudesse provocar um rompimento tão significativo numa visão de mundo desse tipo? Alterar a percepção de alguém a respeito da própria mortalidade? Mudar a mente de uma pessoa de forma duradoura?

A ideia tomou conta de mim. Era como se dar conta de uma porta para um lugar conhecido — a sua própria mente —, mas que você nunca havia percebido; e ouvir de pessoas em quem confia (cientistas!) que existe uma maneira totalmente diferente de pensar — de ser! — esperando do outro lado. Você só precisa girar a maçaneta e entrar. Quem *não ficaria* curioso? Eu podia nem estar procurando mudar a minha vida, mas a ideia de aprender algo novo sobre ela, de lançar um pouco de luz neste velho mundo, começou a tomar conta dos meus pensamentos. Talvez *faltasse* algo na minha vida, algo a que eu simplesmente não dera um nome.

Eu já sabia alguma coisa sobre essas portas, tendo escrito sobre plantas psicoativas no início da minha carreira. Em *The Botany of Desire* [A botânica do desejo], explorei o que descobri ser um desejo humano universal de mudar a consciência. Não existe nenhuma cultura no mundo (bem, na verdade há uma)¹ que não faça uso de certas plantas para mudar o conteúdo da mente, seja como forma de cura, hábito ou prática espiritual. O fato de um desejo curioso e aparentemente inapropriado existir ao lado de nossos desejos por alimento, beleza e sexo — coisas que obviamente fazem muito mais sentido do ponto de vista evolutivo — exige uma explicação. A resposta mais simples é que essas substâncias ajudam a aliviar o tédio e a dor. No entanto, os fortes sentimentos e os tabus e rituais complexos que envolvem muitas dessas espécies psicoativas sugerem

que deve haver algo mais.

No caso da nossa espécie, conforme aprendi, plantas e fungos com o poder de alterar de maneira radical a consciência foram por muito tempo amplamente usados como ferramentas para curar a mente, para facilitar ritos de passagem e para servir como meio de comunicação com esferas superiores ou com mundos espirituais. Essas práticas são antigas e respeitadas em muitas culturas, mas arrisco uma outra função delas: enriquecer a imaginação coletiva — a cultura — com as novas ideias e visões que alguns poucos trazem ao voltar seja lá de onde for.

* * *

DEPOIS DE TER desenvolvido um apreço intelectual pelo potencial dessas substâncias psicoativas, seria de imaginar que eu estivesse ansioso por experimentá-las. Não sei o que eu estava esperando: coragem, talvez, ou a oportunidade certa, o que, com a atribulada rotina de alguém que vive a maior parte do tempo do lado certo da lei, nunca parece se apresentar. Mas, quando comecei a comparar os benefícios de que ouvia falar com os riscos, me surpreendi ao saber que os compostos psicodélicos parecem mais assustadores do que na verdade são. A maior parte dos perigos mais conhecidos são exagerados ou equivocados. É praticamente impossível morrer de uma overdose de LSD ou psilocibina, por exemplo, e nenhuma das duas drogas causa dependência. Animais de laboratório não procuram por uma segunda dose depois de experimentá-la uma vez, e o uso recorrente tende a reduzir seu efeito.^{II} É verdade que as experiências apavorantes vividas por algumas pessoas ao usar essas substâncias podem levar à psicose, e ninguém com histórico familiar ou predisposição a transtornos mentais deve experimentá-las. Mas é extremamente rara a ocorrência de atendimentos de emergência por uso de compostos psicodélicos, e em muitos casos o que os médicos diagnosticam como crise psicótica acaba sendo, na realidade, um breve ataque de pânico.⁷

Também acontece de pessoas sob influência de substâncias psicodélicas ficarem suscetíveis a fazer coisas perigosas e estúpidas: andar no meio dos carros, cair de lugares altos e, em raras ocasiões, se matar. “*Bad trips*” realmente acontecem e podem ser “uma das experiências mais difíceis da vida de alguém”, de acordo com uma grande pesquisa feita com usuários de compostos psicodélicos.^{III} Mas é importante distinguir o que pode acontecer quando o uso se dá em situações não controladas, sem atenção ao “cenário” e ao “ambiente”, daquilo que acontece com supervisão clínica, após seleção e análise cuidadosa do usuário. Desde que se retomou a pesquisa autorizada com substâncias psicodélicas no início dos anos 1990, quase mil

voluntários receberam doses delas, e nenhum caso adverso sério foi registrado.⁸

* * *

FOI NESSE MOMENTO que a ideia de “sacudir o globo de neve”, como um neurologista descreveu a experiência psicodélica, se tornou mais atraente que assustadora, apesar de o lado assustador continuar lá.

Após quase meio século de companheirismo mais ou menos constante, o “eu” da pessoa — essa voz no nosso ouvido que incessantemente comenta, interpreta, rotula e protege — se torna familiar *demais*. Não estou falando aqui de algo tão profundo quanto autoconhecimento. Não, estou falando de como, com o passar do tempo, tendemos a otimizar e convencionar nossas reações àquilo que a vida nos apresenta. Cada um de nós cria atalhos para acomodar as experiências do cotidiano, processá-las e resolver problemas, e, embora isso sem dúvida seja uma vantagem adaptativa — nos ajuda a concluir tarefas com o mínimo de alarde —, no fim das contas se torna um hábito. É algo que nos entorpece. Nossos músculos da atenção se atrofiam.

Hábitos sem dúvida são ferramentas úteis, que nos permitem lidar com tarefas e situações novas sem a necessidade de passar toda vez por uma operação mental complexa. Contudo, também nos impedem de permanecer despertos para o mundo: para observar, sentir, pensar e então agir de forma deliberada. (Ou seja, com liberdade, em vez de por compulsão.) A melhor maneira de perceber como hábitos mentais nos cegam completamente é viajar para um país desconhecido. De repente você está desperto! E é obrigado a refazer os algoritmos da rotina, como se tudo recomeçasse do zero. É por isso que o uso da metáfora da viagem para a experiência psicodélica é tão adequado.

A eficiência da mente adulta, por mais útil que seja, nos deixa cegos para o momento presente. Estamos o tempo todo pensando no que vem a seguir. Em grande medida, abordamos situações como um programa de inteligência artificial (IA), traduzindo os dados do presente com base em experiências passadas, voltando no tempo para localizar situações relevantes e usando essas informações para prever e planejar o futuro.

Um dos motivos que tornam as viagens, a arte, a natureza, o trabalho e algumas drogas recomendáveis é a forma como essas experiências, em seus melhores momentos, bloqueiam cada caminho que nossa mente usa para avançar e recuar, nos forçando a uma imersão no presente que é literalmente cheia de maravilhas — e esse maravilhamento é uma consequência do tipo de visão livre e nova, ou olhar virgem, para o qual o cérebro adulto se fechou. (É tão

ineficiente!) Para minha infelicidade, na maioria das vezes eu vivo em um futuro próximo; meu termostato psíquico está ajustado para uma temperatura morna de expectativa e, muitas vezes, preocupação. O lado bom disso é que quase nunca sou surpreendido. O lado ruim é que quase nunca sou surpreendido.

O que estou me esforçando para descrever aqui é o que acredito ser o meu modo padrão de consciência. Ele funciona bem e sem dúvida dá conta do recado, mas e se ele não for a única, nem necessariamente a melhor, forma de viver a vida? A premissa da pesquisa com compostos psicodélicos é que esse grupo especial de moléculas pode nos dar acesso a outras formas de consciência capazes de nos oferecer benefícios específicos, sejam terapêuticos, espirituais ou criativos. É certo que as substâncias psicodélicas não são a única porta para essas outras formas de consciência — e exploro algumas alternativas não farmacológicas nestas páginas —, mas elas de fato parecem ser uma das maçanetas mais fáceis de se segurar e girar.

A ideia de expandir nosso repertório de estados da consciência não é totalmente nova: o hinduísmo e o budismo estão impregnados dela, e há alguns precedentes intrigantes mesmo na ciência ocidental. William James, pioneiro da psicologia americana e autor de *As variedades da experiência religiosa*, explorou esses domínios há mais de um século. E retornou convicto de que a nossa consciência desperta cotidiana “é apenas um dos tipos de consciência, enquanto a seu redor, separadas dela pela mais fina barreira, existem formas potenciais de consciência completamente diferentes”.

James está falando das portas ainda fechadas nas nossas mentes. Para ele, o “toque” que poderia escancarar a porta e revelar essas esferas do outro lado era o óxido nitroso. (A mescalina, o composto psicodélico derivado do peiote, estava disponível para pesquisadores na época, mas James, ao que parece, era medroso demais para testá-la.)

“Nenhum relato do universo em sua totalidade pode ser definitivo se deixar de considerar essas outras formas de consciência. De qualquer maneira”, conclui James, esses outros estados de consciência, cuja existência ele acreditava ser tão real quanto a tinta destas páginas, “impedem a conclusão prematura de nossas descrições da realidade”.

Quando li essa frase pela primeira vez, percebi que James entendia o modo como eu pensava: sendo um materialista convicto, e um adulto de certa idade, eu já havia praticamente encerrado minhas tentativas de entender a realidade. Talvez isso tenha sido prematuro.

Bem, ali estava um convite para retomá-las.

SE A CONSCIÊNCIA desperta cotidiana é apenas uma das várias possibilidades de edificar um mundo, então talvez exista valor em cultivar em maior grau o que passei a chamar de diversidade neural. Assim, *Como mudar sua mente* aborda o tema de uma série de perspectivas diferentes, usando diversas formas narrativas: história social e científica, história natural, memória, jornalismo científico e estudos de caso de voluntários e pacientes. No meio dessa viagem também apresento um relato da minha pesquisa pessoal (ou talvez seja melhor dizer busca), na forma de um registro mental de viagem.

Ao reconstituir a história da pesquisa com compostos psicodélicos no passado e no presente, não tento ser abrangente. A questão dessas substâncias, em termos tanto da ciência quanto da história social, é um tema vasto demais para ser tratado em um único volume. Em vez de tentar apresentar aos leitores todo o elenco responsável pelo renascimento dos compostos psicodélicos, minha narrativa segue alguns poucos pioneiros que constituem uma linhagem científica particular, o que inevitavelmente fez com que a contribuição de outros recebesse pouca atenção. Além disso, a fim de manter a coerência narrativa, concentrei meu trabalho em certas drogas em detrimento de outras. Assim, por exemplo, há pouca coisa no livro sobre o MDMA (também conhecido como ecstasy), que aparentemente vem apresentando resultados promissores no tratamento do transtorno de estresse pós-traumático. Alguns pesquisadores incluem o MDMA entre os compostos psicodélicos, mas não a maioria, e segui a linha de trabalho destes últimos. O MDMA atua sobre caminhos diferentes no cérebro e tem uma história social diferente das substâncias chamadas psicodélicas clássicas. Dentre estas, me concentrei sobretudo nas que vêm recebendo maior atenção dos cientistas — psilocibina e LSD —, o que significa que outros compostos igualmente interessantes e poderosos, porém mais complicados de usar em laboratório — como a ayahuasca —, receberam menos atenção.

Um último alerta sobre a nomenclatura. A classe de moléculas à qual pertencem a psilocibina e o LSD (e a mescalina, o DMT e alguns outros) já recebeu diversos nomes desde que chamou a nossa atenção. Inicialmente, esses compostos foram chamados de alucinógenos. Mas eles fazem tantas outras coisas (na realidade, alucinações plenas são bastante incomuns) que logo os pesquisadores passaram a procurar termos mais precisos e descritivos, uma busca que conto em detalhes no Capítulo 3. O termo “psicodélicos”, que utilizo com frequência aqui, tem seu lado ruim.⁹ Adotado na década de 1960, ele carrega uma pesada bagagem contracultural. Na esperança de fugir dessa associação e destacar a dimensão espiritual dessas drogas, alguns cientistas propuseram o uso de “enteógeno” — do grego “manifestação do divino interior”. Isso me parece excessivamente empático. Não

obstante o peso da década de 1960, o termo “psicodelia”, criado em 1956, é preciso do ponto de vista etimológico. Derivado do grego, ele significa apenas “manifestar a mente”, que é o que essas moléculas extraordinárias têm o poder de fazer.

I. Os inuítes parecem ser a exceção que confirma a regra, mas somente porque nenhuma substância psicoativa cresce na região onde eles vivem. (Pelo menos por enquanto.)

II. David J. Nutt, *Drugs Without the Hot Air: Minimising the Harms of Legal and Illegal Drugs* (Cambridge, Reino Unido: UIT, 2012). É por isso que pessoas que utilizam substâncias psicodélicas em “pequenas doses” jamais as ingerem em dias consecutivos.

III. Theresa M. Carbonaro et al., “Survey Study of Challenging Experiences After Ingesting Psilocybin Mushrooms: Acute and Enduring Positive and Negative Consequences”, *Journal of Psychopharmacology* (2016): 1268-78. A pesquisa revelou que 7,6% dos entrevistados haviam procurado tratamento para “um ou mais sintomas psicológicos que atribuíam à sua difícil experiência com a psilocibina”.

O renascimento

SE FOR POSSÍVEL determinar com precisão o início do renascimento moderno da pesquisa com substâncias psicodélicas, um bom candidato seria o ano de 2006. Não que isso fosse óbvio para muitas pessoas na época. Nenhuma aprovação de lei, regulamentação ou anúncio de descoberta marca essa mudança histórica. Mas três eventos sem nenhuma conexão entre si aconteceram nesse ano: o primeiro na Basileia, Suíça, o segundo em Washington, e o terceiro em Baltimore, Maryland — ouvidos mais sensíveis poderiam ter percebido o som do gelo começando a rachar.

O primeiro evento, que conecta passado e futuro, como uma espécie de articulação histórica, foi o centenário de nascimento de Albert Hofmann, o químico suíço que, em 1943, acidentalmente descobriu ter isolado (cinco anos antes) a molécula psicoativa que veio a ser conhecida como LSD. Foi uma comemoração de centenário pouco usual, uma vez que o homenageado estava presente na festa. Hofmann começou seu segundo século de vida em ótima forma física e mentalmente afiado, e foi capaz de participar de maneira ativa das celebrações, que incluíram uma festa de aniversário seguida por três dias de simpósio.¹ A cerimônia de abertura do simpósio aconteceu no dia 13 de janeiro, dois dias após o aniversário de 100 anos de Hofmann (ele viveu até os 102). Duas mil pessoas lotaram o saguão do Centro de Convenções da Basileia e aplaudiram de pé enquanto um homem curvado, apoiado em sua bengala, vestindo terno escuro e gravata, mal chegando a um metro e meio de altura, lentamente caminhou pelo palco e sentou-se no seu lugar.

Duas centenas de jornalistas do mundo todo estavam lá, e, além deles, mais de mil curandeiros, pessoas em busca de revelações, místicos, psiquiatras, farmacêuticos, pesquisadores da consciência e neurocientistas, muitos dos quais tiveram suas vidas profundamente afetadas pela notável molécula que esse homem havia retirado de um fungo meio século antes. Eles celebravam Hofmann e o que um amigo dele, o poeta e médico suíço Walter Vogt, chamou de “a única invenção feliz do século xx”.² Entre as pessoas no saguão, isso não pareceu exagero. Segundo um dos cientistas americanos presentes, muitos estavam no evento para “venerar” Albert Hofmann, e de fato o

encontro teve muitas características de um retiro religioso.

Embora praticamente todos no auditório conhecessem de cor a história do LSD, Hofmann foi convidado a recitar uma vez mais o mito da criação. (Ele conta essa memorável história em sua autobiografia *LSD, My Problem Child* [LSD, meu filho problemático], de 1979.) Sendo um jovem químico de uma unidade dos laboratórios Sandoz responsável por isolar compostos em plantas medicinais para encontrar novas drogas, Hofmann recebeu a tarefa de sintetizar, uma a uma, as moléculas dos alcaloides produzidos pelo esporão-do-centeio.³ O esporão-do-centeio é um fungo que pode atacar grãos, em geral o centeio, às vezes levando alguém que consumia pão de centeio a parecer louco ou possuído. (Uma das teorias sobre o julgamento das bruxas de Salem aponta o envenenamento por esporão-do-centeio como responsável pelo comportamento das mulheres acusadas.) Mas por muito tempo parteiras usaram o fungo para induzir o parto e estancar o sangramento após a concepção, e portanto a Sandoz esperava isolar uma droga comercializável dos alcaloides do fungo. No outono de 1938, Hofmann produziu a 25ª molécula dessa série e a batizou de dietilamida do ácido lisérgico, ou LSD-25, na forma abreviada. Testes preliminares do composto em animais não mostraram resultados promissores (os animais ficaram agitados, mas isso foi tudo), e a fórmula do LSD-25 foi deixada na gaveta.

E ali ficou por cinco anos, até um dia de abril de 1943, no meio da guerra, quando Hofmann teve “um pressentimento peculiar” de que o LSD-25 merecia uma segunda chance.⁴ Aqui o relato se torna um pouco místico. Normalmente, explicou ele, quando não se mostra promissor e é descartado, o composto é destruído. Mas Hofmann “gostou da estrutura química da molécula do LSD” e algo nela o fez pensar que “essa substância pode possuir propriedades não reveladas nas primeiras investigações”. Outra anomalia misteriosa aconteceu quando ele sintetizou o LSD-25 pela segunda vez. Apesar do cuidado meticuloso que sempre tinha ao trabalhar com uma substância tóxica como o esporão-do-centeio, Hofmann deve, de alguma forma, ter absorvido um pouco do químico pela pele, já que “teve o trabalho interrompido por sensações pouco usuais”.

Hofmann foi para casa, deitou num sofá e, “num estado de sonho, de olhos fechados (...) comecei a ver uma série ininterrupta de imagens fantásticas, formas extraordinárias com cores intensas e caleidoscópicas”. Assim aconteceu a primeira viagem de LSD do mundo, numa Suíça neutra durante um dia de um dos períodos mais sombrios da Segunda Guerra Mundial. Também foi a única viagem de LSD totalmente livre de expectativa.

Intrigado, Hofmann decidiu alguns dias depois realizar um experimento em si próprio — uma prática não incomum na época.

Agindo com o que acreditava ser extrema precaução, ele ingeriu 0,25 miligrama — um miligrama é um milésimo de grama — de LSD dissolvido num copo de água. Isso seria uma dose minúscula de qualquer outra droga, mas, no caso do LSD, um dos psicoativos mais potentes já descobertos, uma dose ativa é medida em microgramas — isto é, em milésimos de miligrama. Esse fato surpreendente logo inspiraria cientistas a procurar os receptores cerebrais (que acabariam encontrando) e a substância química endógena (a serotonina) que os ativa como uma chave-mestra, como forma de explicar por que um número tão pequeno de moléculas podia ter um efeito tão profundo na mente. A descoberta de Hofmann ajudou dessa e de outras maneiras a fundar a neurociência moderna nos anos 1950.

Agora conhecemos a primeira *bad trip* de ácido da história enquanto Hofmann mergulha no que ele tem certeza de ser um estado irremediável de loucura.⁵ Ele avisa a seu assistente de laboratório que precisa voltar para casa e, como o uso de veículos estava restrito por causa da guerra, consegue de alguma forma pedalar até sua residência e deitar enquanto o assistente chama o médico. (Hoje, entusiastas do LSD celebram o “Dia da Bicicleta” todos os anos no dia 19 de abril.) Hofmann conta que “objetos familiares e móveis pareciam ter assumido formas grotescas e assustadoras. Pareciam estar em movimento contínuo, como se movidos por uma inquietação interior”. Ele experimentou a desintegração do mundo externo e a dissolução do próprio ego. “Um demônio me invadiu, tomou posse de meu corpo, mente e alma. Pulei e gritei, tentando me libertar, até que me joguei no sofá e fiquei largado e imóvel.” Hofmann se convenceu de que iria ficar permanentemente insano ou então morrer. “Meu ego ficou suspenso em algum lugar do espaço e vi meu corpo inerte no sofá.”⁶ No entanto, quando o médico chegou e o examinou, descobriu que todos os sinais vitais — batimentos cardíacos, pressão arterial, respiração — estavam perfeitamente normais. A única indicação de que algo estranho estava acontecendo eram as pupilas, totalmente dilatadas.

Quando o efeito agudo passou, Hofmann sentiu o “brilho” que com frequência se segue a uma experiência psicodélica, o exato oposto de uma ressaca. Quando ele saiu no jardim de casa logo após uma chuva de primavera, “tudo brilhava e resplandecia sob uma nova luz. O mundo parecia ter acabado de nascer”.⁷ Aprendemos desde então que a experiência psicodélica é fortemente influenciada pela expectativa do usuário; nenhuma outra classe de drogas tem efeitos tão sugestionáveis. Como a experiência de Hofmann é a única que sabemos não ter sido contaminada por relatos anteriores, é interessante notar que ela não exhibe os temperos orientais e cristãos que logo se tornariam padrão do gênero. No entanto, o relato dos

objetos comuns que se tornaram animados e do mundo “como se tivesse acabado de nascer” — o mesmo momento de êxtase adâmico que Aldous Huxley descreveria tão vividamente uma década mais tarde em *As portas da percepção* — se tornaria um lugar-comum das experiências psicodélicas.

Hofmann voltou da viagem convencido, em primeiro lugar, de que o LSD o havia encontrado e não o contrário, e, em segundo lugar, de que o LSD um dia teria grande valor medicinal, em especial na psiquiatria, possivelmente ao ofertar aos pesquisadores um modelo de esquizofrenia. Nunca ocorreu a ele que “seu filho problemático”, como ele viria a se referir ao LSD, também se tornaria uma “droga recreativa” e substância de abuso.

No entanto, Hofmann iria considerar a adoção do LSD pela cultura jovem dos anos 1960 como uma resposta compreensível ao vazio do que ele descrevia como uma sociedade materialista, industrializada e espiritualmente pobre, que teria perdido sua conexão com a natureza. Esse mestre da química — talvez a mais materialista das disciplinas — deixou sua experiência com o LSD-25 convencido de que a molécula oferecia para a civilização não apenas uma terapêutica em potencial, mas também um bálsamo para o espírito, ao criar uma “rachadura no edifício da racionalidade materialista”.⁸ (Nas palavras de seu amigo e tradutor Jonathan Ott.)

Como tantos que o seguiram, o brilhante químico se transformou numa espécie de místico, pregando o evangelho da renovação espiritual e da reconexão com a natureza. Ao receber um buquê de rosas naquele dia de 2006, na Basileia, ele afirmou à plateia que “o sentimento de sermos irmãos de criação de todas as coisas vivas deveria entrar na nossa consciência de maneira mais plena e ajudar a contrabalançar o materialismo e o desenvolvimento tecnológico sem sentido, de forma a nos permitir voltar às rosas, às flores, à natureza à qual pertencemos”.⁹ A plateia irrompeu em aplausos.

Uma testemunha cética do evento não estaria totalmente errada se concluísse que o homenzinho no palco era o criador de uma nova religião, e a plateia, seu rebanho. Mas, se essa é uma religião, há uma diferença significativa. Normalmente, apenas o criador da religião e, talvez, alguns poucos dentre os primeiros a aderir podem reivindicar a autoridade atrelada à experiência direta com o sagrado. Para qualquer um que venha depois, resta um mingau comparativamente ralo de histórias, o simbolismo do sacramento e a fé. O tempo atenua o poder original da história, que agora precisa ser mediada por sacerdotes. Mas a promessa extraordinária feita pela Igreja dos Psicodélicos é que qualquer um, em qualquer momento, pode ter acesso à experiência primária da religião através do sacramento, que por acaso é uma molécula psicoativa. A fé se torna supérflua.

Lado a lado com a celebração do sentimento espiritual, no entanto, caminhava, talvez de maneira um tanto incongruente, a ciência. Durante o fim de semana do simpósio de comemoração do aniversário de Hofmann, pesquisadores de diferentes áreas — incluindo neurociência, psiquiatria, farmacologia e estudos da consciência, assim como as artes — exploraram o impacto da invenção de Hofmann na sociedade e na cultura e o seu potencial para expandir nossa compreensão da consciência e a possibilidade de tratamento de vários transtornos mentais incuráveis. Um punhado de projetos de pesquisa que visavam estudar o efeito dos psicodélicos nos seres humanos tinha acabado de receber autorização ou já estava em andamento na Suíça e nos Estados Unidos, e os cientistas no simpósio expressaram sua esperança de que o longo hiato na pesquisa com essas substâncias estivesse no fim. A exuberância irracional parece ser um risco profissional entre aqueles que trabalham nessa área, mas em 2006 havia boas razões para se pensar que o clima poderia estar de fato mudando.

* * *

O SEGUNDO DIVISOR de águas do período aconteceu apenas cinco semanas depois, quando a Suprema Corte americana, numa decisão unânime redigida por seu novo presidente, John G. Roberts Jr., permitiu que a UDV, um pequeno grupo religioso que utiliza como sacramento um chá alucinógeno chamado ayahuasca, importasse a bebida para os Estados Unidos, embora esta contivesse uma substância controlada nível 1, a dimetiltriptamina, ou DMT.¹⁰ A decisão foi baseada na Lei de Liberdade Religiosa de 1993, que ratificou o direito (protegido pela Primeira Emenda, na cláusula de liberdade religiosa) dos nativos americanos de usar o peiote em suas cerimônias, como vinham fazendo há gerações. A lei de 1993 estipula que o governo só pode interferir na prática religiosa de uma pessoa se tiver um “interesse convincente”. No caso da UDV, o governo Bush defendeu que apenas americanos nativos, por conta de seu “relacionamento único” com o Estado, tinham o direito de utilizar substâncias psicodélicas como parte do culto, e que mesmo no caso deles esse direito poderia ser limitado pelo Estado.

A Corte rejeitou enfaticamente o argumento do governo, afirmando que a lei de 1993 estipula que, a menos que haja um interesse convincente por parte do Estado, o governo federal não pode proibir um grupo religioso reconhecido de usar substâncias psicodélicas em seus rituais. E isso inclui, é claro, grupos novos e pequenos organizados especificamente em torno do sacramento psicodélico, ou “planta medicinal”, como os usuários da ayahuasca denominam o seu

chá. A UDV é uma seita religiosa espírita e cristã fundada em 1961 no Brasil por José Gabriel da Costa, um seringueiro que decidiu criar a igreja após receber a ayahuasca de um xamã amazônico dois anos antes. A igreja diz ter 17 mil membros em seis países, mas na época da decisão contava com apenas 130 adeptos entre os americanos. (As iniciais UDV significam União do Vegetal, pois a ayahuasca é feita através da infusão de duas plantas da Amazônia, o cipó-mariri e chacrona — *Banisteriopsis caapi* e a *Psychotria viridis*, respectivamente.)

A decisão da Suprema Corte americana inspirou uma espécie de despertar em torno da ayahuasca nos Estados Unidos. Hoje, há 525 americanos membros da igreja e comunidades em nove locais. Para atendê-los, a UDV começou a cultivar as plantas necessárias para fazer o chá no Havaí e a enviá-las para o continente sem interferência. Mas o número de americanos que participam das cerimônias da ayahuasca fora da UDV também cresceu desde então, e todas as noites há provavelmente dezenas, se não centenas, de cerimônias realizadas no país (com maior frequência na região da baía de São Francisco e no Brooklyn). Processos federais por posse e importação da ayahuasca parecem ter parado, pelo menos por enquanto.

Com a decisão de 2006, a Suprema Corte parece ter aberto um caminho religioso — estreito, talvez, mas bem embasado na Carta de Direitos — para o reconhecimento legal dos compostos psicodélicos, pelo menos quando usados como sacramento em uma comunidade religiosa. Resta saber em que medida esse caminho será bom ou amplo, mas fico imaginando o que o governo e a Suprema Corte vão fazer quando um José Gabriel da Costa americano surgir e tentar transformar suas próprias revelações psicodélicas numa nova religião com o objetivo de usar um químico psicoativo como sacramento. A jurisprudência sobre a “liberdade cognitiva”, como é chamada por alguns na comunidade psicodélica, é escassa e limitada (à religião), mas agora foi ratificada, abrindo uma pequena rachadura no edifício da guerra contra as drogas.

* * *

DOS TRÊS EVENTOS de 2006 que ajudaram a trazer as substâncias psicodélicas de volta após uma ausência de décadas, o que teve maior impacto, de longe, foi a publicação do artigo na *Psychopharmacology* descrito no prólogo — aquele que Bob Jesse me mandou por e-mail e na época eu nem me dei o trabalho de abrir. Esse acontecimento também tem uma aura espiritual bastante distinta, embora o experimento descrito no artigo tenha sido trabalho de um rigoroso e respeitado cientista: Roland Griffiths. Acontece que o que inspirou Griffiths, um improvável pesquisador de compostos psicodélicos, a

pesquisar o poder da psilocibina de provocar uma experiência “de tipo místico” foi uma experiência mística que ele próprio viveu.

O artigo pioneiro de Griffiths, “Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences Having Substantial and Sustained Personal Meaning and Spiritual Significance”, foi, em mais de quatro décadas — se não em todos os tempos —, o primeiro estudo clínico duplo-cego concebido de maneira rigorosa, com grupo de controle e uso de placebo a examinar os efeitos psicológicos dos compostos psicodélicos. O texto recebeu considerável cobertura de imprensa, a maioria tão entusiasmada que por um momento pareceu que o pânico moral em torno das substâncias psicodélicas, iniciado nos anos 1960, tinha chegado ao fim. Sem dúvida o tom positivo da cobertura se deveu ao fato de que, a pedido de Griffiths, a publicação convidou vários dos mais conhecidos pesquisadores de drogas no mundo — alguns deles soldados condecorados na guerra contra as drogas — para comentar o estudo, o que deu aos jornalistas uma variedade de pontos de vista ideológicos a cobrir.

Todos os comentaristas trataram a publicação como um evento de grande relevância. Herbert D. Kleber, que trabalhou como vice de William Bennett, o czar das drogas de George H.W. Bush, e depois foi diretor do Departamento de Abuso de Narcóticos da Universidade Columbia, elogiou o artigo por sua metodologia rigorosa e admitiu que pode haver “grandes possibilidades terapêuticas” na pesquisa de compostos psicodélicos, “que merece apoio dos Institutos Nacionais de Saúde”.¹¹ Charles “Bob” Schuster, que foi diretor do Instituto Nacional de Abuso de Drogas (NIDA) em dois governos do Partido Republicano, destacou que o termo “psicodélico” implica uma experiência de expansão da mente e que “espera que esse artigo pioneiro seja também pioneiro na expansão do campo de estudo”.¹² E sugeriu que essa classe “fascinante” de drogas e a experiência espiritual que elas produzem podem se mostrar úteis no tratamento do vício.

O artigo de Griffiths e sua recepção serviram para reforçar a diferença entre os chamados compostos psicodélicos clássicos — psilocibina, LSD, DMT e mescalina — e as drogas de abuso mais comuns, com sua já demonstrada toxicidade e potencial de dependência. O *establishment* da pesquisa com drogas nos Estados Unidos indicara nas páginas de uma de suas mais importantes publicações que essas substâncias mereciam ser tratadas de forma bastante diferente e demonstrara, nas palavras de um comentarista, “que, quando usados de forma apropriada, esses compostos podem produzir efeitos notáveis e possivelmente benéficos que certamente merecem ser mais estudados”.¹³

A história de como esse artigo veio a existir lança uma luz interessante sobre o intenso relacionamento entre a ciência e aquele

outro domínio da investigação humana de que a ciência historicamente desdenhou e com o qual não costuma querer se envolver: a espiritualidade. Isso porque, ao planejar o primeiro estudo moderno da psilocibina, Griffiths decidiu se concentrar não no potencial uso terapêutico da droga — o caminho tomado por outros pesquisadores que esperavam reabilitar outras drogas banidas, como o MDMA —, mas nos efeitos espirituais da experiência nos chamados normais saudáveis. O que há de bom *nisso*?

Em um editorial que acompanhou o artigo de Griffiths, a psiquiatra da Universidade de Chicago e especialista em abuso de drogas Harriet de Wit tentou abordar essa tensão apontando que a busca por experiências que “nos libertem dos limites da percepção e do pensamento cotidianos em busca de verdades universais e iluminação” é um elemento permanente da nossa humanidade que “recebe pouca credibilidade no mundo científico”.¹⁴ Chegou o momento, sugeria ela, de a ciência “reconhecer essas extraordinárias experiências subjetivas — mesmo que às vezes isso envolva reivindicações sobre realidades fora do alcance da vista da ciência”.

* * *

ROLAND GRIFFITHS TALVEZ seja o último cientista que poderíamos imaginar se envolvendo com compostos psicodélicos, o que certamente ajuda a explicar seu sucesso em devolver respeitabilidade à pesquisa com essas substâncias. Com 1,82 metro de altura e esguio, o septuagenário Griffiths anda ereto, e a única coisa indisciplinada nele é uma cabeleira branca densa e revolta. Pelo menos enquanto você não começa a conversar com ele sobre as grandes questões da vida, que parecem fazê-lo despertar, ele parece o modelo do homem certinho: sóbrio, sério e metódico.

Nascido em 1944, Griffiths cresceu em El Cerrito, Califórnia, na região da baía de São Francisco, se graduou na Occidental College (com habilitação em psicologia) e seguiu para a Universidade de Minnesota para estudar psicofarmacologia. Em Minnesota, no fim dos anos 1960, tornou-se discípulo de B.F. Skinner, o behaviorista radical que ajudou a mudar o foco da psicologia do estudo dos estados internos e experiências subjetivas para o estudo do comportamento externo e de como ele é condicionado. O behaviorismo tem pouco interesse em mergulhar nas profundezas da psique humana, mas a abordagem se mostrou muito útil no estudo de comportamentos como o uso de drogas e a dependência química, que se tornou a especialidade de Griffiths. Os compostos psicodélicos não fizeram parte de sua educação formal ou informal. Na época em que Griffiths entrou na graduação, a conhecida pesquisa de Timothy Leary com

essas substâncias em Harvard já havia terminado após um escândalo, e “estava claro para meus mentores que esses eram compostos sem nenhum futuro”.

Em 1972, assim que deixou a universidade, Griffiths foi contratado pela Johns Hopkins, onde trabalhou desde então, deixando uma marca como pesquisador no estudo dos mecanismos de dependência de várias drogas legais e ilegais, entre elas opiáceos, os chamados sedativos hipnóticos (como o Valium), nicotina, álcool e cafeína. Financiado pelo Instituto Nacional de Abuso de Drogas, Griffiths ajudou a dar início a diversas experiências nas quais animais, em geral babuínos ou ratos, são colocados diante de uma alavanca que lhes permite receber diversas drogas na veia, uma ferramenta poderosa para os pesquisadores estudarem o comportamento de reforço, dependência, preferências (*almoço ou mais cocaína?*) e abstinência. Os 55 artigos que ele publicou explorando as propriedades viciantes da cafeína mudaram para sempre o campo, ajudando-nos a ver o café menos como comida e mais como droga e fazendo a síndrome da “abstinência de café” ser incluída na versão mais recente do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, ou DSM 5. Na época em que completou 50 anos, em 1994, Griffiths estava na sua melhor forma e no topo da carreira.

Mas naquele ano sua carreira tomou um rumo inesperado graças a duas apresentações fortuitas e felizes. A primeira aconteceu quando uma amiga o apresentou a Siddha Yoga. Apesar de sua formação nos estudos comportamentais, Griffiths sempre teve interesse pelo que os filósofos chamam de fenomenologia — a experiência subjetiva da consciência. Ele tentara praticar meditação quando estava na graduação, mas descobriu que “não conseguia ficar sentado e parado sem enlouquecer. Três minutos pareciam três horas”. Porém, quando tentou de novo, em 1994, “algo se abriu para mim”. Ele começou a meditar regularmente, ia a retiros e passou por uma série de tradições espirituais orientais. Então, viu-se cada vez mais “envolvido nesse mistério”.

Em algum momento, Griffiths teve o que modestamente descreve como “um tipo curioso de despertar” — uma experiência mística. Fiquei surpreso quando Griffiths mencionou isso durante nosso primeiro encontro em seu escritório, então não consegui acompanhar muito bem, mas, mesmo depois de conhecê-lo melhor, ele permaneceu relutante em detalhar o que havia acontecido. Não tendo jamais passado por algo semelhante, tive dificuldade em entender o que ele queria dizer. Tudo que ele me disse foi que a experiência, que aconteceu durante sua prática de meditação, levou-o a conhecer “algo tão, tão distante da visão materialista de mundo que nem posso discutir isso com meus colegas, porque envolve metáforas e suposições

que, como cientista, me deixam desconfortável”.

Com o tempo, o que ele estava aprendendo sobre “o mistério da consciência e da existência” por meio da meditação se tornou mais atraente do que a ciência. Ele passou a se sentir isolado: “Ninguém próximo a mim tinha qualquer interesse em se fazer essas perguntas, que recaíam na categoria geral das coisas espirituais, e eu simplesmente não entendia as pessoas religiosas. Eis-me aqui, um professor titular, publicando sem parar, correndo para reuniões importantes e achando que eu era uma fraude.”

Ele começou a perder o interesse no trabalho de pesquisa que tinha dado forma a toda a sua vida adulta.

Eu poderia estudar um novo sedativo hipnótico, aprender algo novo sobre os receptores do cérebro, estar em outro comitê da FDA [Food and Drug Administration], ir a mais uma conferência, mas e daí? Eu estava mais curioso, em termos emocionais e intelectuais, quanto aos lugares a que esse novo caminho poderia levar. Minha pesquisa com drogas começou a parecer vazia. Eu estava trabalhando apenas mecanicamente, muito mais interessado em ir para casa no fim do dia para meditar.

A única forma que ele encontrou para se motivar a continuar escrevendo pedidos de subsídios era pensar nisso como um “projeto de serviço” para seus alunos da pós-graduação e pós-doutorado.

No caso da pesquisa com a cafeína, Griffiths conseguira usar a curiosidade sobre uma dimensão de sua própria experiência — por que ele se sentia compelido a tomar café todo dia? — e transformá-la numa linha de questionamento científico produtiva. Mas ele não conseguia ver nenhuma forma de fazer o mesmo em relação à curiosidade cada vez mais intensa sobre as dimensões da consciência despertada nele pela meditação. “Nunca tinha me ocorrido que existisse uma forma de estudar isso cientificamente.” Entediado e frustrado, Griffiths passou a pensar em desistir da ciência e ir para um ashram na Índia.

Foi nessa época que Bob Schuster, um velho amigo e colega recém-contratado como diretor do Instituto Nacional de Abuso de Drogas, ligou para Griffiths sugerindo que ele conversasse com um jovem que conhecera em Esalen chamado Bob Jesse. Jesse havia organizado uma pequena reunião de pesquisadores, terapeutas e estudiosos da religião no lendário centro de retiro de Big Sur para discutir o potencial espiritual e terapêutico das substâncias psicodélicas e pensar em meios de reabilitá-las. Jesse não era nem profissional da área médica nem cientista; era um engenheiro da computação, vice-presidente de desenvolvimento de negócios da Oracle, que tomara como missão pessoal reviver a ciência dos compostos psicodélicos — não como uma ferramenta da medicina, mas sim do desenvolvimento espiritual.

Griffiths havia contado a Schuster um pouco sobre a sua prática

espiritual e confessara sentir um crescente descontentamento com a pesquisa tradicional com drogas.

“Você devia falar com esse cara”, disse Schuster. “Ele tem ideias interessantes sobre o trabalho com enteógenos”, completou. “Pode ser que vocês tenham alguma coisa em comum.”

* * *

QUANDO A HISTÓRIA da segunda onda de pesquisas com compostos psicodélicos for escrita, Bob Jesse será visto como um dos dois *outsiders* da ciência nos Estados Unidos — verdadeiros amadores e excêntricos brilhantes — que trabalharam incansavelmente, muitas vezes nos bastidores, para fazer com que esse renascimento decolasse. Ambos encontraram sua vocação no despertar de experiências psicodélicas transformadoras que os convenceram de que essas substâncias tinham o potencial de curar não apenas indivíduos, mas a humanidade como um todo, e de que o melhor caminho para a reabilitação eram pesquisas científicas sérias. Em muitos casos, esses pesquisadores inexperientes sonharam com os experimentos primeiro e então encontraram (e patrocinaram) o cientista necessário para conduzi-los. Muitas vezes você vai encontrar o nome deles nos artigos, em geral em último lugar.

Dos dois, Rick Doblin é o mais antigo e de longe o mais conhecido. Doblin fundou a Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos (Amep) nos sombrios dias de 1986 — um ano após o MDMA ter se tornado ilegal e numa época em que a maioria das mentes mais sábias estava convencida de que recomeçar a pesquisa com substâncias psicodélicas era uma causa mais do que perdida.

Doblin, nascido em 1953, é como um grande cão peludo que não larga o osso; ele fez lobby no governo para mudar a postura a respeito dos compostos psicodélicos desde que concluiu a pós-graduação na New College, na Flórida, em 1987. Depois de experimentar o LSD como estudante da graduação, e mais tarde o MDMA, Doblin decidiu que sua missão de vida era se tornar terapeuta psicodélico. Mas, após o banimento do MDMA em 1985, esse sonho deixou de ser viável sem uma mudança nas leis federais e regulamentos, e assim ele decidiu que primeiro era melhor obter o doutorado em políticas públicas da Kennedy School, em Harvard. Lá, ele se especializou no complexo processo de aprovação de drogas pela FDA e sua tese detalhou o tortuoso caminho para a autorização oficial que agora a psilocibina e o MDMA estão seguindo.

Doblin é de uma sinceridade irresistível, talvez incontrolável, e é com alegria que fala abertamente a um repórter sobre suas experiências formativas com compostos psicodélicos, assim como

sobre suas estratégias políticas e táticas. Como Timothy Leary, ele é o mais feliz dos guerreiros, sempre sorrindo e exibindo um entusiasmo pelo trabalho que não se espera encontrar em um homem que vem enfrentando os mesmos obstáculos por toda a sua vida adulta. Doblin trabalha em um escritório quase dickensiano no sótão de sua antiga e malcuidada casa colonial em Belmont, Massachusetts, numa mesa repleta de perigosas pilhas de manuscritos, reportagens de jornal, fotografias e souvenirs que chegam até o teto e estão lá há mais de quarenta anos. Alguns souvenirs celebram a época em que, no início da carreira, Doblin decidiu que a melhor maneira de acabar com conflitos sectários era enviar comprimidos de MDMA pelos correios para líderes espirituais do mundo todo, sendo a droga reconhecida por sua capacidade de romper barreiras entre pessoas e promover a empatia. Por volta da mesma época, ele conseguiu organizar o envio de mil doses para membros do exército soviético responsáveis pelas negociações de controle de armas com o presidente Reagan.

Para Doblin, obter a aprovação da FDA para o uso medicinal dos compostos psicodélicos — o que ele acredita estar próximo de acontecer tanto para a psilocibina quanto para o MDMA — é um meio para um fim ambicioso e bastante controverso: a incorporação dos psicodélicos na sociedade e na cultura americanas, não só na medicina. Essa, claro, é a mesma estratégia vitoriosa utilizada pela campanha a favor da descriminalização da maconha, na qual a promoção do uso medicinal acabou mudando a imagem da droga, levando a uma maior aceitação pública.

Não é surpresa que esse tipo de conversa incomode as mentes mais cautelosas na comunidade (entre elas Bob Jesse), mas Rick Doblin não é o tipo de pessoa capaz de tirar o pé do acelerador quando se trata de promover sua agenda nem de sequer *pensar* em conceder uma entrevista em *off*. Isso faz com que ele receba muita cobertura na imprensa, mas o quanto isso ajuda a causa é discutível. De todo modo, não há dúvida de que, sobretudo nos últimos anos, ele conseguiu fazer com que pesquisas importantes fossem aprovadas e financiadas, especialmente no caso do MDMA, que sempre foi o principal foco da Amep. A Amep patrocinou inúmeros testes clínicos de pequena escala que demonstraram o valor da substância no tratamento do transtorno de estresse pós-traumático, ou TEPT. (Doblin é generoso ao definir os compostos psicodélicos, incluindo na categoria o MDMA e até mesmo a maconha, embora seus mecanismos de ação no cérebro sejam bastante diferentes dos registrados nos compostos psicodélicos clássicos.) Mas, além de ajudar quem sofre com TEPT e outros problemas — a Amep também patrocina um estudo clínico na Universidade da Califórnia que envolve o tratamento de adultos autistas com MDMA —, Doblin acredita fervorosamente no poder dos compostos psicodélicos de

melhorar a humanidade revelando uma dimensão espiritual da consciência que todos compartilhamos, independentemente de nossas crenças religiosas, ou da falta delas. “O misticismo”, ele gosta de dizer, “é o antídoto do fundamentalismo”.

* * *

COMPARADO A RICK Doblin, Bob Jesse é um monge. Não há nele nada descuidado ou fora do lugar. Tenso, tímido com a imprensa e propenso a escolher com pinças as palavras que usa, Jesse, que está hoje nos seus 50 anos, prefere fazer seu trabalho longe dos olhos do público, de preferência na cabana de um só cômodo onde vive sozinho nas acidentadas colinas ao norte de São Francisco, isolado da sociedade exceto pela conexão rápida com a internet.

“Bob Jesse é como um titereiro”, contou Katherine MacLean, uma psicóloga que trabalhou no laboratório de Roland Griffiths de 2009 a 2013. “Ele é o visionário que trabalha nos bastidores.”

Seguindo as instruções meticulosas de Jesse, dirigi rumo ao norte da baía de São Francisco e acabei chegando ao fim de uma estreita estrada de terra num lugar cujo nome ele me pediu para não mencionar. Estacionei no fim da trilha e segui a pé, cruzando as placas de “Não ultrapasse” por um caminho colina acima que me levou a um acampamento pitoresco no topo da montanha. Tive a sensação de estar indo visitar um mago. A pequena e organizada cabana é apertada para duas pessoas, por isso Jesse colocou alguns sofás, cadeiras e mesas confortáveis entre os pinheiros e pedregulhos. Também construiu uma cozinha externa e, numa planície de pedra de frente para uma vista espetacular das montanhas, um chuveiro externo, o que dá a impressão de estarmos vendo uma casa virada do avesso.

Passamos a maior parte daquele dia, num início de primavera, na sala de estar externa, tomando chá de ervas e discutindo suas estratégias bem mais discretas para devolver a respeitabilidade às substâncias psicodélicas — um plano no qual Roland Griffiths desempenha um importante papel. “Sou um pouco tímido diante das câmeras”, começou ele, “então, por favor, sem fotos nem gravações de qualquer tipo”.

Jesse é um homem baixo e atarracado com cabeça meio quadrada, cabelos grisalhos curtos e óculos retangulares sem aro estilizados de um modo discreto. Sorri em raras ocasiões e tem uma espécie de rigidez que me faz lembrar os engenheiros, embora às vezes surpreenda com um lampejo de emoção logo seguido por uma explicação: “Você deve ter notado que pensar nesse assunto fez meus olhos lacrimejarem. Deixe-me explicar por quê...” Ele não apenas escolhe as próprias

palavras com muito cuidado, mas insiste que você também o faça. Assim, por exemplo, quando descuidadamente empreguei o termo “uso recreativo”, ele me interrompeu no meio da frase. “Talvez você deva reexaminar essa expressão. Ela costuma ser usada para trivializar a experiência. Mas por quê? No sentido literal, a palavra ‘recreação’ implica algo definitivamente não trivial. Há muito mais a ser dito, mas vamos separar esse tópico e voltar a ele mais tarde. Por favor, continue.” Minhas anotações mostram que Jesse mudou de registro durante a nossa conversa uma dezena de vezes, de vez em quando falando oficialmente, em outras pedindo que eu não citasse o que ele dizia.

Jesse cresceu na região de Baltimore e frequentou a Johns Hopkins, onde estudou ciência da computação e engenharia elétrica. Ele trabalhou para a Bell Labs por muito tempo quando estava na casa dos 20 anos, indo diariamente de Baltimore para Nova Jersey. Durante esse período, saiu do armário e convenceu a companhia a reconhecer o primeiro grupo de funcionários gays e lésbicas. (Na época, a AT&T, que é a empresa matriz, empregava 300 mil pessoas.) Depois, ele convenceu a direção da AT&T a fazer uma bandeira de arco-íris sobrevoar a sede da organização durante a Semana do Orgulho Gay e a mandar uma delegação para a Parada Gay. Essas conquistas serviram de educação política para Bob Jesse e o conscientizaram do valor de trabalhar nos bastidores sem fazer alarde e sem reivindicar crédito.

Jesse foi trabalhar na Oracle e se mudou para a baía de São Francisco em 1990, tornando-se o funcionário número 8.766 — não um dos primeiros, mas cedo o bastante para adquirir uma quantia significativa de ações da empresa. Não demorou muito para que a Oracle mandasse seu próprio grupo para a Parada do Orgulho Gay de São Francisco, e, depois de uma suave pressão de Jesse junto à direção da empresa, a Oracle se tornou uma das primeiras companhias da Fortune 500 a oferecer benefícios para parceiros de mesmo sexo de seus funcionários.

A curiosidade de Jesse a respeito dos compostos psicodélicos foi despertada pela primeira vez durante uma aula sobre drogas ainda no ensino médio. Na aula, ele foi (corretamente) informado de que essa classe de drogas em particular não é nem física nem psicologicamente viciante; o professor prosseguiu descrevendo o efeito das drogas, inclusive as mudanças na consciência e percepção visual que Jesse achou intrigantes. “Eu podia perceber que havia mais coisas que eles não estavam nos contando”, lembra ele. “Então, fiz uma anotação mental.” Mas só muito mais tarde se sentiria pronto para verificar por conta própria o que os compostos psicodélicos causavam. Por quê? Ele respondeu na terceira pessoa: “Um jovem que não contou aos outros

que é gay talvez tivesse medo do que poderia acontecer caso baixasse a guarda.”

Ainda na casa dos 20 anos, quando trabalhava na Bell Labs, Jesse passou a andar com um grupo de amigos em Baltimore que decidiu, de maneira bastante deliberada, experimentar substâncias psicodélicas. Um deles sempre ficava “com os pés no chão” para o caso de alguém precisar de ajuda ou tocarem a campainha, e as doses aumentavam gradualmente. Foi durante uma dessas tardes de experimentação aos sábados, em um apartamento em Baltimore, que Jesse, com 25 anos e tendo tomado uma alta dose de LSD, teve uma poderosa experiência “não dual” que teria um efeito transformador. Pedi que ele a descrevesse, e, depois de enrolar um pouco — “Espero que você consiga entender os pontos mais delicados” —, ele cautelosamente começou a me contar a história.

Eu estava deitado de costas embaixo de uma figueira. Sabia que ia ser uma experiência forte. E chegou o momento em que o pouco que eu ainda era começou a desaparecer. Perdi completamente a noção de estar no chão de um apartamento em Baltimore. Não sabia dizer se meus olhos estavam abertos ou fechados. O que se abriu à minha frente foi, por falta de uma palavra melhor, um espaço, mas não no sentido normal de espaço, mas a pura percepção de uma região sem forma e sem conteúdo. E nessa região surgiu uma entidade celestial, que era a aparição do mundo físico. Foi como o big bang, mas sem a explosão ou a luz intensa. Foi o nascimento de um universo físico. De certa forma, foi dramático — talvez a coisa mais importante que já aconteceu na história do mundo —, mas aquilo simplesmente aconteceu.

Perguntei onde ele estava durante tudo isso.

“Eu era um observador difuso. Era uma extensão dessa aparição.” Tive que interromper para informá-lo de que estava perdido. Seguiu-se uma longa pausa. “Estou hesitante porque as palavras parecem não se encaixar bem, parecem muito restritivas.” A inexplicabilidade é uma das marcas registradas da experiência mística. “A consciência transcende qualquer modalidade sensorial”, explica ele, sem conseguir esclarecer. Foi assustador? “Não houve terror, apenas fascínio e espanto.” Mais uma pausa. “Hum, talvez um pouco de medo.”

Desse ponto em diante, Jesse assistiu (ou como quer que você queira chamar) ao nascimento de... tudo, numa sequência épica que começava com o surgimento da poeira cósmica, passando pela criação das estrelas e dos sistemas solares, seguindo pelo surgimento da vida e chegando ao que “chamamos de humanos”, e depois à aquisição da linguagem e ao desdobramento da consciência, “e tudo mais, até chegar a si mesmo, ali naquela sala, cercado por meus amigos. Eu havia feito todo o caminho até voltar exatamente para onde estava. Quanto tempo cronológico havia se passado? Não tenho a menor ideia.”

Ele prosseguiu:

O que mais me chamou a atenção foi o tipo de consciência que experimentei, algo completamente distinto do que vim a considerar como Bob. Como essa percepção estendida se encaixa no âmbito das coisas? Na medida em que considero a experiência real — e não estou totalmente convencido disso —, isso me diz que a consciência tem um primado em relação ao universo físico. De fato, ela o precede.

E ele passou a acreditar que a consciência existe fora do cérebro? Bob não tem certeza. “Mas abandonar a plena convicção de que o contrário é verdade” — de que a consciência é o produto da nossa massa cinzenta — “e abraçar a incerteza é uma mudança imensa”. Perguntei se ele concordava com algo que, segundo li, o Dalai Lama teria dito: que a ideia de que o cérebro cria a consciência — uma ideia aceita sem questionamentos pelos cientistas — “é uma suposição metafísica, não um fato científico”.

“Bingo!”, disse Jesse. “E, para alguém com a minha orientação” — agnóstico, apaixonado por ciência —, “isso muda tudo.”

* * *

EIS O QUE eu não entendo em experiências como a de Bob Jesse: por que alguém acreditaria naquilo? Eu não entendia por que as pessoas simplesmente não classificavam a experiência como “um sonho interessante” ou “uma fantasia induzida por drogas”. Mas, além do sentimento de inexplicabilidade, a convicção de que uma verdade objetiva e profunda lhe foi revelada é outra marca registrada da experiência mística, quer tenha sido causada por drogas, meditação, jejum, tortura ou privação sensorial. William James deu um nome para essa convicção: natureza noética.¹⁵ As pessoas sentem que tiveram acesso a um segredo profundo do universo e não conseguem abrir mão dessa convicção. Como escreveu James, “sonhos não passam no mesmo teste”.¹⁶ É sem dúvida por essa razão que algumas pessoas que passam por experiências do tipo acabam se tornando religiosas, mudam o curso da história ou, na maior parte das vezes, suas próprias vidas. “Sem dúvida” é a chave.

Posso pensar em algumas explicações para esse fenômeno, nenhuma totalmente satisfatória. A mais simples e, no entanto, mais difícil de aceitar é que a experiência é simplesmente verdadeira: um estado alterado de consciência abriu a pessoa para uma verdade inacessível que o restante de nós, presos na nossa consciência rotineira e ordinária, não consegue ver. A ciência, porém, tem um problema com essa explicação, pois, qualquer que seja a percepção, não há como verificá-la da forma tradicional. Trata-se de um relato informal, na prática, e dessa forma não tem valor científico algum. A ciência tem pouco interesse em relatos individuais, chegando inclusive a ter pouca tolerância com eles; e nisso, curiosamente, é bastante

semelhante a religiões organizadas, que também têm problemas em aceitar revelações feitas diretamente a indivíduos. Mas é importante destacar que há situações nas quais a ciência não tem escolha a não ser depender de relatos individuais — como no estudo da consciência subjetiva, que é inacessível a nossas ferramentas científicas e só pode ser descrita pela pessoa que a experimenta. Aqui a fenomenologia é o dado mais importante. No entanto, esse não é o caso quando estamos analisando verdades sobre o mundo *fora* das nossas cabeças.

O problema de se acreditar em experiências místicas é precisamente o fato de elas com frequência apagarem a distinção entre interno e externo, de maneira que a “consciência difusa” de Bob Jesse parecia ser dele, mas, ao mesmo tempo, existir fora dele. Isso aponta para a segunda possível explicação para a natureza noética: quando a nossa percepção de um “eu” subjetivo se desintegra, como quase sempre acontece em experiências de altas doses de substâncias psicodélicas (assim como na meditação quando o praticante é experiente), torna-se impossível distinguir a verdade objetiva da subjetiva. O que sobra para duvidar se não o próprio eu?

* * *

NOS ANOS SEGUINTE à sua primeira viagem psicodélica poderosa, Bob Jesse teve uma série de outras experiências que mudaram o rumo de sua vida. Vivendo em São Francisco no início dos anos 1990, ele se envolveu na cena rave e descobriu que a “efervescência coletiva” das melhores festas, com ou sem substâncias psicodélicas, também era capaz de dissolver a “dualidade sujeito-objeto” e abrir novos horizontes espirituais. Ele começou a explorar várias tradições espirituais, do budismo ao quakerismo, passando pela meditação, e descobriu suas prioridades de vida gradualmente alteradas. “Comecei a perceber que gastar tempo nessa área poderia ser muito mais importante e recompensador do que aquilo que eu vinha fazendo como engenheiro da computação.”

Durante um ano sabático da Oracle (ele deixaria a empresa em 1995), Jesse criou uma entidade sem fins lucrativos chamada Conselho de Práticas Espirituais, com o objetivo de “tornar a experiência direta com o sagrado disponível para mais gente”. O site oficial da organização (csp.org) minimiza o interesse em promover enteógenos — o termo de Bob Jesse para os compostos psicodélicos —, mas descreve sua missão em termos sugestivos: “Identificar e desenvolver abordagens para experiências religiosas primárias que possam ser usadas com segurança e eficácia.” Além disso, oferece uma excelente bibliografia da pesquisa com compostos psicodélicos e atualizações frequentes sobre o trabalho realizado na Johns Hopkins.

O Conselho de Práticas Espirituais também viria a ter um papel de apoio no processo da UDV que resultou na decisão de 2006 da Suprema Corte.

O Conselho de Práticas Espirituais surgiu da sistemática investigação que Jesse fez da literatura psicodélica e da comunidade psicodélica da baía de São Francisco. Com seu jeito altamente deliberado, levemente obsessivo e escrupulosamente elegante, Jesse contactou os vários “anciões psicodélicos” da região — o brilhante grupo de personalidades que estiveram profundamente envolvidas na pesquisa e terapia com substâncias psicodélicas antes que a maioria das drogas fosse banida em 1970, com a aprovação da Lei de Substâncias Controladas e a classificação do LSD e da psilocibina como substâncias proibidas nível 1, com alto potencial de abuso e sem uso medicinal reconhecido. Lá estava James Fadiman, psicólogo formado em Stanford que fez pesquisas pioneiras com compostos psicodélicos e resolução de problemas na Fundação Internacional de Estudos Avançados de Menlo Park até a FDA interromper o trabalho do grupo em 1966. (No início dos anos 1960, havia muitas pesquisas com essas substâncias tanto em Stanford quanto em Harvard. A diferença é que não havia em Stanford um personagem do calibre de Timothy Leary divulgando o trabalho.) Lá estava um colega de Fadiman no instituto, Myron Stolaroff, um engenheiro elétrico de destaque no Vale do Silício que trabalhou como executivo sênior na Ampex, fabricante de equipamentos de gravação magnética, até que uma viagem de LSD o inspirou a desistir da engenharia (assim como Bob Jesse) e seguir carreira na pesquisa com compostos psicodélicos e como terapeuta. Jesse também conseguiu entrar para o círculo de amigos de Sasha e Ann Shulgin, duas figuras lendárias da região que organizavam jantares semanais para uma comunidade de terapeutas, cientistas e outros interessados em substâncias psicodélicas. (Sasha Shulgin, que morreu em 2014, foi um químico brilhante que obteve uma licença da Drug Enforcement Administration — ou DEA, o órgão responsável pela repressão aos narcóticos nos Estados Unidos — para sintetizar novos compostos psicodélicos, o que fez em prodigiosa quantidade. Ele foi também a primeira pessoa a sintetizar o MDMA desde que a substância foi patenteada pela Merck em 1912 e esquecida. Reconhecendo as propriedades psicoativas do composto, ele introduziu o chamado empatógeno na comunidade de psicoterapia da área da baía de São Francisco. Somente mais tarde o MDMA iria se tornar a droga usada em boates conhecida como ecstasy.) Jesse também se tornou amigo de Huston Smith, um estudioso da religião comparada cuja mente se abriu para o potencial espiritual dos compostos psicodélicos quando, como palestrante no MIT em 1962, ele participou como voluntário do Experimento da Sexta-feira Santa, do qual saiu convencido de que

uma experiência mística provocada pela droga em nada diferia das que eram originadas de outras maneiras.

Por meio desses “anciões” e de suas próprias leituras, Jesse começou a desenterrar o rico acervo de pesquisas da primeira onda de estudos com substâncias psicodélicas, em grande parte perdido para a ciência. Assim, descobriu que mais de mil artigos científicos sobre terapia com psicodélicos haviam sido publicados antes de 1965, e que essas pesquisas envolveram mais de 40 mil voluntários.¹⁷ Desde a década de 1950 até o início dos anos 1970, os compostos psicodélicos tinham sido usados para tratar uma grande variedade de condições — incluindo alcoolismo, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo e ansiedade no fim da vida —, muitas vezes com resultados impressionantes. Mas poucos desses estudos tinham metodologia adequada aos padrões modernos, e alguns estavam comprometidos pelo entusiasmo dos pesquisadores.

Bob Jesse tinha um interesse ainda mais aguçado pelas primeiras pesquisas que se propuseram a explorar o potencial dos compostos psicodélicos para contribuir com o que ele chama, numa frase de efeito, “o melhoramento das pessoas saudáveis”. Estudos relacionados à criatividade artística e científica e espiritualidade haviam sido realizados com indivíduos “normais saudáveis”. O mais famoso foi o da Sexta-feira Santa, ou Experimento da Capela Marsh, conduzido em 1962 por Walter Pahnke, um psiquiatra e pastor que estava escrevendo uma tese de doutorado em Harvard sob orientação de Timothy Leary.¹⁸ Nesse estudo duplo-cego, vinte estudantes de teologia receberam uma cápsula de pó branco durante a missa da Sexta-feira Santa na Capela Marsh, no campus da Universidade de Boston, dez delas contendo psilocibina e as outras dez um “placebo ativo” — no caso, a niacina, que cria uma sensação de formigamento. Oito dos dez estudantes que receberam a psilocibina relataram uma experiência mística poderosa, enquanto apenas um do grupo de controle relatou o mesmo. (Diferenciar os dois grupos não era difícil, o que tornou o fator duplo-cego do estudo de certa forma inócuo: aqueles que tomaram o placebo ficaram sentados parados nos seus lugares enquanto os demais deitaram ou andaram pela capela, murmurando coisas como “Deus está em toda parte” e “Oh, a Glória!”.) Pahnke concluiu que as experiências dos nove que receberam a psilocibina eram “indistinguíveis, se não idênticas”, às experiências místicas clássicas registradas na literatura. Huston Smith concordou. “Até o experimento da Sexta-feira Santa”, afirmou ele numa entrevista em 1996, “eu não tinha tido um encontro pessoal com Deus”.¹⁹

Em 1986, Rick Doblin conduziu uma continuação do estudo da Sexta-feira Santa, na qual localizou e entrevistou todos os estudantes

que haviam recebido uma dose de psilocibina na Capela Marsh, à exceção de um deles.²⁰ A maioria relatou que a experiência reformulara suas vidas e carreiras de forma profunda e definitiva. No entanto, Dublin encontrou falhas graves no relatório publicado por Pahnke: este deixou de mencionar que vários dos voluntários sofreram com ansiedade aguda durante a experiência. Um teve que ser controlado e recebeu uma injeção de Torazina, ou clorpromazina, um poderoso antipsicótico, depois que fugiu da capela e correu para a avenida Commonwealth convencido de que havia sido escolhido para anunciar a vinda do Messias.

Nesta e na segunda revisão de outro experimento supervisionado por Timothy Leary, o de reincidência na Prisão Estadual de Concord, Dublin levantou questões preocupantes sobre a qualidade da pesquisa realizada no Projeto Psilocibina de Harvard, sugerindo que o entusiasmo dos responsáveis pode ter contaminado os resultados publicados.²¹ Se essa pesquisa fosse retomada e levada a sério, concluiu Jesse, teria que ser feita com muito mais rigor e objetividade. Em todo caso, os resultados do Experimento da Sexta-feira Santa foram bastante sugestivos e, como Bob Jesse e Roland Griffiths em breve decidiriam, dignos de serem reproduzidos.

* * *

BOB JESSE PASSOU o início dos anos 1990 escavando o conhecimento sobre compostos psicodélicos que se perdera quando a pesquisa formal foi proibida e a pesquisa informal se tornou clandestina. Ele é um pouco como aqueles estudiosos da Renascença que redescobriram um mundo perdido de pensamento clássico através de uns poucos manuscritos escondidos em mosteiros. No entanto, nesse caso, uma quantidade bem menor de tempo se passou, e por isso o conhecimento ainda estava no cérebro de pessoas vivas, como James Fadiman, Myron Stolaroff e Willis Harman (outro engenheiro da baía de São Francisco que se tornou pesquisador de substâncias psicodélicas), que apenas precisavam ser entrevistadas, e em artigos científicos depositados em bibliotecas e bancos de dados, que só precisavam ser consultados. Mas se existe uma analogia moderna para o mosteiro medieval onde o mundo do pensamento clássico estava a salvo da extinção, um lugar onde a chama tênue do conhecimento psicodélico ficou acesa durante sua própria era da escuridão, esse lugar tinha que ser Esalen, o lendário retiro em Big Sur, na Califórnia.

Empoleirado num penhasco com vista para o oceano Pacífico, como se quase descolado do continente, o Instituto Esalen foi fundado em 1962 e desde então tem sido o centro de gravidade do chamado movimento do potencial humano nos Estados Unidos, e a capital não

oficial da Nova Era. Diversas modalidades espirituais e terapêuticas foram desenvolvidas e ensinadas no instituto ao longo dos anos, inclusive o potencial terapêutico e espiritual dos compostos psicodélicos. Em 1973, Stanislav Grof, o psiquiatra tcheco que é um dos pioneiros da psicoterapia auxiliada por LSD, começou a trabalhar como pesquisador residente em Esalen, mas já havia ministrado oficinas no local anteriormente. Grof, que guiou milhares de sessões de LSD, certa vez previu que as substâncias psicodélicas “seriam para a psiquiatria o que o microscópio é para a biologia ou o telescópio para a astronomia. Essas ferramentas possibilitam o estudo de processos importantes que sob circunstâncias normais não estão disponíveis para observação”.²² Centenas de pessoas foram a Esalen para olhar por esse microscópio, muitas vezes em oficinas ministradas por Grof para terapeutas que queriam incorporar compostos psicodélicos a suas práticas. Muitos, se não a maioria dos terapeutas e guias que hoje realizam esse trabalho clandestinamente, aprenderam as técnicas aos pés de Stan Grof no casarão de Esalen.

Ninguém sabe ao certo se esse trabalho continuou em Esalen depois que o LSD se tornou ilegal, mas isso não seria surpresa: o lugar fica no limite do continente, tão longe que parece fora do alcance das autoridades federais. Mas, pelo menos oficialmente, essas oficinas acabaram quando o LSD se tornou ilegal. Grof começou a ensinar então algo chamado respiração holotrópica, uma técnica usada para induzir estados de consciência psicodélicos sem o uso de drogas, através de respirações profundas, rápidas e ritmadas, normalmente acompanhadas pelo som alto de tambores. O papel de Esalen na história dos compostos psicodélicos, no entanto, não acabou com a sua proibição. O instituto virou o lugar onde as pessoas que esperavam trazer essas moléculas de volta para a cultura, fosse como complemento na terapia ou como meio de desenvolvimento espiritual, se encontravam para planejar suas empreitadas.

Em janeiro de 1994, Bob Jesse conseguiu ser convidado para uma dessas reuniões. Enquanto ajudava a lavar a louça após um jantar de sexta-feira na casa dos Shulgin, ele ficou sabendo que um grupo de terapeutas e cientistas iria se encontrar em Big Sur para discutir as perspectivas de retomar a pesquisa com substâncias psicodélicas. Havia sinais de que a porta que Washington havia fechado para a pesquisa no fim dos anos 1960 poderia ser aberta, ainda que somente uma fresta: Curtis Wright, o novo diretor da FDA (e, por acaso, ex-aluno de Roland Griffiths na Hopkins), tinha sinalizado que os protocolos de pesquisa com compostos psicodélicos seriam tratados como qualquer outro — ou seja, julgados por seus méritos. Para testar essa nova receptividade, um psiquiatra da Universidade do Novo México chamado Rick Strassman pediu e recebeu aprovação para

estudar os efeitos psicológicos do DMT, um poderoso composto psicodélico encontrado em muitas plantas. Esse pequeno teste marcou o primeiro experimento com um composto psicodélico autorizado pelo governo federal desde 1970 — em retrospecto, um divisor de águas.

Por volta da mesma época, Rick Doblin e Charles Grob, um psiquiatra da Universidade da Califórnia, tinham convencido o governo a aprovar o primeiro teste com MDMA em humanos. (Grob é um dos primeiros psiquiatras a defender o retorno dos compostos psicodélicos à psicoterapia; mais tarde ele conduziria o primeiro experimento moderno de psilocibina em pacientes com câncer.)²³ No ano anterior ao encontro em Esalen (do qual participaram tanto Grob quanto Doblin), David Nichols, um químico e farmacêutico da Universidade Purdue, inaugurou o Instituto de Pesquisa Heffter (cujo nome homenageia o químico alemão que isolou a mescalina pela primeira vez em 1897) com a improvável ambição de patrocinar a ciência psicodélica. (O Instituto Heffter desde então ajudou a financiar muitos dos experimentos modernos com psilocibina.) Assim, no início dos anos 1990 havia alguns sinais dispersos de esperança de que as condições para reviver a pesquisa com substâncias psicodélicas estavam amadurecendo. A pequena comunidade que havia sustentado esse sonho durante os anos de escuridão começou, de maneira experimental e discreta, a se organizar.

Embora fosse novo nessa comunidade e não fosse nem cientista nem terapeuta, Jesse perguntou se poderia participar do encontro e se dispôs a ajudar no que fosse preciso, mesmo que isso significasse servir água aos participantes. A maior parte do encontro girou em torno de discussões sobre o potencial médico dos compostos psicodélicos, bem como a necessidade de pesquisa básica em neurociência. Jesse ficou impressionado com a pouca atenção que foi dada ao potencial espiritual deles e saiu da reunião convencido de que “há um espaço de manobra aqui. Eu estava esperando que uma dessas pessoas fosse pegar a bola no ar e sair correndo com ela, mas elas estavam ocupadas com a outra bola. Então decidi tirar uma licença da Oracle”. Um ano depois, Jesse fundaria o Conselho de Práticas Espirituais, e dois anos mais tarde, em janeiro de 1996, o conselho realizaria seu próprio encontro em Esalen com o objetivo de abrir uma segunda frente de batalha na campanha para ressuscitar as substâncias psicodélicas.

Apropriadamente, a reunião aconteceu na Sala Maslow de Esalen, batizada em homenagem a um psicólogo cujos escritos a respeito das necessidades humanas destacavam a importância de um “pico de experiência” de autoaprimoramento. A maioria dos quinze participantes era “anciões psicodélicos”, terapeutas e pesquisadores como James Fadiman e Willis Harman, Mark Kleiman — então um

especialista em políticas de drogas na Kennedy School (e orientador da tese de Rick Doblin) — e personalidades religiosas como Huston Smith, David Steindl-Rast e Jeffrey Bronfman, o líder da UDV nos Estados Unidos (e herdeiro da empresa de bebidas Seagram). Mas Jesse sabiamente decidiu convidar também um forasteiro: Charles “Bob” Schuster, que havia sido diretor do Instituto Nacional de Abuso de Drogas (NIDA) nos governos Ronald Reagan e George H.W. Bush. Jesse não o conhecia muito bem — eles haviam conversado brevemente numa conferência —, mas concluíra com base nesse encontro que Schuster poderia ser receptivo a um convite.

Por que exatamente Bob Schuster — uma figura de destaque entre as autoridades que defendem a guerra contra as drogas — estaria aberto à ideia de ir a Esalen para discutir o potencial espiritual dos compostos psicodélicos era um mistério, pelo menos até eu ter a oportunidade de conversar com sua viúva, Chris-Ellyn Johanson. Johanson, que é também uma pesquisadora de drogas, descreveu o marido como uma pessoa com interesses particularmente amplos e profunda curiosidade.

“A mente aberta de Bob era quase uma falha”, contou ela, rindo. “Ele conversava com qualquer um.” Como muitos na comunidade do Instituto Nacional de Abuso de Drogas, Schuster tinha um bom entendimento de que os compostos psicodélicos não se ajustavam perfeitamente ao perfil de drogas com potencial de abuso; animais que tivessem escolha não administravam doses de substâncias psicodélicas em si mesmos mais de uma vez, e os psicodélicos clássicos apresentam pouca toxicidade. Perguntei a Johanson se Schuster alguma vez provou essas substâncias; Roland Griffiths havia me dito que achava isso possível. (“Bob era um músico de jazz”, contou ele, “então eu não ficaria surpreso de forma alguma.”) Mas Johanson me disse que não. “Ele era definitivamente curioso a respeito dessas substâncias”, explicou, “mas acho que também tinha muito medo. Éramos pessoas acostumadas a tomar martíni”. Perguntei se ele era um homem espiritual. “Não exatamente, embora eu acredite que teria gostado de ser.”

Jesse, sem saber o que Schuster iria achar da reunião, providenciou para que Jim Fadiman ficasse junto dele, orientando Fadiman, que era psicólogo, a analisá-lo. “Logo cedo no dia seguinte Jim veio até mim e disse: ‘Bob, missão cumprida. Você achou uma pessoa incrível.’”

Schuster gostou muito do tempo que passou em Esalen, segundo Johanson. Ele participou de um círculo de tambores organizado por Jesse — você não passa por Esalen sem participar de algo assim — e ficou maravilhado ao descobrir quão facilmente conseguia entrar em transe. Mas Schuster também fez algumas contribuições importantes para as decisões do grupo. Alertou Jesse para não trabalhar com o

MDMA, que ele acreditava ser tóxico para o cérebro e tinha má reputação como droga usada em boates. Sugeriu que a psilocibina era uma candidata mais apropriada para pesquisa que o LSD, sobretudo por razões políticas: como muito menos gente tinha ouvido falar dela, não carregava a mesma bagagem cultural e política do LSD.

No fim do encontro, o grupo de Esalen havia concordado com uma breve lista de objetivos, alguns modestos — escrever um rascunho de código de ética para guias espirituais — e outros mais ambiciosos — “realizar pesquisas de destaque, irrefutáveis e com pesquisadores de currículo irrepreensível”, e, idealmente, “sem nenhum pretexto de tratamento clínico”.

“Não tínhamos certeza de que isso seria possível”, contou Jesse, mas ele e os colegas acreditavam “que seria um erro se a medicalização fosse tudo que pudesse acontecer”. Por que um erro? Porque Bob Jesse estava, no fim das contas, menos interessado nos problemas mentais das pessoas e mais interessado em seu bem-estar espiritual — em usar os enteógenos para melhorar as condições das pessoas saudáveis.

Pouco depois da reunião em Esalen, Schuster deu aquela que seria a sua principal contribuição: falou a Bob Jesse sobre seu velho amigo Roland Griffiths, descrevendo-o como “o pesquisador acima de qualquer suspeita” que Jesse procurava e “um cientista de primeira grandeza”.

“Tudo que Roland faz, ele faz com dedicação integral”, Jesse lembra de Schuster ter dito, “inclusive sua prática de meditação. Nós achamos que isso o transformou”. Griffiths havia confidenciado a Schuster sua crescente insatisfação com a ciência e seu interesse cada vez mais intenso pelas “perguntas essenciais” que haviam surgido durante a prática de meditação. Schuster então ligou para Griffiths para contar sobre o interessante jovem que conhecera em Esalen, explicou que eles tinham um interesse em comum na espiritualidade e sugeriu que se conhecessem. Após uma troca de e-mails, Jesse pegou um avião até Baltimore para almoçar com Griffiths na lanchonete do campus de medicina de Bayview, dando início a uma série de conversas e encontros que levaria à colaboração de 2006 no estudo com psilocibina e experiências místicas na Johns Hopkins.

* * *

MAS AINDA FALTAVA uma peça no quebra-cabeça e na equipe de cientistas. A maior parte das experiências de Griffiths no passado envolvia babuínos e outros primatas não humanos; ele tinha pouca experiência clínica com humanos e concluiu que precisava de um terapeuta experiente no projeto — “um mestre clínico”, como definiu.

Por sorte, Bob Jesse tinha conhecido um psicólogo na conferência psicodélica alguns anos antes que não apenas tinha o perfil esperado como também vivia em Baltimore. Ainda mais surpreendente é que esse psicólogo, cujo nome era Bill Richards, provavelmente tinha mais experiência como guia de experiências psicodélicas nos anos 1960 e 1970 do que qualquer outro profissional vivo, com a possível exceção de Stan Grof (com quem ele trabalhou uma vez). Na verdade, foi Bill Richards quem administrou aquela que talvez tenha sido a última dose legal de psilocibina a um americano, na Clínica Psiquiátrica de Maryland em Spring Grove, na primavera de 1977. Desde então, vinha praticando um tipo mais convencional de psicoterapia em sua casa, num bairro arborizado de Baltimore chamado Windsor Hills, esperando pacientemente pelo momento em que o mundo mudaria e ele poderia voltar a trabalhar com substâncias psicodélicas.

“Na verdade, essas drogas estão por aí há pelo menos 5 mil anos, e em várias ocasiões apareceram e foram reprimidas, então esse é apenas um novo ciclo”, disse ele em nosso primeiro encontro no escritório de sua casa, “mas os cogumelos ainda nascem e crescem, e por fim esse trabalho vai reaparecer. Ou era isso, pelo menos, que eu esperava”. Quando ele recebeu a ligação de Bob Jesse em 1998, e conheceu Roland Griffiths pouco depois, não pôde acreditar na sua sorte. “Foi emocionante.”

Bill Richards, um septuagenário incrivelmente animado, é uma ponte entre duas eras da terapia psicodélica. Walter Pahnke foi seu padrinho de casamento, e ele trabalhou com Stan Grof em Spring Grove e visitou Timothy Leary em Millbrook, Nova York, onde Leary se instalou após o exílio de Harvard. Embora tenha deixado o Centro-Oeste há mais de cinquenta anos, Richards mantém o jeito de falar do interior do Michigan, onde nasceu em 1940. Hoje, ostenta um cavanhaque grisalho, uma risada contagiante, e termina muitas de suas frases com um animado “né?”.

Richards, que tem formação em psicologia e teologia, teve sua primeira experiência psicodélica como estudante de teologia em Yale, em 1963. Ele estava fazendo um intercâmbio na Alemanha, na Universidade de Göttingen, e se viu atraído pelo Departamento de Psicologia, onde soube de um projeto de pesquisa com uma droga chamada psilocibina.

“Eu não tinha a menor ideia do que era esse projeto, mas dois amigos participaram e tiveram experiências interessantes.” Um deles, que perdera o pai na guerra, voltara à infância e se vira sentado no colo do pai. O outro teve alucinações com homens da SS marchando na rua. “Eu nunca havia tido uma alucinação decente”, contou ele, rindo, “e estava tentando aprofundar minha compreensão da infância. Naquela época, via a minha própria mente como um laboratório de

psicologia, então decidi me voluntariar”.

“Isso foi antes de termos entendido a importância do ambiente e do cenário. Fui levado para uma sala no porão, recebi uma injeção e me deixaram sozinho.” Parecia a receita perfeita para uma *bad trip*, sem dúvida, mas Richards teve precisamente a experiência oposta.

Eu me senti imerso nessa imagem incrivelmente detalhada que parecia arquitetura islâmica, com escritos em árabe que eu não entendia. Então, de alguma forma, *me tornei* esses padrões requintadamente intrincados e perdi minha identidade. E tudo que posso dizer é que o brilho eterno da consciência mística se manifestou. Minha consciência foi inundada de amor, beleza e paz, indo além de tudo que eu conhecia e imaginava possível. “Espanto”, “glória” e “gratidão” eram as únicas palavras que permaneciam relevantes.

Descrições de experiências como essa sempre parecem simples, pelo menos quando comparadas ao impacto emocional que as pessoas tentam transmitir; para um fato capaz de transformar uma vida, as palavras parecem insignificantes. Quando mencionei isso a Richards, ele sorriu.

Você precisa imaginar um homem das cavernas transportado para o meio de Manhattan. Ele vê ônibus, celulares, arranha-céus, aviões. Depois volta para a caverna. Como ele descreve a experiência? “Era grande, impressionante, barulhento.” Ele não tem o vocabulário para “arranha-céu”, “elevador”, “celular”. Talvez tenha alguma noção intuitiva do significado e da magnitude da cena. Mas ainda não existem as palavras necessárias. Tudo que temos são cinco pedaços de giz de cera quando precisamos de 50 mil tons diferentes.

No meio dessa primeira viagem, um dos residentes em psiquiatria entrou na sala para ver como Richards estava e pediu que ele se sentasse para testar seus reflexos. Quando o residente tocou seu tendão patelar com um pequeno martelo de borracha, Richards se lembra de ter sentido “compaixão pela infância da ciência. Os pesquisadores não tinham a menor ideia do que estava realmente acontecendo no meu mundo interior experiencial, dessa beleza indizível e de sua importância potencial para todos nós”. Alguns dias após a experiência, Richards voltou ao laboratório e perguntou: “Que droga vocês me deram? Como se escreve?”

“E o resto da minha vida são notas de rodapé!”

No entanto, depois que várias outras sessões com psilocibina fracassaram em produzir uma nova experiência mística, Richards começou a pensar que talvez tivesse exagerado aquela primeira viagem. Passado algum tempo, Walter Pahnke chegou à universidade, recém-formado após trabalhar com Timothy Leary em Harvard, e os dois se tornaram amigos. (Foi Richards quem propiciou a Pahnke sua primeira viagem psicodélica enquanto ambos estavam na Alemanha; ele aparentemente nunca havia tomado LSD nem psilocibina em Harvard, pois achava que isso poderia comprometer sua objetividade

no experimento da Sexta-feira Santa.) Pahnke sugeriu que Richards tentasse outra vez, mas num quarto com iluminação suave, plantas e música, e usando uma dose maior. Mais uma vez, Richards teve “uma experiência incrivelmente profunda. Percebi que não havia exagerado a primeira viagem, mas, na realidade, esquecido 80% dela”.

“Eu nunca tinha duvidado da validade dessas experiências”, contou Richards. “Esse era o domínio da consciência mística sobre o qual Shankara havia falado, Plotino havia escrito, São João da Cruz e Meister Eckhart haviam escrito. Era também o que Abraham Maslow discutira com suas ‘experiências de pico’, embora Abe fosse capaz de chegar a ele sem drogas.” Richards acabou indo estudar psicologia sob a orientação de Maslow na Universidade Brandeis. “Abe era um místico judeu nato. Era capaz de se deitar no quintal e ter uma experiência mística. Compostos psicodélicos são para aqueles que não são tão naturalmente privilegiados.”

Richards saiu das primeiras explorações com psicodélicos com três firmes convicções. A primeira é que as experiências do sagrado relatadas tanto pelos grandes místicos quanto por aqueles submetidos a altas doses de compostos psicodélicos são a mesma coisa e são “reais” — ou seja, não apenas um produto da imaginação.

“Se você for fundo ou longe o suficiente na consciência, vai vivenciar o sagrado. Não é algo que nós geramos, mas algo à espera de ser descoberto. E isso sem dúvida acontece tanto com quem é crente quanto com quem não é.” Em segundo lugar, independentemente de acontecerem sob a influência de drogas ou por outros meios, é bastante provável que essas experiências sejam a base primária da religião. (Em parte, é por isso que Richards acredita que os compostos psicodélicos deveriam fazer parte da educação de alunos de teologia.) Por fim, Richards se convenceu de que a consciência é uma propriedade do universo e não do cérebro. Nesse ponto, ele se aproxima do pensamento de Henri Bergson, o filósofo francês que concebeu a ideia de que a mente humana é uma espécie de receptor de rádio, capaz de sintonizar frequências de energia e informação que existem fora dele. Richards explica usando a seguinte analogia: “Se você quisesse achar a loura do noticiário de ontem à noite, você não procuraria por ela no aparelho de televisão.” A televisão é, como a mente humana, necessária, mas não suficiente.

Depois de concluir seus estudos de pós-graduação no fim dos anos 1960, Richards foi trabalhar como assistente de pesquisa no Hospital Estadual de Spring Grove, na região de Baltimore, onde a mais improvável história contrafactual da pesquisa com compostos psicodélicos acontecia discretamente, longe do barulho e dos holofotes em torno de Timothy Leary. De fato, esse é um caso em que a força de Leary acabou alterando a percepção da história, levando muitos de

nós a crer que não havia pesquisa séria com essas substâncias antes de Leary chegar a Harvard, e que as pesquisas sérias deixaram de acontecer depois que ele foi demitido. Mas até Bill Richards administrar psilocibina ao último voluntário, em 1977, Spring Grove conduziu ativamente (e sem muita controvérsia) um programa ambicioso de pesquisa sobre compostos psicodélicos — em grande parte sob o patrocínio do Instituto Nacional de Saúde Mental — com esquizofrênicos, alcoólatras e outros viciados, pacientes com câncer e transtornos de ansiedade, religiosos e profissionais da saúde mental, além de pessoas com transtornos de personalidade severos. Centenas de pacientes e voluntários receberam terapia psicodélica em Spring Grove entre o início dos anos 1960 e meados dos 1970. Em muitos casos, os pesquisadores obtiveram resultados excelentes, em estudos bem concebidos e publicados em revistas científicas como *Jama* e *The Archives of General Psychiatry* após serem submetidos à revisão por pares. (Roland Griffiths acredita que muitas dessas pesquisas são “suspeitas”, mas Richards me disse que “não eram tão ruins quanto pessoas como Roland podem pensar”.) Grande parte dos estudos conduzidos hoje na Hopkins, na Universidade de Nova York (NYU) e em outros locais já figuravam entre as práticas em Spring Grove, o que é notável. De fato, é difícil achar um experimento contemporâneo com substâncias psicodélicas que não tenha sido realizado em Maryland nos anos 1960 e 1970.

Pelo menos no começo, o trabalho em Spring Grove com substâncias psicodélicas recebeu muito apoio da comunidade. Em 1965, a CBS News transmitiu uma reportagem especial de uma hora sobre o trabalho do hospital com alcoólatras chamada *LSD: O experimento de Spring Grove*. A repercussão foi tão positiva que a assembleia legislativa de Maryland estabeleceu um laboratório multimilionário de pesquisa no campus do Hospital Estadual de Spring Grove, chamado Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland. Stan Grof, Walter Pahnke e Bill Richards foram contratados para dirigir o centro, junto com outras dezenas de terapeutas, psiquiatras, farmacêuticos e pessoal de apoio. Igualmente difícil de acreditar hoje em dia é o fato de que, como Richards me contou, “sempre que contratávamos alguém, a pessoa recebia algumas sessões de LSD como parte do treinamento para o trabalho. Nós tínhamos autorização! De que outra maneira você podia ser sensível ao que acontecia na mente do paciente? Eu queria que pudéssemos fazer isso na Hopkins”.

O fato de um programa de pesquisa tão ambicioso ter continuado em Spring Grove até meados da década de 1970 sugere que a história da repressão aos compostos psicodélicos é um pouco mais complexa do que a narrativa usual pode sugerir. Embora alguns projetos de pesquisa — como os de Jim Fadiman com criatividade em Palo Alto —

tenham de fato sido encerrados por ordens de Washington, outros projetos com financiamento de longo prazo foram autorizados a continuar até que o dinheiro acabasse, o que por fim aconteceu. Em vez de encerrar todas as pesquisas, como muitos na comunidade psicodélica acreditam que aconteceu, o governo apenas tornou mais difícil obter novas autorizações, e o financiamento acabou se esgotando. À medida que o tempo passava, os pesquisadores descobriram que, além de lidar com a burocracia e os obstáculos financeiros, também tinham que passar no “teste do ridículo”: como os colegas reagiriam quando você dissesse que estava fazendo experimentos com LSD? Em meados dos anos 1970, os compostos psicodélicos se tornaram uma espécie de constrangimento científico — não porque fossem um fracasso, mas porque passaram a ser identificados com a contracultura e com cientistas que caíram em desgraça como Timothy Leary.

Mas não havia nada de constrangedor na pesquisa com substâncias psicodélicas feita em Spring Grove no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970. Na época, ela parecia ser o futuro. Richards relembra:

Nós pensávamos que era a fronteira mais incrível da psiquiatria. Fazíamos reuniões para discutir como iríamos treinar as centenas, se não os milhares, de terapeutas necessários para realizar esse trabalho. (E veja, estamos tendo essa conversa novamente hoje!) Havia conferências internacionais sobre pesquisa com compostos psicodélicos, e tínhamos colegas em toda a Europa realizando trabalhos semelhantes. O campo estava se expandindo. Mas, no fim, as forças sociais foram mais fortes do que nós.

Em 1971, Richard Nixon declarou Timothy Leary, um professor de psicologia em fim de carreira, “o homem mais perigoso dos Estados Unidos”. Os psicodélicos estavam alimentando a contracultura, e a contracultura estava enfraquecendo a vontade dos jovens americanos de lutar. O governo Nixon procurou debelar a contracultura atacando sua infraestrutura neuroquímica.

A supressão da pesquisa com substâncias psicodélicas era inevitável? Muitos dos pesquisadores que entrevistei pensam que isso poderia ter sido evitado se as drogas não tivessem ultrapassado os muros dos laboratórios — contingência que, justa ou não, a maioria deles atribui diretamente às “travessuras”, “mau comportamento” e “evangelismo” de Timothy Leary.

Stanislav Grof acredita que os compostos psicodélicos libertaram “o elemento dionisíaco” dos Estados Unidos dos anos 1960, tornando-se uma ameaça aos valores puritanos do país que precisava ser repelida. (Ele me disse também acreditar que isso pode acontecer outra vez.) Roland Griffiths observa que a nossa cultura não é a primeira a se sentir ameaçada pelos psicodélicos: a razão pela qual R. Gordon Wasson teve de redescobrir os cogumelos mágicos no México é que os

espanhóis os haviam reprimido de forma bastante efetiva, por considerá-los instrumentos perigosos do paganismo.

“Isso revela algo importante sobre quanto as culturas relutam em se expor aos tipos de mudanças que esses compostos podem provocar”, ele me falou na primeira vez em que nos encontramos. “O grau de autoridade que resulta da experiência mística primária pode ser ameaçador para a estrutura hierárquica existente.”

* * *

EM MEADOS DOS anos 1970, o trabalho com LSD em Spring Grove, na maior parte financiado pelo Estado, se tornou uma batata quente política em Annapolis. Em 1975, uma investigação da Comissão Rockefeller revelou que a CIA estava conduzindo experimentos com LSD em Maryland, no centro militar de Fort Detrick, como parte de um projeto de controle da mente chamado MK-Ultra. (Um memorando interno divulgado pela comissão estabelecia de forma concisa o objetivo da agência: “Podemos assumir o controle de um indivíduo a ponto de fazê-lo cumprir nossas ordens mesmo que elas contrariem a própria vontade e até mesmo se forem contra as leis fundamentais da natureza, como a de autopreservação?”)²⁴ Revelou-se que a CIA estava aplicando doses tanto em funcionários do governo quanto em civis sem o consentimento destes; pelo menos uma pessoa morreu. A notícia de que os contribuintes de Maryland também estavam patrocinando pesquisas com LSD virou um escândalo, e a pressão em Spring Grove para encerrá-las se tornou irresistível.

“Logo sobramos só eu e duas secretárias”, lembra Richards. “E então tudo acabou.”

Hoje, Roland Griffiths, que viria a retomar a linha de pesquisa encerrada em Spring Grove, se admira com o fato de que a primeira onda de pesquisas com substâncias psicodélicas, embora promissora, tenha acabado por razões totalmente alheias à ciência. “Acabamos demonizando esses compostos. Você consegue pensar em outra área da ciência que tenha sido considerada perigosa a ponto de toda pesquisa ter sido suspensa por décadas? É algo sem precedentes na ciência moderna.” O mesmo vale, talvez, para a quantidade de conhecimento científico que foi simplesmente apagado.

Em 1998, Griffiths, Jesse e Richards começaram a planejar um estudo-piloto vagamente baseado no Experimento da Sexta-feira Santa. “Não era um estudo de psicoterapia”, afirma Richards. “Era um estudo desenvolvido para determinar se a psilocibina pode suscitar uma experiência transcendente. O fato de termos tido permissão para administrar doses a pessoas saudáveis é um tributo ao longo respeito mútuo entre a Hopkins e Washington.” Em 1999, o protocolo de

pesquisa foi aprovado, mas apenas depois de submetido a cinco diferentes comitês na Hopkins, assim como na FDA e na DEA. (Muitos colegas de Griffiths na Hopkins eram céticos em relação à proposta, preocupados que a pesquisa com compostos psicodélicos pudesse prejudicar o financiamento federal; um deles me disse que havia “pessoas no Departamento de Psiquiatria e na instituição como um todo que questionavam o trabalho, por essa classe de compostos carregar tanta bagagem dos anos 1960”.)

“Tínhamos fé que as pessoas em todos esses comitês seriam bons cientistas”, contou-me Richards. “E, com sorte, talvez alguns tivessem usado cogumelos na faculdade!” Roland Griffiths se tornou o principal pesquisador do projeto, Bill Richards ficou como diretor clínico e Bob Jesse continuou a trabalhar nos bastidores.

“Lembro-me com clareza da primeira sessão que conduzi depois de um hiato de 22 anos”, recordou Richards. Estávamos na sala da Hopkins usada para as sessões; eu sentado no sofá onde os voluntários se deitam durante a viagem, e Richards na cadeira de onde acompanhou e guiou centenas de viagens de psilocibina desde 1999. O lugar parece mais uma sala íntima ou sala de estar do que um laboratório, com um sofá, quadros de temáticas vagamente espirituais nas paredes, uma escultura do Buda numa mesinha de canto e prateleiras com um cogumelo de pedra e vários objetos sacros de tipo não denominacional, assim como um pequeno cálice no qual os voluntários recebem as pílulas.

Um rapaz está deitado no sofá, exatamente aí onde você está, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e tudo em que posso pensar é como essa experiência é absolutamente linda e significativa. Quanto ela é *sagrada*. Como isso pode ter sido ilegal? É como se a gente tornasse as catedrais góticas ilegais, ou os museus, ou o nascer do sol! Sinceramente, eu não sabia se isso iria voltar a acontecer na minha vida. E veja onde estamos agora: o trabalho na Hopkins já está em andamento há quinze anos — cinco anos a mais do que em Spring Grove.

* * *

EM 1999, UM anúncio estranho porém intrigante começou a aparecer nas publicações semanais da região de Baltimore, e em Washington, sob o título “Interessado na vida espiritual?”. Dizia o texto:

A pesquisa universitária com enteógenos (grosso modo, substâncias para evocar Deus, como o peiote e cogumelos sagrados) está de volta. O campo de estudo inclui farmácia, psicologia, desenvolvimento da criatividade e espiritualidade. Para explorar a possibilidade de participar desses projetos confidenciais de pesquisa com enteógenos, ligue gratuitamente ou acesse: csp.org.

Pouco tempo depois, Bill Richards e Mary Cosimano, uma assistente social e orientadora pedagógica que Richards recrutou para ajudá-lo a

guiar as sessões, administraram a primeira dose legal de psilocibina para um americano em 22 anos. Desde então, a equipe da Hopkins já conduziu mais de trezentas sessões de psilocibina, trabalhando com diversas populações, entre elas normais saudáveis, praticantes de meditação veteranos e novatos, pacientes com câncer, fumantes tentando parar e profissionais religiosos. Eu estava curioso para ouvir a versão de todos os tipos de voluntários sobre a experiência, mas sobretudo a primeira leva de voluntários normais saudáveis, em parte por serem participantes de um estudo que se tornou historicamente importante e em parte por imaginar que eles seriam... bem, parecidos comigo. Qual é a sensação de ter uma experiência legalmente autorizada, guiada por profissionais e com uma dose alta, confortável e otimizada de psilocibina?

No entanto, os voluntários dos primeiros experimentos não eram *exatamente* como eu, porque na época duvido que eu tivesse continuado a ler um anúncio chamado “Interessado na vida espiritual?”. Não havia nenhum ateu ferrenho no grupo original, e entrevistas com dezenas deles sugerem que muitos, se não a maioria, possuíam inclinações espirituais em algum grau. Havia um adepto da cura pela energia, um homem que havia feito toda a viagem do João de Ferro, um ex-frade franciscano e um especialista em ervas medicinais. Também havia um físico com interesse no zen e um professor de filosofia com interesse em teologia. Roland Griffiths reconhece que “estávamos interessados no efeito espiritual e orientávamos as condições inicialmente [nessa direção]”.

Dito isso, Griffiths se esforçou ao planejar o experimento para controlar os “efeitos da expectativa”. Em parte, isso se devia a seu ceticismo de que uma droga pudesse provocar a mesma experiência mística que ele tinha em sua meditação: “Isso é inteiramente real para Bill e apenas uma hipótese para mim. Então, precisávamos controlar a predisposição dele.” Todos os voluntários eram “virgens de alucinógenos” e assim não tinham qualquer ideia sobre os efeitos da psilocibina. Além disso, nem eles nem os monitores sabiam durante as sessões se o voluntário estava recebendo psilocibina ou um placebo, e se o placebo era uma pílula de açúcar ou qualquer uma de dezenas de drogas psicoativas. Na verdade, o placebo era o metilfenidato, ou Ritalina, e, no fim das contas, em mais de um quarto das vezes os monitores erraram ao tentar adivinhar qual pílula o voluntário havia recebido.

Mesmo anos depois da participação na pesquisa, os voluntários com quem conversei relembrou a experiência intensamente e em detalhes; as entrevistas duraram horas. Essas pessoas tinham grandes histórias para contar; em diversos casos, essa experiência foi a mais significativa de suas vidas, e elas claramente apreciaram a

oportunidade de revivê-la em detalhes nos relatos que fizeram a mim em encontros presenciais, por Skype ou telefone. Os voluntários também precisavam escrever um relatório de suas experiências assim que elas acabavam, e todos que entrevistei ficaram felizes em compartilhar esse texto, uma leitura estranha e fascinante.

Muitos voluntários com quem conversei relataram episódios iniciais de intenso medo e ansiedade antes de se entregarem à experiência — como os assistentes os incentivavam a fazer. Esses assistentes trabalham a partir de um conjunto de “instruções de voo” preparado por Bill Richards com base nas centenas de viagens psicodélicas que ele já conduziu. Os guias repassam as instruções com os voluntários durante as oito horas de preparação a que todos são submetidos antes de começarem a viagem.

As “instruções de voo” recomendam que os guias usem mantras como “confie na trajetória” e “confie, relaxe, esteja aberto”. Alguns guias gostam de citar John Lennon: “Turn off your mind, relax and float downstream [Desligue a mente, relaxe e deixe-se levar pela corrente].”

Os voluntários são informados de que podem experimentar a “morte/transcendência do ego ou do eu cotidiano”, mas isso é “sempre seguido pelo renascimento/retorno ao mundo normativo de espaço e tempo. A maneira mais segura de retornar ao estado normal é se entregar sem reservas às experiências que surgirem”. Os guias são instruídos a lembrar aos voluntários que eles jamais serão deixados sozinhos e que não precisam se preocupar com o corpo durante a viagem porque há pessoas ali para cuidar deles. Se você sentir que está “morrendo, derretendo, se dissolvendo, explodindo, enlouquecendo etc., vá em frente”. As seguintes perguntas são feitas aos voluntários: “Se você enxergar uma porta, o que vai fazer? Se encontrar uma escada, o que vai fazer?” “Abrir” e “subir” são, claro, as respostas certas.

Essa preparação cuidadosa significa que uma certa expectativa é provavelmente inevitável. Afinal de contas, os pesquisadores estão preparando as pessoas para uma experiência importante, que envolve morte e renascimento e que tem um potencial de transformação. “Seria irresponsável da nossa parte *não* alertar os voluntários de que essas coisas podem acontecer”, destacou Griffiths quando perguntei a ele se os voluntários estavam sendo “preparados” para determinado tipo de experiência. Um voluntário — o físico — me disse que o Questionário de Experiência Mística que ele preenchia depois de cada sessão também semeava expectativas. “Eu queria ver algumas das coisas sugeridas no questionário”, ele escreveu após uma sessão decepcionante — talvez usando o placebo. “Ver tudo que existe se tornar vivo e conectado, encontrar o vazio, ou alguma encarnação de

divindade e coisas do tipo.” Dessa e de outras tantas maneiras, parece que a experiência da Hopkins com psilocibina é resultado não só de uma molécula poderosa, mas também da preparação e das expectativas dos voluntários, das habilidades e visão de mundo dos assistentes, das instruções de voo de Bill Richards, da decoração da sala, do foco interior incentivado pelas máscaras de dormir e a música, da música em si (que a meus ouvidos soava em grande parte marcadamente religiosa) e, embora eles talvez não gostem de ouvir isso, das mentes dos criadores da experiência.

A sugestionabilidade é uma das características definidoras dos compostos psicodélicos, e assim, em certo sentido, não surpreende que tantos participantes da primeira leva de voluntários da Hopkins tenham tido experiências místicas: o experimento fora planejado por três homens intensamente interessados nos estados místicos de consciência. (Tampouco surpreende que os pesquisadores europeus que entrevistei não tenham observado tantas ocorrências de experiências místicas nos participantes estudados quanto os americanos.) Contudo, apesar de toda a preparação, um fato permanece: quem recebeu o placebo simplesmente não viveu as mesmas experiências que os voluntários descreveram a mim, um após o outro, como a mais significativa de suas vidas.

Logo depois de um voluntário tomar a pílula do pequeno cálice, mas antes de sentir qualquer efeito, Roland Griffiths costuma passar pela sala da sessão para desejar uma boa viagem. Ele com frequência usa uma metáfora que ficou marcada na lembrança de muitos voluntários com quem falei. “Pense que você é como um astronauta prestes a ser lançado no espaço”, Richard Boothby lembra-se de tê-lo ouvido dizer. Boothby é um professor de filosofia que estava na casa dos 50 anos quando se tornou voluntário na Hopkins. “Você está indo para a imensidão para aproveitar tudo e se envolver com o que quer que encontre, mas fique tranquilo que vamos cuidar de tudo. Pense que nós somos a central de comando. Vamos protegê-lo.”

Para um astronauta sendo lançado no espaço, a vibração do lançamento e a tensão de deixar o campo gravitacional da Terra podem ser avassaladoras — até mesmo aterrorizantes. Muitos voluntários disseram ter tentado desesperadamente se manter vivos enquanto percebiam seu eu se desintegrar rapidamente. Brian Turner, que na época da viagem era um físico de 44 anos que trabalhava para uma prestadora de serviços do Exército (com autorização de segurança), descreveu assim a experiência:

Eu sentia meu corpo se dissolver, começando pelos pés até tudo desaparecer, exceto o lado esquerdo da mandíbula. Foi muito desagradável. Eu só sentia alguns dentes e a parte de baixo da mandíbula. Sabia que se isso sumisse eu iria desaparecer. Então me lembrei do que haviam dito, que, sempre que eu encontrasse algo assustador, fosse em direção àquilo. Assim, em vez de ter medo de

morrer, fiquei curioso com o que estava acontecendo. Eu não estava mais tentando evitar a morte. Em vez de recuar da experiência, comecei a interrogá-la. E, com isso, toda a situação se dissolveu numa sensação flutuante, e eu me tornei a música por um tempo.

Pouco depois, ele se viu

em uma caverna onde todos os meus relacionamentos passados pendiam do teto como pingentes de gelo: a pessoa que se sentava do meu lado na segunda série, amigos do ensino médio, minha primeira namorada, estavam todos lá, preservados no gelo. Estava muito frio. Pensei em todos eles, um de cada vez, lembrando tudo em nosso relacionamento. Foi uma revisão — algo sobre a trajetória da minha vida. Todas essas pessoas me fizeram o que eu sou.

Amy Charnay, uma nutricionista e especialista em ervas medicinais na casa dos trinta anos, foi à Hopkins após uma crise. Uma entusiasta da corrida, ela estudava ecologia florestal quando caiu de uma árvore e quebrou o tornozelo, o que encerrou tanto sua carreira de corredora quanto de silvicultora. Nos primeiros momentos da viagem, Amy foi tomada por ondas de culpa e medo.

A imagem à minha frente era do século XIX e eu estava num palco. Duas pessoas próximas de mim punham um laço em meu pescoço enquanto uma multidão assistia, aplaudindo minha morte. Eu me senti tomada pela culpa, simplesmente apavorada. Estava num lugar infernal. E me lembro de Bill perguntando: “O que está acontecendo?”

“Estou experimentando muita culpa”, falei. “Essa é uma experiência humana muito comum”, respondeu Bill, e com isso toda a imagem de estar sendo enforcada se deformou e simplesmente desapareceu, sendo substituída por uma sensação tremenda de liberdade e interconexão. Isso foi formidável para mim. Percebi que se pudesse nomear e admitir um sentimento, confessá-lo a alguém, ele me deixaria. Um pouco mais velha e sábia, agora posso fazer isso por conta própria.

Algum tempo depois, Charnay se viu voando pelo mundo e passou um tempo sentada nas costas de um pássaro.

Eu estava consciente o bastante para saber que meu corpo permanecia no sofá, mas eu estava deixando o meu corpo e experimentando essas sensações em primeira mão. Eu me vi num círculo de tambores numa tribo indígena em algum lugar, e eu estava sendo curada, mas também curando. Isso me tocou fundo. Por não ter a ascendência tradicional [para uma curandeira], sempre me senti uma impostora fazendo medicina com as plantas, mas isso me fez ver que eu estava conectada com as plantas e as pessoas que usam plantas, seja para rituais, psicodélicos ou salada!

Numa sessão posterior, Charnay se reconectou com um namorado da juventude que morreu num acidente aos 19 anos. “De repente há um pedaço do Phil vivendo no meu ombro esquerdo. Nunca tive uma experiência como essa, mas foi muito real. Não sei por que ele é amarelo e vive no meu ombro — o que isso significa? —, mas não me importo. Ele está de volta comigo.” Essas reconexões com os mortos não são incomuns. Richard Boothby, cujo filho de 23 anos cometera

suicídio um ano antes, após um longo histórico de dependência química, me confidenciou: “Oliver está mais presente para mim agora do que jamais esteve.”

A extrema importância de se entregar à experiência, mesmo que ela seja assustadora e bizarra, é reforçada nas sessões preparatórias e acompanha muitas pessoas nas viagens e depois. Boothby, o filósofo, levou a sério o conselho e descobriu que podia usar a ideia como uma espécie de ferramenta para definir a experiência em tempo real. Ele escreveu:

Logo no começo percebi que os efeitos da droga respondiam de maneira surpreendente à minha própria determinação subjetiva. Se em resposta à crescente intensidade da experiência eu comesse a ficar tenso e ansioso, a cena toda ia parecer tensa de alguma forma. Mas quando comecei conscientemente a me lembrar de relaxar, de me entregar à experiência, o efeito foi dramático. O espaço no qual eu parecia me encontrar, que já era muito grande, de repente se expandia ainda mais, e as formas que ondulavam em frente a meus olhos pareciam explodir em padrões novos e mais extravagantes. Vez por outra eu tinha a esmagadora sensação de infinidade sendo multiplicada por outra infinidade. Brinquei com minha esposa, enquanto ela me levava para casa, que minha sensação era a de ter sido sugado repetidas vezes pelo ânus de Deus.

Boothby teve algo muito parecido com uma experiência mística clássica, embora talvez tenha sido o primeiro de uma longa linha de místicos ocidentais a entrar no reino divino por um orifício dessa natureza.

Nas profundezas desse delírio, compreendi que estava morrendo ou, mais bizarro, já estava morto. Todos os pontos de pertencimento a um senso de realidade confiável tinham desaparecido. Por que não pensar que eu estava morto? E se isso é morrer, pensei, que seja. Como posso dizer não a isso?

Nessa hora, no momento mais profundo da experiência, senti que todas as minhas categorizações dualistas — estar sonhando ou acordado, vida e morte, dentro ou fora, eu e o outro — tinham ruído [...] A realidade parecia emaranhada em si mesma, implodindo num tipo de catástrofe extática da lógica. Contudo, no meio desse furacão alucinatório, eu estava tendo uma experiência estranha do ultrassublime. E me lembro de repetir a mim mesmo várias vezes: “Nada importa, nada importa mais. Eu entendo! Não há nada que seja realmente importante.”

E então acabou.

Durante as últimas horas, a realidade começou a se refazer aos poucos, sem esforço. De forma sincronizada com algum tipo de música coral, tive um sentimento incrivelmente tocante de despertar triunfal, como se um novo dia tivesse chegado depois de uma longa e angustiante noite.

* * *

NA ÉPOCA EM que entrevistei Richard Boothby e seus colegas voluntários, eu estava lendo o relato de consciência mística de

William James em *As variedades da experiência religiosa* na esperança de me orientar. E, de fato, muito do que James tinha para relatar ajudou a me guiar entre a enorme quantidade de palavras e imagens que eu estava coletando. James iniciava sua discussão sobre os estados místicos de consciência admitindo que “minha própria constituição me impede quase inteiramente de fruí-los”.²⁵ Quase inteiramente: o que James sabe sobre estados místicos vem não só de suas leituras, mas também de suas próprias experiências com drogas, inclusive óxido nítrico.

Em vez de tentar uma definição de algo tão difícil de conceber, James oferece quatro “marcas” pelas quais podemos reconhecer uma experiência mística. A primeira e, na opinião dele, “mais fácil” é a inefabilidade: “O sujeito da experiência diz imediatamente que ela desafia a linguagem, que nenhum texto pode descrevê-la de forma adequada”²⁶. Com a possível exceção de Boothby, todos os voluntários com quem conversei em um momento ou outro se mostraram frustrados com a incapacidade de descrever com força total o que experimentaram, embora tenham decididamente tentado. “Você tinha que estar lá” era uma frase comum.

A natureza noética é a segunda marca de James: “Estados místicos parecem para aqueles que os experimentam também um estado de conhecimento [...] São iluminações, revelações cheias de significado e importância [...] e, como regra, carregam um curioso sentido de autoridade.”²⁷

Para cada voluntário que entrevistei, a experiência rendeu muito mais respostas que perguntas, e — curiosamente, pois trata-se, no fim das contas, de uma experiência com drogas — essas respostas têm um vigor e permanência notáveis. John Hayes, um psicoterapeuta de 50 anos que foi um dos primeiros voluntários da Hopkins, afirma ter tido:

a impressão de que mistérios estavam sendo revelados, e, no entanto, tudo parecia familiar, como se estivessem me lembrando de algo que eu já sabia. Tive a sensação de ser iniciado numa dimensão da existência que a maioria das pessoas nunca vai saber que existe, inclusive a nítida sensação de que a morte era uma ilusão, no sentido de que é uma porta pela qual passamos para ir a outro plano de existência, que surgimos de uma eternidade para a qual vamos voltar.

O que é verdade, suponho. Mas, para alguém que está numa experiência mística, essa percepção adquire a força de uma verdade revelada.

Muitos dos conhecimentos específicos adquiridos numa viagem psicodélica ficam numa linha tênue entre a verdade profunda e a banalidade. Boothby, um intelectual com um senso de ironia afiado, faz um grande esforço para traduzir em palavras as verdades profundas sobre a essência da nossa humanidade reveladas a ele durante uma de suas viagens com psilocibina.

Algumas vezes cheguei quase a me sentir constrangido com as palavras, como se elas dessem à visão cósmica do triunfo do amor uma voz zombeteira com lugares-comuns de cartões comprados na Hallmark. Mesmo assim, o conhecimento básico que recebi na sessão ainda parece na maior parte convincente.

Qual foi a revelação convincente do professor de filosofia?

“O amor supera tudo.”

James comenta a banalidade das revelações místicas: “Aquele sentimento mais profundo sobre o significado de uma máxima ou de uma fórmula que por vezes toma conta da pessoa. ‘Ouvi isso a minha vida toda’, exclamamos, ‘mas só agora percebi o verdadeiro significado.’”²⁸ A viagem mística parece oferecer um diploma de graduação em obviedades. No entanto, as pessoas saem da experiência compreendendo esses lugares-comuns de uma nova forma; o que era apenas conhecido agora foi sentido e ganha a autoridade de uma convicção profundamente enraizada. E, no mais das vezes, essa convicção tem relação com a importância suprema do amor.

Karin Sokel, uma *coach* de 40 anos que pratica cura pela energia, descreveu a experiência “que mudou tudo e me abriu profundamente”. No clímax da viagem, ela teve um encontro com um deus que se chamava “Eu sou”. Na presença dele, ela lembrou,

todos os meus chakras estavam explodindo. E então surgiu uma luz, a luz pura do amor e da divindade, e ela estava comigo e nenhuma palavra era necessária. Eu estava na presença do amor divino mais absolutamente puro, misturando-me a ele, numa explosão de energia [...] Só de falar nisso meus dedos ficam eletrificados. Isso meio que me possuiu. O cerne do que somos, agora eu sei, é o amor. No momento mais intenso da experiência, eu estava segurando a cabeça de Osama bin Laden, olhando em seus olhos, sentindo puro amor indo e vindo entre nós. O cerne não é o mal, é o amor. Tive a mesma experiência com Hitler e com alguém da Coreia do Norte. Então penso que somos divinos. Isso não é uma coisa intelectual, é um conhecimento interior.

Perguntei a Sokel como ela podia ter tanta certeza de que aquilo não era um sonho ou uma fantasia induzida pelas drogas — uma sugestão que não foi páreo para a sua natureza noética. “Não foi um sonho. Foi tão real quanto nós dois conversando agora. Eu também não compreenderia se não tivesse tido a experiência direta. Agora ela está gravada no meu cérebro e consigo me conectar a ela, o que faço regularmente.”

Isso é algo que James menciona em sua discussão sobre a terceira marca da consciência mística, a “transitoriedade”. Embora o estado místico não possa ser mantido por muito tempo, seus traços persistem e são recorrentes, “e de uma recorrência a outra ele está suscetível ao desenvolvimento contínuo no que se sente como riqueza interior e importância”.²⁹

A última marca para James é a “passividade” essencial da experiência mística. “O místico sente como se sua vontade estivesse em suspenso e como se tivesse sido submetido a um poder superior.”³⁰ Essa sensação de estar por um tempo entregue a uma força superior muitas vezes convence a pessoa de que ela foi mudada para sempre.

Para a maioria dos voluntários da Hopkins que entrevistei, as viagens de psilocibina tinham acontecido dez ou quinze anos antes, e no entanto seus efeitos ainda eram sentidos intensamente; em alguns casos, todos os dias. “A psilocibina despertou minha compaixão amorosa e gratidão de um jeito que nunca experimentei antes”, contou-me uma psicóloga que pediu para não ser identificada quando perguntei sobre os efeitos permanentes da experiência. “Confiança, Desapego, Abertura e Ser foram as pedras de toque da experiência para mim. Agora eu conheço essas coisas, em vez de apenas acreditar nelas.” Ela transformou as instruções de voo de Bill Richards num manual de vida.

Richard Boothby fez praticamente o mesmo e transformou seu insight sobre desapego em uma espécie de ética:

Durante minha sessão, essa arte do relaxamento se tornou ela própria a base de uma revelação imensa, como se eu percebesse de repente, que algo no espírito desse relaxamento, algo na conquista de um espírito perfeito, confiante e amorosamente aberto, é a verdadeira essência e propósito da vida. Nossa tarefa na vida consiste precisamente em uma forma de nos desapegarmos do medo e das expectativas, em uma tentativa de nos doarmos puramente ao impacto do presente.

John Hayes, o psicoterapeuta, emergiu com “seu senso de concretude desestabilizado” e substituído pela convicção “de que existe uma realidade sob a realidade das percepções comuns. Isso moldou minha cosmologia — o fato de que há um mundo além deste aqui”. Hayes recomenda particularmente a experiência a pessoas de meia-idade, para quem, como Carl Jung sugeriu, a experiência do sagrado pode ajudar a negociar a segunda metade da vida. E acrescenta: “Não recomendo para pessoas jovens.”

A viagem de Charnay na Johns Hopkins consolidou seu compromisso com as ervas medicinais (ela agora trabalha para uma empresa fabricante de suplementos no norte da Califórnia) e também a decisão de se divorciar do marido. “Tudo agora estava muito claro para mim. Saí da sessão e meu marido se atrasou para me buscar. Percebi que era essa a nossa rotina. Nós éramos simplesmente diferentes. Eu tinha acabado de levar uma surra e precisava que ele fosse pontual.” Ela deu a notícia para ele no carro, a caminho de casa, e nunca voltou atrás.

Ouvir essas pessoas descreverem mudanças em suas vidas inspiradas por viagens de psilocibina equivale a considerar se a sala de sessões da Hopkins não é uma espécie de “fábrica de transformação

humana”, como Mary Cosimano, a guia que provavelmente passou mais tempo lá do que qualquer outra pessoa, descreveu para mim. “Daquele momento em diante”, disse um voluntário, “passei a pensar na minha vida em termos de antes e depois da psilocibina”. Logo após a experiência com esse composto psicodélico, Brian Turner, o físico, pediu demissão de seu emprego numa prestadora de serviços para o Exército e se mudou para o Colorado para estudar o zen. Ele havia praticado meditação antes da psilocibina, mas “agora tinha a motivação, porque havia tido uma amostra de como é o destino”. Turner estava disposto a fazer o trabalho árduo do zen, pois vira uma prévia dos novos modos de consciência que estariam disponíveis para ele.

Turner é hoje um monge zen ordenado, mas continua sendo físico e trabalha para uma empresa fabricante de lasers de hélio-néon. Perguntei se ele sentia algum tipo de tensão entre sua ciência e sua prática espiritual. “Não sinto que haja uma contradição. No entanto, o que aconteceu na Hopkins influenciou minha física. Percebi que existem domínios que a ciência não vai penetrar. A ciência pode te levar ao big bang, mas não além. Você precisa de um tipo diferente de aparato para poder espiar esses domínios.”

Esses relatos individuais de transformação pessoal encontram forte apoio em um estudo de acompanhamento feito com os primeiros grupos de normais saudáveis estudados na Hopkins. Katherine MacLean, uma psicóloga da equipe da universidade, analisou os dados produzidos na pesquisa com 52 voluntários, incluindo entrevistas com amigos e familiares indicados por eles, e descobriu que, em muitos casos, a experiência com a psilocibina tinha levado a mudanças permanentes na personalidade.³¹ Especificamente, os voluntários que haviam tido “experiências místicas completas” (conforme a pontuação registrada no Questionário Pahnke-Richards de Experiência Mística) apresentaram, além de melhoras no bem-estar, aumento permanente no traço de personalidade de “abertura para a experiência”. Um dos cinco traços que psicólogos usam para avaliar a personalidade (os outros quatro são conscienciosidade, extroversão, simpatia e neuroticismo), a abertura engloba apreciação estética e sensibilidade, fantasia e imaginação, tolerância aos pontos de vista e valores dos outros; ela também prevê a criatividade nas artes e na ciência e, supostamente, uma disposição de considerar ideias estranhas à ciência atual. Mudanças tão significativas e permanentes na personalidade de adultos são raras.

Nem todas essas mudanças na direção de uma maior abertura se limitaram aos voluntários do experimento na Hopkins; os assistentes também dizem ter sido transformados pela experiência de testemunhar essas viagens, algumas vezes de formas surpreendentes.

Katherine MacLean, que guiou dezenas de sessões durante sua passagem pela Hopkins, me confidenciou: “No início eu estava mais para o lado ateu, mas comecei a ver todos os dias no meu trabalho coisas que contradiziam essa crença. Meu mundo se tornou cada vez mais misterioso enquanto eu estava sentada com pessoas sob a influência da psilocibina.”

Durante minha última entrevista com Richard Boothby, quase no fim de um tranquilo brunch de domingo no museu de arte moderna de Baltimore, ele me olhou com uma expressão que revelava um misto de fervor evangélico pelos “tesouros” que vislumbrara na Hopkins com uma certa pena de seu interlocutor ainda inculto a respeito dos alucinógenos.

“Não posso culpá-lo por sentir inveja.”

* * *

MEUS ENCONTROS COM os voluntários da Hopkins de fato me deixaram sentindo um pouco de inveja, mas também com muito mais dúvidas do que certezas. Como podemos avaliar as “revelações” que essas pessoas trazem de suas viagens psicodélicas? Que tipo de autoridade podemos conferir a elas? De onde vem o material que compõe esses sonhos acordados ou, como disse um voluntário, “filmes intrapsíquicos”? Do inconsciente? Das sugestões de seus guias ou do ambiente da experiência? Ou, como muitos acreditam, de algum lugar “lá fora” ou “além”? O que afinal esses estados místicos de consciência *significam* para o nosso entendimento da mente humana ou do universo?

De sua parte, os encontros de Roland Griffiths com os voluntários do estudo de 2006 reacenderam sua paixão pela ciência, mas também fizeram com que ele passasse a ter um respeito mais profundo por tudo que a ciência não sabe — o que ele fica contente em chamar de “os mistérios”.

Para mim, os dados [das primeiras sessões] foram [...] não quero usar o termo fascinantes, mas o que estávamos vendo não tinha precedentes em termos de profundo significado e permanente valor espiritual desses efeitos. Já administrei muitas drogas para muitas pessoas, e o que elas vivenciam são experiências com drogas. O que é único a respeito dos psicodélicos é o significado deixado pela experiência.

Contudo, em que medida esse significado é real? Griffiths é agnóstico, mas com uma mente surpreendentemente aberta, mesmo quanto aos relatos de seus voluntários sobre o “além”, seja como for que eles o definam. “Estou disposto a contemplar a possibilidade de que essas experiências sejam ou não verdadeiras”, disse-me ele. “A

parte empolgante é usar as ferramentas que temos para explorar e esmiuçar esse mistério.”

Nem todos os seus colegas compartilham dessa mentalidade aberta. Em um de nossos encontros, enquanto tomávamos café da manhã na varanda de sua modesta casa no subúrbio de Baltimore, Griffiths mencionou um colega na Hopkins, um psiquiatra de renome chamado Paul McHugh, que repudia a experiência psicodélica como nada mais que uma forma de “delírio tóxico”. Ele me incentivou a pesquisar McHugh na internet.

“Médicos encontram esse estado mental estranho e pitoresco em pacientes que sofrem de doenças avançadas no fígado, rim ou pulmão, quando há acúmulo de produtos tóxicos no corpo que fazem com o cérebro e a mente o mesmo que o LSD”, escreveu McHugh em uma crítica do livro sobre o Projeto Psilocibina de Harvard na *Commentary*.³²

A percepção nítida das cores, a convergência de sensações físicas, as alucinações, a desorientação e a perda de controle do tempo, a alegria e o terror delirantes que vêm e vão, evocando sentimentos e comportamentos imprevisíveis, são sintomas tristemente familiares que os médicos são chamados a tratar em hospitais todos os dias.

Griffiths admite a possibilidade de estar vendo uma forma de psicose temporária e planeja tentar identificar casos de delírio num experimento futuro, mas tem sérias dúvidas de que esse diagnóstico explique precisamente o que acontece com seus voluntários. “Pacientes que sofrem de delírios acham a sensação muito desagradável”, ressalta ele, “e certamente não relatam meses depois: ‘Uau, essa foi uma das maiores e mais significativas experiências da minha vida.’”

William James abordou essas questões de veracidade em sua discussão sobre os estados místicos de consciência. E concluiu que o sentido dessas experiências é, e deveria ser, “assunto dos indivíduos para quem elas acontecem”, mas que não há razão para que o resto de nós deva “aceitar suas revelações acriticamente”.³³ E, no entanto, ele acredita que a possibilidade de pessoas experimentarem esses estados de consciência deveria pesar na nossa compreensão da mente e do mundo: “A existência dos estados místicos derruba a pretensão de que os estados não místicos ditam de maneira única e decisiva aquilo em que podemos acreditar”.³⁴ Essas formas alternativas de consciência “podem, apesar de toda a perplexidade, ser estágios indispensáveis de nossa abordagem da plenitude final da verdade”.³⁵ Ele detectou nessas experiências, nas quais a mente “ascende a pontos de vista mais evoluídos”,³⁶ indícios de uma grande “reconciliação” metafísica: “É como se os opostos do mundo, cujas contradições e conflitos são as causas de todas as nossas dificuldades e problemas, se fundissem em

unidade.”³⁷ Essa unidade última, ele suspeitava, não era apenas ilusão.

* * *

ROLAND GRIFFITHS SOA hoje como um cientista profundamente comprometido — ou talvez novamente comprometido — com a sua pesquisa.

Descrevi para você como me senti desconectado da minha vida profissional e considerei abandoná-la quando comecei a meditar. Eu diria que estou outra vez envolvido, de uma forma mais integrada que nunca. Estou mais interessado nas perguntas finais e verdades existenciais e com o senso de bem-estar, compaixão e amor que advém dessas práticas. Agora estou trazendo essas dádivas para o laboratório. E é ótimo.

A ideia de que agora podemos abordar estados místicos de consciência com as ferramentas da ciência é o que tira Roland Griffiths da cama todas as manhãs. “Como um fenômeno científico, se você pode criar uma condição em que 70% das pessoas dizem que tiveram uma das experiências mais significativas de suas vidas [...] bem, como cientista isso é simplesmente incrível.” Para ele, a importância do estudo de 2006 foi ter provado que “podemos realizar estudos prospectivos” de estados místicos de consciência “porque podemos provocá-los com grande índice de probabilidade. Essa é a forma como a ciência realmente avança”. Ele acredita que o trabalho com psilocibina abriu toda uma nova fronteira da consciência humana para a exploração científica. “Eu me descrevo como uma criança numa loja de doces.”

A aposta que Roland Griffiths fez com a própria carreira em 1998, quando decidiu se dedicar à investigação de compostos psicodélicos e de experiências místicas, já se pagou. Um mês antes de nosso café da manhã, Griffiths recebeu um prêmio Eddy da Faculdade de Estudos sobre Problemas com Dependência em Drogas, talvez o mais respeitado prêmio de conjunto da obra da área. Todos os proponentes do prêmio citaram o trabalho de Griffiths com substâncias psicodélicas como uma de suas contribuições mais significativas. O escopo dessa pesquisa foi expandido significativamente desde o artigo de 2006; quando estive na Hopkins pela última vez, em 2015, cerca de vinte pessoas trabalhavam em diversos estudos com psicodélicos. Nunca depois de Spring Grove existiu um apoio institucional tão forte para a investigação desses compostos e nunca antes uma instituição com a reputação da Hopkins dedicou tantos recursos ao que é, no fim das contas, o estudo dos estados místicos de consciência.

O laboratório da Hopkins continua fortemente interessado em

explorar a espiritualidade e a “melhoria das condições de pessoas saudáveis” — há estudos em andamento com psilocibina envolvendo veteranos da meditação e profissionais religiosos —, mas o efeito transformador da experiência mística tem aplicações terapêuticas óbvias que também são investigadas. Pesquisas concluídas sugerem que a psilocibina — ou talvez o estado místico de consciência que ela provoca — pode ser útil no tratamento tanto do vício (um estudo-piloto sobre parar de fumar conseguiu 80% de sucesso, algo sem precedentes)³⁸ quanto da angústia que frequentemente debilita quem enfrenta um diagnóstico terminal. Quando nos encontramos pela última vez, Griffiths estava prestes a publicar um artigo relatando resultados impressionantes no estudo em laboratório com psilocibina para tratar ansiedade e depressão em pacientes com câncer; o estudo encontrou um dos melhores resultados de tratamento já demonstrados para uma intervenção psiquiátrica. A maioria dos voluntários que tiveram experiências místicas relatou que seu medo da morte diminuiu bastante ou desapareceu por completo.

Mais uma vez, surgem perguntas difíceis sobre o significado e a autoridade dessas experiências, sobretudo as que parecem convencer as pessoas de que a consciência não está confinada ao cérebro e pode, de alguma forma, sobreviver à morte. Contudo, mesmo para perguntas desse gênero, Griffiths mostra uma mente aberta e curiosa. “A fenomenologia dessas experiências é tão profundamente reorganizadora e convincente que estou disposto a afirmar que há aqui um mistério que não conseguimos entender.”

Griffiths sem dúvida percorreu um longo caminho desde o behaviorismo estrito que em algum momento moldou sua visão científica do mundo; a experiência de estados alternativos de consciência, tanto dele quanto de seus voluntários, abriu sua mente para possibilidades sobre as quais poucos cientistas se atrevem a falar de maneira aberta.

“Então o que acontece depois que você morre? Tudo que preciso é de 1% [de incerteza]. Não consigo pensar em nada mais interessante que o que posso ou não descobrir no momento em que eu morrer. Essa é a dúvida mais interessante em aberto.” Por essa razão, ele espera fervorosamente não morrer atropelado por um ônibus, mas que a morte lhe dê tempo suficiente para “aproveitar a experiência” sem a distração da dor. “O materialismo ocidental diz que o interruptor é desligado e é isso. Mas há tantas outras descrições. Pode ser um começo! Não seria incrível?”

Foi nesse momento que Griffiths virou a mesa e passou a me perguntar sobre a minha perspectiva espiritual, questionamentos para os quais eu estava completamente despreparado.

“Até que ponto você tem certeza de que não há nada depois da

morte?”, perguntou ele. Demorei para responder, e ele insistiu: “Quais são as chances, na sua opinião, de que haja algo depois da morte? Em percentual.”

“Ah, não sei”, gaguejei. “Talvez uns 2 ou 3%?” Até hoje não sei de onde veio essa estimativa, mas Griffiths se ateve a ela. “Isso é muito!” Então virei a mesa novamente e fiz a mesma pergunta a ele.

“Não sei se quero responder”, disse ele, rindo e lançando um olhar para o meu gravador. “Depende de qual papel estou desempenhando.”

Roland Griffiths tinha mais de um papel! Percebi que eu só tinha um, e isso me deixou com inveja.

Comparado a muitos cientistas — e nesse sentido a muitos modelos espirituais —, Roland Griffiths possui em grande medida o que Keats, referindo-se a Shakespeare, descreveu como “capacidade negativa”, a habilidade de existir entre incertezas, mistérios e dúvidas sem se agarrar a absolutos, sejam eles da ciência ou da espiritualidade. “Dizer que estou 100% convencido da visão materialista do mundo não faz mais sentido do que dizer que estou 100% convencido da versão literal da Bíblia.”

Em nosso último encontro, um jantar num bistrô no bairro em que ele mora em Baltimore, tentei envolvê-lo numa discussão sobre o pretenso conflito entre ciência e espiritualidade. Perguntei se ele concordava com E.O. Wilson, que escreveu que todos nós temos que, em última instância, escolher: ou o caminho da ciência ou o da espiritualidade. Mas Griffiths não vê esses dois caminhos como mutuamente excludentes e tem pouca paciência para absolutistas de qualquer um dos lados dessa suposta divisão. Em vez disso, ele espera que os dois caminhos possam ensinar um ao outro e corrigir os defeitos um do outro, e que por meio dessa troca nos ajudem a propor e possivelmente a responder as grandes questões que enfrentamos. Então li para ele uma carta de Huston Smith, o estudioso de religião comparada que em 1962 foi voluntário no Experimento da Sexta-feira Santa de Walter Pahnke. A carta foi escrita para Bob Jesse pouco depois da publicação do artigo de referência de Griffiths em 2006; Jesse compartilhou comigo a carta.

O experimento da Johns Hopkins mostra — prova — que, sob condições controladas, experimentais, a psilocibina pode provocar experiências místicas genuínas. O experimento usa a ciência, na qual a modernidade confia, para minar o secularismo da modernidade. Ao fazer isso, oferece esperança de nada menos que uma ressacralização do mundo natural e social, um renascimento espiritual que é a nossa melhor defesa não apenas contra a crueldade, mas também contra o fanatismo religioso. E ele faz isso enfrentando os preconceitos não científicos enraizados nas nossas atuais leis antidrogas.

Enquanto eu lia em voz alta a carta de Smith, um sorriso surgiu no rosto de Griffiths; ele estava claramente tocado, mas tinha pouco a

acrescentar além de um “Isso é lindo”.

HISTÓRIA NATURAL

Sob a influência de cogumelos

AO FIM DE meu primeiro encontro com Roland Griffiths, a reunião em seu escritório na Johns Hopkins em que ele me falou sobre suas próprias experiências místicas, sobre minha estimativa percentual de que possa haver vida após a morte e sobre o potencial da psilocibina para mudar a vida das pessoas, o cientista levantou da cadeira, esticou o corpo esguio e pegou um pequeno medalhão no bolso da calça.

“Presentinho para você. Mas, antes, precisa responder a uma pergunta.”

“Neste momento”, começou Griffiths, olhando fixamente nos meus olhos, “você está consciente de que está consciente?” Perplexo, pensei por um longo e constrangedor momento e respondi afirmativamente. Deve ter sido a resposta certa, porque Griffiths me entregou a moeda. De um lado havia um quarteto de longos, delgados e curvos *Psilocybe cubensis*, uma das espécies mais comuns do cogumelo mágico. No verso havia uma citação de William Blake que, como depois percebi, concilia bem o caminho do cientista com o do místico: “O verdadeiro método do conhecimento é a experiência.”

Parece que no verão anterior Roland Griffiths tinha ido pela primeira vez ao Burning Man (*eu já tinha ouvido falar nele?*) e, ao descobrir que nenhum dinheiro circulava na cidade temporária, apenas presentes, mandara fazer os medalhões de cogumelo para ter algo adequado para dar ou trocar. Agora ele dá as moedas aos voluntários dos programas de pesquisa como presente de despedida. Griffiths tinha me surpreendido mais uma vez. Ou duas. Primeiro, pelo fato de um cientista ir a um festival de arte e psicodélicos no deserto de Nevada. E, segundo, por achar adequado escolher um presente que homenageasse o próprio cogumelo da psilocibina.

Até certo ponto, o medalhão do cogumelo fazia todo sentido: afinal, a molécula com a qual Griffiths e seus colegas têm trabalhado nos últimos quinze anos vem de um fungo. Tanto o cogumelo quanto o seu composto psicoativo eram desconhecidos da ciência até a década de 1950, quando se descobriu o cogumelo da psilocibina no sul do México, onde os índios mazatecas usavam “a carne dos deuses” em

segredo, para cura e adivinhação, desde antes da conquista espanhola. Contudo, à exceção do cogumelo de cerâmica decorativo na prateleira da sala de sessões, havia poucos ou talvez nenhum lembrete dos “cogumelos mágicos” no laboratório. Ninguém com quem conversei na Hopkins mencionou o fato um tanto surpreendente de que as transformadoras experiências de vida relatadas pelos voluntários se deviam à ação de um composto químico encontrado na natureza — em um cogumelo.

No contexto do laboratório, pode ser fácil perder de vista essa realidade espantosa. Todos os cientistas que trabalham hoje na pesquisa com psilocibina usam exclusivamente uma versão sintética da molécula. (O composto psicoativo do cogumelo foi identificado, sintetizado e nomeado pela primeira vez no final dos anos 1950 por Albert Hofmann, o mesmo químico suíço que descobriu o LSD.) Os voluntários ingerem uma pequena pílula branca feita no laboratório, em vez de um punhado de saborosos cogumelos de sabor picante. Suas viagens ocorrem no ambiente de um complexo médico povoado, figurativamente falando, por homens e mulheres em jalecos brancos. Suponho que isso seja o tradicional efeito de distanciamento da ciência moderna em ação, mas aqui ele é intensificado por um desejo específico de distanciar a psilocibina de suas raízes (ou devo dizer, micélio) intrincadas nos mundos da contracultura dos anos 1960, do xamanismo dos nativos americanos e, talvez, da própria natureza. Porque é lá — na natureza — que nos deparamos com o mistério do pequeno cogumelo marrom que tem o poder de mudar a consciência dos animais que o comem. E não esqueçamos que o LSD também deriva de um fungo, o *Claviceps purpurea*, ou ergot. De alguma forma, por alguma razão, esses notáveis cogumelos produzem, além de esporos, significados para a mente humana.

No decorrer dos meus dias no laboratório da Hopkins e das horas gastas entrevistando pessoas sobre suas viagens com a psilocibina, comecei a ficar cada vez mais curioso para explorar esse outro território — isto é, a história natural desses cogumelos e seus estranhos poderes. Onde esses cogumelos crescem? E como? Por que desenvolveram a habilidade de produzir um composto químico tão parecido com a serotonina, o neurotransmissor, que podem passar pela barreira entre sangue e cérebro e temporariamente tomar conta do cérebro mamífero? Seria esse um químico de defesa, projetado para envenenar comedores de cogumelo? Essa parece ser a explicação mais simples, mas a tese é enfraquecida pelo fato de o fungo produzir o alucinógeno quase que exclusivamente no seu “corpo frutífero” — a parte do organismo que o cogumelo mais *deseja* que seja comida. Será que o cogumelo ganha alguma coisa por ser capaz de mudar as mentes dos animais que o comem? ¹

Há também as perguntas mais filosóficas propostas pela existência de um fungo que não apenas pode mudar a consciência de humanos, mas também provocar uma profunda experiência mística. Esse fato pode ser interpretado de duas formas completamente diferentes. Na primeira interpretação, o poder que a psilocibina tem de alterar a mente é um argumento em favor de uma compreensão bastante materialista da consciência e da espiritualidade, porque as mudanças observadas na mente podem ser associadas diretamente à presença de um composto químico — a psilocibina. O que é mais material do que um composto químico? Seria razoável alguém concluir, a partir da ação dos compostos psicodélicos, que os deuses não são mais do que invenções induzidas quimicamente pela imaginação dos homens.

No entanto, o surpreendente é que a maioria das pessoas que passou por essas experiências nem de longe vê a questão dessa forma. Mesmo a mais laica entre elas termina a viagem convencida da existência de algo que transcende a compreensão material da realidade: alguma espécie de “além”. Não que elas neguem a base natural para essa revelação; apenas a interpretam de modo diferente.

Se a experiência de transcendência é mediada por moléculas que fluem por nossos cérebros e pelo mundo natural das plantas e dos fungos, então talvez a natureza não seja tão muda quanto a ciência nos disse, e o “espírito”, como quer que ele seja definido, exista *lá fora* — seja imanente na natureza, em outras palavras, como acreditavam inúmeras culturas pré-modernas. Aquilo que para a minha (espiritualmente pobre) mente parece constituir um bom argumento a favor do *desencantamento* do mundo se torna na mente daqueles com maior experiência em psicodélicos prova irrefutável de seu encantamento fundamental. Carne dos deuses, de fato.

Eis um paradoxo curioso. O mesmo fenômeno que indicava uma explicação materialista para a crença espiritual e religiosa oferecia às pessoas uma experiência poderosa a ponto de convencê-las da existência da realidade imaterial — a base da crença religiosa.

Eu esperava que conhecer os “pequenos cogumelos marrons” psicoativos na base desse paradoxo me ajudasse a esclarecer o assunto ou, talvez, de alguma forma, a dissolvê-lo. Eu já era uma espécie de caçador de cogumelos, confiante na minha habilidade de identificar várias espécies florestais comestíveis (cantarelas, morchelas, trompetes-negros e porcinos) a ponto de comer o que encontrava. No entanto, fui alertado por todos os meus professores de que o mundo dos pequenos cogumelos marrons é muito mais assustador em sua complexidade e seus perigos; muitas das espécies capazes de matar, talvez a maioria, são cogumelos desse tipo. Mas talvez com alguma orientação profissional eu pudesse adicionar um *Psilocybe* ou dois a meu repertório de caçador e, no caminho, começar a decifrar o

mistério de sua existência e seus poderes assustadores.

* * *

NUNCA TIVE QUALQUER dúvida quanto a quem seria a melhor pessoa para me ajudar na minha busca, supondo que ela estivesse disposta: Paul Stamets, o micologista da Universidade do Estado de Washington que escreveu a bíblia sobre o gênero *Psilocybe* na forma do guia oficial de campo *Psilocybin Mushrooms of the World* [Cogumelos *Psilocybe* pelo mundo], de 1996. Stamets “descobriu” — isto é, identificou e descreveu em publicações científicas com revisão por pares — quatro novas espécies de *Psilocybe*, entre elas a *azureus*, batizada em homenagem a seu filho AzureusII e a espécie mais potente já encontrada. No entanto, embora seja um dos micologistas mais respeitados no país, Stamets trabalha completamente fora da academia, não tem diploma de pós-graduação, financia a maior parte da própria pesquisaIII e defende interpretações do papel dos fungos na natureza completamente diferentes do ponto de vista das autoridades acadêmicas, e que derivam de revelações concedidas a ele pelos próprios cogumelos, tanto no decorrer de estudos quanto por sua ingestão regular, como ele admite com prazer.

Conheço Stamets há anos, embora não muito bem, e sempre tive por ele, confesso, certa distância cética. Suas afirmações extravagantes sobre os poderes dos cogumelos e seu espantoso orgulho do trabalho realizado com instituições como a Darpa (a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa do Pentágono) e os Institutos Nacionais de Saúde fazem inevitavelmente soar o detector de bobagens de qualquer jornalista, com ou sem razão — como frequentemente acontece no caso dele.

Ao longo dos anos, aconteceu de nos encontrarmos algumas vezes em conferências, e portanto tive muitas oportunidades de ouvir suas palestras, que consistem em uma sedutora mistura (quase sempre brilhante) de ciência e especulação visionária, muitas vezes mal sendo possível distinguir a linha entre uma coisa e outra. O seu TED Talk de 2008, um exemplo típico, já foi visto na internet mais de 4 milhões de vezes.

Stamets, que nasceu em Salem, Ohio, em 1955, é um sujeito grande e cabeludo com barba e aspecto rústicos; não fiquei surpreso ao descobrir que ele já trabalhou como lenhador no noroeste do Pacífico. No palco, ele normalmente usa o que parece um chapéu de feltro em estilo alpino que, segundo explica, na realidade é produzido na Transilvânia a partir de um material chamado *amadou*, a camada esponjosa interna do fungo conhecido como casco do cavalo (*Fomes fomentarius*), um políporo que cresce em diversas espécies de árvores

moribundas ou já mortas. O *amadou* é inflamável e no passado era usado para acender fogueiras e transportar fogo. Ötzi, o “Homem de Gelo” de 5 mil anos encontrado mumificado numa geleira alpina em 1991, carregava em sua bolsa um pedaço de *amadou*. Em razão de suas propriedades antimicrobianas, o *Fomes fomentarius* também é usado para cobrir ferimentos e preservar comida. Stamets está tão profundamente envolvido no mundo dos fungos que muitas vezes carrega um deles no topo da cabeça.

Os fungos constituem o mais mal compreendido e subestimado reino da vida sobre a terra. Apesar de indispensáveis para a saúde do planeta (como recicladores de matéria orgânica e construtores do solo), eles são vítimas não só do nosso desprezo como também de uma má vontade enraizada, uma micofobia que Stamets interpreta como uma forma de “racismo biológico”. Deixando de lado a reputação que eles ganharam por nos envenenar, isso é uma surpresa, já que somos mais próximos, geneticamente falando, do reino Fungi do que das plantas. Como nós, eles vivem da energia que as plantas obtêm do sol. O trabalho da vida de Stamets é corrigir esse erro, ao falar publicamente em prol dos fungos e demonstrar o potencial dos cogumelos para resolver um grande número de problemas do mundo. De fato, o título de sua palestra mais popular, e o subtítulo de seu livro de 2005, *Mycelium Running*, é “Como os cogumelos podem ajudar a salvar o mundo”. Ao fim da apresentação, as ideias dele não parecem mais hiperbólicas.

Lembro a primeira vez que ouvi Stamets falar sobre “micorremediação” — o termo que ele usa para descrever a utilização de cogumelos na limpeza da poluição e do lixo industrial. Um dos trabalhos dos fungos na natureza é quebrar moléculas orgânicas complexas; sem eles, a terra já teria há muito tempo se tornado um vasto e inabitável lixo cheio de plantas e animais mortos, mas não decompostos. Então, depois que o *Exxon Valdez* encalhou na costa do Alasca em 1989, despejando milhões de litros de petróleo bruto na enseada do Príncipe Guilherme, Stamets retomou uma ideia antiga de colocar os fungos para trabalhar na decomposição de resíduos petroquímicos. Ele mostrou um slide de um monte fumegante de lama negra e oleosa antes de inocular ali esporos de cogumelos-ostras, e depois uma segunda foto da mesma pilha quatro semanas depois, quando ela havia sido reduzida a um terço e estava coberta de um manto grosso de cogumelos-ostras brancos como neve. Aquela foi uma exibição, e uma façanha alquímica, que não vou esquecer tão cedo.

Mas as aspirações de Stamets para o reino Fungi vão além de transformar lama petroquímica em solo arável. Na verdade, na visão dele, existem poucos problemas ecológicos e médicos que os cogumelos não possam ajudar a resolver.

Câncer? O extrato que Stamets produz a partir de trametes (*Trametes versicolor*) já se mostrou útil para pacientes de câncer ao estimular seu sistema imunológico. (Stamets diz ter usado o composto para ajudar a curar o câncer de mama estágio 4 de sua mãe.)

Bioterrorismo? Depois do 11 de Setembro, o programa Bioshield [Escudo Ambiental] do governo americano pediu para analisar centenas de cogumelos raros da coleção de Stamets e encontrou vários que apresentaram forte ação contra síndrome respiratória aguda severa, varíola, herpes e gripe aviária e suína. (Se isso lhe parece implausível, lembre-se de que a penicilina é produto de um fungo.)

Distúrbio do colapso das colônias? Depois de reparar num grupo de abelhas visitando uma pilha de lenha para se alimentar de micélio, Stamets identificou diversas espécies de fungos que podem reforçar a resistência das abelhas contra esse distúrbio e contra infecções.

Infestação de insetos? Há alguns anos, Stamets conseguiu a patente para um “micopesticida” — um micélio mutante do gênero *Cordyceps* que, depois de ser comido por formigas carpinteiras, coloniza seus corpos e as mata, mas não antes de induzi-las quimicamente a escalar o ponto mais alto do ambiente e estourar um cogumelo no topo de suas cabeças que libera esporos ao vento.

Na segunda ou terceira vez que vi Stamets mostrar um vídeo do *Cordyceps* fazendo essa coisa diabólica com as formigas — comandando seus corpos, fazendo-as seguir ordens e então explodindo um cogumelo sobre a cabeça dos insetos para disseminar seus genes —, me ocorreu que ele e aquela pobre formiga tinham muito em comum. Os fungos não o mataram, é verdade, e Stamets provavelmente sabe o suficiente sobre as artimanhas deles para evitar esse destino. Mas também é verdade que a vida desse homem — seu cérebro! — foi tomada pelos fungos; ele tem se dedicado à causa dos cogumelos, falando por eles da mesma forma que *O Lórax*, do Dr. Seuss, fala pelas árvores. Ele dissemina os esporos dos fungos por toda parte, mandando-os pelos correios para quem compra ou mesmo de graça, simplesmente por entusiasmo, ajudando-os assim a ampliar sua área de atuação e a espalhar sua mensagem.

* * *

NÃO ACHO QUE Paul Stamets faria objeção às coisas que estou falando sobre ele. O livro dele diz que o micélio — a vasta e branca rede de filamentos unicelulares, chamada hifa, com a qual os fungos atravessam o solo — é inteligente, forma uma “membrana consciente” e é “a rede neurológica da natureza”. O título do livro, *Mycelium Running*, pode ser lido de duas formas.^{iv} O micélio está, de fato, sempre se espalhando pela terra, onde desempenha um papel

fundamental na formação do solo, mantém as plantas e os animais saudáveis e ajuda a unir a floresta. Mas, na visão de Stamets, o micélio também comanda o show — o espetáculo da natureza em geral e, à maneira de um software neural, as mentes de algumas criaturas, incluindo a do próprio Paul Stamets, o que ele não tem problema em admitir. “Os cogumelos nos trazem uma mensagem da natureza”, ele gosta de dizer. “Estou ouvindo esse chamado.”

No entanto, mesmo algumas das noções mais surreais de Stamets têm base científica. Há anos, ele fala sobre a vasta rede de micélio no solo como a “internet natural do planeta Terra” — uma rede de comunicação redundante, complexamente ramificada e autorreparável que conecta muitas espécies através de distâncias enormes. (O maior organismo na Terra não é uma baleia ou uma árvore, mas um cogumelo — uma espécie do gênero *Armillaria* no Oregon que tem quase quatro quilômetros de extensão.) Stamets defende que essas redes de micélios são, de alguma forma, “conscientes”: percebem o ambiente circundante e são capazes de se adaptar de acordo com as necessidades. Quando ouvi essas ideias pela primeira vez, pensei que eram, na melhor das hipóteses, metáforas fantásticas. No entanto, desde então, vi aparecer um volume crescente de pesquisas científicas sugerindo que isso é bem mais do que uma metáfora. Experimentos com bolor demonstraram que esses fungos podem navegar por labirintos em busca de alimento — percebendo sua localização e crescendo na direção dela. O micélio em uma floresta *realmente* conecta as árvores, raiz por raiz, não apenas levando nutrientes a elas, mas servindo como meio de comunicação sobre ameaças no ambiente, e permite que as árvores mandem nutrientes para outras árvores na floresta de maneira seletiva.^{v 1} Uma floresta é uma entidade muito mais complexa, sociável e inteligente do que pensávamos, e são os fungos que organizam a sociedade arbórea.

As ideias e teorias de Stamets se mostraram bem mais duradouras e viáveis do que eu seria capaz de imaginar. Havia outra razão pela qual eu estava ansioso por passar algum tempo com ele: minha curiosidade em saber como a experiência que ele teve com a psilocibina coloriu seu pensamento e o trabalho que realizou durante toda uma vida. Contudo, eu não tinha certeza de que ele estaria disposto a falar publicamente sobre a psilocibina — muito menos a me levar numa caça ao cogumelo — agora que tinha um negócio bem-sucedido, oito ou nove patentes em seu nome, e estava colaborando com instituições como a Darpa, os Institutos Nacionais de Saúde e o Laboratório Nacional Lawrence Livermore. Nas entrevistas e palestras mais recentes que encontrei on-line, ele raramente falava sobre a psilocibina e com frequência omitia o guia de campo de sua lista de publicações. Além disso, tinha acabado de receber prêmios

importantes da Sociedade Americana de Micologia e da Associação Americana para o Avanço da Ciência. Paul Stamets, ao que parece, havia passado a trabalhar dentro da lei. Para mim, o momento não poderia ser pior.

* * *

POR SORTE, EU estava errado. Quando telefonei para Stamets em sua casa em Kamilche, Washington, e expliquei o que estava fazendo, ele não poderia ter se mostrado mais acessível e cooperativo. Tivemos uma longa conversa sobre cogumelos do gênero *Psilocybe*, e logo ficou claro que esse continuava a ser um assunto de seu interesse. Ele sabia tudo sobre o trabalho da Hopkins — na verdade fora consultado pela equipe da universidade quando eles procuravam uma fonte de psilocibina. Minha impressão é de que a retomada das pesquisas universitárias legítimas levou Stamets a se sentir mais confortável em reabrir esse capítulo especial de sua vida. Ele mencionou uma atualização em andamento do guia de campo da psilocibina de 1996. A única nota dissonante da conversa veio quando usei casualmente uma gíria para a psilocibina ao perguntar sobre a caça aos cogumelos alucinógenos.

“Eu realmente odeio essa palavra”, disse ele, quase sério, adotando um tom de pai que repreende o filho pela boca suja.

Nunca mais falei aquilo.

Ao final do telefonema, Stamets me convidou a visitá-lo em sua casa em Washington, na enseada de Little Skookum, na base da península Olympic. Perguntei, de brincadeira, se podia fazer a visita na época de frutificação dos *Psilocybe*. “A maioria já frutificou”, disse ele. “Mas, se você vier depois do Dia de Ação de Graças e a gente der sorte com o clima, posso levá-lo ao único lugar no mundo onde o *Psilocybe azurescens* é sempre encontrado, na foz do rio Columbia.” Ele mencionou o nome do parque no qual os encontrara no passado e me disse para reservar uma cabana lá, acrescentando: “Provavelmente é melhor não usar o meu nome.”

* * *

NAS SEMANAS QUE antecederam minha viagem para Washington, examinei o guia de campo de Stamets na esperança de me preparar para a caça. Parece que existem mais de duas centenas de *Psilocybe*, distribuídos por todo o mundo; não está claro se sempre foi assim, ou se o cogumelo seguiu os passos dos animais que se interessaram por eles. (Os humanos usam cogumelos psilocibina em rituais há pelo

menos sete mil anos, de acordo com Stamets. Mas animais às vezes os comem também, por razões ainda não esclarecidas.)²

Os *Psilocybe* são saprófitos, vivendo da matéria de plantas mortas e estrume. Habitam terras que passaram por perturbações, aparecendo com maior frequência nos habitats criados por desastres ecológicos, como deslizamentos, enchentes, tempestades e erupções vulcânicas. Também prosperam nas catástrofes ecológicas causadas por nossa espécie: florestas devastadas, clareiras abertas para a construção de estradas, no rastro dos tratores e da agricultura. (Muitas espécies vivem e prosperam no esterco de ruminantes.) Curiosamente, ou talvez *nem tanto* assim, as espécies mais potentes ocorrem com menor frequência na selva do que nas cidades; sua predileção por habitats modificados por nós permitiu que elas se espalhassem por toda parte, “seguindo correntes de destroços”, inclusive a nossa. Nos últimos anos, a prática de cobrir o solo com lascas de madeira expandiu a área de frutificação de alguns *Psilocybe* potentes antes restritos ao noroeste do Pacífico. Agora eles se reproduzem em todos os locais em que nós humanos modificamos a paisagem: jardins de subúrbios, viveiros, parques urbanos, cemitérios, paradas de descanso nas rodovias, prisões, campi universitários e até, como Stamets gosta de destacar, nos terrenos de edifícios do Judiciário e da polícia. “Os cogumelos *Psilocybe* e a civilização continuam a coevoluir”, escreve ele.³

Sendo assim, você poderia pensar que esses cogumelos são fáceis de achar. Na verdade, depois que publiquei um artigo sobre a pesquisa com psilocibina, um estudante me informou que após as chuvas de dezembro é possível encontrar *Psilocybe* no campus de Berkeley, onde leciono. “Procure nas lascas de madeira”, recomendou ele. No entanto, assim que passei a estudar as fotos no guia de campo de Stamets, desanimei com a possibilidade de identificar qualquer cogumelo da espécie, que dirá aprender a distinguir uma espécie de *Psilocybe* de outra.

A julgar pelas imagens, a espécie é apenas um monte de pequenos cogumelos marrons, na maioria dos casos totalmente indescritível. Na comparação, as espécies comestíveis com as quais estou familiarizado são tão diferentes deles quanto as tulipas das rosas, ou um poodle de um dogue alemão. Sim, todos os *Psilocybe* têm lamelas, mas isso não ajuda muito porque milhares de outros cogumelos também têm. Depois disso você tenta analisar um número desconcertante de características, nem todas compartilhadas pela classe. Alguns *Psilocybe* têm pequenos botões ou protuberâncias semelhantes a mamilos no topo — isso é chamado de umbo, como fiquei sabendo; outros não têm. Alguns são viscosos — escorregadios ou grudentos quando úmidos, o que lhes dá uma aparência brilhante. Outros são de um cinza fosco nada atraente; alguns, como o *azurescens*, têm cor

caramelo leitosa. Muitos, mas não todos, apresentam uma “película” — uma camada gelatinosa como uma camisinha cobrindo o topo, e que pode ser descascada. Meu vocabulário relativo aos fungos pode estar se expandindo, mas minha confiança está rapidamente entrando em colapso, como o cogumelo que, no decorrer de um único dia, se decompõe numa poça escura.

Ao chegar ao Capítulo 4, “Os perigos da identificação incorreta”, eu estava pronto para jogar a toalha. “Os erros na identificação de cogumelos podem ser fatais”, começa Stamets, antes de mostrar uma fotografia na qual o *Psilocybe stuntzii* é visto crescendo ao lado de um trio de indistinguíveis *Galerina autumnalis*, um pequeno cogumelo pouco digno de nota que, ao ser ingerido, “pode provocar uma morte agonizante”.⁴

Mas, embora recomende extrema cautela aos amadores que esperam identificar os *Psilocybe*, o micologista também fornece ao caçador de cogumelos que não desistiu de vez algo que chama de a “regra de Stamets”: um teste em três passos que, segundo ele (mais ou menos) afirma, pode impedir a morte e o desastre.⁵

“Como posso saber se um cogumelo é de uma espécie que produz psilocibina ou não?”

“Se um cogumelo com lamelas tem esporos que variam entre um tom marrom-arroxeadado e o preto, e apresenta um tom azulado nas contusões recentes, muito possivelmente se trata de uma espécie produtora de psilocibina.” Isso sem dúvida ajuda muito, embora eu preferisse instruções mais categóricas do que um “muito possivelmente”. Ele então oferece um alerta sóbrio. “Não conheço nenhuma exceção a essa regra”, acrescenta, “mas isso não significa que elas não existam”.

Depois de decorar a regra de Stamets, comecei a coletar alguns pequenos cogumelos marrons com lamelas bastante promissoras — nos jardins de meus vizinhos, no caminho para o trabalho, no estacionamento do banco — e em seguida os arranhei para ver se surgiam as cores preta e azul. O pigmento azul, de fato, é evidência da oxidação da psilocina, um dos dois principais compostos psicoativos do *Psilocybe*. (O outro é a psilocibina, que se transforma em psilocina após ingerida.) Para determinar se o cogumelo em questão tem esporos de tom marrom-arroxeadado ou preto, comecei a fazer impressões dos esporos. Isso significa cortar a cabeça do cogumelo e colocá-la, com a lamela para baixo, sobre um pedaço de papel branco. (Ou papel preto, se você tem razão para acreditar que o cogumelo tem esporos brancos.) Em algumas horas, o cogumelo solta seus esporos microscópicos, que vão formar um lindo padrão sombreado no papel (parecido com uma marca de batom), permitindo que você verifique se são marrom-arroxeados ou pretos — ou cor de ferrugem, o que, no

caso, significa que você tem um mortal *Galerina* nas mãos.

Talvez seja melhor aprender algumas coisas pessoalmente, e não em um livro. Assim, decidi que provavelmente devia passar um pouco mais de tempo com meu Virgílio micologista antes de tomar alguma decisão irreversível.

* * *

NA ÉPOCA DA minha visita, Paul Stamets vivia com sua companheira, Dusty Yao, e seus dois cachorrões, Plato e Sophie, numa casa grande e nova na enseada de Little Skookum, construída dentro e fora de uma pequena floresta de abetos e cedro. Como muitas espécies de fungos, Stamets nutre uma forte paixão por árvores e madeira. Cheguei numa sexta; nossa reserva no camping estava marcada para domingo à noite, então tínhamos a maior parte do fim de semana para falar sobre *Psilocybe*, comer (outros tipos de) cogumelos, visitar as instalações da Fungi Perfecti e passear pela floresta e pela praia com os cachorros antes de seguir para o sul, rumo à fronteira do Oregon, na manhã de domingo, para caçar cogumelos.

Essa foi a casa que os cogumelos construíram, Stamets me explicou, entrando na história antes que eu tivesse sequer a chance de desfazer as malas. Ela substituiu uma velha casa de fazenda que, quando Stamets se mudou, estava sendo lentamente devorada por uma infestação de formigas carpinteiras. Stamets decidiu elaborar uma solução micológica para o problema. Ele sabia precisamente qual espécie de *Cordyceps* seria capaz de acabar com a colônia de formigas, mas as formigas também sabiam: elas inspecionavam cuidadosamente cada uma das formigas da colônia para encontrar sinais de esporos de *Cordyceps* e rapidamente comiam a cabeça daquelas que estavam contaminadas, deixando o corpo longe da colônia. Stamets enganou a defesa das formigas ao criar um fungo mutante parecido com o *Cordyceps* que atrasava a liberação de esporos. Ele colocou um pouco de micélio desse fungo em um pequeno recipiente, deixou-o no chão da cozinha e durante a noite observou enquanto uma marcha de formigas levava o micélio para o ninho — elas achavam que era uma fonte de comida segura. Quando o fungo liberou os esporos, já estava dentro da colônia e as formigas não tiveram chance: o *Cordyceps* colonizou seus corpos e enviou corpos frutíferos que explodiam em suas cabeças. Era tarde demais para salvar a casa, mas, com o lucro das vendas de sua patente do fungo, Stamets pôde construir um monumento muito maior à engenhosidade micológica.

A casa era espaçosa e confortável; fiquei com toda uma ala de quartos no segundo andar à minha disposição. A sala de estar, onde passamos a maior parte daquele chuvoso fim de semana de dezembro,

tinha um teto imponente no estilo catedral, uma grande lareira e, na parede oposta, o esqueleto de um urso-das-cavernas de dois metros de altura. Sobre a lareira, um quadro de Albert Hofmann. No teto, abaixo da cúpula, uma placa grossa de vidro representando “A universalidade do arquétipo micelial” — um intrincado aglomerado de linhas azuis no céu noturno, as linhas representando ao mesmo tempo micélio, raízes, neurônios, a internet e a matéria escura.

Nas paredes em torno da escada que leva da sala de estar para o andar superior há obras de arte emolduradas, fotografias e lembranças, entre eles um diploma de conclusão dos Testes de Ácido dos Merry Pranksters, assinado por Ken Kesey e Neal Cassady. Há muitas fotografias de Dusty posando em florestas virgens com espécimes impressionantes de fungos e um colorido e grotesco quadro de Alex Grey, o decano dos artistas psicodélicos americanos. A obra de Grey é uma interpretação pessoal da chamada teoria do macaco chapado, que retrata um precoce hominídeo de aspecto energizado agarrando um *Psilocybe* enquanto um ciclone de abstrações sai voando de sua boca e sua testa. A única razão pela qual a imagem fez sentido para mim foi que alguns dias antes eu havia recebido um e-mail de Stamets referindo-se à teoria:

Quero discutir a grande probabilidade de que a teoria do macaco chapado, apresentada pela primeira vez por Roland Fischer e então popularizada/reinstituída por Terence McKenna, seja verdadeira — [a ingestão de psilocibina] provocou o rápido desenvolvimento do cérebro do hominídeo, que se tornou capaz de pensamentos analíticos e de formar ligações sociais. Você sabia que 23 primatas (inclusive humanos) consomem cogumelos e sabem distinguir o “bom” do “mau”?

Eu não sabia.

Mas esse e-mail curto e elíptico antecipou o tom do meu fim de semana com Stamets enquanto eu tentava absorver a torrente de informações e especulações sobre fungos que, como a corrente de um rio, não é possível acompanhar sem ser sacudido. O brilhantismo absoluto da visão de mundo de Stamets sob a ótica do cogumelo pode ser deslumbrante, mas depois de um tempo também se torna claustrofóbico, como só um genuíno monomaníaco ou um autodidata — e Stamets é ambas as coisas — pode ser. *Tudo se conecta* é o lema permanente desse tipo de pessoa; nesse caso, o que conecta tudo que você possa imaginar é o micélio fúngico.

Eu estava curioso para descobrir como Stamets havia chegado à sua visão de mundo micocêntrica e qual o papel que os cogumelos produtores de psilocibina, em específico, tinham desempenhado nisso. Stamets cresceu em uma cidade de Ohio próxima a Youngstown chamada Columbiana, o mais novo de cinco filhos. A empresa de engenharia do pai faliu quando ele ainda era menino, e a família foi “da riqueza à pobreza rapidamente”. O pai começou a beber muito, e

Paul passou a procurar um modelo no irmão mais velho, John.

Cinco anos mais velho, John era um aspirante a cientista — ele iria ganhar uma bolsa para estudar neuropsicologia — que mantinha um “laboratório requintado no porão”, um lugar que para Paul era a própria ideia do paraíso, mas no qual John raramente permitia que o irmão menor entrasse. “Eu achava que todas as casas tinham laboratórios, então toda vez que visitava um amigo perguntava onde ficava o laboratório. Não entendia quando me mostravam o banheiro em vez do laboratório — o lavatório.” Ganhar o respeito de John se tornou uma força motriz na vida de Paul, o que talvez explique o valor que Stamets dá ao reconhecimento das autoridades científicas a seu trabalho. John sofrera um infarto fulminante seis meses antes da minha visita e, por coincidência, no mesmo dia em que Paul recebeu a notícia de que seria homenageado pela Associação Americana para o Avanço da Ciência. Paul ainda não tinha se recuperado da morte do irmão.

Quando Paul tinha 14 anos, John falou a ele sobre os cogumelos mágicos, e, ao sair de casa para estudar em Yale, deixou para trás um livro, *Altered States of Consciousness* [Estados alterados da consciência], que causou enorme impressão em Paul. Organizado por Charles T. Tart, um psicólogo, o livro é uma antologia que serve como porta de entrada para artigos acadêmicos sobre estados extraordinários da mente, indo desde o sonho e a hipnose até a meditação e o uso dos psicodélicos. Mas a razão pela qual o livro deixou uma marca tão profunda em Stamets teve menos a ver com seu conteúdo — embora os textos fossem bem provocativos — do que com a reação que causava em certos adultos.

Meu amigo Ryan Snyder queria o livro emprestado. Os pais dele eram bem conservadores. Uma semana depois, quando eu disse que queria o livro de volta, ele começou a enrolar e atrasar. Mais uma semana se passou e, quando perguntei de novo do livro, ele finalmente confessou o que tinha acontecido. “Meus pais encontraram e queimaram.”

Eles queimaram o meu livro?! Foi um momento crucial para mim. Vi os Snyder como inimigos, tentando impedir a exploração da consciência. Mas, se essa era uma informação poderosa a ponto de eles se sentirem forçados a destruí-la, então era uma informação poderosa que agora eu tinha que ter. Por isso tenho uma dívida de gratidão com eles.

Stamets seguiu para a Kenyon College onde, ainda calouro, teve uma “experiência psicodélica profunda” que determinou a trajetória de sua vida. Desde muito criança, ele se sentia bloqueado por uma gagueira debilitante. “Era um grande problema para mim. Eu estava sempre com os olhos no chão por medo de que as pessoas tentassem falar comigo. Na verdade, um dos motivos de ter me tornado um caçador tão bom de cogumelos é que eu estava sempre olhando para

baixo.”

Numa tarde de primavera, quase no fim do primeiro ano na faculdade, enquanto andava sozinho por uma trilha cercada por árvores perto do campus, Stamets comeu um saco inteiro de cogumelos, talvez uns dez gramas, achando que fosse uma dose adequada. (Quatro gramas já é uma dose forte.) Quando a psilocibina começou a fazer efeito, Stamets viu um carvalho particularmente bonito e decidiu que ia escalá-lo. “Enquanto escalo a árvore, vou literalmente ficando mais ‘alto’ à medida que subo mais.” Então o céu começa a escurecer, e relâmpagos surgem no horizonte. O vento sopra forte enquanto a tempestade se aproxima e a árvore começa a balançar.

Começo a sentir vertigem, mas não posso descer da árvore. Estou “alto” demais, então só enrolo os braços em torno da árvore e me seguro, abraçando forte. A árvore se torna o *axis mundi*, me prendendo à terra como uma raiz. “Esta é a árvore da vida”, penso; ela está se expandindo até o céu e me conectando ao universo. E então percebo: vou ser atingido por um raio! A cada poucos segundos um novo estrondo ecoa aqui, ali, em tudo à minha volta. À beira da iluminação, vou ser eletrocutado. Esse é o meu destino! O tempo todo eu estava sendo lavado pela chuva quente. Chorando muito, todo ensofado, mas também me sentindo unido ao universo.

Então digo a mim mesmo, quais são os meus problemas se eu sobreviver a isso? Paul, eu disse, você não é estúpido, mas a gagueira o está atrapalhando. Você não consegue olhar nos olhos das mulheres. O que devo fazer? *Pare de gaguejar agora mesmo* — e isso virou meu mantra. *Pare de gaguejar agora mesmo*, eu disse várias e várias vezes.

Uma hora a tempestade passou. Desci da árvore, voltei para o meu quarto e fui dormir. Essa foi a experiência mais importante da minha vida até aquele momento, eis o motivo: na manhã seguinte, estou andando pela calçada e encontro uma garota de quem eu gostava. Uma menina fora do meu alcance. Ela está andando na minha direção e diz: “Bom dia, Paul. Como vai?” Olho para ela e digo: “Estou ótimo.” Sem gaguejar. E depois disso quase não gaguejei mais.

E foi aí que eu percebi que queria investigar esses cogumelos.

* * *

NUM PERÍODO INCRIVELMENTE curto, Stamets se transformou num dos principais especialistas do país no gênero *Psilocybe*. Em 1978, aos 23 anos, ele publicou seu primeiro livro, *Psilocybe Mushrooms and Their Allies* [Cogumelos *Psilocybe* e seus aliados] — no caso, os aliados somos nós, os animais que mais ajudaram a espalhar os genes do fungo e (algo que Stamets agora via como a sua missão) seu evangelho planetário.

Stamets não recebeu sua formação em micologia na Kenyon, faculdade que abandonou depois de apenas um ano, mas na Faculdade

Estadual de Evergreen, que em meados dos anos 1970 era uma nova faculdade experimental em Olympia, Washington, onde os estudantes podiam determinar sozinhos sua própria trajetória de estudo independente. Um jovem professor chamado Michael Beug, especializado em química ambiental, aceitou como orientandos Stamets e outros dois promissores estudantes de micologia igualmente obcecados: Jeremy Bigwood e Jonathan Ott. Beug não era um micologista de formação, mas os quatro dominaram o assunto juntos, com a ajuda de um microscópio eletrônico e de uma licença da DEA que Beug de alguma forma conseguiu. Usando essas armas, os quatro voltaram sua atenção para um gênero que o resto dos micologistas normalmente preferia deixar de lado, num silêncio desconfortável.

Ilegais desde 1970, na época os cogumelos *Psilocybe* interessavam principalmente ao movimento de contracultura, por ser uma alternativa mais branda e natural ao LSD, mas pouco se sabia sobre seu habitat, distribuição, ciclo de vida e potência. Acreditava-se que os cogumelos psicodélicos eram nativos do sul do México, onde R. Gordon Wasson os “descobriu”, em 1955. Na década de 1970, a maior parte da psilocibina em circulação nos Estados Unidos era importada da América Latina ou cultivada domesticamente a partir de esporos de espécies latino-americanas, em especial a *cubensis*.

O grupo da Evergreen alcançou façanhas notáveis: identificou e publicou três novas espécies produtoras de psilocibina; aperfeiçoou os métodos para cultivá-los dentro de casa e desenvolveu técnicas para medir os níveis de psilocina e psilocibina nos cogumelos. Mas talvez a contribuição mais importante do grupo tenha sido mudar o eixo de atenção das pessoas que se interessavam pelos *Psilocybe* do sul do México para a costa noroeste dos Estados Unidos. Stamets e seus colegas estavam achando novas espécies de *Psilocybe* em seu entorno e publicando as descobertas. “Quase dava para sentir o eixo da Terra se inclinando para este cantinho do mundo.” Por toda a costa noroeste do país, lembra Stamets, era possível encontrar pessoas andando por fazendas e gramados seguindo padrões peculiares, com as costas arqueadas no que ele chama de “inclinação da psilocibina”.

Durante esse período, a costa noroeste surgiu como o novo centro de gravidade da cultura psicodélica americana, com a Faculdade Estadual de Evergreen servindo de eixo intelectual e centro de pesquisa e desenvolvimento. No começo de 1976, Stamets e seus colegas organizaram uma série de lendárias conferências sobre cogumelos, juntando no mesmo local os principais nomes tanto das autoridades credenciadas da ciência quanto das alas amadoras do mundo psicodélico, e, durante a minha primeira noite em sua casa, Stamets desenterrou algumas fitas VHS da última conferência, em 1999. A gravação foi feita por Les Blank, mas, como ninguém nunca

conseguia ficar sóbrio o suficiente para fazer a edição, o que era comum nesses encontros psicodélicos, o registro permanece em estado bruto.

O termo “conferência” talvez não faça jus ao que mostrava a televisão de Stamets. Assistimos à chegada em grande estilo de vários dos participantes — vi o Dr. Andrew Weil, mais conhecido por seus livros sobre medicina holística; o químico psicodélico Sasha Shulgin e sua esposa, Ann; e o micologista Gary Lincoff, do Jardim Botânico de Nova York — a uma escola pintada de forma psicodélica num ônibus escolar conduzido por Ken Kesey. (O ônibus era chamado de Farther, o sucessor de Further, o ônibus original dos Merry Prankster, que evidentemente não está mais em condições de circular.) Os procedimentos lembravam mais uma orgia dionisiaca do que uma conferência, embora tenham acontecido discussões sérias. Jonathan Ott apresentou uma palestra brilhante sobre a história dos “enteógenos” — termo que ajudou a criar. Ele traçou seu uso desde os mistérios eleusinos dos gregos, passando pela “inquisição farmocrática”, quando os conquistadores espanhóis reprimiram os cultos mesoamericanos com cogumelos, por fim chegando à “reforma enteógena”, que está em curso desde que R. Gordon Wasson descobriu que esses cultos sobreviveram no México. Durante a palestra, Ott fez uma referência improvisada ao “sacramento-placebo” da eucaristia católica.

Então chegou a parte da filmagem do grande baile de fantasias com closes demorados de uma grande tigela de ponche batizada com dezenas de tipos de cogumelos psicodélicos. Stamets apontou diversos micologistas e etnobotânicos importantes entre os foliões, muitos fantasiados como tipos específicos de fungos — *Amanita muscaria*, cogumelo-de-paris e assim por diante. Stamets aparecia vestido de urso.

Alguns minutos de uma gravação bruta de pessoas fantasiadas “viajando” com cogumelos mágicos e dançando despreocupadamente ao som de uma banda de reggae parecem horas, e logo desligamos a tv. Perguntei a Stamets sobre as primeiras versões da conferência, algumas das quais parecem ter tido uma proporção mais interessante entre substância intelectual e orgia dionisiaca. Em 1977, por exemplo, Stamets teve a oportunidade de recepcionar dois de seus heróis: Albert Hofmann e R. Gordon Wasson, cujo artigo de 1957 na revista *Life* descrevendo a primeira viagem de psilocibina jamais feita por um ocidental — ele mesmo — ajudou a inaugurar a revolução psicodélica nos Estados Unidos.

Stamets mencionou que colecionava exemplares daquela edição da *Life*, que às vezes aparecem no eBay e em feiras de quinquilharias, e antes de ir dormir paramos no escritório dele para que eu desse uma

olhada na revista. A edição é de 13 de maio de 1957, e Bert Lahr está na capa, posando para a câmera com fraque e chapéu-coco. Mas o título de maior destaque foi dedicado ao célebre artigo de Wasson: “A descoberta dos cogumelos que causam visões estranhas.” Stamets disse que eu podia ficar com um exemplar, e o levei para ler na cama.

* * *

OLHANDO EM RETROSPECTO, é difícil acreditar que a psilocibina foi apresentada ao Ocidente por um vice-presidente da J.P. Morgan nas páginas de uma revista de grande circulação de propriedade de Henry Luce; seria difícil imaginar dois personagens mais representativos do *establishment*. Mas, em 1957, os psicodélicos ainda não tinham adquirido nenhum dos estigmas culturais e políticos que, uma década depois, pesariam sobre nossas atitudes a respeito deles. Na época, o LSD não era conhecido fora da comunidade de profissionais de saúde, que o considerava uma droga possivelmente milagrosa para o tratamento de doenças psiquiátricas e do alcoolismo.

Na verdade, o fundador e editor-chefe da *Time-Life*, Henry Luce, bem como sua mulher, Clare Boothe Luce, tinham conhecimento pessoal dos psicodélicos e compartilhavam do entusiasmo que as elites médicas e culturais demonstravam por eles na década de 1950.⁶ Em 1964, Luce contou numa reunião de funcionários que ele e a esposa haviam tomado LSD “sob supervisão médica”; Clare Boothe Luce lembraria que durante sua primeira “viagem” nos anos 1950 ela viu o mundo “pelos olhos de uma criança feliz e superdotada”.⁷ Antes de 1965, quando surgiu um pânico moral em torno do LSD, as publicações da *Time-Life* eram fervorosas promotoras dos psicodélicos, e Luce se envolveu pessoalmente no processo, direcionando o modo como a revista cobria o assunto.

Por isso, ao procurar a *Life* com sua história, R. Gordon Wasson não podia ter batido numa porta mais acolhedora. A *Life* ofereceu a ele um contrato generoso que, além da quantia significativa de 8.500 dólares, garantia que ele aprovasse a versão final do texto, assim como a formulação das manchetes e legendas.⁸ O contrato especificava que o relato de Wasson incluiria “a descrição de suas próprias sensações e fantasias sob a influência dos cogumelos”.⁹

Folheando as páginas da revista na cama naquela noite, o mundo de 1957 parecia um planeta distante, mesmo que eu tivesse vivido nele quando era uma criança de 2 anos de idade. Meus pais assinavam a *Life*, e a edição provavelmente deve ter ficado numa grande pilha em nosso escritório durante boa parte da minha infância. A *Life* era um veículo de comunicação de massa em 1957, com circulação de 5,7 milhões de exemplares.¹⁰

“Em busca do cogumelo mágico”, no qual “um banqueiro de Nova York vai para as montanhas do México a fim de participar de rituais antigos de índios que mascam plantas estranhas que produzem visões”,¹¹ começava numa página dupla com uma foto colorida de página inteira de uma mazateca assando um cogumelo numa fogueira e seguia por nada menos do que quinze páginas. A manchete é a primeira referência conhecida aos “cogumelos mágicos”, uma expressão que, no fim das contas, não foi criada por um hippie entorpecido, mas por um editor da *Time-Life*.

“Mascamos e engolimos esses cogumelos de gosto picante, tivemos visões e saímos da experiência impressionados”, Wasson nos conta, de um jeito abrupto, já no primeiro parágrafo.

Vimos de longe para participar de um ritual com cogumelos, mas não esperávamos nada tão assombroso como o virtuosismo das *curanderas* que comandam o ritual e os efeitos surpreendentes dos cogumelos. [O fotógrafo] e eu éramos os primeiros homens brancos na história registrada a comer os cogumelos sagrados, que por séculos permaneceram um segredo de certos povos indígenas que viviam longe da civilização no sul do México.

Wasson passa então a narrar a história improvável de como alguém como ele, “um banqueiro”, pode acabar comendo cogumelos mágicos no chão de terra do porão de uma casa de adobe com teto de palha numa cidade de Oaxacan, tão remota que só se pode chegar a ela após uma viagem de onze horas pelas montanhas nas costas de uma mula.

A história começa em 1927, durante a lua de mel de Wasson em Catskills. Numa caminhada vespertina pelos bosques de outono, a noiva dele, uma médica russa chamada Valentina, viu alguns cogumelos selvagens, “se ajoelhou como em adoração” diante deles. Wasson não sabia nada sobre “aquelas excrescências putrefatas e traiçoeiras” e ficou assustado quando Valentina propôs cozinhá-los para o jantar. Ele se recusou a participar. “Fazia pouco tempo que eu estava casado”, escreveu Wasson, “e pensei que acordaria viúvo no dia seguinte”.

O casal começou a ficar curioso a respeito de como duas culturas podiam reagir de forma tão diametralmente oposta em relação aos cogumelos. Logo embarcaram num projeto de pesquisa para entender as origens tanto da “micofobia” quanto da “micofilia”, termos cunhados pelos Wasson. Eles concluíram que cada povo indo-europeu tem uma herança cultural ou micofóbica (por exemplo, anglo-saxões, celtas e escandinavos) ou micofílica (russos, catalães e eslavos) e propuseram uma explicação para os sentimentos fortes nos dois campos: “Não é provável que, há muito tempo, antes do início da história escrita, nossos ancestrais tenham adorado o cogumelo sagrado? Isso explicaria a aura sobrenatural na qual todos os fungos parecem estar banhados.”^{vi} A próxima pergunta lógica era “que tipo

de cogumelo foi adorado no passado e por quê?”, e com ela em mente o casal embarcou numa investigação de trinta anos em busca do cogumelo sagrado. Eles esperavam encontrar indícios favoráveis à teoria audaciosa que Wasson havia desenvolvido e que iria ocupá-lo até sua morte: uma teoria segundo a qual o impulso religioso da humanidade teve início com visões inspiradas por um cogumelo psicoativo.

Sendo um financista de renome, R. Gordon Wasson dispunha dos recursos e das conexões necessárias para convocar todos os tipos de especialistas e estudiosos para a sua busca. Uma dessas pessoas era o poeta Robert Graves, que compartilhava do interesse de Wasson pelo papel dos cogumelos na história e nas origens comuns dos mitos e religiões do mundo. Em 1952, Graves enviou a Wasson um recorte de uma revista de pesquisa farmacêutica que fazia referência a um cogumelo psicoativo utilizado pelos índios mesoamericanos do século XVI. O artigo se baseava em pesquisas feitas na América Central por Richard Evans Schultes, um etnobotânico de Harvard que estudava o uso de plantas psicoativas e fungos pelas culturas indígenas. Schultes era um professor reverenciado pelos alunos, que se lembram dele estourando bolas de chiclete durante as aulas, bem como da cesta de peiotes que mantinha junto à porta de seu gabinete em Harvard; ele treinou uma geração de etnobotânicos americanos, como Wade Davis, Mark Plotkin, Michael Balick, Tim Plowman e Andrew Weil. Ao lado de Wasson, Schultes é uma das poucas pessoas cujo papel em trazer os psicodélicos para o Ocidente acabou subestimado; na verdade, algumas das primeiras sementes desse movimento estavam literalmente no herbário de Harvard desde 1930, mais de um quarto de século antes de Timothy Leary chegar ao campus. Foi Schultes quem identificou pela primeira vez o *teonanácatl* — o cogumelo sagrado dos astecas e seus descendentes —, assim como as *ololiuhqui*, as sementes da glória-da-manhã, que os astecas também consumiam de forma ritual e que contêm um alcaloide muito semelhante ao LSD.

Até esse momento os Wasson estavam procurando pelo cogumelo divino na Ásia; Schultes redirecionou a busca, fazendo com que o casal se voltasse para as Américas, onde havia relatos esparsos de missionários e antropólogos que sugeriam que um antigo culto ao cogumelo podia ter sobrevivido nas vilas remotas das montanhas do sul do México.

Em 1953, Wasson fez a primeira de dez viagens para o México e a América Central, várias das quais tiveram como destino o vilarejo de Huautla de Jiménez, incrustado na montanha de Oaxaca, onde um de seus informantes, um missionário, informara a ele que curandeiros usavam os cogumelos. No começo, os nativos permaneceram discretos. Alguns diziam a Wasson nunca terem ouvido falar dos cogumelos, ou

falavam que eles não eram mais usados, ou que a prática agora só existia em outra vila, mais distante.

A discrição não surpreende. O uso ritual de cogumelos psicoativos foi mantido em segredo dos ocidentais por quatrocentos anos, desde o momento em que teve de passar para a clandestinidade, logo após a conquista espanhola. O melhor relato que temos da prática é do padre missionário espanhol Bernardino de Sahagún, que no século XVI descreveu o uso de cogumelos nos costumes religiosos dos astecas.

Estes eram comidos com mel antes do amanhecer, e eles também bebiam cacau antes do amanhecer. Os cogumelos que comiam com mel os aqueciam, e eles começavam a dançar, e cantar um pouco, e alguns choravam [...] Alguns não queriam cantar, mas iam se deitar nos quartos e ficavam imersos em pensamentos. Alguns tinham visões de que estavam morrendo e choravam, e outros imaginavam estar sendo comidos por um monstro, ou sendo levados como prisioneiros de guerra [...] Outros ainda se viam cometendo adultério e achavam que teriam as cabeças esmagadas por isso [...] Então, quando a embriaguez do cogumelo passava, eles conversavam sobre as visões.¹²

Os espanhóis tentaram suprimir os cultos de cogumelo, pois os viam, não sem razão, como uma ameaça mortal à autoridade da igreja. Um dos primeiros padres que Cortés levou ao México para cristianizar os astecas declarou que os cogumelos eram a carne “do demônio que eles adoravam, e [...] com essa comida amarga eles recebiam em comunhão seu deus cruel”.¹³ Os índios eram interrogados e torturados para confessar a prática, e estátuas de cogumelos sagrados — muitas delas esculturas de basalto cinzelado com mais de trinta centímetros de altura, presumivelmente usadas nas cerimônias religiosas — foram destruídas. A Inquisição faria inúmeras acusações contra nativos americanos por crimes que envolviam tanto o peiote quanto a psilocibina, no que se transformou numa das primeiras batalhas da guerra contra as drogas — ou, para ser mais preciso, da guerra contra certas plantas e fungos. Em 1620, a Igreja Católica Romana declarou que o uso de plantas para adoração era “um ato de superstição condenado como oposto à pureza e integridade da sua Sagrada Fé Católica”.¹⁴

Não é difícil ver por que a igreja reagiu com tanta violência ao uso sacramental do cogumelo. A palavra Nahuatl para os cogumelos — “carne dos deuses” — deve ter soado aos ouvidos espanhóis como um desafio direto ao sacramento cristão, o qual, naturalmente, é também entendido como a carne dos deuses, ou melhor, de um Deus. No entanto, o sacramento do cogumelo tinha uma vantagem sobre a versão cristã. É preciso ter fé para acreditar que comer o pão e beber o vinho da eucaristia dá ao crente acesso ao divino, um acesso que precisa ser mediado por um padre e pela liturgia da igreja. Compare isso ao sacramento asteca, um cogumelo psicoativo que permite a quem quer que o coma acesso direto e não mediado ao divino —

visões de outro mundo, o reino dos deuses. Assim, quem tinha o sacramento mais poderoso? Como os índios mazatecas disseram a Wasson, os cogumelos “o levam aonde deus está”.¹⁵

A Igreja Católica Romana pode ter sido a primeira instituição a reconhecer a ameaça que a planta psicodélica representava à sua autoridade, mas certamente não foi a última.

* * *

NA NOITE DE 29 para 30 de junho de 1955, R. Gordon Wasson experimentou o cogumelo sagrado.¹⁶ Em sua terceira viagem a Huautla, ele convenceu María Sabina, uma mazateca de 61 anos, curandeira respeitada na vila, a deixar que ele e seu fotógrafo não apenas observassem, mas fizessem parte de uma cerimônia da qual nenhum estrangeiro jamais havia participado. A *velada*, nome dado à cerimônia, aconteceu depois do anoitecer no porão da casa de uma autoridade local que Wasson havia conquistado como aliado, em frente a um altar simples “adornado com imagens cristãs”. Para proteger sua identidade, Wasson chamou Sabina de “Eva Mendez”, percebendo “uma espiritualidade em seu rosto que nos impressionou na mesma hora”. Depois de limpar os cogumelos e passá-los pela fumaça purificadora do incenso, Sabina entregou a Wasson uma caneca contendo seis pares de cogumelos, que ela chamou de “as pequenas crianças”. O gosto era horrível: “Picante com um odor rançoso persistente.” Apesar disso, “eu não poderia estar mais feliz: essa era a coroação de seis anos de buscas”.

As visões que se seguiram “tinham cores vívidas, sempre harmoniosas. Começaram com padrões artísticos, angulares, como os que poderiam decorar um tapete ou um papel de parede [...] Então evoluíram para palácios com pátios, arcadas, jardins — lugares resplandecentes totalmente revestidos por pedras semipreciosas. Então vi uma besta mitológica desenhando uma carruagem real”. E assim por diante.

As anotações de campo originais de Wasson estão na biblioteca botânica de Harvard. Numa caligrafia clara, mas também idiossincrática, ele manteve registros meticulosos do tempo naquela noite, da chegada (20h15) à ingestão (22h40) e ao apagar da última vela (22h45).

Depois disso, a escrita se desintegra. Algumas frases aparecem escritas ao contrário, e as descrições de Wasson sobre o que ele sentiu e viu vão se partindo gradualmente em fragmentos.

Náusea com a visão distorcida. Tocando a parede — fez o mundo das visões parecer desmoronar. Luz vindo de cima da porta e abaixo — lua. A mesa assumiu novas formas — criaturas, um veículo grande de procissão, padrões arquitetônicos

de cores radiantes. Náusea. Sem fotos uma vez que [ilegível] nos tomou.

Arquitetônico

Olhos fora de foco — as velas nós vimos em dobro.

Esplendor oriental — Alhambra — carruagem

Mesa transformada

Contraste visão e realidade — eu toco parede.

“As visões não eram vagas ou embaçadas”, escreve ele. Na verdade, “pareciam mais reais para mim que qualquer coisa que eu tenha visto com meus próprios olhos”. Nesse ponto, o leitor começa a sentir a mão literária de Aldous Huxley exercendo certa pressão tanto na prosa quanto nas percepções de Wasson. “Senti que agora estava vendo com clareza, e que a visão comum nos dá uma visão imperfeita.” As portas da percepção de Wasson haviam sido escancaradas: “Estou vendo os arquétipos, as ideias platônicas, que fundamentam as imagens imperfeitas da vida cotidiana.” Ler Wasson é como testemunhar as convenções ainda frescas e maleáveis da narrativa psicodélica se solidificando aos poucos diante dos seus olhos. Se Aldous Huxley inventou essas metáforas, ou foi apenas um estenógrafo delas, é difícil dizer, mas elas iriam moldar o gênero, bem como a experiência dali em diante. “Pela primeira vez a palavra êxtase pareceu adquirir significado real”, relembra Wasson. “Pela primeira vez não significou o estado mental de outra pessoa.”

Wasson concluiu a partir dessa experiência que sua hipótese de trabalho de que as raízes da experiência religiosa estavam nos fungos psicoativos tinha sido comprovada.

No passado evolucionário do homem [...] deve ter havido um momento em que ele descobriu o segredo dos cogumelos alucinatórios. O efeito deles, na minha opinião, só pode ter sido profundo a ponto de gerar novas ideias. Porque o cogumelo revelou a ele mundos além dos horizontes conhecidos, no espaço e no tempo, e mesmo mundos em um plano de existência diferente, um paraíso e talvez um inferno [...] É possível até mesmo se perguntar se eles não plantaram no homem primitivo a própria ideia de um Deus.

O que quer que se pense sobre essa ideia, é válido destacar que Wasson foi a Huautla com ela já firmemente plantada na cabeça e que estava disposto a distorcer vários elementos de sua experiência a fim de confirmá-la. Por mais que ele queira que nós vejamos María Sabina como uma figura religiosa, e sua cerimônia como uma forma do que ele chama de “comunhão sagrada”, ela se via de maneira completamente diferente. O cogumelo pode ter sido usado como sacramento quinhentos anos antes, mas em 1955 muitos mazatecas tinham se tornado católicos devotos, e agora o usavam não para adoração, mas para cura e adivinhação — para localizar pessoas perdidas e itens importantes. Wasson sabia muito bem disso, e foi por essa razão que teve de usar ardis para granjear acesso a uma

cerimônia: ele disse a María Sabina que estava preocupado com o filho em casa e queria informações sobre o seu paradeiro e bem-estar. (O assustador é que ele recebeu informações que, segundo descobriu no retorno a Nova York, eram precisas nos dois casos.) Wasson estava distorcendo uma prática indígena complexa de forma a se encaixar numa teoria preconcebida e combinando o significado histórico dessa prática com seu significado contemporâneo. Como Sabina contou numa entrevista anos depois, “antes de Wasson ninguém tomava o cogumelo apenas para encontrar Deus. Eles eram sempre consumidos para curar os doentes”.¹⁷ Um dos críticos mais duros de Wasson, o escritor inglês Andy Letcher apontou acidamente: “Para encontrar Deus, Sabina, como todo bom católico, ia à missa.”¹⁸

* * *

O ARTIGO DE Wasson na *Life* foi lido por milhões de pessoas (entre eles um professor de psicologia que estava a caminho de Harvard chamado Timothy Leary). A história chegou a outras dezenas de milhões de pessoas quando foi compartilhada no popular programa de notícias da CBS *Person to Person*,¹⁹ e nos meses seguintes várias outras revistas,²⁰ inclusive a *True: The Man's Magazine*, publicaram relatos em primeira pessoa de viagens com o cogumelo mágico (“O vegetal que enlouquece o homem”), para as quais Wasson cedera os cogumelos. (Ele voltara com um suprimento de fungos e coordenava cerimônias em seu apartamento em Manhattan.) Uma exposição sobre o cogumelo mágico foi inaugurada no Museu Americano de História Natural em Nova York.²¹

Logo depois que o artigo foi publicado na *Life*, Wasson fez com que algumas amostras dos cogumelos mexicanos fossem enviadas a Albert Hofmann na Suíça para análise. Em 1958, Hofmann isolou e nomeou outros dois compostos psicoativos, a psilocina e a psilocibina, e desenvolveu a versão sintética desta última que é usada nos estudos atuais.²² Hofmann também experimentou os cogumelos. “Trinta minutos depois de comer o cogumelo”, escreveu, “o mundo exterior começou a mudar de um jeito estranho. Tudo adquiriu um ar mexicano”.²³ Em 1962, Hofmann se juntou a Wasson em uma de suas viagens a Huautla, durante a qual deu psilocibina em comprimido para María Sabina.²⁴ Ela tomou dois comprimidos e declarou que, de fato, eles continham o espírito do cogumelo.^{vii}

Não demorou muito para que milhares de pessoas — entre eles celebridades como Bob Dylan, John Lennon e Mick Jagger — encontrassem o caminho para Huautla e até a porta de María Sabina.^{viii} Para ela e sua vila, a atenção foi péssima. Wasson, mais tarde, assumiria ter sido responsável por “desencadear na adorável

Huautla uma torrente de exploração comercial do tipo mais vil”, como escreveu em 1970 num lamurioso editorial no *New York Times*.²⁵ Huautla se tornou primeiro uma meca dos beatniks, depois dos hippies, e os cogumelos sagrados, antes um segredo cuidadosamente guardado, passaram a ser vendidos de maneira aberta nas ruas. Os vizinhos de María Sabina a culpavam pelo que estava acontecendo com a vila; sua casa foi queimada, e ela ficou presa por um tempo. Ao se aproximar do fim da vida, María tinha apenas arrependimento por ter dividido os cogumelos sagrados com R. Gordon Wasson e, consequentemente, com o mundo. “A partir do momento em que os estrangeiros chegaram”, disse a um visitante, “as crianças santas perderam a pureza. Elas perderam a força; foram estragadas pelos estrangeiros. Daqui em diante não farão mais bem nenhum”.²⁶

* * *

QUANDO DESCI NA manhã seguinte, Paul Stamets estava na sala de estar, organizando sua coleção de pedras de cogumelos na mesinha de centro. Eu tinha lido sobre esses artefatos, mas nunca tinha visto ou tocado um, e eles eram impressionantes: pedaços de basalto esculpidos grosseiramente em vários tamanhos e formatos. Alguns eram simples e pareciam cogumelos gigantes; outros tinham uma base com três ou quatro pés, e outros uma figura esculpida na haste (ou caule). Milhares dessas pedras foram destruídas pelos espanhóis, mas sabe-se que duzentas sobreviveram, e Stamets tem dezesseis delas. A maior parte das pedras sobreviventes foi encontrada no planalto guatemalteco, quase sempre por agricultores enquanto aravam a terra; e algumas datam de 1000 a.C.

Enquanto carregava as pesadas pedras, uma a uma, do armário para a mesa de centro, onde as organizou com muito cuidado, Stamets lembrava bastante um coroinha, manipulando-as com a sobriedade apropriada a objetos sagrados insubstituíveis. Ocorreu-me que Paul Stamets é o herdeiro de R. Gordon Wasson. (Wasson também colecionava pedras de cogumelos, algumas das quais vi em Harvard.) Ele compartilha de sua cosmologia micocêntrica e, para onde quer que olhe, vê indícios do papel central ocupado pelos cogumelos psicoativos na cultura, na religião e na natureza. Seu notebook está cheio de imagens de *Psilocybe* registradas não apenas na natureza (ele é um excelente fotógrafo), mas também em pinturas rupestres, petroglifos do Norte da África, na arquitetura medieval de igrejas e motivos islâmicos, alguns dos quais lembram o formato dos cogumelos ou, com seus padrões geométricos fractais, experiências com cogumelos. Confesso que, mesmo tentando, várias vezes não consegui encontrar os cogumelos escondidos nas figuras. Sem dúvida os

próprios cogumelos poderiam ajudar.

Isso nos leva à teoria do macaco chapado de Terence McKenna, a epítome de toda a especulação micocêntrica, que Stamets queria discutir comigo. Muito embora ler não substitua a experiência de ouvir McKenna expondo sua tese (você pode encontrá-la no YouTube),²⁷ ele a resume em *O alimento dos deuses* (1992): os *Psilocybe* deram a nossos ancestrais hominídeos “acesso a reinos de poder sobrenatural”,²⁸ “catalisaram a necessidade humana de autorreflexão”²⁹ e “nos tiraram da mente animal, nos levando para o mundo da linguagem articulada e da imaginação”.³⁰ Esta última hipótese sobre a invenção da linguagem se vale do conceito de sinestesia, a confusão de sentidos que os psicodélicos sabidamente provocam: sob a influência da psilocibina, números podem se tornar cores, cores se ligam a sons e assim por diante. A linguagem, defende McKenna, representa um caso especial de sinestesia, no qual sons que normalmente não teriam significado se ligam a conceitos. Daí o macaco chapado: ao nos dar os dons da linguagem e da autorreflexão, o *Psilocybe* nos fez o que somos, transformando nossos primatas ancestrais no *Homo sapiens*.

A teoria do macaco chapado não é muito suscetível a provas ou refutações. O consumo de cogumelos por hominídeos dificilmente deixaria algum traço nos registros fósseis, pois cogumelos são de tecido mole e podem ser comidos crus, o que não requer nenhuma ferramenta especial ou método de processamento que pudesse ter sobrevivido. McKenna nunca explica de fato como o consumo de cogumelos psicoativos poderia ter influenciado a evolução biológica — isto é, provocado mudanças no genoma. Teria sido mais fácil para ele argumentar que os fungos psicoativos influenciaram a *evolução cultural* — assim como fez Wasson —, mas evidentemente os fungos tinham planos mais ambiciosos para a mente de Terence McKenna, e este ficou feliz em fazer o que eles queriam.

Stamets se tornou amigo de McKenna durante seus últimos anos de vida, e, desde a morte deste último (aos 53 anos, de câncer no cérebro), defende a causa do macaco chapado, recontando a teoria de McKenna em muitas palestras. Stamets admite a dificuldade de conseguir prová-la de forma satisfatória, mas ainda considera “bastante provável” que a psilocina “tenha sido fundamental para a evolução humana”. O que há nesses cogumelos, pensei, e nas experiências que eles promovem na mente humana, que incentiva esse tipo de extravagância intelectual e de convicção?

As histórias de micoevangelistas como McKenna parecem narrativas de conversão, nas quais certas pessoas que sentiram o poder desses cogumelos ressurgem da experiência convencidas de que eles são as forças motrizes — deuses de algum tipo — que podem explicar tudo.

A missão profética deles se torna clara: levar essa boa-nova ao mundo!

Agora considere a questão do ponto de vista do cogumelo: o que pode ter começado como um acidente bioquímico se transformou numa estratégia engenhosa para aumentar a área de atuação e o tamanho da população da espécie, ao ganhar a devoção fervorosa de um animal engenhoso e bastante viajado (e falante!) como o *Homo sapiens*. Na visão de McKenna, foi o próprio cogumelo que ajudou a formar o tipo de mente — dotada das ferramentas da linguagem e alimentada pela imaginação — que melhor poderia promover seus interesses. Diabolicamente brilhante! Não me surpreende que Paul Stamets esteja convencido da inteligência deles.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, antes de pôr as coisas nos carros para nossa viagem rumo ao Sul, Stamets me deu outro presente. Estávamos no escritório dele, olhando imagens no computador, quando ele tirou da prateleira uma pequena pilha de chapéus de *amadou*. “Veja se um desses serve em você.” A maior parte dos chapéus de cogumelo era grande para mim, mas encontrei um que ficou confortável e agradei o presente. O chapéu era surpreendentemente macio e não pesava quase nada, mas me senti um pouco tolo com um cogumelo na cabeça, por isso o guardei com cuidado na bagagem.

No início da manhã de domingo dirigimos para oeste rumo à costa do Pacífico e então seguimos para o sul, para o rio Columbia, parando para almoçar e comprar provisões para o acampamento na cidade turística de Long Beach. Considerando que já estávamos na primeira semana de dezembro, a cidade parecia bastante tranquila e sonolenta. Stamets pediu que eu não publicasse a localização exata do lugar em que fomos caçar os *Psilocybe azurescens*. O que posso dizer é que há três parques públicos que fazem fronteira com a foz do rio Columbia — Fort Stevens, Cape Disappointment e o Lewis and Clark National Historical Park — e que ficamos em um deles. Stamets, que há anos caça cogumelos aqui, estava um pouco paranoico em ser reconhecido por algum guarda florestal, e por isso ficou no carro enquanto fiz o check-in e peguei um mapa com instruções para chegar à nossa cabana.

Assim que descarregamos e arrumamos nossa bagagem, calçamos as botas e saímos em busca dos cogumelos. O que significa apenas que andamos pela região com os olhos fixos no chão, traçando padrões desconexos pelos arbustos ao longo das dunas e das áreas de grama perto das cabanas. Adotamos a postura arqueada dos caçadores de psilocibina, exceto por levantarmos a cabeça sempre que ouvíamos um carro se aproximar. Colher cogumelos é proibido na maioria dos

parques estaduais, e a posse de cogumelos produtores de psilocibina é crime tanto estadual quanto federal.

A previsão do tempo era de temperatura na casa dos dez graus — um bálsamo nessa região tão ao norte na costa do Pacífico em dezembro, quando o clima pode ser frio, úmido e com tempestades. Tínhamos o parque todo para nós. Era uma paisagem impressionante e desolada, com pinheiros baixos e angulosos moldados pelos ventos do oceano, praias com extensas faixas de areia e muitos restos de madeira e pedaços de árvores carregados pelo rio e espalhados aqui e ali. Esses troncos de alguma forma escaparam das mãos da indústria madeireira, boiando pelo Columbia desde as florestas antigas centenas de quilômetros rio acima até serem depositados aqui.

Stamets suspeita que o *Psilocybe azurescens* pode originalmente ter saído da floresta dentro desses troncos e encontrado seu caminho até aqui, na foz do Columbia — até o momento o único lugar onde a espécie jamais foi encontrada. Um pouco de micélio realmente costuma se insinuar dentro das veias das árvores, estabelecendo residência e formando uma relação simbiótica com a planta. Stamets acredita que o micélio funciona como uma espécie de sistema imunológico para sua hospedeira arbórea, secretando compostos antibacterianos, antiviróticos e inseticidas que protegem as árvores das doenças e pragas, em troca de alimento e lugar para morar.

Enquanto caminhávamos em voltas e espirais pelas dunas cobertas de grama, Stamets manteve um diálogo micológico constante; uma das vantagens de caçar cogumelos é que você não precisa se preocupar em espantá-los com o som da sua voz. De vez em quando ele parava para me mostrar um cogumelo. Pequenos cogumelos marrons são notoriamente difíceis de identificar, mas Stamets quase sempre sabia seu nome em latim e alguns fatos interessantes sobre o exemplar. A certa altura, ele me entregou um *Russula* e explicou que era comestível. Mordi o topo com cuidado antes de cuspir; era muito apimentado. Evidentemente, oferecer a novatos esse tipo particular de *Russula* é um trote aplicado por velhos micologistas.

Vi muitos pequenos cogumelos marrons que podiam ou não ser *Psilocybe* e interrompia Stamets o tempo todo para pedir que ele identificasse um espécime, e em todas as vezes ele teve que estourar minha bolha de esperança de ter encontrado minha pedra preciosa. Depois de uma ou duas horas de busca inútil, Stamets se perguntou em voz alta se não tínhamos vindo muito tarde para os *azurescens*.

Então, de repente, num sussurro animado, ele gritou: “Achamos!” Corri em direção a ele, pedindo que deixasse o cogumelo onde estava para que eu pudesse ver onde e como eles crescem. Eu esperava que isso me permitisse “pôr os olhos” no cogumelo, como os caçadores gostam de dizer. Depois que registramos na retina o padrão visual do

objeto que estamos procurando, é muito mais provável que ele se destaque ao aparecer no nosso campo de visão.

Era um cogumelo pequeno e bonito, com chapéu liso e ligeiramente brilhante, cor de caramelo. Stamets deixou que eu o colhesse; ele tinha uma raiz surpreendentemente firme, e, ao sair do solo, trouxe junto um pedaço de folha, terra e um pequeno nó de micélio branco e brilhante. “Arranhe um pouco a haste”, sugeriu Stamets. Arranhei e em minutos apareceu uma cor azul no local onde eu havia esfregado. “Isso é a psilocina.” Eu nunca esperara realmente *ver* o químico sobre o qual tanto tinha lido.

O cogumelo estava crescendo perto da nossa cabana, bem na borda de um local de estacionamento. Stamets afirma que, como muitas espécies produtoras de psilocibina, “os *azurescens* são organismos de limite ecológico. Veja onde estamos: no limite do continente, de um ecossistema, da civilização, e é claro que esses cogumelos nos levam ao limite da consciência”. Nesse momento, ouvi Stamets, que quando se trata de cogumelos é um homem muito sério, contar sua primeira piada: “Sabe, um dos melhores indicadores do *Psilocybe azurescens* são os trailers.” Nós obviamente não éramos as primeiras pessoas a caçar a espécie no parque, e qualquer um que colha cogumelos deixa para trás uma trilha invisível de esporos; essa, ele acredita, é a origem da ideia do pó de fada. No fim de muitas dessas trilhas é provável que exista um acampamento, um carro ou um trailer.

Encontramos sete *azurescens* naquela tarde, embora na realidade “nós” aqui signifique Stamets; eu encontrei apenas um e mesmo assim não estava muito certo de que era um *Psilocybe* até que Stamets me deu um sorriso e assentiu. Eu jurava que aqueles cogumelos eram iguaizinhos à meia dúzia de outras espécies que eu havia encontrado. Stamets pacientemente me ensinou sobre a morfologia do cogumelo, e no dia seguinte minha sorte melhorou e encontrei quatro pequenas beldades cor de caramelo por conta própria. Não foi uma grande caçada, mas Stamets me disse que um só desses cogumelos já era capaz de provocar uma expedição psíquica significativa.

Naquela noite, com cuidado, depositamos nossos sete cogumelos numa toalha de papel e os fotografamos antes de colocá-los no aquecedor da cabana para secar. Em algumas horas o ar quente transformou o cogumelo, que já era pequeno, numa coisinha cinza e azul minúscula e enrugada que seria fácil de perder. Era difícil acreditar que algo tão desprezível pudesse ter uma consequência tão grande.

Eu estava ansioso para experimentar um *azurescens*, mas, antes que a noite terminasse, Stamets acabou com meu entusiasmo. “Acho os *azurescens* quase fortes demais”, ele me disse quando estávamos fora da cabana, junto da fogueira, tomando uma cerveja. Depois que

anoiteceu, fomos até a praia caçar moluscos usando a luz dos faróis do carro; e agora os estávamos salteando no fogo com cebolas.

“E os *azurescens* têm um efeito colateral que algumas pessoas acham preocupante.”

Então?

“Paralisia temporária”, disse ele com naturalidade. Stamets explicou que algumas pessoas que ingerem *azurescens* descobrem que não conseguem mover os músculos por certo tempo. Isso pode ser tolerável se você está num lugar seguro, sugeriu ele, “mas e se você estiver ao ar livre e o clima ficar frio e úmido? Você pode morrer de hipotermia”. Não é uma boa propaganda para os *azurescens*, especialmente vindo do homem que descobriu e nomeou a espécie. De repente minha pressa de experimentar o cogumelo diminuiu bastante.

* * *

A PERGUNTA QUE continuava voltando à minha mente naquele fim de semana era: por que, afinal, um fungo iria se ocupar em produzir um composto químico que tem um efeito tão radical na mente dos animais que o comem? O que esse químico peculiar faz para o cogumelo, se é que faz algo? É possível elaborar uma explicação quase mística para esse fenômeno, como Stamets e McKenna fizeram: ambos sugerem que a neuroquímica é a linguagem que a natureza usa para se comunicar conosco e que ela está tentando nos contar algo importante através da psilocibina. Mas isso me parece mais um conceito poético do que uma teoria científica.

A melhor resposta que consegui obter chegou a mim algumas semanas depois como cortesia do professor de Paul Stamets na Universidade Estadual de Evergreen, Michael Beug, o químico. Quando consegui falar com ele por telefone em sua casa no desfiladeiro do rio Columbia, 250 quilômetros rio acima do local em que acampamos, Beug me disse que estava aposentado e não vinha pensando muito nos *Psilocybe* nos últimos tempos, mas que ficara intrigado com a minha pergunta.

Perguntei se havia alguma razão para acreditar que a psilocina seja uma defesa química do cogumelo. A defesa contra pragas e doenças é a função mais comum dos chamados metabólitos secundários produzidos em plantas. O curioso é que, muitas toxinas de plantas não matam diretamente as pragas, agindo com frequência como psicoestimulantes e venenos, motivo pelo qual usamos muitas delas como drogas para alterar a consciência. Por que as plantas simplesmente não matam seus predadores? Talvez porque isso pudesse ser logo superado pela evolução, ao passo que mexer com a rede de neurotransmissores do predador pode fazer com que ele se distraia ou,

melhor ainda, adote comportamentos de risco que provavelmente encurtarão sua vida. Pense num inseto embriagado que se comporta de forma a atrair a atenção de um pássaro faminto.

Mas Beug me disse que, se a psilocibina fosse um químico de defesa, “meu ex-aluno Paul Stamets há tempos teria achado uma forma de usá-la como antifúngico, bactericida ou inseticida”. De fato, Beug havia testado fungos para determinar seus níveis de psilocibina e psilocina e encontrara apenas uma quantidade desprezível no micélio — a parte do organismo que deveria estar mais bem protegida. “As substâncias químicas na verdade estão nos corpos frutíferos — às vezes chegando a mais de 2% do peso seco do cogumelo!”, uma quantidade estupenda, e numa parte do organismo cuja defesa não é prioritária.

Mesmo que a psilocibina tenha surgido nos cogumelos como “um acidente do caminho metabólico”, o fato de não ter sido descartada durante a evolução da espécie sugere que ela deve oferecer algum benefício. “Meu melhor palpite”, diz Beug, “é que os cogumelos que produzem mais psilocibina acabaram sendo comidos de forma mais seletiva e seus esporos acabaram se disseminando de forma mais ampla”.

Comidos por quem ou o quê? E por quê? Beug diz que muitos animais são notórios consumidores dos cogumelos produtores de psilocibina, e isso inclui cavalos, gado e cachorros. Alguns, como as vacas, parecem não ser afetados, mas muitos também parecem apreciar uma mudança de consciência de vez em quando. Beug é responsável por reunir relatos de envenenamento por cogumelo para a Associação Norte-Americana de Micologia e, com o passar dos anos, viu relatos de cavalos alucinando no pasto e cachorros que “ficam imóveis olhando o *Psilocybe* e parecem estar alucinando”. Muitas espécies de primatas (além da nossa) também são conhecidas pelo apreço aos cogumelos psicodélicos. Presume-se que os animais que gostam de estados alterados de consciência ajudaram a espalhar a psilocibina amplamente. “Os ramos da espécie que produzem mais psilocibina e psilocina tendem a ser favorecidos e aos poucos se tornam mais disseminados.”

Ingeridos em doses pequenas, os cogumelos psicodélicos podem ter melhorado a condição física dos animais ao aumentar a sensibilidade sensorial e possivelmente a concentração. Um artigo de revisão de 2015 publicado no *Journal of Ethnopharmacology* relatava que muitas tribos pelo mundo dão plantas psicoativas para seus cachorros como forma de melhorar suas habilidades de caça.^{IX}

Em doses maiores, no entanto, seria possível pensar que a intoxicação por cogumelos psicodélicos se tornaria uma grande desvantagem para a sobrevivência dos animais, e sem dúvida isso é

verdade em muitos casos. Mas, para alguns poucos, os efeitos podem oferecer algum valor adaptativo, não apenas para eles mesmos, mas também para seu grupo ou mesmo sua espécie.

Aqui nós nos aventuramos num terreno muito especulativo, e ligeiramente traiçoeiro, guiados pelo etnobotânico italiano Giorgio Samorini. Em um livro intitulado *Animals and Psychedelics: The Natural World and the Instinct to Alter Consciousness* [Animais e psicodélicos: o mundo natural e o instinto de alterar a consciência], Samorini discute a hipótese de que, durante períodos de crise ou de mudanças rápidas no ambiente, um grupo pode melhorar suas chances de sobrevivência caso alguns membros abandonem suas respostas comuns e condicionadas e experimentem comportamentos radicalmente novos e diferentes. Assim como no caso de mutações genéticas, muitas dessas novidades se mostram desastrosas e são descartadas pela seleção natural. Mas a lei da probabilidade sugere que alguns dos novos comportamentos podem acabar sendo úteis, ajudando o indivíduo, o grupo e talvez a espécie a se adaptar às rápidas mudanças no ambiente.

Samorini chama isso de “fator de despadroneização”.³¹ Há momentos na evolução das espécies em que os antigos padrões não mais as beneficiam, e os comportamentos e percepções radicais e inovadoras inspirados pelos compostos psicodélicos podem oferecer uma chance melhor de adaptação. Pense nisso como uma fonte de variação na população neuroquimicamente induzida.

É difícil ler a fascinante teoria de Samorini sem pensar na nossa espécie e nas circunstâncias complicadas em que nos encontramos hoje. O *Homo sapiens* talvez tenha chegado a um desses períodos de crise que clamam por um pouco de despadroneização mental e comportamental. Poderia ser esse o motivo de a natureza nos ter enviado essas moléculas psicodélicas agora?

* * *

ESSA IDEIA NÃO pareceria nem um pouco exagerada para Paul Stamets. Enquanto estávamos em torno da fogueira, com a luz quente refletindo em nossos rostos e o jantar cozinhando na panela, Stamets me contou o que os cogumelos haviam lhe ensinado sobre a natureza. Ele se mostrava expansivo, eloquente, grandioso e, em alguns momentos, corria o grave risco de escapar dos laços da plausibilidade. Tomamos algumas cervejas, e, embora não tenhamos tocado em nosso minúsculo estoque secreto de *azurescens*, fumamos um pouco de maconha. Stamets falou por bastante tempo sobre a ideia da psilocibina como um químico mensageiro enviado pela Terra, e sobre como nós fomos eleitos, em virtude de dominarmos a dádiva da

consciência e da linguagem, a ouvir seu chamado e agir antes que seja tarde demais.

“Plantas e cogumelos têm inteligência e querem que a gente cuide do meio ambiente, então se comunicam conosco de uma forma que a gente possa entender.” Por que nós? “Nós humanos somos a maior população bípede do planeta, então alguns fungos e plantas estão especialmente interessados em recrutar o nosso apoio. Penso que eles devem ter uma consciência e estão o tempo todo tentando conduzir nossa evolução ao falarem conosco bioquimicamente. Só temos que ser ouvintes melhores.”

Esses eram os refrões que eu já tinha ouvido Stamets usar em inúmeras palestras e entrevistas. “Os cogumelos me ensinaram sobre a interconexão entre todas as formas de vida e a matriz molecular que todos compartilhamos”, disse ele em outra oportunidade. “Não penso mais em mim mesmo como um invólucro contendo uma vida humana chamada Paul Stamets. Sou parte de um fluxo de moléculas que circulam pela natureza. Recebi uma voz, recebi a capacidade de ter consciência por um período, mas sinto que sou parte deste continuum de pó das estrelas no qual nasci e para o qual retornarei no fim desta vida.” Stamets lembrava muito os voluntários que conheci na Hopkins que tiveram uma experiência mística completa, pessoas cuja autoconsciência como indivíduos foi absorvida por um papel maior — uma forma de “consciência unificadora” que, no caso de Stamets, envolveu-o na teia da natureza, no papel de um servo nem tão humilde assim.

“Acho que os *Psilocybe* me deram novas ideias que talvez me permitam ajudar a guiar e acelerar a evolução dos fungos de modo que possamos encontrar soluções para os nossos problemas.” Especialmente num período de crise ecológica, sugere ele, não podemos nos dar ao luxo de esperar que a evolução, desenvolvendo-se em sua velocidade usual, apresente essas soluções a tempo. Que comece a despadronização.

Enquanto Stamets defendia suas ideias, não pude deixar de visualizar mentalmente o quadro de Alex Grey do macaco chapado, com um ciclone de pensamentos voando para fora de sua cabeça peluda. Muito do que Stamets tem a dizer se equilibra numa faixa perigosamente estreita, entre os voos especulativos de um autodidata e os monólogos de fim de noite de alguém chapado, e em certo momento todo mundo que está ouvindo cansa e resolve ir dormir. Mas, assim que eu me via impaciente diante de seus meandros e começava a ouvir o chamado de meu saco de dormir vindo lá de dentro da cabana, ele ou eu tomávamos uma nova direção e as profecias micológicas de repente apareciam a mim numa luz mais generosa.

No dia anterior, Stamets tinha me levado num passeio pelos laboratórios e estufas da Fungi Perfecti, a empresa que fundou assim que saiu da universidade. Instalado no meio da floresta a uma pequena distância da casa dele, o complexo Fungi Perfecti é formado por uma série de longos prédios brancos de metal que lembram barracões militares ou pequenos hangares. Na área externa há pilhas de pedaços de madeira, fungos descartados e meios de cultura. Alguns prédios servem como salas de cultivo onde ele planta espécies medicinais e comestíveis enquanto outros abrigam sua estrutura de pesquisa, com salas limpas e câmaras de fluxo laminar nas quais Stamets reproduz fungos de culturas de tecidos e conduz seus experimentos. Nas paredes do escritório encontramos várias de suas patentes emolduradas. Em meio à torrente de palavras, o que observei nesses prédios foi um lembrete salutar de que, embora Stamets sem dúvida fale bastante, ele é muito mais do que um tagarela. Ele também faz as coisas acontecerem, é um pesquisador de sucesso e um empreendedor que está usando os fungos para oferecer contribuições originais numa grande variedade de campos, da medicina e restauração ambiental à agricultura e silvicultura e até mesmo à defesa nacional. Stamets é um cientista de fato, embora de um tipo especial.

Exatamente que tipo de cientista ele era eu só fui compreender melhor algumas semanas depois, quando li uma maravilhosa biografia de Alexander von Humboldt, o grande cientista alemão do século XIX (e colega de Goethe) que revolucionou nossa compreensão sobre o mundo natural. Humboldt acreditava que só com os nossos sentimentos, os sentidos e a imaginação — isto é, com as faculdades da subjetividade humana — é possível penetrar os segredos da natureza. “A natureza em todo lugar fala com o homem em uma voz” que é “familiar à sua alma”.³² Existem uma ordem e uma beleza organizando o sistema da natureza — um sistema que Humboldt, após considerar brevemente o nome “Gaia”, escolheu chamar de “Cosmos” —, mas elas jamais se teriam revelado a nós não fosse pela imaginação humana, em si um produto da natureza, do próprio sistema que nos permite compreender. O conceito moderno do cientista que tenta observar a natureza com objetividade perfeita, como se estivesse numa posição externa a ela, seria um anátema para Humboldt. “Eu mesmo sou idêntico à natureza.”³³

Se Stamets é um cientista, como acredito que seja, seu molde é humboldtiano, o que o torna uma espécie de anacronismo. Não estou sugerindo que suas contribuições sejam da mesma dimensão das de Humboldt. Mas ele também é um amador no melhor sentido da palavra, autodidata, sem credenciais e feliz em ultrapassar limites disciplinares. Também é um naturalista bem-sucedido e inventor, com

inúmeros créditos de novas espécies e patentes. Também ouve a voz da natureza, e é a sua imaginação — geralmente selvagem — que lhe permite ver sistemas onde ninguém mais vê, como o que acontece sob nossos pés numa floresta. Penso, por exemplo, na “internet da Terra”, na “rede neurológica da natureza” e no “sistema imunológico da floresta” — três metáforas de sonoridade romântica contra as quais seria tolo apostar.

O que me chama a atenção a respeito de Stamets e outros cientistas ditos românticos (como Humboldt e Goethe, Joseph Banks, Erasmus Darwin, e eu incluiria Thoreau) é como a natureza parece mais viva nas mãos deles do que logo se tornaria nas mãos frias dos profissionais. Esses cientistas (uma palavra criada em 1834) mais especializados aos poucos transferiram a ciência para dentro dos laboratórios e passaram a olhar a natureza cada vez mais por meio de dispositivos que lhes permitem observar o que é invisível ao olho humano. Esse movimento sutilmente mudou o objeto de estudo — de fato, fez com que ele se transformasse em algo mais semelhante a um objeto.

Em vez de enxergarem a natureza como uma coleção de objetos distintos, os cientistas românticos — e incluo Stamets entre eles — veem nela uma densa rede de sujeitos, cada qual agindo sobre o outro na grande dança que viria a ser chamada de coevolução. “Tudo”, diz Humboldt, “é interação e recíproco”.³⁴ Eles veem essa dança de sujeitos por cultivarem o ponto de vista da planta, do animal, dos micróbios e dos fungos — perspectivas que dependem tanto da imaginação quanto da observação.

Suspeito que o salto imaginativo tenha se tornado algo mais difícil para nós, modernos. Nossa ciência e tecnologia nos incentivam a tomar a direção precisamente inversa, rumo à objetificação da natureza e de todas as espécies que não sejam a nossa. Sem dúvida precisamos reconhecer o poder prático dessa perspectiva, que tanto nos ofereceu, mas também deveríamos reconhecer seus custos, materiais e espirituais. Em todo caso, essa maneira mais antiga e mágica de ver as coisas ainda pode nos render dividendos, como faz (para citar apenas um pequeno exemplo) quando permite que Paul Stamets descubra que o motivo de as abelhas gostarem de visitar pilhas de madeira é de fundo médico: elas mordiscam o micélio saprófico porque ele produz exatamente o composto antimicrobiano de que as colmeias precisam para sobreviver, um presente que os fungos dão a elas em troca... do quê? Resta imaginar um motivo.

VOCÊ PROVAVELMENTE DEVE estar se perguntando o que aconteceu com os *azurescens* que eu e Stamets encontramos naquele fim de semana. Muitos meses depois, no meio de uma semana de verão que passamos numa casa na Nova Inglaterra onde tínhamos morado, um lugar cheio de memórias, eu e Judith os comemos. Amassei quatro pequenos cogumelos, dois em cada copo, e derramei água quente sobre eles para fazer um chá; Stamets havia recomendado que eu “cozinhasse” os cogumelos para destruir os compostos que poderiam incomodar o estômago. Judith e eu tomamos, cada um, meio copo, ingerindo tanto o líquido quanto os pedaços de cogumelo. Sugeri que andássemos pela estrada de terra perto de casa enquanto esperávamos a psilocibina agir.

No entanto, depois de apenas vinte minutos, Judith disse que estava “sentindo coisas”, nenhuma delas agradável. Ela não queria mais andar, disse, mas agora estávamos a quase dois quilômetros de casa. Ela me falou que sua mente e seu corpo pareciam estar se separando e então a mente voou para fora da cabeça e para cima das árvores, como um pássaro ou um inseto.

“Preciso voltar para casa e me sentir segura”, pediu, agora com certa urgência. Tentei tranquilizá-la enquanto dávamos meia-volta e começávamos a andar mais rápido. Fazia calor e o ar estava úmido e pesado. Ela disse: “Não quero mesmo encontrar ninguém.” Garanti que não íamos encontrar ninguém. Ainda me sentia mais ou menos o mesmo, mas pode ser que a tensão de Judith estivesse me impedindo de sentir o efeito dos cogumelos; alguém tinha que estar pronto para agir normalmente caso um vizinho aparecesse dirigindo por perto e abaixasse a janela do carro para conversar, uma possibilidade que rapidamente tomava as proporções de um pesadelo. E, de fato, pouco antes de chegarmos ao nosso ninho — e agora era essa a impressão que a casa nos passava —, vimos a picape de um vizinho passando por nós e, como crianças arterias, nos escondemos no meio do mato até que ele desaparecesse de vista.

Judith foi direto para o sofá da sala de estar, onde deitou com as cortinas fechadas, enquanto eu fui até a cozinha para terminar a minha xícara de chá, já que não sentia muito os efeitos do cogumelo. Eu estava um pouco preocupado com ela, mas, assim que chegamos em casa e Judith se aninhou no sofá, seu humor melhorou muito e ela disse estar se sentindo bem.

Não entendi o desejo dela de ficar dentro de casa. Fui para fora e sentei na varanda por um tempo, ouvindo os sons do jardim, que se tornaram, de repente, muito altos, como se o volume estivesse no máximo. O ar estava completamente parado, mas o som inconstante dos insetos voando e o zumbido digital dos beija-flores aumentaram até formar uma cacofonia que eu jamais tinha ouvido. Aquilo

começou a mexer com os meus nervos, até que decidi que seria melhor aceitar o som como lindo, e então, de uma vez só, ele ficou mesmo lindo. Levantei um braço, depois um pé, e notei com alívio que não estava paralisado, apesar de não ter vontade de mover um músculo.

Sempre que fechava os olhos, imagens aleatórias surgiam como se minhas pálpebras fossem uma tela. Minhas anotações registram: *padrões fractais, túneis mergulhando na folhagem, vinhas formando grades*. Mas, quando comecei a entrar em pânico devido à falta de controle sobre meu campo visual, descobri que tudo que tinha que fazer para restaurar meu senso de seminormalidade era abrir os olhos. Abrir e fechar os olhos era como mudar de canal. Pensei: “Estou aprendendo a lidar com essa experiência.”

Muito aconteceu ou pareceu acontecer no decorrer daquela tarde de agosto, mas quero me concentrar em apenas um elemento da experiência, porque tem a ver com questões sobre a natureza e nosso lugar dentro dela que a psilocibina parece suscitar, pelo menos para mim. Decidi que queria ir até a minha “casa de escrever”, uma pequena estrutura que construí há 25 anos, uma época que hoje parece outra vida, e que me traz muitas memórias. Escrevi dois livros e meio naquela pequena sala (um deles sobre a construção dela), sentado diante de uma grande janela que dá para um lago e o jardim da nossa casa.

No entanto, eu ainda estava um pouco preocupado com Judith, e antes de me afastar demais da casa fui dar uma olhada nela. Ela estava esticada no sofá, com um pano úmido sobre os olhos. Estava bem. “Estou vendo imagens muito interessantes”, disse ela, algo sobre as manchas na mesa de centro ganharem vida, girando, se transformando e emergindo da superfície. Ela deixou claro que queria ficar sozinha para mergulhar completamente nas imagens — Judith é pintora. A expressão “jogo paralelo” me veio à mente, e então foi assim que o resto da tarde passou.

Botei o pé para fora me sentindo um pouco instável, as pernas parecendo feitas de borracha. O jardim zumbia com atividade, libélulas traçando padrões intrincados no ar, as infrutescências das papoulas chocalhando como cobras quando passei por elas, o flox perfumando o ar com seu aroma doce e pesado e o próprio ar tão palpavelmente denso que tinha que ser atravessado. A palavra e o significado de “pungente” me inundaram durante a caminhada pelo jardim, e voltariam mais tarde. Talvez porque não morássemos mais lá, e esse jardim — onde passamos tantos verões como casal e depois, como família, e que no momento parecia tão fortemente *presente* — fosse, na realidade, parte de um passado irrecuperável. Era como se uma memória preciosa tivesse não apenas sido retomada, mas na

realidade voltasse à vida, uma reencarnação ao mesmo tempo linda e cruel. Também dolorosa era a efemeridade do momento, a maturidade de um jardim da Nova Inglaterra no fim de agosto, à beira da mudança de estação. Antes de anoitecer, numa noite de céu limpo, muito em breve e sem aviso, o barulho, as flores e o perfume iriam embora de uma só vez, com a chegada do gelo fatal. Eu me senti completamente exposto em termos emocionais, indefeso.

Quando por fim cheguei à casa de escrever, me estiquei na cama, algo que quase nunca tive tempo de fazer em todos os anos que trabalhei ali com tanto empenho. As prateleiras haviam sido esvaziadas, e o lugar parecia abandonado, um pouco triste. De onde eu estava deitado, podia ver acima dos dedos dos pés a janela, e, depois dela, uma cerca viva agora densamente entretecida de vinhas de uma venerável trepadeira, uma *petiolaris*. Fui eu que plantei a trepadeira décadas atrás, na esperança de criar exatamente esse tipo de gradeado vivo. Iluminadas pelo sol de fim de tarde, suas folhas redondas preenchem a janela por completo, levando-me a ver o mundo através de seu verde vivo. Parecia que eram as folhas mais lindas que eu já tinha visto. Era como se elas emitissem seu próprio brilho verde. E achei que era um privilégio poder olhar o mundo lá fora através delas, como se as folhas bebessem o restinho de luz do sol, transformando os fótons em uma nova matéria. *O ponto de vista de uma planta* — era isso, e *de verdade!* Mas as folhas também olhavam para mim, me prendendo nesse olhar absolutamente benigno. Eu podia sentir sua curiosidade e aquilo que sem dúvida era uma atitude de benevolência em relação a mim e à minha espécie. (Preciso dizer que sei o quanto isso parece maluco? Eu sei!)

Senti como se estivesse em comunhão direta com uma planta pela primeira vez e como se certas ideias sobre as quais já vinha pensando e escrevendo há muito tempo — ideias sobre a subjetividade das outras espécies e a maneira como elas atuam sobre nós, que não conseguimos compreender por sermos autocentrados demais — tivessem sido revestidas pela carne do sentimento e da realidade. Olhei através dos espaços formados pelas folhas da trepadeira para direcionar meu olhar para o pântano de bordos no meio do prado, e ele também parecia mais vivo do que qualquer árvore que eu já tivesse visto, inspirado por algum tipo de espírito — igualmente benevolente. A ideia de que havia uma divergência entre a matéria e o espírito parecia risível, e tive a impressão de que, fosse lá o que fosse, aquilo que em geral me mantinha separado do mundo lá fora tinha começado a desaparecer. Não completamente: as batalhas do ego não haviam terminado; isso não era o que os pesquisadores chamam de uma experiência mística “completa”, porque mantive a percepção de que havia um “eu”. Mas as portas e janelas da percepção estavam

completamente abertas e deixavam entrar uma quantidade muito maior do mundo e da miríade de personalidades não humanas que o habitam do que em qualquer outro momento anterior.

Animado, sentei e olhei para minha mesa, através da grande janela que dá vista para a parte de trás da casa. Quando decidi onde construiria a pequena casa, tomei o cuidado de colocar a vista principal entre duas árvores antigas e veneráveis, um freixo alto e impassível à direita e um carvalho elegantemente angular e cheio de galhos intrincados à esquerda. O freixo já teve dias melhores: tempestades arrancaram dele vários galhos importantes, destruindo sua simetria e deixando alguns tocos maltratados. O carvalho estava um pouco mais saudável, coberto de folhas e com os galhos apontando para o alto como os braços de um dançarino. Mas o tronco principal, que sempre fora inclinado para um lado, agora me deixou preocupado: uma parte tinha saído da terra e, pela primeira vez, era possível olhar claramente através dele e ver a luz do sol. Como era possível que ainda estivesse em pé?

Enquanto eu olhava essas árvores que já tinha visto tantas vezes da minha mesa, de repente me ocorreu que elas eram — *obviamente!* — meus pais: o sólido freixo era meu pai, e o carvalho elegante, minha mãe. Não sei exatamente qual o significado disso, exceto que pensar sobre essas árvores se tornou o mesmo que pensar sobre meus pais. Eles estavam completa e indelevelmente presentes nessas árvores. E então pensei em tudo que eles me deram, e tudo que o tempo havia feito com eles, e no que aconteceria com essa paisagem, com esse lugar (*esse eu!*), quando eles enfim caíssem, como certamente acontecerá. Descobrir que seus pais morrem não é bem uma epifania, mas a ideia, agora já não distante e abstrata, me marcou de forma mais profunda do que nunca, e fui mais uma vez desarmado pelo sentimento onipresente de “pungência” que me perseguiu a tarde toda. Contudo, eu ainda devia ter *algum* controle sobre mim mesmo, porque fiz uma pequena anotação para ligar para o jardineiro no dia seguinte; talvez fosse possível fazer algo para reduzir o peso no lado torto do carvalho, para impedir a queda, mesmo que só por mais algum tempo.

Acho que minha caminhada de volta para casa foi o ápice da experiência e revejo-a agora com as cores e os tons de um sonho. Havia novamente a sensação de estar empurrando meu corpo através de uma massa de ar adocicada pelo flox e tomada por uma atividade quase frenética. As libélulas, grandes como pássaros, zuniam com força total, mergulhando no ar apenas o suficiente para beijar o flox e voltar para o alto, antes de atravessar alucinadamente o jardim. Era a maior quantidade de libélulas que eu já tinha visto num mesmo lugar, tantas que não tenho certeza se eram reais. (Judith confirmou a visão

para mim quando a convenci a sair de casa.) E, enquanto executavam seu padrão de voo, elas deixavam para trás trilhas permanentes no ar, ou pelo menos era o que me parecia. Com o anoitecer chegando, o tráfego aéreo no jardim adquiriu um crescendo desenfreado — os polinizadores fazendo suas últimas voltas do dia, as plantas ainda acenando para eles com suas flores: *eu, eu, eu!* De certa forma eu conhecia bem essa cena — o jardim voltando brevemente à vida depois que o calor de um dia de verão começa a ceder —, mas nunca me sentira tão integrado a ela. Eu não era mais um observador humano alienado, olhando para o jardim à distância, seja literal ou figurativamente, e me sentia parte e parcela de tudo que estava acontecendo ali. As flores estavam se comunicando comigo tanto quanto com os polinizadores, e, talvez porque o ar da tarde fosse uma presença tão palpável, a tradicional percepção de si mesmo como um objeto a observar objetos no espaço — objetos que foram soltos e tornados distintos pelo aparente vazio que os cerca — deu lugar à sensação de estar profundamente envolvido nessa cena, um ser a mais nessa relação com uma miríade de outros seres e com o todo.

“Tudo é interação e recíproco”, escreveu Humboldt, e tive a impressão de que era exatamente esse o caso, assim como pela primeira vez outra coisa me pareceu verdadeira: “Eu mesmo sou idêntico à natureza.”

* * *

SINCERAMENTE, NÃO SEI o que pensar dessa experiência. Sob certa luz, em alguns momentos, sinto que o que tive foi uma espécie de experiência espiritual. Senti a personalidade de outros seres como nunca antes; seja o que for que nos impede de perceber nosso envolvimento com a natureza, isso foi temporariamente suspenso. Também senti uma abertura de coração em relação a meus pais, sim, e em relação a Judith, mas também, estranhamente, em relação a algumas plantas, árvores, pássaros e até mesmo aos malditos insetos da nossa propriedade. Parte dessa abertura persistiu. Penso nisso agora como uma experiência de espanto e imanência.

O fato de essa transformação do meu mundo conhecido em algo que só posso descrever como sagrado ter sido causada pelo consumo de um pequeno cogumelo marrom que eu e Stamets encontramos à beira de um estacionamento num parque estadual na costa do Pacífico — bem, esse fato pode ser visto de duas formas: ou como um fascínio ainda maior ou como reforço para uma interpretação mais prosaica e materialista do que aconteceu comigo naquela tarde de agosto. Uma possível interpretação seria que, o que tive foi uma “experiência com drogas”, simples assim. Foi como sonhar acordado, algo interessante e

prazeroso, mas sem nenhum significado. A psilocina do cogumelo desbloqueou os receptores 5-hidroxitriptamina 2-A do meu cérebro, fazendo-os disparar loucamente e dar início a uma cascata de eventos mentais desordenados que, entre outras coisas, permitiu que alguns pensamentos e sentimentos, presumivelmente do meu subconsciente (e, talvez, das minhas leituras também), se misturassem a meu córtex visual enquanto ele processava imagens das árvores, plantas e insetos no meu campo de visão.

Não foi bem uma alucinação; “projeção” é provavelmente o termo psicológico para esse fenômeno: quando misturamos nossas emoções com certos objetos que refletem esses sentimentos de volta para nós de forma a iluminá-los com significado. T.S. Eliot chamou essas coisas e situações de “correlatos objetivos” da emoção humana. Emerson tinha um fenômeno semelhante em mente quando disse que “a natureza sempre veste as cores do espírito”, sugerindo que são nossas mentes que a vestem de tais significados.³⁵

Fico chocado que não tenha havido nada de sobrenatural em minhas percepções amplificadas naquela tarde, nada que só pudesse ser explicado por meio de uma divindade ou conceitos como mágica. Não, bastou apenas uma inclinação diferente da percepção em relação à mesma realidade, uma lente ou modo de consciência que não inventou nada, mas apenas (*apenas!*) realçou a prosa de uma experiência ordinária, revelando as maravilhas que estão *sempre* lá no jardim ou na floresta, ocultas bem diante dos nossos olhos — outra forma de consciência, “separada de nós”, como disse William James, “pela mais fina barreira”.³⁶ A natureza está de fato repleta de subjetividades — e você pode chamá-las de espíritos se preferir — além das nossas; é apenas o ego humano, com seu monopólio imaginário da subjetividade, que nos impede de reconhecê-las, nossas amigas e parentes. Nesse sentido, imagino que Paul Stamets está certo em pensar que os cogumelos nos trazem mensagens da natureza, ou pelo menos nos ajudam a nos abrir o suficiente para lê-las.

Antes dessa tarde, eu sempre havia imaginado que o acesso a uma dimensão espiritual estava ligado à aceitação pessoal da ideia do sobrenatural — de Deus, de um além —, mas agora não tenho tanta certeza. O além, seja lá o que ele for, pode não estar tão longe ou inacessível quanto pensamos. Huston Smith, o estudioso de religião, certa vez descreveu um “ser realizado” do ponto de vista espiritual simplesmente como alguém com “um senso agudo do surpreendente mistério de tudo”.³⁷ Não precisa haver fé. Talvez estar num jardim e sentir admiração ou espanto diante da presença de um mistério surpreendente não seja nada mais que recuperar uma perspectiva perdida, talvez o ponto de vista da criança; talvez recuperemos isso por meio de uma mudança neuroquímica que desative os filtros (das

convenções, do ego) que nos impedem de ver em momentos comuns aquilo que, como aquelas lindas folhas, nos encara bem nos olhos. Não sei. Mas se aqueles pedacinhos de fungo secos me ensinaram algo é que há outras formas desconhecidas de consciência disponíveis, e que, seja lá o que elas significarem, sua mera existência, para citar William James de novo, “impede a conclusão prematura de nossas descrições da realidade”.³⁸

De mente aberta. E sob a influência de cogumelos. Ali estava eu, agora, pronto para rever minhas próprias descrições da realidade.

I. Tecnicamente, um cogumelo é o “corpo frutífero” de um fungo — o seu órgão reprodutor. Pense nos cogumelos como sendo maçãs em uma árvore que cresce sob o solo. A maior parte do organismo fúngico fica abaixo da terra, na forma de micélio — uma teia de filamentos geralmente brancos que se estendem pelo solo. No entanto, como é difícil observar e estudar essas delicadas estruturas subterrâneas — é impossível retirá-las da terra sem rompê-las —, tendemos a nos concentrar nos cogumelos que podemos ver, embora eles sejam apenas a ponta de uma espécie de iceberg fúngico.

II. Na verdade, Stamets primeiro batizou o filho a partir da cor azulada que os *Psilocybe* adquirem, então nomeou o mais azul dos *Psilocybe* em homenagem ao filho.

III. Desde 1984, Stamets comanda uma bem-sucedida empresa chamada Fungi Perfecti, que vende suplementos medicinais de cogumelo, esporos e kits para cultivo de cogumelos comestíveis, assim como outros produtos relacionados.

IV. Numa tradução literal, o livro se chamaria em português algo como *Micélio se espalhando*; porém, o verbo “running” permite várias interpretações, gerando os jogos de palavras intraduzíveis do parágrafo. (N. T.)

V. Cientistas da Universidade da Colúmbia Britânica injetaram isótopos radioativos de carbono em abetos e depois acompanham a forma como eles se espalharam pela comunidade florestal usando diversos métodos de detecção, entre eles um contador Geiger. Em poucos dias, reservas de carbono radioativo haviam sido transferidas de árvore para árvore. Todas as árvores numa área de trinta metros quadrados estavam conectadas à rede; as árvores mais velhas serviam de eixos centrais, algumas com até 47 ligações. O diagrama da rede florestal lembra um mapa da internet. No que certamente é um aceno para Stamets, o artigo de um dos cientistas chamou esse fenômeno de “rede florestal de computadores”.

VI. Os Wasson deixaram de lado ou decidiram ignorar uma explicação mais simples: que os sentimentos fortes e o culto do mistério seriam previsíveis tratando-se de uma “planta” que, a depender do conhecimento e do contexto, pode alimentar e deleitar ou então levar a uma morte agonizante.

VII. Em outra viagem, Wasson foi acompanhado por James Moore, que se apresentou como químico de uma empresa farmacêutica. Mas ele era, na verdade, um agente da CIA ansioso para obter a psilocibina para o programa de estudo da agência com psicodélicos, o MK-Ultra.

VIII. Wasson não se preocupou muito em proteger a identidade de María Sabina. Na mesma semana em que o texto apareceu na *Life*, ele publicou de forma independente um livro, *Mushrooms, Russia and History* [Cogumelos, Rússia e história], no qual recontava a história dela, mas sem ocultar seu nome verdadeiro.

IX. Os autores concluíram que “plantas alucinógenas alteram a percepção dos cães caçadores na medida em que diminuem os ‘ruídos’ e aumentam a sensibilidade sensorial (muito provavelmente o olfato) diretamente envolvida no jogo de detecção e captura”. Bradley C. Bennet e Rocío Alarcón, “Hunting and Hallucinogens: The Use of Psychoactive and Other Plants to Improve Hunting Ability of Dogs”, *Journal of Ethnopharmacology* 171 (2015): 171-83.

HISTÓRIA

A primeira onda

QUANDO AS AUTORIDADES federais pegaram pesado com Timothy Leary em meados dos anos 1960, condenando-o a uma sentença de trinta anos por tentar cruzar a fronteira em Laredo, no Texas, com uma pequena quantidade de maconha, em 1966,¹ o combativo ex-professor de psicologia procurou Marshall McLuhan em busca de conselhos.¹ O país estava em meio ao pânico moral causado pelo LSD, em grande parte criado pela própria promoção que Leary fazia dos psicodélicos como meio de transformação cultural e pessoal e por sua recomendação à juventude americana para “se ligar, sintonizar e cair fora”. Hoje essas palavras soam datadas e tolas aos nossos ouvidos, mas houve um momento em que foram vistas como uma ameaça séria à ordem social, um convite para que os jovens americanos não apenas usassem drogas que alteram a mente, mas para que rejeitassem o caminho determinado por seus pais e pelo governo — incluindo o caminho que levava rapazes para o Vietnã. Também em 1966, Leary foi chamado pelo comitê do Senado americano para defender seu famoso slogan, o que ele tentou fazer de maneira corajosa, ainda que não tenha conseguido ser convincente.² No meio da comoção nacional que se formava em torno dele — uma comoção que, diga-se de passagem, ele aproveitou bem —, Leary se encontrou com Marshall McLuhan para um almoço no Hotel Plaza, em Nova York, o guru do LSD apostando que o guru da mídia poderia ter algumas dicas de como lidar melhor com o público e a imprensa.

“Audiências monótonas do Senado e tribunais não são as plataformas para a sua mensagem, Tim”, aconselhou McLuhan, numa conversa que Leary registrou em *Flashbacks*, uma de suas muitas autobiografias.³ (Leary escrevia uma nova autobiografia toda vez que os gastos com despesas jurídicas e pagamentos de pensão ameaçavam esvaziar sua conta bancária.) “Para dissipar o medo você precisa usar sua imagem pública. Você é o principal avalista do produto.” O produto, a essa altura, era naturalmente o LSD. “Sempre que for fotografado, sorria. Acene confiante. Irradie coragem. Nunca reclame nem pareça irritado. Tudo bem se você parecer extravagante e

excêntrico. Afinal, você é um professor universitário. Mas a melhor propaganda é uma atitude confiante. Você deve ser conhecido por seu sorriso.”

Leary levou a sério o conselho de McLuhan. Em praticamente todos os milhares de fotografias tirados dele a partir daquele almoço, ele fez questão de sempre mostrar o seu melhor sorriso para as câmeras. Não importava se estava entrando ou saindo de tribunais, se dirigindo a uma multidão de jovens admiradores com seus colares de contas e roupões brancos, sendo colocado num carro de polícia recém-almegado, empoleirado na beirada da cama de John e Yoko em um hotel em Montreal: Timothy Leary sempre conseguia dar um sorriso radiante e um aceno alegre para a câmera.

Assim, sempre sorridente, a figura carismática de Timothy Leary paira sobre a história das substâncias psicodélicas nos Estados Unidos. No entanto, não são necessárias muitas horas de pesquisa para que você comece a se perguntar se a importância de Leary nessa história não é um pouco *exagerada*, pelo menos na percepção que as pessoas têm dela. Não fui o único a presumir que o Projeto Psilocibina de Harvard — inaugurado por Leary no outono de 1960, imediatamente após a experiência com psilocibina no México que mudou sua vida — foi o ponto de partida das pesquisas acadêmicas sérias com essas substâncias, ou que a demissão de Leary de Harvard em 1963 marcou o fim dessa pesquisa. Mas nenhuma dessas duas suposições passa perto da verdade.

Leary teve um papel importante na história moderna dos psicodélicos, mas nem de longe o que ele escolheu representar — o de um pioneiro. Seu sucesso em definir a narrativa popular sobre os psicodélicos nos anos 1960 esconde tanto quanto revela, criando um tipo de campo de distorção da realidade que torna difícil ver tudo que vem ou antes ou depois de seu grande momento sob os holofotes.

Numa versão mais verdadeira da história, o Projeto Psilocibina de Harvard apareceria como o início do fim de um período de pesquisa notavelmente fértil e promissor que se desenvolveu durante a década anterior bem longe de Cambridge, em lugares como Saskatchewan, Vancouver, Califórnia e Inglaterra, e, em todos eles, com muito menos som e fúria e muito menos bagagem contracultural. A personalidade exuberante de Leary também obscureceu o papel de um grupo dedicado, mas pouco conhecido de cientistas, terapeutas e amadores apaixonados que, bem antes de Leary ter tentado usar a psilocibina ou o LSD, desenvolveram a estrutura teórica que nos permitiu entender essas substâncias químicas pouco usuais e os protocolos terapêuticos para usá-las na cura de pessoas. Muitos desses pesquisadores observavam desanimados enquanto Leary (e suas “excentricidades”, como inevitavelmente chamavam suas inúmeras façanhas e

pronunciamentos) acendia a fogueira pública que destruiria todo o conhecimento e a experiência obtidos a duras penas.

Ao contar a história moderna dos psicodélicos, quero deixar de lado a saga de Leary, pelo menos até chegar o momento dela, para ver se conseguimos recuperar parte do conhecimento e da experiência que a produziram sem passar pela lente distorcida do prisma dos “psicodélicos anos 1960”. Fazendo isso, sigo os passos de muitos da atual geração de pesquisadores de psicodélicos que, no início dos anos 1990, se puseram a escavar as ruínas intelectuais do primeiro florescimento da pesquisa com LSD e psilocibina e ficaram surpresos com o que encontraram.

Stephen Ross é um desses pesquisadores. Psiquiatra especializado em vício do Hospital Bellevue, ele dirigiu um estudo na Universidade de Nova York no qual se usou a psilocibina para tratar a angústia existencial de pacientes com câncer, e ao qual voltarei mais tarde; desde então, ele se dedica ao tratamento do alcoolismo com compostos psicodélicos, nessa que talvez tenha sido a área mais promissora da pesquisa clínica nos anos 1950. Quando muitos anos atrás um colega da NYU mencionou para Ross que o LSD fora usado para tratar milhares de alcólatras no Canadá e nos Estados Unidos (e que Bill Wilson, o fundador dos Alcoólicos Anônimos, tentou introduzir a terapia com LSD no AA nos anos 1950), Ross, que na época tinha 30 anos, pesquisou um pouco e ficou estupefato por tudo que ele — um especialista no tratamento de alcoolismo — não sabia nem tinha ouvido falar. Seu próprio campo de trabalho tinha uma história secreta.

“Me senti meio como um arqueólogo, desenterrando um conhecimento completamente oculto. A partir do início dos anos 1950, os psicodélicos foram usados para tratar todo um grupo de condições”, incluindo vício, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo, esquizofrenia, autismo e ansiedade no fim da vida. “Houve 40 mil participantes de pesquisas e mais de mil relatórios clínicos! A Associação Americana de Psiquiatria realizava reuniões inteiras sobre o LSD, essa nova droga milagrosa.” Na verdade, aconteceram seis encontros científicos internacionais dedicados aos psicodélicos entre 1950 e 1965.

“Algumas das melhores mentes da psiquiatria estudaram seriamente esses compostos em modelos terapêuticos, com financiamento do governo.” Mas, depois que as autoridades culturais e psiquiátricas viraram as costas para os psicodélicos em meados dos anos 1960, todo o conhecimento produzido foi efetivamente apagado, como se toda a pesquisa e todas as experiências clínicas nunca tivessem acontecido. “Quando entrei na faculdade de medicina, nos anos 1990, ninguém nem falava nisso.”

QUANDO O LSD explodiu na cena psiquiátrica nos anos 1950, os efeitos da droga nos pacientes (e nos pesquisadores, que costumavam experimentá-lo em si mesmos) eram tão singulares e estranhos que os cientistas se debateram por boa parte da década tentando descobrir o que essas experiências eram e o que significavam. Como, exatamente, essa nova droga que altera a mente se encaixa nos paradigmas existentes para entender a mente e as formas existentes de psiquiatria e psicoterapia? Um vigoroso debate a respeito dessas questões ocorreu por mais de uma década. O que não se sabia na época era que no início de 1953 a CIA estava conduzindo sua própria (e secreta) pesquisa com psicodélicos e enfrentando dificuldades semelhantes de interpretação e aplicação: o LSD seria mais útil como poção da verdade, agente de controle da mente ou arma química?

A primeira viagem de LSD, e a única a acontecer sem expectativas, foi a de Albert Hofmann em 1943. Embora não soubesse se sua experiência era de loucura ou transcendência, Hofmann imediatamente percebeu o potencial do composto para a neurologia e a psiquiatria. E então a Sandoz, farmacêutica para a qual ele trabalhava na época, fez algo incomum: na prática, patrocinou um esforço mundial para descobrir qual era a utilidade do Delysid — o nome comercial dado para o LSD-25. Esperando que alguém em algum lugar descobrisse uma aplicação comercial para o seu poderoso novo composto, ela se ofereceu para fornecer gratuitamente a quantidade de LSD que o pesquisador solicitasse. A companhia definiu o termo “pesquisador” de forma livre o suficiente para incluir qualquer terapeuta que promettesse relatar por escrito suas observações clínicas. Essa política permaneceu mais ou menos inalterada entre 1949 e 1966 e foi responsável por desencadear a primeira onda de pesquisas com psicodélicos — aquela que ruiu em 1966, quando a Sandoz, assustada com a controvérsia em torno de sua droga experimental, abruptamente tirou o Delysid de circulação.

Então o que se aprendeu durante esse período de investigação fértil e livre? Trata-se de uma pergunta direta, porém a resposta é complicada pela própria natureza dessas drogas, que são tudo, menos diretas. Como os teóricos da literatura diriam, a experiência psicodélica é altamente “construída”. Se você ouvir que vai ter uma experiência espiritual, é provável que isso aconteça, e, da mesma forma, se ouvir que a droga pode deixá-lo temporariamente insano, ou que terá acesso ao inconsciente coletivo, ou à “consciência cósmica”, ou que vai revisitar o trauma do seu nascimento, são boas as chances de que você tenha exatamente esse tipo de experiência.

Psicólogos chamam essas profecias autorrealizáveis de “efeitos da

expectativa”, algo particularmente poderoso no caso dos psicodélicos. Então, por exemplo, se você leu *As portas da percepção*, de Aldous Huxley, publicado em 1954, sua própria experiência psicodélica deve ter sido influenciada pelo misticismo do autor, sobretudo pelo misticismo oriental ao qual Huxley tendia. Na verdade, mesmo que nunca tenha lido Huxley, você provavelmente foi influenciado pela construção que ele fez da experiência, pois aquele sabor oriental — pense em “Tomorrow Never Knows”, dos Beatles — caracterizaria a experiência com LSD de 1954 em diante. (Leary pegou o orientalismo psicodélico de Huxley e o amplificou enormemente quando, junto com seus colegas de Harvard, escreveu um bem-sucedido manual para a experiência psicodélica baseado no *Livro tibetano dos mortos*). Para tornar a história ainda mais complicada e acrescentar um novo *feedback loop*, Huxley foi inspirado a experimentar os psicodélicos e a escrever a respeito da experiência por um cientista que lhe deu mescalina com a explícita expectativa de que as descrições e metáforas do grande escritor ajudassem a traduzir uma experiência que ele e seus colegas estavam tendo problemas para interpretar. Então Aldous Huxley “traduziu” a experiência psicodélica moderna ou, em certo sentido, inventou-a?

Essa sala de espelhos epistemológicos foi apenas um dos muitos desafios enfrentados pelos pesquisadores que queriam levar o LSD para o campo da psiquiatria e da psicoterapia: a terapia psicodélica podia ser mais parecida com xamanismo ou cura espiritual do que com medicina. Outro desafio era a empolgação irracional que parecia infectar qualquer pesquisador que se envolvesse com o LSD, um entusiasmo que pode ter melhorado os resultados dos experimentos, mas que ao mesmo tempo aumentava o ceticismo dos colegas que permaneciam virgens de psicodélicos. E um terceiro desafio era encaixar os psicodélicos na estrutura existente da ciência e da psiquiatria. Se é que isso era possível. Como controlar um experimento com psicodélicos? Como “cegar” pacientes e clínicos ou controlar o poderoso efeito da expectativa? Quando “cenário” e “ambiente” têm um papel tão importante na experiência do paciente, como ter esperança de isolar uma única variável ou desenhar uma aplicação terapêutica?

Parte I: A promessa

DE INÍCIO AS drogas não eram chamadas de “psicodélicas”; esse termo só apareceu em 1957. Assim como a Sandoz não conseguia descobrir o que tinha nas mãos com o LSD, os pesquisadores que faziam

experiências com a droga não conseguiam decidir como chamá-la. Durante os anos 1950, essa classe de substâncias passou por uma sucessão de mudanças de nome à medida que nossa compreensão dos compostos químicos e de sua ação evoluiu, cada novo nome refletindo mudanças na interpretação — ou seria construção? — do que essas moléculas estranhas e poderosas significavam e faziam.

O primeiro nome foi talvez o mais estranho: por volta de 1950, logo depois que o LSD foi disponibilizado para os pesquisadores, o composto era conhecido como psicomimético, isto é, uma droga mental que simula psicoses. Essa foi a mais óbvia e parcimoniosa interpretação dos efeitos dos psicodélicos. Vistas de fora, as pessoas que recebiam doses de LSD e, depois, de psilocibina exibiam muitos dos sinais de psicose temporária. Os primeiros pesquisadores relatavam uma variedade de sintomas perturbadores em seus voluntários de LSD, entre eles despersonalização, perda dos limites do ego, imagem distorcida do corpo, sinestesia (ver sons ou ouvir imagens), instabilidade emocional, crises de riso ou choro, distorção da percepção do tempo, delírios, alucinações, ilusões paranoicas e, nas palavras de um escritor, “uma sensação irresistível de estar à beira de um prodígio”.⁴ Quando os pesquisadores administraram testes padronizados nos voluntários que receberam LSD — como o teste de Rorschach ou o Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade —, os resultados se pareciam com os das pessoas em estado de psicose e, especificamente, com os de esquizofrênicos. Voluntários que tomavam LSD pareciam estar enlouquecendo.

Isso sugeria a alguns pesquisadores que o LSD parecia promissor como ferramenta para entender a psicose, que é exatamente o modo como a Sandoz inicialmente promoveu o Delysid. Muito embora a droga não curasse nada, a semelhança dos seus efeitos com os da esquizofrenia sugeria que o transtorno mental poderia ter base química e que o LSD poderia de alguma forma ajudar a esclarecer esse mecanismo. Para os clínicos, a promessa da droga era ajudá-los a entender melhor e a ter empatia com seus pacientes esquizofrênicos. Isso, é claro, significava que eles mesmos teriam de tomar a droga, o que hoje nos parece estranho, até escandaloso. Mas antes de 1962, quando o Congresso aprovou uma lei que dava à FDA a autoridade de regulamentar novas drogas “investigáveis”, essa era na verdade uma prática comum. Era inclusive considerada a coisa ética a se fazer, pois não tomar a droga significava usar os pacientes como cobaias. Humphry Osmond escreveu que a promessa extraordinária do LSD era permitir ao terapeuta que o tomasse “entrar na doença e ver pelos olhos do homem louco, ouvir com seus ouvidos e sentir as mesmas sensações”.⁵

Nascido em Surrey, na Inglaterra, em 1917, Osmond é pouco

conhecido, embora seja uma figura central na história da pesquisa com psicodélicos,ⁱⁱ tendo provavelmente contribuído mais do que qualquer outro pesquisador para nossa compreensão desses compostos e de seu potencial terapêutico. Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, Osmond, um homem alto com dentes tortos, trabalhava como psiquiatra no Hospital St. George, em Londres, quando um colega chamado John Smythies o apresentou a um conjunto obscuro de artigos médicos sobre a mescalina.⁶ Depois de ficarem sabendo que a mescalina induzia alucinações parecidas com as relatadas por esquizofrênicos, os dois começaram a explorar a ideia de que a doença era causada por um desequilíbrio químico no cérebro.⁷ Numa época em que o papel da química do cérebro em transtornos mentais não tinha sido estabelecido, essa era uma hipótese radical. Os dois psiquiatras observaram que a molécula da mescalina lembrava a da adrenalina. Seria a esquizofrenia resultado de algum tipo de disfunção do metabolismo da adrenalina, transformando-a em um composto que produzia a ruptura do esquizofrênico com a realidade?

No fim, a resposta era não. Mas apesar disso a hipótese foi produtiva, e a pesquisa de Osmond sobre a base bioquímica dos transtornos mentais contribuiu para o surgimento da neuroquímica nos anos 1950.⁸ A pesquisa com LSD acabaria dando um importante impulso para esse campo incipiente. O fato de uma quantidade tão pequena de moléculas de LSD produzir um efeito tão profundo na mente era uma pista importante de que o sistema de neurotransmissores com receptores dedicados podia ter um papel na organização de nossa experiência mental. Essa ideia acabou levando à descoberta da serotonina e da classe de antidepressivos conhecidos como inibidores seletivos de recaptação de serotonina.

Mas as autoridades do Hospital St. George não apoiaram a pesquisa de Osmond com mescalina. Frustrado, o jovem médico começou a procurar outras instituições em que pudesse conduzir pesquisas. Inesperadamente, encontrou esse apoio na província canadense de Saskatchewan. A partir de meados dos anos 1940, o governo de esquerda da província instituíra diversas reformas radicais em políticas públicas, entre elas o primeiro sistema de saúde pública do país. (Seria o modelo para o sistema que o Canadá adotaria em 1966.) Esperando fazer da província um centro de pesquisa médica de ponta, o governo ofereceu financiamento generoso e um raro nível de liberdade para atrair pesquisadores para as terras congeladas das pradarias canadenses. Depois de responder a um anúncio na *Lancet*, Osmond recebeu um convite do governo da província para se mudar com a família e seu projeto de pesquisa inovador para a comunidade agrícola remota de Weyburn, Saskatchewan, setenta quilômetros ao norte da fronteira com a Dakota do Norte. O hospital psiquiátrico de

Saskatchewan, em Weyburn, em breve se tornaria o mais importante centro de pesquisa de psicodélicos do mundo — ou melhor, da classe de compostos ainda conhecidos como psicomiméticos.⁹

Esse ainda era o paradigma que dominava o pensamento de Osmond e de seu novo colega e diretor de pesquisa, um psiquiatra canadense de opiniões muito parecidas com as dele chamado Abram Hoffer, quando os dois começaram a conduzir experimentos usando um suprimento de LSD-25 obtido da Sandoz. O modelo psicomimético foi apresentado ao público em geral em 1953, quando a popular revista canadense *Maclean's* publicou um angustiante relato da experiência de um jornalista com LSD chamado “Minhas doze horas de loucura”.¹⁰

Sidney Katz foi o primeiro “civil” a participar de um experimento de LSD de Osmond e Hoffer no Hospital Weyburn. Levado a esperar a loucura, foi loucura que ele experimentou: “Vi rostos familiares de amigos se transformarem em caveiras e cabeças de bruxas ameaçadoras, porcos e doninhas. O padrão alegre do carpete sob meus pés se transformou numa massa fabulosa de matéria viva, parte vegetal, parte animal.” O artigo de Katz, ilustrado com um desenho artístico de cadeiras voando por uma sala em colapso, parece o trabalho de um fervoroso promotor anti-LSD do tipo que surgiria por volta de 1965: “Fiquei preso repetidas vezes nas garras de uma alucinação terrível na qual podia sentir e ver meu corpo convulsionar e encolher até que tudo que restou foi uma pedra dura e enjoativa.” No entanto, curiosamente, as doze horas de insanidade “não foram todas preenchidas por terror”, relatou Katz. “Em alguns momentos tive visões de beleza deslumbrante — visões tão arrebatadoras, tão surreais, que nenhum artista jamais vai pintá-las.”

Durante esse período, Osmond e Hoffer administraram o LSD da Sandoz a dezenas de pessoas, entre elas colegas, amigos, familiares, voluntários e, claro, eles próprios. Seu foco no LSD como uma janela para a bioquímica dos transtornos mentais aos poucos deu lugar a uma curiosidade crescente sobre o poder da experiência em si e se as perturbações perceptíveis produzidas pela droga poderiam resultar em benefícios terapêuticos.¹¹ Durante uma discussão de ideias num hotel em Ottawa em 1953, Osmond e Hoffer notaram que a experiência com o LSD parecia compartilhar muitas características com as descrições do *delirium tremens* relatado por alcóolatrás — os longos e infernais dias de loucura pelos quais eles geralmente passam quando estão em abstinência. Muitos alcóolatrás em recuperação veem as terríveis alucinações dos delírios como uma experiência de conversão e como a base para um despertar espiritual que lhes permite permanecer sóbrios.

A ideia de que uma experiência com LSD poderia simular o *delirium*

tremens “pareceu tão bizarra que rimos alto”, lembrou Hoffer anos mais tarde.¹² “Mas, quando paramos de rir, a questão parecia menos cômica e formulamos nossa hipótese: será que um delírio controlado produzido por LSD poderia ajudar os alcóolatrás a permanecerem sóbrios?”

Eis uma aplicação do paradigma da psicomimética: usar uma única sessão de alta dose de LSD para induzir um episódio de loucura num alcoólico a fim de simular o *delirium tremens*, assustando o paciente e levando-o à sobriedade. Na década que se seguiu, Osmond e Hoffer testaram essa hipótese em mais de setecentos alcóolatrás, e em cerca de metade dos casos, segundo relataram, o tratamento funcionou: os voluntários ficaram sóbrios e assim permaneceram nos meses seguintes. Não apenas a nova abordagem era mais eficiente que outras terapias, mas sugeria uma nova maneira de pensar sobre a psicofarmacologia. “Desde o início”, escreveu Hoffer, “pensamos na experiência, e não no composto químico, como a peça-chave da terapia”.¹³ Essa ideia inovadora se tornaria o princípio central da terapia psicodélica.

A ênfase no que os sujeitos *sentiam* representava uma ruptura significativa com as ideias dominantes do behaviorismo na psicologia, segundo as quais apenas resultados observáveis e mensuráveis tinham validade, e para as quais a experiência do sujeito era vista como irrelevante. A análise das experiências dos sujeitos, por vezes chamada de fenomenologia, tinha sido, é claro, a base da psicanálise freudiana, que o behaviorismo rejeitava por considerá-la insuficientemente rigorosa ou científica. Não havia sentido em tentar entrar na mente; ela era, na famosa frase de B.F. Skinner, “uma caixa preta”. Em vez disso, devia-se medir o que podia ser medido, o comportamento externo. O trabalho com psicodélicos acabaria reacendendo o interesse pelas dimensões subjetivas da mente — pela consciência. É uma ironia que, de todas as coisas possíveis, tenha sido um composto químico — o LSD-25 — o responsável por trazer a interioridade de volta para a psicologia.

No entanto, embora a nova terapia parecesse bem-sucedida, havia um pequeno e incômodo problema com o modelo teórico em que ela se baseava. Quando os terapeutas começaram a analisar os relatórios dos voluntários, as experiências subjetivas sob a influência do LSD tinham pouca ou nenhuma semelhança com os horrores do *delirium tremens*, ou com qualquer tipo de loucura. Pelo contrário, elas eram na maior parte das vezes incrível e desconcertantemente positivas. Quando começaram a catalogar os relatórios de sessão dos voluntários, Osmond e Hoffer perceberam que “mudanças psicóticas” — alucinação, paranoia, ansiedade — por vezes ocorriam, mas também havia relatos de, digamos, “um sentimento transcendente de

unidade com o mundo”, o sentimento mais comum relatado. Em vez de loucura, a maioria dos voluntários descrevia sensações como uma nova habilidade “de se ver objetivamente”; “evolução nos campos sensoriais”; um novo e profundo entendimento “no campo da filosofia ou da religião”; e “uma maior empatia com os sentimentos dos outros”.¹³ Apesar do poderoso efeito da expectativa, sintomas que não se pareciam nem um pouco com os da insanidade estavam rompendo com as concepções dos pesquisadores.

Para muitos dos alcólatras tratados no Hospital Weyburn, o cerne da experiência com LSD parecia envolver algo próximo da transcendência, ou de uma epifania espiritual, e não de uma psicose temporária. Osmond e Hoffer começaram a ter dúvidas sobre o modelo do *delirium tremens* e a pensar que talvez todo o paradigma psicomimético — incluindo o nome dessas drogas — precisasse ser reformulado. Um forte empurrão nessa direção veio de Aldous Huxley, que declarou que sua experiência com mescalina tivera pouca semelhança com a psicose. O que um psiquiatra pode diagnosticar como despersonalização, alucinação ou mania poderia ser mais bem interpretado como união mística, experiência visionária ou êxtase. Será que os médicos estavam confundindo transcendência com insanidade?

Ao mesmo tempo, Osmond e Hoffer aprenderam com seus voluntários que o ambiente no qual a sessão de LSD era realizada exercia um efeito poderoso sobre as experiências e que uma das melhores maneiras de evitar uma sessão ruim era contar com a presença de um terapeuta envolvido e empático, de preferência alguém que já tivesse experimentado o LSD. Eles passaram a suspeitar que as poucas reações psicóticas que haviam observado podiam ter sido produzidas pelo branco metafórico das paredes da sala e dos jalecos dos clínicos. Embora os termos “cenário” e “ambiente” só tenham vindo a ser usados nesse contexto muitos anos depois (e tenham ganhado forte identificação com o trabalho de Timothy Leary em Harvard uma década mais tarde), Osmond e Hoffer já começavam a entender a extrema importância desses fatores no sucesso de seu tratamento.

Mas, como quer que fosse, o tratamento funcionava, ou sem dúvida parecia funcionar: no fim da década, o LSD era amplamente visto na América do Norte como uma cura milagrosa para o alcoolismo. Com base nesse sucesso, o governo de Saskatchewan ajudou a desenvolver políticas para fazer da terapia com LSD a opção padrão de tratamento para alcoólicos na província.¹⁴ Nem todos na comunidade médica canadense, porém, achavam os resultados de Saskatchewan críveis: parecia bom demais para ser verdade.¹⁵ No início dos anos 1960, a Fundação de Pesquisa sobre o Vício, em Toronto, principal instituto do

gênero no Canadá, se preparou para reproduzir os testes de Saskatchewan usando controles melhores. Esperando isolar os efeitos da droga de outras variáveis, clínicos administraram LSD para alcoólicos em salas neutras e foram instruídos a não interagir com eles durante suas viagens, exceto para administrar um extenso questionário. Os voluntários eram então amarrados ou vendados, ou ambos. Não surpreendentemente, os resultados não foram nada parecidos com aqueles obtidos por Osmond e Hoffer. Pior ainda, não foram poucos os voluntários que passaram por experiências terríveis — *bad trips*, como viriam a ser chamadas. Críticos do tratamento de alcoólicos com LSD concluíram que o tratamento não funcionava em condições controladas com rigor, o que era verdade, enquanto os apoiadores da prática concluíram que a atenção ao ambiente e ao cenário era essencial para o sucesso da terapia, o que também era verdade.

* * *

EM MEADOS DOS anos 1950, Bill Wilson, cofundador dos Alcoólicos Anônimos, ficou sabendo do trabalho de Osmond e Hoffer com dependentes de álcool. A ideia de que uma droga poderia ocasionar uma experiência espiritual de mudança de vida não era exatamente novidade para Bill W., como ele era conhecido na organização.¹⁶ Ele creditava sua própria sobriedade a uma experiência com beladona, um alcaloide derivado de planta com propriedades alucinógenas aplicado nele no Hospital Towns em Manhattan, em 1934. Poucos membros do AA sabem que é possível encontrar a origem da ideia de despertar espiritual que leva à entrega a um “poder maior” — o pilar dos Alcoólicos Anônimos — em uma viagem psicodélica.

Vinte anos depois, Bill W. ficou curioso para ver se o LSD, essa nova droga milagrosa, podia ajudar alcoólicos em recuperação a ter esse despertar. Através de Humphry Osmond, ele entrou em contato com Sidney Cohen, um clínico geral do hospital de veteranos em Brentwood (e, mais tarde, da Universidade da Califórnia) que vinha fazendo experiências com o LSD da Sandoz desde 1955. A partir de 1956, Bill W. realizou várias sessões em Los Angeles com Sidney Cohen e Betty Eisner, uma jovem psicóloga que acabara de concluir seu doutorado na UCLA. Junto com o psiquiatra Oscar Janiger, Cohen e Eisner eram então figuras proeminentes no novo eixo da pesquisa com LSD vagamente centrado na UCLA.¹⁷ Em meados dos anos 1950 havia talvez dezenas de eixos semelhantes na América do Norte e na Europa; a maioria em contato próximo uns com outros, compartilhando técnicas, descobertas e, por vezes, também drogas, em um espírito no geral mais cooperativo que competitivo.

As sessões de Bill W. com Cohen e Eisner o convenceram de que o LSD podia provocar de forma confiável o tipo de despertar espiritual que ele acreditava ser necessário para ficar sóbrio; no entanto, ele não acreditava que a experiência com LSD fosse parecida com o *delirium tremens*, colocando assim mais um prego no caixão dessa ideia. Bill W. imaginava que podia haver espaço para a terapia com LSD no AA, mas seus colegas no conselho da organização discordavam fortemente, acreditando que tolerar o uso de qualquer substância alteradora da mente colocava em risco a sua marca e a sua mensagem.

* * *

SIDNEY COHEN e seus colegas em Los Angeles começaram, como o grupo canadense, com a ideia de que o LSD era um composto psicomimético, mas já em meados dos anos 1950 Cohen começou a questionar esse modelo. Nascido em 1910 em Nova York numa comunidade de imigrantes lituanos judeus, Cohen, que em fotografias parece muito distinto, com uma farta cabeleira branca penteada para trás, estudou farmacologia na Universidade Columbia e serviu no corpo médico do exército americano no Pacífico Sul durante a Segunda Guerra Mundial.¹⁸ Foi em 1953, enquanto revisava um artigo sobre psicoses quimicamente induzidas — um antigo interesse de pesquisa —, que Cohen leu pela primeira vez sobre uma nova droga chamada LSD.

No entanto, quando enfim testou o LSD em si mesmo, em outubro de 1955, Cohen “ficou surpreso”.¹⁹ Esperando se encontrar preso na mente de um louco, ele em vez disso experimentou um profundo, até mesmo transcendente, sentimento de tranquilidade, como se “os problemas e lutas, preocupações e frustrações da vida diária tivessem desaparecido; no lugar deles havia uma quietude interior celestial, majestosa, ensolarada [...] Parecia que eu tinha enfim chegado à contemplação da verdade eterna”.²⁰ O que quer que isso fosse, Cohen sentiu que certamente não se tratava de uma psicose temporária. Betty Eisner escreveu que ele passou a pensar nesse estado como algo que chamou de “não sanidade”: “um estado além do controle do ego”.²¹

Como com frequência acontece na ciência quando um paradigma teórico fica sob pressão de indícios contrários, ele oscila por um tempo enquanto pesquisadores tentam sustentá-lo com vários remendos e ajustes, e então, muitas vezes de forma súbita e rápida, desmorona à medida que um novo paradigma surge para tomar seu lugar. Era esse o destino do paradigma dos psicomiméticos em meados dos anos 1950. Sem dúvida, muitos voluntários relatavam viagens difíceis e por vezes angustiantes, mas pouquíssimos tinham a psicose total que o paradigma prometia. Mesmo o pobre Sr. Katz das doze horas de loucura incluiu no relato passagens de prazer indescritível e revelação

que não podiam ser ignoradas.

Na verdade, o paradigma psicomimético foi substituído não por um, mas por dois modelos teóricos: o psicolítico e, mais tarde, o psicodélico. Cada um deles se baseou numa concepção diferente de como os compostos agiam na mente e, portanto, de como poderiam ser mais bem utilizados no tratamento de transtornos mentais. Esses modelos não estavam exatamente em conflito um com o outro, e alguns pesquisadores exploraram ambos em momentos diferentes, mas eles representavam abordagens profundamente distintas para a compreensão da psique, assim como da psicoterapia e, em última instância, da ciência em si.

O chamado paradigma psicolítico foi desenvolvido primeiro e se revelou especialmente popular na Europa e entre o grupo de Los Angeles identificado com Sidney Cohen, Betty Eisner e Oscar Janiger. Criado pelo psiquiatra inglês Ronald Sandison, o termo “psicolítico” significa “soltar a mente”, que é o que o LSD e a psilocibina parecem fazer — pelo menos em doses baixas.²² Terapeutas que administraram doses de LSD até mesmo de 25 microgramas (e raramente superiores a 150) relataram que as defesas do ego de seus pacientes relaxaram, permitindo-lhes trazer à tona e discutir material reprimido com facilidade relativa. Isso sugere que as drogas poderiam ser usadas como suporte para a terapia, porque nessas doses o ego dos pacientes permanecia suficientemente intacto para permitir que eles conversassem com um terapeuta e depois lembrassem o que fora discutido.

A virtude suprema da abordagem psicolítica é que ela se entrosava muito bem com os métodos dominantes da psicanálise, uma prática que as drogas prometiam acelerar ou simplificar, e não revolucionar ou tornar obsoleta. O grande problema da psicanálise é que o acesso à mente inconsciente em que toda a abordagem se sustenta é difícil e limitado a duas rotas não ideais: associações livres e sonhos do paciente. Freud chamava os sonhos de “estrada real” para o inconsciente, contornando os portões do ego e do superego, mas essa estrada tem muitos buracos e obstáculos: pacientes nem sempre lembram seus sonhos, e, quando lembram, costuma ser de forma imperfeita. Drogas como o LSD e a psilocibina prometiam uma rota para o inconsciente.

Stanislav Grof, que trabalhou como psicanalista, descobriu que sob doses moderadas de LSD seus pacientes rapidamente estabeleciam uma forte transferência com o terapeuta, recuperavam traumas de infância, davam voz a emoções suprimidas e, em alguns casos, de fato reviviam a experiência do nascimento — nosso primeiro trauma e, como Grof acreditava (seguindo Otto Rank), um fator central na definição da personalidade.²³ (Grof fez extensas pesquisas tentando correlacionar

as lembranças que seus pacientes tinham da experiência do nascimento sob o efeito de LSD com relatórios contemporâneos da equipe médica e dos pais. Ele concluiu que com a ajuda do LSD muitas pessoas podem de fato lembrar as circunstâncias do parto, sobretudo se foi um parto difícil.)

Em Los Angeles, Cohen, Eisner e Janiger começaram a incorporar o LSD a suas sessões de terapia semanais, gradualmente aumentando a dose a cada semana até que seus pacientes ganhassem acesso ao material do inconsciente como emoções reprimidas e memórias ocultas de traumas de infância. Eles tratavam principalmente neuróticos, alcoólicos e pessoas com distúrbios menores de personalidade — o tipo de paciente comum nos consultórios de psicoterapeutas, pessoas funcionais e articuladas com o ego intacto e vontade de melhorar. O grupo de Los Angeles também tratou centenas de pintores, compositores e escritores, com base na teoria de que, se a fonte da criatividade era o inconsciente, o LSD poderia expandir o acesso da pessoa a ele.

Esses terapeutas e seus pacientes esperavam que a droga fosse terapêutica e, surpresa, muitas vezes de fato era: Cohen e Eisner relataram que dezesseis dos primeiros 22 pacientes apresentaram melhoras significativas. Um artigo de revisão de 1967 resumindo trabalhos sobre a terapia psicolítica publicados entre 1953 e 1965 estimou que o índice de sucesso da técnica variava de 70% nos casos de transtorno da ansiedade a 62% nos casos de depressão e 42% em casos de transtorno obsessivo-compulsivo.²⁴ Esses resultados eram impressionantes, mas houve poucas tentativas de reproduzi-los em testes controlados.

No fim da década, a terapia psicolítica com LSD era prática rotineira em regiões elegantes de Los Angeles, como Beverly Hills. O modelo de negócio era quase imbatível: alguns terapeutas cobravam mais de quinhentos dólares por sessão para administrar a droga que com frequência recebiam de graça da Sandoz. A terapia com LSD também ganhou atenção positiva da imprensa. Textos como “Minhas doze horas de loucura” cederam lugar ao testemunho entusiasmado de muitas celebridades de Hollywood que haviam tido experiências transformadoras nos consultórios de Oscar Janiger, Betty Eisner, Sidney Cohen e um número crescente de terapeutas. Anaïs Nin, Jack Nicholson, Stanley Kubrick, André Previn, James Coburn e o comediante lorde Buckley se submeteram à terapia com LSD, muitos deles no divã de Oscar Janiger.²⁵ Mas o mais famoso desses pacientes foi Cary Grant, que deu uma entrevista em 1959 para o colunista social Joe Hyams exaltando os benefícios da terapia com a droga.²⁶ Grant passou por mais de sessenta sessões e no final se declarou “renascido”.²⁷

“Toda a tristeza e vaidade foram arrancadas de mim”, contou o ator de 55 anos para Hyams, numa entrevista que se tornou ainda mais surpreendente em vista da imagem de Cary Grant como um inglês reservado e distinto.²⁸ “Tive meu ego arrancado. Um homem se torna um ator melhor sem ego, porque há verdade nele. Agora já não posso me comportar de maneira insincera com ninguém, e certamente não comigo mesmo.” Isso soa como se o LSD tivesse transformado Cary Grant num americano.

“Não sou mais solitário e sou um homem feliz”, declarou Grant.²⁹ Ele disse que a experiência havia permitido que superasse seu narcisismo, melhorando muito não só a sua atuação, mas também sua relação com as mulheres: “Mulheres jovens nunca estiveram tão atraídas por mim.”³⁰

Não sem surpresa, a entrevista de Grant, que recebeu muito destaque, criou uma demanda pela terapia com LSD, e pelo LSD em si.³¹ Hyams recebeu mais de oitocentas cartas de leitores ansiosos para descobrir como conseguir a droga: “Psiquiatras ligavam, reclamando que agora seus pacientes imploravam pelo LSD.”

Se o período que chamamos de “anos 1960” na verdade começou em algum momento dos anos 1950, o interesse pela terapia com LSD desencadeado por Cary Grant em 1959 é um bom ponto para marcar a mudança nos ventos culturais. Anos antes de Timothy Leary ficar famoso por promover o LSD fora do contexto terapêutico ou da pesquisa, a droga já começava a “escapar do laboratório” em Los Angeles e a receber grande atenção da imprensa nacional. Em 1959, o LSD aparecia nas ruas em alguns lugares. Muitos terapeutas e pesquisadores em Los Angeles e Nova York começaram a promover “sessões” de LSD em suas casas para amigos e colegas, muito embora seja difícil dizer em que essas sessões se distinguiam de festas. Pelo menos em Los Angeles, a premissa de “estar fazendo pesquisa” se tornou tênue, para dizer o mínimo. Como um desses supostos pesquisadores escreveria mais tarde, “o LSD começou para nós como uma droga intelectual e divertida”.³²

Sidney Cohen, agora decano dos pesquisadores de LSD em Los Angeles, evitou rigorosamente essa cena e começou a repensar o uso da droga, ou pelo menos a forma como ela estava sendo usada e discutida. De acordo com seu biógrafo, o historiador Steven Novak, Cohen ficou incomodado com o culto e a aura de religiosidade e mágica que passou a envolver o LSD.³³ Ecoando um tema que apareceria repetidas vezes na história da pesquisa com psicodélicos, Cohen debateu-se com a tensão entre o significado espiritual da experiência com LSD (e as inclinações místicas que ela havia trazido para os clínicos) e o ethos da ciência a que ele se dedicava. Ele permaneceu profundamente ambivalente: “o LSD”, escreveu numa carta

a um colega em 1959, “abriu uma porta que não deveríamos abandonar só porque nos sentimos desconfortavelmente não científicos quando nos aproximamos dela”.³⁴ No entanto, era exatamente assim que ele costumava se sentir ao trabalhar com o LSD: desconfortavelmente não científico.

Cohen também começou a pensar no status das revelações que seus pacientes traziam das viagens. E a acreditar que, “sob o efeito do LSD, as teorias mais caras ao terapeuta são confirmadas pelo paciente”.³⁵ O efeito da expectativa era tão forte que pacientes tratados por terapeutas freudianos voltavam com revelações freudianas (concebidas em termos de traumas de infância, impulsos sexuais e emoções edipianas), enquanto pacientes tratados por terapeutas junguianos voltavam com arquétipos vívidos do ático do inconsciente coletivo, e os discípulos de Otto Rank recuperavam memórias de seus traumas no nascimento.

Essa sugestionabilidade radical sem dúvida apresentou um dilema científico, mas seria necessariamente um dilema terapêutico? Talvez não: Cohen escreveu que “qualquer explicação dos problemas do paciente, desde que tanto o terapeuta quanto o paciente acreditem nela, constitui uma revelação ou tem utilidade como revelação”.³⁶ Contudo, ele reconhecia que essa perspectiva era “niilista”, o que, em termos científicos, de fato era, pois leva a psicoterapia para um terreno próximo do mundo do xamanismo e da cura pela fé, um lugar visivelmente desconfortável para um cientista. No entanto, desde que funcione, desde que cure as pessoas, por que deveríamos nos importar? (Esse é o mesmo desconforto que os cientistas sentem em relação ao uso de placebos. Isso sugere uma forma interessante de pensar sobre os psicodélicos: como um tipo de “placebo ativo”, para tomar emprestado o termo proposto por Andrew Weil em seu livro de 1972, *The Natural Mind* [A mente natural]. Eles fazem algo, com certeza, mas a maior parte do que é esse algo pode ser autogerada. Ou, como disse Stanislav Grof, psicodélicos são “amplificadores não específicos” do processo mental.)

A cautelosa ambivalência de Cohen em relação ao LSD, que ele conservaria até o fim da carreira, faz dele uma figura rara num mundo densamente povoado por evangelistas psicodélicos: o cético de mente aberta, o homem capaz de contemplar ideias contraditórias. Cohen continuou a acreditar no poder terapêutico do LSD, sobretudo no tratamento da ansiedade em pacientes com câncer, assunto que abordou entusiasticamente na *Harper* em 1965. Lá, ele chamou o tratamento de “terapia por autotranscendência”,³⁷ sugerindo que via um papel na medicina ocidental para o que viria a ser chamado de misticismo aplicado. Contudo, Cohen nunca hesitou em chamar a atenção para os abusos e riscos do LSD, ou em bradar contra colegas

mais entusiasmados que se afastavam demais do caminho da ciência — um caminho do qual os compostos psicodélicos, com seu canto de sereia, afastavam muitos.

* * *

DE VOLTA A Saskatchewan, Humphry Osmond e Abram Hoffer tinham tomado um caminho bem diferente após o colapso do paradigma psicomimético, muito embora também esse caminho tenha acabado complicando o relacionamento dos dois com a ciência. Em seu esforço para formular um novo modelo terapêutico para o LSD, eles buscaram a ajuda de dois brilhantes amadores — um deles era um famoso escritor, Aldous Huxley, e o outro um obscuro ex-contrabandista e pistoleiro, espião, inventor, capitão do mar, ex-condenado e místico católico chamado Al Hubbard. Esses improváveis não cientistas ajudariam os psiquiatras canadenses a reconceituar a experiência com LSD e a desenvolver o protocolo terapêutico em uso ainda hoje.

O nome dessa nova abordagem, assim como o nome dessa classe de drogas que finalmente ia “pegar” — psicodélicos —, surgiu de uma troca de cartas entre Humphry Osmond e Aldous Huxley. Os dois tinham se conhecido em 1953, depois de Huxley escrever para Osmond dizendo estar interessado em provar a mescalina; ele tinha lido um artigo de Osmond descrevendo os efeitos da droga na mente. Huxley cultivava há tempos um interesse por drogas e consciência — o enredo de seu romance mais famoso, *Admirável mundo novo* (1932), inclui uma droga de controle mental chamada soma —, assim como por misticismo, percepção paranormal, reencarnação, OVNI e coisas do gênero.

Na primavera de 1953, Osmond viajou a Los Angeles para administrar mescalina a Aldous Huxley, não sem certa ansiedade. Antes da sessão, ele confidenciou a um colega que não “estava satisfeito com a possibilidade, ainda que remota, de encontrar um pequeno mas vergonhoso lugar na história da literatura como o homem que levou Aldous Huxley à loucura”.³⁸

Ele não precisava ter se preocupado. Huxley teve uma viagem esplêndida, que mudaria para sempre a compreensão dessas drogas quando, no ano seguinte, ele relatou a experiência em *As portas da percepção*.

“Foi sem dúvida a mais extraordinária e significativa experiência deste lado da Visão Beatífica”, Huxley escreveu numa carta para seu editor logo após a viagem.³⁹ Para ele, não havia dúvidas de que as drogas haviam lhe dado acesso não à mente de um louco, mas a um reino espiritual de beleza inefável. O mais mundano dos objetos brilhava com a luz da divindade que ele chamava de “Onisciência”.

Mesmo “as dobras das minhas calças de flanela cinza estavam carregadas de *existência*”, nos conta, antes de divagar sobre a beleza do drapejamento nas pinturas de Botticelli e a “Totalidade e o Infinito das dobras de um tecido”.⁴⁰ Ao olhar para um pequeno vaso de flores, ele viu “o que Adão deve ter visto na manhã de sua criação — o milagre, momento por momento, da existência nua [...] flores brilhando com sua própria luz interior e tremendo sob a pressão do significado que lhes foi incutido”.⁴¹

“Palavras como ‘graça’ e ‘transfiguração’ me vieram à mente.”⁴² Para Huxley, a droga lhe deu acesso a domínios da existência conhecidos geralmente apenas pelos místicos e uns poucos artistas visionários da história. Esse outro mundo está sempre presente, mas em momentos ordinários é mantido afastado da nossa percepção pela “válvula de redução” da consciência cotidiana, uma espécie de filtro mental que admite apenas “um desprezível gotejamento do tipo de consciência”⁴³ de que precisamos para sobreviver. O resto era uma deslumbrante superfluidade, cuja ausência, assim como no caso da poesia, provoca todos os dias a morte de homens. A mescalina abriu o que William Blake chamou de “portas da percepção”, permitindo que nossa consciência tivesse um vislumbre do infinito, que está sempre presente à nossa volta — mesmo nas dobras de nossas calças! —, mas que não conseguimos ver.

Como toda experiência psicodélica anterior ou posterior, a de Huxley não foi inscrita numa tela em branco, não começou do zero, não foi resultado puro do composto químico, mas amplamente determinada por suas leituras e pelas inclinações filosóficas e espirituais que ele trouxe para a experiência. (Foi apenas quando escrevi a frase sobre as flores “brilhando com sua própria luz interior” e “tremendo sob a pressão” de seu significado que percebi quanto Huxley influenciou minha própria percepção das plantas sob a influência da psilocibina.)⁴⁴ A ideia de uma válvula de redução mental que restringe nossas percepções, por exemplo, vem do filósofo francês Henri Bergson. Bergson acreditava que a consciência não era gerada pelo cérebro humano, mas na realidade existe num campo externo a nós, algo como ondas eletromagnéticas; nossos cérebros, que ele comparava a receptores de rádio, podem sintonizar diferentes frequências de consciência. Huxley também acreditava que a base de todas as religiões do mundo está numa experiência mística fundamental que ele chamava de “a filosofia perene”.⁴⁵ Naturalmente, a manhã de Huxley com a mescalina confirmou todas essas ideias; como afirmou com sarcasmo um crítico de *As portas da percepção*, o livro contém “99% de Aldous Huxley e apenas meio grama de mescalina”.⁴⁶ Mas não importa: grandes escritores marcam o mundo com suas mentes, e a experiência psicodélica será para sempre

marcada pela impressão indelével de Huxley.

Independentemente do que mais tenha legado à cultura, a experiência de Huxley não deixou dúvidas nem em sua mente nem na de Osmond de que o “modelo da psicose” não dava conta de descrever a mente sob a influência da mescalina ou do LSD, que Huxley iria provar pela primeira vez dois anos mais tarde. A “despersonalização” de uma pessoa poderia ser o “sentimento de unidade” de outra; era tudo uma questão de perspectiva e vocabulário.

“Será ruim para o elixir seguir associado na mente do público a sintomas de esquizofrenia”, Huxley escreveu para Osmond em 1955.⁴⁷ “As pessoas vão achar que estão ficando loucas, quando na verdade, ao tomar a droga, estão começando a ficar sãs.”

Claramente era necessário um novo nome para essa classe de substâncias, e em 1956, numa troca de cartas, o psiquiatra e o escritor definiram um.⁴⁸ Surpreendentemente, porém, foi o psiquiatra, e não o escritor, que pensou na ideia vencedora. A proposta de Huxley veio em dístico:

*Para tornar este mundo terreno sublime
Bastará meio grama de fanerotime.*

Seu neologismo combinava as palavras gregas para “espírito” e “manifestação”.

Talvez cauteloso em adotar um terno tão espiritual, o cientista respondeu com sua própria rima:

*Para imergir no infernal ou voar para o angélico
Bastará quase nada de um bom psicodélico.*

O neologismo de Osmond casava duas palavras gregas que juntas significavam “manifestação da mente”. Embora hoje a palavra esteja associada às cores brilhantes dos anos 1960, na época foi a neutralidade do termo “psicodélico” que o tornou recomendável: a palavra “não tinha nenhuma conotação particular de loucura, maluquice ou êxtase, sugerindo um aumento ou expansão da mente”.⁴⁹ Também tinha a virtude de não estar “contaminada por outras associações”, embora isso logo fosse mudar.⁵⁰

A “terapia psicodélica”, conforme praticada por Osmond e seus colegas em meados dos anos 1950, normalmente implicava uma única sessão com alta dose da droga — em geral o LSD — e acontecia num lugar confortável, o indivíduo deitado num divã, com um terapeuta (ou dois) acompanhando e falando pouco, permitindo que a viagem se desdobrasse de acordo com sua lógica própria. Para eliminar distrações e incentivar a viagem interior, havia música de fundo e o paciente costumava usar uma máscara de dormir. O objetivo era criar

as condições para uma epifania espiritual — que se transformava numa experiência de conversão.⁵¹

Embora esse modelo de terapia tenha criado forte identificação com Osmond e Hoffer, eles próprios creditavam outra pessoa pela concepção dos elementos críticos do protocolo, um homem de mistério considerável e sem nenhum treinamento formal como cientista ou terapeuta: Al Hubbard. Um espaço de tratamento decorado para parecer mais um lar do que um hospital começou a ser conhecido como Sala Hubbard, e pelo menos um pesquisador psicodélico pioneiro me disse que todo esse regime de terapia, que hoje é norma, deveria ser conhecido como “método Hubbard”. Contudo, Al Hubbard, também conhecido como “Capitão Viagem” e o “Johnny Appleseed [Semeador] do LSD”, não é o tipo de antepassado intelectual que qualquer um que trabalhe com ciência psicodélica séria hoje esteja ansioso para reconhecer, muito menos celebrar.

* * *

AL HUBBARD COM certeza é o mais improvável, intrigante e elusivo personagem na história dos psicodélicos, e isso não é pouca coisa. Há muito que não sabemos sobre ele, e vários dos principais fatos sobre sua vida são impossíveis de confirmar, contraditórios ou evidentemente suspeitos. Para citar um pequeno exemplo, em seu arquivo no FBI a altura dele consta como um 1,80 metro, mas em fotografias e vídeos Hubbard parece baixo e encorpado, com uma cabeça grande e redonda e um corte de cabelo militar;⁵² por razões só conhecidas por ele próprio, Hubbard costumava usar uniformes paramilitares e carregava um revólver Colt .45, dando a impressão de ser um delegado de cidade pequena. Mas, com base na extensa correspondência com colegas e em alguns poucos relatos da imprensa canadense e livros sobre o período,^{IV} assim como entrevistas com pessoas que o conheceram bem, é possível traçar um retrato bruto, ainda que com partes borradas ou em branco.

Hubbard nasceu pobre nas colinas do Kentucky em 1901 ou 1902 (o arquivo no FBI registra as duas datas); ele gostava de dizer que só foi ter o próprio par de sapatos aos doze anos. Estudou apenas até a terceira série, mas evidentemente tinha jeito para a eletrônica. Adolescente, inventou algo chamado Transformador de Energia Hubbard, um novo tipo de bateria alimentado por radioatividade que “não podia ser explicado pela tecnologia da época” — isso de acordo com a melhor versão que temos da sua vida, a bem pesquisada reportagem de Todd Brendan Fahey publicada na *High Times*, em 1991.⁵³ Hubbard vendeu metade da patente por 75 mil dólares, embora a invenção nunca tenha dado frutos e a revista *Popular Science*

a tenha incluído certa vez numa lista de boatos tecnológicos. Durante a Lei Seca, Hubbard dirigia um táxi em Seattle, mas aparentemente isso era um disfarce: no porta-malas havia um sofisticado sistema de comunicação usado para guiar contrabandistas que tentavam escapar da Guarda Costeira. Hubbard acabou preso pelo FBI e passou dezoito meses numa penitenciária por contrabando.

Depois que foi solto, o rastro de sua vida se torna ainda mais difícil de seguir, embaçado por relatos vagos e contraditórios.⁵⁴ Segundo um deles, Hubbard se envolveu em uma operação clandestina para enviar cargas de armamentos de San Diego para o Canadá, e de lá para a Inglaterra, nos anos anteriores à entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, quando a nação ainda era oficialmente neutra. (Olheiros de Allen Dulles, futuro responsável pela Agência de Serviços Estratégicos, impressionados pelo talento de Hubbard com a eletrônica, talvez o tenham recrutado para a missão, talvez não.) Mas, quando o Congresso começou a investigar a operação, Hubbard fugiu para Vancouver a fim de evitar um processo. Lá, se tornou cidadão canadense, fundou uma empresa de transporte marítimo (ganhando o título de capitão) e assumiu o cargo de diretor científico de uma empresa de mineração de urânio. (Segundo um relato, Hubbard tinha alguma coisa a ver com o suprimento de urânio do Projeto Manhattan.) Aos 50 anos, o “menino descalço do Kentucky” tinha se tornado um milionário, dono de uma frota de aviões, um iate de cem pés, um Rolls-Royce e uma ilha particular próxima a Vancouver. Em algum momento durante a guerra, Hubbard aparentemente voltou aos Estados Unidos e se juntou à Agência de Serviços Estratégicos pouco antes de o órgão de inteligência de guerra se tornar a CIA.

Alguns outros poucos fatos curiosos sobre o Al Hubbard pré-psicodélico: ele era um católico ardoroso, com acentuada tendência mística. E era incomumente flexível em suas lealdades profissionais, trabalhando em vários momentos tanto como contrabandista de álcool e armas quanto como agente da Agência de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo. Ele foi uma espécie de agente duplo? É possível. Em um ou outro momento, Hubbard também trabalhou para os Serviços Especiais Canadenses, o Departamento de Justiça americano e a Food and Drug Administration. Seu arquivo no FBI sugere que ele tinha ligações com a CIA nos anos 1950, mas os trechos censurados são extensos demais para revelar muito sobre seu papel, se é que ele teve um. Sabemos que o governo manteve cuidadosa vigilância sobre a comunidade de pesquisa com compostos psicodélicos nas décadas de 1950, 1960 e 1970 (financiando pesquisas universitárias com LSD ou conferências científicas, em alguns casos), e não seria surpresa se, em troca de informação, o governo permitisse que Hubbard operasse com tanta liberdade. Mas isso é mera especulação.⁵⁵

A vida de Al Hubbard deu uma guinada em 1951. Na época, ele era muito bem-sucedido, mas infeliz, “procurando desesperadamente o sentido da vida”, segundo Willis Harman, do grupo de engenheiros do Vale do Silício para quem Hubbard apresentaria o LSD no fim da década. No relato que Hubbard fez para Harman (e que Harman contou para Todd Brendan Fahey), ele estava caminhando no estado de Washington quando um anjo apareceu para ele em uma clareira. “Ela [o anjo] disse a Al que algo tremendamente importante para o futuro da humanidade iria surgir em breve, e que ele podia ter um papel nisso se quisesse. Mas ele não tinha a menor ideia do que deveria estar buscando.”

A pista apareceu um ano mais tarde, na forma de uma reportagem numa revista científica descrevendo o comportamento de ratos que haviam recebido o recém-descoberto composto chamado LSD. Hubbard procurou e localizou o pesquisador, conseguiu um pouco da substância e teve literalmente uma experiência que mudou sua vida. Ele testemunhou o início da vida na Terra, assim como sua própria concepção. “Foi a coisa mais profunda e mística que eu já tinha visto”, contou a amigos depois.⁵⁶ “Vi a mim mesmo como um ser minúsculo em um grande pântano com uma centelha de inteligência. Vi meu pai e minha mãe tendo relações sexuais.” Claramente era disso que o anjo estava falando — “algo tremendamente importante para o futuro da humanidade”. Hubbard percebeu que estava sob sua responsabilidade levar o evangelho do LSD, e o próprio composto químico, à maior quantidade de pessoas que pudesse. Ele tinha recebido o que chamou de “um papel especial”.

Assim começou a carreira de Al Hubbard como o Johnny Appleseed [Semeador] do LSD. Através de sua extensa rede de conexões tanto no governo quanto no mundo dos negócios, ele convenceu os Laboratórios Sandoz a lhe dar uma quantidade espantosa de LSD — uma garrafa de um litro, segundo um relato; 43 caixas, segundo outro; 6 mil frascos em uma terceira versão. (Ele teria dito a Albert Hofmann que planejava usar o LSD para “libertar a consciência humana”). Dependendo de em quem você acredita, ele teria mantido esse suprimento escondido num cofre em Zurique ou enterrado em algum lugar do Vale da Morte, mas uma parte substancial ele carregava consigo mesmo numa bolsa de couro. Hubbard acabou se tornando distribuidor exclusivo da Sandoz no Canadá e, depois, conseguiu de alguma forma uma licença de Investigador de Novas Drogas da FDA, o que lhe permitia conduzir pesquisas clínicas com LSD nos Estados Unidos — isso apesar de ter apenas a terceira série, uma condenação criminal e uma credencial científica única e questionável. (O doutorado dele foi comprado.) Vendo-se a si mesmo como um “agente catalisador”,⁵⁷ Hubbard apresentaria o LSD a um número estimado em

6 mil pessoas entre 1951 e 1966, num esforço declarado para mudar o curso da história humana.

Curiosamente, o menino descalço do Kentucky era agora uma espécie de figurão, escolhendo, como seus súditos, grandes nomes dos negócios, do governo, das artes, da religião e da tecnologia. Ele acreditava em trabalhar de cima para baixo e desprezava outros evangelistas psicodélicos, como Timothy Leary, que tinham uma abordagem mais democrática. Congressistas, autoridades da Igreja Católica,^v atores de Hollywood, funcionários públicos, escritores e filósofos famosos, representantes de universidades, engenheiros da computação e homens de negócio importantes foram todos apresentados ao LSD como parte da missão de Hubbard de mudar o curso da história de cima para baixo. (Nem todos que Hubbard abordou toparam a experiência: J. Edgar Hoover, que Hubbard chamava de amigo próximo, recusou.) Hubbard acreditava que, “se pudesse propiciar a experiência psicodélica para os principais executivos das empresas na lista da Fortune 500”, recordou Abram Hoffer, “mudaria toda a sociedade”.⁵⁸ Um dos executivos para quem Hubbard ligou no fim dos anos 1950 — Myron Stolaroff, assistente do presidente de planejamento de longo prazo da Ampex, na época a principal empresa de eletrônicos no Vale do Silício — ficou “convencido de que [Al Hubbard] foi o homem que trouxe o LSD para o planeta Terra”.⁵⁹

* * *

EM 1953, NÃO muito tempo depois de sua epifania psicodélica, Hubbard convidou Humphry Osmond para um almoço no Iate Clube de Vancouver. Como muitos outros, Osmond estava profundamente impressionado pela sofisticação, riqueza, conexões e acesso ao que parecia ser um estoque infinito de LSD. O almoço levou a uma colaboração que mudou a história da pesquisa com psicodélicos e, de forma importante, preparou o terreno para a pesquisa que acontece hoje.

Sob a influência de Hubbard e Huxley, que se interessava principalmente pela capacidade dos psicodélicos de causar revelações, Osmond abandonou o modelo psicomimético.⁶⁰ Foi Hubbard quem propôs a ele pela primeira vez que a experiência mística que muitos pacientes tinham sob a influência de uma única alta dose de mescalina ou LSD poderia em si ser utilizada como terapia — e que essa experiência era mais importante do que o composto químico. A viagem psicodélica poderia, assim como a experiência de conversão, mostrar de maneira convincente para as pessoas uma nova perspectiva de vida, mais envolvente, e assim ajudá-las a mudar. Mas talvez a

contribuição mais permanente de Hubbard à terapia psicodélica tenha surgido, inusitadamente, na sala de terapia.

É mais fácil acumular fatos sobre a vida de Al Hubbard do que ter uma compreensão estável de seu caráter; ele era repleto de contradições. O sujeito durão que andava armado era também um místico ardoroso que falava sobre amor e beatitudes celestiais. E o homem de negócios com uma boa rede de contatos e agente do governo mostrou-se um terapeuta impressionantemente sensível e talentoso. Apesar de jamais ter usado esses termos, Hubbard foi o primeiro pesquisador a entender a importância crítica do “cenário” e do “ambiente” na determinação da experiência psicodélica.⁶¹ Ele entendeu, de forma instintiva, que as paredes brancas e a luz fosforescente das higienizadas salas de hospital eram completamente erradas. Assim, levou imagens e música, flores e diamantes para a sala de tratamento e usou tudo isso na preparação dos pacientes para que eles tivessem uma revelação mística ou para desviar o curso de uma viagem que tomasse um caminho aterrorizante. Ele gostava de mostrar às pessoas pinturas de Salvador Dalí e imagens de Jesus ou pedir que elas estudassem as faces do diamante que carregava. Um paciente que ele tratou em Vancouver, um alcoólico paralisado pela ansiedade social, se lembra de Hubbard mostrar a ele um buquê de rosas durante uma sessão de LSD: “Ele disse: ‘Agora odeie essas flores.’ Elas murcharam e as pétalas caíram, e comecei a chorar. Então ele disse: ‘Ame as flores.’ E elas voltaram mais brilhantes e espetaculares do que antes. Isso significou muito para mim. Descobri que você pode transformar seus relacionamentos no que quiser. O problema que eu estava tendo com as pessoas vinha de mim.”⁶²

O que Hubbard estava levando para a sala de tratamento era algo bem conhecido de qualquer curandeiro tradicional. Xamãs entenderam há milênios que uma pessoa nas profundezas de um transe ou sob a influência de uma planta poderosa pode ser facilmente manipulada com a ajuda de algumas palavras, objetos especiais e o tipo certo de música. Hubbard entendeu intuitivamente que a sugestionabilidade da mente humana durante um estado alterado de consciência pode ser aproveitada como um recurso importante para a cura — para quebrar padrões destrutivos de pensamento e propor novas perspectivas no lugar. Pesquisadores podem preferir chamar isso de manipulação do “cenário” e do “ambiente”, o que é bastante preciso, mas a maior contribuição de Hubbard à terapia moderna com compostos psicodélicos foi introduzir as confiáveis ferramentas do xamanismo, ou pelo menos sua versão ocidentalizada.

EM POUCOS ANOS, Hubbard conhecia quase todo mundo na comunidade de pesquisa com psicodélicos na América do Norte, deixando sempre uma impressão indelével, além de uma trilha de dicas terapêuticas e ampolas de LSD da Sandoz. No final dos anos 1950, ele se transformou numa espécie de peregrino dos psicodélicos. Numa semana, podia estar em Weyburn, auxiliando Humphry Osmond e Abram Hoffner no trabalho com alcoólicos que chamava a atenção do mundo. De lá seguia para Manhattan, para encontrar R. Gordon Wasson, e depois, na volta para o oeste, parava para administrar LSD a um figurão ou participar de um grupo de pesquisa em Chicago. Na semana seguinte, ele estaria em Los Angeles, liderando sessões de LSD com Betty Eisner, Sidney Cohen ou Oscar Janiger e compartilhando livremente suas técnicas de tratamento e suprimentos da droga. (“Esperávamos por ele como uma velhinha do interior esperava por uma cópia do catálogo da Sears”, lembrou Oscar Janiger anos depois.)⁶³ E então voltava a Vancouver, onde tinha convencido o Hospital Hollywood a dedicar uma ala inteira ao tratamento de alcoólicos com LSD.^{VI} Hubbard com frequência pilotava o próprio avião até Los Angeles para discretamente levar celebridades de Hollywood para se tratar em Vancouver. Foi esse fato que lhe rendeu o apelido de Capitão Viagem. Hubbard também estabeleceu outros dois centros de tratamento de alcoolismo no Canadá, onde conduzia sessões regulares de LSD e registrava índices de sucesso impressionantes.⁶⁴ O tratamento para alcoolismo com LSD usando o método de Hubbard se tornou um negócio no Canadá. Mas Hubbard acreditava que era antiético lucrar com a droga, o que levou a conflitos entre ele e algumas das instituições com as quais ele trabalhava, porque elas cobravam até quinhentos dólares por sessão de LSD. Para Hubbard, a terapia psicodélica era uma forma de filantropia, e ele consumiu sua fortuna em nome dessa causa.

Al Hubbard se deslocava entre centros de pesquisa distantes como uma abelha rainha psicodélica, disseminando informação, compostos químicos e perícia química enquanto construía o que se tornou uma extensa rede por toda a América do Norte. Com o tempo, ele acrescentaria Menlo Park e Cambridge a esse circuito. Mas Hubbard só espalhava informação, ou também coletava e repassava à CIA? O polinizador seria também um espião? É impossível dizer com certeza; algumas pessoas que conheceram Hubbard (como James Fadiman) pensam que isso é totalmente plausível, enquanto outros não têm tanta certeza, lembrando que o Capitão com frequência criticava a CIA por usar o LSD como arma. “O trabalho da CIA cheira mal”, disse ele por Oscar Janiger no fim dos anos 1970.⁶⁵

Hubbard estava se referindo ao programa de pesquisa MK-Ultra da agência, que desde 1953 tentava descobrir se o LSD podia ser usado

como arma de guerra não letal (por exemplo, contaminando a reserva de água do adversário), soro da verdade em interrogatórios, meio de controle da mente,^{vi} ou como um truque sujo contra líderes estrangeiros pouco amigáveis, fazendo-os agir ou falar de forma constrangedora. Nenhum desses esquemas deu certo, pelo menos até onde sabemos, e tudo refletia uma agenda que permaneceu presa ao modelo psicomimético muito depois de outros pesquisadores o terem abandonado. No percurso, a CIA aplicou LSD em seus próprios funcionários e em cidadãos que não deram autorização para isso; num caso famoso que só veio a público nos anos 1970, a CIA admitiu ter ministrado secretamente LSD a um especialista em armas biológicas chamado Frank Olson em 1953; dias depois, Olson saltou para a morte do 13º andar do Hotel Statler em Nova York. (Outros acreditam que Olson foi empurrado e que a admissão da CIA, mesmo embaraçosa, foi na verdade um pretexto para encobrir um crime muito mais terrível.) Al Hubbard podia estar se referindo a Olson ao dizer: “Tentei explicar a eles como usar, mas, mesmo quando estavam matando gente, era impossível dizer algo a eles.”⁶⁶

Uma parada regular de Hubbard nas visitas a Los Angeles era a casa de Aldous e Laura Huxley. Huxley e Hubbard estabeleceram a mais improvável das amizades depois que Hubbard apresentou o escritor ao LSD — e ao método Hubbard — em 1955. A experiência diminuiu a importância da viagem de mescalina do autor em 1953. Como Huxley escreveu para Osmond depois, “o que passou pela porta fechada foi a percepção [...] a consciência direta e total do lado de dentro, por assim dizer, do amor como principal e fundamental fato cósmico”.⁶⁷ A força dessa revelação parece quase constranger o escritor em sua nudez: “As palavras, é claro, têm um tipo de indecência e devem necessariamente parecer falsas, parecem bobagens. Mas o fato permanece.”

Huxley reconheceu de imediato o valor de um aliado que sabia tanto sobre os caminhos do mundo como o homem que ele gostava de chamar de “o bom Capitão”. E, como frequentemente acontece, o Homem das Letras se atraiu pelo Homem da Ação.

“Que bebês indefesos somos nós, literatos e profissionais!”, Huxley escreveu para Osmond a respeito de Hubbard.⁶⁸ “O grande Mundo ocasionalmente requer seus serviços, diverte-se ligeiramente com os meus, mas sua total atenção e deferência são dirigidas ao Urânio e aos Grandes Negócios. Sendo assim, que sorte extraordinária esse representante desses dois Poderes Superiores (a) ter ficado tão apaixonadamente interessado pela mescalina e (b) ser um homem tão bom.”

Nem Huxley nem Hubbard eram particularmente dedicados à medicina ou à ciência, então não surpreende que, com o tempo, seu

interesse principal tenha passado do tratamento de indivíduos com problemas psicológicos ao desejo de tratar toda a sociedade. (Essa aspiração parece acabar infectando uma hora ou outra todos aqueles que trabalham com psicodélicos, até mesmo cientistas, inclusive gente com temperamentos tão diferentes quanto Timothy Leary e Roland Griffiths.) Mas a pesquisa psicológica avança de pessoa em pessoa, de experimento em experimento; não há um modelo no mundo real que permita usar uma droga para mudar toda a sociedade, como Hubbard e Huxley estavam determinados a fazer; por isso o método científico começou a parecer para eles, assim como para Leary, uma camisa de força.

Ao retornar de sua primeira experiência com LSD, Huxley escreveu para Osmond perguntando “quem, tendo percebido o fato primordial da unidade no amor, ia querer retornar à experimentação no nível psíquico? [...] O que estou dizendo é que a abertura da porta pela mescalina ou pelo LSD é uma oportunidade preciosa demais, um privilégio raro demais para se negligenciar em nome da experimentação”.⁶⁹ Ou para ser limitado a pessoas doentes. Osmond era de fato simpático a esse ponto de vista — afinal, ele administrara mescalina a Huxley num experimento nada controlado — e participou de muitas das sessões de Hubbard com os Melhores e Mais Brilhantes. Porém ele não estava preparado para abandonar a ciência ou a medicina em nome do que quer que Huxley e Hubbard imaginassem estar além disso.

Em 1955, Al Hubbard tentou escapar da camisa de força científica e formalizar sua rede de pesquisadores psicodélicos ao estabelecer algo que chamou de Comissão para o Estudo da Imaginação Criativa.⁷⁰ O nome refletia seu desejo de levar o trabalho com compostos psicodélicos além dos limites da medicina com seu foco nos doentes. Para o conselho da comissão, Hubbard recrutou Osmond, Hoffer, Huxley e Cohen, além de meia dúzia de outros pesquisadores psicodélicos, um filósofo (Gerald Heard) e um funcionário da ONU; ele se autodenominou “diretor científico”.

(O que essas pessoas pensavam de Hubbard e de seu título grandioso, sem falar nas suas credenciais acadêmicas falsas? Eles eram ao mesmo tempo indulgentes e cheios de admiração. Quando Betty Eisner escreveu uma carta a Osmond expressando desconforto com declarações dadas por Hubbard, ele sugeriu que ela pensasse nele como uma espécie de Cristóvão Colombo: “Exploradores nem sempre foram pessoas muito científicas, nem excelentes ou totalmente objetivas.”)⁷¹

Não fica claro o que mais a Comissão para o Estudo da Imaginação Criativa fazia além de ter um papel timbrado chique, mas sua própria existência assinala uma fissura crescente entre a abordagem médica e

a abordagem espiritual dos psicodélicos. (Sidney Cohen, sempre ambivalente em questões de ciência versus misticismo, se retirou de maneira abrupta em 1957, apenas um ano depois de se juntar ao conselho.) Apesar do título de “diretor científico”, Hubbard afirmou durante esse período: “Meu respeito pela ciência, como um fim em si mesmo, vem diminuindo com o tempo [...] quando o que quero com todo o meu ser é algo que vive longe e fora do alcance da manipulação empírica.”⁷² Muito antes de Leary, a mudança do objetivo da pesquisa com compostos psicodélicos de psicoterapia para revolução cultural estava a caminho.

* * *

UM ÚLTIMO PONTO que merece ser visitado na extensa rede psicodélica de Al Hubbard é o Vale do Silício, onde o potencial do LSD para promover “a imaginação criativa” e portanto mudar a cultura foi submetido a seu teste mais radical até hoje. De fato, as sementes que Hubbard plantou no Vale do Silício continuam a frutificar na forma do interesse constante do vale pelos compostos psicodélicos como ferramenta para a criatividade e inovação. (Enquanto escrevo, a prática da microdosagem — que consiste em tomar uma pequena dose de LSD, quase imperceptível, como uma espécie de tônico mental — está na moda na comunidade tecnológica.) Steve Jobs dizia com frequência para as pessoas que seus experimentos com LSD estavam entre as duas ou três experiências mais importantes de sua vida.⁷³ Ele gostava de provocar Bill Gates: “Ele seria um cara mais aberto se tomasse ácido de vez em quando ou se tivesse ido para um ashram quando era mais jovem.”⁷⁴ (Gates disse que, na verdade, já experimentou LSD.) Talvez não seja uma linha reta, mas é possível traçar uma linha conectando a chegada de Al Hubbard ao Vale do Silício com uma mala cheia de LSD ao boom da tecnologia que Steve Jobs ajudou a promover um quarto de século depois.

A figura central no casamento de Al Hubbard com o Vale do Silício foi Myron Stolaroff. Stolaroff era um talentoso engenheiro elétrico que, em meados dos anos 1950, se tornou assistente do diretor de planejamento estratégico da Ampex, uma das primeiras empresas de tecnologia a se instalar no que, na época, era um pacato vale cercado de fazendas e pomares. (A região só começaria a ser chamada de Vale do Silício em 1971.) A Ampex, que no seu melhor momento teve 13 mil funcionários, foi pioneira no desenvolvimento das fitas magnéticas de rolo tanto para áudio quanto para gravação de dados. Nascido em Roswell, no Novo México, em 1920, Stolaroff estudou engenharia em Stanford e foi um dos primeiros funcionários da Ampex, fato que faria dele um homem rico. Judeu não praticante, aos trinta anos ele estava

no meio de uma busca espiritual que acabou por levá-lo a Gerald Heard, um filósofo inglês amigo de Aldous Huxley. Stolaroff ficou tão tocado com a descrição de Heard de sua experiência com o LSD com Al Hubbard que em março de 1956 foi a Vancouver para uma sessão com o Capitão em seu apartamento.

Sessenta e seis microgramas do LSD da Sandoz mandaram Stolaroff numa viagem que se alternou entre aterrorizante e extática. Durante várias horas, ele testemunhou toda a história do planeta, de sua formação até o desenvolvimento da vida na Terra e a aparição da humanidade, culminando com o trauma de seu próprio nascimento. (Essa parece ser a trajetória comum das viagens guiadas por Hubbard.) “Foi uma abertura extraordinária para mim”,⁷⁵ ele disse a um entrevistador anos mais tarde,

uma abertura tremenda. Revivi uma experiência de nascimento muito dolorosa que determinou quase toda a minha personalidade. Mas também experimentei a unidade da humanidade e a realidade de Deus. Eu sabia que dali em diante [...] estaria totalmente comprometido com esse trabalho.

Depois daquela primeira experiência com LSD, eu disse: “Essa é a maior descoberta que o homem já fez.”⁷⁶

Stolaroff compartilhou a novidade com um pequeno grupo de amigos e colegas na Ampex. Eles começaram a se encontrar todo mês, ou quase, para discutir questões espirituais e o potencial do LSD para ajudar indivíduos — pessoas ricas — a perceber seu potencial total. Don Allen, um jovem engenheiro da Ampex, e Willis Harman, professor de engenharia elétrica em Stanford, se juntaram ao grupo, e Al Hubbard começou a ir para Menlo Park a fim de guiar os membros em viagens psicodélicas e treiná-los para guiar outros. “Como terapeuta”, lembrou Stolaroff, “ele era um dos melhores”.

Convencido do poder do LSD para ajudar as pessoas a transcender suas limitações, Stolaroff tentou por um tempo, com a ajuda de Hubbard, reestruturar a Ampex como a primeira “organização psicodélica” do mundo. Hubbard conduziu uma série de oficinas semanais e administrou LSD em executivos da empresa dentro da sede. Mas o projeto afundou quando o diretor-geral da empresa, que era judeu, foi contra as imagens de Cristo, da Virgem Maria e da Última Ceia que Hubbard insistia em trazer para o seu escritório. Mais ou menos na mesma época, Willis Harman, o professor de engenharia elétrica, mudou o foco de suas aulas em Stanford, oferecendo uma nova disciplina sobre “potencial humano” que terminava com um módulo sobre substâncias psicodélicas. Os engenheiros estavam se iniciando em religião. (E continuam fazendo isso: sei de uma empresa de tecnologia da região da baía de São Francisco que usa compostos psicodélicos no seu treinamento de gestão. Há outras que instituíram

“sextas da microdosagem”).

Em 1961, Stolaroff deixou a Ampex para se dedicar em tempo integral à pesquisa com psicodélicos. Com Willis Harman, ele estabeleceu a pomposa Fundação Internacional para Estudos Avançados, destinada a explorar o potencial do LSD para melhorar a personalidade humana e a criatividade. Stolaroff contratou um psiquiatra chamado Charles Savage como diretor médico e, como psicólogo residente, um estudante do primeiro ano chamado James Fadiman. (Fadiman, que se graduou em Harvard em 1960, foi apresentado à psilocibina por Richard Alpert, mas só depois da graduação. “Aconteceu comigo a melhor coisa do mundo”, Alpert contou a seu ex-aluno, “e quero compartilhar com você.”)⁷⁷ Don Allen também deixou seu cargo de engenheiro na Ampex para se juntar à fundação como selecionador e guia. A fundação recebeu uma licença para pesquisa com drogas da FDA e o suprimento de LSD e mescalina de Al Hubbard, e começou a “transformar clientes” — para usar uma expressão de Hubbard. Pelos próximos seis anos ela iria transformar cerca de 350 pessoas.

James Fadiman e Don Allen se lembram daqueles anos (os dois deram longas entrevistas) como um momento emocionante e inebriante em que puderam trabalhar com aquilo que, para eles, era a fronteira das possibilidades humanas. Na maior parte do tempo, seus “pacientes” eram “normais saudáveis” ou o que Fadiman decreveu como “uma população de neuróticos ambulatoriais saudáveis”. Cada cliente pagava quinhentos dólares por um pacote que incluía um teste de personalidade antes e depois, uma sessão guiada de LSD e algum acompanhamento. Al Hubbard “vivía entrando e saindo”, lembrou Don Allen. Ele “era ao mesmo tempo nossa inspiração e nosso especialista residente”. James Fadiman diz que “ele era a força oculta por trás da pesquisa em Menlo Park”. De tempos em tempos, Hubbard levava membros da equipe para o Vale da Morte para sessões de treinamento, na crença de que a paisagem primordial da região era particularmente propícia para uma experiência reveladora.

Em mais ou menos meia dúzia de artigos publicados no início dos anos 1960, os pesquisadores da fundação relataram alguns “resultados” provocativos: 78% dos clientes disseram que a experiência ajudara a aumentar a habilidade de amar, 71% perceberam um aumento na autoestima e 83% disseram ter tido um vislumbre “de um poder maior, ou de uma realidade definitiva”, durante as sessões.⁷⁸ Aqueles que tinham essa experiência eram os que relatavam os benefícios mais duradouros. Don Allen me contou que a maioria dos clientes saía da sessão com “mudanças notáveis e sustentáveis em crenças, atitudes e comportamento, muito acima da probabilidade estatística”. Em particular, eles se tornavam “muito

menos críticos, menos rígidos, mais abertos e menos defensivos”. Mas nem tudo era doçura e luz: muitos clientes terminaram seus casamentos de maneira abrupta depois das sessões, acreditando agora estarem em relações incompatíveis ou presos a um padrão destrutivo de comportamento.

A fundação também conduziu estudos para determinar se o LSD poderia, de fato, aumentar a criatividade e a capacidade de resolução de problemas. “Isso não era nem de longe óbvio”, ressalta James Fadiman, “uma vez que a experiência era tão poderosa que você podia simplesmente soltar o pensamento e perder de vista o que estava tentando realizar”. Então, para testar sua hipótese, Fadiman e seus colegas começaram consigo mesmos, vendo se conseguiam projetar um experimento crível de criatividade sob a influência de uma dose relativamente pequena de LSD — cem microgramas. Talvez não surpreendentemente, eles decidiram que podiam.

Trabalhando em grupos de quatro, James Fadiman e Willis Harman administraram a mesma dose de LSD a artistas, engenheiros, arquitetos e cientistas, todos de alguma forma “estagnados” em algum projeto de trabalho. “Usamos todas as manipulações de cenário e ambiente do manual”, lembra Fadiman, dizendo aos participantes que “eles ficariam fascinados com sua capacidade intelectual e que iam resolver problemas como nunca antes.” Os indivíduos relataram maior fluidez de pensamento, assim como uma habilidade maior tanto para visualizar o problema quanto para recontextualizá-lo. “Ficamos maravilhados, assim como nossos participantes, ao ver que muitas soluções inovadoras e efetivas surgiram das sessões”, escreveu Fadiman.⁷⁹ Entre os participantes da pesquisa estavam alguns visionários que nos anos seguintes revolucionariam os computadores, como William English e Doug Engelbart.^{viii} Havia todo tipo de problema com esse estudo — não era controlado, dependia da avaliação dos próprios participantes e foi encerrado antes de ter sido completado —, mas pelo menos ele apontava para um caminho promissor de pesquisa.

A fundação fechou em 1966, mas o trabalho de Hubbard no Vale do Silício não havia terminado. Em mais um dos episódios misteriosos de sua carreira, Hubbard foi retirado da semiaposentadoria por Willis Harman em 1968. Depois que a Fundação Internacional para Estudos Avançados foi dissolvida, Harman foi trabalhar no Instituto de Pesquisa de Stanford (IPS), um prestigioso *think tank* afiliado à Universidade Stanford e beneficiário de contratos de muitos órgãos do governo federal, inclusive do Exército. Harman se tornou responsável pelo Centro de Pesquisa em Políticas Educacionais do IPS, com o objetivo de vislumbrar o futuro da educação. O LSD agora era ilegal, mas ainda continuava a ser utilizado na comunidade de engenheiros e

acadêmicos em Stanford e no entorno da universidade.

Hubbard, que agora estava falido, foi contratado como “agente investigativo especial” de meio período, supostamente para acompanhar o uso de drogas no movimento estudantil. A carta de motivação de Harman para Hubbard é tão obscura quanto sugestiva:

Nossas investigações de alguns dos atuais movimentos sociais que afetam a educação indicam que a droga de uso mais comum entre os estudantes membros da Nova Esquerda não é totalmente imprevista. Parece que em parte ela está presente como uma arma deliberada para mudança política. Estamos preocupados em avaliar o significado disso na medida em que isso impacta os assuntos da política educacional de longo prazo. Nessa conexão, seria vantajoso ter você na função de agente investigativo especial, que poderia ter acesso a dados relevantes que não costumam estar disponíveis para o público em geral.⁸⁰

Embora isso não fosse mencionado na carta, os serviços de Hubbard para o IPS também incluíam usar seus extensos contatos no governo para manter os contratos. Então Al Hubbard mais uma vez vestiu seu uniforme de agente de segurança, com direito a distintivo dourado, pistola e cinturão cheio de balas, e voltou ao trabalho.

Mas o uniforme e o título de “agente especial” eram um disfarce, e um disfarce audacioso.

Como inimigo público da contracultura em ascensão, é inteiramente possível que Hubbard tenha investigado o uso ilegal de drogas no campus para o IPS (e outros^{IX}), mas, caso tenha feito isso, estava outra vez trabalhando para os dois lados da moeda. Porque, embora o status legal do LSD tivesse mudado em 1968, a missão de Hubbard e Harman — “prover a experiência [de LSD] para líderes políticos e intelectuais no mundo todo” — aparentemente permanecia a mesma.⁸¹ O trabalho pode muito bem ter continuado, apenas com mais discrição e sob disfarce. Como Willis Harman contou para Todd Brendan Fahey em uma entrevista em 1990, e um ex-funcionário do IPS confirmou, “Al nunca fez nada parecido com trabalho de segurança. O trabalho de Al era guiar nossas sessões especiais”.⁸²

O ex-funcionário do IPS é Peter Schwartz, um engenheiro que se tornou um líder futurista; ele é hoje vice-diretor sênior de relações governamentais e planejamento estratégico na [Salesforce.com](https://www.salesforce.com). Em 1973, Schwartz foi trabalhar para Willis Harman no IPS, seu primeiro emprego depois de sair da faculdade. Até então, Al Hubbard estava mais ou menos aposentado, e Schwartz passou a ocupar o escritório dele. Na parede sobre a mesa havia um grande retrato de Richard Nixon com a inscrição “Para meu bom amigo, Al, por todos os seus anos de serviço. Seu amigo, Dick”. Uma pilha de correspondências se acumulava sobre a mesa, com cartas do mundo todo para A.M. Hubbard, inclusive uma de George Bush, o futuro diretor da CIA, que na época dirigia o Comitê Republicano Nacional.

“Quem era esse cara?”, Schwartz se perguntou. E então, um dia, um homem gorducho com cabelo grisalho cortado à maneira militar, vestido com o uniforme de guarda da segurança, carregando sua pistola .38, apareceu para buscar sua correspondência.

“Sou amigo do Willis”, disse Hubbard para Schwartz. “E então ele começou a me fazer perguntas estranhas, totalmente fora do contexto. ‘De onde você pensa que *realmente* é? O que você pensa a respeito do cosmos?’ Fiquei sabendo mais tarde que era assim que ele examinava as pessoas, para decidir se você era ou não um candidato válido.”

Intrigado, Schwartz perguntou a Harman sobre esse sujeito misterioso e, peça por peça, começou a montar a história da vida de Hubbard. O jovem futurista logo percebeu que “a maioria das pessoas que eu conhecia que tinham ideias interessantes havia ‘viajado’ com Hubbard: professores em Stanford, Berkeley, a equipe do IPS, engenheiros de computação, cientistas, escritores. Todos tinham sido transformados por essa experiência”. Schwartz diz que muitos dos primeiros engenheiros de computação confiavam no LSD para desenhar chips de circuito, especialmente na época em que eles ainda não podiam ser desenvolvidos no computador. “Você tinha que ser capaz de visualizar algo extremamente complexo em três dimensões, manter tudo na sua cabeça. Eles descobriram que o LSD podia ajudar.”

Schwartz acabou se dando conta de que “todo mundo naquela comunidade” — o pessoal da área tecnológica na baía de São Francisco nos anos 1960 e começo dos anos 1970, assim como as pessoas dentro e próximas da Whole Earth Network, de Stewart Brand — “tomou o LSD de Hubbard”.

Por que os engenheiros em particular estavam tão vidrados pelos psicodélicos? Schwartz, que é engenheiro aeroespacial, pensa que isso tem a ver com o fato de que, diferentemente do que acontece no trabalho dos cientistas, que podem simplificar os problemas nos quais trabalham:

A resolução de problemas na engenharia sempre envolve uma complexidade irreduzível. Você está sempre equilibrando variáveis complexas que nunca se mostram perfeitas, então se desespera para encontrar padrões. O LSD mostra a você esses padrões.

Não tenho dúvidas de que todo esse LSD do Hubbard que tomamos teve um grande efeito no nascimento do Vale do Silício.

Stewart Brand recebeu seu próprio batismo de LSD de Hubbard na Fundação Internacional para Estudos Avançados em 1962, tendo James Fadiman como guia. Sua primeira experiência “foi bem meia boca”, lembra ele, mas levou a uma série de outras viagens que reformularam sua visão de mundo e, indiretamente, a de todos nós. A Whole Earth Network de Brand conseguiria reunir um grupo

(incluindo Peter Schwartz, Esther Dyson, Kevin Kelly, Howard Rheingold e John Perry Barlow) que teria um papel importante na redefinição do que os computadores significavam e faziam, ajudando a transformá-los de uma ferramenta de base do complexo militar-industrial — com o cartão perfurado (precursor da memória usada em computadores) sendo um conveniente símbolo do Homem Organizacional — em uma ferramenta de libertação individual e comunidade virtual, com um visível toque de contracultura. Quanto da ideia de ciberespaço, um reino imaterial onde é possível construir uma nova identidade e se misturar a uma comunidade de outros seres virtuais, se deve a uma imaginação moldada por uma experiência com compostos psicodélicos? E a realidade virtual? Toda a noção de cibernética, a ideia de que a realidade material pode ser traduzida em bits de informação, talvez também deva algo à experiência com LSD, com seu poder de transformar matéria em espírito.

Brand acredita que o valor que o LSD teve para a sua comunidade foi o de instigar a criatividade, primeiro ajudando a trazer o poder dos computadores em rede para as pessoas (através de visionários da computação do IPS como Doug Engelbart e a incipiente comunidade hacker), mas depois sendo suplantado pelos próprios computadores. (“Em determinado momento, as drogas não estavam evoluindo”, diz Brand, “mas os computadores sim”.) Após sua experiência com a Fundação Internacional para Estudos Avançados, Brand se envolveu com Ken Kesey e seu célebre Teste do Ácido, que ele descreve como “uma forma de arte participativa que leva direto para o Burning Man”, o encontro anual de artes, tecnologia e comunidades psicodélicas no deserto de Nevada. Do seu ponto de vista, o LSD era um ingrediente fundamental para nutrir o espírito colaborativo do experimento, e a tolerância ao fracasso, que distinguiu a cultura do computador na Costa Oeste. “Isso nos permitiu tentar coisas estranhas em conluio com outras pessoas.”

Em alguns casos, o LSD produzia insights genuínos, como aconteceu com o próprio Brand numa tarde fria da primavera de 1966. Entediado, ele foi para o terraço do seu prédio em North Beach e tomou cem microgramas de ácido — a dose de criatividade de Fadiman. Olhando a cidade enrolado num cobertor, ele teve a impressão de que as ruas não se alinhavam de forma paralela com os prédios. Deve ser por causa da curvatura da Terra, imaginou. Ocorreu a ele que, quando pensamos na Terra como plana, como normalmente fazemos, presumimos que ela é infinita, e tratamos seus recursos como tal. “Nossa relação com o infinito é usá-lo”, pensou, “mas a terra redonda é um espaço finito que precisamos gerenciar com cuidado”. Ou pelo menos foi o que lhe pareceu naquela tarde, “a três andares e cem microgramas de altura”.

Ele poderia mudar tudo se tivesse como explicar isso às pessoas! Mas como? Brand se concentrou no programa espacial e pensou:

Por que nunca vimos uma foto da Terra tirada do espaço? Fiquei obcecado com isso, em como conseguir essa foto que revolucionaria nossa compreensão de nosso lugar no universo. *Já sei, vou fazer um bóton!* Mas o que deveria dizer? “Vamos ter uma foto da Terra do espaço.” Não, tem que ser uma pergunta, e talvez meio paranoica — investir *nesse* recurso americano. “Por que ainda não vimos uma foto da Terra inteira?”

Brand desceu do terraço e lançou uma campanha que chegou aos corredores do Congresso e da Nasa. Não se sabe se foi por causa da campanha, mas, dois anos depois, em 1968, os astronautas viraram suas câmeras e nos deram a primeira foto da Terra a partir da Lua, e Stewart Brand nos deu a primeira edição do *Whole Earth Catalog*. Tudo mudou? É possível dizer que sim.

Parte II: O racha

TIMOTHY LEARY CHEGOU tarde nos compostos psicodélicos. Na época em que lançou o Projeto Psilocibina de Harvard, em 1960, já havia uma década inteira de pesquisa com psicodélicos na América do Norte, com centenas de artigos acadêmicos e muitas conferências internacionais para mostrar isso. Leary raramente fez referência a esses trabalhos, preferindo manter a impressão de que sua própria pesquisa com psicodélicos representava um novo capítulo radical nos anais da psicologia. Em 1960, o futuro da pesquisa com compostos psicodélicos parecia brilhante. Contudo, num breve período de cinco anos, o clima político e cultural mudou completamente, um pânico moral sobre o LSD tomou conta dos Estados Unidos e praticamente toda pesquisa com psicodélicos e terapia ou foi interrompida ou se tornou clandestina. *O que aconteceu?*

“Timothy Leary” é a resposta mais óbvia para essa pergunta. Quase todo mundo que entrevistei sobre o tema — dezenas de pessoas — começou a responder dizendo “É fácil demais culpar Leary”, antes de fazer exatamente isso. É difícil evitar a conclusão de que o extravagante professor de psicologia, com um tropismo que o levava na direção do sol da publicidade, fosse boa *ou* má, de fato provocou muitos danos à causa da pesquisa com compostos psicodélicos. Ele provocou. No entanto, as forças sociais liberadas pelas drogas em si, uma vez que deixaram o laboratório para ir para a cultura, eram grandes o suficiente para que qualquer indivíduo pudesse resistir a elas — ou levar o crédito por isso. Com ou sem as negligentes, alegres e amplamente divulgadas excentricidades de Timothy Leary, o puro

poder dionisíaco do LSD estava fadado a sacudir as coisas e a incitar uma reação.

Quando foi contratado por Harvard, em 1959, Leary gozava da reputação de um talentoso pesquisador sobre personalidade, mas, mesmo nessa época — antes de sua primeira experiência arrasadora com psilocibina em Cuernavaca, no verão de 1960 —, se sentia desencantando com seu campo de estudo.⁸³ Alguns anos antes, como diretor de pesquisa psiquiátrica no Hospital Kaiser, em Oakland, Leary e um colega haviam conduzido um engenhoso experimento para avaliar a eficácia da psicoterapia. Um grupo de pacientes à procura de atendimento psiquiátrico foi dividido em dois; uma parte recebeu o tratamento padrão da época, e a outra (que consistia em pessoas numa lista de espera) não recebeu tratamento nenhum. Depois de um ano, um terço de todos os indivíduos melhorou, um terço piorou, e um terço permaneceu como estava — a despeito do grupo de que faziam parte. O fato de a pessoa receber tratamento não fazia diferença alguma no resultado. Então qual a vantagem da psicoterapia convencional? E da psicologia? Leary tinha começado a se questionar.

Leary logo se estabeleceu no Departamento de Relações Sociais de Harvard como um professor dinâmico e carismático, ainda que um pouco cínico. Ele era bonito e falante, do jeito expansivo dos irlandeses, e capaz de conquistar qualquer pessoa, especialmente as mulheres, que pareciam achá-lo irresistível. Leary sempre teve um jeito malandro e rebelde — foi à corte marcial durante sua passagem pela academia de West Point por violar o código de honra e expulso da Universidade do Alabama por passar a noite no dormitório das mulheres —, e a seriedade da instituição Harvard inspirou essa veia rebelde. Leary falava cinicamente da pesquisa psicológica como um “jogo”. Herbert Kelman, um colega de departamento que mais tarde se tornaria seu principal adversário, lembra que o novo professor era “bem-apegoado” (Kelman o ajudou a achar sua primeira casa), mas afirma que “sempre tive uma desconfiança em relação a ele desde o começo. Ele muitas vezes falava do nada sobre assuntos que não conhecia, como existencialismo, e dizia a nossos alunos que a psicologia era um jogo. Para mim, isso parecia um pouco arrogante e irresponsável”.

Conheci Kelman, hoje nonagenário, no pequeno e atulhado apartamento onde vive com a esposa num lar de idosos em West Cambridge. Kelman não exibiu nenhum rancor contra Leary, mas demonstrou pouco respeito por ele como professor e cientista; na verdade, ele acredita que Leary se desencantou com a ciência bem antes de os psicodélicos entrarem em sua vida. Na opinião de Kelman, mesmo antes da psilocibina, “ele já estava a meio caminho do fim”.

A introdução de Leary à psilocibina, à beira de uma piscina no

México, no verão de 1960, aconteceu três anos depois de R. Gordon Wasson publicar seu célebre artigo na revista *Life* sobre o “cogumelo que causava visões estranhas”. Para Leary, os cogumelos foram transformadores. Em uma tarde, sua paixão por entender a mente humana reacendeu — na verdade, explodiu.

“Em quatro horas ao lado da piscina em Cuernavaca, aprendi mais sobre a mente, o cérebro e suas estruturas do que em quinze anos como psicólogo aplicado”, ele escreveu mais tarde em *Flashbacks*, suas memórias de 1983.⁸⁴ “Aprendi que o cérebro é um biocomputador subtilizado [...] Aprendi que a consciência normal é apenas uma gota no oceano da inteligência. Essa consciência e inteligência podem ser sistematicamente expandidas. O cérebro pode ser reprogramado.”

Leary voltou de sua viagem com uma vontade irresistível de “sair correndo e contar para todo mundo”, como relembrou em *High Priest* [Sumo sacerdote], suas memórias de 1968. E então, em algumas frases, ele aos poucos assumiu uma voz profética, na qual toda a sua trajetória futura poderia ser prevista:

Escute! Acorde! Você é Deus! Você tem o plano Divino gravado num roteiro celular dentro de você. Escute! Aceite este sacramento! Você verá! Você receberá a revelação! Isso vai mudar a sua vida!⁸⁵

Mas, pelo menos nos primeiros dois anos em Harvard, Leary fez ciência sem demonstrar muito interesse. De volta a Cambridge naquele outono, ele recrutou Richard Alpert, um promissor professor assistente herdeiro de uma fortuna da indústria ferroviária, e, tendo obtido a aprovação tácita de seu chefe de departamento, David McClelland, os dois fundaram o Projeto Psilocibina de Harvard, que operava em uma minúscula sala no Departamento de Relações Sociais, em uma casa no número 5 da Divinity Avenue. (Fui procurar a casa, mas ela já foi demolida faz tempo e substituída por um grande prédio de ciências que ocupa a quadra toda.) Leary, o eterno vendedor, convenceu Harvard de que a pesquisa que ele se propunha a fazer estava alinhada com a tradição de William James, que no início do século também estudara estados alterados de consciência e a experiência mística em Harvard. A universidade definiu uma condição para a pesquisa: Leary e Alpert poderiam dar as novas drogas para os estudantes de pós-graduação, mas não para os de graduação. Não muito tempo depois, um seminário com um título intrigante apareceu na lista de cursos de Harvard:

Expansão experimental da consciência

Revisão da literatura descrevendo a indução interna e externa da consciência. Estudo dos elementos básicos das experiências místicas em diversas culturas. Os membros do seminário vão participar de experiências com métodos de expansão da consciência e se dedicar à análise sistemática da atenção a problemas de metodologia nesta área. Este seminário é de participação limitada a alunos de pós-

“Expansão experimental da consciência” foi um seminário extremamente popular.

* * *

EM SEUS TRÊS anos de existência, o Projeto Psilocibina de Harvard teve resultados surpreendentemente pouco significativos, pelo menos em termos de ciência. Em seus primeiros experimentos, Leary e Alpert administraram psilocibina a centenas de pessoas de todo tipo, entre elas donas de casa, músicos, artistas, acadêmicos, escritores, outros psicólogos e estudantes de pós-graduação, que depois preenchiam questionários sobre suas experiências. De acordo com “Americanos e cogumelos em um ambiente naturalista: um relatório preliminar”, a maioria dos participantes passou por experiências positivas e ocasionalmente por algo capaz de mudar a vida.

“Naturalista” era um termo adequado: essas sessões aconteciam não nos prédios da universidade, mas em salas de estar confortáveis, acompanhadas de música e luz de velas, e para um observador casual pareceriam mais uma festa do que um experimento, sobretudo porque os próprios pesquisadores também costumavam participar. (Leary e Alpert tomaram uma quantidade gigantesca de psilocibina e, depois, LSD.) Pelo menos no começo, Leary, Alpert e seus estudantes de pós-graduação se esforçaram para escrever relatos das suas experiências e das experiências dos participantes da pesquisa, como se fossem exploradores pioneiros em uma fronteira não mapeada da consciência e como se a década anterior de trabalho pesquisando o panorama psicodélico não tivesse acontecido. “Estávamos por conta própria”, escreveu Leary, um pouco falsamente.⁸⁷ “A literatura ocidental não tinha quase nenhum guia, nem mapas, nem textos que pelo menos reconhecessem a existência dos estados alterados.”

A partir desse extenso trabalho de campo, porém, Leary fez algum trabalho original teorizando a ideia de “cenário” e “ambiente”, empregando as palavras nesse contexto pela primeira vez na literatura. Esses termos úteis, se não os conceitos que eles definem — pelos quais Al Hubbard merece a maior parte do crédito —, podem muito bem ser a contribuição mais duradoura de Leary para a ciência psicodélica. Leary e Alpert publicaram nos primeiros anos em Harvard um punhado de artigos que ainda merecem ser lidos, tanto por serem bem escritos e pela etnografia das experiências observadas de perto quanto por serem textos nos quais é possível perceber os primeiros sinais de uma nova sensibilidade.

Com base na ideia de que as experiências transformadoras dos

voluntários do Projeto Psilocibina poderiam ter aplicação social mais ampla, Leary e um estudante de pós-graduação, Ralph Metzner, sonharam em 1961 com um projeto de pesquisa mais ambicioso. O Experimento da Prisão de Concord buscava descobrir se o potencial da psilocibina para alterar a personalidade poderia ser usado para reduzir a reincidência em uma população de criminosos embrutecidos. O fato de esse experimento audacioso ter saído do papel mostra o talento de Leary como vendedor e também seu charme, uma vez que não só o psiquiatra do presídio como o próprio diretor da instituição tinham que liberá-lo.

A ideia era comparar taxas de reincidência em dois grupos de detentos em uma prisão de segurança máxima em Concord, Massachusetts. Um grupo de 32 presos recebeu psilocibina em sessões que aconteceram na prisão, com um membro da equipe de Leary tomando a droga com eles — para não ser condescendente com os prisioneiros, explicou Leary, ou tratá-los como ratos de laboratório.^{xi} Um outro membro da equipe permanecia sóbrio para observar e tomar notas. Um segundo grupo de presos não recebia drogas ou qualquer tratamento especial. Os dois grupos foram então acompanhados por meses após deixarem a cadeia.

Leary relatou resultados de arregalar os olhos: dez meses após saírem da prisão, apenas 25% dos que haviam recebido a psilocibina voltaram a ser presos, enquanto no grupo de controle a taxa de retorno foi de 80%.⁸⁸ Mas, ao reconstruir meticulosamente o experimento de Concord décadas depois, revisando os resultados de cada indivíduo, Rick Doblin, da Amep, concluiu que Leary exagerou os dados; na verdade, não houve nenhuma diferença estatisticamente relevante nas taxas de reincidência entre os dois grupos.⁸⁹ (Mesmo na época, os problemas de metodologia do estudo levaram David McClelland, o chefe do departamento, a escrever um memorando contundente para Metzner.) Sobre o trabalho científico de Leary, Sidney Cohen, ele mesmo um pesquisador de psicodélicos, concluiu que “era o tipo de pesquisa que fazia os cientistas terem um calafrio”.⁹⁰

Leary teve um papel mais tangencial em outro estudo, mais convincente, feito na primavera de 1962: o Experimento da Sexta-feira Santa, descrito no Capítulo 1. Ao contrário do Experimento da Prisão de Concord, o “Milagre na Capela Marsh”, como ficou conhecido, fez um esforço de boa-fé para honrar as convenções de um experimento psicológico duplo-cego e controlado. Nem os investigadores nem os participantes — vinte estudantes de teologia — foram informados sobre quem havia recebido a droga ou tomado o placebo ativo. A pesquisa da Sexta-feira Santa está longe de ser perfeita; Pahnke suprimiu o fato de que um dos participantes surtou e foi sedado.

Contudo, a principal conclusão de Pahnke — de que a psilocibina podia, com segurança, ocasionar uma experiência mística que é “indistinguível, se não idêntica”, às experiências descritas na literatura — ainda se sustenta e ajudou a inspirar a atual onda de pesquisas, particularmente a da Johns Hopkins, onde foi reproduzida (grosso modo) em 2006.

Mas a maior parte do crédito para o Experimento da Sexta-feira Santa pertence por direito a Walter Pahnke, não a Timothy Leary, que foi crítico da proposta desde o começo; ele disse a Pahnke que era perda de tempo usar um grupo de controle ou placebo ativo. “Se aprendemos algo com aquela experiência”, Leary escreveu mais tarde, “foi quanto era tolo fazer um experimento duplo-cego com psicodélicos. Em cinco minutos, ninguém estava enganando ninguém”.⁹¹

* * *

A ESSA ALTURA, Leary basicamente tinha perdido o interesse por fazer ciência; ele estava pronto para trocar o “jogo da psicologia” pelo que iria chamar de “jogo do guru”. (Talvez a característica mais cativante de Leary fosse nunca se levar muito a sério — mesmo como guru.) Tinha ficado claro para ele que a importância cultural e espiritual da psilocibina e do LSD superava em muito qualquer benefício terapêutico para indivíduos. Como no caso de Hubbard, Huxley e Osmond antes dele, os compostos psicodélicos convenceram Leary de que tinham o poder não apenas de curar as pessoas, mas também de mudar a sociedade e salvar a humanidade, e que era sua missão servir de profeta deles. Era como se os próprios compostos químicos tivessem criado um esquema brilhante para sua proliferação, através da colonização dos cérebros de tipos humanos carismáticos e messiânicos.

“Estávamos pensando num futuro distante em Harvard”, Leary escreveu mais tarde sobre esse período, “acreditando que era tempo (depois dos frívolos e nostálgicos anos 1950) de visões avançadas, sabendo que os Estados Unidos tinham esgotado a filosofia, que uma nova metafísica empírica, tangível, era desesperadamente necessária”.⁹² A bomba e a guerra fria formavam um pano de fundo crucial para essas ideias, dando ares de urgência ao projeto.

Leary também foi incentivado a fazer essa mudança de cientista para evangelista por alguns dos artistas a quem deu drogas. Em uma famosa sessão em sua casa em Newton, em dezembro de 1960, Leary administrou psilocibina ao poeta beat Allen Ginsberg, um homem que não precisava de auxílio químico para assumir o papel de profeta visionário. Quase no final de uma viagem extática, Ginsberg desceu a

escada aos tropeços, tirou toda a roupa e anunciou sua intenção de marchar nu pelas ruas de Newton pregando o novo evangelho.

“Vamos ensinar as pessoas a parar de odiar”, disse Ginsberg, “começar um movimento de paz e amor”.⁹³ Podemos quase ouvir nas palavras dele os anos 1960 nascendo, como um pintinho recém-nascido ainda úmido saindo da casca do ovo. Quando Leary conseguiu convencer Ginsberg a não deixar a casa (entre outros problemas, era dezembro), o poeta pegou o telefone e começou a ligar para líderes mundiais, tentando falar com Kennedy, Khruchióv e Mao Tsé-Tung para fazê-los superar suas diferenças. No fim, Ginsberg só conseguiu encontrar seu amigo Jack Kerouac, se identificando como Deus (“é D-E-U-S”) e dizendo que ele *tinha* que consumir aqueles cogumelos mágicos.

Assim como todo o resto do mundo.

Ginsberg estava convencido de que Leary, o professor de Harvard, era o homem perfeito para liderar a cruzada psicodélica. Para Ginsberg, o fato de o novo profeta “emergir da Universidade Harvard”, a *alma mater* do recém-eleito presidente, era um caso de “comédia histórica”, pois ali estava “o primeiro e único Dr. Leary, um ser humano respeitável, um homem sábio confrontado com a tarefa de um Messias”. Vindas do grande poeta, as palavras aterrissaram como sementes na terra fértil e úmida do ego de Timothy Leary. (É um dos muitos paradoxos dos compostos psicodélicos que essas drogas possam proporcionar experiências de dissolução do ego que em algumas pessoas levam a uma forte ampliação do ego. Tendo tido contato com um grande segredo da humanidade, o recipiente desse conhecimento é destinado a se sentir especial, escolhido para grandes coisas.)

Huxley, Hubbard e Osmond compartilhavam do senso de missão histórica de Leary, mas tinham ideias bastante diferentes sobre qual seria a melhor forma de cumpri-la. A inclinação dos três era mais para o lado de oferta da espiritualidade — primeiro você deve levar o LSD para a elite, e então a nova consciência vai chegar às massas, que podem não estar prontas para absorver uma experiência tão esmagadora de uma vez. O modelo não mencionado deles era o dos mistérios eleusinos, no qual a elite grega se juntava em segredo para ingerir o sagrado *kykeon* e compartilhar uma noite de revelações. Mas Leary e Ginsberg, ambos fiéis à natureza americana, estavam determinados a democratizar a experiência visionária, a disponibilizar a transcendência para todos *imediatamente*. Sem dúvida essa foi a grande bênção para as substâncias psicodélicas: pela primeira vez, havia uma tecnologia que possibilitava isso. Anos mais tarde, Lester Grinspoon, um professor de psiquiatria de Harvard, capturou bem o espírito num livro que escreveu com James Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered* [Reconsiderando as drogas psicodélicas]: “Os psicodélicos

abriram para a massa o turismo a territórios mentais antes explorados apenas por pequenos grupos de aventureiros intrépidos, na maioria místicos religiosos.”⁹⁴ Assim como por artistas visionários como William Blake, Walt Whitman e Allen Ginsberg. Agora, com uma pílula ou um papel mata-borrão, qualquer um podia experimentar em primeira mão exatamente o mundo do qual Blake e Whitman falavam.

Mas essa nova forma de turismo espiritual de massa não tinha sido alvo de muita propaganda ou promoção antes da primavera de 1962. Foi aí que as notícias da controvérsia em torno do Projeto Psilocibina de Harvard chegaram pela primeira vez aos jornais, começando com o próprio jornal dos estudantes da universidade, o *Crimson*. Com Harvard sendo Harvard, e Leary sendo Leary, a história rapidamente se espalhou pela imprensa nacional, transformando o professor de psicologia numa celebridade e acelerando a saída dele e de Alpert da universidade, num escândalo que foi tanto um prelúdio quanto um combustível para o revés sofrido pelos compostos psicodélicos, e que em breve iria provocar o encerramento da maior parte da pesquisa.

Os colegas de Leary e Alpert tinham ficado desconfortáveis com o Projeto Psilocibina de Harvard quase que desde o começo. Em um memorando de 1961, David McClelland levantou questões a respeito da ausência de controle nos estudos “naturalistas” de Leary e Alpert, assim como em relação à falta de supervisão médica e ao fato de que os investigadores insistiam em tomar a droga junto com os participantes da pesquisa, que eram centenas.⁹⁵ (“Com que frequência alguém deve tomar psilocibina?”, perguntou, referindo-se a Leary e Alpert.) McClelland também sublinhou a “ingenuidade filosófica” dos dois pesquisadores.

“Há muitos relatos de experiências místicas profundas”, escreveu, “mas sua principal característica é o espanto com a profundidade da própria pessoa que escreveu o relato”. No ano seguinte, em uma crítica detalhada do Experimento da Prisão de Concord de Ralph Metzner, McClelland acusou o estudante de pós-graduação de deixar de “analisar seus dados objetivamente e com cuidado. Você sabe a que conclusões quer chegar [...] e os dados são simplesmente usados para embasar o que você já sabe ser verdade”.⁹⁶ Não há dúvidas de que a popularidade do Projeto Psilocibina entre os estudantes do departamento, assim como fato de ele formar uma “panelinha”, irritava o resto dos professores, que tinham que competir com Leary e Alpert e suas drogas por um recurso acadêmico valioso: estudantes de pós-graduação talentosos.

Mas essas queixas mantinham-se dentro dos limites do prédio no número 5 da Divinity Avenue — pelo menos até março de 1962. Foi aí que McClelland, respondendo a uma solicitação de Herb Kelman, convocou uma reunião dos docentes e estudantes para comunicar as

preocupações com o Projeto Psilocibina. Kelman solicitou a reunião porque tinha ouvido seus estudantes de pós-graduação dizerem que havia se formado um tipo de culto em torno de Alpert e Leary, e que alguns alunos se sentiam pressionados a participar do consumo de drogas. Logo no começo da reunião, Kelman tomou a palavra:

Queria poder tratar disso como uma discordância acadêmica, mas este trabalho viola os valores da comunidade acadêmica. O programa todo tem uma atmosfera anti-intelectual. Sua ênfase é na experiência pura, não em verbalizar descobertas.

Também lamento dizer que o Dr. Leary e o Dr. Alpert tomaram uma atitude muito indiferente em relação a esses experimentos — sobretudo considerando os efeitos que essas drogas podem ter nos participantes.

O que mais preocupa a mim, e a outros que me procuraram, é o modo como o alucinógeno e os efeitos mentais dessas drogas têm sido usados para formar uma espécie de seita de “iniciados” no departamento. Aqueles que escolhem não participar são chamados de “quadrados”. Eu não acredito que esse tipo de comportamento deva ser incentivado neste departamento.⁹⁷

Os compostos psicodélicos dividiram Harvard assim como em breve dividiriam a cultura.

Alpert respondeu com força, dizendo que o trabalho era “coerente com a tradição de William James”, a divindade à frente do departamento, e que a crítica de Kelman se resumia a um ataque à liberdade acadêmica. Mas Leary tomou um caminho mais conciliatório, consentindo com algumas restrições razoáveis na pesquisa. Todo mundo foi para casa achando que o assunto estava encerrado.

Até a manhã seguinte.

A sala estava tão lotada de professores e alunos que ninguém notou a presença de um repórter do *Crimson* chamado Robert Ellis Smith tomando notas alucinadamente. No dia seguinte, o *Crimson* colocava a controvérsia na primeira página: “Psicólogos discordam sobre a pesquisa com psilocibina.”⁹⁸ Um dia depois, a história chegou ao *Boston Herald*, um jornal do grupo Hearst, e recebeu uma manchete mais chamativa, ainda que não mais precisa: “Droga alucinógena causa disputa em Harvard — 350 estudantes tomam pílulas.”⁹⁹ Agora a história tinha vindo à tona, e em breve Timothy Leary, sempre feliz em falar algo ultrajante a um repórter, ficaria famoso. Ele deu uma declaração particularmente forte depois que a universidade o forçou a colocar seu suprimento de pílulas de psilocibina sob o controle dos Serviços Médicos: “Os compostos psicodélicos causam pânico e insanidade temporária em pessoas que nunca os tomaram.”¹⁰⁰

Quando o fim do ano chegou, Leary e Alpert concluíram que “esses materiais eram poderosos demais e controversos demais para serem pesquisados no ambiente universitário”.¹⁰¹ Eles anunciaram em uma

carta ao *Crimson* que estavam criando o que chamaram de Federação Internacional para a Liberdade Interna e que iriam conduzir suas pesquisas ali, e não mais em Harvard. Também reclamaram das novas restrições impostas à pesquisa com psicodélicos, não apenas em Harvard, mas pelo governo federal: na esteira da tragédia com a talidomida, um sedativo que foi dado a mulheres grávidas para tratar o enjoo matinal e causou terríveis defeitos de nascença em seus filhos, o Congresso concedeu à FDA a autoridade para regular drogas experimentais. “Pela primeira vez na história americana”, anunciou federação de Leary e Alpert, “e pela primeira vez no mundo ocidental desde a Inquisição existe agora um submundo científico”.¹⁰² Eles previram que “uma grande questão das liberdades civis na próxima década será o controle e a expansão da consciência”.

“Quem controla nosso córtex?”, escreveram em sua carta para o *Crimson* — ou seja, para os estudantes. “Quem decide a amplitude e os limites da consciência? Se você quer pesquisar seu próprio sistema nervoso, expandir sua consciência, quem pode decidir que você não tem direito, e por quê?”

Costuma-se afirmar que os compostos psicodélicos “escaparam dos laboratórios” nos anos 1960, mas provavelmente seria mais preciso dizer que eles foram jogados por cima dos muros dos laboratórios, e quem os arremessou com mais força e velocidade foram Timothy Leary e Richard Alpert, no fim de 1962. “Estamos fartos de jogar o jogo da ciência”, Leary disse a McClelland quando voltou a Cambridge naquele outono.¹⁰³ Agora, Leary e Alpert estavam no jogo da revolução cultural.

* * *

A COMUNIDADE DE pesquisadores psicodélicos em toda a América do Norte reagiu às provocações de Leary com espanto e, em seguida, apreensão. Leary tinha estado em contato constante com os grupos da Costa Oeste e do Canadá, trocando cartas e visitas periódicas com colegas distantes. (Ele e Alpert visitaram a fundação de Stolaroff em 1960 ou 1961; “Acho que eles pensaram que éramos muito rigorosos”, Don Allen me disse.) Logo depois de chegar a Harvard, Leary conheceu Huxley, que estava lecionando por um semestre no MIT. Huxley tinha desenvolvido um grande apreço pelo ardiloso professor, e compartilhava de suas aspirações para os compostos psicodélicos como agentes de transformação cultural, mas se preocupava que Leary estivesse indo rápido demais e causando muito escândalo.^{XII} Durante sua última visita a Cambridge (Huxley morreria em Los Angeles em novembro de 1963, no mesmo dia em que morreu John F. Kennedy), Huxley achou que Leary “disse tanta coisa sem sentido [...] que fiquei

bastante preocupado. Não com a sanidade dele — porque ele era perfeitamente são —, mas com as expectativas que ele pode ter no mundo”.¹⁰⁴

Pouco depois de Leary anunciar a criação da Federação Internacional para a Liberdade Interna, Humphry Osmond viajou para Cambridge para tentar botar um pouco de juízo em sua cabeça. Ele e Abram Hoffer estavam preocupados, achando que a promoção de Leary das drogas fora do contexto da pesquisa clínica ameaçava provocar o governo e atrapalhar sua pesquisa. Osmond também criticou Leary por trabalhar sem um farmacêutico e por tratar esses “poderosos químicos [como] brinquedos inofensivos”.¹⁰⁵ Esperando distanciar a pesquisa séria do uso irresponsável, e preocupado que a contracultura estivesse contaminando a neutralidade do termo “psicodélico”, Osmond tentou mais uma vez criar um novo nome: “psicodelítico”. Não preciso dizer que não pegou.¹⁰⁶

“Você precisa lidar com essas objeções em vez de dissipá-las com um sorriso, ainda que seja um sorriso cósmico”, Osmond disse a ele.¹⁰⁷ Eis aí novamente: o sorriso indestrutível de Leary! Mas isso foi tudo que Osmond recebeu por seu empenho.

Myron Stolaroff se manifestou numa carta contundente a Leary descrevendo a federação como algo “insano” e prevendo com precisão o desmoronamento que estava por vir. Aquilo iria:

Provocar grandes estragos para todos nós que estamos trabalhando com LSD em todo o país [...]

Tim, estou convencido de que você está indo na direção de problemas muito sérios se o seu plano seguir como o descreveu para mim, e isso não só vai gerar um grande problema para você, mas para todos nós, e pode causar danos irreparáveis ao campo psicodélico em geral.¹⁰⁸

Mas qual exatamente *era* o plano da federação? Leary ficava feliz em falar sobre ele abertamente: apresentar o “forte psicodélico” para o maior número possível de americanos, de modo a mudar o país, um cérebro de cada vez.¹⁰⁹ Ele tinha feito os cálculos e concluía que “o número crucial para alterar a mente da sociedade americana seria de quatro milhões de usuários de LSD e que isso aconteceria até 1969”.

Como ficou provado, o cálculo de Leary não estava muito errado. Quase dois milhões de americanos provaram LSD até 1969, e esse quadro de fato mudou a mente dos Estados Unidos, tornando o país um lugar substancialmente diferente.

Mas talvez a resposta mais violenta ao plano de Leary de revolução mental mundial tenha vindo de Al Hubbard, que sempre teve uma relação complicada com o professor. Os dois tinham se conhecido logo depois de Leary chegar a Harvard, quando Hubbard foi até Cambridge em seu Rolls-Royce trazendo um estoque de LSD que esperava trocar

com Leary por um pouco da psilocibina.

“Ele entrou com aquele uniforme”, lembrou Leary, “criando uma atmosfera de mistério e extravagância, com um fantástico e impressionante papo furado!” — algo que Leary sem dúvida estava qualificado para julgar.¹¹⁰

Hubbard começou a citar nomes de forma inacreditável [...] disse até que era amigo do papa.

O que mais me surpreendeu foi que, por um lado, ele parecia um assessor político trambiqueiro, e, por outro, era amigo dessas pessoas impressionantes em todo o mundo, que basicamente lhe davam apoio.

Porém, o lendário charme de Leary nunca conquistou Hubbard, um homem extremamente conservador e devoto que desprezava tanto o brilho da publicidade quando a incipiente contracultura. “Gostei de Tim quando nos conhecemos”, disse anos depois, “mas avisei dezenas de vezes” que ele deveria ficar longe de problemas e da imprensa.¹¹¹ “Ele parecia uma pessoa bem-intencionada, mas passou dos limites e [...] se transformou em algo nem um pouco bom.” Como muitos de seus colegas, Hubbard rejeitava com veemência a abordagem do tipo faça-você-mesmo de Leary em relação aos psicodélicos, sobretudo sua insistência em dispensar a importantíssima presença de um guia treinado. A atitude dele em relação a Leary também pode ter sido influenciada pelos seus muitos contatos na polícia e na inteligência, que a essa altura já estavam com o professor no radar.

De acordo com Osmond, a antipatia do Capitão em relação a Leary veio à tona de forma alarmante durante uma sessão psicodélica que os dois compartilharam nesse período de controvérsia crescente. “Al ficou muito preocupado com a ideia de que teria que atirar em Timothy, e comecei a tentar convencê-lo de que isso seria uma péssima ideia [...] e tive bastante receio de que ele fosse atirar em mim.”¹¹²

Hubbard provavelmente estava certo em pensar que só uma bala seria capaz de parar Timothy Leary. Como Stolaroff disse no fim de sua carta a Leary: “Suponho que haja pouca esperança de detê-lo, agora que você está no controle da situação.”¹¹³

* * *

NA PRIMAVERA DE 1963, Leary já estava com um pé fora de Harvard, faltando aulas e falando abertamente sobre sua vontade de sair de lá no fim do ano acadêmico, quando seu contrato terminaria. Mas Alpert tinha um novo contrato na Faculdade de Educação e planejava ficar — até que outra reportagem explosiva no *Crimson* fez ambos serem

demitidos. Desta vez, escrita por um estudante de graduação chamado Andrew Weil.

Weil chegou a Harvard interessadíssimo em psicodélicos — ele havia devorado *As portas da percepção* de Huxley no ensino médio — e, quando descobriu o Projeto Psilocibina, foi em procissão até a porta do escritório do professor Leary para perguntar como podia participar.

Leary explicou que a universidade estipulava uma regra restringindo as drogas a alunos da pós-graduação. Mas, tentando ser útil, contou a Weil sobre uma empresa no Texas que vendia mescalina por correio (na época era legal), e Weil rapidamente fez uma encomenda (usando papel timbrado da universidade). Weil ficou fascinado com o potencial dos psicodélicos e ajudou a criar um grupo de graduandos interessados em mescalina. Mas ele desejava imensamente fazer parte do clube exclusivo de Leary e Alpert e, quando, no outono de 1962, começou a ouvir falar de outros graduandos que haviam recebido drogas de Richard Alpert, ficou indignado. Foi a seu editor no *Crimson* e propôs uma investigação.

Weil descobriu os nomes de alguns colegas estudantes a quem Alpert administrava drogas, violando as regras da universidade. (Weil mais tarde escreveria que “os estudantes e outros estavam usando os alucinógenos para fins de sedução tanto heterossexual quanto homossexual”.)¹¹⁴ Mas havia dois problemas com o furo: nenhum dos estudantes a quem Alpert supostamente tinha dado drogas estava disposto a confirmar a informação oficialmente, e os advogados do *Crimson* estavam preocupados com a ideia de imprimir acusações difamatórias contra professores. Eles aconselharam Weil a entregar suas informações à direção de Harvard. Depois, ele poderia escrever uma reportagem sobre as ações que a universidade tomara em resposta às acusações, o que reduziria os riscos jurídicos do jornal. Mas Weil ainda precisava que um aluno se identificasse.

Ele viajou a Nova York para encontrar o renomado pai de um deles — Ronnie Winston — e ofereceu um acordo. Na versão de Alpert,^{xiii} “ele procurou Harry Winston” — o famoso joalheiro da Quinta Avenida — “e disse: ‘Seu filho recebe drogas de um membro do corpo docente. Se seu filho confirmar a acusação, tiramos o nome dele. Não usaremos na reportagem.’” Então o jovem Ronnie foi até o reitor e, quando questionado se havia recebido drogas do Dr. Alpert, confessou, adicionando uma inusitada provocação: “Sim, senhor, recebi. E foi a experiência mais educativa que tive em Harvard.”¹¹⁵

Alpert e Leary parecem ter sido os únicos professores demitidos de Harvard no século xx.¹¹⁶ (Tecnicamente Leary não foi demitido, mas Harvard deixou de pagá-lo vários meses antes do fim do contrato.) A história virou notícia nacional, e milhões de americanos souberam da polêmica em torno dessas novas drogas exóticas. Andrew Weil

também conseguiu um contrato com a revista *Look* para escrever sobre a controvérsia, o que espalhou ainda mais a história. Descrevendo a cena psicodélica em Harvard na terceira pessoa, Weil aludiu a “um grupo de graduandos [...] conduzindo uma pesquisa secreta com mescalina”, sem mencionar que era membro-fundador do grupo.¹¹⁷

Esse não foi um momento de grande orgulho para Andrew Weil, se é que você me entende, e, quando falamos sobre isso, ele me confessou se sentir mal sobre o episódio desde então e disse que tentou fazer as pazes com Leary e Ram Dass. (Dois anos depois de sair de Harvard, Alpert embarcou numa viagem espiritual na Índia e voltou usando o nome Ram Dass.) Leary aceitou imediatamente as desculpas dele — era incapaz de guardar rancor —, mas Ram Dass se recusou a falar com ele por anos, o que o atormentava. Porém, depois que Ram Dass sofreu um AVC em 1997, Weil foi até o Havaí para tentar mais uma vez obter seu perdão. Ram Dass finalmente cedeu, revelando que passara a considerar a demissão de Harvard uma bênção. “Se você não tivesse feito o que fez”, disse, “eu nunca teria me tornado Ram Dass”.

* * *

AQUI, NO MOMENTO em que ambos saem de Harvard, provavelmente deveríamos deixar Timothy Leary e Richard Alpert para trás, embora sua longa e estranha viagem pela cultura americana ainda tivesse um longo e estranho percurso pela frente. Os dois iriam botar seu show (com seus inúmeros ex-alunos e puxa-sacos) na estrada, transferindo a Federação Internacional para a Liberdade Interna (que depois se transformaria em Liga para a Descoberta Espiritual) de Cambridge para Zihuatanejo, até que o governo mexicano (sob pressão das autoridades americanas) os expulsou, o que os levou brevemente para a ilha de Dominica, no Caribe, até que o governo dominicano os expulsou; por fim, eles se instalaram por muitos e turbulentos anos numa mansão de 64 cômodos em Millbrook, Nova York, de propriedade de um patrocinador rico chamado Billy Hitchcock.

Adotado pela contracultura emergente, Leary foi convidado (junto com Allen Ginsberg) para falar no primeiro Human Be-In em São Francisco, evento que reuniu cerca de 25 mil jovens no parque Golden Gate em janeiro de 1967, para viajar com LSD distribuído gratuitamente enquanto ouviam os palestrantes proclamarem a nova era. O ex-professor, que para a ocasião trocou suas roupas da Brooks Brothers por uma túnica branca e colares de contas (e flores nos cabelos grisalhos), incitou a multidão de “hippies” — termo popularizado naquele ano por Herb Caen, colunista de um jornal local — chapados a “se ligar, sintonizar e cair fora”. O slogan — que Leary

primeiro disse ter criado no chuveiro, mas que anos mais tarde afirmou ter “sido cedido”¹¹⁸ por Marshall McLuhan — grudaria em Leary pelo resto da vida, fazendo com que pais e políticos em todo o mundo o desprezassem.

Mas a história de Leary fica ainda mais estranha, e triste. Logo após sua saída de Cambridge, o governo, alarmado com sua crescente influência sobre os jovens do país, iniciou uma campanha de assédio que culminaria no flagrante em Laredo em 1966; ele estava levando a família para férias no México quando uma inspeção na fronteira localizou uma pequena quantidade de maconha em seu carro. Leary passou anos na prisão respondendo a crimes federais por causa da maconha e muitos outros anos como fugitivo internacional. Ele adquiriu esse status em 1970, depois da ousada fuga de uma prisão da Califórnia na qual contou com a ajuda do grupo revolucionário Weathermen. Seus camaradas conseguiram tirar Leary do país e levá-lo para a Argélia, onde ele caiu nos braços de Eldridge Cleaver, o Pantera Negra que tinha estabelecido lá sua base de operações. Mas o asilo com Cleaver acabou não sendo fácil: o pantera confiscou seu passaporte, na prática mantendo Leary como refém. Leary teve que escapar de novo, dessa vez para a Suíça (onde encontrou um refúgio luxuoso no chalé de um traficante de armas), e de lá (depois que o governo dos Estados Unidos convenceu a Suíça a prendê-lo) seguiu para Viena, Beirute e Cabul, onde foi enfim capturado por agentes americanos e enviado para uma prisão americana, agora de segurança máxima, um tempo na solitária. Mas a perseguição apenas alimentou sua sensação de que estava cumprindo um destino.

O resto da vida dele é uma improvável tragicomédia dos anos 1960, com direito a muitos tribunais e prisões (29 no total), mas também memórias e discursos e aparições na tv, uma campanha para governador da Califórnia (para a qual John Lennon compôs, e os Beatles gravaram, a música de campanha, “Come Together”) e uma bem-sucedida ainda que um pouco patética turnê no circuito de palestras em universidades ao lado de G. Gordon Liddy. Sim, o invasor de Watergate, que, numa encarnação anterior, como assistente do promotor no condado de Dutchess, havia prendido Leary em Millbrook. Durante todo esse tempo, Leary permaneceu otimista, nunca demonstrando raiva nem se esquecendo, como se pode notar em inúmeras fotografias e vídeos, do conselho de Marshall McLuhan de sorrir sempre, qualquer que fosse a circunstância.

Enquanto isso, no início de 1965, o antigo parceiro de Leary na pesquisa com compostos psicodélicos, Richard Alpert, partiu para uma odisseia consideravelmente menos heroica no Oriente. Como Ram Dass, e autor do clássico *Be Here Now* [Esteja aqui agora], de 1971, ele deixaria sua própria marca na cultura americana, tendo iluminado

uma das principais trilhas pelas quais a religião oriental encontrou seu caminho para a contracultura e a então chamada Nova Era. Se em alguma medida os anos 1960 inspiraram uma retomada espiritual nos Estados Unidos, Ram Dass foi um de seus principais mentores.

Mas as excentricidades de Leary pós-Harvard são relevantes na medida em que contribuíram para o pânico moral que engolfou os compostos psicodélicos e condenou a pesquisa. Leary se tornou o garoto-propaganda não apenas das drogas, mas da ideia de que uma parte crucial do DNA da contracultura podia ser soletrada com as letras LSD. A partir da viagem de Allen Ginsberg com psilocibina em sua casa em Newton, Leary estabeleceu uma ligação entre os psicodélicos e a contracultura que nunca foi quebrada e que sem dúvida é uma das razões pelas quais eles passaram a ser vistos como uma grande ameaça para as autoridades. (Podia ter sido diferente? E se a identidade cultural das drogas fosse moldada por, digamos, um católico conservador como Al Hubbard? É difícil imaginar uma história contrafactual como essa.)

Não ajudou o fato de Leary gostar de dizer coisas como “o LSD é mais assustador do que a bomba” ou “os garotos que tomam LSD não vão lutar suas guerras. Não vão se juntar a suas corporações”.¹¹⁹ Essas não eram palavras vazias: em meados dos anos 1960, milhares de jovens americanos *realmente* largaram a escola, indo parar nas ruas de Haight-Ashbury e no East Village.^{xiv} E havia rapazes se recusando a ir para o Vietnã. A vontade de lutar e a autoridade da Autoridade tinham se enfraquecido. Essas novas drogas estranhas, que pareciam transformar quem as tomava, certamente tinham algo a ver com isso. Foi Timothy Leary quem disse.

Mas é quase certo que essa revolta teria acontecido mesmo sem Timothy Leary. Ele não era, de forma alguma, a única rota pela qual os psicodélicos estavam escoando para a cultura americana; era só a mais famosa. Em 1960, mesmo ano em que Leary provou psilocibina e lançou seu projeto de pesquisa, Ken Kesey, o escritor, teve a própria experiência extraordinária com LSD, uma viagem que o inspiraria a espalhar a palavra dos compostos psicodélicos, e as drogas em si, da forma mais ampla e barulhenta possível.

Uma das grandes ironias da história das substâncias psicodélicas é o fato de Kesey ter tido sua primeira experiência com LSD como cortesia do programa de pesquisa do governo conduzido no Hospital de Veteranos de Menlo Park, que pagou a ele 75 dólares para que testasse a droga experimental. Sem o conhecimento de Kesey, sua primeira viagem de LSD foi comprada e paga pela CIA, que patrocinou a pesquisa em Menlo Park como parte do programa MK-Ultra, o projeto de uma década da agência para descobrir se o LSD poderia ser usado como arma.

No caso de Ken Kesey, a CIA havia mexido com o homem errado. No que ele adequadamente batizou de “revolta das cobaias”, Kesey organizou com seus colegas de Merry Pranksters uma série de “Testes de Ácido” nos quais milhares de jovens da baía de São Francisco receberam LSD numa tentativa de mudar a mente de uma geração.¹²⁰ Na medida em que Ken Kesey e seus comparsas ajudaram a moldar um novo *zeitgeist*, é possível defender que a revolta cultural que chamamos de anos 1960 começou com um experimento de controle mental da CIA que deu errado.

* * *

EM RETROSPECTO, A reação das autoridades da psiquiatria provavelmente se tornou inevitável no momento em que Humphry Osmond, Al Hubbard e Aldous Huxley começaram a divulgar seu novo paradigma para a terapia psicodélica em 1956-1957. Os modelos teóricos anteriores usados para dar sentido a essas drogas eram, em comparação, mais fáceis de moldar às estruturas existentes no campo de estudo sem perturbar muito o status quo. Os “psicomiméticos” se encaixavam perfeitamente no entendimento padrão da psiquiatria a respeito de transtornos mentais — os efeitos das drogas lembravam psicoses familiares —, e os “psicolíticos” poderiam ser incorporados tanto na teoria quanto na prática da psicanálise como um adjunto útil da terapia de conversa. Mas a ideia de terapia psicodélica como um todo representava um desafio muito maior para o campo e a profissão. Em vez de sessões semanais intermináveis, o novo modelo previa uma única sessão com alta dose, destinada a atingir o tipo de experiência de conversão em que os tradicionais papéis tanto do paciente quanto do terapeuta têm de ser reimaginados.

Os psiquiatras acadêmicos também estavam desconfortáveis com as armadilhas espirituais da terapia psicodélica. Charles Grob, o psiquiatra da Universidade da Califórnia que teria um importante papel na retomada da pesquisa, escreveu em um artigo de 1998 sobre a história dos psicodélicos que, “ao confundir os limites entre religião e ciência, doença e saúde, e médico e paciente, o modelo psicodélico entrava no reino do misticismo aplicado” — um reino em que a psiquiatria, cada vez mais comprometida com uma compreensão bioquímica da mente, relutava em entrar.¹²¹ Com a ênfase em “cenário” e “ambiente” — o que Grob chama de “as variáveis críticas extrafarmacológicas” —, a terapia psicodélica se aproximava do xamanismo para que os psiquiatras se sentissem confortáveis. Para os psicólogos clínicos que não estavam totalmente seguros de sua identidade como cientistas, isso talvez fosse ir longe demais. Outro fator era o crescimento dos testes duplos-cegos controlados com

placebos como o “padrão ouro” para testar drogas após o escândalo da talidomida, um padrão difícil de cumprir no caso da pesquisa com psicodélicos.

Em 1963, líderes da profissão começaram a se pronunciar claramente contra a pesquisa com essas substâncias em seus jornais. Roy Grinker, editor da *Archives of General Psychiatry*, ridicularizou os pesquisadores que estavam administrando “drogas a si mesmos e [...] [que ficaram] apaixonados pelo estado místico alucinatório”, dessa forma “se desqualificando como investigadores competentes”.¹²² No ano seguinte, em texto no *Journal of the American Medical Association* (*Jama*), Grinker lamentou a prática dos investigadores de tomarem eles mesmos as drogas, assim “contaminando suas conclusões com seu próprio êxtase”.¹²³ Uma “aura de mágica”¹²⁴ não científica cercava as novas drogas, acusou outro crítico no *Jama* em 1964. (Não ajudou o fato de alguns terapeutas psicodélicos, como Betty Eisner, celebrarem a introdução do “transcendente na psiquiatria”¹²⁵ e desenvolverem um interesse pelo fenômeno paranormal.)

Mas, embora sem dúvida haja verdade na acusação de que os pesquisadores estavam frequentemente contaminados por suas próprias experiências com as drogas, a alternativa óbvia — abstinência — também apresentava sua própria lista de desafios, e o resultado disso foi que as vozes mais autoritárias e presentes no debate sobre os psicodélicos durante os anos 1960 eram precisamente as das pessoas que menos sabiam sobre eles. Para os psiquiatras sem nenhuma experiência pessoal com compostos psicodélicos, seus efeitos estavam fadados a se parecer mais com psicoses do que com transcendência. O paradigma psicomimético havia retornado ainda mais forte.

Depois que quantidades de “LSD clandestino” apareceram nas ruas em 1962-1963 e pessoas sofrendo *bad trips* começaram a aparecer nos prontos-socorros e enfermarias psiquiátricas, a psiquiatria tradicional se sentiu compelida a abandonar a pesquisa com psicodélicos. O LSD agora era visto como causa de transtornos mentais, e não como cura. Em 1965, o Hospital Bellevue em Manhattan admitiu 65 pessoas como o que foi chamado de psicose induzida por LSD. Com a mídia agora em modo de pânico total, lendas urbanas sobre os perigos do LSD se espalhavam mais depressa do que os fatos.^{xv} Muitas vezes, acontecia o mesmo no caso de descobertas supostamente científicas. Em um estudo que ganhou muita publicidade, um pesquisador relatou na *Science* que o LSD poderia danificar os cromossomos, potencialmente levando a defeitos de nascença. Mas, quando outro estudo mais tarde desmentiu essa tese (também na *Science*), recebeu bem menos atenção.¹²⁶ Ele não se encaixava na nova narrativa pública do LSD como uma ameaça.

Contudo é verdade que os meados dos anos 1960 viram um surto de pessoas sob o efeito do LSD aparecendo nos prontos-socorros com sintomas agudos de paranoia, mania, catatonia e ansiedade, e também com “flashbacks de ácido” — a recorrência espontânea de sintomas dias e semanas depois da ingestão de LSD. Alguns desses pacientes estavam em crises psicóticas genuínas. Sobretudo no caso de jovens com risco de esquizofrenia, uma viagem de LSD pode disparar o primeiro surto, e por vezes era exatamente isso que acontecia. (É justo notar que qualquer experiência traumática pode servir de gatilho, inclusive o divórcio dos pais ou a universidade.) Mas, em muitos outros casos, médicos com pouca experiência com psicodélicos confundiam uma reação de pânico com uma crise psicótica de verdade, o que em geral tornava as coisas piores.

Andrew Weil, que quando jovem médico foi voluntário na Clínica Gratuita de Haight-Ashbury, em 1968, viu muitas *bad trips* e acabou desenvolvendo um método eficaz de “tratá-las”. “Eu examinava o paciente, determinava que era uma reação de pânico e dizia para ele ou ela: ‘Você me dá licença por um momento? Tem alguém na outra sala com um problema grave.’ Na mesma hora eles começavam a se sentir melhor.”

Os riscos do LSD e de outros psicodélicos foram debatidos ferozmente durante os anos 1960, tanto entre os cientistas quanto na imprensa. Vozes dos dois lados desse debate escolhiam indícios e relatos para reforçar suas convicções, mas Sidney Cohen era uma exceção, abordando a questão com mente aberta e realmente conduzindo pesquisas para respondê-la. A partir de 1960, ele publicou uma série de artigos que mostram sua crescente preocupação. Para o primeiro estudo, Cohen entrevistou 44 pesquisadores que trabalhavam com compostos psicodélicos, coletando dados de cerca de cinco mil participantes de estudos que tomaram LSD ou mescalina num total de 25 mil vezes.¹²⁷ Ele encontrou apenas dois relatórios críveis de suicídio nessa população (uma taxa baixa para um grupo de pacientes psiquiátricos), muitas reações transitórias de pânico, mas “nenhum indício de efeitos colaterais físicos prolongados”. Ele concluiu que, quando os compostos psicodélicos eram administrados por terapeutas qualificados e pesquisadores, as complicações eram “surpreendentemente raras” e que o LSD e a mescalina eram “seguros”.

Leary e outros com frequência citavam o artigo de Cohen de 1960 como uma absolvição dos psicodélicos. No entanto, num artigo seguinte publicado no *Journal of the American Medical Association*, em 1962, Cohen relatou descobertas novas e alarmantes. O uso casual de LSD fora do ambiente clínico, e nas mãos de terapeutas irresponsáveis, estava levando a “complicações sérias” e a ocasionais “reações catastróficas”. Preocupado que os médicos estivessem perdendo o

controle da droga, Cohen alertou que “há riscos de suicídios, reações psicóticas prolongadas e ações de comportamento antissocial”.¹²⁸ Em outro artigo publicado no *Archives of General Psychiatry* no ano seguinte, ele relatou vários casos de crises psicóticas e uma tentativa de suicídio e apresentou o relato de um menino que, depois de ingerir um cubo de açúcar batizado com LSD que o pai, um detetive, confiscara de um traficante, enfrentou mais de um mês de distorções visuais e ansiedade antes de se recuperar.¹²⁹ Foi esse artigo que inspirou Roy Grinker, o editor do jornal, a condenar a pesquisa com psicodélicos num comentário anexo, apesar de o próprio Cohen continuar a acreditar que os compostos psicodélicos nas mãos de terapeutas responsáveis tinham grande potencial. Um quarto artigo que Cohen publicou em 1966 relatava a existência de ainda mais vítimas do LSD, inclusive duas mortes acidentais associadas à droga, uma por afogamento e outra após a pessoa correr no meio do trânsito gritando “Parem!”.¹³⁰

Mas uma avaliação equilibrada dos riscos e benefícios dos psicodélicos era exceção no que, em 1966, já tinha virado um pânico moral generalizado em relação ao LSD. Uma meia dúzia de manchetes do período ilustra o clima de então: “Uso de LSD levou a morte de professor”; “Após provar LSD, jovens pulam de viaduto”; “Uso de LSD é quase epidemia na Califórnia”; “Seis estudantes sob efeito de LSD ficam cegos depois de encarar o sol”; “Menina de cinco anos come LSD e fica louca”; “Droga da emoção distorce a mente e mata”; “Um monstro entre nós — uma droga chamada LSD”. Mesmo a revista *Life*, que ajudara a dar início ao interesse pelos compostos psicodélicos nove anos antes, com o artigo entusiasmado de R. Gordon Wasson sobre psilocibina, se juntou ao coro de condenação, publicando uma forte reportagem de capa chamada “LSD: a ameaça explosiva da droga mental que saiu do controle”.¹³¹ Não importava que o editor chefe da revista e sua esposa tivessem recentemente passado por muitas experiências positivas com o LSD (sob o acompanhamento de Sidney Cohen) — agora as crianças estavam usando a droga, que havia “saído de controle”. Com fotos de pessoas enlouquecidas encolhidas nos cantos, a reportagem alertava que “uma viagem de LSD nem sempre é de ida e volta”, podendo se tornar “uma viagem sem volta para o asilo, a prisão ou o túmulo”.^{xvi} Como Clare Boothe Luce escreveu para Sidney Cohen em 1965, “o LSD foi o seu Frankenstein”.¹³²

* * *

OUTRAS DROGAS PODEROSAS sujeitas a abuso, como os opioides, conseguiram manter uma identidade independente como ferramentas legítimas da medicina. Por que não os psicodélicos? A história de

Timothy Leary, o mais famoso pesquisador psicodélico, tornou difícil argumentar que seria possível estabelecer e fiscalizar uma linha entre o uso científico e o uso recreativo desses compostos. O homem apagara deliberadamente — na verdade, com prazer — todos esses limites. Mas a “personalidade” da droga pode ter tanto a ver com o colapso dessas distinções quanto personalidades como Timothy Leary e as falhas em suas pesquisas.

O que condenou a primeira onda de pesquisas com substâncias psicodélicas foi um entusiasmo irracional com seu potencial, nutrido pelas próprias drogas — e também o fato de que esses compostos químicos são o que chamamos hoje de tecnologias disruptivas. Para as pessoas que trabalhavam com essas moléculas poderosas, era impossível não concluir que, como aquele estudante de teologia correndo pela Commonwealth Avenue, elas estavam de repente de posse de novidades com o poder de mudar não apenas as pessoas, mas o mundo. Ficou difícil justificar que essas drogas deveriam ficar confinadas ao laboratório, ou que era necessário usá-las só para benefício dos doentes, quando elas podiam fazer muito mais por todo mundo, inclusive pelos próprios pesquisadores!

Leary pode ter feito seus colegas mais conservadores estremecerem com sua falta de cuidado, mas a maioria deles compartilhava de sua empolgação e tinha mais ou menos chegado às mesmas conclusões sobre o potencial dos psicodélicos; eles apenas eram mais cuidadosos quando falavam sobre as drogas em público.

Quem da primeira geração de pesquisadores discordaria de uma palavra neste clássico exemplo de 1963 do entusiasmo de Leary?

Não tenha dúvida: o efeito das drogas de expansão da consciência vai transformar nossos conceitos de natureza humana, de potencial humano e de existência. O jogo está para mudar, senhoras e senhores. O homem está para fazer uso dessa fabulosa rede elétrica que carrega na cabeça. Que as atuais autoridades estejam preparadas para a mudança. Nossos conceitos favoritos estão no caminho de uma maré cheia, que cresceu por dois bilhões de anos. A represa verbal está em colapso. Corram para as colinas, ou preparem sua habilidade intelectual para fluir com a corrente.[XVII](#)

Então talvez o verdadeiro pecado de Leary tenha sido a coragem de suas convicções — dele e de todo mundo na comunidade da pesquisa com psicodélicos. É comum dizer que um escândalo político é o que acontece quando alguém poderoso sem querer fala a verdade. Leary muitas vezes se dispunha a dizer em voz alta para qualquer um o que todos acreditavam, mas achavam melhor não falar ou abordar com franqueza num texto. Uma coisa era usar essas drogas para tratar os doentes e desajustados — a sociedade vai ceder a qualquer esforço para ajudar o indivíduo rebelde a se ajustar a suas normas —, mas outra bem diferente é usá-las para tratar a sociedade em si como se ela

estivesse doente e transformar os pretensamente saudáveis em indivíduos rebeldes.

O fato é que, seja pela sua própria natureza ou pela forma como a primeira geração de pesquisadores acabou construindo a experiência, os psicodélicos introduziram algo profundamente subversivo no Ocidente que deixou muitas autoridades com poucas opções a não ser rejeitá-los. O LSD era de fato um ácido, dissolvendo quase tudo aquilo com que entrou em contato, começando com as hierarquias da mente (superego, ego e inconsciente) e seguindo para as várias estruturas de autoridade da sociedade e para limites de todo tipo imaginável: entre pacientes e terapeutas, pesquisa e lazer, doença e saúde, eu e outro, sujeito e objeto, espiritual e material. Se todos esses limites são manifestações da estirpe apolínea da civilização ocidental, o impulso que levanta distinções, dualidades e hierarquias e os defende, então os psicodélicos representavam o ingovernável. Uma força dionisíaca que tranquilamente levava embora todos esses limites.

Mas é certo que as forças libertadas por esses componentes químicos não são *necessariamente* ingovernáveis. Mesmo o mais poderoso ácido pode ser manipulado com cuidado e disponibilizado como ferramenta para obter resultados importantes. Qual é a história da primeira onda de pesquisadores se não a história da busca por um recipiente para essas poderosas substâncias? Eles testaram muitas possibilidades diferentes: a psicomimética, a psicolítica, a psicodélica e mais tarde ainda a enteogênica. Nenhuma era perfeita, mas cada uma representava uma forma diferente de regular o poder desses compostos, ao propor um conjunto de protocolos para seu uso e uma estrutura teórica. O ponto em que Leary e a contracultura divergiram da primeira geração de pesquisadores foi na decisão de que nenhum tipo de recipiente — fosse médico, religioso ou científico — era necessário e que uma abordagem não guiada dos psicodélicos, do tipo faça-você-mesmo, era aceitável. Isso era arriscado, como mais tarde se descobriu, e provavelmente um erro. Mas como iríamos descobrir sem experimentar? Antes de 1943, nossa sociedade nunca havia tido à disposição uma droga tão poderosa capaz de alterar a mente.

Outras sociedades tinham uma longa e produtiva experiência com os compostos psicodélicos, e seu exemplo poderia nos ajudar a evitar muitos problemas se tivéssemos prestado atenção. O fato de pensarmos em muitas dessas sociedades como “atrasadas” provavelmente nos impediu de aprender com elas. E a principal lição que poderíamos ter aprendido é que remédios poderosos são perigosos — tanto para o indivíduo quanto para a sociedade — quando não têm um recipiente social robusto: um conjunto definido de rituais e regras — protocolos — governando seu uso, e o envolvimento crucial de um guia, a figura que se costuma chamar de xamã. A terapia psicodélica

— o método Hubbard — estava tentando estabelecer uma versão ocidentalizada desse ideal, e continua sendo o mais próximo que temos de um protocolo. Para jovens americanos nos anos 1960, para quem a experiência psicodélica era nova de várias maneiras, a ideia de envolver uma pessoa mais velha nunca iria colar. Mas esta é, penso, a grande lição dos anos 1960: a importância de encontrar o contexto, ou recipiente, adequado para esses compostos químicos e experiências poderosos.

Falando em limites, os compostos psicodélicos dos anos 1960 na verdade estabeleceram pelo menos um, que nunca antes fora tão claro e preciso: refiro-me à linha entre gerações. Dizer exatamente qual foi a contribuição das substâncias psicodélicas para a contracultura dos anos 1960 não é tarefa fácil, pois havia outras forças em ação. Com ou sem psicodélicos, provavelmente teria havido a contracultura; a Guerra do Vietnã e o alistamento contribuíram para isso. Mas as formas que a contracultura tomou e seus estilos distintos — de música, arte, escrita, design e relações sociais — sem dúvida teriam sido completamente diferentes não fosse por essas substâncias químicas. Os compostos psicodélicos também contribuíram para o que Todd Gitlin chamou de clima “e se” na política dos anos 1960 — a sensação de que tudo estava em disputa, de que nada era intocável, e que podia muito bem ser possível apagar a história (eis o ácido de novo) e começar o mundo novamente do zero.

Mas, na medida em que a revolta dos anos 1960 foi o resultado de uma quebra sem precedentes entre gerações, boa parte da culpa — ou crédito — pode ser atribuída aos compostos psicodélicos, que instituíram uma “lacuna geracional” sem precedentes. Em que outro momento da história os jovens da sociedade passaram por um ritual de passagem com o qual a geração anterior não estava familiarizada? Normalmente, ritos de passagem ajudam a unir sociedades no momento em que os jovens atravessam obstáculos e portais erguidos e mantidos pelos mais velhos, saindo do outro lado prontos para tomar seu lugar na comunidade dos adultos. Não no caso da viagem psicodélica de 1960, que ao final deixava os jovens viajantes numa paisagem irreconhecível para seus pais. O fato de que isso não vai mais acontecer é um motivo para esperar que o próximo capítulo da história psicodélica não cause tamanha divergência.

Então talvez essa seja a contribuição duradoura de Leary: ao entorpecer uma geração — a geração que, anos depois, tomou conta das instituições —, ele ajudou a criar as condições nas quais o renascimento da pesquisa com compostos psicodélicos é agora possível.

No fim de 1966, todo o projeto de ciência psicodélica tinha naufragado. Em abril daquele ano, a Sandoz, esperando se distanciar da controvérsia em torno da droga que Albert Hofmann começaria a chamar de “filho problemático”, tirou o LSD-25 de circulação, entregando a maior parte de seu estoque para o governo americano e deixando a maioria dos setenta programas de pesquisa da época a caminho de encerrar suas atividades.

Em maio daquele ano, o Senado realizou audiências sobre o problema do LSD. Timothy Leary e Sidney Cohen testemunharam, tentando com bravura defender a pesquisa com compostos psicodélicos e definindo limites entre o uso legítimo e o mercado negro que o governo agora estava determinado a suprimir. Eles encontraram ouvidos surpreendentemente simpáticos no senador Robert F. Kennedy, cuja esposa, Ethel, supostamente tinha se tratado com LSD no Hospital Hollywood em Vancouver — um dos pontos de atendimento de Al Hubbard. Ao questionar os reguladores da FDA sobre seus planos de cancelar muitos dos projetos de pesquisa ainda existentes, Kennedy exigiu saber: “Se [esses projetos] tinham valor há seis meses, por que não têm mais agora?”¹³³ Kennedy disse que seria uma “perda para a nação” caso os psicodélicos fossem banidos da medicina por causa do uso ilícito. “Talvez tenhamos perdido de vista o fato de que eles podem ser muito, muito úteis em nossa sociedade caso usados adequadamente.”

Mas Kennedy não chegou a lugar nenhum. Leary, e talvez as próprias drogas, tornou essa distinção impossível. Em outubro, cerca de sessenta pesquisadores psicodélicos espalhados pelos Estados Unidos receberam uma carta da FDA ordenando que parassem com suas atividades.

James Fadiman, o psicólogo que conduzia experimentos sobre criatividade na Fundação Internacional de Estudos Avançados de Menlo Park, se lembra bem daquele dia. A carta revogando a aprovação da FDA para o projeto chegou no exato momento em que ele tinha terminado de administrar a droga a quatro pacientes para começar uma sessão em que eles trabalhariam na resolução de problemas. Enquanto ele lia a carta, esparramado no chão da sala ao lado, “quatro homens estavam deitados, com as mentes literalmente se expandindo”.¹³⁴ Fadiman disse aos colegas: “Acho que podemos concordar que recebemos esta carta amanhã.” Assim, só no dia seguinte o programa de pesquisa da Fundação Internacional de Estudos Avançados fechou, junto com praticamente todos os outros programas de pesquisa em andamento nos Estados Unidos.

Um programa de pesquisa com psicodélicos sobreviveu ao expurgo: o Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland, em Spring Grove. Lá, pesquisadores como Stanislav Grof, Bill Richards, Richard Yensen e,

até sua morte, Walter Pahnke (o pesquisador da Sexta-feira Santa) continuaram explorando o potencial da psilocibina e do LSD para tratar problemas como alcoolismo, esquizofrenia e ansiedade em pacientes com câncer, entre outras doenças. Permanece um mistério a razão pela qual esse grande programa de pesquisa com compostos psicodélicos teve permissão para continuar — como continuou até 1976 —, quando dezenas de outros estavam sendo fechados. Alguns pesquisadores menos sortudos se perguntavam se Spring Grove não estaria disponibilizando a terapia com psicodélicos para poderosos em Washington que reconheciam seu valor ou esperavam aprender com a pesquisa ou talvez quisessem manter seu próprio acesso às drogas. Mas os antigos membros da equipe do centro com quem conversei duvidavam que fosse isso. Eles confirmaram, no entanto, que o diretor do centro, Albert Kurland, além de ter reputação estelar entre as autoridades federais, era especialmente bem relacionado em Washington e usou seus contatos para manter as luzes acesas — e obter LSD, em parte do governo — por uma década depois que a pesquisa já havia sido encerrada em todos os outros lugares.

Contudo, o que aconteceu foi que nem os eventos de 1966 nem os de 1976 encerraram a pesquisa nem a terapia com compostos psicodélicos nos Estados Unidos. Elas foram para a clandestinidade e seguiram em frente, discretamente e em segredo.

Coda

EM FEVEREIRO DE 1979, praticamente todas as figuras importantes da primeira onda de pesquisa com compostos psicodélicos se reuniram em Los Angeles na casa de Oscar Janiger. Alguém gravou o evento em vídeo, e, apesar da má qualidade, a maior parte da conversa é audível.¹³⁵ Na sala de estar de Janiger vemos Humphry Osmond, Sidney Cohen, Myron Stolaroff, Willis Harman, Timothy Leary e, sentado no sofá ao lado dele, parecendo particularmente desconfortável, o Capitão, Al Hubbard. Ele está com 77 (ou 78) anos, e viajou de Casa Grande, no Arizona, onde vive, num parque de trailers.¹³⁶ Está vestindo um uniforme paramilitar, mas não consigo dizer se carrega uma arma.

Os velhos homens lembram o passado, de maneira um pouco tensa no começo. Algumas mágoas ainda estão no ar. Mas Leary, ainda cheio de charme, é notavelmente generoso, e se esforça para deixar todos confortáveis. Seus melhores dias ficaram para trás; o grande projeto ao qual devotaram suas vidas foi destruído. Mas todos acreditam que algo importante foi conquistado — ou não estariam

nesse encontro. Sidney Cohen, de paletó e gravata, pergunta o que estão todos pensando — “O que tudo isso significa?” —, e arrisca uma resposta: “Aquilo agitou as pessoas. Quebrou as estruturas de referência de milhares, talvez milhões. E acho que qualquer coisa que faça isso é algo muito bom.”

É Leary quem, inusitadamente, pergunta para o grupo: “Alguém aqui acha que erros foram cometidos?”

Osmond, o inglês infalivelmente educado, seus dentes agora em revolta total, se recusa a usar a palavra “erro”. “Eu diria que... podíamos ter visto outras formas de fazer as coisas.” Alguém que não reconheço brinca: “*Houve* um erro: ninguém deu um pouco para o Nixon!”

É Myron Stolaroff quem finalmente confronta o elefante na sala, virando-se para Leary para dizer: “Nós ficamos um pouco incomodados com algumas coisas que você fazia e que dificultavam a condução de pesquisas legítimas.” Leary lembra que, como disse na época, tinha um outro papel a desempenhar: “Sejamos exploradores de terras distantes. Quanto mais longe formos, mais motivos daremos para o pessoal de Spring Grove nos denunciar.” E assim parece responsável.

“Eu só desejo, só espero que todo mundo entenda que estivemos todos desempenhando papéis que nos foram determinados, e que não há mocinho/vilão ou crédito e culpa, o que quer que seja...”

“Bem, acho que precisamos de pessoas como Tim e Al”, concede Sidney Cohen, aceitando de maneira cordial o jeito de Leary ver as coisas. “Eles eram absolutamente necessários, para sair, ir para longe, muito longe, na verdade — de forma a mover o navio [...] [mexer] as coisas.” Então, se virando para Osmond: “E nós precisamos de pessoas como você, para serem reflexivas e estudarem isso. E, pouco a pouco, um pequeno movimento é feito no todo. Então, sabe, não posso pensar em como teria funcionado se não fosse assim.”

Al Hubbard ouve tudo com cuidado, mas não tem muito a acrescentar; ele brinca com um livro de capa dura que tem no colo. Em certo momento, se anima a sugerir que o trabalho devia continuar, as leis das drogas que se danem: devíamos “simplesmente continuar fazendo. Acordem as pessoas! Deixem que elas vejam por si mesmas o que são. Acho que uma dose ia fazer bem ao velho Carter!”. Para o secretário de Defesa de Carter, Harold Brown, e o diretor da CIA, Stansfield Turner, também. Mas Hubbard não sabe bem se quer estar nesse divã com Timothy Leary, e está menos disposto do que os outros a deixar as mágoas no passado, ou a deixar que Leary saia impune, não importa o quanto ele seja solícito com o Capitão.

“Ah, Al! Devo tudo a você”, diz Leary em um momento, dando seu melhor sorriso para Hubbard. “O centro galáctico o enviou na hora

certa.”

Hubbard não sorri. E depois de alguns minutos:

“Você com certeza deu a sua contribuição.”

I. Como a posse de LSD só se tornou crime federal em 1968, o governo americano muitas vezes dependia de processos judiciais por posse de maconha quando agia contra integrantes da contracultura.

II. A história de Osmond, e a importante história da pesquisa canadense com psicodélicos, é muito bem contada em *Psychodelic Psychiatry: LSD from Clinic to Campus* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008), de Erika Dyck.

III. Duncan C. Blewett e Nick Chwelos, *Handbook for the Therapeutic Use of Lysergic Acid Diethylamide-25: Individual and Group Procedures* (1959), disponível em: <www.maps.org/research-archive/ritesofpassage/lsdhandbook.pdf>. Blewett e Chwelos se inspiraram nos relatórios de caso de Osmond e Hoffer para escrever seu manual.

IV. Ver especialmente Martin A. Lee e Bruce Shlain, *Acid Dreams: The Complete Social History of LSD* (Nova York: Grove Press, 1992), e Jay Stevens, *Storming Heaven: LSD and the American Dream* (Nova York: Grove Press, 1987).

V. Hubbard prezava uma carta de 1957 que recebeu de certo monsenhor Brownmajor, em Vancouver, avaliando seu trabalho: “Portanto apoiamos o estudo desses compostos psicodélicos e sua influência na mente do homem, ansiosos para descobrir quaisquer atributos que eles possam ter, respeitosamente avaliando seu lugar apropriado na Economia Divina.”

VI. O nome de Hubbard aparece em apenas um único artigo científico, escrito com seus colegas no Hospital Hollywood: “The Use of LSD-25 in the Treatment of Alcoholism and Other Psychiatric Problems”, *Quarterly Journal of Studies on Alcohol* 22 (mar. 1961): 34-45.

VII. Sidney Gottlieb, o oficial da CIA responsável pelo MK-Ultra, testemunharia no Congresso que o objetivo era “investigar se e como era possível modificar o comportamento de um indivíduo por meios secretos”. Provavelmente saberíamos mais sobre o MK-Ultra se Gottlieb não tivesse destruído a maior parte dos registros do programa sob ordens do diretor da CIA Richard Helms.

VIII. Durante sua sessão de LSD, Engelbart inventou o “brinquedo do xixi” para ensinar crianças a usar o banheiro, ou pelo menos os meninos: uma roda d’água que flutuava no vaso sanitário e podia ser ativada por um jato de urina. Ele seguiu para realizações mais significativas, incluindo o mouse, a interface gráfica do computador, o editor de texto, o hipertexto, a rede de computadores, o e-mail e a videoconferência, todos demonstrados na lendária “mãe de todas as demonstrações” em São Francisco em 1968.

IX. Hubbard odiava a ideia de ácido de rua e o uso que a contracultura fazia disso. Segundo Don Allen, ele se envolveu em pelo menos um flagrante de um importante químico que produzia LSD clandestino em 1967. Hubbard mandou Allen para um encontro com a instrução de se passar por um canadense querendo comprar “LSD puro” de um grupo que incluía o notório produtor de LSD (e engenheiro de som do Grateful Dead) Owsley Stanley III. Agentes federais seguiram as pessoas que tinham comparecido ao encontro até Stanley e seu laboratório em Orinda, Califórnia; durante o flagrante, teriam encontrado 350 mil doses de LSD.

X. Os dois melhores relatos da influência da contracultura (e suas substâncias químicas) na revolução computacional são de Fred Turner, *From Counterculture to Cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the Rise of Digital Utopianism* (Chicago: University of Chicago Press, 2006) e John Markoff, *What the Dormouse Said* (Nova York: Penguin Books, 2005).

XI. Leary escreveu em *Flashbacks* que a princípio estava apavorado com a ideia de tomar psilocibina em uma prisão com criminosos violentos. Quando ele confessou seus medos para um dos prisioneiros, este admitiu que também estava com medo. “Por que está com medo de mim?”, perguntou Leary, confuso. “Estou com medo porque você é um cientista maluco.”

XII. Em uma carta de 1992 para Betty Eisner, Humphry Osmond escreveu: “O ponto em que ambos, Al [Hubbard] e Aldous [Huxley], discordavam de Timothy Leary era que os dois acreditavam que ele definira um cronograma errado, e que os Estados Unidos tinham uma inércia maior do que ele supunha. Ambos acreditavam por razões diferentes que trabalhar de maneira discreta, mas determinada, junto ao sistema poderia transformá-lo no longo prazo. Timothy acreditava que era possível fazer tudo de uma vez só.”

XIII. Na obra de Don Lattin, *The Harvard Psychedelic Club* (Nova York: HarperOne, 2010), p. 94.

XIV. Alguém poderia argumentar que o problema do LSD começou já na década de 1950, quando engenheiros bem-sucedidos como Myron Stolaroff, Willis Harman e Don Allen deixaram a Ampex e Stanford para entrar em sintonia com os compostos psicodélicos.

XV. Muitas dessas lendas urbanas foram rastreadas até a fonte e desacreditadas. Por exemplo, uma reportagem na *Newsweek* em 1967 sobre seis estudantes universitários que estavam viajando com LSD e ficaram cegos depois de encarar o sol era, no fim das contas, um boato inventado pelo comissário estadual para os cegos da Pensilvânia, o Dr. Norman Yoder. De acordo com o governador, que revelou a mentira, Yoder tinha ido “a uma palestra sobre uso de LSD por crianças e ficou preocupado e emocionalmente envolvido”. Contudo, depois de introduzidas na cultura, essas lendas urbanas sobrevivem e em alguns casos se tornam “verdade”, quando pessoas que usam LSD se sentem inspiradas a imitá-las, como aconteceu na história de encarar o sol. Ver David Presti e Jerome Beck, “Strychnine and Other Enduring Myths: Expert and User Folklore Surrounding LSD”, in *Psychoactive Sacramentals: Essays on Entheogens and Religion*, org. Thomas B. Roberts (São Francisco: Council on Spiritual Practices, 2001).

XVI. Há citações nessa reportagem que deveriam disparar o detector de bobagens de qualquer editor. “Quando meu marido e eu queremos viajar juntos”, diz uma mãe psicodélica de quatro crianças, “ponho um pouco de ácido no suco de laranja das crianças no café da manhã e deixo que eles passem o dia surtando na floresta”.

XVII. Publicado originalmente na *Harvard Review* (verão de 1963) e reimpresso em Timothy Leary e James Penner, *Timothy Leary, The Harvard Years: Early Writings on LSD and Psilocybin with Richard Alpert, Huston Smith, Ralph Metzner, and Others* (Rochester, Vt.: Park Street Press, 2014). O parágrafo aparece no registro congressional como parte da audiência de 1966 sobre a regulação do LSD pelo Subcomitê do Senado de Reorganização Executiva, p. 141.

MEMÓRIAS DE VIAGEM

Uma excursão clandestina

MEU PLANO ERA me apresentar como voluntário para um dos experimentos da Hopkins ou da Universidade de Nova York. Se era para fazer uma viagem psicodélica guiada, uma perspectiva angustiante sob quaisquer circunstâncias, eu preferia viajar na companhia de profissionais treinados e perto de um pronto-socorro. Mas os pesquisadores que trabalhavam legalmente já não estavam fazendo estudos com “normais saudáveis”. Isso significava que, se eu quisesse fazer a viagem de que tanto tinha ouvido falar, teria de fazê-la clandestinamente. Seria possível encontrar um guia disposto a trabalhar com um escritor que planejava publicar um relato de sua viagem, e será que essa pessoa me deixaria suficientemente à vontade e seguro para confiar minha mente a ela? A experiência como um todo era cheia de incertezas e trazia riscos de vários tipos — legais, éticos, psicológicos e até mesmo literários. Afinal, como pôr em palavras uma experiência que dizem ser indescritível?

“Curiosidade” é uma palavra precisa para descrever o que me movia, embora morna. Àquela altura, eu tinha feito longas entrevistas com mais de uma dezena de pessoas que haviam passado por viagens psicodélicas guiadas, e era impossível ouvir suas histórias sem imaginar como seria passar por uma viagem daquelas. Para muitos, essas viagens estavam entre as duas ou três experiências mais profundas de suas vidas, em vários casos mudando de forma positiva e permanente o modo como eles viviam. Tornar-se uma pessoa mais “aberta” — sobretudo na minha idade, quando os hábitos mentais já estão enraizados o suficiente a ponto de parecerem inescapáveis — era uma perspectiva sedutora. E havia a possibilidade, ainda que remota, de algum tipo de epifania espiritual. Muitas pessoas que entrevistei começaram a experiência como ateus e materialistas, sem qualquer espiritualidade mais desenvolvida do que a minha, e no entanto viveram “experiências místicas” que deixaram nelas a convicção inabalável de haver neste mundo algo além do que conhecemos — um “além” de algum tipo que transcendia o universo material, que presumo ser tudo o que existe. Eu volta e meia pensava numa paciente

com câncer que entrevistei, uma atea declarada que, no entanto, se viu “imersa no amor divino”.

Entretanto, nem tudo que ouvi dessas pessoas me deixou morrendo de vontade de passar pelo mesmo que elas no divã. Muitas foram levadas pela psilocibina a partes remotas de seu passado, algumas viajando até se depararem com cenas de traumas de infância já esquecidos. Foram jornadas violentas que abalaram profundamente os viajantes, mas que também foram catárticas. Está claro que esses remédios — palavra invariavelmente utilizada pelos guias, tanto os que agem dentro da lei quanto os que estão na clandestinidade, para descrever as drogas que administram — agitam poderosamente o caldo psíquico, fazendo com que todo tipo de material reprimido venha à tona, o que inclui coisas apavorantes e feias. Será que eu queria *mesmo* passar por isso?

Não!, para ser absolutamente franco. Preciso confessar que nunca fui do tipo que gosta de introspecção profunda ou prolongada. Minha tendência em geral é olhar para a frente, não para trás nem para baixo, e em geral prefiro deixar minhas profundezas psíquicas intocadas, supondo que elas existam. (Já temos que lidar com coisas suficientes aqui na superfície; talvez seja por isso que me tornei jornalista, e não romancista ou poeta.) Tudo que fica no porão psíquico foi colocado ali por algum motivo, e, a não ser que esteja em busca de algo específico que ajude a resolver um problema, por que alguém se disporia a descer a escada e acender a luz?

Em geral as pessoas me veem como um sujeito equilibrado e psicologicamente firme, e já represento esse papel há tanto tempo — na minha família quando eu era criança, na minha família já como adulto, com meus amigos e colegas — que é provável que essa seja uma descrição bastante precisa. Mas muitas vezes, durante episódios de insônia na madrugada ou sob a influência da maconha, me peguei em meio a tempestades psíquicas de terror existencial sombrias e violentas, a ponto de fazerem naufragar essa identidade confiável. Nesses momentos, começo a pensar seriamente na possibilidade de que em algum lugar muito profundo, abaixo da presença estável que apresento, exista um outro eu composto de forças turvas, anárquicas e potencialmente insanas. Qual é a espessura dessa fina pele da minha sanidade? Às vezes me pego pensando nisso. Acho que todo mundo pensa. Mas será que eu queria mesmo descobrir? R.D. Laing disse uma vez que os seres humanos têm medo de três coisas: da morte, de outras pessoas e da própria mente.¹ Eu me encaixo em duas das três. Mas há momentos em que a curiosidade supera o medo. Acho que, para mim, esse momento tinha chegado.

QUANDO FALO EM “clandestinidade psicodélica”, não me refiro ao mundo sombrio em que as pessoas produzem, vendem e usam compostos psicodélicos ilegalmente. Tenho em mente um subgrupo específico, habitado talvez por umas poucas centenas de “guias”, ou terapeutas, que trabalham com uma variedade de substâncias psicodélicas prescritas de maneira cuidadosa, na intenção de curar doentes ou melhorar a condição das pessoas saudáveis, ajudando-as a atingir plenamente seu potencial espiritual, criativo ou emocional. Muitos guias são terapeutas credenciados, e por isso, ao realizarem esse tipo de trabalho, colocam em risco, além de sua liberdade, suas licenças profissionais. Conheci um guia que era médico, e ouvi falar de outro. Alguns são profissionais religiosos — rabinos e ministros de várias denominações; uns se dizem xamãs; um se descrevia como druida. Os demais são terapeutas treinados em combinações confusas de escolas alternativas: conheci junguianos e reichianos, terapeutas gestaltianos e psicólogos “transpessoais”; gente que trabalha com cura pela energia; com aura, respiração e o corpo; terapeutas que trabalham com EST (Erhard Seminars Training), vidas passadas e constelação familiar; gente que trabalha com ritos de passagem indígenas; astrólogos e professores de meditação de todo tipo — uma mistura de todas “modalidades” alternativas da década de 1970 normalmente agrupadas sob a rubrica de “movimento do potencial humano” e que tem seu quartel-general em Esalen. A terminologia da Nova Era pode ser um pouco desanimadora; houve momentos em que tive a impressão de estar ouvindo pessoas cuja linguagem e cujo vocabulário pararam de evoluir em algum ponto dos anos 1970, no exato momento em que a terapia psicodélica foi forçada a passar para a clandestinidade, congelando no tempo uma subcultura.

Consegui encontrar, sem grandes dificuldades, várias pessoas na baía de São Francisco, que provavelmente tem a maior concentração de guias clandestinos nos Estados Unidos. Perguntando por aí, em pouco tempo descobri um amigo que tinha um amigo que trabalhara com um guia em Santa Cruz e que fazia uma viagem anual de psilocibina no seu aniversário. Também descobri que a membrana que separa o mundo “oficial” dos compostos psicodélicos da clandestinidade é permeável em alguns pontos; algumas pessoas de quem fiquei amigo ao estudar os experimentos com psilocibina na universidade estavam dispostas a me apresentar “colegas” que trabalhavam na clandestinidade. Uma apresentação levou à outra uma vez que as pessoas passaram a confiar nas minhas intenções. Até o momento, entrevistei quinze guias clandestinos e trabalhei com cinco.

Levando em conta os riscos envolvidos, achei a maioria das pessoas inusitadamente abertas, generosas e dispostas a confiar em mim. Embora as autoridades até o momento não tenham demonstrado

interesse em perseguir quem pratica terapia com substâncias psicodélicas, o trabalho continua sendo ilegal e, portanto, é perigoso compartilhar informações com um jornalista sem tomar precauções. Todos os guias me pediram para não revelar seus nomes nem o lugar onde trabalham e para tomar todas as medidas que estivessem a meu alcance para protegê-los. Tendo isso em mente, mudei não apenas seus nomes e lugar de trabalho como também detalhes de suas histórias. Mas todas as pessoas que você está prestes a conhecer são indivíduos reais; não combinações de várias pessoas nem personagens fictícios.

Praticamente todos os guias clandestinos que conheci eram descendentes de uma ou outra forma da geração de terapeutas psicodélicos que trabalhou na Costa Oeste ou nos arredores de Cambridge nos anos 1950 e 1960, quando esse trabalho ainda era legal. Na verdade, dava para traçar uma linhagem profissional ligando quase todo mundo que entrevistei a Timothy Leary (em muitos casos através de seus estudantes de pós-graduação), Stanislav Grof, Al Hubbard ou a um psicólogo da baía de São Francisco chamado Leo Zeff. Morto em 1988, Zeff foi um dos primeiros terapeutas clandestinos, e sem dúvida o mais conhecido; ele alegava ter “transformado” (termo de Al Hubbard) três mil pacientes e treinado 150 guias, inclusive muitos dos que conheci na Costa Oeste.²

Zeff também deixou um relato póstumo (e anônimo) de seu trabalho na forma de um livro publicado em 1997 com o título *The Secret Chief* [O chefe secreto], uma série de entrevistas com um terapeuta chamado Jacob conduzidas por seu amigo próximo Myron Stolaroff. (Em 2004, a família de Zeff permitiu que Stolaroff revelasse sua identidade e republicasse o livro como *The Secret Chief Revealed*.) Essas entrevistas mostram que Zeff em muitos aspectos é parecido com os terapeutas clandestinos que conheci, tanto na abordagem quanto nos modos; um tipo mais simples, ou *haimish*, para usar uma palavra iídiche que agradaria Zeff, do que um renegado, guru ou hippie. Em uma foto incluída na edição de 2004, um Zeff sorridente, usando óculos de aviador e colete sobre uma camisa com mangas dobradas, parece mais um tio querido do que um criminoso ou místico. Contudo, ele era ambos.

Quando fez sua primeira viagem sob a influência de cem microgramas de LSD, em 1961, Zeff era um terapeuta junguiano de 49 anos trabalhando em Oakland. (Pode ter sido o próprio Stolaroff que o “fez viajar”, para tomar emprestado uma expressão de Zeff.) O guia pediu que ele levasse um objeto de significado pessoal, e Zeff levou sua Torá. Depois que os efeitos do LSD começaram, o guia “colocou a Torá no meu peito e fui imediatamente para o colo de Deus. Ele e eu éramos Um”.³

Zeff logo começou a incorporar diversos compostos psicodélicos à

sua prática e descobriu que os remédios ajudavam os pacientes a romper suas defesas, trazendo à superfície camadas de material inconsciente e revelações espirituais, muitas vezes em uma única sessão. Os resultados eram tão “fantásticos”, ele disse a Stolaroff, que quando o governo federal colocou os psicodélicos sob restrição em 1970, proibindo seu uso para qualquer propósito, Zeff tomou a importante decisão de continuar seu trabalho clandestinamente.

Isso não era fácil. “Muitas vezes eu dormia tremendamente angustiado, e de manhã sentia tudo de novo”, disse Stolaroff.⁴ “Jacob [seu pseudônimo], pelo amor de Deus, por que você está se expondo a tudo isso? Você não precisa.’ Então eu olhava e dizia: ‘Veja as pessoas. Veja o que está acontecendo com elas. Não vale a pena?’ [...] Inevitavelmente, eu acabava concluindo: ‘Sim, vale a pena.’ [...] O que quer que você tenha que suportar vale a *pena* para conseguir esses resultados!”

Durante sua longa carreira, Zeff ajudou a codificar muitos dos protocolos da terapia clandestina, consolidando “acordos” que os guias normalmente tinham com seus clientes — em relação à confidencialidade (estrita), contato sexual (proibido), obediência às instruções do terapeuta durante a sessão (absoluta) e assim por diante — e desenvolvendo muitos dos detalhes cerimoniais, como fazer os participantes tomarem o remédio em uma taça: “Um símbolo importantíssimo da experiência transformadora.” Zeff também descreveu os pontos em que os guias psicodélicos em geral se afastam da terapia convencional. Ele acreditava que era obrigatório que os guias tivessem experiência pessoal com qualquer remédio que administrassem. (Guias que trabalham na legalidade não buscam tal experiência ou não admitem tê-la tido.) Ele passou a acreditar que os guias não deveriam tentar direcionar ou manipular a viagem psicodélica, permitindo em vez disso que ela tomasse seu próprio caminho e encontrasse seu destino. (“*Deixe a pessoa em paz!*”, ele diz a Stolaroff).⁵ Guias também deveriam estar dispostos a abrir mão da máscara de distanciamento típica dos analistas, oferecendo personalidade e emoção, bem como um toque reconfortante ou um abraço para um cliente que esteja passando por uma viagem particularmente difícil.

Em sua introdução a *The Secret Chief Revealed*, Myron Stolaroff esboçou a influência de guias clandestinos como Leo Zeff na terapia psicodélica como um todo, sugerindo que a nova onda de estudos iniciada no fim dos anos 1960, no momento em que ele escrevia, “se desenvolveu como resultado da experiência transmitida informalmente por terapeutas clandestinos” como Zeff e da primeira onda de pesquisas com psicodélicos feita nos anos 1950 e 1960. Pesquisadores contemporâneos trabalhando nas universidades

compreensivelmente relutam em reconhecer isso, mas há certa circulação entre os dois mundos, e um número pequeno de figuras que transitam com cautela entre eles. Por exemplo, alguns terapeutas clandestinos proeminentes foram recrutados para ajudar a treinar um novo grupo de guias psicodélicos para trabalhar nas pesquisas universitárias. Quando a equipe da Hopkins quis estudar o papel da música numa sessão guiada de psilocibina, contatou diversos guias clandestinos, coletando informações sobre suas práticas musicais.⁶

Até 2010, ninguém tinha ideia de quantos guias clandestinos trabalhavam nos Estados Unidos, ou em que exatamente consistia esse trabalho. Foi então que James Fadiman, o psicólogo formado em Stanford que trabalhou em pesquisas da Fundação Internacional para Estudos Avançados em Menlo Park no início dos anos 1960, participou de uma conferência sobre ciência psicodélica na baía de São Francisco. A conferência foi organizada pela Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos, com patrocínio de Heffter, da Fundação Beckley e do Conselho de Práticas Espirituais de Bob Jesse, as outras três organizações sem fins lucrativos que patrocinavam a maior parte das pesquisas psicodélicas na época. Em um Holliday Inn em San Jose, a conferência juntou mais de mil pessoas, entre as quais várias dezenas de cientistas (que apresentaram suas pesquisas com direito a slides de PowerPoint), guias que participavam de estudos em universidades, guias clandestinos e muitos “psiconautas” — pessoas de todas as idades que fazem uso regular de psicodélicos em suas vidas, seja para fins espirituais, terapêuticos ou recreativos. (Como Bob Jesse sempre se apressa a me dizer toda vez que uso essa palavra, “recreativo” nem sempre significa frívolo, descuidado ou despropositado. Lição aprendida.)

James Fadiman foi à conferência da Amep “como cientista”, para dar uma palestra sobre o valor da viagem enteogênica guiada. Ele ficou imaginando se haveria muitos guias clandestinos na plateia, e no fim da palestra anunciou que haveria um encontro de guias às oito horas da manhã seguinte.

“Eu me arrastei da cama às sete e meia esperando ver talvez cinco pessoas, mas uns cem apareceram! Foi impressionante.”

Provavelmente seria um exagero descrever esse grupo vasto e díspar como uma comunidade, mais ainda como uma organização, contudo minhas entrevistas com mais de uma dezena deles sugerem que se trata de profissionais que compartilham uma visão, um conjunto de práticas e até mesmo um código de conduta. Logo depois do encontro em San Jose, apareceu um “wiki” na internet — um site colaborativo onde indivíduos podem compartilhar documentos e juntos criar conteúdo novo. (Fadiman incluiu a URL em seu livro *The Psychedelic Explorer’s Guide* [O guia do explorador psicodélico], de

2011.) Encontrei ali dois itens de maior interesse, assim como vários subwikis — documentos em desenvolvimento — que não recebiam acréscimos havia muitos anos; talvez a divulgação do site no livro de Fadiman tenha levado seus criadores a abandoná-lo ou a se mudar para outro lugar da internet.

O primeiro item era um rascunho de capítulo: “Para ajudar a tornar disponível para mais pessoas uma categoria de experiências profundas e preciosas.” Essas experiências são descritas como de “consciência unitiva” e “consciência não dual”, entre outros termos, e muitas modalidades não farmacológicas que conseguem produzir esses estados são mencionadas, entre elas meditação, respiração e jejum. “A principal ferramenta dos guias é o uso prudente de uma classe de substâncias psicoativas” conhecidas por serem “potentes catalisadores espirituais”.

O site oferece a futuros guias links para a obtenção de autorizações legais, orientações éticas e questionários médicos. (“Não temos um seguro muito bom”, um guia me disse, com um sorriso irônico. “Então somos bem cuidadosos.”) Há também um link para um cauteloso “Código de ética para guias espirituais”, que reconhece os riscos psicológicos e físicos da viagem e enfatiza a responsabilidade máxima do guia com o bem-estar do cliente. Reconhecendo que durante “práticas religiosas primárias [...] os participantes podem estar particularmente abertos a sugestão, manipulação e exploração”, o código declara ser função do guia alertar para todos os riscos, obter consentimento, garantir confidencialidade, proteger a segurança e a saúde dos participantes o tempo todo, “se proteger contra a [...] ambição” e a autopromoção e acomodar seus clientes “sem se preocupar com sua capacidade de pagamento”.

Talvez o documento mais útil do website sejam as “Diretrizes para viajantes e guias”.¹ As diretrizes representam um compêndio de meio século de conhecimento e sabedoria acumulados sobre a melhor forma de abordar a viagem psicodélica, seja como participante ou como guia. Elas tratam do básico em termos de cenário e ambiente; preparação física e mental para a sessão; possíveis interações medicamentosas; a importância de formular uma intenção; o que esperar durante uma experiência, boa ou ruim; os estágios da viagem; o que pode dar errado e como lidar com material assustador; a importância suprema da “integração” pós-sessão; e assim por diante.

Para mim, que estava a um passo dessa experiência, foi reconfortante saber que a comunidade clandestina de guias psicodélicos, que eu imaginava se tratar de um monte de indivíduos fazendo as coisas cada um do seu jeito, operava profissionalmente, a partir de conhecimento e experiência acumulados e de um conjunto de tradições deixadas por psicodélicos pioneiros como Al Hubbard,

Timothy Leary, Myron Stolaroff, Stan Groff e Leo Zeff. Havia regras, códigos e acordos, e muitos elementos do trabalho foram mais ou menos institucionalizados.

Encontrar esse site também me fez ver quanto a cultura dos compostos psicodélicos evoluiu desde os anos 1950 e 1960. Parecia estar implícito nesses documentos o reconhecimento de que essas drogas poderosas e anárquicas podem ser mal utilizadas, como já aconteceu, e que, para fazerem mais bem do que mal, precisam de um recipiente cultural de algum tipo: protocolos, regras e rituais que juntos formem uma espécie de contrapeso apolíneo para conter e direcionar sua poderosa força dionisíaca. A medicina moderna, com seus testes controlados, clínicos de jaleco branco e diagnósticos tirados do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, oferece uma forma de contenção; os guias clandestinos oferecem outra.

* * *

CONTUDO, OS PRIMEIROS dois guias que entrevistei não me deixaram muito confiante. Talvez fosse por eu ser tão novo nesse território e estar nervoso com a viagem que me aguardava, mas continuei ouvindo coisas nas suas ladainhas que dispararam alarmes e me fizeram querer correr dali.

Andrei, o primeiro guia que entrevistei, era um áspero psicólogo romeno de quase 70 anos e com décadas de experiência; ele tinha trabalhado com um amigo de um amigo de um amigo. Nos encontramos no consultório dele num bairro modesto cheio de bangalôs pequenos e gramados bem cuidados em uma cidade do nordeste do Pacífico. Uma placa escrita à mão na porta instruía os visitantes a tirar os sapatos e a subir para o primeiro andar, onde ficava a mal iluminada sala de espera. Havia um tapete kilim pendurado na parede.

Em vez de uma mesa cheia de edições antigas da *People* ou da *Consumer Reports*, encontrei um pequeno altar cheio de artefatos espirituais de uma desconcertante variedade de tradições: um Buda, um cristal, uma asa de corvo, uma tigela de latão para queimar incenso, um ramo de sálvia. No fundo do altar havia duas fotografias emolduradas, uma de um guru hindu que não reconheci e outra de uma curandeira mexicana que eu sabia quem era: María Sabina.

Não foi a última vez que me deparei com um cenário tão confuso. Na verdade todo guia que encontrei mantinha algum tipo de templo na sala onde trabalhava, e os clientes com frequência eram convidados a contribuir com algum item de significado pessoal antes de embarcar em suas viagens. No começo fiquei tentado a desprezar tudo aquilo como um bufê de oportunidades iguais para quinquilharias Nova Era,

porém mais tarde acabei achando simpático, uma expressão material do sincretismo prevalente na comunidade psicodélica. Membros dessa comunidade tendem a ser mais espirituais que religiosos num sentido formal, concentrando-se mais no núcleo comum do misticismo ou da “consciência cósmica” que acreditam estar por trás de todas as diferentes tradições religiosas. Assim, o que me parecia ser um monte de símbolos conflitantes de divindades eram na verdade diferentes maneiras de expressar ou interpretar a mesma realidade espiritual subjacente, “a filosofia perene” que Aldous Huxley considerava estar sob todas as religiões e à qual os psicodélicos podem dar acesso direto.

Após alguns minutos, Andrei apareceu na sala, e quando me levantei para cumprimentá-lo ele me surpreendeu com um abraço de urso. Andrei, um homem grande com uma cabeleira grisalha penteada às pressas, vestia uma camisa xadrez azul de botão sobre uma camiseta amarela que tinha dificuldades para conter a circunferência de sua barriga. Falando com sotaque forte, ele conseguia ser ao mesmo tempo amigável e desconcertantemente brusco.

Andrei teve sua primeira experiência com LSD aos 21 anos, assim que saiu do exército; um amigo mandou a droga dos Estados Unidos, e a experiência foi transformadora. “Percebi que vivemos uma versão muito limitada do que a vida é.” Essa descoberta o fez seguir por uma viagem pela religião oriental e pela psicologia ocidental que culminou em seu doutorado em psicologia. Quando o serviço militar ameaçou interromper sua viagem psicoespiritual, ele “decidiu que tinha que fazer minhas próprias escolhas” e desertou.

Andrei acabou trocando Bucareste por São Francisco, com o objetivo de chegar àquela que, segundo ouviu, era “a primeira faculdade Nova Era” — o Instituto de Estudos Integrals da Califórnia. Fundado em 1968, o instituto se especializou em “psicologia transpessoal”, uma escola de terapia com forte direcionamento espiritual baseada tanto no trabalho de Carl Jung e Abraham Maslow quanto nas “tradições de sabedoria” do Oriente e do Ocidente, incluindo as curas dos nativos norte-americanos e o xamanismo sul-americano. Stanislav Grof, um pioneiro tanto da terapia transpessoal quanto da terapia psicodélica, deu aulas na instituição por muitos anos. Em 2016, o instituto passou a oferecer o primeiro programa certificado em terapia psicodélica do país.

Como parte do programa de graduação, Andrei teve de se submeter à psicoterapia e descobriu como chegar a um nativo americano “que fazia trabalhos de cura” na região dos Quatro Cantos e na baía de São Francisco. “Oba!”, ele se lembra de ter pensado. “Por causa da minha experiência com LSD, eu sabia que era viável.” Trabalhos de cura se tornaram sua vocação.

plenamente. Antes eu trabalhava com qualquer um que me procurasse, mas alguns estavam ferrados demais. Se você está à beira da psicose, esse trabalho pode empurrar você na direção dela. É preciso um ego forte para poder deixá-lo e depois ser capaz de voltar aos seus limites.

Ele mencionou que uma vez foi processado por um cliente perturbado que o culpava por uma crise posterior. “Então decidi, não trabalho mais com os loucos. E assim que declarei isso para o universo eles pararam de aparecer.” Hoje em dia ele trabalha com muitos jovens da área tecnológica. “Sou o vírus perigoso do Vale do Silício. Eles chegam pensando: ‘O que estou fazendo aqui, correndo atrás da cenoura dourada na gaiola dourada?’ Muitos acabam indo fazer algo mais significativo de suas vidas. [A experiência] os abre para a realidade espiritual.”

É difícil dizer ao certo o que me desanimou a trabalhar com Andrei, mas curiosamente foi menos o espiritualismo Nova Era e mais sua indiferença a respeito de um processo que ainda acho exótico e assustador. “Não jogo o jogo da psicoterapia”, ele me disse, tão blasé quanto o cara atrás do balcão da padaria cortando e embrulhando um sanduíche. “Nada de tela branca. Na psicologia tradicional, nós não abraçamos. Eu abraço. Toco. Dou conselhos. Já tive pessoas que vieram ficar conosco na floresta.” Ele trabalha com os clientes não no escritório, mas em um lugar na área rural, escondido nas matas da península Olympic. “Disso tudo eu não abro mão.” Ele deu de ombros como se dissesse, e daí?

Contei a ele alguns de meus medos. Ele já tinha ouvido tudo aquilo muitas vezes antes. “Talvez você não consiga o que quer”, ele me disse, “mas vai conseguir aquilo de que precisa”. Engoli em seco mentalmente. “O principal é se entregar à experiência, mesmo quando ela é difícil. Se entregar ao medo. Os maiores medos que surgem são o medo de morrer e o medo de enlouquecer. Mas a única coisa a fazer é se entregar. Então se entregue!” Andrei expressou meus maiores medos, mas o que ele estava receitando parecia mais fácil de dizer do que fazer.

Percebi que preferia um guia que externasse um pouco mais de delicadeza e paciência, mas não estava certo de que deveria deixar os modos rudes de Andrei me desanimarem. Ele era inteligente, tinha muita experiência e estava disposto a trabalhar comigo. E aí ele contou a história que me fez decidir.

Era sobre ter trabalhado com um homem da minha idade que se convencera durante a viagem com psilocibina que estava infartando.

“Estou morrendo”, disse, “ligue para a emergência! Estou sentindo, meu coração”. Eu disse a ele para se entregar à morte. Que São Francisco disse que ao morrer você ganha a vida eterna. Quando você descobre que a morte é apenas outra experiência, não há mais nada com que se preocupar.

Tudo bem, mas e se fosse um infarto de verdade? Lá fora, na mata, no meio da península Olympic? Andrei mencionou que um aspirante a guia que ele estava treinando uma vez perguntou: “O que fazer se alguém morrer?” Não sei o que esperava que ele dissesse, mas não era a resposta que Andrei me deu com um prosaico dar de ombros.

“Você enterra com todos os outros mortos.”

Eu disse a Andrei que entraria em contato.

Logo descobri que o mundo clandestino dos psicodélicos estava cheio desses personagens intensos, que não eram necessariamente o tipo de pessoa a quem eu achava que pudesse confiar minha mente — ou, para falar a verdade, qualquer parte de mim. Logo depois de minha sessão com Andrei, tive uma reunião com um segundo possível guia, um brilhante psicólogo de 80 anos que fora aluno de Timothy Leary em Harvard. Ele conhecia a fundo os compostos psicodélicos; suas credenciais eram impressionantes; ele fora muito bem recomendado por pessoas que respeito. Mas, quando, durante um almoço num restaurante tibetano perto de seu escritório, ele tirou um cordão de couro que usava no pescoço e o suspendeu sobre o cardápio, comecei a perder a confiança de que ele fosse a pessoa que eu estava procurando. Ele explicou que confiava nas energias liberadas pelo pêndulo balançando no fecho de prata para escolher a entrada que provavelmente cairia melhor, já que sua digestão era temperamental. Não lembro o que o cordão escolheu para o almoço, mas, mesmo antes de ele começar a falar por muito tempo sobre as provas de que os atentados do 11 de Setembro haviam sido obra dos americanos, eu sabia que minha busca por um guia ainda não tinha terminado.

* * *

UMA DIFERENÇA ÓBVIA ao decidir usar compostos psicodélicos aos 60 anos, e não aos 18 ou 20, é que provavelmente você vai ter um cardiologista a quem vai querer consultar antes da viagem. Foi assim comigo. Um ano antes de decidir embarcar nessa aventura, o confiável funcionamento do meu coração, que até aquele momento eu dava como 100% garantido, de repente se fez sentir pela primeira vez na vida, exigindo minha atenção. Eu estava trabalhando no computador certa tarde e, de repente, percebi um novo ritmo distinto e loucamente sincopado no peito.

“Fibrilação atrial” foi o nome que o médico deu aos rabiscos anormais no ecocardiograma. O perigo de uma fibrilação atrial não é um infarto, ele disse para meu (breve) alívio, e sim um risco aumentado de derrame. “Meu cardiologista” — de súbito a expressão infeliz entrou no meu vocabulário, provavelmente para sempre —

receitou remédios para acalmar o ritmo do coração e baixar a pressão, além de uma aspirina infantil todos os dias para afinar o sangue. Depois ele disse para não me preocupar.

Segui todos os conselhos, menos o último. Não conseguia não pensar em meu coração constantemente. Tudo que ele fazia sem eu me dar conta de repente ficou perceptível: algo que eu podia ouvir e sentir sempre que pensava no assunto, o que era frequente. Meses depois, a fibrilação atrial não tinha voltado a acontecer, mas minha vigilância sobre meu pobre coração saiu de controle. Eu conferia a pressão sanguínea diariamente e ficava tentando ouvir sinais de excentricidades ventriculares toda vez que me deitava. Precisei de meses sem um derrame para voltar a confiar que meu coração seguiria seu trabalho sem minha supervisão. Felizmente, aos poucos, meu coração deixou de ocupar o primeiro plano da minha atenção.

Digo isso para explicar por que achei que devia conversar com meu cardiologista antes de embarcar numa viagem psicodélica. Ele tinha a minha idade, então era improvável que se chocasse com as palavras “psilocibina” ou “LSD” ou “MDMA”. Contei o que tinha em mente e perguntei se alguma daquelas drogas era contraindicada, dados os meus problemas coronários, ou se havia risco de interação com os remédios que ele me receitara. Ele não se preocupou muito com os psicodélicos — que em geral concentram seus efeitos na mente, com impacto extraordinariamente pequeno no sistema cardiovascular —, mas recomendou que eu evitasse uma das drogas que mencionei. O MDMA, também conhecido como ecstasy ou Molly, é uma substância controlada nível 1 desde meados dos anos 1980, quando apareceu como uma droga popular nas raves.

A droga, a 3-4 metilenodioximetanfetamina, não é um composto psicodélico clássico (ela atua em receptores diferentes do cérebro e não tem efeitos visuais fortes), porém muitos guias que eu estava entrevistando me disseram que ela fazia parte de seu cardápio. Às vezes chamado de empatogênico, o MDMA reduz as defesas psicológicas e ajuda a rapidamente construir uma ligação entre paciente e terapeuta. (Leo Zeff foi um dos primeiros terapeutas a usar MDMA nos anos 1970, depois que o composto foi popularizado por seu amigo, o lendário químico Sasha Shulgin, da baía de São Francisco, e sua esposa, a terapeuta Ann Shulgin.) Guias me disseram que o MDMA era uma boa forma de “quebrar o gelo” e estabelecer confiança antes da viagem psicodélica. (Um deles me disse: “Ela concentra anos de psicoterapia em uma tarde.”) Mas, como o nome científico indica, o MDMA é uma anfetamina, e assim, quimicamente, atua no coração de uma forma bem diferente dos compostos psicodélicos. Fiquei decepcionado por meu cardiologista proibir o MDMA, mas feliz por ele ter dado sinal verde para o resto dos meus planos de viagem.

PELO MENOS NO papel, o guia que escolhi não parecia nada auspicioso. O sujeito vivia e trabalhava tão fora do radar, nas montanhas do Oeste americano, que não tinha sinal de telefone, gerava sua própria eletricidade, bombeava a própria água, cultivava a própria comida e tinha apenas um sinal fraco de internet via satélite. Melhor esquecer completamente a ideia de estar perto de um pronto-socorro. Além disso, eu era um judeu de uma família que chegou a relutar em comprar um carro alemão, ao passo que esse camarada era filho de um nazista — um alemão de sessenta e poucos anos cujo pai servira na ss durante a Segunda Guerra Mundial. Depois de ouvir tanto sobre cenário e ambiente, nenhum desses detalhes me parecia de bom augúrio.

No entanto, gostei de Fritz desde o momento em que ele me cumprimentou, oferecendo um sorriso amplo e um abraço cordial (eu estava me acostumando com isso) quando estacionei meu carro alugado em seu remoto acampamento. Este consistia em uma organizada vila de pequenas estruturas — uma casa artesanal e duas cabanas menores, uma tenda octogonal e duas casinhas externas pintadas com cores alegres numa clareira ao pé de uma montanha densamente arborizada. Seguindo o mapa enviado por Fritz e feito à mão (a área é terra incógnita para o GPS), dirigi por quilômetros numa estrada de terra que passava pela paisagem desolada de uma mina abandonada antes de subir por uma floresta fechada de ciprestes e pinheiros, com uma densa camada mais baixa de manzanitas, com suas cascas vermelhas como sangue fresco. Eu tinha chegado ao meio do nada.

Fritz era um emaranhado de contradições, mas mesmo assim se mostrou um sujeito caloroso e aparentemente feliz. Aos 65 anos, ele lembrava um ator de filme europeu um pouco envelhecido, com cabelo grisalho partido ao meio e um corpo musculoso que começava a perder vigor. Fritz cresceu na Baviera, filho de um alcoólico raivoso que serviu na ss como guarda-costas do adido cultural responsável pela produção de óperas e outros entretenimentos para os soldados. Depois, seu pai lutou no front russo e sobreviveu a Stalingrado, mas voltou em estado de choque. Fritz cresceu à sombra densa de sua tristeza, compartilhando a vergonha e a raiva de muitos na geração do pós-guerra.

“Quando o exército veio atrás de mim [para o serviço militar obrigatório]”, contou, enquanto tomávamos chá na mesa da cozinha, numa tarde ensolarada, “eu disse a eles que fossem se foder e me jogaram na prisão”. Forçado a servir, Fritz foi parar na corte marcial duas vezes — uma delas por queimar seu uniforme. Ele passou algum

tempo na solitária lendo Tolstói e Dostoiévski e planejando a revolução com o maoista da cela do lado, com quem se comunicava pelo encanamento da prisão. “Meu momento de maior orgulho foi quando dei a todos os guardas Orange Sunshine que tinha conseguido com um amigo na Califórnia.”

Na universidade, ele estudou psicologia e tomou muito LSD, que conseguia com soldados americanos estacionados na Alemanha. “Comparado com o LSD, Freud era uma piada. Para ele, biografia era tudo. A experiência mística não tinha uso.” Fritz passou a estudar Jung e Wilhelm Reich, “meu herói”. No caminho, descobriu que o LSD era uma ferramenta poderosa para explorar as profundezas da própria psique, permitindo que ele reexperimentasse a raiva e a depressão que o haviam perseguido na juventude e abrisse mão desses sentimentos. “Houve mais luz na minha vida depois disso. Alguma coisa mudou.”

Assim como aconteceu com muitos guias que conheci, a experiência mística de Fritz com compostos psicodélicos levou-o a uma busca de décadas que acabou “destruindo minha mente linear e empírica”, abrindo-o para a possibilidade de vidas passadas, telepatia, profecias e “sincronismos” que desafiam nossas concepções de espaço e tempo. Ele passou algum tempo num ashram na Índia, onde testemunhou cenas que haviam aparecido anteriormente em suas viagens psicodélicas. Uma vez, fazendo amor com uma mulher na Alemanha (os dois estavam praticando o tantrismo), ele e ela compartilharam uma experiência extracorpórea que lhes permitiu observar seus corpos do teto. “Esses remédios me mostraram que alguma coisa — abre aspas — impossível — fecha aspas — existe. Mas não acho que seja mágica ou sobrenatural. É uma tecnologia da consciência que ainda não compreendemos.”

Normalmente, quando as pessoas começam a falar sobre dimensões transpessoais de consciência e “campos morfogênicos”, tenho pouca (ou nenhuma) paciência, mas Fritz tornava esse tipo de conversa, se não convincente, pelo menos... provocativo. Ele conseguia expressar as ideias mais estranhas de uma forma tão modesta que chegava a desarmar você, parecendo quase realista. Tive a impressão de que o único objetivo dele era alimentar a própria curiosidade, fosse com os compostos psicodélicos ou com livros sobre paranormalidade. Para algumas pessoas, o privilégio de ter tido uma experiência mística tende a inflar o ego, convencendo-as de que foram presenteadas com a posse da chave para o universo. Essa é uma receita excelente para criar um guru. A certeza e a condescendência pelos meros mortais que em geral acompanham essa chave podem tornar essas pessoas insuportáveis. Mas Fritz não era assim. Pelo contrário. Suas experiências de outros mundos o deixaram humilde, abrindo-o para possibilidades e mistérios sem fechá-lo para o ceticismo — ou para os

prazeres da vida cotidiana *neste* planeta. Não havia nada de etéreo nele. Fiquei surpreso por gostar tanto de Fritz.

Depois de cinco anos vivendo numa comuna na Baviera (“tentando desfazer um pouco do dano causado à geração do pós-guerra”), ele conheceu uma mulher da Califórnia enquanto fazia uma caminhada no Himalaia, em 1976, e seguiu com ela para Santa Cruz. Entrou para o movimento de potencial humano do norte da Califórnia, em várias ocasiões administrando um centro de meditação para um guru indiano chamado Rajneesh, fazendo terapia corporal (incluindo massagem profunda e Rolfing), gestaltiana e reichiana, além de um pouco de paisagismo para pagar as contas. Quando conheceu Stan Grof em 1982, logo após a morte do pai, num curso de respiração em Esalen, Fritz sentiu ter finalmente encontrado seu verdadeiro pai. Durante o workshop, ele “teve uma experiência tão forte quanto a de qualquer psicodélico. Do nada, revivi meu nascimento — minha mãe me parindo. Enquanto isso acontecia, assisti à deusa Shiva numa tela IMAX gigante, criando mundos e destruindo mundos. Todo mundo no grupo queria o que eu tinha!”. Ele agora inclui a respiração holotrópica em sua prática de terapia corporal.

Mais tarde, Fritz fez uma série intensiva de treinamentos com Grof no norte da Califórnia e na Colúmbia Britânica, que se estendeu por anos. Em um desses treinamentos, conheceu sua futura esposa, uma psicóloga clínica. Em teoria, Grof estava ensinando respiração holotrópica, modalidade não farmacológica que havia desenvolvido depois que os psicodélicos se tornaram ilegais. Mas Fritz disse que Grof também compartilhou com esse grupo seletivo seu conhecimento profundo sobre a prática da terapia psicodélica, discretamente repassando seus métodos para uma nova geração. Muitas pessoas no workshop, como Fritz e sua futura esposa, acabaram se tornando guias clandestinos. Ela trabalha com as mulheres que encontram o caminho montanha acima, ele com os homens.

“Não ganho muito dinheiro”, Fritz me disse. De fato, ele cobrou apenas novecentos dólares por uma sessão de três dias, incluindo hospedagem e alimentação. “É ilegal e perigoso. Alguém pode ficar psicótico. E você *realmente* não ganha muito dinheiro. Mas sou um curandeiro, e esses remédios funcionam.” Era evidente que ele tinha uma vocação e amava o que fazia — amava testemunhar pessoas passarem por transformações profundas diante de seus olhos.

* * *

FRITZ ME DISSE o que esperar se fosse trabalhar com ele. Eu teria de voltar lá e permanecer por três dias, dormindo na cabana octogonal, onde faríamos “o trabalho”. A primeira tarde seria de aquecimento,

uma sessão para nos conhecermos, usando ou MDMA ou respiração. (Expliquei por que, no meu caso, teria de ser respiração.) Isso lhe daria a chance de observar meu comportamento durante um estado alterado de consciência antes de me despachar para uma viagem de LSD na manhã do segundo dia; também ajudaria a determinar a dose adequada.

Perguntei como ele podia ter certeza da pureza e da qualidade dos remédios que usa, já que eles vêm de químicos que trabalham ilicitamente. Ele explicou que, sempre que recebe um novo carregamento, “primeiro testo a pureza, depois tomo uma dose drástica para ver como ele se comporta antes de dar para alguém”. Não é exatamente o protocolo de aprovação da FDA, pensei comigo mesmo, mas melhor do que nada...

Fritz não toma nenhum remédio enquanto trabalha, mas com frequência tem “uma onda de contato”. Durante a sessão, ele toma notas, seleciona a música e checa a pessoa a cada vinte minutos, mais ou menos.

“Não vou perguntar como você está, e sim onde você está. Estou aqui só para você, para proteger o espaço, para você não precisar se preocupar com nada nem com ninguém. Nem com a esposa, nem com o filho. Para você poder realmente se entregar — e *ir*.” Percebi que esse era outro motivo para eu querer tanto um guia. Quando Judith e eu tivemos nosso dia de cogumelo mágico no verão, o ruído constante da preocupação com ela interrompeu a minha viagem a todo momento, forçando-me a ficar próximo da superfície. Por mais que eu odiasse a conversa psicodélica, adorava a ideia de alguém “proteger o espaço” para mim.

“Nesse mesmo dia, à noite, vou pedir para você fazer anotações antes de dormir. Na manhã seguinte, compararemos anotações e tentaremos integrar e dar sentido à experiência. Depois farei um café da manhã reforçado para você encarar a estrada!”

Marcamos uma data para a minha volta.

* * *

A PRIMEIRA COISA que aprendi sobre mim mesmo naquela tarde, trabalhando com Fritz na cabana, é que sou “fácil de anestésias” — suscetível ao transe, um espaço mental completamente novo para mim e que acessei apenas mudando o padrão de respiração. Foi impressionante.

As instruções de Fritz eram diretas: *inspire fundo e rapidamente enquanto expira o mais forte que puder*. “No começo isso vai parecer estranho e você vai ter que se concentrar para manter o ritmo, mas depois de uns minutos o corpo assume o controle e faz isso

automaticamente.” Me estiquei no colchão e pus uma máscara de dormir enquanto ele colocou música, um som genérico, tribal e rítmico, dominado pela batida de um tambor. Pôs também uma bacia de plástico a meu lado, explicando que às vezes as pessoas vomitam.

Era um trabalho intenso no começo, respirar desse jeito exagerado e antinatural, mesmo com o apoio entusiasmado de Fritz, mas aí meu corpo tomou conta e descobri que não era necessário nenhum pensamento para manter o andamento e o ritmo. Era como se eu tivesse me libertado da gravidade e entrado em órbita: as respirações longas e profundas apenas vinham, automaticamente. Agora eu sentia uma vontade incontrollável de mover pernas e braços em sincronia com a batida dos tambores, que ressonavam em minhas costelas como uma nova e poderosa batida do coração. Senti que estava possuído, corpo e mente. Não me lembro de muitos pensamentos exceto “Ei, isso está funcionando, seja lá o que for!”.

Eu estava deitado de costas dançando loucamente, braços e pernas movendo-se por conta própria. Todo o controle do meu corpo estava entregue à música. Parece um pouco com a glossolalia, ou o que eu imagino que seja isso, com alguma força externa tomando conta da mente e do corpo para seu próprio propósito obscuro.

Não houve muitas imagens visuais, apenas a sensação de alegria, até que comecei a me imaginar nas costas de um grande cavalo negro, galopando impetuosamente pela floresta. Eu estava empoleirado em seus ombros, como um jóquei, segurando firme enquanto o animal impelia seus grandes músculos para a frente e para trás a cada grande passo. À medida que meu ritmo sincronizava com o do cavalo, eu me sentia absorvendo o poder do animal. Foi fantástico habitar meu corpo de maneira tão plena, como se fosse pela primeira vez. Contudo, como não sou um cavaleiro (nem dançarino!) muito confiante, também senti que minha posição era precária, como se eu pudesse cair caso errasse uma respiração ou batida.

Eu não tinha a menor ideia da duração do transe, o tempo estava completamente perdido para mim, mas quando Fritz aos poucos me trouxe de volta para o presente e para a realidade da sala apenas me incentivando a reduzir a velocidade e a relaxar a respiração, ele me disse que eu estava “naquilo” havia 75 minutos. Senti rubor, suor e triunfo, como se tivesse corrido a maratona; Fritz me disse que eu parecia “radiante” — “jovem como um bebê”.

“Você não resistiu”, disse, aprovando. “É um bom sinal para amanhã.” Eu não tinha a menor ideia do que havia acabado de acontecer, de todo aquele tempo só me lembrava de ter andado a cavalo. Mas o episódio parecia ter envolvido algum tipo fantástico de desprendimento físico. Algo foi embora de mim ou foi expulso, e me senti leve. E humilde pelo mistério daquilo. Porque ali estava (para

citar William James) uma das “formas de consciência totalmente diferentes”⁷ do ordinário e, ainda assim, tão próxima — separada da consciência desperta normal por... pelo quê? Um punhado de exalações!

Então algo assustador aconteceu. Fritz tinha ido para casa preparar o jantar e me deixou fazendo anotações sobre a experiência quando, de repente, senti o coração disparar e dançar loucamente no peito. Reconheci na mesma hora a sensação de turbulência da fibrilação atrial, e ao checar o pulso vi que estava caótico. Um pássaro em pânico estava preso em minha caixa torácica, se debatendo na tentativa de escapar. E ali estava eu, uns vinte quilômetros fora da civilização, preso no meio do nada.

Fiquei assim por duas horas, num jantar quieto e ansioso. Fritz me pareceu preocupado; em todas as centenas de sessões de respiração que ele havia guiado ou testemunhado, nunca tinha visto essa reação. (Ele havia falado antes sobre uma única morte atribuída à respiração holotrópica: um homem que teve um aneurisma.) Agora eu estava preocupado com o dia seguinte, e acho que ele também, embora ele também achasse que talvez eu estivesse sentindo no coração um reflexo de uma mudança na psique, ou “abertura do coração”. Resisti à metáfora implícita, me agarrando firmemente ao plano da fisiologia: *o coração é uma bomba, e essa está defeituosa*. Discutimos o plano para o dia seguinte. Talvez possamos tentar uma dose menor, Fritz sugeriu, “você é tão suscetível que talvez não precise de muito para a viagem”. Eu disse a ele que talvez desistisse. E então, tão de súbito quanto senti aquilo começar, senti meu coração voltar ao doce registro do seu ritmo habitual.

Dormi pouco naquela noite enquanto me debatia mentalmente sobre ser ou não loucura seguir com os planos na manhã seguinte, ainda que com uma dose menor de LSD. *Posso morrer aqui, não seria estúpido?* Mas eu estava mesmo em perigo? Agora meu coração parecia bem, e todas as minhas leituras indicavam que os efeitos do LSD praticamente se limitavam ao cérebro, deixando o sistema cardiovascular intocado. Em retrospecto, fazia sentido que um processo físico árduo como a respiração holotrópica pudesse desorientar o coração. **III** Sim, eu podia adiar minha viagem de LSD, mas mesmo essa opção parecia uma decepção enorme. Eu chegara até ali e tinha tido esse vislumbre de um estado de consciência que, apesar de todas as minhas dúvidas, ainda estava ansioso para explorar mais profundamente.

Isso durou a noite inteira, num vaivém de prós e contras, mas, quando amanheceu, com os primeiros raios passando pelos pinheiros, decidi. No café da manhã, disse a Fritz que me sentia bem e que queria ir em frente. Concordamos, no entanto, em tentar uma dose

modesta — cem microgramas, com um “extra” depois de uma hora ou duas se eu quisesse.

Fritz me mandou caminhar para arejar a cabeça e pensar sobre a minha intenção enquanto ele lavava os pratos e preparava a cabana para a minha viagem. Caminhei por uma hora numa trilha pela floresta, que a chuva refrescara durante a noite; o ar limpo cheirava a cedro e os galhos lisos das manzanitas brilhavam. Fritz me disse para procurar um objeto para colocar sobre o altar. Enquanto procurava, decidi pedir a ele que me promettesse que, caso algo desse errado, ligaria para a emergência para pedir ajuda, independentemente de qualquer risco pessoal.

Voltei para a cabana por volta das dez horas com uma folha de manzanita e uma pedra lisa e negra no bolso e uma intenção objetiva: aprender o que quer que a viagem tivesse a me ensinar sobre mim mesmo. Fritz tinha acendido um fogão a lenha e o lugar estava começando a esquentar. Ele havia mudado o colchão de lugar para que minha cabeça ficasse mais perto das caixas de som. Num tom de voz grave, falou sobre o que esperar e como lidar com qualquer dificuldade que aparecesse: “Paranoia, lugares assustadores, a sensação de estar enlouquecendo ou morrendo.”

“É como quando você vê um leão da montanha”, sugeriu. “Se correr, ele vai perseguir você. Então você precisa tentar ficar onde está.” Eu me lembrei das “instruções de voo” que os guias usavam na Johns Hopkins: em vez de fugir de algum monstro que apareça, vá em direção a ele, defenda sua posição e exija saber: “O que você está fazendo na minha mente? O que tem a me ensinar?”

Coloquei a pedra e a folha no altar, que tinha um Buda de bronze cercado de itens de outros viajantes. “Algo duro e algo macio”, observou Fritz. Pedi as garantias de que precisava e ele deu sua palavra. Então ele me entregou uma xícara chinesa de chá com um pequeno quadrado de papel mata-borrão e um pedaço menor de outro quadrado — o “extra”. Em um dos lados do papel estava impressa uma imagem de Buda; no outro, um personagem de desenho animado que não reconheci. Coloquei o quadrado na língua e, com um gole de água, engoli. Fritz não fez nenhuma grande cerimônia, mas falou sobre a “tradição sagrada” da qual eu estava participando, a linhagem de todas as tribos e pessoas através dos tempos e em todo o mundo que usaram esses remédios em seus ritos de iniciação. Aqui estava eu, perto do meu aniversário de sessenta anos, tomando LSD pela primeira vez. Parecia uma espécie de rito de passagem, mas uma passagem para onde exatamente?

Enquanto esperávamos os efeitos do LSD, sentamos no deque de madeira em torno da cabana, conversando calmamente sobre várias coisas. A vida no topo da montanha; os animais selvagens que

dividiam a propriedade com ele, já que ele não tinha um cão: havia leões da montanha, ursos, coiotes, raposas e cascavéis. Nervoso, tentei mudar de assunto; na verdade, tive medo de sair da cabana para ir ao banheiro e urinei da varanda. Leões e ursos e cobras eram a última coisa em que eu queria pensar agora.

Por volta das onze, eu disse a Fritz que estava começando a me sentir trêmulo. Ele sugeriu que eu deitasse no colchão e colocasse a máscara de dormir. Assim que ele ligou a música — algo com sabor amazônico, com um ritmo gentil e instrumentos tradicionais, mas também sons da natureza (chuva e grilos) que criavam uma sensação vívida de estar ao ar livre —, embarquei na viagem, indo para algum lugar da minha mente, em um cenário de floresta que a música parecia ter evocado. Pensei em quão poderosa uma máscara de dormir pode ser, pelo menos nesse contexto: era como usar óculos de realidade virtual, o que permitia abandonar imediatamente lugar e tempo.

Acho que eu estava alucinando, mas não era como eu esperava que fosse uma alucinação de LSD, isto é, avassaladora. Porém Fritz me disse que o sentido literal da palavra é vagar pela mente de alguém, e isso era exatamente o que eu estava fazendo, com a mesma indiferença de um andarilho. Contudo, eu ainda tinha vontade própria: podia mudar o conteúdo dos meus pensamentos quando quisesse, embora nesse estado de sonho, tão aberto à sugestão, estivesse feliz em deixar o ambiente e a música ditarem meu caminho.

E por várias horas a música fez exatamente isso, evocando uma série de espaços físicos, alguns povoados por pessoas próximas, outros que explorei sozinho. Boa parte da música era do tipo Nova Era — o tipo de coisa que você talvez ouça quando recebe uma massagem num spa elegante —, mas nunca havia soado tão evocativa, tão linda! A música se tornou algo muito maior e mais profundo do que meros sons. Trespassando livremente as fronteiras dos demais sentidos, era palpável o suficiente ao toque, formando um espaço tridimensional pelo qual eu podia me deslocar.

A música tribal amazônica me colocou num caminho que subia por uma trilha íngreme através das sequoias, seguindo uma ravina entalhada numa encosta pela lâmina afiada do poder da água. *Conheço esse lugar*: era a trilha que sobe de Stinson Beach a Mount Tamalpais. Mas, assim que o reconheci, o ambiente se transformou em outra coisa. Agora a música formava uma arquitetura vertical de toras de madeira, horizontais e verticais e diagonais magicamente encaixadas no lugar, formando níveis que subiam um no outro, cada vez mais alto em direção ao céu, como uma casa na árvore de vários andares em construção, e que no entanto era uma estrutura tão aberta ao ar e à sua influência quanto um carrilhão de vento.

Vi que cada nível representava uma fase da minha vida com Judith. Lá estávamos nós, subindo degrau a degrau nossos muitos anos juntos, começando como jovens que se conheceram na faculdade, nos apaixonando, vivendo juntos na cidade, casando, tendo nosso filho, Isaac, virando uma família, mudando para o campo. Agora, aqui no topo, vi um novo andar sendo construído, numa fase ainda tão rudimentar como a que estamos vivendo: o que quer que a vida a dois vá ser agora que Isaac cresceu e saiu de casa. Olhei com cuidado, esperando ver alguma dica sobre o que esperar, mas a única coisa que pude ver claramente era que esse novo andar estava sendo construído sobre a estrutura dos anteriores e portanto prometia ser firme.

E foi assim, música por música, durante horas. Algo aborígene, com o som profundo e assustador do didjeridu, me fez ir para o subsolo, me movendo de alguma forma pelo escuro emaranhado de raízes da floresta. Fiquei tenso por um instante: Será que isso ficaria assustador? Será que morri e fui enterrado? Se fosse o caso, tudo bem. Fiquei concentrado observando uma rede de micélio branco enrolada nas raízes e ligando as árvores numa teia intrincada que escapava à nossa compreensão. Sabia tudo a respeito da rede do micélio, o modo como ele forma uma espécie de internet arbórea, permitindo que as árvores numa floresta troquem informação, mas o que até agora era puramente conceito intelectual se tornou vívido, pareceu uma realidade da qual eu fazia parte.

Quando a música se tornava mais máscula ou marcial, como agora, pais e filhos povoavam meu campo mental. Assisti a uma breve sequência de imagens da vida de Isaac até o momento atual — suas lutas como um rapaz sensacional e sensível, e como essa sensibilidade gerou fortalezas, fazendo dele o que é. Pensei em coisas que preciso dizer a ele — sobre o orgulho crescente que senti ao vê-lo embarcar na vida adulta e conquistar seu lugar em uma nova cidade e em uma nova carreira, mas também minha ardente esperança de que ele não endureça com o sucesso nem abra mão de suas vulnerabilidades e sua doçura.

Senti algo na minha máscara de dormir e percebi que estava molhada de lágrimas.

Eu já estava me sentindo completamente aberto e indefeso quando me dei conta de que não estava falando com Isaac, ou não só com ele, mas também comigo. *Algo duro e algo macio*: termos continuavam a se alternar como numa moeda. Na noite anterior à viagem até a casa de Fritz, eu havia dado uma palestra para duas mil pessoas num auditório, seguido no palco por um holofote enquanto desempenhava o papel de homem que tem as respostas, aquele no qual as pessoas podem confiar para explicar as coisas. Era o mesmo papel que eu havia desempenhado na minha família durante meu crescimento, não

apenas para minhas irmãs mais novas, mas, em tempos de crise, também para meus pais. (Mesmo hoje minhas irmãs teimosamente se recusam a ouvir de mim as palavras “eu não sei”.) “Então olhem para mim agora!”, pensei, um sorriso surgindo em meu rosto: um adulto de olhos vendados, deitado no chão da cabana de um terapeuta psicodélico, correndo atrás da própria mente enquanto ela vaga de maneira descuidada pela floresta da minha vida, lágrimas quentes — do *quê*? Eu não sabia! — correndo pelo meu rosto.

Esse era um território desconhecido para mim e não exatamente aonde eu esperava ir com o LSD. Não viajei para muito longe de casa. Em vez dos demônios e anjos e várias outras entidades que esperava conhecer, eu estava tendo uma série de encontros com pessoas da minha família. Visitei um de cada vez, a música dando o tom, as emoções se assomando em grandes ondas, seja de admiração (por minhas irmãs e minha mãe, que imaginei sentadas em torno de uma mesa em formato de ferradura — como a ONU! —, cada uma representando uma forma diferente de força feminina); gratidão; ou compaixão, sobretudo por meu pai, um homem determinado e perseguido por boa parte da vida, e alguém que antes desse momento eu nunca tinha imaginado de fato como filho, e um filho de pais ferozmente exigentes.

O fluxo de compaixão transbordou e vazou para lugares inesperados, como minha aula de música no ensino fundamental. Ali inexplicavelmente encontrei o pobre Sr. Roper, um homem jovem e honesto num terno barato que, por mais que tentasse, não conseguia fazer com que déssemos a mínima para as seções de uma orquestra que ele mapeava no quadro ou para a personalidade dos vários instrumentos, não importava quantas vezes tocasse *Pedro e o lobo* para nós. Enquanto ele andava pela sala de aula empolgado, nós aguardávamos num suspense excruciante que ele tropeçasse numa das tachinhas que colocávamos em seu caminho, uma diversão pela qual estávamos dispostos a arriscar ficar detidos depois da aula. Mas quem era o Sr. Roper, realmente? Por que não víamos que atrás da figura de desenho animado que torturávamos sem piedade havia, sem dúvida, um homem decente que só queria estimular em nós sua paixão pela música? A crueldade impensável das crianças me fez tremer de culpa. Por outro lado: que excesso de compaixão eu devia estar sentindo, para sobrar tanto para o Sr. Roper!

E sobre todos esses encontros uma represa de amor se rompeu, amor por Judith e Isaac e por todos na minha família, amor até por minha avó impossível e seu marido resignado. No dia seguinte, em nossa sessão de integração, Fritz leu duas coisas que eu aparentemente disse em voz alta durante essa parte da viagem: “Não quero ser mesquinho com meus sentimentos” e “Todo esse tempo me

preocupando com meu coração. E os outros corações na minha vida?”.

Fico constrangido em escrever essas palavras; parecem tão simples, tão banais. Isso é uma falha na minha linguagem, sem dúvida, mas talvez seja mais que isso. As experiências psicodélicas são notoriamente difíceis de traduzir em palavras; tentar fazer isso significa violentar o que foi visto ou sentido, que é fundamentalmente pré e pós-linguístico, ou, como dizem os estudantes de misticismo, inefável. As emoções chegam recém-nascidas e nuas, desprotegidas da luz dura do escrutínio e, sobretudo, do brilho impiedoso da ironia. Clichês que não ficariam mal num cartão da Hallmark brilham com a força de uma verdade revelada.

O amor é tudo.

Ok, mas o que mais você aprendeu?

Não — você não deve ter me ouvido direito: isso é *tudo*!

Um clichê sentido tão profundamente continua sendo apenas um clichê? Decidi que não. Clichês são exatamente o que fica da verdade depois que ela perde toda a emoção. Restaurar o sentimento àquela casca seca é vê-la outra vez como ela é: a mais adorável e profundamente enraizada das verdades, escondida à plena vista. Uma revelação espiritual? Talvez. Ou pelo menos foi o que pareceu durante a minha viagem. Os compostos psicodélicos podem transformar mesmo o mais cínico de nós no mais fervoroso dos evangelistas do óbvio.

Daria para dizer que os remédios nos tornam estúpidos, mas, depois da minha viagem através do que deve soar como um ambiente banal e sentimental, não acho que seja isso. Pois afinal o que são o sentimento de banalidade e a perspectiva irônica, se não duas das mais firmes defesas usadas pelo ego adulto para evitar se sentir esmagado — por nossas emoções, certamente, mas talvez também por nossas sensações, que a qualquer momento podem nos assombrar com notícias da pura maravilha do mundo? Para sobreviver ao dia, precisamos pôr a maior parte do que percebemos numa caixa com o rótulo “Conhecido”, para que seja logo arquivada, sem grande consideração pelas maravilhas que há ali dentro, e “Novidade”, reservada àquilo a que compreensivelmente damos mais atenção, pelo menos até nos acostarmos àquilo. Os psicodélicos podem tirar todas as caixas da estante, abrir e remover mesmo o mais familiar dos itens, revirando-os e esfregando-os imaginativamente até que voltem a brilhar com a luz da primeira vista. Essa reclassificação do que é familiar é uma perda de tempo? Se for, também é perda de tempo a maior parte da arte. Penso que há um grande valor nesse tipo de renovação, ainda mais quando envelhecemos e passamos a pensar que já vimos e sentimos tudo.

Contudo, cem microgramas de LSD certamente não me enviaram

para o colo de Deus, como fizeram com Leo Zeff; nem mesmo depois do “extra” (uma dose de cinquenta microgramas, que eu estava ansioso para tomar, na esperança de ir mais fundo e mais longe). Em nenhum momento tive uma experiência transcendente, “não dual” ou “mística”, e ao recapitular a viagem com Fritz na manhã seguinte registrei uma certa decepção. Mas o novo plano de consciência em que passei horas circulando foi interessante e prazeroso, e acho que útil. Ainda tenho de ver se os efeitos serão permanentes, mas senti como se a experiência me abrisse de maneiras inesperadas.

Como o ácido não dissolveu o meu ego por completo, nunca perdi totalmente a habilidade de redirecionar o foco da minha consciência nem a noção de que ela era de fato minha. Mas o fluxo me pareceu nitidamente diferente, menos sujeito à vontade ou fora do alcance da interferência. Isso me lembrou do espaço mental bizarro e prazeroso que algumas vezes se abre de noite, na cama, quando estamos entre a vigília e o sono — a chamada consciência hipnagógica. O ego parece se desligar alguns momentos antes do resto da mente, deixando o campo de consciência não supervisionado e vulnerável a gentis erupções de imagens e trechos de narrativas alucinatórias. Imagine que esse estado se estenda indefinidamente, contudo com alguma habilidade de direcionar sua atenção para isso ou aquilo, como num sonho acordado especialmente vívido e absorvente. Ao contrário de quando sonha acordado, no entanto, você está completamente presente no conteúdo de qualquer que seja a narrativa que se apresenta, totalmente imerso e protegido de distrações. Eu tinha pouca escolha além de obedecer à lógica do sonho acordado, em suas regras ontológicas e epistemológicas, até que, fosse por força de vontade ou pelas frescas notas de uma nova música, o canal mental mudava e eu me encontrava em outro lugar inteiramente diferente.

Imagino que seja isso que acontece quando o domínio do ego na mente é relaxado, porém não eliminado, como com certeza ocorreria com uma dose maior. “Por um momento aquele neurótico que interfere, que quando estamos acordados tenta comandar o show, foi tirado do caminho”, como Aldous Huxley diz em *As portas da percepção*.⁸ Não completamente fora do caminho, no meu caso, mas o LSD sem dúvida sufocou essa voz controladora, e naquele espaço pouco regulado todo tipo de coisa interessante podia aparecer, coisas que qualquer ego respeitável provavelmente manteria submerso.

O que tive foi uma dose psicolítica de LSD, que permitiu ao paciente explorar sua psique de forma livre, mas ainda deliberada enquanto permanecia ciente o bastante para falar a respeito. Para mim pareceu menos uma experiência com drogas — o LSD parece totalmente transparente, sem nenhum dos ruídos psicológicos que associo a drogas psicoativas — do que uma nova forma de cognição, ficando em

algum lugar entre intelecto e sentimento. Eu havia evocado muitas pessoas próximas, e com a presença de cada uma delas vieram fortes emoções que já sentia há algum tempo. Uma represa se rompeu, e a sensação de libertação foi ótima. Além disso, algumas revelações genuínas surgiram desses encontros, como a de meu pai como filho, que gerou um ato de imaginação (de empatia) que mesmo filhos crescidos muitas vezes não conseguem se distanciar o suficiente para ter. Durante nossa sessão de integração, Fritz mencionou que algumas pessoas sob o efeito de LSD têm uma experiência que no conteúdo e caráter se parece mais com o MDMA do que com uma clássica viagem psicodélica; talvez o que recebi tenha sido a sessão de MDMA que dispensei. A noção de que alguns anos de psicoterapia foram condensados em algumas horas pareceu correta, especialmente depois que eu e Fritz passamos a manhã desempacotando as cenas de minha viagem.

Enquanto dirigia meu carro alugado montanha abaixo em direção ao aeroporto para voar para casa, fiquei aliviado que a experiência tivesse sido tão benigna (Sobrevivi! Não acordei nenhum monstro adormecido no meu inconsciente!) e grato por ter sido produtiva. Durante todo aquele dia e no dia seguinte, um sistema de alta pressão de bem-estar dominou meu clima psicológico. Judith achou que eu estava mais falante e disponível; minha paciência de sempre estava suspensa, e eu pude ficar na mesa por mais tempo que ela depois do jantar, sem pressa para levantar e lavar os pratos para poder passar à próxima atividade e à seguinte. Pensei que era o brilho posterior sobre o qual havia lido a respeito, e por alguns dias ele continuou a lançar uma agradável luz teatral sobre tudo, destacando o ordinário de uma forma que estava me deixando estranhamente... grato.

Porém isso não durou muito, e com o tempo fiquei decepcionado com o fato de a experiência não ter sido mais transformadora. Tive uma amostra de uma forma levemente diferente de ser — menos defensiva, diria, e muito mais presente. E, agora que eu conhecia o território e tinha voltado dessa primeira viagem mais ou menos intacto, decidi que era hora de me aventurar mais longe.

Viagem II: Psilocibina

MINHA SEGUNDA VIAGEM psicodélica começou ao redor de um altar, no meio de um loft no subúrbio de uma pequena cidade na Costa Leste dos Estados Unidos. No altar, orando, havia uma bela mulher com cabelos louros compridos repartidos ao meio e maçãs do rosto proeminentes, que só menciono porque mais tarde apareceriam

durante sua transformação em índia mexicana. Sentada diante do altar de frente para mim, Mary recitava uma reza nativo-americana longa e elaborada, de olhos fechados. Ela invocava o poder de cada um dos pontos cardeais, dos quatro elementos, dos reinos animal, vegetal e mineral, a cujos espíritos implorava que me ajudassem na minha viagem.

Meus olhos também estavam fechados, mas de vez em quando eu não resistia e dava uma espiada para assimilar a cena: o loft cor de abóbora com seus vasos de plantas e símbolos de fertilidade e de poder feminino; o tecido peruano roxo bordado que cobria o altar; e a coleção de itens espalhados por ele, que incluía uma ametista no formato de coração, um cristal roxo segurando uma vela, pequenas taças cheias de água, uma tigela com quadrados de chocolate meio amargo, os dois itens “sagrados” que ela me pediu para levar (um Buda de bronze que um amigo trouxera de uma viagem ao Oriente e a moeda de psilocibina que o cientista Roland Griffiths me dera em nosso primeiro encontro) e, bem à minha frente, um prato antigo decorado com um padrão floral típico da casa de nossas avós, onde estava o maior cogumelo *Psilocybe* que já vi. Era difícil acreditar que eu estava prestes a comer um inteiro.

O altar lotado também continha um galho de sálvia e uma cepa de pau-santo, a aromática madeira da América do Sul que os índios queimavam em rituais, além da asa negra de um corvo. Em vários momentos da cerimônia, Mary acendeu a sálvia e o pau-santo, usando a asa para “empurrar” a fumaça na minha direção — guiando os espíritos ao redor da minha cabeça. A asa fazia um som sobrenatural quando ela a sacudia perto da minha orelha, o som assustador de uma ave que chega desconfortavelmente muito perto da gente, ou de um espírito maligno sendo expulso de um corpo.

Tudo isso deve parecer ridiculamente piegas, eu sei, mas a convicção com que Mary conduzia a cerimônia, junto com o aroma das plantas queimadas e os sons da asa sacudida no ar — mais o meu próprio nervosismo a respeito da viagem —, tudo isso produzia um encantamento que me permitiu pôr em suspenso minha incredulidade. Eu tinha decidido me entregar a esse grande cogumelo e a Mary, a guia a quem confiei minha psique nessa viagem, e a cerimônia contava tanto quanto a química. Nesse aspecto, ela agia mais como xamã do que como psicóloga.

Mary foi recomendada por um guia que entrevistei na Costa Oeste, um rabino que se interessou pela minha educação psicodélica. Ela tinha a mesma idade que eu e fora treinada pelo aluno número oitenta e tantos de Timothy Leary que entrevistei, mas que achei excêntrico demais para mim. Alguém pode pensar o mesmo de Mary, na teoria, mas alguma coisa no jeito dela, em sua sobriedade e evidente

compaixão, me deixava mais à vontade na sua presença.

Mary praticou todo tipo de terapia New Age, da cura energética à psicologia espiritual, passando pela constelação familiar^{iv} antes de ser apresentada, quando tinha 50 anos, à medicina psicodélica (“ela criou algo que unia todos esses outros trabalhos que eu vinha fazendo”). Até então, Mary só tinha usado compostos psicodélicos uma vez e havia muito tempo: na sua festa de 21 anos na universidade. Um amigo deu a ela um pote de mel com psilocibina. Mary foi imediatamente para o quarto, comeu duas ou três colheradas, “e tive a mais profunda experiência de estar com Deus. Eu era Deus e Deus era eu”. Amigos que estavam na festa no andar de baixo vieram bater à porta, mas Mary já estava longe.

Na infância, na região de Boston, Mary foi uma católica fervorosa, até descobrir “que era menina” — o que a impedia de celebrar as cerimônias de que gostava tanto. A religiosidade de Mary ficou adormecida até ela provar o mel, que “a catapultou rumo a uma mudança imensa”, como ela me contou quando nos conhecemos. “Encontrei algo com que não me conectava desde criança.” O novo despertar da vida espiritual levou-a rumo ao budismo tibetano, e ela acabou fazendo os votos de iniciação: “‘Ajudar todo ser senciente em seu despertar e iluminação.’ E essa ainda é a minha vocação.”

E agora quem estava sentado diante dela na sala de tratamento era eu, o próximo ser senciente na fila, esperando ser despertado. Contei minha intenção: aprender o que pudesse sobre mim mesmo e também sobre a natureza da consciência — a minha própria, mas também a dimensão “transpessoal”, se é que essa dimensão existe.

“O professor Cogumelo ajuda a ver quem realmente somos”, disse Mary, “e ele nos leva de volta ao propósito que nossa alma tem para estar aqui nesta vida”. Imagino como essas palavras devem soar para alguém que está de fora. Mas eu já estava habituado ao jargão New Age, talvez por ter vislumbrado que havia algo potencialmente valioso para além das palavras batidas. Também estava impressionado com a inteligência de Mary e com seu profissionalismo. Além de me fazer assinar “um termo de consentimento” padrão (me submeter à autoridade dela durante a sessão; permanecer na sala até que ela me desse a permissão para sair; nada de contato sexual; e assim por diante), ela também me fez preencher um detalhado formulário médico, um documento jurídico e um questionário autobiográfico de quinze páginas que me tomou boa parte do dia. Tudo isso fez com que eu me sentisse em boas mãos — mesmo que essas mãos estivessem balançando uma asa de corvo em volta da minha cabeça.

Contudo, sentado diante do altar, tive dúvidas se ia conseguir engolir o cogumelo todo. Ele tinha de doze a quinze centímetros de comprimento, com um chapéu do tamanho de uma bola de golfe.

Perguntei se podia esmigalhá-lo num copo de água quente, fazer um chá e tomar.

“É melhor estar totalmente consciente do que você está fazendo”, respondeu ela, “que é comer o cogumelo que veio da terra, uma mordida de cada vez. Examine primeiro, de perto, então comece pelo chapéu”. Ela me ofereceu a opção de acrescentar mel ou chocolate para ajudar a engolir; escolhi o chocolate. Mary disse que um amigo cultivava o *Psilocybe* e que aprendeu o ofício anos antes num workshop do micologista Paul Stamets. Parece que nesse mundo só há um ou dois graus de separação entre as pessoas.

Quando o levei à boca, o cogumelo era seco como o deserto e tinha o gosto de um pedaço de papelão com terra, mas alternar cada mordida com um pedaço de chocolate ajudou. Exceto a parte nodosa bem na base do estipe, comi tudo, o que chegou a dois gramas. Mary planejava me oferecer outros dois gramas durante a viagem, num total de quatro. Era aproximadamente a dose dada aos voluntários nos experimentos da NYU e da Hopkins, o equivalente a quase trezentos microgramas de LSD — o dobro do que tomei com Fritz.

Conversamos calmamente por uns vinte minutos até que Mary notou minha face ruborizar e sugeriu que eu me deitasse e colocasse uma máscara de dormir. Escolhi óculos de plástico pretos e modernos, o que em retrospecto me pareceu um erro. O perímetro era forrado com espuma de poliuretano preta, permitindo que o usuário, ao abrir os olhos, deparasse com uma escuridão intensa. Mary me disse que a chamada Máscara de Relaxamento Mindfold havia sido desenhada especialmente para esse fim pelo artista psicodélico Alex Grey.

Assim que ela colocou a primeira música — uma composição New Age realmente insípida de um tal de Thierry David (um artista que, como vim a saber mais tarde, foi três vezes indicado na categoria Melhor Álbum Chill/Groove) —, fui imediatamente lançado em um ambiente urbano noturno que parecia gerado por computador. Mais uma vez, o som gerava o espaço (“no início era a nota”, me lembro de ter pensado, me sentindo profundo), e o que classifiquei como música eletrônica de Thierry evocou uma cidade futurística despovoada, na qual cada nota formava pequenas estalagmites ou estalactites negras que juntas lembravam o material em alto-relevo de isolamento acústico usado para revestir estúdios de gravação. (A espuma preta que formava esse ambiente em alto-relevo, percebi depois, era do mesmo material que revestia meus óculos.) Andei sem grande esforço por essa noite digital como se estivesse imerso em uma distopia de videogame. Embora o lugar não fosse particularmente assustador e tivesse certa beleza, odiei estar ali e desejei ir para outra parte, mas aquilo parecia não acabar nunca, pareceu durar horas, sem que eu pudesse sair. Eu disse a Mary que não gostava de música eletrônica e

pedi que ela colocasse outra coisa, mas embora o tom do sentimento tenha mudado com a nova música, eu ainda estava preso a esse mundo computadorizado sem sol. Ah, por que eu não podia estar ao ar livre? Na natureza? Como nunca gostei muito de videogames, isso parecia cruel, uma expulsão do jardim: sem plantas, sem pessoas, sem sol.

Não que explorar o mundo computadorizado fosse desinteressante. Assisti, impressionado, às notas musicais se transformarem, uma a uma, em formas palpáveis na minha frente. A música irritante era a divindade que presidia o lugar, uma força gerativa. Mesmo a música New Age de spa tinha o poder de lançar padrões fractais no espaço que cresciam e se ramificavam e multiplicavam ao infinito. Estranhamente, tudo no meu campo visual era preto, mas em muitos tons diferentes e fáceis de ver. Eu estava cruzando um mundo gerado por algoritmos matemáticos, e isso dava a ele certa beleza alienada, sem vida. Mas de quem era esse mundo? Não meu, e comecei a pensar: de quem é esse cérebro em que estou? (Por favor, que não seja o do Thierry David!)

“Isso podia facilmente tomar uma direção assustadora”, pensei, e então uma pequena fonte de ansiedade começou a jorrar. Relembrando as instruções de voo, eu disse a mim mesmo que não havia nada a fazer além de me entregar e me render à experiência. *Relaxe e se deixe levar pela corrente.* Isso não era nem de perto igual às viagens anteriores, nas quais permaneci mais ou menos capaz de dominar minha atenção, de direcioná-la e mudar o canal mental à vontade. Não, era mais como estar preso no carrinho da frente de uma montanha-russa cósmica, seguindo precipitadamente por uma trajetória que determinava momento a momento o que ia aparecer no meu campo de consciência.

Na verdade, isso não é de todo preciso: tudo que eu tinha que fazer era tirar os óculos, e a realidade, ou pelo menos algo impreciso baseado nela, iria se reconstituir. E foi o que fiz, em parte para satisfazer minha vontade de ver que o mundo ainda existia, mas sobretudo porque precisava muito urinar.

A luz do sol e as cores inundaram meus olhos, e bebi tudo avidamente, procurando na sala objetos bem-vindos e significativos da realidade não digital: paredes, janelas, plantas. Mas tudo tinha um novo aspecto: brilhava intensamente com a luz. Percebi que talvez devesse voltar a pôr os óculos, o que pelo menos em parte domesticou a cena, mas apenas em parte: os objetos continuavam a enviar suas partículas de luz na minha direção. Levantei com cuidado do colchão, apoiando-me primeiro em um dos joelhos, e então, meio bambo, fiquei em pé. Mary me segurou pelo cotovelo, como se eu fosse um idoso, e juntos cruzamos a sala. Evitei olhar para ela, sem saber o que ia ver

no seu rosto ou demonstrar no meu. Na porta do banheiro ela soltou meu cotovelo.

Do lado de dentro, o banheiro era uma rebelião de luzes faiscantes. O arco de água que produzi foi de fato a coisa mais linda que já vi, uma cascata de diamantes despencando numa piscina, rompendo a superfície em bilhões de tilintantes fractais de luz. Isso continuou por uma agradável eternidade. Quando fiquei sem diamantes, fui até a pia e joguei água no rosto, evitando ver meu reflexo no espelho, o que parecia psicologicamente arriscado. Caminhei de forma instável até o colchão e deitei.

Com a voz suave, Mary perguntou se eu queria um “extra”. Respondi que sim e sentei para receber. Mary estava de cócoras a meu lado, e, quando finalmente olhei para o rosto dela, vi que tinha se transformado em María Sabina, a curandeira mexicana que deu *Psilocybe* a R. Gordon Wasson num porão sujo em Huautla de Jiménez sessenta anos atrás. Seu cabelo era preto, a pele parecia esticada sobre as proeminentes maçãs do rosto, envelhecido, e ela usava um vestido branco e simples, de camponesa. Peguei o cogumelo seco da mão morena e enrugada da mulher e olhei em outra direção enquanto mastigava. Achei que não devia dizer a Mary o que acontecera com ela. (Depois, quando contei, ela ficou lisonjeada. María Sabina era sua heroína.)

* * *

MAS TINHA UMA coisa que eu precisava fazer antes de pôr os óculos de novo e deitar, um pequeno experimento que contei a Mary durante a viagem. No meu estado, eu não tinha certeza se conseguiria, mas descobri que mesmo no meio da viagem era possível me trazer para algo semelhante à normalidade por alguns momentos.

Eu tinha no meu notebook um vídeo curto de uma máscara girando, usado num teste psicológico chamado ilusão da máscara côncava. Enquanto a máscara gira no espaço, o lado convexo se move para revelar o verso côncavo, e algo incrível acontece: a máscara oca parece saltar para se tornar convexa de novo. Esse é um truque produzido pela nossa mente, que presume que todo rosto é convexo, e então automaticamente corrige o que parece um erro — a menos que, como um neurocientista me disse, você esteja sob a influência de uma substância psicodélica.

Essa capacidade de autocorreção é uma marca da nossa percepção, que em uma mente adulta e sã se baseia tanto naquilo que já sabemos quanto nos dados brutos dos sentidos. Na vida adulta, a mente se torna muito boa em observar e testar a realidade e desenvolver previsões sobre o que pode otimizar nosso uso de energia (mental ou

de outros tipos) e com isso nossa sobrevivência. Então, em vez de começar do zero para construir uma nova percepção a partir de cada novo pacote de dados brutos entregues por nossos sentidos, a mente pula para a mais sensata conclusão com base na experiência do passado combinada a uma pequena amostra dos dados. Nossos cérebros são máquinas de previsão otimizadas pela experiência, e, quando se trata de rostos, têm muita experiência: rostos são sempre convexos, portanto essa máscara oca tem um erro de previsão a ser corrigido.

Essas inferências bayesianas (o nome vem de Thomas Bayes, o filósofo inglês do século XVIII que desenvolveu a matemática da probabilidade, na qual essas previsões mentais se baseiam) são úteis na maior parte do tempo, acelerando nossa percepção e poupando esforço e energia, mas também podem nos prender em imagens preconcebidas da realidade que são simplesmente falsas, como no caso da máscara em rotação.

No entanto, parece que a inferência bayesiana deixa de existir em algumas pessoas: esquizofrênicos e, segundo alguns neurocientistas, pessoas sob altas doses de psicodélicos, pois nenhum deles “vê” dessa maneira previsível e convencional. (O mesmo vale para crianças pequenas, que ainda não construíram o banco de dados necessário para previsões confiáveis.) Isso levanta uma questão interessante: é possível que as percepções dos esquizofrênicos, de pessoas viajando sob o efeito de compostos psicodélicos e de crianças sejam, pelo menos em alguns casos, mais precisas — menos influenciadas pela expectativa e portanto mais fiéis à realidade — do que as de adultos são e sóbrios?

Antes de começarmos a sessão, deixei o vídeo aberto no notebook e o reproduzi. A máscara na tela, cinza contra um fundo preto, era claramente o produto de uma animação computadorizada e também indiscutivelmente consistente com o estilo visual do mundo em que eu estava. (Durante minha sessão de integração com Mary no dia seguinte, ela sugeriu que essa imagem no meu notebook pode ter evocado o mundo computadorizado e me prendido nele. Poderia haver uma demonstração melhor do poder do cenário e do ambiente?) Quando o rosto convexo girava para revelar o verso côncavo, a máscara se tornava convexa de novo, só um pouco mais devagar do que antes de eu comer o cogumelo. Estava claro que a inferência bayesiana continuava operacional no meu cérebro. Tentei novamente mais tarde.

* * *

QUANDO VOLTEI A pôr os óculos e deitei, fiquei decepcionado ao me ver

outra vez no mundo computadorizado, mas alguma coisa tinha mudado, sem dúvida resultado da dose extra. Antes eu navegava por aquela paisagem como eu mesmo, vendo a cena de uma perspectiva que reconhecia como minha, com minhas atitudes intactas (altamente crítico da música, por exemplo, e ansioso pela possibilidade de surgimento de demônios); agora eu via aquele “eu” familiar começar a se desmontar à minha frente, primeiro aos poucos e depois ruindo de uma só vez.

“Eu” agora tinha me tornado um amontoado de pequenos papéis não muito maiores que um post-it, e eles estavam sendo espalhados pelo vento. Mas o “eu” que observava essa catástrofe aparente não tinha nenhum desejo de correr atrás dos pedaços e empilhar meu antigo eu novamente. Na verdade, não tinha desejos de tipo nenhum. Quem quer que eu fosse agora, essa pessoa estava tranquila com o que viesse a acontecer. *O fim do ego?* Sem problemas, na verdade era a coisa mais natural do mundo. Então olhei e me vi lá fora de novo, dessa vez espalhado pelo ambiente como tinta, ou manteiga, recobrando de leve uma ampla extensão do mundo com uma substância que reconhecia como sendo eu.

Mas quem era esse “eu” capaz de ver essa cena de sua própria dissolução? Boa pergunta. Não era *eu*, exatamente. Aqui, os limites da linguagem se tornam um problema: para conseguir explicar por completo essa divisão que abriu minha perspectiva, eu precisaria de um novo pronome de primeira pessoa. Aquele que estava observando a cena era um ponto de vista e forma de consciência totalmente distinto do meu habitual; de fato hesito em usar o “eu” que denota a consciência atuante, pois era algo muito diferente da minha primeira pessoa usual. Enquanto o “eu” sempre foi um sujeito encapsulado nesse corpo, aquele não parecia estar preso a corpo *algum*, embora eu agora tivesse acesso à sua perspectiva. Essa perspectiva era extremamente indiferente, neutra em todas as questões de interpretação, e não se perturbava mesmo diante do que poderia ser visto, não sem razão, como um desastre pessoal não mitigado. Contudo, o que é “pessoal” tinha sido obliterado. Tudo que antes eu era e tudo que se chamava eu, esse eu construído em seis décadas, fora liquidificado e disperso pela cena. O que sempre tinha sido um sujeito pensante, sensível, consciente e baseado no aqui era agora um objeto no espaço. Eu era tinta!

O ego soberano, com todas as suas armas e medos, seus ressentimentos do passado e preocupações com o futuro, simplesmente não existia mais, e não havia mais ninguém para lamentar seu desaparecimento. Mas algo tomou seu lugar: essa consciência nua e incorpórea, cujo olhar vagava pela cena de sua própria dissolução com uma indiferença benigna. Eu estava presente na realidade, mas como

algo diferente do meu eu. E mesmo que não mais existisse um eu para sentir exatamente, havia um tom de sentimento, que era calmo, aliviado, contente. Havia vida após a morte do ego. E isso era ótimo.

Quando repenso essa parte da viagem, às vezes acho que essa consciência duradoura pode ter sido a “Onisciência” que Aldous Huxley descreveu durante sua viagem com mescalina em 1953. Huxley nunca explicou de fato o que queria dizer com a expressão — exceto ao falar da “ampla sabedoria inerente à Onisciência”⁹ —, mas ele parece estar descrevendo uma forma de consciência universal, compartilhável, não presa a um único cérebro. Outros chamaram isso de consciência cósmica, Sobrealma, Mente Universal. Supostamente ela existe fora de nossos cérebros — como propriedade do universo, como a luz ou a gravidade, e tão difusa quanto elas. E igualmente constitutiva. Certos indivíduos em determinados momentos ganham acesso a esse modo de percepção, o que lhes permite perceber a realidade à luz dessa consciência aperfeiçoada, pelo menos por algum tempo.

Nada na minha experiência me levou a acreditar que essa nova forma de consciência se originou fora de mim; parece igualmente plausível, e com certeza mais crível, presumir que foi um produto do meu cérebro, assim como o ego que ela substituiu. Mas isso por si só me parece uma dádiva notável: o fato de podermos abandonar tanta coisa — os desejos, os medos e as defesas de uma vida inteira! — sem sofrer uma completa destruição. Isso talvez não seja surpresa para budistas, transcendentalistas ou meditadores experientes, mas com certeza era novidade para mim, que nunca senti nada além do meu próprio ego. Poderia existir outro chão no qual fixarmos nossos pés? Pela primeira vez desde que embarquei nesse projeto, comecei a entender o que os voluntários dos experimentos sobre ansiedade e câncer tentavam me dizer: como uma viagem psicodélica lhes oferecia uma perspectiva em que era possível encarar de modo objetivo as piores coisas da vida, inclusive a morte, e aceitá-las com tranquilidade.

* * *

NA VERDADE, ESSA compreensão chegou um pouco mais à frente, na última parte da viagem com psilocibina, quando a experiência se tornou mais sombria. Depois de passar o que pareceram horas no mundo computadorizado — pois minha noção de tempo se perdeu por completo —, registrei o desejo de voltar à realidade e urinar outra vez. Mesmo esquema: Mary me guiou até o banheiro pelo cotovelo, como se eu fosse um idoso, e me deixou lá para produzir outra safra de diamantes. Porém, dessa vez, arrisquei me olhar no espelho. O que

me olhou de volta foi uma caveira humana, a não ser pela mais fina e pálida camada de pele esticada sobre ela, firme como a pele de um tambor. O banheiro era decorado com arte popular mexicana, e na mesma hora a cabeça/caveira me trouxe à mente o Dia dos Mortos. Com suas cavidades profundas e veias acesas, como raios ziguezagueando para baixo na têmpora de um lado, reconheci essa cabeça cinza/caveira como a minha própria, mas ao mesmo tempo como a de meu falecido avô.

Isso era surpreendente, porque nunca tive muita afinidade com Bob, o pai do meu pai. De fato eu o amava por tudo que nele parecia *diferente* de mim — ou de qualquer outra pessoa que conheci. Bob era extraordinariamente feliz e parecia ser um homem simples incapaz de pensar mal de alguém ou ver o mal no mundo. (Sua esposa, Harriet, compensava amplamente sua generosidade de espírito.) Bob teve uma longa carreira como vendedor de bebidas, fazendo rondas semanais nas boates da Times Square para uma empresa que todo mundo, exceto ele, sabia ser de propriedade da máfia. Ao chegar à idade que tenho hoje, ele se aposentou e passou a pintar cenas lindamente ingênuas e abstrações com cores espetaculares; eu havia trazido uma delas para a sala de Mary, junto com uma aquarela de Judith, minha mulher. Bob era um homem genuinamente feliz e sem angústias que viveu até os 96 anos, pintando telas cada vez mais coloridas, abstratas e livres à medida que seu fim se aproximava.

Vê-lo tão vividamente no meu reflexo foi arrepiante. Poucos anos antes, ao visitar Bob numa casa de repouso no deserto do Colorado, onde ele logo morreria, vi um homem que sempre estivera em forma e cheio de vigor (até os 80 anos ele manteve o hábito diário de plantar bananeira) contraído e abandonado numa pequena cama, parecendo um parêntesis de pele e ossos. Os músculos esofágicos necessários para engolir não funcionavam mais, e ele estava preso a um tubo de alimentação. A essa altura, sua situação era triste em muitos aspectos, mas por alguma razão me fixei no fato de que ele não voltaria a sentir o gosto da comida passando pelos lábios.

Joguei água fria no rosto que compartilhávamos e caminhei hesitante de volta para Mary.

Arrisquei olhar de novo para ela e dessa vez fui recompensado com a visão de uma mulher jovem arrebatadora, novamente loura mas agora na plenitude radiante da juventude. Mary era tão linda que precisei desviar o olhar.

Ela me deu mais um pequeno cogumelo — o quarto grama — e um pedaço de chocolate. Antes de pôr os óculos, tentei fazer o teste da máscara giratória uma segunda vez... e foi um completo fracasso, nem confirmando nem descartando a hipótese. Quando a máscara começou a girar, aos poucos trazendo seu verso para a tela, tudo se dissolveu

numa geleia cinza que escorregou pela tela do notebook antes que eu pudesse determinar se a máscara dissolvida era convexa ou côncava. Fazer experimentos psicológicos durante uma viagem não é uma boa ideia.

Pus meus óculos e afundei de volta no que agora se tornara um ambiente desértico, rachado e ressequido, repleto de artefatos e imagens fúnebres. Ossos e caveiras embranquecidos e os rostos de mortos conhecidos passaram por mim, tias, tios e avós, amigos, professores e meu sogro — enquanto uma voz me dizia que eu não tinha chorado adequadamente por eles. Era verdade. Nunca lidei de fato com a morte de *ninguém* na minha vida; sempre havia algo no caminho. Eu poderia fazer isso aqui e agora, e foi o que fiz.

Olhei intensamente para cada rosto, um depois do outro, com uma piedade sem fim mas sem nenhum medo. Exceto em um momento, quando cheguei à minha tia Ruthellen e vi, apavorado, o rosto dela se transformar no de Judith. Ruthellen era artista, como Judith, e ambas foram diagnosticadas com câncer de mama na mesma época. O câncer matou Ruthellen e poupou Judith. Então o que Judith estava fazendo aqui entre as mortes não lamentadas? Estaria eu me protegendo dessa possibilidade todo esse tempo? Com o coração completamente aberto, as defesas se desmanchando, as lágrimas começaram a fluir.

* * *

DEIXEI DE FORA uma parte importante da minha viagem ao mundo subterrâneo: a trilha sonora. Antes de mergulhar na última parte da viagem, pedi a Mary que, por favor, parasse de tocar música de spa e colocasse algum clássico. Escolhemos a *Suíte n.º 2 para violoncelo* de Bach, gravada por Yo-Yo Ma. A suíte em ré menor é uma peça triste e concisa que ouvi muitas vezes antes, com frequência em funerais, mas que nunca tinha realmente ouvido até aquele momento.

Embora “ouvir” não faça justiça ao que aconteceu entre mim e as vibrações do ar provocadas pelas quatro cordas do violoncelo. Nunca antes uma peça musical me tocou tão profundamente. Embora chamar aquilo de “música” seja diminuir o que começava a fluir, e que não era nada além de um fluxo de consciência humana, algo em que se pode procurar o próprio sentido da vida e, caso você possa suportar, ler o último capítulo da vida. (Uma pergunta surgiu: por que não tocamos música como essa em nascimentos, assim como tocamos em funerais? E a resposta veio imediatamente: há muito da vida-já-vivida nessa peça, e uma pungência pela passagem do tempo que nenhum nascimento, nenhum começo, poderia suportar.)

Depois de quatro horas de viagem e quatro gramas de cogumelo mágico, foi nesse ponto em que perdi qualquer habilidade que ainda

me restava de distinguir entre sujeito e objeto, separar o que permaneceu de mim e o que era a música de Bach. Em vez do olho transparente de Emerson, sem ego e repleto de tudo o que viu, eu me tornei uma orelha transparente, indistinta do fluxo de som que inundava minha consciência até que não houvesse mais nada nela, nem mesmo um único minúsculo canto seco onde colocar um “eu” e observar. Aberto à música, me transformei primeiro nas cordas, sentindo na minha pele a fricção delicada do pelo do cavalo do arco se esfregando em mim, e depois a brisa do som passando enquanto cruzava os lábios do instrumento e seguia em direção ao mundo, iniciando sua viagem solitária pelo Universo. Então passei para o poço negro de ressonância dentro do violoncelo, o envelope de ar vibrante formado pelas curvas de seu telhado de abeto e das paredes de carvalho. O interior de madeira do instrumento formava uma boca capaz de uma eloquência sem paralelo — na verdade, capaz de articular tudo que um ser humano pudesse conceber. Mas o interior do violoncelo também formava uma sala onde se podia escrever e uma caveira onde se podia pensar, e agora eu era aquilo, simplesmente.

Então me tornei o violoncelo e lamentei com ele pelos vinte minutos ou mais que aquela peça levou para, bem, mudar tudo. Ou foi isso que pareceu; agora, com as vibrações cedendo, estou menos certo. Mas, enquanto aqueles momentos extraordinários duraram, a suíte de violoncelo de Bach teve o efeito inconfundível de me reconciliar com a morte — com as mortes das pessoas que agora estavam diante de mim, Bob e Ruthellen, o pai de Judith, Roy, e tantos outros, mas também as mortes que virão e a minha própria, já não tão distante. Ao me deixar levar por essa música tive uma espécie de treinamento para aquilo — para me perder, ponto final. Ao largar a corda do eu e me deixar escorregar para as águas mornas dessa beleza mundana — a música sublime de Bach, digo, e o arco de Yo-Yo Ma acariciando aquelas quatro cordas suspensas sobre um envelope de ar —, senti como se tivesse passado para longe do alcance do sofrimento e do arrependimento.

* * *

ESTA FOI A minha viagem de psilocibina, que relatei da forma mais fiel que pude. Enquanto leio essas palavras agora, dúvidas voltam com força total: “Tolo, você estava sob o efeito de drogas!” E é verdade, você *pode* pôr esse rótulo conveniente na experiência e jogá-la fora, para nunca mais ter que lidar com ela. Sem dúvida esse foi o destino de inúmeras viagens psicodélicas cujos viajantes não souberam muito bem o que fazer, ou às quais não conseguiram dar sentido. No entanto, embora seja verdade que o que me lançou nessa viagem foi uma

substância química, também é verdade que experimentei tudo que experimentei: esses foram os eventos que aconteceram na minha mente, fatos psicológicos que não foram nem sem peso, nem voláteis. Ao contrário da maioria dos sonhos, essas experiências deixaram traços indelévels e acessíveis.

No dia seguinte à viagem fiquei feliz pela oportunidade de voltar à sala de Mary por algumas horas para a “integração”. Eu esperava dar sentido ao que acontecera ao contar sobre a viagem e ouvir ideias dela sobre aquilo. O que você acabou de ler é o resultado desse trabalho, pois imediatamente após a viagem eu estava muito mais confuso do que agora. O que agora se lê como uma narrativa razoavelmente coerente destacando alguns temas começou como uma confusão de imagens desconexas e fragmentos de sentido. Pôr em palavras uma experiência que no momento foi de fato inefável e transformá-la em frases e depois em uma história é inevitavelmente um tipo de violência. Mas a alternativa é literalmente impensável.

Mary havia desmontado o altar, mas sentamos nas mesmas cadeiras, de frente um para o outro ao redor de uma pequena mesa. Vinte e quatro horas depois, o que eu tinha aprendido? Que não tinha nenhuma razão para ter medo: nenhum monstro adormecido despertou no meu inconsciente e se voltou contra mim. Esse era um medo profundo que existia há décadas, desde um momento assustador num quarto de hotel em Seattle quando, sozinho e tendo fumado muita maconha, precisei reunir muita vontade para me impedir de fazer algo realmente louco e irrevogável. Mas aqui estava eu numa sala na qual baixara completamente a guarda, e nada terrível acontecera. A serpente da loucura que eu temia estar à espera não apareceu para me puxar para as profundezas. Isso significa que ela não existe, que sou psicologicamente mais forte do que imaginava? Talvez o episódio com Bob tenha a ver com isso: talvez eu fosse mais parecido com ele do que imaginava, e não tão profundo ou complicado como gosto de imaginar. (O reconhecimento da minha própria superficialidade se qualifica como uma revelação profunda?) Mary não estava tão certa: “A cada vez você traz um ‘eu’ diferente para a viagem.” Os demônios podem surgir na próxima vez.

Ter sobrevivido à dissolução do meu ego sem esforço e sem me transformar numa poça era bom, mas melhor ainda era descobrir que podia haver outra perspectiva — menos neurótica e mais generosa — a partir da qual assimilar a realidade. “Só isso já parece valer o ingresso”, disse Mary, e tive que concordar. Contudo, 24 horas depois, meu ego tinha voltado ao trabalho e estava vigilante, e, sendo assim, qual bem de longo prazo havia naquele vislumbre sedutor de uma perspectiva mais elevada? Mary sugeriu que, tendo experimentado uma forma diferente, menos defensiva de ser, eu poderia aprender,

pela prática, a relaxar o comando bélico que o ego tem sobre minhas reações a pessoas e acontecimentos. “Agora você tem a experiência de outra forma de reagir — ou não reagir. Isso pode ser cultivado.” A meditação, sugeriu, era um modo de fazer isso.

Imagino que seja precisamente essa a perspectiva que permitiu a muitos voluntários que entrevistei superar medos e ansiedades, e, no caso dos fumantes, seu vício. Temporariamente livres da tirania do ego, com suas enlouquecedoras reações reflexivas e sua concepção limitada do interesse próprio, conseguimos experimentar uma versão extrema da “capacidade negativa” de Keats — a habilidade de existir em meio a dúvidas e mistérios sem instintivamente tentar encontrar certezas. Cultivar esse modo de consciência, com seu grau excepcional de ausência de ego (literalmente!), requer transcender nossa subjetividade ou — o que dá na mesma — ampliar nosso círculo a ponto de ele absorver, além de nós mesmos, outras pessoas e, além disso, toda a natureza. Agora eu entendia como os compostos psicodélicos podem ajudar a fazer exatamente esse movimento, da primeira pessoa do singular para o plural e além. Sob sua influência, nosso sentimento de interconexão — esse clichê — é sentido, se torna concreto. Embora essa perspectiva só possa ser sustentada por uma substância química por poucas horas, essas horas *podem* nos dar uma oportunidade de ver como isso é. E talvez de praticar o estar lá.

Deixei o loft de Mary em um alto astral, mas com o sentimento de que estava segurando algo precioso pelos mais finos e frágeis fios. Parecia duvidoso que eu pudesse manter essa perspectiva pelo resto do dia, que dirá pelo resto da vida, mas a tentativa parecia valer a pena.

Viagem III: 5-MEO-DMT (ou o sapo)

SIM, “O SAPO”, ou, para ser mais preciso, a fumaça do veneno do sapo do deserto de Sonora (*Incilius alvarius*), também chamado de sapo do rio Colorado, que contém a molécula chamada 5-MeO-DMT, uma das drogas psicotrópicas mais potentes e de ação mais rápida que existem. Não, eu também nunca tinha ouvido falar. Na verdade, essa droga é tão obscura que o governo federal só a incluiu na lista de substâncias controladas em 2011.

A oportunidade de fumar o sapo surgiu de repente, me dando pouquíssimo tempo para decidir se aquilo era loucura ou não. Uma fonte, uma mulher que estava treinando para se tornar guia psicodélica certificada, ligou me convidando para conhecer sua amiga Rocío, uma terapeuta mexicana de 35 anos que ela descreveu como

“provavelmente a maior especialista em sapo no mundo”. (Se bem que, para falar a verdade, a competição por esse título não deve ser lá muito grande.) Rocío é do estado de Sonora, no norte do México, e lá coleciona sapos e ordenha seu veneno; ela administra o remédio tanto em pessoas no México, onde sua legalidade é duvidosa, quanto nos Estados Unidos, onde não é. (No entanto, a droga não parece estar no radar oficial.)

Rocío trabalhava numa clínica mexicana que tratava viciados em drogas com uma combinação de *iboga*, uma planta psicodélica da África, e 5-MeO-DMT — aparentemente com uma taxa de sucesso surpreendente. Nos últimos anos, ela se tornou o Johnny Appleseed [Semeador] do sapo, viajando por toda a América do Norte com cápsulas de veneno cristalizado e vaporizador. À medida que meu círculo de psiconautas se expandia, quase todo mundo que conheci que havia tido um encontro com o sapo fora apresentado a ele por Rocío.

Quando conheci Rocío, num pequeno jantar organizado por nossa amiga em comum, ela me contou sobre o sapo e sobre o que eu podia esperar. Rocío era pequena, bonita e bem-vestida, com o cabelo negro cortado na altura do ombro e franjas emoldurando o rosto. Ela tem um sorriso fácil que revela covinhas em uma bochecha. Ao contrário do que eu esperava, parecia menos uma xamã ou curandeira do que uma yuppie.

Depois de se formar na universidade e trabalhar durante alguns anos nos Estados Unidos, há cinco anos Rocío se viu de volta ao México, vivendo com os pais e sem um objetivo de vida. Na internet, ela encontrou um manual sobre o sapo, que descobriu ser nativo do deserto local. (Seu habitat se estende por todo o deserto de Sonora, chegando ao norte até o Arizona.) Nove meses por ano, o sapo vive no subsolo, protegido do sol do deserto e do calor, mas, quando começam as chuvas de inverno, ele sai da toca para uma breve orgia de comida e copulação. Seguindo as instruções do manual, Rocío pôs uma lanterna na cabeça e foi caçar sapos.

“Não é muito difícil”, contou ela. “Eles ficam congelados com o foco de luz, então é só pegar.” Os sapos, que são enverrugados, da cor da areia e mais ou menos do tamanho da mão de um homem, têm uma glândula grande em cada lado do pescoço, e outras menores nas pernas. “Basta apertar delicadamente a glândula segurando um espelho na frente do animal para pegar o jato.” Ao que tudo indica não há riscos em ordenhar sapos. Durante a noite, o veneno seca no vidro, se transformando em cristais escamosos da cor de açúcar mascavo.

Em seu estado natural, o veneno é tóxico — uma substância química de defesa que o sapo espalha ao se sentir ameaçado. Mas

quando os cristais secam as toxinas são destruídas, deixando para trás o 5-MeO-DMT. Rocío vaporiza os cristais em um cachimbo de vidro enquanto seu paciente inspira; antes de expirar, você já está longe. “O sapo age rápido, e no começo pode ser incrivelmente intenso.” Notei que Rocío personificava o sapo e raras vezes chamava o remédio pelo nome molecular. “Tem gente que fica completamente parada. Tem quem grite e fique agitado, sobretudo quando o sapo revela traumas, o que pode acontecer. Uns poucos vomitam. E, depois de vinte ou trinta minutos, o sapo termina e vai embora.”

Meu primeiro instinto quando confrontado com uma decisão é ler o máximo possível, e mais tarde naquela noite Rocío me mandou alguns artigos por e-mail. Mas não havia muita coisa. Ao contrário de outros psicodélicos, que a essa altura já foram amplamente estudados pelos cientistas e, em muitos casos, estão em uso há centenas ou milhares de anos, o sapo só se tornou conhecido da ciência ocidental em 1992. Isso quando Andrew Weil e Wade Davis publicaram um artigo chamado “Identidade de um sapo psicoativo do novo mundo”. O que os inspirou a procurar essa criatura fantástica foram as imagens de sapos na arte maia. Contudo o único sapo psicoativo que eles encontraram vive bem ao norte da civilização maia. É possível que esses sapos tenham se tornado um item de comércio, mas até o momento não há prova de que a prática de fumar o veneno do sapo seja antiga. No entanto, o 5-MeO-DMT também ocorre em algumas plantas da América do Sul, e há muitas tribos amazônicas que as transformam num rapé para usar em rituais xamanísticos. Em algumas dessas tribos, esse rapé é conhecido como “o sêmen do sol”.

Não achei muita informação médica confiável sobre potenciais efeitos colaterais nem sobre o risco de interação medicamentosa; ainda são poucas as pesquisas. O que encontrei foram muitos relatos de viagem na internet, e vários eram assustadores. Também fiquei sabendo que havia alguém na cidade, uma amiga de um amigo que encontrei algumas vezes em jantares, que usara 5-MeO-DMT — não o sapo, mas uma versão sintética do ingrediente ativo. Fui almoçar com ela para ver o que podia aprender.

“Esse é o Everest dos psicodélicos”, começou ela, solene, colocando a mão no meu braço. Olivia tem pouco mais de 50 anos, é consultora de gestão e tem dois filhos; eu sabia vagamente que ela praticava alguma religião oriental, mas não tinha a menor ideia de que também era uma psiconauta.

“Você precisa estar preparado.” Enquanto comíamos queijo-quente, ela descreveu um início angustiante.

Fui jogada num reino infinito de puro ser. Não havia figuras nesse mundo, nenhuma entidade de qualquer tipo, apenas puro ser. E era enorme; eu não sabia o que era infinito antes disso. Mas era um reino bidimensional, não tri, e depois da

afobação da decolagem, me encontrei instalada nesse espaço infinito como uma estrela. Eu me lembro de pensar: se isso é a morte, sem problemas. Era... êxtase. Eu senti — não, eu *soube* — que tudo é feito de amor.

Depois do que pareceu uma eternidade, mas provavelmente foram só alguns minutos, você começa a se reorganizar e a voltar para o seu corpo. Pensei: “Há crianças para criar. E há uma quantidade infinita de tempo para estar morta.”

Fiz a pergunta que me atormenta sempre que alguém me relata esse tipo de experiência mística: “Como você pode ter certeza de que foi um evento espiritual genuíno e não uma simples experiência com drogas?”

“Isso é irrelevante”, respondeu ela friamente. “Tive uma revelação.”

Eis aí: o sentido noético que William James descreveu como a marca da experiência mística. Invejei a certeza de Olivia. Que é a razão pela qual, suponho, decidi que ia fumar o sapo.

* * *

NA NOITE ANTERIOR a meu encontro com Rocío, como já era de esperar, não consegui dormir. Sim, eu tinha voltado das duas primeiras viagens intacto, até grato, e depois disso passara a achar que era mais forte em termos físicos e mentais do que pensava antes. Mas agora todos os meus antigos medos voltaram, me atacando a intervalos durante toda a noite. *Everest!* Será que meu coração podia aguentar a intensidade desses primeiros momentos intensos de decolagem? Quais as chances de eu enlouquecer? Pequenas, talvez, mas sem dúvida existiam. Então era absolutamente insano fazer isso? O lado bom, pensei, é que o que quer que aconteça vai terminar em meia hora. O lado ruim é que *tudo* podia estar terminado em meia hora.

Quando amanheceu, decidi que iria decidir quando chegasse lá. Rocío, que sabia da minha ansiedade, perguntou se eu queria vê-la trabalhando com outra pessoa antes da minha vez. Isso foi reconfortante, como ela previa. O sujeito, um universitário que não demonstrava absolutamente nenhuma emoção e que já tinha fumado o sapo antes, inspirou uma vez o cachimbo de Rocío, deitou no colchão e embarcou no que pareceu um plácido cochilo de trinta minutos, durante o qual não demonstrou qualquer sinal de angústia, muito menos de terror existencial. Depois que acabou, ele parecia perfeitamente bem. Disse que muita coisa havia acontecido em sua cabeça, mas seu corpo não parecia ter sofrido nada. Tudo bem, então. Morte e loucura pareciam muito menos prováveis. Dava para encarar isso.

Depois de me colocar no colchão, Rocío me fez sentar enquanto despejava o conteúdo de uma cápsula pré-medida de cristais dentro de

um frasco de vidro conectado a um cachimbo. Ela me pediu para agradecer o sapo e pensar na minha intenção. (Algo muito genérico sobre aprender o que quer que o sapo tivesse para me ensinar.) Em seguida, acendeu um maçarico de butano embaixo do frasco e me instruiu a inspirar do cachimbo em pequenos goles de ar enquanto a fumaça branca circulava e enchia o vidro. “Depois inspire profundamente e segure o maior tempo que conseguir.”

Não me lembro de ter expirado, nem de ter me deitado no colchão e ter sido coberto com uma colcha. De repente senti uma enorme carga de energia encher minha cabeça, acompanhada de um rugido feroz. Mal consegui dizer as palavras que tinha preparado, “confiança” e “entrega”. Essas palavras se tornaram meu mantra, mas pareciam tremendamente patéticas, pedaços de papel contendo desejos diante de uma tempestade mental categoria 5. O terror tomou conta de mim — e então, como uma daquelas frágeis casas de madeira construídas no atol de Bikini para serem explodidas durante os testes nucleares, “eu” não existia mais, despedaçado numa nuvem de milhões de confetes por uma força explosiva que já não conseguia localizar na minha cabeça, pois ela também tinha explodido, expandindo para se tornar tudo que existia. O que quer que isso fosse, não era uma alucinação. Uma alucinação implica uma realidade e um ponto de referência e uma entidade para tê-la. Nenhuma dessas coisas permanecia lá.

Infelizmente, o terror não desapareceu com a extinção do “eu”. Seja o que for que me permitiu registrar essa experiência, a consciência pós-ego que experimentei com os cogumelos agora também estava sendo consumida pelas chamas do terror. Na verdade todos os critérios que nos dizem “eu existo” haviam sido aniquilados, e contudo eu permanecia consciente. “É assim que é a morte? Era isso?” Esse era o pensamento, embora eu não fosse mais um ser pensante.

Aqui as palavras falham. Na verdade, não havia chamas, nem explosão, nem tempestade termonuclear; estou procurando uma metáfora na esperança de formar um conceito estável e compartilhável do que acontecia à minha mente. Durante o evento, não havia nenhum pensamento coerente, apenas pura e terrível sensação. Só depois pensei se isso era o que os místicos chamam de *mysterium tremendum* — o mistério insuportavelmente ofuscante (seja Deus ou outro Supremo ou Absoluto) à frente do qual os humanos tremem de admiração. Huxley o descreveu como o medo de “estar sobrecarregado, de desintegrar sob a pressão de uma realidade maior do que aquela que uma mente, acostumada a viver a maior parte do tempo num mundo confortável de símbolos, pode suportar”.¹⁰

Ah, estar de volta ao confortável mundo dos símbolos!

Depois da experiência eu me via sempre recorrendo às mesmas

duas metáforas, e, embora elas inevitavelmente a deformem, ^v como acontece com quaisquer palavras ou metáforas ou símbolos, pelo menos permitem que eu me aposse de uma sombra dessa experiência e, quem sabe, a compartilhe. A primeira é a imagem de estar do lado de fora de um foguete depois do lançamento. Estou segurando com as duas mãos, as pernas presas em torno dele, enquanto a força G sobe rápido e aperta a minha carne, puxando meu rosto para baixo numa careta tensa, e o grande cilindro sobe pelas camadas sucessivas de nuvens, ganhando velocidade e altitude exponencialmente, a fuselagem estremecendo no limite da autodestruição enquanto luta para escapar da força da Terra, e a fricção que ela gera ao romper o ar rarefeito emite um rugido ensurdecedor.

Era mais ou menos *isso*.

A outra metáfora era a do big bang, mas o big bang em reverso, do nosso mundo familiar até o passado, até o ponto em que não havia nada, nem tempo nem espaço nem matéria, apenas a energia pura e livre que estava por todo lugar, antes que uma imperfeição, uma ruga em sua forma de onda, levasse o universo de energia a decair, virando tempo, espaço e matéria. Atravessando 14 bilhões de anos rumo ao passado, vi as dimensões da realidade entrarem em colapso uma a uma até não haver mais nada, nem mesmo o existir. Apenas o rugido que tudo consome.

Foi absolutamente horrível.

E de repente a degeneração de tudo naquele nada de pura força inverteu o curso. Um a um, os elementos de nosso universo começaram a se reconstituir. As dimensões do tempo e espaço voltaram primeiro, abençoando meu ainda atordoado cérebro com as coordenadas confortáveis do lugar; *aquilo era um lugar!* E então voltei a meu “eu” familiar como um velho par de chinelos, e logo depois senti algo que reconheci como meu corpo começar a se formar de novo. O filme da realidade agora corria de trás para a frente, como se todas as folhas que a explosão termonuclear havia arremessado para longe da grande árvore do ser e espalhado aos quatro ventos de repente encontrassem o caminho de volta, voando para os bem-vindos galhos da realidade, para se reconectar. A ordem das coisas estava sendo restaurada, eu em especial. *Eu estava vivo!*

A aproximação e a reentrada em uma realidade familiar foram mais rápidas do que eu esperava. Tendo passado pela estremecedora agonia do lançamento, esperei ser posto, sem peso, em órbita — minha posição no firmamento como uma estrela abençoada! Infelizmente, não foi assim. Como aqueles primeiros astronautas da Mercury, meu voo permaneceu suborbital, descrevendo um arco que apenas beijou a serenidade do espaço infinito antes de cair na Terra.

No entanto, ao me sentir reconstituído como eu e como um corpo,

algo que tentei confirmar passando as mãos pelas pernas e me contorcendo debaixo do cobertor, me senti extático — o mais feliz que me lembro de jamais ter me sentido. Mas esse êxtase não era sui generis, não exatamente. Era mais como a reação igual e oposta ao terror que eu tinha acabado de viver, menos uma dádiva divina do que um surto de prazer que surge da cessação de uma dor insuportável. Mas um sentimento de alívio amplo e profundo a ponto de ser cósmico.

Com a redescoberta do meu corpo, senti uma vontade inexplicável de erguer os joelhos, e, assim que os levantei, senti algo sair dentre as minhas pernas, mas com facilidade, sem luta ou dor. Era um menino: eu, quando bebê. Parecia perfeitamente correto: tendo morrido, eu agora renascia. Mas, assim que olhei para esse novo ser, ele aos poucos se transformou em Isaac, meu filho. E pensei: que sorte — que espantoso! — para um pai experimentar a intimidade perfeita que até agora só as mães tinham com seus bebês. Qualquer espaço que jamais existiu entre mim e meu filho agora tinha sumido, e eu sentia lágrimas escorrendo pelo rosto.

Depois sobreveio uma onda esmagadora de gratidão. Pelo quê? Por mais uma vez existir, sim, pela existência de Isaac e também de Judith, mas também por algo ainda mais fundamental: senti pela primeira vez gratidão pela própria existência, pelo fato de qualquer coisa existir. Isso agora soava como um milagre, e algo que decidi nunca mais tomar como certo. Todo mundo agradece por “estar vivo”, mas quem agradece pela existência que precede esse “estar vivo”? Eu tinha acabado de vir de um lugar em que não havia existência e prometi a mim mesmo jamais esquecer a dádiva (e o mistério) que é haver alguma coisa além do nada.

Entrei num espaço mental mais familiar e agradável, no qual ainda estava viajando mas podia ter pensamentos e direcioná-los. (Não garanto sua qualidade.) Antes de fazer a fumaça entrar em meus pulmões, Rocío tinha me pedido, como pede a todos que conhecem o sapo, para procurar na experiência uma “oferta de paz” — uma ideia ou resolução que eu pudesse trazer de volta e usar na minha vida. A minha, decidi, tinha a ver com essa questão de ser e o que eu julgava ser o seu oposto, “fazer”. Meditei sobre essa dualidade, que pareceu momentânea, e concluí que na minha vida eu estava ocupado demais com fazer e não o suficiente com ser.

É verdade que é preciso dar preferência ao fazer para concluir algo, mas não havia também grande virtude e benefício psicológico em simplesmente ser? Na contemplação em vez da ação? Decidi que precisava praticar a imobilidade, estar com outras pessoas como elas são (imperfeitas) e estar com meu próprio eu não aperfeiçoado. Saborear o que quer que se apresente no momento, sem tentar mudar

isso ou sequer descrevê-lo. (Huxley se debatia com a mesma aspiração durante sua viagem com mescalina: “Alguém que visse as coisas sempre assim jamais iria querer fazer mais nada.”)¹¹ Mesmo agora, transportado por esse fluxo contemplativo prazeroso, eu tinha de resistir à vontade de me arrastar até a superfície e contar a Rocío sobre minha grande descoberta. Não! Precisei ficar me lembrando: apenas fique com ela.

Judith e eu tínhamos brigado na noite anterior, e percebi que isso me levava a essa distinção, e à minha impaciência com o “ser”. Ela estava reclamando de algo que não gosta na própria vida, e em vez de simplesmente mostrar compaixão, de estar com ela e seu dilema, comecei na mesma hora a pensar em coisas práticas que ela podia fazer para consertar aquilo. Mas não era isso que Judith queria, nem era disso que precisava, e ela ficou brava. Agora eu via com clareza por que minha tentativa de ser útil fora tão agressiva.

Então essa era a minha oferta de paz: ser mais e fazer menos. Mas, assim que coloquei as coisas dessa forma, percebi que havia um problema — um grande problema, na verdade. Pois o próprio ato de resolver ser não era uma forma de fazer? Uma traição à ideia toda? Um verdadeiro conhecedor do ser jamais sonharia em tomar uma resolução como essa! Eu tinha me enrolado em um nó filosófico, construído um paradoxo ou koan, e não era inteligente nem iluminado o suficiente para desatá-lo. Assim, o que começou como uma das experiências mais desagregadoras da minha vida terminou meia hora depois com um sorriso abatido.

* * *

MESMO AGORA, VÁRIOS meses depois, ainda não sei bem o que pensar a respeito dessa última viagem. Seu arco narrativo violento — aquele clímax horrível seguido rapidamente por um doce desenlace — subverteu a forma de uma história ou viagem. Não havia uma estrutura de começo, meio e fim como em todas as minhas viagens anteriores, em que confiamos para dar sentido à experiência. Isso e a velocidade alucinante tornaram difícil extrair muita informação ou conhecimento da viagem, exceto pelo (clássico) clichê psicodélico sobre a importância do ser. (Alguns dias depois de meu encontro com o sapo, me deparei com um e-mail antigo de James Fadiman que acabava, estranhamente, com as seguintes palavras, que você deve imaginar organizadas na tela como um poema: “Espero que o que quer que você esteja fazendo,/ você pare de vez em quando/ e/ fique absolutamente sem fazer.”)

A sessão de integração foi superficial, e me deixou sozinho tentando dar um sentido aos ensinamentos do sapo. Será que tive uma

experiência espiritual ou mística? Ou o que aconteceu na minha mente foi apenas um epifenômeno causado por essas moléculas estranhas? (Ou as duas coisas?) As palavras de Olivia ecoavam: “Isso é irrelevante. Foi uma revelação.” Algo me foi revelado? E, em caso afirmativo, o quê?

Sem saber muito bem por onde começar, percebi que talvez fosse útil avaliar minhas experiências em comparação com as dos voluntários das pesquisas da Hopkins e da NYU. Decidi preencher um Questionário de Experiência Mística^{VI} que os cientistas davam a seus voluntários, para ver se a minha se encaixava.

O questionário pedia para ranquear uma lista de trinta fenômenos — pensamentos, imagens e sensações que os psicólogos e filósofos consideram típicos da experiência mítica. (Ele é baseado no trabalho do William James, W.T. Stace e Walter Pahnke.) “Pensando na totalidade da sua sessão, por favor, indique o grau em que, a qualquer momento [...] você experimentou os seguintes fenômenos” usando uma escala que varia entre zero e cinco. (Zero significa “nada” e cinco, algo extremo: “mais do que em qualquer outro momento da minha vida”.)

Alguns itens são fáceis de avaliar: “Perda do seu sentido normal de tempo.” Sim; cinco. “Sensação de assombro.” U-hum. Outro cinco. Sensação de que a experiência não pode ser descrita em palavras.” A-hã. Cinco de novo. “Acesso a um tipo de conhecimento sentido em nível intuitivo.” Hmm, acho que o clichê sobre o “ser” pode se encaixar aqui. Talvez um três? Mas eu não tinha muita ideia do que fazer com esse aqui: “Sensação de ter experimentado a eternidade ou o infinito.” A linguagem subentende algo mais positivo do que senti quando o tempo sumiu e o terror tomou conta de mim; não, decidi. A “experiência da fusão do seu eu com um todo maior” também parecia bonita demais para traduzir a sensação de me fundir com uma explosão nuclear. Tinha parecido menos fusão e mais fissão, mas tudo bem. Marquei um quatro.

Mas o que fazer com esse aqui? “Certeza de ter encontrado a realidade suprema (no sentido de ser capaz de ‘saber’ e ‘ver’ o que é efetivamente real em algum momento da sua experiência).” Posso ter saído da experiência com certas convicções (aquela sobre ser e fazer, digamos), mas elas não se parecem muito com encontros com a “realidade suprema”, o que quer que isso venha a ser. Do mesmo modo, alguns outros itens me fizeram querer desistir: “Sensação de ter experimentado algo profundamente sagrado ou santo” (Não) ou “Percepção de que ‘tudo é Um’” (sim, mas não de uma forma boa; no meio daquela tempestade mental devastadora, não havia nada que me fizesse *mais* falta do que diferenciação e multiplicidade). Enquanto me esforçava para atribuir notas a uma meia dúzia de itens assim, senti a

pesquisa me levando à conclusão de que aquilo não era de forma alguma compatível com o que eu tinha sentido.

Mas, quando contabilizei meu escore, fiquei surpreso: fiz 61 pontos, um acima do limite para uma experiência mística “completa”. Foi por pouco. Então era isso uma experiência mística? Não fora nem de longe o que eu esperava que uma experiência mística fosse. Concluí que o Questionário de Experiência Mística era um instrumento ruim para capturar meu encontro com o sapo. Concluí que o resultado fora uma captura psicológica acessória e provavelmente deveria ser descartado.

Contudo passei a pensar se meu descontentamento com o questionário tinha algo a ver com a natureza intrínseca — a pura intensidade e a forma bizarra — da experiência com o sapo, para o qual o formulário não havia sido concebido, no fim das contas. Afinal, quando usei a mesma pesquisa para avaliar minha viagem com a psilocibina, ele me pareceu muito mais adequado e o processo de dar notas foi muito mais fácil. Refletindo apenas sobre o interlúdio do violoncelo, por exemplo, pude facilmente confirmar a “fusão do meu eu com um todo maior”, assim como a “sensação de ter experimentado algo profundamente sagrado e santo” e “de estar num nível espiritual elevado”, e até mesmo a “experiência de unidade com a realidade suprema”. Sim, sim, sim e sim — isto é, desde que minha aceitação desses adjetivos plenos de sentido não implique nenhuma crença numa realidade sobrenatural.

Minha viagem de psilocibina com Mary resultou em 66 pontos no Questionário de Experiência Mística. Por alguma razão, me senti estupidamente orgulhoso do meu escore. Lá estava eu novamente, existindo. Era meu objetivo ter esse tipo de experiência, e pelo menos de acordo com os cientistas aquilo fora uma experiência mística. Porém isso não me fez ficar mais perto de acreditar em Deus nem de alguma forma cósmica de consciência ou de qualquer coisa mágica — coisas que eu devia estar, irracionalmente, esperando (torcendo?) que fossem acontecer.

Mesmo assim, sem dúvida algo novo e profundo aconteceu comigo — algo que estou disposto a chamar de espiritual, mesmo que com um asterisco. Acho que sempre presumi que a espiritualidade implica uma crença que nunca compartilhei, a partir da qual ela supostamente flui. Mas agora eu me perguntava se de fato é sempre assim, ou se precisa ser assim.

Só depois de minhas viagens pude desvendar o paradoxo que me deixou tão perplexo quando entrevistei Dinah Bazer, a paciente com câncer da NYU que começou e terminou sua experiência com a psilocibina como ateia confessa. Durante o clímax da viagem que extinguiu seu medo da morte, Bazer descreveu “estar banhada no amor divino” e contudo voltou de lá com seu ateísmo intacto. Como

alguém pode manter essas ideias antagônicas no mesmo cérebro? Hoje acho que entendo. Não apenas a enxurrada de amor que ela experimentou foi inefavelmente poderosa como também não podia ser atribuída a nenhum indivíduo ou causa mundana, e assim era puramente gratuita — uma forma de graça. Então como transmitir a magnitude de tal dádiva? “Deus” parece ser a única palavra poderosa o suficiente.

Parte do problema para avaliar minha experiência tinha a ver com outra palavra importante carregada de sentido — “místico” —, que sugere uma experiência além do alcance da compreensão ordinária ou da ciência. Isso cheira a sobrenatural. Mas acho que seria errado descartar o místico, sobretudo pela grande quantidade de trabalho realizado por mentes tão brilhantes — durante literalmente milhares de anos — para encontrar as palavras que descrevam essa experiência humana extraordinária e dar sentido a ela. Quando lemos o testemunho dessas mentes, descobrimos uma assustadora semelhança em suas descrições, mesmo que nós mortais não possamos compreender *ao certo* de que mundo (ou de que lugar fora dele) eles estão falando.

De acordo com os estudiosos do misticismo, esses traços compartilhados geralmente incluem uma visão de unidade à qual todas as coisas, inclusive o eu, são subordinadas (expressa na frase “O todo é um”); um sentimento de certeza sobre o que a pessoa percebeu (“O conhecimento foi revelado a mim”); sentimentos de alegria, bênção e satisfação; uma transcendência das categorias que usamos para organizar o mundo, como o tempo e o espaço e o eu e o outro; uma sensação de que o que quer que tenha sido apreendido é de alguma forma sagrado (Wordsworth: “Algo muito mais profundo impregnado” de significado) e com frequência paradoxal (o eu pode desaparecer, mas a consciência permanece). Por último há a convicção de que a experiência é inefável, mesmo que milhares de palavras sejam gastas na tentativa de comunicar seu poder. (Declaro-me culpado.)

Antes de minhas viagens, palavras e frases como essas me desanimavam; pareciam totalmente opacas, uma espécie de bobagem semirreligiosa. Agora elas pintam uma realidade reconhecível. Da mesma forma, certas passagens místicas da literatura que antes me pareciam exageradas e abstratas, a ponto de motivarem uma leitura indulgente (se tanto), agora consigo ler como subespécies do jornalismo. Eis aqui três exemplos do século XIX, mas você pode achá-los em qualquer século.

Ralph Waldo Emerson cruzando no inverno os domínios da Nova Inglaterra em “Nature”:

De pé sobre o solo nu — minha cabeça banhada pelo ar jovial, e elevada em

direção ao espaço infinito —, todo o egoísmo mau desaparece. Eu me torno um globo ocular transparente. Não sou nada. Vejo tudo. As correntezas do Ser Universal passam por meu corpo, sou parte ou partícula de Deus.¹²

Ou Walt Whitman, nas primeiras linhas da primeira (muito mais curta e mística) edição de *Folhas de relva*:

Rapidamente se elevaram à minha volta e se espalharam a paz e a alegria e o conhecimento que ultrapassam toda a arte e os argumentos do planeta;
E eu sei que a mão de Deus é a irmã mais velha da minha mão,
E sei que o espírito de Deus é o irmão mais velho do meu,
E que todo homem que já nasceu também é meu irmão... e que as mulheres são minhas irmãs e amantes
E que uma sobrequilha^{VII} da criação é o amor.¹³

E eis Alfred, lorde Tennyson, descrevendo em uma carta o “transe acordado” que descia sobre ele de tempos em tempos desde a infância:

Imediatamente, como se em função da consciência da individualidade, a própria individualidade parecia se romper e se dissolver gradativamente em um ser sem limites; e esse não era um estado confuso, era o mais claro dentre os mais claros, o mais certo dentre os mais certos; completamente fora do alcance das palavras, onde a morte era uma impossibilidade quase risível; a perda de personalidade (se é que se tratava disso) não se parecia com a extinção, e sim com a única vida verdadeira.¹⁴

O que mudou para mim é que agora eu entendia exatamente do que esses escritores estavam falando: suas próprias experiências místicas, como quer que tivessem chegado a elas, como quer que as tivessem interpretado. Antes inertes, suas palavras agora emitiam um novo raio de conexão, ou pelo menos agora eu estava em posição de recebê-lo. Essas emissões estiveram sempre presentes no nosso mundo, fluindo pela literatura e pela religião; mas, como as ondas eletromagnéticas, não podem ser entendidas sem um tipo de receptor. Eu havia me tornado um receptor. Uma frase como “ser sem limites”, que no passado eu poderia ter desprezado por achá-la excessivamente abstrata e hiperbólica, agora comunicava algo específico e até familiar. Depois de sessenta anos fechada, uma porta para os reinos da experiência humana se abriu para mim.^{VIII}

Mas será que eu havia conquistado o direito de passar por essa porta, de entrar nessa conversa? Não sei sobre a experiência mística de Emerson (nem de Whitman ou Tennyson), mas a minha se deve a um composto químico. Isso não era trapacear? Talvez não: parece mais provável que toda experiência mental seja mediada pelas substâncias químicas do cérebro, mesmo aquelas aparentemente mais “transcendentes”. Até onde vai a importância da genealogia dessas substâncias? Acontece que as mesmas moléculas fluem pelo mundo natural e pelo cérebro humano, unindo a todos nós em uma vasta bacia hidrográfica de triptaminas. Será que essas moléculas exógenas

são menos miraculosas? (Lembrando que elas vêm de um cogumelo ou planta ou *de um sapo!*) Vale lembrar que em muitas culturas o fato de a inspiração para experiências visionárias vir da natureza, ser uma dádiva de outras criaturas, torna essas experiências *mais* significativas, não menos.

Minha própria interpretação do que experimentei — minha experiência mística agora oficialmente certificada — ainda é um trabalho em andamento, na busca pelas palavras certas. Mas não tenho problema em usar a palavra “espiritual” para descrever elementos do que vi e senti, desde que não seja tomada no sentido sobrenatural. Para mim, “espiritual” é um bom nome para alguns dos fenômenos mentais que surgem quando a voz do ego é calada ou silenciada. No mínimo, essas viagens me mostraram como a construção psíquica — ao mesmo tempo tão familiar e, se pararmos para pensar, tão estranha — se interpõe entre nós e algumas incríveis novas dimensões da experiência, seja do mundo fora de nós ou da nossa própria mente. As viagens me mostraram o que os budistas tentam nos contar e eu nunca tinha entendido: que há muito mais na consciência além do ego, e que podemos enxergar isso se ao menos conseguirmos calá-lo. E que não devemos temer sua dissolução (ou transcendência); na verdade, esse é um pré-requisito para qualquer progresso espiritual.

Mas o ego, esse neurótico interior que insiste em controlar o espetáculo mental, é ardiloso e não abre mão do seu poder sem lutar. Achando-se indispensável, ele batalha contra sua redução, tanto antes quanto durante a viagem. Suspeito que foi exatamente isso que o meu fez durante as noites insones que precederam cada viagem, se esforçando para me convencer de que eu estava arriscando tudo, quando na realidade tudo que estava pondo em risco era a soberania dele.

Quando fala das “válvulas de redução” da mente — a faculdade que elimina de nossa consciência desperta uma parte tão grande do mundo quanto aquela que deixa entrar —, Huxley está falando do ego. Esse guardinha mesquinho e vigilante admite apenas a mais estreita largura de banda da realidade, “um desprezível gotejamento do tipo de consciência que vai nos ajudar a permanecer vivos”. Ele é muito bom em realizar todas as atividades que a seleção natural valoriza: estar à frente, se tornar querido e amado, ser alimentado, transar. Para nos manter ativos, ele é um editor feroz de qualquer coisa que possa nos distrair do trabalho à nossa frente, seja regulando nosso acesso a memórias e fortes emoções interiores ou notícias do mundo exterior.

A parte do mundo que o ego admite, ele tende a objetivar, uma vez que pretende reservar para si mesmo o dom da subjetividade. É por isso que ele não consegue ver que há todo um mundo de almas e

espíritos lá fora — e aqui me refiro simplesmente às subjetividades além da minha. Só quando a psilocibina calou a voz do meu ego fui capaz de sentir que as plantas em meu jardim também tinham espírito. (Nas palavras de R.M. Bucke, um psiquiatra e místico canadense do século XIX, “vi que o universo não era composto de matéria morta, mas é, ao contrário, uma Presença viva”.)¹⁵ “Ecologia” e “coevolução” são nomes científicos para o mesmo fenômeno: cada espécie é um sujeito que age sobre outros sujeitos. Mas quando esse conceito adquire a carne do sentimento, tornando-se “mais profundamente impregnado”, como ocorreu durante a minha primeira viagem com psilocibina, fico feliz em chamá-lo de experiência espiritual. Assim como também minhas várias fusões psicodélicas: com a suíte para violoncelo de Bach, com meu filho, Isaac, com meu avô Bob, todos espíritos percebidos e abraçados, a cada vez com uma enxurrada de sentimento.

Então talvez a experiência espiritual seja apenas o que acontece no espaço que se abre na mente quando “todo egoísmo mau desaparece”. Maravilhas (e terrores) contra os quais estamos normalmente protegidos fluem pela nossa consciência; os extremos do nosso espectro sensorial, em geral invisíveis para nós, de repente podem ser admitidos por nossos sentidos. Enquanto o ego dorme, a mente brinca, propondo padrões inesperados de pensamento e novos raios de relação. O golfo entre o eu e o mundo, aquela terra de ninguém que nas horas ordinárias o ego vigia tão atentamente, se fecha, permitindo que nos sintamos menos separados e mais conectados, “parte e partícula” de uma entidade maior. Se chamamos essa entidade de Natureza, Onisciência ou Deus, não importa. Mas parece ser no caldeirão em que essa fusão acontece que a ferroada da morte perde um pouco de sua intensidade.

I. Uma versão das diretrizes também pode ser encontrada no livro de James Fadiman *The Psychedelic Explorer's Guide: Safe, Therapeutic, and Sacred Journeys* (Rochester, Vt.: Park Street Press, 2011).

II. Um análogo do LSD. (N. T.)

III. Mais tarde descobri que a hiperventilação, que tem um papel na respiração holotrófica, muda os níveis de CO₂ no sangue, o que pode alterar o ritmo do coração de algumas pessoas. O que pensei ser uma alternativa benigna ao MDMA acabou se revelando algo bem diferente; mesmo sem drogas, é possível mudar a química do sangue de formas que afetam o ritmo do coração.

IV. A terapia de constelação familiar, fundada pelo terapeuta alemão Bert Hellinger, tem seu foco no papel oculto dos ancestrais em moldar nossas vidas e trabalha para nos ajudar a fazer as pazes com essas presenças fantasmagóricas.

V. Henri Michaux, um contemporâneo de Huxley que também escreveu sobre suas experiências psicodélicas, adotou uma abordagem muito diferente, se recusando a oferecer uma metáfora para dar sentido a algo que acreditava estar além da compreensão. Em seu livro

Miserable Miracle [Milagre infeliz], ele tencionava “prestar atenção ao que está acontecendo — como é — sem tentar deformar a cena e imaginá-la de outro jeito a fim de torná-la mais interessante para mim”. Ou sensata para os seus leitores: o livro é brilhante em alguns momentos, mas tem muitos trechos longos e ilegíveis. “Eu não tinha mais autoridade sobre as palavras. Não sabia mais como administrá-las. Adeus à escrita!” Sei o que ele quis dizer, mas decidi resistir, mesmo que isso signifique tolerar alguma medida de deformação em meu relato.

VI. Preenchi especificamente o Questionário de Experiência Mística Revisado, ou MEQ30.

VII. Termo náutico que designa uma estrutura do casco de um barco.

VIII. Ou pelo menos 55 anos, porque acho que crianças pequenas têm acesso direto a esse tipo de experiência, como veremos no próximo capítulo.

A NEUROCIÊNCIA

Seu cérebro sob o efeito de psicodélicos

O QUE ACABOU de acontecer no meu cérebro?

O que me lançou em cada uma dessas viagens foi uma molécula, e voltei das minhas jornadas intensamente curioso para aprender o que a química podia me contar sobre a consciência e o que isso podia revelar sobre a relação do cérebro com a mente. Como você vai da ingestão de um composto criado por um fungo ou um sapo (ou um químico humano) a um novo estado de consciência com o poder de mudar a sua perspectiva em relação às coisas, não apenas durante a viagem, mas muito depois de a molécula deixar o corpo?

Na verdade, há três moléculas diferentes em questão — psilocina, LSD e 5-MeO-DMT —, uma mera passada de olhos casual em suas estruturas (e digo isso como alguém que sempre foi péssimo aluno em química durante o ensino médio) indica uma semelhança. As três moléculas são triptaminas. Uma triptamina é um tipo de composto orgânico (um indol, para ser exato) que se distingue pela presença de dois anéis interligados, um deles com seis átomos e o outro com cinco. A natureza viva é cheia de triptaminas, que aparecem em plantas, fungos e animais, onde costumam atuar como moléculas de sinalização entre células. A triptamina mais famosa no corpo humano é o neurotransmissor serotonina, cujo nome químico é 5-hidroxitriptamina. Não é coincidência que essa molécula tenha forte semelhança com as moléculas psicodélicas.

A serotonina pode ser famosa entre os neurotransmissores, mas muita coisa sobre ela permanece um mistério. Por exemplo, ela se conecta a mais de dez receptores diferentes, encontrados não só em várias partes do cérebro como também em todo o corpo, com representação significativa no trato digestivo. Dependendo do tipo de receptor em questão e de sua localização, a serotonina é responsável por ações bastante diferentes — às vezes estimula um neurônio, às vezes o inibe. Pense nela como uma espécie de palavra, cujo significado pode mudar radicalmente dependendo do contexto ou

mesmo do lugar na frase.

O grupo de triptaminas que chamamos de “psicodélicos clássicos” tem forte afinidade com um tipo particular de receptores de serotonina, chamado 5-HT_{2A}. Esses receptores são encontrados em grande quantidade no córtex humano, a camada mais externa e mais recente do cérebro em termos evolutivos. Basicamente, os psicodélicos são parecidos com a serotonina a ponto de conseguirem se prender a esse receptor, sendo capazes de ativá-lo para fazer várias coisas.

O mais curioso é que o LSD tem uma afinidade ainda maior do que a serotonina com o receptor 5-HT_{2A} — é mais “grudento” —, fazendo dele um exemplo em que o simulacro é quimicamente mais convincente do que o original. Isso levou alguns cientistas a especular que o corpo humano deve produzir algum outro químico sob medida com a finalidade expressa de ativar o 5-HT_{2A} — talvez um psicodélico endógeno liberado sob determinadas circunstâncias, talvez quando sonhamos. Um candidato é a molécula psicodélica DMT, encontrada em pequenas quantidades na glândula pineal de ratos.¹

Os estudos científicos da serotonina e do LSD estiveram interligados desde os anos 1950; na verdade, foi a descoberta de que doses muito pequenas de LSD afetavam a consciência que ajudou a alavancar o novo campo da neuroquímica nos anos 1950, levando ao desenvolvimento dos antidepressivos inibidores seletivos de recaptação de serotonina. Mas foi só a partir de 1998 que Franz Vollenweider, pesquisador suíço e um dos pioneiros da neurociência psicodélica, demonstrou que psicodélicos como o LSD trabalhavam no cérebro se ligando aos receptores 5-HT_{2A}.² Ele fez isso ao ministrar em seus voluntários uma droga chamada ketanserin, que bloqueia o receptor; quando ele em seguida administrou psilocibina, nada aconteceu.

No entanto, a descoberta de Vollenweider, apesar de importante, é um passo pequeno no longo (e tortuoso) caminho que leva da química psicodélica à consciência psicodélica. O receptor 5-HT_{2A} pode ser a fechadura que essas três moléculas destravam na porta da mente, mas como essa abertura química leva, no fim das contas, ao que senti e experimentei? À dissolução do ego, por exemplo, e ao colapso de toda distinção entre sujeito e objeto? Ou à transformação de Mary em María Sabina na minha mente? Em outras palavras, o que a química do cérebro pode nos contar sobre a “fenomenologia” da experiência psicodélica?

Todas essas perguntas dizem respeito ao conteúdo da consciência, é claro, que até o momento escapou das ferramentas da neurociência. Por consciência, não estou me referindo apenas a “estar consciente” — o sentido sensorial básico de percepção que as criaturas têm quanto a mudanças em seu ambiente, que pode ser mensurado

experimentalmente com facilidade. Nesse sentido limitado, mesmo as plantas são “conscientes”, embora seja improvável que tenham uma consciência no sentido amplo. Quando falam em consciência, neurocientistas, filósofos e psicólogos estão se referindo ao sentido inconfundível que temos de que somos, ou possuímos, um eu que tem experiências.

Sigmund Freud escreveu que “não há nada de que tenhamos mais certeza do que o sentimento de nós mesmos, de nosso próprio ego”.³ Contudo é difícil estar tão certo de que os outros são dotados de consciência, ainda mais se tratando de outros tipos de criaturas, uma vez que elas não apresentam indícios físicos de terem uma consciência como a nossa. A coisa sobre a qual mais temos certeza está além do alcance da nossa ciência, que supostamente é a nossa maneira mais segura de saber algo.

Esse dilema deixou entreaberta uma porta pela qual passaram escritores e filósofos. O experimento de pensamento clássico para determinar se outro ser possui consciência foi proposto por Thomas Nagel, um filósofo, em um artigo famoso de 1974, “Como é ser um morcego?”.⁴ Ele argumentou que, caso “haja algo que equivalha a ser um morcego” — caso exista qualquer dimensão subjetiva na experiência do morcego —, então o morcego tem consciência. Sendo assim, ele sugeriu que essa qualidade de “como é” pode não ser redutível a termos materiais. Nunca.

A maior discussão hoje no campo dos estudos da consciência é se Nagel estava ou não certo sobre isso. A pergunta está no cerne daquilo que com frequência chamamos de “problema difícil” ou “lacuna explanatória”: como explicar a mente — a qualidade subjetiva da experiência — em termos de carne, ou seja, em termos de estrutura física ou química do cérebro? A pergunta presume, assim como a maioria dos cientistas (embora não todos), que a consciência é produto do cérebro e que um dia será explicada como um epifenômeno de coisas materiais como neurônios e estruturas do cérebro, substâncias químicas e redes de comunicação. Sem dúvida, essa *parece* ser a hipótese mais crível. Contudo, está muito longe de ser provada, e uma série de neurocientistas questiona se isso um dia vai ocorrer: se algo tão fugidio quanto a experiência subjetiva — como é ser você — *algum dia* poderá ser submetido às reduções da ciência. Esses cientistas e filósofos são por vezes chamados de misterianistas, e isso não é um elogio. Alguns cientistas já levantaram a possibilidade de que a consciência pode permear o universo, sugerindo que pensemos nela da mesma forma que pensamos no eletromagnetismo ou na gravidade, como um dos elementos fundamentais do real.⁵

A ideia de que os psicodélicos podem ajudar a esclarecer os problemas da consciência faz algum sentido. Psicodélicos são

poderosos o suficiente para interromper o sistema que chamamos de consciência desperta normal de formas que podem forçar algumas de suas propriedades fundamentais a aparecer. É verdade que anestésias também interrompem a consciência, mas, como desligam tudo, esse tipo de interrupção resulta em relativamente poucos dados. Por outro lado, uma pessoa sob o efeito de psicodélicos permanece acordada e é capaz de relatar em tempo real o que está experimentando. Hoje em dia, esses relatos subjetivos podem ser correlacionados a várias outras medidas da atividade cerebral, com o uso de diversos métodos de imagem — ferramentas que não estavam disponíveis durante a primeira onda da pesquisa com psicodélicos nos anos 1950 e 1960.

Ao utilizar essas tecnologias em combinação com o LSD e a psilocibina, um pequeno grupo de cientistas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos está abrindo uma nova janela para a consciência, e o que eles estão vislumbrando promete mudar nosso entendimento das ligações entre nossos cérebros e mentes.

* * *

TALVEZ A EXPEDIÇÃO neurocientífica mais ambiciosa a usar psicodélicos para mapear a consciência humana esteja acontecendo no laboratório do Centro de Psiquiatria do campus Hammersmith da Imperial College, no oeste de Londres. Recém-concluído, o campus consiste num conjunto de prédios futurísticos, porém estranhamente deprimentes, ligados por passarelas com paredes e portas de vidro que se abrem sem fazer ruídos quando detectam a identificação adequada. É aqui, no laboratório de David Nutt, um renomado psicofarmacêutico inglês, que uma equipe liderada por um neurocientista de trinta e poucos anos chamado Robin Carhart-Harris trabalha desde 2009 para identificar “correlatos neurais”, ou contrapartes físicas, da experiência psicodélica. Ao injetar LSD e psilocibina em voluntários e usar diversas tecnologias de escaneamento — como um aparelho de ressonância magnética funcional (fMRI) e magnetoencefalografia — para observar as mudanças em seus cérebros, ele e sua equipe nos deram os primeiros vislumbres da aparência que o cérebro assume enquanto ocorre algo como a dissolução do ego ou uma alucinação.

O fato de um projeto de pesquisa tão improvável e potencialmente controverso ter saído do papel se deve à convergência, na Inglaterra, em 2005, de três personagens altamente incomuns, com carreiras também incomuns: David Nutt, Robin Carhart-Harris e Amanda Feilding, também conhecida como condessa de Wemyss e March.

O caminho que levou Robin Carhart-Harris até o laboratório de psicofarmacologia de David Nutt foi excêntrico; primeiro ele passou por um curso de pós-graduação em psicanálise. Hoje, são raros os

neurocientistas que levam a psicanálise a sério; em geral, ela é vista mais como um conjunto pouco estável de crenças do que como uma ciência. Carhart-Harris discordava veementemente. Mergulhado nos escritos de Freud e Jung, ele ficou fascinado pela teoria psicanalítica e ao mesmo tempo frustrado pela sua falta de rigor científico, assim como pelas limitações das ferramentas para explorar o que parecia ser a coisa mais importante da mente: o inconsciente.

“Se a única forma de acessar o inconsciente for via sonhos e livre associação”, explicou na primeira vez em que conversamos, “não vamos chegar a lugar nenhum. Certamente tem de haver outra forma”. Um dia ele perguntou a um professor se esse algo diferente seria uma droga. (Perguntei a Robin se seu palpite se baseava em experiência pessoal ou pesquisa, mas ele deixou claro que não queria falar sobre isso.) O professor disse para ele ler um livro chamado *Realms of the Human Unconscious* [Domínios do inconsciente humano], de Stanislav Grof.

“Fui à biblioteca e li o livro de cabo a rabo. Fiquei muito impressionado. Aquilo determinou o rumo do resto da minha jovem vida.”

Carhart-Harris, um sujeito jovem, magro e intenso, sempre apressado, com uma barba bem-cuidada e grandes olhos azuis que raramente piscam, elaborou um plano que levaria anos para colocar em prática: sua ideia era usar psicodélicos e tecnologias modernas de imagem cerebral para construir uma base de ciência sólida para o edifício da psicanálise. “Freud disse que os sonhos eram a estrada real para o inconsciente”, ele me lembrou. “Os psicodélicos podem ser a supervia.” O comportamento de Carhart-Harris é modesto, quase humilde, e não dá muitas pistas de sua ambição. Ele gosta de citar a afirmação grandiosa de Grof de que os psicodélicos serão para o estudo da mente o que o telescópio foi para a astronomia, ou o microscópio para a biologia.

Carhart-Harris concluiu seu mestrado em psicanálise em 2005 e começou a planejar sua entrada na neurociência dos psicodélicos. Ele se informou, fez um pouco de pesquisa na internet e acabou chegando a David Nutt e Amanda Feilding, supostamente as duas pessoas que podiam se interessar pelo seu projeto e tinham condições de ajudar. Ele primeiro abordou Feilding, que em 1998 inaugurou a Fundação Beckley para estudar os efeitos das substâncias psicoativas no cérebro e fazer lobby pela reforma da política de drogas. A fundação foi batizada em homenagem a Beckley Park, uma mansão em estilo Tudor do século XIV onde ela cresceu em Oxfordshire e onde, em 2005, recebeu Carhart-Harris para almoçar. (Numa visita recente a Beckley, contei duas torres e três fossos.)

Amanda Feilding, que nasceu em 1943, é excêntrica como só a

aristocracia britânica pode ser. (Ela é descendente da casa dos Habsburgo e de dois filhos ilegítimos de Carlos II.) Estudiosa de religião comparada e misticismo, Feilding tem um interesse antigo em estados alterados da consciência e, especificamente, no papel do fluxo do sangue no cérebro, que, segundo ela acredita, foi comprometido no *Homo sapiens* desde que nossa espécie passou a andar sobre duas pernas. Feilding acredita que o LSD aumenta a função cognitiva e facilita estados superiores de consciência ao aumentar a circulação cerebral. Uma segunda forma de conseguir um resultado semelhante é através da prática antiga da trepanação. Isso merece uma breve digressão.

A trepanação envolve abrir um buraco superficial no crânio que supostamente melhora a circulação de sangue no cérebro; na verdade, ela reverte a fusão dos ossos do crânio, que acontece na infância. A trepanação foi uma prática médica comum por séculos, a julgar pelos inúmeros crânios antigos encontrados com buracos bem feitos. Convencida de que a trepanação ajudaria a facilitar estados superiores de consciência, Feilding procurou alguém que fizesse a operação nela. Quando ficou óbvio que nenhum profissional faria isso, ela fez a operação em si mesma em 1970, abrindo um pequeno furo no meio da testa com uma furadeira elétrica. (Ela documentou o procedimento em *Heartbeat in the Brain* [Pulsção no cérebro], um filme curto e horripilante.) Feliz com os resultados, Feilding se candidatou ao Parlamento duas vezes com a plataforma “Trepanação na Saúde Nacional”.

Embora possa ser excêntrica, Amanda Feilding passa longe de ser fútil. Seu trabalho tanto na pesquisa com drogas quanto na reforma da política de drogas tem sido sério, estratégico e produtivo. Nos últimos anos, seu foco passou da trepanação para o potencial dos psicodélicos no aprimoramento da função cerebral. Na própria vida, ela usou o LSD como uma espécie de “tônico cerebral”, tomando uma dose cotidiana que ajuda a atingir “aquele ponto agradável onde a criatividade e o entusiasmo são aumentados, mas o controle é mantido”. (Ela me contou que houve um período em que a dose habitual era de 150 microgramas — bem acima da microdose e o suficiente para mandar a maioria das pessoas, inclusive eu, para uma viagem completa. Mas, como o uso frequente pode provocar tolerância, é perfeitamente possível que, para algumas pessoas, 150 microgramas seja apenas o equivalente a “adicionar certa faísca à consciência”). Achei desconcertante a franqueza de Feilding sobre a bagagem que ela traz para a nova conversa sobre ciência psicodélica: “Sou uma drogada. Vivo nessa casa enorme. E tenho um buraco na cabeça. Acho que isso me desqualifica.”

Então, quando um jovem aspirante a cientista chamado Robin

Carhart-Harris veio almoçar com ela em Beckley, em 2005, compartilhando sua ambição de combinar pesquisa com LSD e Freud, Feilding imediatamente percebeu o potencial, assim como a oportunidade de analisar suas teorias sobre a circulação do sangue no cérebro. Ela falou para Carhart-Harris que sua fundação poderia estar disposta a financiar a pesquisa e sugeriu que ele contatasse David Nutt, na época professor da Universidade de Bristol e aliado de Feilding na campanha pela reforma da política de drogas.

À sua maneira, David Nutt é tão famoso na Inglaterra quanto Amanda Fielding. Nutt, um camarada grande e divertido na casa dos sessenta anos, com bigode e uma risada contagiante, chegou à notoriedade em 2009, quando o secretário britânico do Interior o demitiu do Conselho Consultivo sobre Abuso de Drogas do governo, que ele presidia. O comitê é responsável por aconselhar o governo na classificação de drogas ilícitas com base no risco para indivíduos e para a sociedade. Nutt, especialista em vício e numa classe de drogas chamadas benzodiazepinas (como o Valium), cometeu o erro político fatal de quantificar empiricamente os riscos de várias substâncias psicoativas, tanto legais quanto ilegais. Ele dizia a quem quer que perguntasse que o álcool era mais perigoso do que a maconha e que usar ecstasy era mais seguro do que andar a cavalo.

“Mas a frase que me fez ser demitido”, ele me contou quando nos conhecemos em seu escritório na Imperial College, “foi dita num programa matutino de televisão ao vivo. Eles me perguntaram: ‘Você não está falando sério quando diz que o LSD é menos danoso do que o álcool, está?’ Claro que estou!”¹

Robin Carhart-Harris foi conhecer David Nutt em 2005, com a expectativa de estudar os psicodélicos e sonhando em ser funcionário dele em Bristol; tentando ser estratégico, ele mencionou a possibilidade de patrocínio de Feilding. Carhart-Harris, ao lembrar o encontro, diz que Nutt foi claro em sua negativa: “‘A ideia que você quer testar é um verdadeiro absurdo, você não tem experiência com neurociência, é completamente irrealista.’ Mas eu disse que tinha apostado todas as minhas fichas naquilo.” Impressionado com a determinação do rapaz, Nutt fez uma oferta: “Venha fazer um doutorado comigo. Vamos começar com algo direto” — no caso, estudar o efeito do MDMA no sistema da serotonina —, “e depois talvez a gente possa estudar os compostos psicodélicos.”

O “depois” chegou em 2009, quando Carhart-Harris, munido de um doutorado e trabalhando no laboratório de Nutt com patrocínio de Amanda Feilding, foi autorizado (pelo Serviço Nacional de Saúde Pública e o Ministério do Interior) a estudar o efeito da psilocibina no cérebro. (O LSD viria alguns anos depois.) Carhart-Harris se apresentou como primeiro voluntário. “Se vou dar essa droga para as pessoas e

colocá-las num scanner, pensei, a coisa mais honesta a fazer é ser o primeiro a passar por isso.” Mas, como ele contou a Nutt, “tenho uma predisposição para a ansiedade, e talvez não estivesse no meu melhor momento psicológico, por isso ele me convenceu a desistir; ele também pensou que participar do experimento podia comprometer sua objetividade”. No fim, um colega se tornou o primeiro voluntário a receber uma injeção de psilocibina e depois entrar no aparelho de ressonância magnética para ter o cérebro fotografado sob o efeito de drogas.

A hipótese de trabalho de Carhart-Harris era que os cérebros teriam um aumento de atividade, sobretudo nos centros de emoção. “Eu achava que seria parecido com um cérebro que está sonhando”, ele me contou. Usando uma tecnologia de escaneamento diferente, Franz Vollenweider havia publicado dados indicando que os compostos psicodélicos estimulavam a atividade cerebral, especialmente nos lobos frontais. (Uma área responsável pelas ações e outras funções cognitivas superiores.) Mas, ao receber o primeiro conjunto de dados, Carhart-Harris ficou surpreso: “Estávamos vendo uma diminuição no fluxo de sangue” — o fluxo de sangue é um dos indicadores de atividade cerebral medidos pelo aparelho de ressonância. “Será que cometemos um erro? Era realmente um mistério.” Mas os dados iniciais sobre o fluxo de sangue foram corroborados por uma segunda medição, que avalia as mudanças no consumo de oxigênio para indicar as áreas de atividade cerebral elevada. Carhart-Harris e seus colegas tinham descoberto que a psilocibina diminui a atividade cerebral, com declínio concentrado em uma rede cerebral pouco conhecida por ele na época: a rede neural de modo padrão.

Carhart-Harris começou a ler sobre o assunto. A rede neural de modo padrão não era conhecida pela ciência do cérebro até 2001. Só então Marcus Raichle, um neurologista da Universidade de Washington, descreveu-a num artigo seminal publicado na *Proceedings of the National Academy of Science*.⁶ A rede forma um eixo de atividade cerebral crítico localizado no centro do cérebro que liga partes do córtex cerebral a estruturas mais profundas (e antigas) envolvidas na memória e na emoção.^{II}

A descoberta da rede neural de modo padrão foi, na verdade, um acidente científico, um subproduto feliz do uso das tecnologias de imagem do cérebro na pesquisa neurológica.^{III} Um experimento típico com ressonância magnética funcional começa estabelecendo uma base de “estado de repouso” em termos de atividade neural enquanto o voluntário fica sentado parado no scanner esperando os testes que o pesquisador programou. Raichle notou que muitas áreas no cérebro exibiam atividade intensa justamente quando os sujeitos não estavam realizando nenhum trabalho mental. Esse é o “modo padrão”, a rede

de estruturas do cérebro que ficam ativas quando não há demandas por nossa atenção e não temos tarefas mentais a realizar. Dito de outra forma, Raichle descobriu o lugar para onde nossa mente vai para vagar — para sonhar acordada, refletir, viajar no tempo, pensar sobre nós mesmos e se preocupar. Pode ser que o fluxo de nossa consciência passe por essas mesmas estruturas.

A rede neural de modo padrão fica numa relação de gangorra com as redes de atenção, que acordam sempre que o mundo externo demanda nossa atenção; quando uma está ativa, a outra se apaga, e vice-versa. Mas, como qualquer pessoa pode afirmar, um bocado de coisas que se passam na mente quando nada acontece fora de nós. (Na verdade, a rede neural de modo padrão consome uma parcela desproporcional da energia do cérebro.) Trabalhando longe do processamento sensorial do mundo externo, o modo padrão fica mais ativo quando está engajado em processos superiores “metacognitivos” como a autorreflexão, a viagem mental no tempo, as construções mentais (como o eu e o ego), os debates morais e a “teoria da mente” — a habilidade de atribuir estados mentais a outros, como quando tentamos imaginar “como é ser” outra pessoa. Todas essas funções podem ser exclusivas de humanos, e especificamente de humanos adultos, pois a rede neural de modo padrão só fica operacional em estágios tardios do desenvolvimento da criança.

“O cérebro é um sistema hierárquico”, explicou Carhart-Harris em uma de nossas entrevistas. “As partes no topo da hierarquia” — aquelas que se desenvolveram mais tarde na nossa evolução, em geral localizadas no córtex — “exercem um efeito inibitório sobre as partes de nível mais baixo [e mais velhas], como a emoção e a memória.” Como um todo, a rede neural de modo padrão exerce uma influência de cima para baixo em outras partes do cérebro, muitas das quais se comunicam entre si pelo eixo central. Robin já descreveu a rede neural de modo padrão alternadamente como o “maestro da orquestra”, o “executivo da corporação”, ou como a “capital” do cérebro, responsável por gerenciar e “manter o sistema unido”. E por manter sob controle as tendências rebeldes do cérebro.

O cérebro é composto de muitos sistemas diferentes e especializados — um responsável pelo processamento visual, por exemplo, outro encarregado de controlar a atividade motora —, cada um realizando a própria atividade. “O que evita o caos é o fato de os sistemas não serem criados da mesma forma”, escreveu Marcus Raichle. “Sinais elétricos de algumas áreas têm precedência sobre outras. E no topo dessa hierarquia está a rede neural de modo padrão, que age como um supercondutor para garantir que a cacofonia de sinais concorrentes de um sistema não interfira com os de outros.”⁷ Ela mantém a ordem num sistema tão complexo que, de outra forma,

poderia cair na anarquia do transtorno mental.

Como mencionado, a rede neural de modo padrão parece ter um papel na criação de construções mentais e projeções, sendo a mais importante delas a construção que chamamos de eu, ou ego.^{iv} É por isso que alguns neurocientistas a chamam de “rede do eu”. Se o pesquisador lhe der uma lista de adjetivos e pedir que você considere como eles se aplicam no seu caso, é a rede neural de modo padrão que entra em ação. (Ela também se “acende” quando você ganha “curtidas” nas redes sociais.)⁸ Os nós da rede padrão são vistos como responsáveis pela memória autobiográfica, o material do qual compomos a história de quem somos, ao conectar nossas experiências passadas ao que acontece conosco e a projeções dos nossos objetivos futuros.

A conquista de um eu individual, com um passado único e uma trajetória para o futuro, é uma das glórias da evolução humana, mas também traz desvantagens e potenciais problemas. O preço do sentimento de identidade individual é o sentimento de separação em relação aos outros e à natureza. A autorreflexão pode levar a grandes conquistas intelectuais e artísticas, mas também a formas destrutivas de egoísmo e a muitos tipos de infelicidade. (Em um artigo muito citado chamado “Uma mente que vaga é uma mente infeliz”, psicólogos identificaram uma forte correlação entre a infelicidade e o tempo gasto pensando, a principal atividade da rede neural de modo padrão.)⁹ Mas, no cômputo geral, a maioria de nós aceita esse eu como um dado inabalável, tão real quanto qualquer coisa que conheçamos, e como a base de nossa vida como seres humanos conscientes. Ou pelo menos foi assim que eu sempre vi as coisas, até que minhas experiências psicodélicas me levaram a ter dúvidas.

Talvez a descoberta mais surpreendente do primeiro experimento de Carhart-Harris tenha sido que as maiores quedas na atividade da rede neural de modo padrão se relacionavam à experiência subjetiva de “dissolução do ego” dos voluntários. (“Eu existia apenas como ideia ou conceito”, relatou um voluntário. “Eu não sabia onde eu acabava e onde começava o ambiente ao meu redor”, lembrou outro.) Quanto mais intensos a queda do fluxo de sangue e o consumo de oxigênio na rede padrão, maior era a probabilidade de o voluntário relatar a perda do sentimento do eu.^v

Logo depois que Carhart-Harris publicou suas descobertas num artigo de 2012 na *Proceedings of the National Academy of Science* (“Correlatos neurais do estado psicodélico determinados por estudos com psilocibina apoiados em ressonância magnética funcional”),^{vi} Judson Brewer, um pesquisador em Yale^{vii} que estava usando a ressonância para estudar o cérebro de meditadores experientes, notou que suas imagens e as de Robin eram muito semelhantes.¹⁰ A

transcendência do eu relatada pelos meditadores apareceu nas imagens como um silêncio da rede neural de modo padrão. Parece que, quando a atividade na rede neural de modo padrão cai vertiginosamente, o ego desaparece de maneira temporária, e os limites normais que experimentamos entre eu e mundo, sujeito e objeto, se derretem.

Esse sentimento de se misturar a uma totalidade maior é obviamente uma das principais marcas da experiência mística; nosso sentimento de individualidade e separação depende de um eu limitado e de uma demarcação clara entre sujeito e objeto. Mas tudo isso pode ser apenas uma construção mental, uma espécie de ilusão — como os budistas têm tentado nos dizer. A experiência psicodélica de “não dualidade” sugere que a consciência sobrevive ao desaparecimento do eu, que não é tão indispensável quanto nós — e ele — gostaríamos de pensar. Carhart-Harris suspeita que a perda da distinção entre sujeito e objeto pode ajudar a explicar outra característica da experiência mística: o fato de ela provocar revelações sentidas como verdades objetivas — verdades reveladas, mais do que meros insights. Pode ser que, para julgar um insight como meramente subjetivo, como a opinião de alguém, primeiro você precise ter um senso de subjetividade, que é precisamente o que o místico perde sob o efeito de psicodélicos.

A experiência mística pode ser apenas o que acontece quando você desativa a rede neural de modo padrão. Pode-se obter isso de várias formas: com compostos psicodélicos e meditação, como demonstraram Robin Carhart-Harris e Judson Brewer, mas talvez também através de certos exercícios de respiração (como a respiração holotrópica), privação sensorial, jejum, oração, experiências avassaladoras de espanto, esportes radicais, experiências de quase-morte e assim por diante. O que as imagens de cérebros feitas durante essas atividades revelariam? Só podemos especular, mas é bem possível que víssemos o mesmo silenciamento da rede neural de modo padrão encontrado por Brewer e Carhart-Harris. Pode-se obter esse silenciamento restringindo o fluxo de sangue para a rede, ou estimulando os receptores 2A de serotonina no córtex, ou perturbando de outra forma os ritmos oscilatórios que costumam organizar o cérebro. Como quer que isso aconteça, tirar essa rede em particular de ação pode nos dar acesso a estados extraordinários de consciência — momentos de unidade e êxtase que não são menos notáveis por terem uma causa física.

* * *

SE A REDE neural de modo padrão é a regente da sinfonia da atividade cerebral, seria de esperar que sua ausência temporária do palco

levasse a um aumento da dissonância e da desordem mental — como de fato parece acontecer durante a viagem psicodélica. Em uma série de experimentos posteriores usando várias técnicas de imagens cerebrais, Carhart-Harris e seus colegas começaram a estudar o que acontece nas demais seções da orquestra neural quando a rede padrão abaixa sua batuta.

Considerada como um todo, a rede neural de modo padrão exerce uma influência inibitória em outras partes do cérebro, sobretudo as regiões límbicas relacionadas à emoção e à memória, da mesma forma que Freud conceituou o ego como aquilo que mantém sob controle as forças anárquicas do inconsciente. (David Nutt enuncia isso de maneira direta, estipulando que “encontramos [na rede de modo padrão] o correlato neural da repressão”.) Carhart-Harris levanta a hipótese de que esses e outros centros de atividade mental sejam “libertados” quando a rede neural de modo padrão deixa o palco, e de fato as imagens mostram um aumento de atividade (refletido pelo aumento no fluxo sanguíneo e no consumo de oxigênio) em várias outras regiões do cérebro, incluindo as regiões límbicas, sob a influência dos compostos psicodélicos. Essa desinibição pode explicar por que o material que fica indisponível para nós durante as horas de consciência desperta normal flui para a superfície da percepção, revivendo emoções e memórias e, por vezes, traumas de infância enterrados há muito tempo. É por essa razão que alguns cientistas e psicoterapeutas acreditam que os compostos psicodélicos podem ser úteis para trazer à tona e explorar conteúdos da mente inconsciente.

Mas a rede neural de modo padrão não apenas exerce controle de cima para baixo sobre o material que surge de dentro; ela também ajuda a regular quais partes do mundo externo entram na consciência. Ela opera como uma espécie de filtro (ou “válvula de redução”) responsável por admitir apenas o “gotejamento” de informação necessária para viver o dia. Se não fosse o mecanismo de filtragem do cérebro, teríamos dificuldade para processar a torrente de informações disponíveis a cada momento — como de fato costuma acontecer durante a experiência psicodélica. “A questão”, afirma David Nutt, “é por que o cérebro é normalmente tão contido, em vez de ser mais aberto.” A resposta pode ser simples: “eficiência”. Hoje, a maioria dos neurocientistas trabalha sob o paradigma do cérebro como uma máquina de previsões. Para formar a percepção de algo no mundo, o cérebro pega a menor quantidade de informação sensorial necessária para fazer uma boa suposição. Estamos sempre cortando caminho, basicamente, e chegando a conclusões precipitadas.

A experiência da máscara que tentei realizar durante minha viagem com psilocibina é uma demonstração poderosa desse fenômeno. Pelo menos quando em funcionamento normal, o cérebro, ao receber

algumas pistas visuais de que está vendo um rosto, insiste em ver o rosto como uma estrutura convexa mesmo quando não é, pois essa é a forma normal dos rostos.

As implicações filosóficas do “código preditivo” são profundas e estranhas. O modelo sugere que nossas percepções do mundo não nos oferecem uma transcrição literal da realidade, mas sim uma ilusão perfeita criada a partir tanto dos dados dos nossos sentidos quanto dos modelos nas nossas memórias. A consciência desperta normal parece perfeitamente transparente, mas é um produto da imaginação mais do que uma janela para a realidade — um tipo de alucinação controlada. Isso faz surgir uma questão: até que ponto a consciência desperta normal é diferente de outros tipos de consciência, que aparentemente são produtos menos precisos da nossa imaginação — como os sonhos, as ilusões psicóticas e as viagens psicodélicas? De fato, todos esses estados de consciência são “imaginados”: construções mentais que unem algumas notícias do mundo a antecedentes de vários tipos. Mas, no caso da consciência desperta normal, o aperto de mão entre os dados de nossos sentidos e nossas preconcepções é especialmente firme. Isso por estar sujeito de forma permanente ao processo de testes da realidade, como quando você tenta confirmar a existência do objeto no seu campo visual ou, depois de acordar de um pesadelo, consulta a memória para verificar se realmente foi dar uma aula pelado. Ao contrário desses outros estados de consciência, a consciência ordinária desperta foi otimizada pela seleção natural para facilitar nossa sobrevivência cotidiana.

Na verdade, o sentimento de transparência que associamos à consciência pode ter mais a ver com familiaridade e hábito do que com verossimilhança. Como diz um psiconauta que conheço, “se fosse possível experimentar temporariamente o estado mental de outra pessoa, meu palpite é que isso se pareceria mais com o estado psicodélico do que com um estado ‘normal’, devido à grande disparidade em relação a qualquer estado mental que você considere habitual”.

Outro experimento de pensamento psicodélico é tentar imaginar o mundo a partir da perspectiva de uma criatura com aparato sensorial e modo de vida completamente diferentes. Você logo vai perceber que não há uma única realidade esperando para ser fiel e amplamente transcrita. Nossos sentidos evoluíram para um propósito muito mais específico e assimilam apenas o que serve às nossas necessidades como animais de um tipo específico. A abelha percebe um espectro de luz bastante diferente do nosso; ver o mundo pelos olhos dela é perceber marcações ultravioleta nas pétalas das flores (desenvolvidas para guiar seus pousos como as luzes das pistas de aeroportos) que não existem para nós.¹¹ Esse exemplo pelo menos trata de uma forma de visão —

um sentido que compartilhamos com as abelhas. Mas como começar a conceber o sentido que permite às abelhas registrar (usando os pelos nas pernas) os campos eletromagnéticos que as plantas produzem?¹² (Uma carga mais fraca significa que outra abelha visitou há pouco tempo a flor; que ela está sem néctar e provavelmente não vale uma parada.) E há o mundo segundo um polvo! Imagine quão diferente a realidade se apresenta para um cérebro que foi tão radicalmente descentralizado, com sua inteligência distribuída pelos oito tentáculos para que cada um deles possa sentir gosto, tato e até mesmo tomar suas próprias “decisões” sem consultar o quartel-general.

* * *

O QUE ACONTECE quando, sob a influência dos compostos psicodélicos, o forte aperto de mão entre cérebro e mundo se desfaz? Nada, ao que parece. Perguntei a Carhart-Harris se durante uma viagem o cérebro favorece previsões de cima para baixo ou informações sensoriais de baixo para cima. “Esse é um dilema clássico”, sugeriu ele: se a mente, sem limitações, tenderá a favorecer seus precedentes ou os indícios apresentados pelos sentidos. “É comum que você encontre uma espécie de impetuosidade ou excesso de entusiasmo da parte dos precedentes, como quando você vê rostos nas nuvens.” Ansioso para dar sentido às informações que chegam, o cérebro salta para conclusões erradas, e, às vezes, o resultado é a alucinação. (O paranoico faz quase a mesma coisa, impondo com ferocidade uma falsa narrativa ao fluxo de informações novas.) Mas, em outros casos, a válvula de redução se abre totalmente para permitir a entrada de uma quantidade muito maior de informações, sem edição e às vezes bem-vindas.

Daltônicos relatam ser capazes de ver certas cores pela primeira vez quando estão sob o efeito de compostos psicodélicos, e pesquisas sugerem que as pessoas ouvem música de modo diferente quando tomam essas drogas: processam seu timbre, ou coloração, de maneira mais precisa — uma dimensão da música que transmite emoção.¹³ Quando ouvi a suíte para violoncelo de Bach durante minha viagem com psilocibina, tive certeza de que estava escutando mais do que tinha ouvido antes, percebendo tonalidades e nuances e timbres como nunca fui capaz nem antes nem depois.

Carhart-Harris acredita que os compostos psicodélicos tornam a ligação convencional entre cérebro e percepção menos estável e mais incerta. O cérebro que está viajando pode “ir para trás e para a frente” entre impor seus precedentes e admitir os dados brutos dos sentidos. Ele suspeita que há momentos durante a experiência psicodélica em que a confiança nos nossos conceitos regulares de cima para baixo se

desmonta, abrindo caminho para informações mais brutas passarem pelo filtro. Mas, quando a totalidade da informação sensorial ameaça nos sobrecarregar, a mente furiosamente gera novos conceitos (loucos ou brilhantes, não importa) para dar sentido a tudo — “então você poderá ver rostos saindo da chuva”.

“Isso é o cérebro fazendo o que ele faz” — ou seja, trabalhando para reduzir incertezas por meio daquilo que, na verdade, são histórias que ele conta para si mesmo.

* * *

O CÉREBRO HUMANO é um sistema inconcebivelmente complexo — talvez o mais complexo de todos os tempos — no qual surgiu uma ordem cuja maior expressão é o eu soberano e nossa consciência desperta normal. Na vida adulta, o cérebro já se tornou muito bom em observar e testar a realidade e em desenvolver previsões confiáveis que otimizam nossos investimentos em energia (mental e outras) e, portanto, nossas chances de sobrevivência. A incerteza é o maior desafio do cérebro complexo, e a codificação preditiva evoluiu para nos ajudar a reduzi-la. Em geral, o tipo de pensamento pré-concebido e convencional que essa adaptação produz é muito útil. Mas só até certo ponto.

A localização exata desse ponto é justamente o que Robin Carhart-Harris e seus colegas exploraram num artigo ambicioso e provocativo chamado “O cérebro entrópico: uma teoria dos estados de consciência informada por pesquisa com compostos psicodélicos baseada em neuroimagens”, publicado na *Frontiers in Human Neuroscience* em 2014. Nele, Carhart-Harris tenta estabelecer sua grande síntese da psicanálise e da neurociência cognitiva. A questão central é: pagamos um preço pela conquista da ordem e da individualidade na mente humana adulta? O artigo conclui que sim. A supressão da entropia (nesse contexto, um sinônimo para incerteza) no cérebro, embora “sirva para promover realismo, previsão, reflexão cuidadosa e capacidade de reconhecer e superar fantasias de desejo e paranoias”, também tende a “limitar a cognição” e a exercer “uma influência limitante ou restritiva da consciência”.¹⁴

Depois de uma série de entrevistas por Skype, Robin Carhart-Harris e eu nos encontramos pela primeira vez em seu apartamento num prédio sem elevador numa região não muito elegante de Notting Hill, alguns meses depois da publicação do artigo sobre entropia. Pessoalmente, fiquei impressionado com a juventude e a intensidade de Robin. Apesar de toda a sua ambição, ele tem uma personalidade surpreendentemente discreta, que não deixa prever sua disposição para entrar em discussões intelectuais que assustariam cientistas

menos intrépidos.

O artigo sobre entropia nos pede para conceber a mente como uma máquina de redução de incerteza com alguns defeitos sérios. A própria complexidade do cérebro humano e o grande número de estados mentais que constam do seu repertório (na comparação com outros animais) fazem da manutenção da ordem a principal prioridade, para que o sistema não caia na anarquia.

Era uma vez, escreve Carhart-Harris, um cérebro humano ou proto-humano que tinha uma forma muito mais anárquica de “consciência primária”, caracterizada pelo “pensamento mágico” — crenças sobre o mundo que ganharam forma a partir de desejos e medos e interpretação sobrenatural. (Na consciência primária, escreve Carhart-Harris, “a cognição é menos rigorosa quanto à seleção do mundo externo e está mais sujeita à emoção, como, por exemplo, desejos e ansiedades”.) O pensamento mágico é uma maneira que a mente humana tem de reduzir a incerteza sobre o mundo, mas não é muito eficiente para o sucesso da espécie.

Carhart-Harris argumenta que um jeito melhor de suprimir a incerteza e a entropia no cérebro humano surgiu com a evolução da rede neural de modo padrão, um sistema de regulação do cérebro que está ausente ou é pouco desenvolvido em animais menos evoluídos e em crianças pequenas. Junto com a rede neural de modo padrão, “surge um sentimento coerente de eu ou ‘ego’”, e, com isso, a capacidade humana de autorreflexão e razão. O pensamento mágico dá lugar a “uma forma de pensamento mais ligada à realidade, governada pelo ego”. Partindo do trabalho de Freud, ele chama esse modo de cognição mais desenvolvido de “consciência secundária”. A consciência secundária “tem respeito pela realidade e diligentemente procura representar o mundo da forma mais precisa possível”, de modo a minimizar “surpresa e incerteza (ou seja, entropia)”.

O artigo oferece uma ilustração intrigante ao retratar um “espectro de estados cognitivos” que vai dos estados mentais de alta entropia aos de baixa. Na região de alta entropia, ele lista os estados psicodélicos; a consciência infantil; o início da psicose; o pensamento mágico; e o pensamento divergente ou criativo. Na região de baixa entropia, lista o pensamento limitado ou rígido; o vício; o transtorno obsessivo-compulsivo; a depressão; a anestesia; e, por fim, o coma.

Carhart-Harris sugere que os “distúrbios” psicológicos na parte de baixa entropia do espectro não são resultado da falta de ordem no cérebro, e sim consequência do excesso de ordem. Quando os trilhos do pensamento autorreflexivo se aprofundam e solidificam, o ego se torna autoritário. Talvez isso seja mais visível na depressão, quando o ego se volta contra si mesmo e a introspecção incontrolável gradualmente recobre a realidade. Carhart-Harris cita pesquisas

indicando que esse estado debilitante da mente (às vezes chamado de autoconsciência ou realismo depressivo) pode ser o resultado de uma rede neural de modo padrão hiperativa, o que pode nos prender em loops repetitivos e destrutivos de reflexões que acabam nos fechando para o mundo externo. A válvula de redução de Huxley se fecha. Carhart-Harris acredita que as pessoas que sofrem de toda uma variedade de doenças caracterizadas pelos padrões excessivamente rígidos de pensamento — como vício, obsessões e distúrbios alimentares, além da depressão — podem se beneficiar da “capacidade dos compostos psicodélicos de interromper padrões estereotipados de pensamento e comportamento ao desintegrar os padrões de atividade [neural] nos quais eles se apoiam”.

Sendo assim, talvez alguns cérebros sejam capazes de suportar um pouco mais de entropia, não menos. É aí que entram as substâncias psicodélicas. Ao silenciar a rede neural de modo padrão, esses compostos podem diminuir o controle do ego sobre o maquinário da mente, “lubrificando” a cognição onde antes ela estava enferrujada e emperrada. “Os psicodélicos alteram a consciência ao *desorganizar* a atividade cerebral”, escreve Carhart-Harris. Eles aumentam a quantidade de entropia no cérebro, e como resultado o sistema reverte a um modo de cognição menos contido.^{VIII}

“Não se trata apenas de um sistema saindo de cena”, diz, “mas de um sistema mais antigo que reemerge.” Esse sistema mais antigo é a consciência primária, um modo de pensamento no qual o ego temporariamente perde seu domínio e o inconsciente, agora não regulado, “é colocado num espaço observável”. Esse, para Carhart-Harris, é o valor heurístico dos psicodélicos para o estudo da mente, embora ele também veja neles valor terapêutico.

Vale a pena notar que Carhart-Harris não romantiza os compostos psicodélicos e tem pouca paciência para o tipo de “pensamento mágico” e de “metafísica” que eles nutrem em seus acólitos — como, por exemplo, a ideia da consciência como “transpessoal”, uma propriedade do universo e não do cérebro humano. Na visão dele, as formas de consciência que os psicodélicos liberam são regressões a um modo de cognição “mais primitivo”. Como Freud, ele acredita que a perda do eu, e o sentimento de unidade, característicos da experiência mística — sejam ocasionados pela química ou pela religião — nos devolvem à condição psicológica da criança no peito da mãe, um estágio em que ainda não desenvolvemos a percepção de nós mesmos como indivíduos separados e limitados. Para Carhart-Harris, o auge do desenvolvimento humano é a conquista desse eu diferenciado, ou ego, e a ordem que ele impõe à anarquia da mente primitiva combatida por medos e desejos e propensa a várias formas de pensamento mágico. Embora sustente, como Aldous Huxley, que os psicodélicos abrem as

portas da percepção, ele não concorda que tudo que passa por essa abertura — inclusive a “Onisciência” vislumbrada por Huxley — seja necessariamente real. “A experiência psicodélica pode produzir muito ouro de tolo”, afirmou ele.

Contudo, Carhart-Harris também acredita que há ouro genuíno na experiência psicodélica. Quando nos encontramos, ele deu exemplos de cientistas que tiveram insights sobre o funcionamento do cérebro a partir das próprias experiências com LSD. Entropia em excesso no cérebro humano pode levar ao pensamento atávico e, no limite, à loucura; contudo a falta de entropia também pode nos prejudicar.

Em uma de nossas conversas, Robin especulou se uma classe de drogas com poder de inverter hierarquias na mente e promover pensamento não convencional tem potencial para remodelar as atitudes dos usuários em relação a autoridades de todos os tipos; isto é, os compostos podem ter um efeito político. Muitos acreditam que o LSD teve exatamente esse papel na agitação política dos anos 1960.

“Os hippies gravitavam em torno dos compostos psicodélicos ou foram os psicodélicos que criaram os hippies? Nixon acreditava nesta última hipótese. Talvez ele tivesse razão!” Robin acredita ainda que os psicodélicos também podem mudar sutilmente a atitude das pessoas em relação à natureza, algo que também passou por uma transformação nos anos 1960. Quando a influência da rede neural de modo padrão diminui, também diminui nossa noção de que somos algo separado do ambiente. A equipe de Robin na Imperial College já testou voluntários numa escala psicológica padrão que mede a “relação com a natureza” (os respondentes graduam sua concordância com afirmações como “Eu não sou separado da natureza, e sim parte dela”). Experiências psicodélicas aumentaram a pontuação dos participantes.[IX](#)

* * *

ENTÃO, QUAL É a aparência de um cérebro com alta entropia? As várias tecnologias de imagem que o laboratório da Imperial College usou para mapear o cérebro sob o efeito de drogas mostram que as redes neurais especializadas do cérebro — como a rede neural de modo padrão e o sistema de processamento visual — se desintegram, enquanto o cérebro como um todo se torna *mais* integrado, com novas conexões surgindo entre regiões que normalmente se mantêm isoladas ou são ligadas apenas pelo eixo central da rede neural de modo padrão. Em outras palavras, as várias redes do cérebro se tornam menos especializadas.

“Redes distintas se tornam menos distintas sob o efeito da droga”, escreveram Carhart-Harris e seus colegas, “o que sugere que elas se

comunicam mais abertamente” com outras redes cerebrais. “O cérebro opera com maior flexibilidade e interconexão sob o efeito dos alucinógenos.”¹⁵

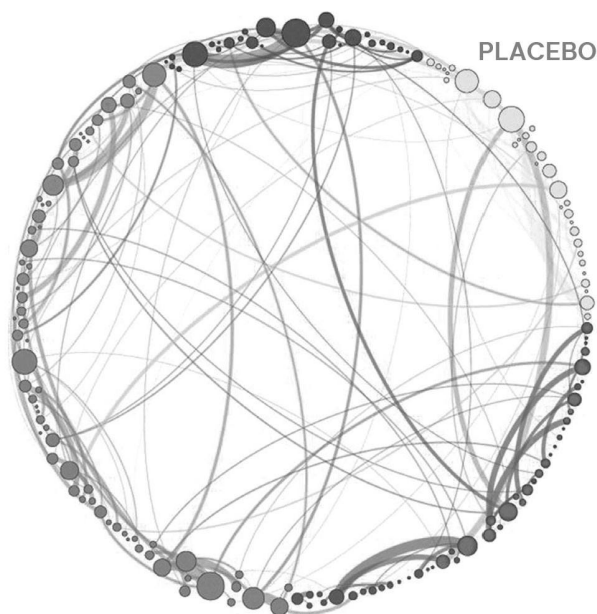
Em um artigo publicado em 2014 no *Journal of the Royal Society Interface*, a equipe da Imperial College demonstrou até que ponto as linhas normais de comunicação no cérebro são radicalmente reorganizadas quando a rede neural de modo padrão sai do ar e a entropia aumenta.¹⁶ Usando uma técnica de imagem chamada magnetoencefalografia, que mapeia a atividade elétrica do cérebro, os autores produziram um mapa das comunicações internas do cérebro durante a consciência desperta normal e após a injeção de psilocibina (como mostram as ilustrações nas páginas a seguir). No estado normal, mostrado à esquerda, as diversas redes do cérebro (aqui ilustradas na borda do círculo, cada uma representada por uma cor diferente) na maior parte do tempo têm apenas conversas internas, com relativamente poucos caminhos de grande tráfego entre si.

Mas, quando o cérebro opera sob a influência da psilocibina, como mostrado na segunda imagem, milhares de novas conexões se formam, ligando regiões distantes do cérebro que na consciência desperta normal não trocam muita informação. Na prática, o tráfego é reorganizado de algumas poucas grandes vias para muitas outras vias menores conectando um número maior de destinos. O cérebro parece se tornar menos especializado e mais globalmente interconectado, com um grau bem maior de comunicação, ou “conversas paralelas”, entre suas várias regiões.

Essa reorganização temporária das ligações do cérebro pode afetar a experiência mental de várias formas. Quando centros de memória e emoção podem se comunicar diretamente com centros de processamento de imagens, é possível que nossos desejos e medos, preconceitos e emoções, passem a ditar o que vemos — uma marca da consciência primária e uma receita para o pensamento mágico. Da mesma forma, o estabelecimento de novas ligações pelos sistemas do cérebro pode dar espaço para a sinestesia, como quando a informação sensorial se confunde de modo que cores se tornam sons ou sons se tornam táteis. Ou as novas ligações podem levar à alucinação, como quando os conteúdos da memória transformaram minhas percepções visuais de Mary em María Sabina, ou a imagem do meu rosto no espelho numa visão do meu avô. A formação de outros tipos de novas conexões pode ainda se manifestar na experiência mental como uma nova ideia, uma perspectiva inovadora, um insight criativo, ou a atribuição de novo significado para coisas familiares — ou qualquer outro tipo de fenômeno mental bizarro relatado por pessoas sob o efeito de compostos psicodélicos. O aumento da entropia permite o florescimento de milhares de estados mentais, muitos dos quais

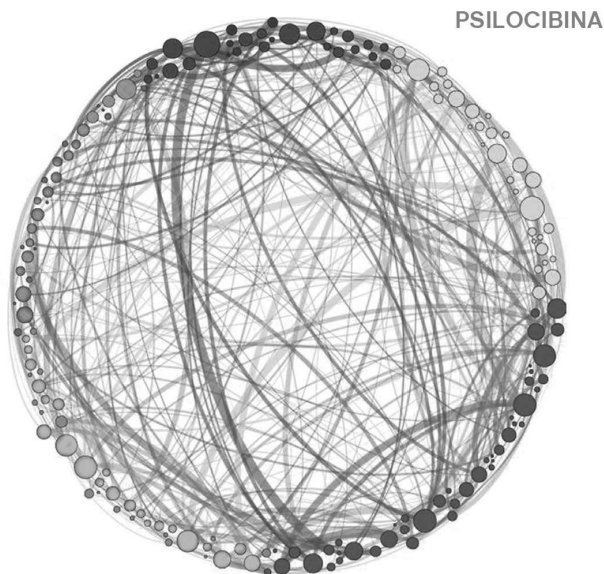
bizarros e sem sentido, mas alguns deles reveladores, imaginativos e, pelo menos potencialmente, transformadores.

Uma maneira de enxergar esse florescimento de estados mentais é pensar que ele dá um impulso temporário à diversidade da nossa vida mental. Caso a resolução de problemas tenha alguma semelhança com a adaptação evolucionária, quanto mais possibilidades a mente tiver à disposição, mais criativas serão as soluções. Nesse sentido, a entropia do cérebro é mais ou menos como a variação na evolução: ela fornece a diversidade de materiais brutos com os quais a seleção pode operar para resolver problemas e trazer novidades ao mundo. Se, como muitos artistas e cientistas já relataram, a experiência psicodélica é um auxílio para a criatividade — para pensar “fora da caixa” —, esse modelo pode ajudar a explicar por quê. Talvez o problema com a “caixa” é que ela seja uma só.



Uma questão fundamental que a ciência dos compostos psicodélicos nem começou a responder é se as novas conexões neurais que essas substâncias tornam possíveis permanecem de alguma forma, ou se voltam ao status quo anterior assim que a droga deixa o organismo. As conclusões do laboratório de Roland Griffiths de que a experiência psicodélica leva a mudanças de longo prazo em traços da personalidade relativos à abertura levanta a possibilidade de que alguns tipos de aprendizado acontecem enquanto o cérebro é reorganizado e que isso de alguma forma perdura. Aprender implica o estabelecimento de novos circuitos neurais; esses circuitos se tornam

mais fortes quanto mais são exercitados. O destino de longo prazo das novas conexões formadas durante a experiência psicodélica — se elas se revelarão duráveis ou evanescentes — talvez dependa de nos lembrarmos delas e, na verdade, de exercitá-las após o término da experiência. (Isso pode ser simples como relembrar o que experimentamos, reforçar isso durante o processo de integração ou usar a meditação para reencenar o estado alterado de consciência.) Franz Vollenweider sugeriu que a experiência psicodélica pode facilitar a “neuroplasticidade”: abrir uma janela na qual padrões de pensamento e comportamento se tornam mais plásticos e mais fáceis de mudar; o modelo dele soa como uma forma de terapia cognitivo-comportamental com mediação química. Mas até o momento isso não passa de especulação; até hoje, o mapeamento que temos do cérebro antes e depois dos psicodélicos é muito incompleto para determinar se a experiência muda alguma coisa de forma duradoura — quanto mais para dizer o que é que muda.



Carhart-Harris argumenta no artigo sobre a entropia que mesmo uma reorganização temporária do cérebro pode ser potencialmente valiosa, em especial para quem sofre de doenças caracterizadas pela rigidez mental. Uma experiência de alta dose de psicodélicos tem o poder de “sacudir o globo de neve”, diz ele, interrompendo padrões não saudáveis de pensamento e criando um espaço de flexibilidade — entropia — em que padrões e narrativas mais saudáveis têm a oportunidade de se misturar enquanto a neve se acomoda.

A IDEIA DE que aumentar a quantidade de entropia no cérebro humano pode ser bom para nós certamente é contraintuitiva. A maioria de nós dá conotação negativa ao termo: entropia sugere deterioração gradual de uma ordem obtida a duras penas, a desintegração do sistema no decorrer do tempo. Não há dúvida de que o envelhecimento *parece* ser um processo entrópico — um caminho gradual de decadência e de desordem da mente e do corpo. Mas essa talvez seja a forma errada de pensar. O artigo de Robin Carhart-Harris me fez refletir se, pelo menos no que diz respeito à mente, envelhecer é na verdade um processo de *redução* da entropia, o enfraquecimento, ao longo do tempo, de algo que deveríamos ver como um atributo positivo da vida mental.

Na meia-idade, a força do pensamento habitual sobre as operações da mente é quase absoluta. A essa altura, posso contar com experiências passadas para propor respostas rápidas e úteis para quase todas as perguntas que a realidade possa apresentar, seja sobre como acalmar uma criança ou um cônjuge, corrigir uma frase, aceitar um elogio, responder à próxima pergunta ou dar sentido ao que quer que esteja acontecendo no mundo. Com a experiência e o tempo, fica mais fácil ir direto ao assunto e chegar a conclusões rápidas — clichês que implicam certa agilidade, mas que podem de fato significar precisamente o oposto: a petrificação do pensamento. Pense nisso como um código preditivo na escala da vida; os precedentes — e agora já tenho milhões deles — costumam me proteger, posso confiar neles para dar uma resposta decente, mesmo que não seja nova ou criativa. Um termo lisonjeiro para esse regime de previsões boas o suficiente é “sabedoria”.

Ler o artigo de Robin me ajudou a entender melhor o que eu estava procurando quando decidi explorar os compostos psicodélicos: chacoalhar meu próprio globo de neve, ver se podia renovar minha vida mental cotidiana ao introduzir nela mais entropia e incerteza. Envelhecer pode tornar o mundo mais previsível (em todos os sentidos), mas também reduz o peso da responsabilidade, criando um novo espaço para a experimentação. No meu caso, para ver se não era tarde demais para abandonar hábitos profundamente entranhados na mente por obra de uma longa experiência de vida.

TANTO NA FÍSICA quanto na teoria da informação, a entropia com frequência é associada à expansão — como a expansão do gás quando aquecido ou liberado das restrições de um recipiente. À medida que as

moléculas do gás se espalham pelo espaço, fica mais difícil prever a localização de cada uma delas; a incerteza do sistema aumenta. Numa brincadeira ao fim de seu artigo sobre a entropia, Carhart-Harris lembra que, nos anos 1960, a experiência psicodélica era em geral descrita como “expansão da consciência”; conscientemente ou não, Timothy Leary e seus colegas usaram a metáfora correta para o cérebro entrópico. Essa metáfora de expansão também está de acordo com a válvula de redução de Huxley, sugerindo que a consciência existe num estado de abertura ou restrição.

Seria quase impossível percebermos uma qualidade tão abstrata quanto a entropia em experimentos, mas, no caso da expansão, isso talvez seja possível. Judson Brewer, o neurocientista que estuda meditação, descobriu que a sensação de expansão da consciência está correlacionada a uma queda na atividade de um nó particular da rede neural de modo padrão — o córtex cingulado posterior, que está associado ao processamento autorreferencial. Uma das coisas mais interessantes sobre a experiência psicodélica é que ela aguça nossa sensibilidade em relação a nossos próprios estados mentais, em particular nos dias logo após a experiência. A integridade habitual da consciência é perturbada de modo a fazer com que qualquer estado — pensamentos vagos, concentração, reflexão — fique mais perceptível, e também, de certa forma, mais fácil de manipular. Na esteira de minhas experiências psicodélicas (e, talvez, após a entrevista com Judson Brewer), descobri que, se me esforçasse, seria capaz de dizer em que ponto estava a minha consciência num espectro que ia da contração à expansão.

Quando, por exemplo, me sinto especialmente generoso ou agradecido, aberto a sentimentos e pessoas e à natureza, percebo uma sensação de expansão. Esse sentimento com frequência vem acompanhado por uma diminuição do ego e por uma redução naquela atenção que damos ao passado e ao futuro de que o ego tanto gosta. (E da qual depende.) Pelo mesmo motivo, há um claro sentimento de contração quando estou obcecado por coisas ou com medo, na defensiva, apressado, preocupado e arrependido. (Esses dois últimos sentimentos não existem sem uma viagem no tempo.) Nesses momentos, me sinto de certa forma mais *eu*, e não de um jeito bom. Se os neurocientistas estão certos, o que estou observando na minha mente tem uma correlação física com o cérebro: a rede neural de modo padrão está ligada ou desligada; a entropia está em alta ou em baixa. Não sei exatamente o que fazer com essa informação.

* * *

HOJE, ISSO PODE estar perdido na memória, mas todos nós, mesmo os

que nunca usaram psicodélicos, tivemos uma experiência pessoal direta com o cérebro entrópico e com o novo tipo de consciência que ele promove — quando fomos crianças. A consciência do bebê é tão diferente da consciência adulta que é como se fosse um país mental próprio, do qual somos expulsos em algum momento no início da adolescência. Há um caminho de volta? O mais perto que podemos chegar de visitar essa terra estrangeira quando adultos talvez seja a viagem psicodélica. Pelo menos essa é a surpreendente hipótese de Alison Gopnik, uma psicóloga do desenvolvimento e filósofa que por acaso é minha colega em Berkeley.

Alison Gopnik e Robin Carhart-Harris atacam o problema da consciência a partir de disciplinas que podem parecer completamente diferentes e parecem ir em direções opostas, mas, logo após descobrirem o trabalho um do outro (enviei por e-mail a Alison um PDF do artigo de Robin sobre a entropia, e contei a ele sobre o incrível livro dela, *The Philosophical Baby* [O bebê filósofo]), começaram uma conversa que se mostrou extraordinariamente esclarecedora, pelo menos para mim.¹⁷ Em abril de 2016, a conversa deles acabou no palco de uma conferência sobre consciência em Tucson, Arizona, onde os dois se conheceram e dividiram um painel.^x

Da mesma maneira que os compostos psicodélicos deram a Carhart-Harris um ângulo oblíquo a partir do qual abordar o fenômeno da consciência normal ao explorar um estado alterado dela, Gopnik propõe que pensemos na mente de uma criança pequena como outro tipo de “estado alterado”, e é impressionante como muitas características se assemelham. Ela alerta que nosso pensamento a respeito do tema costuma ser limitado pela nossa própria experiência restrita de consciência, que naturalmente imaginamos ser tudo o que há. Nesse caso, a maioria das teorias e generalizações sobre a consciência foi feita por pessoas que compartilham um subtipo bastante limitado de consciência que ela chama de “consciência professoral” e define como “a fenomenologia do nosso mediano professor de meia-idade”.

“Como acadêmicos, ou somos incrivelmente focados num problema particular”, Gopnik disse a uma plateia de filósofos e neurocientistas em Tucson, “ou ficamos sentados dizendo a nós mesmos: ‘Por que não posso me concentrar nesse problema em que eu deveria me concentrar, e por que em vez disso estou sonhando acordada?’” A própria Gopnik representa bem o papel de professora de Berkeley com seus sessenta anos, echarpes coloridas, saias esvoaçantes e sapatos práticos. Uma filha dos anos 1960 que agora é avó, ela tem um estilo de falar ao mesmo tempo leve e erudito, recheado de referências que indicam uma mente que se sente em casa tanto nas humanidades quanto na ciência.

“Se você pensar, como as pessoas muitas vezes pensam, que a consciência é apenas isso [...] pode muito bem pensar que crianças pequenas são na verdade menos conscientes do que nós”, porque lhes falta tanto a concentração quanto a autorreflexão. Gopnik nos pede para pensar na consciência da criança em termos não do que falta ou é subdesenvolvido, mas daquilo que é único e está maravilhosamente presente — qualidades que ela acredita que os compostos psicodélicos podem nos ajudar a entender melhor e, possivelmente, voltar a experimentar.

Em *The Philosophical Baby*, Gopnik traça uma distinção útil entre a “consciência holofote” dos adultos e a “consciência lanterna” das crianças pequenas. O primeiro modo permite aos adultos focar a atenção num objetivo. (Em seus comentários, Carhart-Harris chamou isso de “consciência do ego”, ou “consciência com um objetivo”.) No segundo modo — a consciência lanterna —, a atenção é mais difusa, permitindo que a criança apreenda informações de praticamente qualquer lugar em seu campo de atenção, que é bastante amplo, mais amplo do que o da maioria dos adultos. (Por essa medida, crianças são mais conscientes que adultos, e não menos.) Embora as crianças raramente exibam períodos longos de consciência holofote, adultos por vezes experimentam a “vívida iluminação panorâmica do dia a dia” que a consciência lanterna nos permite. Para usar o termo de Judson Brewer, a consciência lanterna é expansiva, e a holofote é limitada, ou contraída.

O cérebro adulto direciona o holofote de sua atenção conforme a sua vontade e depois confia no código preditivo para dar sentido ao que percebe. A abordagem da criança, Gopnik descobriu, é bem diferente. Por ser inexperiente nos caminhos do mundo, a mente da criança pequena tem comparativamente menos precedentes, ou preconcepções, para guiá-la pelos caminhos previsíveis. Assim, a criança aborda a realidade com o espanto de um adulto sob o efeito de psicodélicos.

Gopnik sugere que podemos entender melhor o significado disso para a cognição e o aprendizado olhando o modo como as máquinas aprendem, a inteligência artificial. Quando ensinam computadores a aprender e a resolver problemas, programadores falam em termos de buscas de “alta temperatura” e “baixa temperatura” para respostas a perguntas. Uma busca de baixa temperatura (assim chamada porque requer menos energia) envolve alcançar a resposta mais provável ou mais próxima, como a que funcionou para problemas semelhantes no passado. As buscas de baixa temperatura costumam ser mais bem-sucedidas. Uma busca de alta temperatura requer mais energia porque envolve procurar uma resposta menos provável, mas possivelmente mais engenhosa e criativa — aquelas que são encontradas fora da

caixa de preconceções. Valendo-se de sua riqueza de experiências, a mente adulta realiza buscas de baixa temperatura na maior parte do tempo.

Gopnik acredita que tanto a criança pequena (de cinco anos ou menos) quanto o adulto sob o efeito de compostos psicodélicos têm predileção por buscas de alta temperatura; em sua busca para dar sentido às coisas, suas mentes exploram não apenas o que está próximo e é mais provável, mas “todo o espaço de possibilidades”. Essas buscas de alta temperatura podem ser ineficientes, incorrendo em uma taxa maior de erros e exigindo mais tempo e energia mental. Buscas de alta temperatura podem gerar respostas que se revelam mais mágicas que realistas. Contudo, há momentos em que buscas quentes são a única forma de resolver um problema, e por vezes elas encontram respostas de surpreendente beleza e originalidade. $E = mc^2$ foi o produto de uma busca de alta temperatura.

Gopnik testou a hipótese em crianças no laboratório e descobriu que há problemas de aprendizado que crianças de quatro anos resolvem melhor do que adultos. São precisamente os problemas que requerem pensar fora da caixa, naqueles momentos em que a experiência atrapalha mais do que ajuda os mecanismos de resolução de problemas, muitas vezes pelo fato de o problema ser novo. Em um experimento, ela apresentou às crianças uma caixa de brinquedos que acende e toca música quando se coloca sobre ela certo tipo de bloco. Normalmente, esse “detector” é programado para responder a um único bloco de certa cor ou formato, mas, quando se reprograma a máquina para que reaja apenas quando *dois* blocos são colocados sobre ela, as crianças de quatro anos descobrem isso muito mais rápido do que os adultos.

“O pensamento delas é menos restrito pela experiência, então elas tentam até mesmo as possibilidades mais improváveis”; ou seja, elas conduzem muitas buscas de alta temperatura, testando hipóteses mais distantes. “Crianças são melhores aprendizes que adultos em muitos casos quando as soluções são pouco convencionais”, ou, como ela diz, “quando estão mais distantes no espaço de possibilidades”, um reino onde as crianças estão mais em casa do que nós. Muito mais, de fato.

“Nenhuma espécie tem uma infância tão longa quanto a nossa”, Gopnik lembra a plateia em Tucson. “Esse período extenso de aprendizado e exploração é o que nos distingue. Vejo a infância como o estágio de pesquisa e desenvolvimento da espécie, em que a única preocupação é com o aprendizado e a exploração. Nós adultos somos produção e marketing.” Mais tarde perguntei se ela queria dizer que as crianças realizam o trabalho de pesquisa e desenvolvimento para o indivíduo, não a espécie, mas ela queria dizer exatamente o que disse.

particularmente bons em aprender e prosperar nesse ambiente. Pense nos filhos de imigrantes, nos que descobrem o iPhone aos quatro anos. As crianças não inventaram essas novas ferramentas, não criaram o novo ambiente, mas em cada geração elas constroem o tipo de cérebro que melhor consegue prosperar nesse ambiente. A infância é a forma que a espécie tem de injetar ruídos no sistema da evolução cultural.

“Ruído”, nesse contexto, é outra palavra para “entropia”.

“O cérebro da criança é extremamente plástico, bom para aprender, não para realizar” — melhor para “explorar o mundo do que para explorar pessoas”. Ele também tem uma quantidade maior de conexões neurais do que o cérebro adulto. (Durante o painel, Carhart-Harris mostrou o mapa da mente sob o efeito de LSD, com sua densa floresta de linhas conectando cada região às outras.) Mas, quando chegamos à adolescência, a maior parte dessas conexões é podada, para que o “cérebro humano se torne uma máquina poderosa”. Um elemento-chave desse desenvolvimento é a supressão da entropia, com todas as suas implicações, boas ou más. O sistema esfria, e as buscas quentes se tornam a exceção em vez de a regra. A rede neural de modo padrão entra em funcionamento.

“A consciência se estreita à medida que envelhecemos”, diz Gopnik. “Adultos estão congelados em suas crenças e dificilmente mudam”, ao passo que “crianças são mais fluidas e portanto mais dispostas a ter novas ideias. Se você quiser entender como é uma consciência expandida, basta tomar chá com uma criança de quatro anos.”¹⁸

Ou uma pílula de LSD. Gopnik disse ter ficado impressionada com as semelhanças entre a fenomenologia da experiência com LSD e a compreensão que ela tem da consciência da criança: buscas mais quentes, atenção difusa, mais ruído mental (ou entropia), pensamento mágico e pouco senso contínuo de eu.

“Em resumo, bebês e crianças basicamente viajam o tempo todo.”

* * *

ESSA COMPREENSÃO É sem dúvida interessante, mas será útil? Tanto Gopnik quanto Carhart-Harris acreditam que sim, que a experiência psicodélica, como eles a conceituam, tem potencial de ajudar pessoas doentes e sãs. No caso das pessoas sãs, os compostos psicodélicos, ao introduzirem mais ruído ou entropia no cérebro, podem tirá-las de seus padrões habituais de pensamento — “lubrificar a cognição”, nas palavras de Carhart-Harris —, podendo aumentar o bem-estar, nos tornar mais abertos e melhorar a criatividade. Nos termos de Gopnik, as drogas podem ajudar os adultos a conquistar o tipo de pensamento fluido que é habitual para as crianças, expandindo o espaço de possibilidade criativa. Se a hipótese de Gopnik estiver certa e a

infância for “uma forma de injetar ruído — e novidade — no sistema de evolução cultural”, os compostos psicodélicos podem fazer o mesmo para o sistema da mente adulta.

No caso dos doentes, os pacientes que mais têm a ganhar provavelmente são os que sofrem de tipos de transtornos mentais caracterizados pela rigidez da mente: vício, depressão, obsessão. Segundo Gopnik:

Há uma série de dificuldades e patologias em adultos, como a depressão, que estão conectadas à fenomenologia da reflexão e do foco excessivamente estreito e baseado no ego. Você fica preso a uma mesma coisa, não consegue escapar, fica obsessivo, talvez viciado. Parece plausível para mim que a experiência psicodélica possa nos ajudar a sair desses estados, criar oportunidades para reescrever as velhas histórias de quem somos.

A experiência poderia funcionar como uma espécie de reinício — como quando você “introduz uma explosão de ruído num sistema” que acabou preso a um padrão rígido. Silenciar a rede neural de modo padrão e enfraquecer o controle do ego — que de qualquer forma talvez seja ilusório — também pode ajudar essas pessoas. A ideia de Gopnik de reiniciar o cérebro soa muito como a noção de Carhart-Harris de sacudir o globo de neve: uma forma de aumentar a entropia, ou calor, em um sistema que se tornou congelado e preso.

Logo após a publicação do artigo sobre entropia, Carhart-Harris resolveu pôr algumas de suas teorias em prática ao testá-las em pacientes. Pela primeira vez, o laboratório expandiu seu foco de pesquisa pura para uma aplicação clínica do trabalho. David Nutt conseguiu um patrocínio do governo britânico para que o laboratório conduzisse um pequeno estudo-piloto para examinar o potencial da psilocibina no alívio dos sintomas de pacientes de “depressão resistente a tratamento” — pacientes que não responderam aos habituais protocolos terapêuticos e drogas.

Trabalho clínico era algo que definitivamente estava fora da experiência e da zona de conforto de Carhart-Harris. Um episódio que por infelicidade aconteceu no início do processo apontou para as tensões inerentes entre os papéis de clínico, dedicado apenas ao bem-estar do paciente, e o de cientista, também interessado em conseguir dados. Depois de receber a injeção de LSD em um teste que Carhart-Harris estava conduzindo (não um experimento clínico, devo ressaltar), um voluntário próximo dos quarenta anos chamado Toby Slater começou a se sentir ansioso e pediu para sair do aparelho de ressonância magnética. Depois de uma pausa, Slater, talvez esperando agradar os pesquisadores, se ofereceu para voltar ao aparelho para que eles pudessem concluir o experimento. (“Infelizmente, acho que ele viu que eu estava decepcionado”, lembra Carhart-Harris, com tristeza). Mas a ansiedade de Slater voltou: “Eu me senti uma cobaia”,

disse. Ele voltou a pedir para sair e tentou deixar o laboratório. Os pesquisadores tiveram que convencê-lo a ficar e a tomar um sedativo.

Carhart-Harris descreve o episódio — um dos poucos eventos adversos na pesquisa da Imperial College — como “uma experiência de aprendizado”, e, pelo que dizem, se tornou um clínico compassivo e eficaz, além de cientista — sem dúvida uma rara combinação. A resposta da maioria dos pacientes da pesquisa com depressão, como veremos no próximo capítulo, tem sido notavelmente positiva, pelo menos no curto prazo. Durante um jantar num restaurante na zona oeste de Londres, Robin me contou sobre uma mulher com depressão severa que, ao longo de vários encontros durante a pesquisa, ele nunca vira sorrir. Durante sua viagem de psilocibina, ele a viu “sorrir pela primeira vez”.

“É bom sorrir”, disse ela.

Depois que acabou, ela afirmou ter sido visitada por um anjo da guarda. Descreveu algum tipo de presença, uma voz totalmente solidária que queria que ela ficasse bem. Ela dizia coisas como: “Querida, você precisa sorrir mais, erguer a cabeça, parar de olhar para o chão. Então ela se aproximou e apertou minhas bochechas”, disse, “erguendo os cantos da minha boca.”

“Devia ser isso que estava acontecendo na mente dela quando a vi sorrir”, disse Robin, ele mesmo dando um sorriso largo, ainda que meio tímido. Depois da experiência, a pontuação da depressão da mulher caiu de 36 para quatro.

“Tenho que dizer, foi uma sensação muito boa.”

I. Em seu livro de 2012, *Drugs: Without the Hot Air* [Drogas: Sem o ar quente], Nutt escreve que os “compostos psicodélicos, de maneira geral, estão entre as drogas mais seguras que conhecemos [...] É praticamente impossível morrer de overdose desse tipo de droga; elas não causam danos físicos e não provocam vício” (p. 254).

II. As principais estruturas que formam a rede neural de modo padrão são: córtex medial pré-frontal, lóbulo inferior parietal, córtex lateral temporal, córtex dorsal medial pré-frontal e hipocampo. Ver Randy L. Buckner, Jessica R. Andrews-Hanna e Daniel L. Schacter: “The Brain’s Default Network”, *Annals of the New York Academy of Sciences* 1124, n. 1 (2008). Embora as imagens neurológicas indiquem fortes ligações entre essas estruturas, o conceito de rede neural de modo padrão ainda é novo e não é universalmente aceito.

III. É importante ter em mente as limitações da ressonância magnética funcional e de outras tecnologias de neuroimagens. A maior parte delas não mede a atividade cerebral diretamente, mas sim indicadores da mesma, como o fluxo de sangue e o consumo de oxigênio. Elas também dependem de programas complexos para traduzir sinais fracos em imagens dramáticas, programas cuja precisão tem sido questionada pelos críticos. Percebi que neurocientistas que trabalham com animais nos quais podem inserir sondas desdenham da ressonância, enquanto cientistas do cérebro que trabalham com humanos aceitam que essa é a melhor ferramenta disponível.

IV. Estou usando os termos de forma mais ou menos intercambiável. No entanto, o ego, associado intimamente ao modelo da mente proposto por Freud, implica uma construção que tem relação dinâmica com outras partes da mente, como o inconsciente, ou id, agindo em

nome do eu.

V. Vale a pena notar que esses resultados parecem estar em conflito com a hipótese inicial de Amanda Feilding de que os compostos psicodélicos atuam aumentando o fluxo de sangue no cérebro.

VI. David Nutt e Amanda Feilding são coautores.

VII. Desde então, Brewer se mudou para a Faculdade de Medicina da Universidade de Massachusetts, onde é diretor de pesquisa do Centro de Mindfulness.

VIII. Como exatamente os compostos psicodélicos conseguem isso, em termos neuroquímicos, ainda é incerto, mas alguns dos pontos da pesquisa de Carhart-Harris apontam para um mecanismo plausível. Em razão de sua afinidade com os receptores de serotonina 2A, os compostos psicodélicos levam um grupo de neurônios no córtex (a “camada piramidal interna”, para ser exato) que são ricos desses receptores a disparar de maneira a dessincronizar as oscilações normais do cérebro. Carhart-Harris compara essas oscilações, que ajudam a organizar a atividade cerebral, ao aplauso sincronizado de uma plateia. Quando alguns indivíduos rebeldes aplaudem fora de ordem, o aplauso se torna menos rítmico e mais caótico. Da mesma forma, a excitação desses neurônios corticais parece atrapalhar as oscilações de uma frequência em particular — as ondas alfa — que já foram relacionadas com a atividade na rede de modo padrão e, especificamente, com a autorreflexão.

IX. Esta pesquisa foi publicada em 2017: Matthew M. Nour et al., “Psychedelics, Personality, and Political Perspectives”, *Journal of Psychoactive Drugs*. “A dissolução do ego experimentada durante a experiência psicodélica ‘mais intensa’ do participante fazia prever visões políticas liberais, abertura e relacionamento com a natureza, e também permitia prever a ausência de visões políticas autoritárias.”

X. O painel foi gravado e está disponível no YouTube: <www.youtube.com/watch?v=v2VzRMevUXg>.

A VIAGEM DE TRATAMENTO

Compostos psicodélicos na psicoterapia

I: Morrendo

NA UNIVERSIDADE DE Nova York, as viagens de psilocibina acontecem numa sala de tratamento cuidadosamente decorada para lembrar uma confortável sala de estar, e não uma suíte de hospital. A decoração quase funciona, não fossem os acessórios de aço inoxidável e plástico da medicina moderna que de vez em quando aparecem em meio às frestas da cortina, lembranças frias de que a sala em que você está viajando fica no coração de um grande complexo médico urbano.

Um sofá confortável, comprido o bastante para o paciente poder se esticar durante a sessão, fica encostado em uma das paredes. Uma pintura abstrata — ou é uma paisagem cubista? — encontra-se pendurada na parede oposta, e, nas prateleiras, grandes livros sobre arte e mitologia dividem o espaço com artefatos nativos e bugigangas espirituais — um cogumelo de cerâmica, um Buda, um cristal. Poderia ser o apartamento de um viajado psicólogo de meia-idade interessado em religiões orientais e na arte do que antes chamávamos de culturas primitivas. Mas a ilusão acaba assim que você olha para o teto branco com revestimento acústico, onde há trilhos de cortinas que normalmente separariam um leito de outro. Há também o banheiro gigante, com luz fluorescente e equipado com as barras de segurança e os pedais indispensáveis.

Foi nessa sala que ouvi pela primeira vez a história de Patrick Mettes, um paciente de câncer voluntário da pesquisa da NYU com psilocibina que, durante uma turbulenta viagem de seis horas no sofá onde agora estou sentado, teve uma experiência que mudou sua vida — ou, talvez eu deva dizer, mudou sua morte. Eu tinha ido entrevistar Tony Bossis, psicólogo de cuidados paliativos que guiou Mettes naquele dia, e seu colega Stephen Ross, psiquiatra do Hospital Bellevue que coordenava o estudo, tentando determinar se uma única

dose elevada de psilocibina seria capaz de aliviar a ansiedade e a depressão que costumam acompanhar o diagnóstico de um câncer possivelmente fatal.

Bossis, hirsuto e pessimista, parece de fato um psicólogo cinquentão de Manhattan interessado em terapias alternativas, mas Ross, aos quarenta e poucos anos, parece bem mais certinho; bem-arrumado, de terno e gravata, ele passaria por um banqueiro de Wall Street. Adolescente estudioso que cresceu em Los Angeles, Ross diz que não teve experiência pessoal com psicodélicos e que não sabia quase nada sobre o assunto até um colega mencionar que o LSD fora usado com sucesso no tratamento de alcólatras nos anos 1950 e 1960. Sendo essa a sua especialidade psiquiátrica, Ross foi pesquisar e ficou surpreso ao descobrir “todo um conhecimento completamente oculto”. Nos anos 1990, quando ele começou sua residência em psiquiatria na Universidade Columbia e no Instituto de Psiquiatria do Estado de Nova York, a história da terapia psicodélica tinha sido apagada e jamais era mencionada.

A pesquisa na NYU, junto com um estudo irmão conduzido no laboratório de Roland Griffiths na Johns Hopkins, é um dos poucos esforços para retomar a linha de investigação abandonada nos anos 1970, quando a terapia autorizada com compostos psicodélicos acabou. Ao mesmo tempo que os estudos na NYU e na Hopkins avaliam o potencial dos psicodélicos para ajudar pacientes terminais, outras pesquisas em andamento exploram a possibilidade de que essas drogas (em geral a psilocibina, porque, como Ross explicou, ao contrário do LSD, ela não “carrega a bagagem política daquelas três letras”) possam ser usadas para tratar a depressão e reduzir o vício — em álcool, cocaína e tabaco.

Nenhum desses trabalhos é exatamente novo: mergulhar na história da pesquisa clínica com psicodélicos é perceber que muito desse solo já foi lavrado. Charles Grob, psiquiatra da Universidade da Califórnia cujo estudo-piloto de 2011 usou psilocibina para tratar a ansiedade em pacientes de câncer, abrindo caminho para os experimentos da NYU e da Hopkins, reconhece que “de várias formas estamos simplesmente recebendo o bastão de gerações anteriores de pesquisadores que tiveram que parar por causa de pressões culturais”. Mas, se os psicodélicos puderem ser aceitos na medicina moderna, todo esse conhecimento enterrado precisa ser exumado, e os experimentos que os produziram devem ser refeitos de acordo com os métodos científicos atuais.

No entanto, ao mesmo tempo que as terapias psicodélicas são testadas pela ciência moderna, a própria estranheza dessas moléculas e do modo como agem na mente testam a medicina ocidental, para ver se ela é capaz de lidar com os desafios implícitos que elas impõem.

Para citar um exemplo óbvio, é difícil, se não impossível, conduzir pesquisas com psicodélicos utilizando placebos: a maioria dos participantes sabe dizer se recebeu a psilocibina ou o placebo, e o mesmo vale para seus guias. Além disso, ao testar essas drogas, como os pesquisadores poderão separar o efeito químico da influência decisiva do ambiente e do cenário? A ciência ocidental e o estudo moderno de drogas dependem da habilidade de se isolar uma única variável, mas não está claro se algum dia será possível isolar o efeito dos psicodélicos, seja do contexto em que eles são administrados, da presença do terapeuta envolvido ou das expectativas dos voluntários. Qualquer um desses fatores pode turvar as águas da causalidade. E como a medicina ocidental poderá avaliar uma droga psiquiátrica que parece funcionar não exatamente por seu efeito farmacológico, e sim por provocar certo tipo de experiência na mente?

Some-se a isso o fato de que o tipo de experiência que essas drogas provocam é muitas vezes classificado como “espiritual”, e a terapia psicodélica se transforma numa pílula bem grande para a medicina moderna engolir. Charles Grob reconhece o desafio, mas sua confiança parece revigorante: ele descreve a terapia psicodélica como uma forma de “misticismo aplicado”. Sem dúvida uma frase estranha para um cientista, e que para muitos ouvidos pode parecer perigosamente não científica.

“Para mim, isso não é um conceito médico”, disse Franz Vollenweider, o pioneiro pesquisador de compostos psicodélicos, à revista *Science*, quando pediram a ele que comentasse o papel do misticismo na terapia psicodélica. “Está mais para um conceito xamanístico interessante.”¹ Porém outros pesquisadores que trabalham com compostos psicodélicos não fogem da ideia de que elementos do xamanismo possam ter um papel na terapia psicodélica — como de fato provavelmente tiveram por muitos anos antes do surgimento da ciência. “Para desenvolver um método de pesquisa ótimo que avalie a utilidade terapêutica dos alucinógenos”, escreveu Grob, “não bastará aderir a padrões estritos da metodologia científica. Precisamos também prestar atenção a exemplos de aplicações bem-sucedidas que seguem o paradigma xamanístico.”² Nesse paradigma, o xamã/terapeuta cuidadosamente orquestra “variáveis extrafarmacológicas” como cenário e ambiente para dar às “propriedades hipersugestionáveis” desses remédios seu melhor uso. É precisamente aí que a terapia psicodélica parece operar: numa fronteira entre espiritualidade e ciência que é ao mesmo tempo instigante e desconfortável.

Entretanto, o tratamento de saúde mental nos Estados Unidos está tão “quebrado” — para usar a expressão de Tom Insel, que até 2015 dirigiu o Instituto Nacional de Saúde Mental — que hoje há mais

disposição para testar novas abordagens radicais do que há uma geração. A caixa de ferramentas farmacológica para tratar a depressão — uma condição que afeta quase 10% dos americanos e é a principal causa de incapacitação no mundo todo — apresenta atualmente poucas opções, com os antidepressivos perdendo eficácia e a fonte de novas drogas psiquiátricas secando. As farmacêuticas não investem mais no desenvolvimento das chamadas drogas SNC — remédios cujo alvo é o sistema nervoso central. O sistema de saúde mental atende só uma fração das pessoas que sofrem de transtornos mentais — a maioria não se sente estimulada a procurar tratamento por causa do custo, do estigma social ou da ineficiência. Há quase 43 mil suicídios todos os anos nos Estados Unidos (mais do que o número de mortes por câncer de mama ou acidentes de carro), e no entanto só metade das pessoas que tiraram a própria vida já haviam recebido tratamento de saúde mental.³ “Quebrado” não parece uma caracterização muito dura para um sistema como esse.

Jeffrey Guss, psiquiatra de Manhattan e coinvestigador nos estudos da NYU, acha que o momento pode ser ideal para um paradigma completamente novo na psicoterapia. Guss destaca que, por muitos anos, “tivemos esse conflito entre tratamentos baseados na biologia e tratamentos psicodinâmicos. Eles competem por legitimidade e recursos. O transtorno mental é um distúrbio químico ou a perda do sentido da vida? A terapia psicodélica é o casamento das duas abordagens”.

Nos últimos anos, “a psiquiatria, que antes não tinha cérebro, agora ficou sem mente”, diz um psicanalista.⁴ Caso a terapia psicodélica se mostre bem-sucedida, será por reunir outra vez cérebro e mente na prática da psicoterapia. Pelo menos é essa a promessa.

Para terapeutas que trabalham com pessoas enfrentando o fim da vida, isso não é um mero interesse acadêmico. Conversando com Stephen Ross e Tony Bossis na sala de tratamento da NYU, fiquei impressionado com a empolgação dos dois, que beirava uma felicidade infantil, pelos resultados que estavam observando em seus pacientes com câncer — depois de uma única sessão de psilocibina guiada. No início, Ross não conseguia acreditar no que via:

Pensei que as primeiras dez ou vinte pessoas tinham sido plantadas — elas tinham que estar fingindo. Elas diziam coisas como “Entendo que o amor é a força mais poderosa no planeta” ou “Tive um encontro com meu câncer, essa nuvem preta de fumaça”. Estavam viajando para o início de suas vidas e voltando com um sentimento profundo das coisas, com novas prioridades. Pessoas que tinham um evidente medo da morte... elas perderam esse medo. O fato de que uma droga administrada uma única vez possa ter tal efeito por tanto tempo é um achado sem precedentes. Nunca tivemos nada assim no campo psiquiátrico.

Foi aí que Tony Bossis me contou de sua experiência

acompanhando Patrick Mettes numa viagem para um lugar da mente que, de alguma forma, aliviou o domínio do terror sobre ele.

Você está na sala, mas está na presença de algo grande. Lembro que, depois de duas horas de silêncio, Patrick começou a chorar baixinho e disse, duas vezes: “Nascer e morrer dá muito trabalho.” É uma experiência de humildade sentar ali. É o dia mais recompensador da sua carreira.

Especialista em cuidados paliativos, Bossis passa grande parte de seu tempo com gente à beira da morte. “As pessoas não percebem como a psiquiatria tem poucas ferramentas para abordar o sofrimento existencial.” Sofrimento existencial é como os psicólogos chamam o conjunto de depressão, ansiedade e medo comum a pessoas com doenças terminais. “Xanax não é a resposta.” Se houver uma resposta, acredita Bossis, sua natureza será mais espiritual do que farmacológica.

“Então, como não explorar essas drogas”, pergunta ele, “se elas podem recalibrar o modo como morremos?”

* * *

FOI NUMA SEGUNDA-FEIRA de abril de 2010 que Patrick Mettes, um diretor de jornalismo televisivo de 53 anos que passava por um tratamento contra um câncer nos dutos biliares, leu uma reportagem na primeira página do *New York Times* que iria mudar sua morte. Ele recebera o diagnóstico três anos antes, logo depois que sua esposa, Lisa Callaghan, notou que o branco de seus olhos de repente se tornou amarelo. Em 2010, o câncer tinha se espalhado para os pulmões de Patrick, e ele estava cedendo sob o peso de um regime quimioterápico especialmente debilitante e lidando com a percepção de que talvez não fosse sobreviver. A matéria, cuja chamada era “Alucinógenos voltam a atrair a atenção dos médicos”, citava brevemente a pesquisa na NYU onde a psilocibina estava sendo testada para aliviar o sofrimento existencial em pacientes de câncer. De acordo com Lisa, Patrick não tinha experiência com compostos psicodélicos, mas na mesma hora decidiu ligar para a universidade e se oferecer como voluntário.

Lisa era contra a ideia. “Eu não queria que houvesse uma saída fácil”, ela me contou. “Queria que ele lutasse.”

Patrick ligou mesmo assim, e, depois de preencher alguns formulários e responder a uma longa lista de perguntas, foi aceito no estudo. Ele foi designado para Tony Bossis. Tony tinha quase a mesma idade que Patrick; além disso, é um homem emotivo, de cordialidade e compaixão incomuns, e os dois imediatamente se deram bem.

No primeiro encontro, Bossis disse a Patrick o que esperar. Após

três ou quatro sessões preparatórias de psicanálise, Patrick agendaria a aplicação de duas doses — a primeira de um “placebo ativo” (uma alta dose de niacina, que produz uma sensação de entorpecimento), e a outra de uma cápsula com 25 miligramas de psilocibina. As sessões aconteceriam na sala de tratamento onde me encontrei com Bossis e Ross. Em cada sessão, Patrick passaria boa parte do dia deitado no sofá com óculos escuros e escutando pelo fone de ouvido uma playlist cuidadosamente escolhida — Brian Eno, Philip Glass, Pat Metheny e Ravi Shankar, além de música clássica e composições New Age. Um homem (Bossis) e uma mulher (Krystallia Kalliontzi) acompanhariam toda a sessão, falando o menos possível, mas permanecendo disponíveis para ajudar em caso de problemas. Como preparação, os dois compartilharam com Patrick as “instruções de voo” escritas por Bill Richards, pesquisador da Hopkins.

Bossis sugeriu a Patrick que usasse a frase “Confie e se deixe levar” como uma espécie de mantra para a viagem. Vá aonde a viagem levá-lo, aconselhou: “Suba escadas, abra portas, explore caminhos, voe sobre as paisagens.” Mas o conselho mais importante foi no sentido de, em vez de tentar fugir, ir sempre na direção de qualquer coisa realmente assustadora ou monstruosa — olhá-la direto nos olhos. “Finque os pés no chão e pergunte: ‘O que você está fazendo na minha mente?’ ou ‘O que posso aprender com você?’”

* * *

A IDEIA DE dar psicodélicos a moribundos não partiu de terapeutas ou cientistas, e sim de Aldous Huxley, em uma carta a Humphry Osmond na qual propunha um projeto de pesquisa envolvendo “a administração de LSD para casos terminais de câncer, na esperança de tornar o processo da morte mais espiritual, menos estritamente fisiológico”. O próprio Huxley fez sua esposa, Laura, aplicar nele uma injeção de LSD em seu leito de morte, em 22 de novembro de 1963.

Aquela altura, a ideia de Huxley tinha sido testada em vários pacientes de câncer na América do Norte. Em 1965, Sidney Cohen escreveu um ensaio para a *Harper's* (“O LSD e a angústia da morte”) explorando o potencial dos psicodélicos para “alterar a experiência de morte”.⁵ Ele descreveu o tratamento com LSD como “terapia de autotranscendência”. A premissa era que nosso medo da morte é uma função dos nossos egos, que nos sobrecarregam com um sentimento de individualidade que pode se tornar insuportável ao nos aproximarmos da morte. “Nascemos num mundo sem ego”, escreveu Cohen, “mas vivemos e morremos presos dentro de nós mesmos.”

A ideia era usar os compostos psicodélicos para escapar da prisão do eu. “Queríamos providenciar um intervalo breve e lúcido de

completa ausência do ego para demonstrar que a manutenção da integridade do eu não é absolutamente necessária, e que talvez haja algo “lá fora” — algo maior que nosso eu individual que pode sobreviver à morte. Cohen citou uma paciente, uma mulher nos estágios finais de um câncer de ovário, descrevendo sua mudança de perspectiva após a sessão de LSD:

Minha extinção não tem grande consequência neste momento, nem mesmo para mim. É só mais uma mudança no balanço entre existência e não existência. Sinto que tem pouco a ver com a igreja ou com o que se fala da morte. Suponho que estou solta — é isso —, longe de mim, da dor e da minha decadência. Poderia morrer tranquilamente agora — se tiver que ser. Não estou convidando a morte, nem a evitando.

Em 1972, Stanislav Grof e Bill Richards, que trabalhavam juntos em Spring Grove, escreveram que o LSD dava aos pacientes uma experiência de “unidade cósmica”⁶ de forma que a morte, “em vez de ser vista como um fim absoluto de tudo e um passo rumo ao nada, de repente parece ser uma transição em direção a outro tipo de existência [...] A ideia da possível continuidade da consciência além da morte física se torna muito mais plausível do que o seu oposto”.

* * *

OS PESQUISADORES DA NYU pedem que os voluntários do estudo com psilocibina escrevam um relato da viagem logo após o fim da sessão, e Patrick Mettes, que era jornalista, levou a tarefa a sério. Sua esposa, Lisa, disse que depois da sessão de sexta-feira Patrick trabalhou durante todo o fim de semana para dar sentido à experiência e botá-la no papel. Lisa concordou em compartilhar o relato dele comigo e também deu permissão para que Tony Bossis, terapeuta de Patrick, me mostrasse suas anotações da sessão, assim como as anotações de várias sessões de acompanhamento de psicoterapia posteriores.

Lisa, na época executiva de marketing de uma empresa de utensílios de cozinha, tinha uma reunião importante naquela manhã de janeiro de 2011, e por isso Patrick foi sozinho para a sala de tratamento na Faculdade de Odontologia da NYU, na esquina da Primeira Avenida com a rua 24, pegando o metrô perto do apartamento do casal no Brooklyn. (A sala de tratamento ficava na Faculdade de Odontologia porque, na época, tanto o centro de câncer do Hospital Bellevue quanto o da NYU desejavam manter distância de pesquisas envolvendo psicodélicos.) Tony Bossis e Krystallia Kalliontzi receberam Patrick, repassaram o plano do dia e, às nove horas, deram a ele um cálice com a pílula; se o que havia ali era psilocibina ou o placebo, nenhum deles saberia por pelo menos trinta minutos. Eles

pediram a Patrick que dissesse qual era a sua intenção, e ele respondeu que era aprender a lidar melhor com a ansiedade e a depressão que sentia em relação ao câncer e trabalhar no que ele chamou de “arrependimento na vida”. Ele colocou algumas fotos na sala, mostrando seu casamento com Lisa e o cachorro do casal, Arlo.

Às nove e meia, Patrick deitou no sofá, pôs os fones de ouvido e os óculos e ficou quieto. Em seu relato, ele comparou o início da viagem com o lançamento de uma nave espacial: “uma decolagem fisicamente violenta e um pouco desajeitada que acabou dando lugar à feliz serenidade da ausência de peso”.

Muitos voluntários que entrevistei relataram episódios iniciais de intenso medo e ansiedade antes de se entregarem à experiência, como orientam os guias. É aqui que entram as instruções de voo. A promessa é que, caso você se renda ao que quer que aconteça (“confie, relaxe, esteja aberto” ou “relaxe e deixe-se levar pela corrente”), aquilo que a princípio parece terrível logo se transformará em outra coisa, provavelmente em algo agradável, até mesmo feliz.

Logo no começo da viagem, Patrick encontrou a esposa de seu irmão, que morrerá de câncer mais de vinte anos antes, aos 43 anos. “Ruth foi uma espécie de guia turística para mim”, escreveu, e “não pareceu surpresa em me ver. Ela ‘vestia’ seu corpo translúcido para que eu pudesse reconhecê-la... Esse período da minha viagem parecia ser sobre o feminino”. Michelle Obama fez uma aparição.

A considerável energia feminina ao meu redor deixou clara a ideia de que uma mãe, qualquer mãe, independentemente dos seus defeitos... não pode jamais NÃO amar seus filhos. Isso era muito poderoso. Eu sabia que estava chorando... foi nesse ponto que senti como se estivesse saindo do útero... sendo parido novamente. Meu renascimento foi suave... reconfortante.

Por fora, no entanto, o que estava acontecendo com Patrick não parecia nada suave. Ele estava chorando, anotou Bossis, e respirando pesadamente. Foi nesse ponto que disse pela primeira vez que “nascer e morrer dá muito trabalho” e parecia estar convulsionando. Patrick estendeu a mão e apertou a mão de Kalliontzi enquanto dobrava os joelhos e fazia força, como se estivesse dando à luz um bebê. Das anotações de Bossis:

11h15 “Meu Deus.”

11h25 “É realmente tão simples.”

11h47 “Quem diria que homens podem parir?” E depois: “Pari, mas não sei o quê.”

12h10 “É maravilhoso.” Patrick alternadamente ri e chora nesse momento. “Ah, Deus, agora tudo faz sentido, tão simples e lindo.”

Aqui Patrick pediu para fazer uma pausa. “Estava ficando muito intenso”, escreveu. Ele tirou o fone de ouvido e os óculos.

Sentei e falei com Tony e Krystallia. Disse que todo mundo merecia ter essa experiência... que, se todo mundo passasse por aquilo, ninguém jamais voltaria a machucar os outros... as guerras seriam impossíveis. A sala e tudo ali dentro era lindo. Tony e Krystallia, sentados em almofadas, estavam radiantes!

Eles ajudaram Patrick a ir ao banheiro. “Mesmo os germes (se algum estivesse presente) eram lindos, assim como tudo no nosso mundo e no universo.”

Depois, ele relutou um pouco em “voltar”.

“Dava bastante trabalho, mas eu adorava a sensação de aventura.” Ele acabou pondo os óculos e o fone e se deitando outra vez.

Dali em diante, o amor foi meu único pensamento... O amor era e é o único propósito. O amor parecia emanar de um único ponto de luz... e vibrava... Eu sentia meu corpo físico tentando vibrar em unidade com o cosmos... e, o que era frustrante, me senti como alguém que não sabe dançar... mas o universo aceitou. A pura alegria... a felicidade... o nirvana... era indescritível. E, de fato, não há palavras para capturar com precisão a minha experiência... meu estado... esse lugar. Sei que nunca tive um prazer terreno que se aproximasse dessa sensação... nenhuma sensação, nenhuma imagem de beleza, nada durante meu tempo na Terra pareceu tão puro ou agradável ou glorioso como o pico dessa viagem.

Em voz alta, ele disse: “Nunca antes tive um orgasmo da alma.” A música teve grande importância na experiência: “Eu estava aprendendo uma música, e a música era simples... era uma nota... Dó... era a vibração do universo... uma coleção de tudo que jamais existiu... tudo se somando e equivalendo a Deus.”

Patrick então descreveu uma epifania que tinha a ver com a simplicidade. Ele estava pensando sobre política e comida, música e arquitetura, e — seu campo — jornalismo televisivo, que ele concluiu ser, como todo o resto, “excessivamente produzido. Colocamos notas demais na música... muitos ingredientes na receita... muitos floreios nas roupas que vestimos, nas casas em que vivemos... tudo parecia tão sem sentido quando bastava focar no amor”. Em seguida ele viu Derek Jeter, na época o *shortstop* dos Yankees, “fazendo outra corrida de bailarino até a primeira base”.

“Eu estava convicto naquele momento de que tinha entendido tudo [...] estava lá na minha frente... o amor... a única coisa que importava. Essa agora vai ser a causa da minha vida.”

Então ele disse algo que Bossis anotou às 12h15: “Ok, já entendi! Vocês podem todos ir para casa. Nosso trabalho terminou.”

Mas não tinha terminado, ainda não. Agora “passei pelos meus pulmões... eu me lembro de ter respirado fundo para facilitar a ‘visão’”. Às 14h30, segundo as anotações de Bossis, Patrick disse:

Fui até meus pulmões e vi duas manchas. Não eram grande coisa.

Estavam me dizendo (sem usar palavras) para que eu não me preocupasse com o câncer... ele é pequeno no plano das coisas... só uma imperfeição da nossa

humanidade, havendo coisas mais importantes... o trabalho real a ser feito está diante de você. Mais uma vez, o amor.

Em seguida Patrick experimentou o que chamou de “breve morte”.

Cheguei perto de uma coisa que parecia um pedaço de aço bem afiado, pontiagudo. Uma espécie de lâmina. Fui até o topo desse objeto de metal brilhante e, quando cheguei, podia escolher, olhar ou não, para o abismo infinito... a vastidão do universo... o olho de tudo... [e] de nada. Hesitei, mas não estava assustado. Queria ir com tudo, mas senti que, se fosse, provavelmente ia abandonar meu corpo para sempre... morte para esta vida. Mas não foi uma decisão difícil... eu sabia que tinha muito mais para mim aqui.

Quando contou aos guias sobre sua escolha, Patrick explicou que “não estava pronto para saltar e deixar Lisa”.

Então, de certa forma subitamente, por volta das três da tarde, acabou. “A transição do estado onde eu não tinha nenhum senso de tempo ou espaço para a relativa aridez do agora foi rápida. Minha cabeça doía.”

Quando Lisa chegou para levá-lo para casa, Patrick “parecia ter corrido uma maratona”, lembra ela. “A cor do rosto dele não era boa, ele parecia cansado e suado, mas cheio de empolgação. Estava aceso com tudo que queria me contar e tudo que não sabia como contar.” Ele disse que tinha “tocado a face de Deus”.

* * *

CADA VIAGEM PSICODÉLICA é diferente, mas alguns temas parecem se repetir no caso das pessoas que batalham contra um câncer. Muitos pacientes de câncer que entrevistei descreveram a experiência de dar à luz ou renascer, embora nenhuma tão intensa quanto a de Patrick. Muitos descreveram também um encontro com o câncer (ou com o medo que sentiam dele) que foi capaz de reduzir o poder da doença sobre eles. Mencionei antes a experiência de Dinah Bazer, uma pequena e meiga nova-iorquina na casa dos sessenta anos, instrutora de patinação artística, diagnosticada com câncer de ovário em 2010. Quando nos conhecemos na sala de tratamento da NYU, Dinah, que tem cachos ruivos e usa grandes brincos de argolas, me contou que mesmo depois de um ciclo de quimioterapia bem-sucedido estava paralisada pelo medo da recidiva e perdia seus dias “esperando a próxima má notícia”.

Ela também trabalhou com Tony Bossis, e nos primeiros momentos de sua sessão, que foram difíceis, imaginou estar presa no compartimento de carga de um navio, balançando, tomada pelo medo.

Coloquei a mão para fora da coberta e disse: “Estou tão assustada.” Tony segurou a minha mão e me disse para simplesmente ir adiante. A mão dele virou minha

Vi meu medo. Quase como num sonho, meu medo ficava debaixo das costelas, do lado esquerdo; não era meu tumor, era uma coisa preta no meu corpo. E aquilo me deixou com muita raiva; eu estava furiosa com o meu medo. Gritei: “*Vá embora daqui! Não vou ser comida viva.*” E quer saber? Ele sumiu! Foi embora. Minha raiva mandou aquilo embora.

Dinah relata que, passados vários anos, o medo não voltou. “O câncer está fora do meu controle, mas descobri que o medo não está.”

A epifania de Dinah deu lugar a um sentimento de “amor opressivo” quando seus pensamentos se deslocaram do medo para os filhos. Ela me contou que era e continua sendo uma “ateia convicta”; contudo “a frase que usei — que odeio usar, mas é a única forma de descrever — é que me senti ‘banhada pelo amor divino’”. O paradoxo é uma das marcas da experiência mística, e a contradição entre o amor divino que Dinah sentiu e “não ter uma gota de crença” não parece desanimá-la. Quando falei disso, ela deu de ombros e sorriu. “Existe outra forma de expressar isso?”

Visões da morte aparecem muitas vezes nas viagens realizadas pelos pacientes de câncer que entrevistei na NYU e na Hopkins, o que não chega a surpreender. Uma sobrevivente de câncer de mama de 60 anos (que me pediu para permanecer anônima) disse estar voando alegremente pelo espaço como num videogame até colidir com a parede do crematório e perceber, assustada,

que tinha morrido e ia ser cremada. (Mas não passei pela experiência da cremação... como poderia? Eu estava morta!) No momento seguinte, estou sob o solo dessa floresta linda, densa, enlameada e marrom. Há raízes em volta de mim e vejo as árvores crescendo, e sou parte delas. Eu tinha morrido, mas estava lá no chão com todas essas raízes e não me sentia triste nem feliz, só natural, contente, em paz. Eu não tinha ido embora. Eu era parte da terra.

Muitos pacientes de câncer relataram ter ido até a beira do precipício e olhado para o outro lado antes de se afastar. Tammy Burgess, diagnosticada com câncer no ovário aos 55 anos, se viu olhando através “do grande plano da consciência. Foi muito sereno e belo. Eu me senti sozinha, mas podia estender a mão e tocar qualquer pessoa que conheci. Quando minha hora chegar, é para lá que a minha vida vai, e não vejo problema nisso”.

A estranha autoridade da experiência psicodélica talvez ajude a explicar por que tantos pacientes de câncer nos experimentos relataram ver seu medo da morte acabar ou pelo menos diminuir: eles olharam diretamente para a morte e aprenderam algo sobre ela, mais ou menos como num ensaio. “Uma experiência de alta dose de psicodélico é uma prática da morte”, afirma Katherine MacLean, ex-psicóloga da Hopkins. “Você está perdendo tudo que sabia ser real,

abrindo mão do ego e do corpo, e esse processo pode parecer uma morte.” E contudo a experiência traz a notícia reconfortante de que há *algo* do outro lado daquela morte — seja o “grande plano da consciência” ou o fato de as cinzas da pessoa irem para o subsolo para serem sugadas pelas raízes das árvores —, e que uma inteligência permanente e externa ao corpo de alguma forma sabe disso. “Agora sei que há toda uma outra ‘realidade’”, uma voluntária da NYU contou a um pesquisador meses depois de sua viagem. “Se for comparar com outras pessoas, é como se eu soubesse outra língua.”

Em uma sessão de acompanhamento com Tony Bossis algumas semanas depois da viagem, Patrick Mettes — descrito pela esposa, Lisa, como uma “pessoa terrena, conectada, alguém que fazia as coisas acontecerem” — discutiu a ideia de um pós-morte. As anotações de Bossis indicam que Patrick interpretou sua viagem como “claramente uma janela [...] [para] um tipo de pós-vida, algo além desse corpo físico”. Ele falou do “plano de existência do amor” como sendo “infinito”. Em sessões subsequentes, Patrick falou sobre seu corpo e o câncer “como um tipo de ilusão”. Também ficou claro que, pelo menos em termos psicológicos, Patrick estava visivelmente bem depois da sessão. Meditava com regularidade, se sentia mais capaz de viver no presente e “disse amar a esposa ainda mais”. Em uma sessão em março, dois meses depois da viagem, Bossis anotou que, apesar de estar morrendo lentamente de câncer, Patrick “sente-se muito feliz com a vida”.

“Sou o homem mais sortudo do mundo.”⁷

* * *

ATÉ QUE PONTO devemos nos preocupar com a autenticidade dessas experiências? A maioria dos terapeutas envolvidos na pesquisa tem uma visão escrupulosamente pragmática dessa questão. Eles estão preocupados em aliviar o sofrimento de seus pacientes e demonstram interesse limitado pelas teorias metafísicas e questionamentos relativos à verdade. “Não ganho o suficiente para isso”, disse Tony Bossis, dando de ombros quando perguntei se ele pensava que as experiências de consciência cósmica descritas por seus pacientes eram fictícias ou reais. Diante da mesma pergunta, Bill Richards citou William James, que sugeriu que julgamos a experiência mística não por sua veracidade, que é incognoscível, mas pelos “seus frutos”: ela está colocando a vida de alguém numa direção positiva?

Muitos pesquisadores reconhecem que pode haver um efeito placebo forte quando uma droga tão sugestionável quanto a psilocibina é administrada por profissionais médicos com autorização legal e institucional: sob essas condições, é muito mais provável que o

paciente satisfaça as expectativas do terapeuta. (E a ocorrência de uma *bad trip* se torna muito menos provável). Aqui nos deparamos com um dos mais ricos paradoxos dos experimentos com psilocibina: embora seja bem-sucedida em grande parte por causa do aval e da autoridade da ciência, sua eficácia parece depender de uma experiência mística que convence as pessoas de que a ciência não tem como explicar tudo que há no mundo. A ciência está sendo usada para validar uma experiência que parece minar a perspectiva científica, no que pode ser chamado de xamanismo do jaleco branco.

As dúvidas sobre a verdade são importantes mesmo quando a terapia ajuda as pessoas que estão sofrendo? Foi difícil encontrar alguém envolvido na pesquisa preocupado com essas perguntas. David Nichols, químico e farmacêutico aposentado da Universidade Purdue que fundou o Instituto de Pesquisa Heffter em 1993 para patrocinar pesquisas com psicodélicos (incluindo os testes na Hopkins, para os quais sintetizou a psilocibina), defende o pragmatismo sem rodeios. Em uma entrevista à revista *Science* em 2014, ele disse: “Se isso ajuda as pessoas a morrerem em paz, tendo amigos e família a seu lado, não me importo se é real ou uma ilusão.”

De sua parte, Roland Griffiths reconhece que “a autenticidade é uma questão científica ainda não respondida. Só podemos analisar a fenomenologia” — ou seja, o que as pessoas contam sobre as experiências interiores. Foi aí que ele começou a me questionar sobre meu próprio desenvolvimento espiritual, que confessei ser ainda bastante rudimentar; eu disse a ele que minha visão de mundo sempre foi profundamente materialista.

“Tudo bem, mas e que tal o milagre de sermos conscientes? Pense nisso por um momento, que estamos conscientes *e* que estamos conscientes da nossa consciência! Qual a probabilidade *disso*?” Como podemos ter certeza, ele estava sugerindo, de que a nossa experiência de consciência é “autêntica”? A resposta é que isso não é possível; está além do alcance da ciência. E, no entanto, quem duvida de sua própria realidade? De fato, o indício da existência da consciência é muito semelhante ao indício da realidade da experiência mística: acreditamos que ela existe não porque a ciência pode verificar sua existência de forma independente, mas porque muitas pessoas estão convencidas de sua realidade; aqui, também, tudo que temos para ver é a fenomenologia. Griffiths estava sugerindo que, na medida em que eu acreditasse em um “milagre” muito além do alcance da ciência materialista — “a maravilha da consciência”, como disse Vladimir Nabokov, “aquela janela repentina totalmente aberta para uma paisagem iluminada pelo sol em meio à noite do não ser” —, talvez eu tivesse que manter uma mente mais aberta para a possibilidade de outros.

EM DEZEMBRO DE 2016, uma matéria de capa do *New York Times* relatava os impressionantes resultados dos estudos com psilocibina em pacientes de câncer na Johns Hopkins e na NYU, publicados juntos numa edição especial do *Journal of Psychopharmacology*, ao lado de mais ou menos uma dezena de comentários de vozes renomadas no campo da saúde mental — incluindo dois ex-presidentes da Associação Americana de Psiquiatria — comemorando os resultados.⁸

Tanto no estudo da NYU quanto no da Hopkins, cerca de 80% dos pacientes de câncer mostraram redução clinicamente significativa no padrão de medição de ansiedade e depressão, um efeito que se manteve por pelo menos seis meses após a sessão de psilocibina. Em ambos os estudos, a intensidade da experiência mística relatada pelos voluntários tinha relação quase direta com o grau de redução dos sintomas. É difícil, talvez impossível, encontrar intervenções psiquiátricas de qualquer tipo com resultados tão expressivos e sustentáveis.^{II}

As pesquisas foram pequenas — oitenta participantes no total —, e terão de ser repetidas em escala maior antes que o governo pense em mudar a classificação da psilocibina e aprovar o tratamento.^{III} Mas os resultados foram animadores o suficiente para ganhar atenção e um cauteloso apoio da comunidade de saúde mental, que pediu mais pesquisas. Dezenas de faculdades de medicina pediram para participar de estudos futuros, e surgiram patrocinadores para financiar esses experimentos. Depois de décadas nas sombras, a terapia psicodélica de repente voltou a ser respeitável, ou quase isso. A Universidade de Nova York, que orgulhosamente divulgou os resultados de uma pesquisa que havia apenas tolerado de má vontade, convidou Stephen Ross a mudar sua sala de tratamento da Faculdade de Odontologia para o hospital principal. Mesmo o Centro de Câncer da NYU, a princípio relutante em indicar pacientes para a pesquisa com psilocibina, pediu a Ross que estabelecesse uma sala de tratamento no seu prédio para os próximos testes.

Os artigos ofereciam pouca teoria para explicar os efeitos da psilocibina, mas apontavam que os pacientes com melhores resultados haviam sido os que tiveram as experiências místicas mais completas. Mas por que exatamente essa experiência se traduz em alívio da ansiedade e da depressão? Seria por causa da sugestão de algum tipo de imortalidade? Isso parece simples demais e não dá conta da variedade de experiências das pessoas, muitas das quais não estiveram em nenhum pós-vida. E também não dá conta de explicar o caso de alguns pacientes que de fato conceberam o que acontece depois da morte em termos naturalistas, como quando um voluntário anônimo

se imaginou como “parte da terra”, moléculas de matéria sendo sugadas pelas raízes das árvores. Isso realmente acontece.

Claro que a experiência mística é composta de muitos elementos, a maioria dos quais não requer explicação sobrenatural. A dissolução do sentido do eu, por exemplo, pode ser entendida tanto em termos psicológicos quanto neurobiológicos (como a possível desintegração da rede neural de modo padrão), e pode explicar muitos dos benefícios que as pessoas experimentam durante suas viagens sem recorrer a nenhuma concepção espiritual de “individualidade”. Da mesma forma, o sentido de “sagrado” que classicamente acompanha a experiência mística pode ser entendido em termos mais seculares como um simples aumento do sentido de significado e propósito. Ainda estamos começando a compreender a nossa consciência, e nenhum dos vocabulários de que dispomos para abordar o assunto — o biológico, o psicológico, o filosófico ou o espiritual — pode arrogar para si a palavra final sobre ele. Pode ser que, ao agrupar diferentes perspectivas, tenhamos uma representação mais rica do que pode estar acontecendo.

Em um artigo posterior sobre o estudo da NYU, “Experiências de pacientes de psicoterapia auxiliada com psilocibina”, publicado no *Journal of Humanistic Psychology* em 2017, Alexander Belser, membro da equipe da NYU, entrevistou voluntários para melhor compreender os mecanismos psicológicos básicos da transformação que eles haviam experimentado.⁹ Li o estudo como uma tentativa sutil de passar do paradigma da experiência mística para outro mais humanista e, ao mesmo tempo, destacar a importância do psicoterapeuta na experiência psicodélica. (Note o uso da expressão “psicoterapia auxiliada com psilocibina” no título; nenhum dos artigos da *Psychopharmacology* mencionou a psicoterapia no título, apenas a droga).

Surgiram alguns temas fundamentais. Todos os pacientes entrevistados descreveram sentimentos poderosos de conexão com entes queridos (o autor usou a expressão “integração relacional”) e, mais genericamente, uma mudança “do sentimento de separação para o de interconexão”. Na maioria dos casos, essa mudança foi acompanhada por um repertório de emoções poderosas, incluindo “sentimentos exaltados de alegria, bênção e amor”. Passagens difíceis durante a viagem eram normalmente seguidas de sentimentos positivos de entrega e aceitação (mesmo do câncer) à medida que o medo desaparecia.

Jeffrey Guss, coautor do artigo e psiquiatra, interpreta o que acontece durante a sessão em termos de efeito “egolítico” da psilocibina — a capacidade da droga de silenciar ou pelo menos reduzir a voz do ego. Na visão dele, que se baseia em sua formação em

psicanálise, o ego é uma construção mental que realiza certas funções em nome do eu, dentre as quais a manutenção dos limites entre os reinos da consciência e da inconsciência da mente e os limites entre o eu e o outro, ou sujeito e objeto. Só quando esses limites se apagam ou desaparecem, como parece ocorrer sob a influência dos compostos psicodélicos, podemos “abandonar padrões rígidos de pensamento, o que nos permite perceber novos significados com menos medo”.

A questão do significado como um todo é central na abordagem dos terapeutas da NYU,^{IV} e talvez seja particularmente útil para entender a experiência dos pacientes de câncer sob o efeito da psilocibina. Para muitos pacientes, um diagnóstico de câncer terminal é, entre outras coisas, uma crise de significado. *Por que eu? Por que fui escolhido para esse destino? Há algum sentido para a vida e o universo?* Sob o peso dessa crise existencial, o horizonte diminui enquanto a mente se volta para si mesma, deixando o mundo de fora. Reflexões e preocupações sem fim ocupam cada vez mais tempo e espaço mental, reforçando hábitos de pensamento dos quais se torna cada vez mais difícil escapar.

O sofrimento existencial no fim da vida carrega muitas marcas de uma rede padrão hiperativa, incluindo a autorreflexão obsessiva e a incapacidade de escapar das trilhas profundas do pensamento negativo. O ego, diante da perspectiva da própria extinção, se volta para dentro e se torna hipervigilante, deixando de lado o mundo e as outras pessoas. Os pacientes de câncer que entrevistei falaram do sentimento de se fechar para os entes queridos, para o mundo e para toda uma variedade de emoções; eles se sentiam, como um deles disse, “em solidão existencial”.

Ao temporariamente desabilitar o ego, a psilocibina parece abrir um novo campo de possibilidades psicológicas, simbolizadas pela morte e o renascimento relatados por muitos pacientes que entrevistei. No início, o desmonte do eu parece ameaçador, mas, se a pessoa consegue se deixar levar e se entregar, surgem emoções poderosas e em geral positivas — junto com memórias e impressões sensoriais e significados antes inacessíveis. Não mais defendido pelo ego, o portão entre o eu e o outro — a válvula de redução de Huxley — fica completamente aberto. E o que passa por essa abertura, para muitas pessoas, numa grande inundação, é o amor. Amor por pessoas específicas, sim, mas também, como Patrick Mettes veio a sentir (e a saber!), amor por todos e tudo — amor como o sentido e o propósito da vida, a chave do universo e a verdade final.

Então talvez a perda do eu leve a ganhos de significado. Podemos explicar isso em termos biológicos? Provavelmente ainda não, mas a neurociência recente oferece pistas interessantes. Lembremos que a equipe da Imperial College descobriu que, quando a rede neural de modo padrão se desintegra (levando junto com ela o senso de

identidade), a conectividade do cérebro como um todo aumenta, permitindo a regiões que normalmente não se comunicam formar novas linhas de conexão. É possível que algumas dessas novas conexões no cérebro se manifestem na mente como novos significados ou perspectivas? A conexão de pontos antes distantes?

Pode ser que os compostos psicodélicos deem significado a informações sensoriais que de outra forma seriam irrelevantes. Um artigo recente na *Current Biology*^v descreveu uma experiência em que peças musicais que não tinham nenhuma relevância pessoal para os voluntários foram tocadas para eles sob o efeito de LSD. Sob a influência das substâncias psicodélicas, no entanto, os voluntários atribuíram significados pessoais claros e persistentes para as músicas. Esses remédios ajudam a construir significado se não a descobri-los.

Sem dúvida a sugestionabilidade da mente sob o efeito de compostos psicodélicos e a orientação do psicoterapeuta também desempenham um papel na atribuição de significado à experiência. Ao preparar os voluntários para as viagens, Jeffrey Guss fala explicitamente sobre a aquisição de significado, dizendo “que o remédio vai mostrar partes escondidas ou desconhecidas de você mesmo; que você terá insights sobre si próprio, e que vai aprender sobre o significado da vida e da existência”. (Ele também diz que as drogas podem provocar uma experiência mística ou transcendente, mas evita cuidadosamente defini-las.) “Como resultado da presença dessa molécula no seu corpo, você vai entender mais sobre si mesmo e sobre a vida e o universo.” E frequentemente isso acontece. Troque o termo científico “molécula” por “cogumelo sagrado” ou “planta professora” e você tem os encantamentos de um xamã no início de uma cura cerimonial.

Mas, como quer que a coisa funcione, e a despeito do vocabulário que usamos para explicá-la, para mim isso parece uma grande dádiva da viagem psicodélica, sobretudo para os que estão morrendo: seu poder de impregnar tudo em nosso campo de experiência com um sentimento ampliado de propósito e consequência. Dependendo da orientação da pessoa, isso pode ser entendido em termos humanísticos ou espirituais — pois o que é o Sagrado se não a versão em caixa-alta do significado? Mesmo para ateus como Dinah Bazer — como eu! —, os compostos psicodélicos podem reinserir num mundo há muito deixado pelos deuses um pouco de significado, da imanência que eles antes infundiam. O sentimento de um universo frio e arbitrário governado puramente pelo acaso é banido. Sobretudo na ausência da fé, esses remédios, nas mãos certas, podem oferecer um antídoto poderoso contra os terrores existenciais que afligem não só os moribundos.

Acreditar que a vida tem um sentido qualquer é obviamente uma

grande suposição que requer para algumas pessoas um salto de fé, mas sem dúvida é uma suposição útil, e mais do que nunca na proximidade da morte. Situar o eu num contexto maior de significado, seja qual for — um sentimento de unidade com a natureza ou amor universal —, pode de certa forma tornar mais fácil a contemplação da extinção do eu. A religião sempre entendeu isso, mas por que ela deveria ter um monopólio? Bertrand Russell escreveu que a melhor maneira de superar o medo da morte “é fazer nossos interesses aumentarem gradualmente e se tornarem mais impessoais, até que pouco a pouco as paredes do ego cedam, e sua vida se torne cada vez mais ligada à vida universal”.¹⁰ Ele prossegue:

A existência humana individual deveria ser como um rio: pequeno no início, rigorosamente contido por suas margens, e passando apaixonadamente pelas pedras e sobre quedas d’água. Aos poucos, o rio se torna mais largo, as margens cedem, as águas fluem com mais tranquilidade, e, no final, sem nenhuma interrupção visível, ele se torna parte do oceano, e sem dor perde sua existência individual.

* * *

PATRICK METTES VIVEU dezessete meses depois da sessão de psilocibina, e, segundo Lisa, esses meses foram marcados não só pela nascente aceitação de que ele ia morrer, como por muitas satisfações inesperadas.

Lisa de início ficou desconfiada com a pesquisa da NYU, interpretando o desejo de Patrick de participar do estudo como um sinal de que ele havia desistido de lutar. Mas, na verdade, ele saiu convencido de que ainda tinha muito a fazer nesta vida — muito amor para dar e receber — e não estava pronto para deixá-la, e, especialmente, deixar a esposa. A viagem psicodélica de Patrick mudou o jeito como ele via as coisas, trocando uma lente direcionada para a perspectiva da morte por um foco renovado em como viver melhor o tempo que restava. “Ele estava mais determinado, indo atrás do objetivo de vida que tinha recebido”, relembra Lisa.

“A gente ainda discutia, e foi um verão bem difícil” quando eles tiveram que aguentar uma reforma calamitosa do apartamento no Brooklyn. “Foi um inferno”, mas Patrick

tinha mudado. Estava mais paciente do que nunca, e ficava realmente feliz com as coisas. Foi como se ele tivesse se libertado do dever de se importar com os detalhes da vida, e pudesse deixar as coisas acontecerem. Tudo que importava era estar com as pessoas, comer um sanduíche e caminhar pela calçada. Foi como se a gente tivesse vivido uma vida em um ano.

Depois da sessão de psilocibina, Lisa de alguma forma se convenceu de que Patrick não ia morrer. Ele continuou com a quimioterapia e seu

humor melhorou, mas ela agora pensa que durante todo aquele tempo “ele sabia muito bem que não ia sobreviver”. Lisa continuou a trabalhar, e Patrick passava os dias andando pela cidade. “Ele andava por toda parte, experimentava restaurantes diferentes no almoço, e me contava tudo sobre os lugares bons que descobria. Mas os dias bons eram cada vez mais raros.” Em março de 2012, ele disse que queria parar com a quimioterapia.

“Ele não queria morrer”, diz Lisa, “mas acho que decidiu que não queria viver daquele jeito.”

No outono, os pulmões dele começaram a falhar, e Patrick acabou no hospital. “Ele reuniu todo mundo, disse adeus e explicou que era assim que queria morrer. Ele teve uma morte muito consciente.” A aparente tranquilidade de Patrick diante da morte teve uma influência poderosa em todo mundo à sua volta, disse Lisa, e o quarto dele na unidade de cuidados paliativos no Mount Sinai virou um centro de gravidade no hospital. “Todo mundo, as enfermeiras e os médicos, queria ficar no nosso quarto; simplesmente não queriam sair. Patrick falava sem parar. Era como se ele fosse um iogue. Ele ofereceu muito amor.” Quando Tony Bossis o visitou uma semana antes da morte, ficou impressionado com o clima no quarto e com a serenidade de Patrick.

“Ele estava *me* consolando. Disse que sua maior tristeza era deixar a mulher. Mas não estava com medo.”

Lisa me mandou uma fotografia que tirou de Patrick alguns dias antes da morte dele, e, quando abri o arquivo, fiquei sem fôlego por um momento. Vi um homem emaciado numa roupa de hospital, com um tubo de oxigênio no nariz, mas com olhos azuis brilhantes, vivos, e um amplo sorriso. Às vésperas da morte, o homem estava radiante.

Lisa ficou com o marido no quarto do hospital noite após noite, muitas vezes conversando até de madrugada. “Minha impressão é a de que estou com um pé neste mundo e outro no próximo”, ele lhe disse em certo momento. “Numa de nossas últimas noites juntos, ele me falou: ‘Querida, não me apresse: estou encontrando o meu caminho.’” Ao mesmo tempo, ele procurou confortá-la. “Isso é a roda da vida”, ela se lembra de ouvi-lo dizer. “Você sente que vai parar no chão agora, mas a roda continua girando e você sobe de novo.”

Lisa não tomava banho havia dias, e o irmão finalmente a convenceu a ir para casa por algumas horas. Minutos antes de ela voltar para o lado dele, Patrick faleceu. “Fui para casa tomar banho e ele morreu.” Nossa conversa foi por telefone, e ouvi que ela chorava baixinho. “Ele não ia morrer enquanto eu estivesse lá. Meu irmão havia me dito: ‘Você tem que deixá-lo ir.’”

Patrick havia partido quando ela voltou ao hospital. “Ele tinha morrido segundos antes. Era como se algo tivesse evaporado dele.

Fiquei sentada com ele por três horas. Demora até a alma deixar o quarto.”

“Foi uma boa morte”, Lisa me disse, um fato que ela credita ao pessoal da NYU e à viagem de psilocibina de Patrick. “Sinto que estou em dívida com eles pelo que permitiram que ele experimentasse — os dons profundos que permitiram que ele acessasse. Esses dons profundos eram dele mesmo. Acho que é isso que fazem as drogas que alteram a mente.”

“No começo, Patrick era muito mais espiritual do que eu”, Lisa me contou da última vez que conversamos. Era evidente que a viagem causara mudanças também nela. “Foi uma confirmação de um mundo sobre o qual eu não sabia nada. Mas esse mundo tem mais dimensões do que eu suspeitava.”

II: Vício

O PROJETO APOLLO contou com mais ou menos uma dezena de astronautas que, ao deixarem a órbita da Terra e viajarem para a Lua, tiveram o privilégio de ver o planeta de uma perspectiva nunca antes disponível para a nossa espécie, e muitos deles relataram que a experiência os mudou de forma profunda e permanente. A visão daquele “pálido ponto azul” solto no vazio negro e infinito do espaço apagava as fronteiras nacionais dos mapas e transformava a Terra em algo pequeno, vulnerável, excepcional e precioso.

Edgar Mitchell, ao retornar da Lua na Apollo 14, passou por algo que descreveu como uma experiência mística, especificamente uma *savikalpa samadhi*, na qual o ego some ao ser confrontado com a imensidão do universo enquanto se medita sobre um objeto — no caso, o planeta Terra. Ele lembra:

A maior alegria aconteceu na volta para casa. Na janela da minha cabine, a cada dois minutos: a Terra, a Lua, o Sol e todo o panorama celeste. Foi uma experiência poderosa, fascinante.

E de repente percebi que as moléculas do meu corpo e as moléculas da minha nave, as moléculas do corpo dos meus parceiros, foram idealizadas, fabricadas em alguma antiga geração de estrelas. [Tive] uma sensação irresistível de unidade, de conexão [...] Não era “Eles e nós”, era “Isto sou eu! Isto é tudo, é uma única coisa”. E junto com isso houve um êxtase, um sentimento de “Ah, Meu Deus, uau, sim” — uma revelação, uma epifania.^{vi11}

Foi o poder dessa nova perspectiva — a mesma que Stewart Brand, depois da viagem com LSD em 1966, num terraço em North Beach, trabalhou tanto para disseminar — que ajudou a inspirar o movimento ambiental moderno e também a hipótese de Gaia, a ideia de que a

Terra e sua atmosfera constituem um único organismo vivo.

Pensei sobre o chamado efeito de visão global durante minhas conversas com voluntários das pesquisas com psilocibina, sobretudo aqueles que superaram vícios após uma viagem psicodélica — uma viagem rumo ao espaço interior, se você preferir. Muitos voluntários descreveram ter conseguido ver as próprias vidas de certa distância, um ponto de vista a partir do qual as coisas que antes pareciam assustadoras agora eram menores e mais gerenciáveis, inclusive seus vícios. Parecia que a experiência psicodélica dera a muitos deles um “efeito de visão global” sobre as cenas de suas próprias vidas, tornando possível uma mudança na visão de mundo e nas prioridades e permitindo que eles abandonassem velhos hábitos, às vezes com incrível facilidade. Uma pessoa que fumou a vida inteira me explicou em termos tão simples que achei difícil de acreditar: “Fumar virou algo irrelevante, então parei.”

O estudo-piloto do qual esse homem fez parte — seu nome é Charles Bessant, e ele está sem fumar há seis anos — foi conduzido por Matthew Johnson, um *protégé* de Roland Griffiths na Johns Hopkins. Johnson é um psicólogo de quarenta e poucos anos que, como Griffiths, teve uma formação behaviorista, estudando coisas como “condicionamento operacional” em ratos. Alto, magro e esguio, Johnson usa uma barba preta cuidadosamente aparada e um par de óculos imensos retrô-nerd que o deixam parecido com Ira Glass. Seu interesse por compostos psicodélicos remonta à época de faculdade, quando leu o trabalho de Ram Dass e ficou sabendo sobre o Projeto Psilocibina de Harvard, mas ele jamais ousou imaginar que um dia trabalharia com essas drogas num laboratório.

“Bem lá no fundo eu pensava que um dia queria fazer pesquisas com compostos psicodélicos”, ele me contou quando nos conhecemos em seu escritório na Hopkins, “mas percebi que era algo para um futuro distante.” Contudo, logo depois que Johnson chegou à Johns Hopkins para fazer pós-doutorado em farmacologia em 2004, “descobri o projeto supersecreto de Roland com psilocibina. Tudo se alinhou perfeitamente”.

Johnson trabalhou em alguns dos primeiros estudos com psilocibina do laboratório, guiando dezenas de sessões e ajudando a analisar os dados antes de lançar um estudo próprio em 2009. A pesquisa sobre tabaco ofereceu diversas sessões de terapia cognitiva comportamental seguidas por duas ou três doses de psilocibina a quinze fumantes voluntários que estavam tentando parar. Era o que se chama de estudo aberto, sem placebo, então todos sabiam que receberiam a droga. Os voluntários tinham que parar de fumar antes da sessão com psilocibina; seus níveis de monóxido de carbono eram medidos de tempos em tempos para garantir que eles seguiam as regras e

confirmar que continuavam abstinentes.

O estudo era pequeno e não randômico, mas de qualquer forma os resultados foram impressionantes, sobretudo se levarmos em conta que o tabagismo é um dos vícios mais difíceis de largar — mais difícil, dizem alguns, do que a heroína. Seis meses depois das sessões psicodélicas, 80% dos voluntários estavam em abstinência comprovada; na marca de um ano, esse número caiu para 67%, o que ainda é um índice de sucesso mais alto do que o obtido com o melhor tratamento disponível hoje.¹² (No momento, está em curso um estudo muito maior e randômico comparando a efetividade da psilocibina com o adesivo de nicotina.) Assim como nos estudos sobre a ansiedade nos pacientes de câncer, voluntários que tiveram uma experiência mística mais completa tiveram melhores resultados; eles foram capazes, como Charles Bessant, de parar de fumar.

Depois de entrevistar pacientes de câncer diante da perspectiva da morte, pessoas que tiveram viagens épicas em que confrontaram seus tumores e viajaram para debaixo da terra, fiquei imaginando qual seria a diferença quando o que estava em jogo era algo menor: que tipo de viagem teriam pessoas comuns que só queriam abandonar um hábito ruim, e com que tipos de revelações elas voltariam?

Na verdade, com revelações surpreendentemente banais. Não que suas viagens tenham sido banais — a psilocibina as transportou por todo o mundo e através da história e do espaço —, mas as revelações que elas trouxeram na volta eram absolutamente mundanas. Alice O'Donnell, uma editora de livros com cerca de 60 anos nascida na Irlanda, deleitou-se com “a liberdade de ir a qualquer lugar” durante sua viagem. Ela viu penas surgirem em seu corpo, o que lhe permitiu viajar no tempo para várias cenas da história da Europa, morreu três vezes, observou sua “alma deixar o corpo numa pira funerária flutuando sobre o Ganges” e se viu “em pé sobre o limite do universo, testemunhando o amanhecer da criação”. Ela “humildemente” percebeu que “tudo no universo tem igual importância, inclusive eu mesma”.

Viajar por esse pequeno túnel da vida adulta me tirou daquela perspectiva estreita e me devolveu uma visão mais abrangente e cheia de maravilhamento, típica das crianças — me devolveu ao mundo de Wordsworth. Uma parte do meu cérebro que tinha ido dormir acordou.

O universo era tão grande e havia tantas coisas para fazer e para ver que a ideia de se matar pareceu tola. Isso colocou o cigarro numa perspectiva completamente nova. Fumar pareceu não ter a menor importância; pareceu meio estúpido, para ser honesta.

Alice se imaginou jogando fora um monte de lixo, esvaziando o sótão e o porão de sua casa:

Tive uma visão em que jogava tudo fora, tudo de que não preciso mais. É incrível como dá para se livrar de um monte de coisas e conservar apenas aquelas que realmente importam, que são necessárias para sobreviver. E a mais importante de todas é a respiração. Quando ela para, você morre.

Ela deixou sua viagem com a convicção “de que devia cuidar da respiração”. E não fumou mais desde a experiência com a psilocibina. Quando sente vontade, ela volta a pensar na sessão “e em todas as coisas maravilhosas que experimentei, e como me senti em um plano muito mais elevado”.

Charles Bessant foi outro que teve sua epifania enquanto estava num “plano superior”. Bessant, designer de exposições de museu na casa dos 60 anos, se viu em pé no topo dos Alpes, “os estados germânicos se esticando diante de mim até o Báltico”. (Ele estava ouvindo Wagner no fone de ouvido.) “Meu ego tinha se dissolvido, mas acredite: foi assustador.” Ele parecia um romântico do século XIX descrevendo um encontro com o sublime, ao mesmo tempo terrível e digno de reverência.

“As pessoas usam palavras como ‘harmonia’, ‘conectividade’, ‘unidade’ — eu entendo! Fui parte de algo muito maior que qualquer coisa que jamais imaginei.” Estávamos falando por telefone numa manhã de sábado, e a certa altura Bessant parou seu relato para descrever a cena diante dele.

“Neste exato instante, estou no jardim da minha casa, e a luz está passando pelas copas das árvores. Só sou capaz de ficar aqui, na beleza dessa luz, falando com você, porque meus olhos estão abertos para ver. Se você não parar para olhar, nunca vai ver. É uma coisa óbvia, eu sei, mas sentir, olhar e se sentir maravilhado por essa luz” é um presente que ele atribui à sessão, que deu a ele “um sentimento de estar conectado com tudo”.

Bessant continuou nossa conversa por e-mail com uma série de esclarecimentos e minúcias, se esforçando para encontrar palavras compatíveis com a imensidão da experiência. Foi diante dessa imensidão que fumar pareceu, de uma hora para outra, algo lamentavelmente pequeno. “Por que parar de fumar? Porque descobri que é irrelevante. Porque outras coisas se tornaram muito mais importantes.”

Alguns voluntários ficaram maravilhados com o fato de suas descobertas serem ao mesmo tempo poderosas e banais. Savannah Miller é uma mãe solteira de trinta e poucos anos que trabalha como escriturária na empresa do pai em Maryland. Talvez por ter passado vários anos presa em uma relação abusiva com um homem que descreve como “um psicopata”, sua viagem foi dolorosa, mas no fim das contas catártica; ela se lembra de ter chorado incontrolavelmente e de ter produzido quantidades enormes de muco (algo que os guias

confirmam que de fato aconteceu). Savannah pensou pouco a respeito do vício durante a viagem, exceto no final, quando se viu como uma gárgula fumante.

Sabe aquelas gárgulas, todas encolhidas e curvadas? Pois foi assim que me senti e me vi, uma pequena criatura, um pequeno golem fumando, puxando a fumaça para dentro e não a deixando sair até que o peito doesse e eu começasse a sufocar. Foi algo poderoso e nojento. Ainda sou capaz de vê-la, aquela gárgula horrenda tossindo, sempre que me imagino a fumar.

Meses depois, ela diz que a imagem ainda é útil quando a inevitável vontade aparece.

No meio da sessão, Savannah de repente se sentou e anunciou ter descoberto algo importante, uma “epifania” que os guias deviam anotar para a posteridade: “Coma direito. Faça exercícios. Alongue o corpo.”

Matt Johnson se refere a essas revelações como “momentos de compreensão do óbvio” e diz que eles são comuns entre seus voluntários e de modo algum insignificantes. Fumantes sabem perfeitamente bem que seu hábito não é saudável, que é nojento, caro e desnecessário, mas sob a influência da psilocibina esse conhecimento ganha outro peso, se torna “algo que eles sentem nas entranhas e no coração. Insights desse tipo tornam mais complicado, mais problemático e mais difícil evitar pensar no assunto. Essas sessões tiram das pessoas o luxo da falta da atenção” — nosso estado padrão, que pode dar espaço para um vício como o tabagismo.

Johnson acredita que o valor da psilocibina para quem tem um vício está nessa nova perspectiva — ao mesmo tempo óbvia e profunda — que se abre sobre a vida de alguém e sobre seus hábitos.

O vício é uma história na qual ficamos presos, uma história que é reforçada toda vez que tentamos desistir e falhamos: “Sou fumante e não consigo parar.” A viagem permite que a pessoa se afaste e veja um horizonte mais amplo, que perceba os prazeres de curto prazo do cigarro dentro do contexto mais amplo e de longo prazo de suas vidas.

Mas é claro que essa recontextualização de um hábito antigo não é algo que simplesmente acontece; inúmeras pessoas tomaram psilocibina e continuaram a fumar. Quando a recontextualização acontece, é porque abandonar o vício foi a intenção declarada da sessão, fortemente reforçada pelo terapeuta nas reuniões preparatórias e na integração posterior. O cenário da viagem psicodélica é orquestrado com cuidado pelo terapeuta, da mesma forma que o xamã usa de sua autoridade e da encenação para maximizar os profundos poderes de sugestão do remédio. É por isso que é importante entender que a “terapia psicodélica” não é um simples tratamento com uma droga psicodélica, e sim uma forma de “terapia com o auxílio do

composto psicodélico”, como muitos pesquisadores se esforçam para enfatizar.

Mas o que dá essa estranha autoridade a insights tão ordinários? “Nenhuma outra droga faz isso”, ressalta Roland Griffiths. Na verdade, depois da maioria das experiências com drogas você fica completamente consciente, e muitas vezes constrangido pela *falta de autenticidade* do que pensou e sentiu enquanto estava sob o efeito da droga. Nem Griffiths nem Johnson mencionaram isso, mas a conexão entre ver e acreditar talvez explique esse sentimento de autenticidade. É comum que nossos pensamentos sob o efeito de compostos psicodélicos se tornem visíveis. Não são alucinações, exatamente, porque quase sempre o sujeito sabe muito bem que aquilo que está vendo não está diante de seus olhos, no entanto esses pensamentos, quando tornados visíveis, se tornam incrivelmente concretos, vívidos, e portanto memoráveis.

Esse é um fenômeno curioso e ainda não explicado pela neurociência, apesar de algumas hipóteses interessantes terem sido propostas recentemente. Quando os neurocientistas que estudam a visão usam a ressonância magnética funcional para mapear a atividade do cérebro, descobrem que as mesmas regiões do córtex visual se acendem seja quando a pessoa está vendo o objeto ao vivo ou quando o está apenas relembrando ou imaginando. Isso sugere que a habilidade de visualizar nossos pensamentos deveria ser a regra, não a exceção.¹³ Alguns neurocientistas suspeitam que durante as horas de vigília algo no cérebro impede o córtex visual de apresentar à consciência imagens visuais de qualquer coisa que esteja em nossos pensamentos. Não é difícil ver por que tal inibição pode ser adaptativa: encher a mente com imagens vívidas complicaria o raciocínio e o pensamento abstrato, sem mencionar as atividades do dia a dia como andar ou dirigir. Mas, quando somos capazes de visualizar nossos pensamentos — por exemplo, você mesmo como um fumante que parece uma gárgula tossindo —, estes ganham certo peso, parecem mais reais para nós. Ver é acreditar.

Talvez essa seja uma das coisas que os psicodélicos fazem: relaxam as inibições do cérebro para visualizar pensamentos, permitindo dessa forma que eles ganhem autoridade, se tornem mais memoráveis e permanentes. O efeito de visão global relatado pelos astronautas não acrescentou nada à nossa compreensão intelectual desse “pálido ponto azul” no vasto universo, mas vê-lo fez com que ele se tornasse mais real do que nunca. Talvez os compostos psicodélicos possibilitem às pessoas mudar de comportamento ao permitir que elas tenham um efeito de visão global igualmente vívido das cenas de suas próprias vidas.

Matt Johnson acredita que os psicodélicos podem ser usados para

mudar todo tipo de comportamento, não só vícios. A chave, na visão dele, é o poder que essas drogas têm de provocar uma experiência dramática o suficiente para “jogar as pessoas para fora de sua história. É literalmente um reinício do sistema — um ctrl-alt-del biológico. Os psicodélicos abrem uma janela de flexibilidade mental em que as pessoas podem abandonar seus modelos mentais para organizar a realidade”.

Na visão dele, o modelo mais importante é o eu, ou o ego, que uma experiência de alta dose de compostos psicodélicos dissolve temporariamente. Ele fala de “nosso vício em um padrão de pensamento que tem o eu no centro”. Esse vício subjacente a um padrão de pensamento, ou estilo cognitivo, conecta o viciado ao depressivo e ao paciente de câncer obcecado com a morte ou com a volta da doença.

Grande parte do sofrimento humano vem do fato de termos esse eu que precisa sempre ser psicologicamente defendido a todo custo. Estamos presos a uma história que nos vê como independentes, agentes isolados atuando no mundo. Mas o eu é uma ilusão. Pode ser uma ilusão *útil*, quando você está se balançando nas árvores ou fugindo de um guepardo ou ainda declarando impostos. Mas, no nível do sistema, não há qualquer verdade nisso. Você pode pegar várias das perspectivas mais precisas: que somos um amontoado de genes, um monte de veículos para repassar DNA; que somos criaturas sociais do começo ao fim, incapazes de sobreviver sozinhas; que somos organismos num ecossistema, juntos neste planeta que flutua no meio do nada. Para onde quer que olhe, você verá que o grau de interconexão é realmente incrível, e no entanto insistimos em nos ver como agentes individuais.

Albert Einstein dizia que o sentimento moderno de individualidade era “um tipo de ilusão da consciência”.^{VII}

“Os psicodélicos puxam o tapete desse modelo. Nas circunstâncias erradas, isso pode ser perigoso, levando as pessoas a *bad trips* e a coisas piores.” Johnson mencionou o caso de Charles Manson, que supostamente usou LSD para subjugar e fazer lavagem cerebral em seus seguidores, uma teoria que ele acredita ser plausível. “Mas no ambiente correto, onde sua segurança está garantida, os compostos psicodélicos podem ser uma boa intervenção para lidar com alguns dos problemas do eu” — o vício sendo apenas um deles. Morte, depressão, obsessão, distúrbios alimentares — tudo pode ser exacerbado pela tirania do ego e pelas narrativas fixas que ele constrói sobre nosso relacionamento com o mundo. Ao anular temporariamente essa tirania e colocar nossas mentes num estado incomum de plasticidade (Robin Carhart-Harris o chamaria de um estado de entropia aumentada), essas substâncias, com a ajuda de um bom terapeuta, nos dão a oportunidade de propor histórias mais construtivas, novas, sobre o eu e seu relacionamento com o mundo, histórias que talvez perdurem.

Esse tipo de terapia é muito diferente daquele a que estamos acostumados no Ocidente, pois não é nem puramente químico nem puramente psicodinâmico — nem sem mente, nem sem cérebro. É difícil saber se a medicina ocidental está pronta para acomodar um modelo radical tão novo — e antigo — de transformação mental. Ao guiar as pessoas em segurança pelo estado liminar provocado pelos psicodélicos, com sua sugestionabilidade radical, Johnson reconhece que os médicos e pesquisadores “assumem o mesmo papel dos xamãs ou anciões”.

“O que quer que estejamos investigando aqui, está na mesma esfera do placebo. Mas um placebo com propulsores a jato.”

* * *

A IDEIA DE usar compostos psicodélicos para o tratamento de vícios não é nova. Americanos nativos usaram por muito tempo o peiote tanto como sacramento quanto para tratar o alcoolismo, um flagelo da comunidade indígena desde a chegada do homem branco. Falando em um encontro da Associação Americana de Psiquiatria em 1971, o psiquiatra Karl Menninger disse que “o peiote não é danoso para essas pessoas [...] Como antídoto para o álcool, é melhor do que qualquer coisa que os missionários, o homem branco, a Associação Médica Americana e os serviços de saúde pública já tentaram”.^{VIII}

Milhares de alcóolatrás foram tratados com LSD e outros psicodélicos nos anos 1950 e 1960, muito embora até recentemente fosse difícil afirmar qualquer coisa definitiva sobre os resultados. Por um tempo, a terapia foi vista como eficaz o suficiente para se tornar um tratamento padrão contra o alcoolismo em Saskatchewan. Os relatórios clínicos eram entusiasmados, mas na maior parte os estudos formais conduzidos eram mal formatados e muito mal controlados — isso quando tinham algum tipo de controle. Os resultados eram mais impressionantes quando os estudos eram conduzidos por terapeutas simpáticos ao uso de compostos psicodélicos (e sobretudo por terapeutas que tinham tomado LSD) e incrivelmente sombrios quando conduzidos por investigadores inexperientes que davam doses cavalares a pacientes sem cuidar do cenário ou ambiente.

O registro era uma verdadeira barafunda até 2012, quando uma meta-análise combinando dados dos seis melhores estudos randomizados e controlados feitos nos anos 1960 e 1970 (envolvendo mais de quinhentos pacientes no total) descobriu que de fato tinha havido um “efeito benéfico no abandono do álcool” estatisticamente sólido e clinicamente significativo a partir de uma única dose de LSD, um efeito que durava até seis meses.¹⁴ “Tendo em vista os indícios do efeito benéfico do LSD no alcoolismo”, concluíram os autores, “é

intrigante que esse tratamento tenha sido amplamente ignorado.”¹⁵

Desde então, a terapia psicodélica para combater o alcoolismo e outros vícios passou por uma modesta e até o momento animadora retomada, tanto em estudos universitários quanto em vários locais clandestinos.^{IX} Em um estudo-piloto de 2015 conduzido na Universidade do Novo México, dez alcóolatrás receberam psilocibina, combinada com “terapia de aprimoramento motivacional”, um tipo de terapia cognitivo-comportamental projetada especificamente para tratar o vício.¹⁶ Sozinha, a psicoterapia teve pouco efeito no comportamento do alcoólico, mas depois da sessão de psilocibina o hábito de beber teve uma diminuição significativa, e essas mudanças foram mantidas pelas 36 semanas de acompanhamento. Michael Bogenschutz, o principal pesquisador, relatou uma forte correlação entre a “força da experiência e o efeito” no comportamento. Os resultados do estudo foram animadores o suficiente para garantir uma segunda fase de pesquisas — dessa vez muito maior, envolvendo 180 voluntários —, que Bogenschutz conduz agora na NYU em colaboração com Stephen Ross e Jeffrey Guss.

“O alcoolismo pode ser entendido como uma doença espiritual”, Ross me disse na primeira vez em que nos encontramos, na sala de tratamento da NYU. “Com o passar do tempo, você perde a conexão com tudo, menos com o álcool. A vida perde todo significado. No fim, nada é mais importante do que a garrafa, nem mesmo sua esposa e seus filhos. Chega uma hora em que não há nada que você não sacrifique por ela.”

Foi Ross que me contou pela primeira vez a história de Bill W., o fundador do AA, que ficou sóbrio depois de uma experiência mística sob a influência da beladona, e que nos anos 1950 tentou introduzir o LSD na organização. Usar uma droga para promover a sobriedade pode soar contraintuitivo, até meio louco, mas faz algum sentido se você levar em conta o grau de confiabilidade com que os compostos psicodélicos promovem descobertas espirituais e levam à convicção, central na filosofia do AA, de que o alcoólico precisa reconhecer sua “ausência de poder” para ter esperança de se recuperar. O AA tem uma visão sombria do ego humano e, como a terapia psicodélica, tenta direcionar a atenção do viciado, antes voltada ao “eu”, para um “poder superior” e para o apoio da organização — o sentimento de interconexão.

Michael Bogenschutz me pôs em contato com uma mulher que vou chamar de Terry McDaniels, voluntária em seu estudo-piloto na Universidade do Novo México — o que é surpreendente, pensei, porque a história dela não é o tipo de sucesso inquestionável que pesquisadores gostam de mostrar a jornalistas. Falei com McDaniels por telefone. Ela vive num estacionamento de trailers na periferia de

Albuquerque, a alguns trailers de distância da filha. Está aposentada por invalidez desde 1997, quando “meu ex-marido bateu na minha cabeça com uma panela de ferro. Desde então, tenho um problema sério de memória”.

McDaniels, que nasceu em 1954, teve uma vida difícil desde a infância, quando os pais a deixavam por longos períodos sob os cuidados relapsos dos irmãos mais velhos. “Até hoje tenho dificuldade para rir.” Ela me disse que passa a maior parte dos dias mergulhada em sentimentos de arrependimento, raiva, inveja, autodepreciação e, em especial, uma sensação profunda de culpa em relação aos filhos. “Eu me sinto muito mal por não ter dado a eles a vida que poderia ter dado se tivesse ficado longe da bebida. Penso na vida que podia ter tido esse tempo todo.”

Quando perguntei há quanto tempo está sóbria, McDaniels me surpreendeu: ela não parou de beber. Na verdade, tinha tomado um porre algumas semanas antes, depois que a filha “me magoou ao pedir que eu lhe devolvesse um dinheiro que estou devendo”. Mas a recaída durou só um dia, e ela só tomou cerveja e vinho; nos anos anteriores à sessão psicodélica, teria bebido coisa bem mais forte por semanas, só parando quando desmaiasse. Para McDaniels, uma bebedeira de um dia de vez em quando é um progresso.

McDaniels leu sobre a pesquisa com psilocibina no semanário alternativo local. Ela nunca tinha usado compostos psicodélicos, mas estava desesperada e disposta a tentar algo novo. Para ficar sóbria, já havia passado por clínicas de reabilitação, pelo AA e por sessões de terapia, mas sempre sofria recaídas. Ela receava não poder participar do estudo por causa da pancada na cabeça, mas foi aceita e teve uma experiência espiritual poderosa.

A primeira parte da viagem foi insuportavelmente sombria: “Vi meus filhos e não parava de gritar pela vida que eles nunca tiveram.” Mas isso acabou se transformando em algo impressionante.

“Vi Jesus na cruz”, lembrou. “Só a cabeça e os ombros, e era como se eu fosse uma criança pequena num helicóptero minúsculo dando voltas em torno da cabeça dele. Mas ele estava na cruz. E me acolheu em suas mãos, sabe, do jeito que você consola uma criancinha. Senti um peso enorme sair das costas, me senti em paz. Foi uma experiência linda.”

O ensinamento da experiência, segundo ela, foi a autoaceitação. “Passo menos tempo pensando em gente que tem uma vida melhor que a minha, descobri que não sou uma pessoa ruim; sou uma pessoa que passou por muita coisa ruim. Jesus pode ter tentado me dizer que está tudo bem, essas coisas acontecem. Ele estava tentando me consolar.” Agora, diz McDaniels, “leio a Bíblia todo dia e mantenho um contato consciente com Deus”.

McDaniels acha que melhorou, embora talvez não esteja 100% bem. A experiência a ajudou a começar a repensar a história de vida que ela conta para si mesma: “Eu levava tudo para o lado pessoal. Hoje, tenho mais autoaceitação, e isso é uma dádiva, porque por muitos anos não gostei de mim mesma. Mas não sou uma má pessoa.”

O fato de que a perspectiva de alguém possa mudar dessa forma sem qualquer modificação em suas circunstâncias me parece ao mesmo tempo animador e comovente. Lembrei-me de um experimento que ouvi em várias entrevistas com pesquisadores de vício — o chamado experimento do parque de ratos. Os pesquisadores da área sabem que ratos em gaiolas com acesso a drogas de vários tipos rapidamente se viciam, apertando as alavancas para receber as drogas em vez de comida, muitas vezes até morrer. Muito menos conhecido, no entanto, é o fato de que, caso a gaiola seja “enriquecida” com oportunidades para brincar, interagir com outros ratos e exposição à natureza, os mesmos ratos no final acabarão ignorando as drogas e jamais se viciarão. O experimento do parque de ratos ajuda a sustentar a ideia de que a propensão ao vício pode ter menos a ver com genes ou química do que com a história e o ambiente da pessoa.

Agora surge uma classe de substâncias químicas que talvez tenha o poder de mudar o modo como *encaramos* nossa história e nosso ambiente, independentemente da pobreza e da dor que possam estar associadas a eles. “Você vê o mundo como uma prisão ou um parque de diversões?” é a questão central que Matt Johnson tira do experimento do parque de ratos. Se o vício representa um estreitamento radical da perspectiva da pessoa, do seu comportamento e do seu repertório emocional, a viagem psicodélica tem o potencial de reverter essa restrição e abrir as pessoas para a possibilidade de mudança ao permitir um momento de suspensão e enriquecer seu ambiente interior.

“As pessoas saem dessas experiências vendo o mundo um pouco mais como um parque de diversões.”

* * *

UMA BOA PALAVRA para descrever tanto as experiências dos astronautas da Apollo quanto dos voluntários em suas viagens de psilocibina é “reverência”, uma emoção humana que talvez possa ajudar a unir linhas díspares da interpretação psicológica propostas pelos pesquisadores psicodélicos com quem conversei. Peter Hendricks, um jovem psicólogo da Universidade do Alabama que estuda o uso da psilocibina no tratamento de viciados em cocaína, foi quem primeiro me sugeriu que a reverência pode oferecer a chave psicológica para explicar o poder dos compostos psicodélicos de alterar profundamente

padrões enraizados de comportamento.

“As pessoas que têm vícios sabem que estão se prejudicando — que estão prejudicando sua saúde, suas carreiras, seu bem-estar social —, mas é comum que não consigam ver os danos que causam aos outros.” O vício é, entre outras coisas, uma forma radical de egoísmo. Um dos desafios de tratar um viciado é fazer com que ele amplie seus pontos de vista para além do destruidor interesse próprio em seu vício, o comportamento que passou a definir sua identidade e organizar seus dias. A reverência, crê Hendricks, tem o poder de fazer isso.

Hendricks mencionou a pesquisa de Dacher Keltner, psicólogo de Berkeley e um amigo próximo. “Keltner acha que a reverência é uma emoção humana fundamental, que evoluiu na espécie por promover um comportamento altruísta. Somos descendentes daqueles que viam a reverência como uma dádiva, porque é vantajoso para a espécie ter uma emoção que nos faça sentir parte de algo muito maior do que nós.” Essa entidade maior pode ser o coletivo social, a natureza como um todo ou o espírito do mundo, mas é algo suficientemente poderoso para que vejamos a nós mesmos e a nosso limitado interesse próprio como coisas menores. “A reverência promove um sentimento de ‘apequenamento do eu’ que afasta nossa atenção do indivíduo e a direciona ao grupo e ao bem comum.”

O laboratório de Keltner em Berkeley já fez uma série de experimentos inteligentes demonstrando que, mesmo depois de uma experiência modesta de reverência, como olhar para o topo das árvores, as pessoas se tornam mais propensas a ajudar os outros. (Nesse experimento, conduzido em um bosque de eucaliptos no campus de Berkeley, voluntários passaram um minuto olhando ou para as árvores ou para a fachada de um prédio próximo.¹⁷ Então, alguém andava em direção aos participantes e tropeçava, espalhando canetas no chão. Quem estava olhando para as árvores tinha maior probabilidade de tentar ajudar do que aqueles que olhavam para o prédio.) Em outro experimento, o laboratório de Keltner descobriu que, se você pedir para as pessoas se desenharem antes e depois de ver imagens da natureza que inspiram reverência, os retratos pós-reverência ocupam um espaço consideravelmente menor na página.¹⁸ Uma experiência de reverência parece ser um excelente antídoto contra o egoísmo.

“Agora temos à disposição um instrumento farmacológico capaz de provocar uma experiência realmente profunda de reverência”, disse Hendricks. A reverência numa pílula. Para o viciado obcecado por si mesmo, “pode ser uma felicidade se sentir parte de algo maior e mais amplo, sentir-se reconectado a outras pessoas” — ao tecido das relações sociais e familiares que o vício sempre enfraquece. “Muito frequentemente eles passam a reconhecer o mal que fazem não só a si

mesmos, mas também a entes queridos. É daí que muitas vezes vem a motivação para mudar — um sentimento renovado de conexão e responsabilidade, assim como um sentimento positivo de ser alguém pequeno na presença de algo maior.”

Percebi que o conceito de reverência ajudava a ligar vários pontos da minha viagem pelo panorama da terapia psicodélica. Se a reverência é uma causa ou um efeito das mudanças mentais que os psicodélicos promovem, não está totalmente claro. Mas, de qualquer forma, ela figura em grande parte da fenomenologia da consciência psicodélica, incluindo a experiência mística, o efeito de visão global, a autotranscendência, o enriquecimento do nosso ambiente interno e até mesmo a geração de novos significados. Como escreveu Keltner, a força esmagadora e o mistério da reverência impedem que a experiência seja prontamente interpretada de acordo com nossos padrões de pensamento habituais. Ao sacudir essas estruturas conceituais, a reverência tem o poder de mudar nossas mentes.

III: Depressão

ALGO INESPERADO ACONTECEU quando, no início de 2017, Roland Griffiths e Stephen Ross levaram os resultados de seus experimentos clínicos para a FDA, esperando obter aprovação para uma terceira fase do estudo de psilocibina com pacientes de câncer, que seria maior do que as anteriores. Impressionada com os dados — e aparentemente sem se deixar intimidar pelos desafios específicos da pesquisa com psicodélicos, como o problema do duplo-cego, a combinação de terapia e remédios e o fato de a droga em questão ainda ser ilegal —, a equipe da FDA surpreendeu os pesquisadores ao pedir que eles expandissem seu foco e ambição: a ideia era descobrir se a psilocibina podia ser usada para tratar o problema muito maior e mais urgente da depressão na população em geral. Do ponto de vista da agência de regulação, os dados continham um “sinal” forte o suficiente de que a psilocibina pode aliviar a depressão; seria uma pena não testar essa ideia, dada a enormidade da demanda e as limitações das terapias disponíveis. Ross e Griffiths tinham se concentrado em pacientes de câncer por pensarem que seria mais fácil conseguir a aprovação para o estudo de uma substância controlada em pessoas já seriamente doentes ou moribundas. Agora, o governo estava lhes dizendo para mirar mais alto. “Foi surreal”, Ross me disse, duas vezes, quando relatou a reunião para mim, ainda um pouco atordoado com a resposta e o resultado. (A FDA não quis confirmar ou negar o relato da reunião, explicando que não comenta a respeito de drogas que estão

em desenvolvimento ou em revisão regulatória.)

Algo muito parecido aconteceu na Europa em 2016, quando pesquisadores abordaram a Agência Europeia de Medicamentos — o órgão da União Europeia que regulamenta questões relativas a drogas — procurando aprovar o uso de psilocibina no tratamento de ansiedade e depressão em pacientes com diagnósticos terminais. A agência apontou que “sofrimento existencial” não é um diagnóstico oficial e que os serviços nacionais de saúde não iriam cobrir isso. Mas há um sinal aqui de que a psilocibina pode ser útil no tratamento de depressão, então por que vocês não fazem um grande estudo em vários locais para isso?

A agência estava respondendo não apenas aos dados da Hopkins e da NYU, mas também ao pequeno “estudo de viabilidade” do potencial de uso da psilocibina para tratar depressão que Robin Carhart-Harris liderou no laboratório de David Nutt na Imperial College. No estudo, cujos resultados iniciais apareceram na *Lancet Psychiatry* em 2016, pesquisadores deram psilocibina a seis homens e seis mulheres sofrendo de “depressão resistente a tratamento” — o que significa que eles já haviam tentado pelo menos dois tratamentos sem sucesso.¹⁹ Não havia um grupo de controle, então todos sabiam que receberiam a psilocibina.

Depois de uma semana, todos os voluntários mostraram melhoras nos sintomas, e dois terços estavam livres da depressão, em alguns casos pela primeira vez em anos. Sete dos doze voluntários ainda mostravam benefícios substanciais depois de três meses. O estudo foi expandido para vinte voluntários; após seis meses, seis permaneciam em remissão, enquanto outros haviam tido recaídas de diferentes graus, sugerindo que o tratamento precisaria ser repetido. O estudo tinha escala modesta e não era randomizado, mas demonstrou que a psilocibina havia sido bem tolerada por essa população, sem eventos adversos, e a maioria dos participantes teve benefícios visíveis e rápidos.^x A Agência Europeia de Medicamentos ficou suficientemente impressionada com os dados para aprovar um estudo muito maior sobre a depressão resistente a tratamento, que aflige mais de 500 mil pessoas na Europa. (Isso de um total de cerca de 40 milhões de europeus com distúrbios depressivos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde.)

Rosalind Watts era uma jovem psicóloga clínica trabalhando para o Serviço Nacional de Saúde britânico quando leu um artigo sobre terapia psicodélica na *New Yorker*.^{xi} A ideia de que é de fato possível curar transtornos mentais em vez de apenas administrar seus sintomas levou-a a escrever para Robin Carhart-Harris, que a contratou para ajudar com a pesquisa de depressão, a primeira incursão do laboratório num estudo clínico. Watts guiou muitas sessões e fez

entrevistas qualitativas com todos os voluntários seis meses depois de seus tratamentos, na esperança de entender exatamente como a sessão psicodélica os afetou.

As entrevistas de Watts revelaram dois temas “principais”.²⁰ O primeiro foi que os voluntários retratavam a depressão como um estado de “desconexão”, fosse com outras pessoas, com sua personalidade anterior, com seus sentidos e sentimentos, com suas crenças principais e valores espirituais ou com a natureza. Muitos diziam viver numa “prisão mental”, outros diziam estar “estagnados” num ciclo sem fim de reflexões que comparavam a um “engarrafamento” mental. Isso me fez lembrar da hipótese de Carhart-Harris de que a depressão pode ser o resultado de uma hiperatividade na rede neural de modo padrão — o local no cérebro onde a reflexão parece acontecer.

Os pacientes depressivos da Imperial College também se sentiam desconectados dos sentidos. “Eu olhava para uma orquídea”, um deles contou a Watts, “e intelectualmente entendia que existia beleza, mas não sentia aquilo.”

A maioria dos voluntários disse que a experiência com psilocibina os libertou de suas prisões mentais, ainda que temporariamente. Uma participante do estudo me contou que o mês seguinte à sessão foi a primeira vez que ela esteve livre de depressão desde 1991. Outros descreveram experiências semelhantes.

“Foi como passar férias longe da prisão do meu cérebro. Eu me senti livre, sem preocupações, com mais energia.”²¹

“Foi como acender a luz numa casa escura.”

“Você não está mais imerso em padrões de pensamento; é como se você tirasse um casaco de concreto.”

“Foi como quando você desfragmenta o disco rígido do computador... Pensei: ‘Meu cérebro está sendo desfragmentado, que maravilha!’”

Para muitos voluntários, essa mudança no modo como eles sentem a própria mente persistiu:

“Minha mente trabalha de um outro jeito. Fico menos tempo remoendo as coisas e meus pensamentos parecem organizados, contextualizados.”

Muitos relataram uma reconexão com os sentidos:

“Um véu caiu do meu rosto, as coisas de repente estão claras, brilhando, iluminadas. Vi as plantas e senti sua beleza. Continuo podendo olhar minhas orquídeas e sentir: realmente permaneceu.”

Alguns se reconectaram consigo mesmos:

“Tive uma experiência de ternura comigo mesmo.”

“Basicamente, me sinto como eu era antes da depressão.”

Outros se reconectaram com outras pessoas:

“Eu falava com desconhecidos. Tinha conversas longas e completas com todo mundo que encontrava.”

“Eu olhava as pessoas na rua e pensava: ‘Como somos interessantes!’ Me senti conectada a todas elas.”

E com a natureza:

“Antes, eu curtia a natureza; agora me sinto parte dela. Antes olhava para ela como se fosse uma coisa, como a TV ou uma pintura. Você é parte dela, não tem separação ou distinção, você é a natureza.”

“Eu era todo mundo, unidade, uma vida em seis bilhões de rostos. Eu era alguém pedindo amor e dando amor, estava nadando no mar, e o mar era eu.”

O segundo tema principal era o novo acesso a emoções difíceis, emoções que a depressão muitas vezes atenua ou fecha completamente. A hipótese de Watts é que a reflexão incessante do paciente depressivo possa restringir seu repertório emocional. Em outros casos, o depressivo mantém as emoções sob controle por ser muito doloroso experimentá-las.

Isso é especialmente verdadeiro em casos de traumas de infância. Watts me pôs em contato com um homem de 39 anos que participou do estudo, um jornalista musical chamado Ian Rouiller, que, junto com a irmã mais velha, foi abusado pelo pai na infância. Quando adultos, os irmãos denunciaram o pai, que ficou preso por anos, mas isso não aliviou a depressão que perseguiu Ian por grande parte da vida.

“Eu me lembro do momento em que essa nuvem terrível parou em cima da minha cabeça. Eu estava em um espaço para as famílias de um bar chamado Fighting Cocks em St. Albans. Tinha 10 anos. Os antidepressivos ajudaram por um tempo, mas “colocar emplastro na ferida não cura nada”. Sob o efeito da psilocibina, ele pela primeira vez foi capaz de confrontar a dor de uma vida inteira — e também de confrontar o pai.

“Normalmente, quando meu pai aparece na minha cabeça, só empurro o pensamento para longe. Mas dessa vez foi diferente.” O guia disse que ele devia “seguir em frente” caso algo assustador aparecesse durante a viagem.

Olhei nos olhos dele. Foi sem dúvida um grande momento para mim, literalmente encarei o demônio. E ali estava ele. Mas ele era um cavalo! Um cavalo militar sentado nas pernas traseiras, usando uma roupa militar com um capacete e segurando uma arma. Era assustador, e eu queria empurrar a imagem para longe, mas não fiz isso. *Fui em frente*: olhei nos olhos do cavalo — e imediatamente comecei a rir, de tão ridículo que ele era.

Foi aí que aquilo deixou de ser uma *bad trip*. Agora eu tinha todo tipo de emoção, positiva, negativa, não importa. Pensei sobre os refugiados [sírios] em Calais e comecei a chorar por eles, e vi que as emoções são todas igualmente válidas. Você não pode escolher a felicidade e o prazer, as chamadas boas emoções; não havia

problema em ter pensamentos negativos. A vida é assim. Para mim, tentar resistir às emoções somente as amplificava. Depois de chegar a esse estado, foi lindo — um sentimento de contentamento profundo. Tive essa sensação — não era nem um pensamento — de que tudo e todos precisam ser tratados com amor, inclusive eu.

Ian ficou vários meses livre da depressão e com uma nova perspectiva de vida — algo que nenhum antidepressivo fez por ele. “Como o Google Earth, eu dei um zoom out”, ele disse a Watts na entrevista de revisão seis meses depois. Por várias semanas depois da sessão, “estive absolutamente conectado a mim mesmo, a todas as coisas vivas, ao universo”. Uma hora, porém, o efeito de visão global diminuiu e ele acabou voltando para o Zoloft.

“O esplendor e o brilho que a vida e a existência reconquistaram imediatamente após o experimento e por várias semanas depois foram se esvaindo pouco a pouco”, escreveu ele, passado um ano da sessão.²² “As descobertas que fiz durante o estudo nunca me abandonaram e nunca vão me abandonar. Mas agora elas parecem ser ideias”, diz. Ele afirma que está melhor do que antes e que está conseguindo manter um emprego, mas que a depressão voltou. E me disse que quer uma nova sessão de psilocibina na Imperial College. Como no momento isso não é possível, ele às vezes medita e ouve a playlist da sessão. “Isso realmente ajuda a me pôr de novo naquele lugar.”

Mais da metade dos voluntários da Imperial viu as nuvens da depressão acabarem voltando, o que sugere que a terapia psicodélica, caso se mostre útil e seja aprovada, demandará mais do que apenas uma única intervenção. Mas mesmo o alívio temporário foi visto como precioso pelos voluntários, porque os levou a lembrar que havia outra forma de ser e que valia a pena trabalhar para reaver isso. Como no caso da terapia eletroconvulsiva para depressão, com a qual é de certa forma parecida, a terapia psicodélica é um sistema de choque — um “reinício” ou uma “desfragmentação” — que talvez precise ser repetido de vez em quando. (Presumindo que o tratamento funcione igualmente bem na repetição.) Mas o potencial da terapia deu esperanças a reguladores, pesquisadores e a grande parte da comunidade de saúde mental.

“Acredito que isso pode ser revolucionário para a área da saúde mental”, Watts me disse. Sua convicção é compartilhada por todos os outros pesquisadores psicodélicos que entrevistei.

* * *

“QUANDO SE PRESCREVEM muitos remédios para uma doença”, escreveu Anton Tchekkhóv, que além de escritor era médico, “esteja certo de que a doença não tem cura.” Mas e quando acontece exatamente o contrário do que disse Tchekkhóv? O que pensar quando se prescreve

um único remédio para muitas doenças? Como a terapia psicodélica pode ser útil para doenças tão diferentes quanto depressão, vício, ansiedade em pacientes de câncer, para não falar de transtorno obsessivo-compulsivo (existe um estudo animador sobre isso) e distúrbios alimentares (como a Hopkins planeja estudar)?

Não podemos esquecer que o entusiasmo irracional prejudicou a pesquisa com compostos psicodélicos desde o começo, nem que a crença de que essas moléculas são uma panaceia para o que quer que nos aflija é no mínimo tão antiga quanto o trabalho de Timothy Leary. Pode ser que o entusiasmo de agora ceda espaço a uma avaliação mais modesta do potencial dessas terapias. Tratamentos novos sempre parecem mais brilhantes e mais promissores no começo. Nos primeiros estudos com pequenas amostras, os pesquisadores, que normalmente têm viés favorável à descoberta de um efeito, se dão ao luxo de selecionar os voluntários mais capazes de responder. Como os grupos são muito pequenos, esses voluntários se beneficiam do cuidado e da atenção de terapeutas excepcionalmente bem treinados e dedicados e que também têm viés favorável ao sucesso do experimento. Além disso, o efeito placebo em geral é mais forte quando o remédio é novo e tende a se enfraquecer com o tempo, como se observou no caso dos antidepressivos; seu funcionamento não passa nem perto do que foi na época do lançamento, nos anos 1980. Nenhuma terapia psicodélica até o momento comprovou funcionar em populações maiores; os sucessos relatados devem ser tomados como sinais promissores que se destacam em meio ao ruído dos dados, e não como provas definitivas de cura.

Contudo, o fato de os psicodélicos terem produzido esse tipo de sinal em toda uma gama de sintomas pode ser interpretado com um viés mais positivo. Parafraseando Tchekkhóv, quando se prescreve um único remédio para muitas doenças, isso pode significar que essas doenças são mais semelhantes do que tendemos a pensar. Se uma terapia traz implícita uma teoria da doença que se propõe a tratar, e se a terapia psicodélica parece dar resultados com tantos sintomas diferentes, o que isso nos diz sobre as características que essas doenças têm em comum? E o que nos diz sobre os transtornos mentais em geral?

Fiz essa pergunta a Tom Insel, ex-diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental. “Não me surpreende de forma alguma” que o mesmo tratamento possa se mostrar promissor para tantos sintomas. Ele diz que o *DSM*, o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, que está em sua quinquagésima edição, traça fronteiras de certa forma arbitrárias entre os transtornos mentais, fronteiras que mudam a cada nova edição.

“As categorias do *DSM* não refletem a realidade”, disse Insel; elas existem principalmente para a conveniência da indústria de planos de

saúde. “A continuidade entre essas doenças é muito maior do que o *DSM* reconhece.” Ele ressalta que os antidepressivos inibidores seletivos de recaptação de serotonina, quando funcionam, são úteis para tratar uma gama de condições além da depressão, entre elas ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo, o que sugere a existência de algum mecanismo oculto comum.²³

Andrew Solomon, em seu livro *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão*, demonstra as ligações entre vício e depressão, que muitas vezes ocorrem simultaneamente, assim como a relação íntima entre depressão e ansiedade. Ele cita um especialista em ansiedade que sugere que devíamos pensar nas duas doenças como “gêmeas”: “A depressão é uma resposta para perdas do passado, e a ansiedade é uma resposta para perdas do futuro.”²⁴ Ambas refletem uma mente concentrada em reflexões, uma lidando com o passado, a outra se preocupando com o futuro. O principal traço que distingue as duas doenças é o tempo verbal.

Alguns pesquisadores no campo da saúde mental parecem caminhar rumo a uma grande teoria unificada dos transtornos mentais, embora eles não sejam arrogantes a ponto de chamá-la assim. David Kessler, médico e ex-diretor da FDA, publicou recentemente um livro chamado *Capture: Unraveling the Mystery of Mental Suffering* [Captura: desvendando o mistério do sofrimento mental], que defende essa abordagem. “Captura” é o termo que ele usa para o mecanismo comum por trás de vício, depressão, ansiedade, mania e obsessão; do ponto de vista dele, todas essas doenças envolvem hábitos aprendidos de pensamento negativo e comportamento que capturam nossa atenção e nos prendem em círculos viciosos de autorreflexão. “O que começa como prazer se torna necessidade; o que antes era mau humor se torna autoacusação contínua; o que antes era aborrecimento se torna perseguição”, em um processo que ele descreve como uma forma de “aprendizado inverso”. “Toda vez que respondemos [a um estímulo], reforçamos o circuito neural que nos prepara para repetir” os mesmos pensamentos e comportamentos destrutivos.²⁵

É possível que a ciência dos psicodélicos tenha uma contribuição a dar no desenvolvimento de uma grande teoria unificada dos transtornos mentais — ou pelo menos de alguns? A maioria dos pesquisadores no campo — de Robin Carhart-Harris a Roland Griffiths, de Matthew Johnson a Jeffrey Guss — está convencida de que esses compostos operam em mecanismos de ordem superior no cérebro e na mente, mecanismos que podem estar por trás e ajudar a explicar uma grande variedade de distúrbios mentais e comportamentais, e talvez também a simples tristeza.

Pode ser algo bastante direto como a noção de “reiniciar a mente” — o ctrl-alt-del biológico de Matt Johnson —, que tira o cérebro de

padrões destrutivos (como a “captura” de Kessler) e cria condições para que novos padrões se estabeleçam. Pode ser que, como Franz Vollenweider já enunciou, os compostos psicodélicos aumentem a neuroplasticidade.²⁶ A miríade de novas conexões que surge no cérebro durante a experiência psicodélica, como se vê nos mapas feitos pelos equipamentos de neuroimagem da Imperial College, e a desintegração das conexões antigas e bastante usadas talvez sirvam simplesmente para “sacudir o globo de neve”, na frase de Robin Carhart-Harris, algo que pode estabelecer novos caminhos.

Mendel Kaelen, um estudante de pós-doutorado holandês que trabalha no laboratório da Imperial, propõe uma metáfora mais extensa envolvendo a neve:

Pense que o cérebro é uma colina coberta de neve e que os pensamentos são trenós deslizando montanha abaixo. À medida que um trenó vai deslizando atrás do outro morro abaixo, algumas trilhas principais surgem na neve. E, toda vez que um novo trenó começa a descer, vai ser atraído para as trilhas preexistentes, quase como um ímã.

Essas trilhas principais são as conexões neurais mais usadas no cérebro, muitas delas passando pela rede neural de modo padrão.

Com o tempo, fica cada vez mais difícil escorregar montanha abaixo por outro caminho ou em outra direção. Pense nos psicodélicos como algo que temporariamente alisa a neve. As trilhas profundas e bastante usadas desaparecem, e de repente o trenó pode ir em qualquer direção, explorando novas paisagens e, literalmente, criando novas trilhas.

Quando a neve é recente, a mente fica mais impressionável, e o menor empurrão — dado por uma música ou intenção ou pela sugestão de um terapeuta — pode influenciar profundamente seu curso futuro.

A teoria do cérebro entrópico, de Robin Carhart-Harris, representa uma elaboração promissora dessa ideia geral, e uma primeira incursão na formação de uma teoria unificada dos transtornos mentais que ajuda a explicar as três doenças que examinamos nessas páginas. Um cérebro feliz é um cérebro elástico e flexível, acredita ele; depressão, ansiedade, obsessão e as vontades do vício são o resultado de um cérebro que se tornou excessivamente rígido ou que tem caminhos e ligações muito arraigados — um cérebro com um grau maior de ordem do que seria saudável. No espectro que ele estabelece (em seu artigo sobre o cérebro entrópico), indo da ordem excessiva ao excesso de entropia, a depressão, o vício e os transtornos da obsessão ficam na ponta do espectro em que há ordem em excesso. (A psicose está na ponta da entropia do espectro, e talvez por isso não responda à terapia psicodélica.)

O valor terapêutico dos compostos psicodélicos, na visão de

Carhart-Harris, está associado à sua capacidade de temporariamente aumentar a entropia num cérebro inflexível, tirando o sistema de seus padrões usuais. Carhart-Harris usa a metáfora do recozimento na metalurgia: os psicodélicos introduzem energia no sistema, dando a flexibilidade necessária para que ele possa ser moldado e, assim, se modifique. Os pesquisadores da Hopkins usam uma metáfora semelhante para dizer a mesma coisa: a terapia psicodélica cria um intervalo de plasticidade máxima durante o qual, com assistência adequada, é possível aprender novos padrões de pensamento e de comportamento.

Todas essas metáforas para a atividade cerebral são apenas isso — metáforas, e não a coisa em si. Contudo, as neuroimagens de cérebros “viajando” feitas na Imperial College (e que desde então foram replicadas em muitos outros laboratórios usando não apenas a psilocibina, mas também o LSD e a ayahuasca) têm identificado mudanças mensuráveis no cérebro que dão sustentação a essas metáforas. Em particular, as mudanças na atividade e na conectividade da rede neural de modo padrão sob o efeito de psicodélicos sugerem que talvez seja possível ligar as sensações causadas por alguns tipos de sofrimentos mentais a algo observável — e alterável — no cérebro. Se a rede neural de modo padrão faz o que os neurocientistas pensam que faz, então uma intervenção que tenha essa rede como objetivo tem o potencial de ajudar a aliviar muitas formas de transtornos mentais, incluindo a meia dúzia que os pesquisadores já testaram até agora.

Muitos voluntários com quem conversei, fossem moribundos, viciados ou deprimidos, disseram se sentir mentalmente “presos”, capturados em ciclos de reflexões que se sentiam incapazes de interromper. Eles falaram sobre as “prisões do eu”, espirais de introspecção obsessiva que os prendem entre paredes que os afastam de outras pessoas, da natureza, de suas personalidades anteriores e do momento presente. Todos esses pensamentos e sentimentos podem ser produtos de uma hiperatividade na rede neural de modo padrão, aquele conjunto de estruturas cerebrais interligadas implicado na reflexão, no pensamento autorreferencial e na metacognição — o pensar sobre pensar. Parece lógico que, ao silenciar a rede do cérebro responsável por pensar sobre nós mesmos, possamos ser capazes de saltar sobre a trilha ou apagá-la da neve.

A rede neural de modo padrão parece ser a sede não só do ego, ou do eu, mas também da faculdade mental de viajar no tempo. Os dois são, é claro, bastante próximos: sem a habilidade de lembrar nosso passado e imaginar o futuro, a noção de um eu coerente dificilmente existiria; definimos a nós mesmos com referência a nossa história pessoal e a nossos objetivos futuros. (Como acabam descobrindo

aqueles que meditam, se conseguimos parar de pensar sobre o passado ou o futuro e nos prendemos ao presente, o eu parece desaparecer.) A viagem mental no tempo está constantemente nos levando para além das fronteiras do presente momento. Essa capacidade pode ser altamente adaptativa; ela nos permite aprender com o passado e planejar para o futuro. Mas, quando se torna obsessiva, a viagem no tempo estimula o olhar para trás da depressão e o passo à frente da ansiedade. O vício também parece envolver uma incontrollável viagem no tempo. O viciado usa seu hábito para organizar o tempo: *Quando foi a última vez, e quando vou conseguir a próxima dose?*

Dizer que a rede neural de modo padrão é a sede do eu não é uma proposição simples, sobretudo se levarmos em conta que o eu pode não ser exatamente real. Contudo podemos dizer que há um conjunto de operações mentais, entre elas a viagem no tempo, que estão associadas ao eu. Pense nele apenas como o lugar onde ocorre esse conjunto particular de atividades mentais, muitas das quais parecem ter como casa as estruturas da rede neural de modo padrão.

Outro tipo de atividade mental que a neuroimagem localizou nessa rede (e especificamente no córtex cingulado posterior) foi o trabalho realizado pelo chamado eu autobiográfico ou experiencial: a operação mental responsável pelas narrativas que ligam nossa primeira pessoa ao mundo, ajudando a nos definir. “*Este sou eu.*” “*Não mereço ser amado.*” “*Sou o tipo de pessoa que não tem a força de vontade para deixar esse vício.*” Ficar muito preso a essas narrativas, tomá-las como verdades imutáveis sobre nós mesmos em vez de histórias sujeitas a revisão, contribui muito para o vício, a depressão e a ansiedade. A terapia psicodélica parece enfraquecer o poder dessas narrativas, talvez por desintegrar temporariamente partes da rede neural de modo padrão onde elas operam.

E além disso há o ego, talvez a mais formidável criação dessa rede, que trabalha para nos defender de ameaças tanto internas quanto externas. Quando tudo está funcionando como deveria, o ego mantém o organismo na linha, ajuda a realizar seus objetivos e a satisfazer suas necessidades, em especial de sobrevivência e reprodução. Ele dá conta do recado. Mas é também fundamentalmente conservador. “O ego nos mantém nas trilhas”, como diz Matt Johnson. Para o bem e, por vezes, para o mal. Pois em muitos momentos ele se torna tirânico e volta seus poderes formidáveis contra o resto de nós.^{xii} Talvez seja essa a ligação entre as várias formas de transtorno mental em que a terapia psicodélica parece mais ajudar: todas envolvem um ego desordenado — autoritário, punitivo ou mal direcionado.^{xiii}

Em um discurso de paraninfo proferido três anos antes de se suicidar, David Foster Wallace pedia à plateia para “pensar no velho clichê sobre ‘a mente ser um excelente servo, mas um mestre terrível’.

Assim como muitos outros clichês que na superfície são toscos e desinteressantes, esse também expressa uma grande e terrível verdade”, disse ele.²⁷

“Não é nem de longe coincidência que adultos que cometem suicídio com armas de fogo quase sempre atirem contra a própria cabeça. Eles atiram no mestre terrível.”

* * *

DE TODOS OS efeitos fenomenológicos relatados por pessoas sob o efeito de psicodélicos, a dissolução do ego me parece de longe o mais importante e mais terapêutico. Encontrei pouco consenso sobre terminologia entre os pesquisadores que entrevistei, mas, ao processar suas metáforas e vocabulários — espirituais, humanistas, psicanalíticos ou neurológicos —, concluí que o que eles estão sugerindo é que a perda do ego ou do eu (aquilo que Jung chamou de “morte psíquica”) é a chave psicológica por trás da experiência. É isso que nos dá a experiência mística, o processo de ensaio da morte, o efeito de visão global, a noção de reiniciar a mente, a criação de novos significados e a experiência de reverência.

Pense no caso da experiência mística: os sentimentos de transcendência, de sagrado, de uma consciência unificadora, de infinitude e graça que as pessoas relatam podem ser todos explicados como a sensação da mente quando perde seu senso de ser, ou de ter, um eu separado, que de repente não existe mais.

Será estranho termos uma sensação de unidade com o universo quando subitamente caem as fronteiras entre o eu e o mundo que o ego vigia? Por sermos criaturas que fabricam significados, nossas mentes se esforçam para criar novas histórias que expliquem o que está acontecendo com elas durante a experiência. Algumas dessas histórias estão fadadas a ser sobrenaturais ou “espirituais”, ainda que apenas pelo fato de o fenômeno ser extraordinário a ponto de não ser facilmente explicável por nossas categorias conceituais de praxe. O cérebro preditivo recebe tantos sinais de erros que é forçado a desenvolver interpretações novas e extravagantes para uma experiência que transcende sua capacidade de compreensão.

Se as mais magníficas dessas histórias representam uma regressão ao pensamento mágico, como acreditava Freud, ou um acesso a reinos transpessoais como o da “Onisciência”, como queria Huxley, é em si uma questão de interpretação. Quem pode dizer com certeza? Em todo caso, me parece bastante possível que a perda ou redução do eu possa levar uma pessoa a se sentir mais “espiritual”, como quer que se defina a palavra, e que isso possa fazê-la se sentir melhor.

O antônimo mais comum para “espiritual” é “material”. Pelo menos

era nisso que eu acreditava quando comecei essa investigação — que a questão da espiritualidade como um todo tinha a ver com a metafísica. Hoje, tendo a pensar que um antônimo muito melhor e correto seja “egoísta”. “Eu” e “Espírito” definem os extremos do espectro, mas esse espectro não precisa atingir o paraíso para ter significado para nós. Ele pode ficar aqui mesmo na Terra. Quando o ego se dissolve, também desaparece a concepção limitada que temos não apenas do nosso eu, mas também do nosso interesse próprio. O que surge no seu lugar é invariavelmente uma noção mais ampla, sincera e altruísta — isto é, mais espiritual — daquilo que importa na vida. Uma noção em que um novo sentido de conexão, ou amor, qualquer que seja a definição, parece ter lugar de destaque.

“A viagem psicodélica talvez não lhe dê o que você quer”, como mais de um guia memoravelmente me alertou, “mas vai lhe dar aquilo de que precisa.” Acho que no meu caso isso é verdade. Talvez a viagem não tenha sido nem de longe como eu esperava, mas agora vejo que, no fim das contas, foi uma educação espiritual.

Coda: Indo conhecer minha rede neural de modo padrão

TIVE A OPORTUNIDADE — uma oportunidade não farmacológica — de explorar minha própria rede neural de modo padrão logo após entrevistar Judson Brewer, o psiquiatra e neurocientista que estuda o cérebro dos meditadores. Foi Brewer que descobriu que o cérebro de um meditador experiente se parece muito com o de pessoas sob o efeito da psilocibina: ambos, meditação e remédio, diminuem drasticamente a atividade na rede neural de modo padrão.

Brewer me convidou a visitar seu laboratório no Centro de Mindfulness [atenção plena] da Faculdade de Medicina da Universidade de Massachussetts em Worcester para fazer testes em minha própria rede de modo padrão. O laboratório dele desenvolveu uma ferramenta de retorno neural que permite aos pesquisadores (e a seus voluntários) observar em tempo real a atividade em uma das principais estruturas dessa rede: o córtex cingulado posterior.

Até agora tentei poupar o leitor dos nomes e funções de partes específicas da anatomia do cérebro, mas preciso descrever esta aqui com um pouco mais de detalhe. O córtex cingulado posterior é um nodo localizado no centro da rede neural de modo padrão envolvido no processo mental de autorreferenciamento. Situado no meio do cérebro, ele liga o córtex pré-frontal — onde está localizada nossa função executiva, onde planejamos e exercitamos a vontade — aos centros de memória e emoção no hipocampo. Acredita-se que o CCP

seja a sede do eu experiencial ou narrativo; ele parece gerar as narrativas que ligam o que acontece conosco a nosso sentimento permanente de quem somos. Brewer acredita que problemas nessa operação específica são a raiz de muitas formas de sofrimento mental, inclusive o vício.

Como ele explica, a atividade no córtex cingulado posterior está menos relacionada a nossos pensamentos e sentimentos do que ao modo como “nos *relacionamos* com nossos pensamentos e sentimentos”.²⁸ É o lugar que nos prende às nossas experiências”. (Isso é relevante sobretudo para o viciado: “Uma coisa é ter desejos”, como destaca Brewer, “outra coisa é ser capturado por seus desejos.”) Sabe quando levamos algo que aconteceu para o lado pessoal? Isso é o córtex cingulado posterior fazendo o que ele faz (sendo egoísta). Do jeito como Brewer descreve, você acaba suspeitando que a neurociência encontrou o centro do cérebro responsável pelo “Agora vamos falar mais sobre mim”.

Os budistas acreditam que o apego é a raiz de todas as formas de sofrimento mental; se a neurociência estiver certa, muitos desses apegos estão ancorados no CCP, onde são nutridos e sustentados. Brewer acredita que, ao diminuir sua atividade, seja por meio da meditação ou dos psicodélicos, podemos aprender “a estar com nossos pensamentos e desejos sem ficarmos presos a eles”. Conquistar tal desapego de pensamentos, sentimentos e desejos é o que o budismo (junto com muitas outras tradições de sabedoria) ensina como o melhor caminho para fugir do sofrimento humano.

Brewer me conduziu até uma sala pequena e escura, com uma cadeira confortável diante de um monitor. Uma assistente de laboratório trouxe a engenhoca: uma touca de borracha vermelha com 128 sensores arrumados em uma densa rede espalhada por toda a sua superfície. Cada sensor estava ligado a um cabo. Depois de ajeitar com cuidado a touca na minha cabeça, a assistente borrifou um pouco de gel condutor por baixo de cada um dos 128 eletrodos para garantir que mesmo o menor sinal elétrico emanado das profundezas do meu cérebro pudesse prontamente atravessar meu couro cabeludo. Brewer tirou uma foto minha no meu telefone: eu tinha acabado de ganhar um patético emaranhado de dreadlocks de alta tecnologia.

Para calibrar um nível-base de atividade para meu CCP, Brewer projetou uma série de adjetivos na tela — “corajoso”, “barato”, “patriótico”, “impulsivo”, e daí em diante. A simples leitura da lista não faz nada para ativar o CCP, por isso ele me pediu para pensar se esses adjetivos se aplicavam a mim ou não. Em outras palavras, *leve para o lado pessoal*. O CCP existe para realizar precisamente esse processo de pensamento, relacionando pensamentos e experiências ao nosso sentimento de quem somos.

Depois de estabelecer uma base, Brewer, de outra sala, me guiou por uma série de exercícios para ver se eu conseguia alterar a atividade do meu CCP ao me concentrar em diferentes tipos de pensamentos. Ao terminar cada uma das “fases” — que duravam alguns minutos —, ele projetava um gráfico de barras na tela à minha frente; o comprimento de cada barra indicava quanto a atividade no meu CCP havia ultrapassado ou ficado abaixo da linha-base, a intervalos de dez segundos. Eu também podia acompanhar os altos e baixos da atividade no meu córtex cingulado posterior ouvindo notas agudas e graves em um monitor, mas isso me distraía muito.

Comecei tentando meditar, algo que se transformara num hábito logo no início de minha incursão pela ciência e prática da consciência psicodélica. Uma breve meditação diária era uma forma de continuar em contato com o tipo de pensamento que tive sob o efeito dos compostos psicodélicos. Descobri que minhas viagens haviam tornado mais fácil para mim entrar num espaço de quietude mental, algo que no passado sempre me escapava. Então fechei os olhos e comecei a acompanhar minha respiração. Nunca tinha tentado meditar na frente de outras pessoas, e a sensação foi estranha, mas, quando Brewer colocou o gráfico na tela, deu para ver que eu tinha conseguido silenciar meu CCP — não muito, mas a maioria das barras ficara abaixo da base. O gráfico, porém, era irregular, com muitas barras acima da linha-base. Brewer explicou que isso é o que acontece quando você está tentando muito meditar e se torna consciente do esforço. Ali estava, preto no branco: o gráfico do meu esforço e da minha autocrítica.

A seguir Brewer me pediu para fazer a “meditação do amor incondicional”. Nessa variação você deve fechar os olhos e pensar de forma calorosa e caridosa sobre as pessoas: primeiro em você, depois nas pessoas mais próximas, e por fim nas pessoas que você não conhece — a humanidade como um todo. As barras caíram consideravelmente em relação à linha-base, mais do que antes: *eu era bom nisso!* (Um pensamento autocongratatório que certamente mandou as barras lá para o alto.)

Para a fase seguinte, que seria a última, eu disse a Brewer que queria tentar um exercício mental, mas que só contaria mais tarde o que era. Fechei os olhos e tentei evocar as cenas das minhas viagens psicodélicas. O que veio primeiro à mente foi a imagem de uma paisagem pastoral, uma suave composição com campos, uma floresta e um lago, diretamente acima do qual havia uma espécie de moldura retangular de aço gigante. A estrutura, que tinha alguns andares de altura, mas era oca, lembrava uma torre de linhas de transmissão elétrica ou algo que uma criança construiria com um kit Erector — um dos brinquedos favoritos da minha infância. De qualquer forma, pela

lógica estranha da experiência psicodélica, estava claro para mim naquele momento que a estrutura representava meu ego, e que a paisagem sobre a qual ela flutuava era, presumo, o resto de mim.

A descrição faz com que a estrutura pareça ameaçadora, flutuando sobre a imagem como um óvni, mas na verdade o tom emocional da imagem era na maior parte benigno. A estrutura se revelara vazia e supérflua e perdera o poder que tinha sobre o solo — sobre mim. A cena me deu uma espécie de efeito de visão global: *eis o seu ego*, robusto, cinza, vazio e voando livre, como uma torre sem amarras. Imagine como essa cena seria mais bonita se ele não estivesse no caminho. A frase “brincadeira de criança” ficava voltando: a estrutura era só um brinquedo que uma criança poderia montar e desmontar à vontade. Durante a viagem, ela continuou pairando, lançando uma sombra intrincada sobre a cena, mas agora, na minha lembrança, eu podia vê-la se afastando, me deixando... em paz.

Quem sabe que tipo de sinais elétricos estavam vazando da minha rede neural de modo padrão durante esse devaneio, ou o que a imagem simbolizava. Você leu este capítulo: obviamente, tenho pensado bastante no ego e no mal-estar que ele gera. Aqui estava parte desse pensamento convertido em algo visível. Eu tinha conseguido me desligar do meu ego, pelo menos na imaginação, algo que nunca pensara ser possível antes dos psicodélicos. Somos idênticos a nossos egos? O que sobra de nós sem ele? A lição tanto dos psicodélicos quanto da meditação é a mesma: *Não!* para a primeira pergunta e *Mais do que o suficiente* para a segunda. Incluindo essa encantadora paisagem da mente, que se tornou ainda mais encantadora quando deixei aquela ridícula estrutura de aço flutuar para longe, levando com ela suas sombras.

Um bipe indicou o fim da fase. A voz de Brewer surgiu na caixa de som: “No que diabos você estava *pensando?*” Aparentemente, eu havia caído bem abaixo da linha-base. Contei a ele, em termos gerais. Ele pareceu animado com a ideia de que a mera lembrança de uma experiência psicodélica podia de alguma forma replicar o que acontece no cérebro durante a coisa real. Talvez tenha sido isso que aconteceu. Ou talvez tenha sido o conteúdo específico da imagem, e o mero pensamento de dar adeus a meu ego, vendo-o ir embora como um balão de ar quente, que conseguiu silenciar minha rede de modo padrão.

Brewer começou rapidamente a formular hipóteses. O que é tudo que a ciência pode nos oferecer a essa altura: palpites, teorias, tantos outros experimentos para tentar. Temos muitas pistas, mais agora do que antes do renascimento da ciência psicodélica, mas continuamos longe de entender o que acontece exatamente com a consciência quando a alteramos, seja com uma molécula ou com meditação.

Contudo, olhando as barras no gráfico diante de mim, esses hieróglifos crus do pensamento psicodélico, senti estar diante de uma fronteira escancarada, apertando os olhos para decifrar algo maravilhoso.

I. Como acontece com muitas drogas, os antidepressivos inibidores seletivos de recaptação de serotonina surgidos nos anos 1980 foram muito mais eficazes enquanto eram novidade, provavelmente devido ao efeito placebo. Hoje, eles são apenas um pouco melhores que um placebo.

II. O “tamanho do efeito” estatístico desses resultados — iguais ou superiores a 1,0 para a maior parte das medidas usadas em ambos os estudos — é notável para um tratamento psiquiátrico. Para efeitos de comparação, quando os antidepressivos inibidores seletivos de recaptação de serotonina passaram por seu primeiro teste clínico, o tamanho do efeito foi de apenas 0,3 — bom o suficiente para que eles fossem aprovados.

III. Surgiram algumas poucas vozes críticas. Em alguns posts no blog da Public Library of Science, James Coyne levantou várias objeções metodológicas em relação ao tamanho e à composição do grupo de pacientes, à confiabilidade dos diagnósticos, ao placebo de controle, ao duplo-cego e às premissas teóricas: “Desde quando as questões de bem-estar existenciais/espirituais são psiquiátricas?” Ver <blogs.plos.org/mindthebrain/2016/12/14/psilocybin-as-a-treatment-for-cancer-patients-who-are-not-depressed-the-nyu-study> .

IV. Muitos terapeutas da NYU me recomendaram os escritos de Viktor E. Frankl, o psicanalista vienense autor de *Em busca de sentido*. Frankl, que sobreviveu a Auschwitz e Dachau, acreditava que a força motriz humana não era o prazer, como seu professor Freud defendia, nem o poder, como dizia Alfred Adler, mas o sentido. Frankl concordava com Nietzsche, que escreveu: “Aquele que tem um Porquê para viver pode suportar quase todo Como.”

V. Katrin H. Preller et al., “The Fabric of Meaning and Subjective Effects in LSD-Induced States Depend on Serotonin 2A Receptor Activation”, *Current Biology* 27, n. 3 (2017): 451-57. O trabalho foi realizado no laboratório de Franz Vollenweider. Quando os receptores 5-HT_{2A}R de serotonina são bloqueados com a droga (ketanserina), “a atribuição induzida pelo LSD de relevância pessoal a estímulos anteriormente desprovidos de significado” também foi bloqueada, levando os autores a concluir que esses receptores têm um papel na geração e atribuição de significado pessoal.

VI. A experiência moldou seu trabalho pós-Nasa: o ex-engenheiro estabeleceu o Instituto de Ciências Noéticas para estudar a consciência e o fenômeno paranormal.

VII. “O ser humano é parte do todo chamado por nós de ‘universo’, uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experimenta a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto — uma espécie de ilusão ótica de sua consciência. Essa ilusão é um tipo de prisão para nós, nos restringindo a nossos desejos pessoais e à afeição por algumas poucas pessoas próximas a nós. Nossa tarefa deve ser nos libertar dessa prisão ao aumentar nosso círculo de compaixão, para abraçar todas as criaturas vivas e a totalidade da natureza em sua beleza” (Walter Sullivan, “The Einstein Papers. A Man of Many Parts”, *The New York Times*, 29 de março de 1972).

VIII. Citado em Charles S. Grob, “Psychiatric Research with Hallucinogens: What Have We Learned?”, *Heffter Review of Psychedelic Research* 1 (1998).

IX. A ibogaína, um composto psicodélico derivado da raiz de um arbusto africano, está sendo usada clandestinamente e em clínicas no México para tratar o vício em opioides; há relatos também de que a ayahuasca pode ser útil para acabar com vícios.

X. Os três voluntários que não tiveram benefícios passaram por sessões leves ou pouco dignas de nota. Isso pode ter acontecido por eles ainda estarem usando antidepressivos do tipo inibidores seletivos de recaptação de serotonina, que podem bloquear os efeitos dos compostos psicodélicos, ou por uma fração da população simplesmente não responder às drogas. A equipe da Hopkins também viu casos esporádicos de “viagens malogradas”, que não afetam as pessoas.

XI. Escrito por mim, curiosamente. “The Trip Treatment”, *New Yorker*, 9 de fevereiro de 2015.

XII. Era assim que Freud entendia a depressão, que ele chamava de melancolia: depois da perda de um objeto de desejo, o ego se divide em dois, com uma parte punindo a outra, que tomou o lugar do amor perdido em nossas atenções. Na visão dele, a depressão é uma forma de vingança mal orientada por uma perda, um castigo que foi mal direcionado contra o eu.

XIII. Tom Insel, que depois de deixar o Instituto Nacional de Saúde Mental foi trabalhar na Verily, a subsidiária de ciências biológicas do Google, antes de se juntar a uma startup de saúde mental, me diz que agora há algoritmos capazes de diagnosticar de forma confiável a depressão com base na frequência e no contexto do uso que a pessoa faz do pronome de primeira pessoa.

EPÍLOGO

Um elogio à diversidade neural

EM ABRIL DE 2017, a comunidade internacional psicodélica se reuniu no Centro de Convenções de Oakland para participar do Ciência Psicodélica, evento organizado de anos em anos pela Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos, uma instituição sem fins lucrativos criada por Rick Doblin em 1986 com o improvável objetivo de fazer com que os psicodélicos voltassem a ter respeitabilidade científica e cultural. Em 2016, o próprio Doblin parecia impressionado com a velocidade do processo e o quanto a vitória agora parecia próxima. No início daquele ano, a FDA tinha aprovado a fase 3 dos experimentos com MDMA e a psilocibina não estava muito atrás. Se os resultados desses experimentos chegarem perto do que se viu na fase 2, o governo terá supostamente de reclassificar as duas drogas, e os médicos poderão prescrevê-las. “Não somos a contracultura”, Doblin disse a um repórter na conferência. “Somos a cultura.”¹

O que até 2010 era uma reunião modesta de psiconautas e de um punhado de pesquisadores renegados agora era uma convenção de seis dias que reunira mais de três mil pessoas de todo o mundo para ouvir pesquisadores de 25 países apresentando suas descobertas. Claro que havia muitos psiconautas e legiões de curiosos psicodélicos. Entre as palestras e plenárias, eles passeavam por uma grande área de negócios que oferecia livros psicodélicos, peças de arte psicodélicas e música psicodélica.

Para mim, o evento se transformou numa espécie de encontro, reunindo sob um mesmo teto a maior parte dos personagens da minha história. Pude conversar com praticamente todos os cientistas que entrevistei (embora Robin Carhart-Harris, que esperava o nascimento do filho, não tenha podido comparecer) e com muitos dos guias clandestinos com quem trabalhei.

Parecia que todo mundo estava lá, cientistas convivendo no mesmo espaço com guias e xamãs, psiconautas veteranos, muitos terapeutas ansiosos para adicionar os compostos psicodélicos a suas práticas, além de patrocinadores e cineastas e até mesmo uns poucos empreendedores farejando oportunidades de negócios. E, embora se percebesse alguma preocupação com os esforços do novo procurador-

geral para retomar a guerra contra as drogas, o clima era indiscutivelmente festivo.

Quando eu perguntava aos participantes qual havia sido a sessão mais memorável da conferência, quase invariavelmente eles mencionavam uma mesa-redonda chamada “Futuro da psiquiatria psicodélica”.² O que mais chamou a atenção no painel foi a identidade dos debatedores, cuja presença numa convenção psicodélica era motivo de dissonância cognitiva. Ali estava Paul Summergrad, médico e ex-diretor-geral da Associação Americana de Psiquiatria, sentado ao lado de Tom Insel, médico e ex-diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental. O painel foi organizado e moderado por George Goldsmith, um empreendedor e consultor da indústria da saúde americana que mora em Londres. Nos últimos anos, ele e a esposa, Ekaterina Malievskaia, uma médica nascida na Rússia, dedicaram um grau considerável de energia e de recursos para fazer com que a terapia com auxílio de psilocibina seja aprovada na União Europeia.

Estava claro para todos no auditório lotado o que exatamente os três homens no palco representavam: o reconhecimento da terapia psicodélica pelas autoridades de saúde mental. Insel falou como a área da saúde mental está atrasada em comparação com as conquistas do resto da medicina. Disse que a medicina falhou em reduzir a mortalidade causada por doenças psiquiátricas sérias e falou sobre a promessa de novos modelos de tratamento para saúde mental como a terapia psicodélica. “Estou muito impressionado pela abordagem aqui”, disse ao grupo. “Não se diz simplesmente ‘vamos dar psicodélicos’. Fala-se em ‘psicoterapia auxiliada por compostos psicodélicos’... Acho que é realmente uma abordagem inovadora.” Insel moderou seu entusiasmo, no entanto, ao notar que esse novo paradigma pode ser um problema para reguladores acostumados a avaliar novas drogas de maneira isolada.

George Goldsmith perguntou qual conselho os dois dariam aos pesquisadores no auditório, homens e mulheres que vêm trabalhando diligentemente há anos para levar a terapia psicodélica a seus pacientes. Sem hesitar, Insel se voltou para o público e disse: “Não façam bobagem!”

“As coisas parecem muito promissoras”, disse Insel, “mas é fácil esquecer questões relacionadas a segurança, a rigor, a riscos para a reputação das pessoas.” Ele sugeriu que os compostos psicodélicos provavelmente vão precisar de um trabalho de relações públicas para mudar a imagem que o público tem, e que é fundamental se manter longe de qualquer coisa que lembre “uso recreativo”. Tanto ele quanto Summergrad alertaram que um único pesquisador descuidado, ou um único paciente que passasse por uma experiência desastrosa, poderia prejudicar toda a pesquisa. Ninguém precisou mencionar o nome de

EM QUE MEDIDA estamos próximos de um mundo no qual a terapia psicodélica será autorizada e rotineira, e como seria um mundo desse tipo? Bob Jesse estava na plateia quando o ex-chefe da Instituto Nacional de Saúde Mental atacou o “uso recreativo”, e, embora eu não tenha visto, posso imaginar a careta que ele fez. *E qual é o problema exatamente em uma re-criação de nós mesmos?* Bob Jesse acha que a “medicalização” dos psicodélicos defendida por esses homens como sendo o único caminho verdadeiro pode ser um erro.

Não que a medicalização vá ser fácil. Primeiro será preciso superar vários obstáculos regulatórios nada desprezíveis. A fase 3 dos experimentos envolve muitos locais e centenas de voluntários; isso pode custar dezenas de milhões de dólares. Normalmente as grandes farmacêuticas assumem os custos desse tipo de experimento, mas até agora os laboratórios demonstraram pouco interesse pelos compostos psicodélicos. Primeiro porque essa classe de drogas oferece pouco em termos de propriedade intelectual: a psilocibina é um produto da natureza, e a patente do LSD expirou há décadas. Além disso, as grandes farmacêuticas investem mais em drogas para condições crônicas, pílulas que você precisa tomar todo dia. Por que elas investiriam numa pílula que os pacientes podem precisar tomar apenas uma vez na vida?

A psiquiatria enfrenta um dilema semelhante: ela se dedica a terapias intermináveis, seja com antidepressivos cotidianos ou com sessões semanais de psicoterapia. É verdade que uma sessão psicodélica dura várias horas e normalmente requer dois terapeutas presentes durante todo o tempo, mas, se a terapia funcionar como esperado, não haverá muitas oportunidades de negócio no futuro. Não está claro qual será o modelo de negócio. Ainda.

Muitos pesquisadores e terapeutas que entrevistei, no entanto, esperam ansiosamente a chegada de uma época, não muito distante, em que a terapia psicodélica será rotineira e estará amplamente disponível, na forma de um híbrido original misturando farmacêuticos e psicoterapia. George Goldsmith imagina uma rede de centros de tratamento psicodélico, lugares com cenários atrativos e naturais onde os pacientes irão realizar suas sessões guiadas. Ele criou uma empresa chamada Compass Pathways para construir esses centros, na crença de que o tratamento para toda uma gama de transtornos mentais será suficientemente eficaz e econômico para que os departamentos nacionais de saúde europeus aceitem pagar por eles. Goldsmith já arrecadou 3 milhões de libras para patrocinar e organizar

experimentos com psilocibina (a começar pela depressão resistente a tratamento) em inúmeros locais da Europa. Ele já trabalha com a IDEO, uma empresa internacional de design, para reelaborar toda a experiência da terapia psicodélica. Paul Summergrad e Tom Insel entraram para seu conselho consultivo.

Katherine MacLean, a ex-pesquisadora da Hopkins que escreveu o artigo pioneiro sobre abertura para a experiência, espera um dia estabelecer um “centro psicodélico de cuidados paliativos”, um retiro na natureza onde não só os moribundos, mas também os seus entes queridos, poderão usar psicodélicos a fim de se prepararem melhor para a separação.

“Se limitarmos os compostos psicodélicos apenas aos pacientes”, explica, “vamos ficar presos ao antigo modelo médico. Mas os psicodélicos são mais radicais do que isso. Fico nervosa quando dizem que eles só podem ser receitados por médicos. Imagino uma aplicação mais ampla.”

É fácil ouvir nas palavras de MacLean os ecos da experiência dos anos 1960 com os psicodélicos — a empolgação com seu potencial para ajudar todo mundo, não só os doentes. Esse tipo de pensamento — ou discurso — provoca tensão em alguns de seus colegas mais tradicionalistas. O alerta de Insel e Summergrad para a comunidade foi exatamente contra esse tipo de conversa. Parece que não adiantou muito.

“O desenvolvimento das pessoas saudáveis” está bastante presente na mente de muitos pesquisadores que entrevistei, ainda que alguns não falem disso tão abertamente quanto outsiders institucionais como Bob Jesse, Rick Doblin e Katherine MacLean. Para eles, a aceitação médica é um primeiro passo em direção a uma aceitação cultural muito mais ampla — a legalização, na visão de Doblin, ou algo mais cuidadosamente controlado, na opinião de MacLean e Jesse. Jesse gostaria de ver as drogas administradas por guias treinados trabalhando com o que chama de “contextos longitudinais e multigeracionais”, que, do jeito como ele descreve, são bem parecidos com igrejas. (Pense nas igrejas que usam a ayahuasca num contexto ritual, administrada por anciões num ambiente coletivo.) Outros imaginam um momento em que as pessoas que procurarem a experiência psicodélica — seja por razões de saúde mental, busca espiritual ou simplesmente curiosidade — poderão ir, muito ocasionalmente, a algo como um “clube de saúde mental”, como descreve Julie Holland, uma psiquiatra que trabalhou com Stephen Ross no Hospital Bellevue. “Algo como um cruzamento entre spa/retiro e academia, onde as pessoas poderão experimentar os psicodélicos num ambiente seguro e recebendo atenção de profissionais.”¹

Todos falam da importância de guias psicodélicos bem treinados — “certificados” — e da necessidade de ajudar as pessoas a integrarem suas experiências poderosas para dar sentido a elas e torná-las úteis. Quanto a isso, Tony Bossis parafraseia o estudioso de religião (e voluntário do experimento da Sexta-feira Santa) Huston Smith: “Uma experiência espiritual por si só não é uma vida espiritual.” A integração é essencial para dar sentido à experiência, seja dentro ou fora do contexto médico. Ou ela continuará sendo só uma experiência com drogas.

Os guias já estão sendo treinados e certificados: no fim de 2016, o Instituto de Estudos Integrals da Califórnia formou sua primeira turma de 42 terapeutas psicodélicos. (Essa é uma evolução que preocupa alguns guias clandestinos, que temem ser deixados para trás quando a terapia psicodélica for legitimada. Mas é difícil imaginar que profissionais experientes e extremamente hábeis não consigam encontrar pacientes, sobretudo entre os saudáveis.)

Quando perguntei a Rick Doblin se ele se preocupa com um novo retrocesso, ele disse que nossa cultura evoluiu bastante desde os anos 1960 e demonstrou uma incrível habilidade de digerir muitas novidades culturais que surgiram naquela era.

Eram tempos diferentes. Ninguém falava sobre câncer ou morte. As mulheres recebiam tranquilizantes para dar à luz; os homens não tinham permissão para entrar na sala de parto! A ioga e a meditação eram coisas estranhas. Agora o mindfulness é comum e todo mundo faz ioga, existem centros de parto e unidades de cuidados paliativos em toda parte. Integramos todas essas coisas à nossa cultura. E agora acho que estamos prontos para integrar os psicodélicos.

Doblin diz que muitos dos atuais responsáveis pelas nossas instituições são de uma geração familiarizada com essas moléculas. Esse, sugere ele, é o verdadeiro legado de Timothy Leary. Os pesquisadores de hoje podem desdenhar das “excentricidades” de Leary e culpá-lo pelo descarrilamento da primeira onda de pesquisas, mas, como Doblin ressalta com um sorriso, “não haveria uma segunda onda se Leary não tivesse convertido toda uma geração”. É verdade. Pense no caso de Paul Summergrad, que já disse publicamente ter usado psicodélicos na juventude. Numa entrevista em vídeo com Ram Dass, exibida no encontro de 2015 da Associação Americana de Psiquiatria, ele disse a seus colegas que uma viagem de ácido na época da faculdade foi importante para seu desenvolvimento intelectual.³ (Jeffrey Lieberman, outro ex-presidente da Associação Americana de Psiquiatria, também já escreveu sobre ideias que surgiram a partir de seus experimentos com LSD na juventude.)^{II}

E no entanto, e no entanto... Por mais que eu queira acreditar na previsão ensolarada de Doblin, não é difícil imaginar as coisas facilmente saindo dos eixos. Tony Bossis concorda, embora espere que

os psicodélicos um dia sejam rotineiros nos cuidados paliativos.

Não morremos bem nos Estados Unidos. Pergunte às pessoas onde elas querem morrer, e elas vão te dizer: em casa com as pessoas que eu amo. Mas a maioria de nós morre na UTL. O maior tabu nos Estados Unidos é a conversa sobre a morte. Certamente isso melhorou; agora temos unidades de cuidados paliativos, que não existiam há bem pouco tempo. Mas, para um médico, ainda é um insulto deixar o paciente morrer.

Na visão dele, os compostos psicodélicos têm o potencial não apenas para iniciar essa difícil conversa, mas também para mudar a experiência de morrer em si. *Se a comunidade médica adotá-los.*

“Essa cultura tem um medo da morte, um medo da transcendência e um medo do desconhecido que estão todos incorporados neste trabalho.” Talvez os compostos psicodélicos tenham uma natureza disruptiva demais para serem algum dia adotados por nossas instituições. As instituições normalmente gostam de mediar o acesso individual à autoridade de qualquer tipo — seja médica ou espiritual —, enquanto a experiência psicodélica oferece algo semelhante a uma revelação direta, o que a torna inerentemente antinomiana. E no entanto algumas culturas tiveram êxito em encontrar formas rituais para conter e colher as energias dionísias dos psicodélicos; pense nos mistérios eleusinos da Grécia Antiga ou nas cerimônias xamanísticas com o peiote e a ayahuasca nas Américas hoje. Não é impossível.

Quando mencionei para Roland Griffiths pela primeira vez a ideia de Jesse de desenvolvimento de pessoas saudáveis, ele pareceu se contorcer um pouco na cadeira e depois escolheu com cuidado suas palavras. “Culturalmente, neste momento, seria perigoso promover essa ideia.” Mesmo assim, durante nossos três anos de conversa, ficou claro que ele também acha que muitos de nós, e não só quem enfrenta um câncer, a depressão ou um vício, poderiam se beneficiar dessas moléculas notáveis e, mais ainda, das experiências espirituais para as quais, segundo ele acredita — na verdade, segundo sua pesquisa demonstrou —, elas podem abrir uma porta.

“Estamos todos lidando com a morte”, como ele me disse da primeira vez em que nos encontramos. “Isso é valioso demais para se limitar a pessoas doentes.” Um homem cuidadoso e ciente das minas terrestres políticas que podem estar pelo caminho, Griffiths depois me pediu para fazer uma pequena correção na última frase, colocando-a no tempo futuro: “Isso será valioso demais para se limitar a pessoas doentes.”

EU, POR EXEMPLO, sinceramente espero que o tipo de experiência que tive com os psicodélicos não se limite a pessoas doentes e possa um dia estar amplamente disponível. Isto significa que essas drogas deviam ser legalizadas? Não exatamente. É verdade que tive uma experiência muito positiva usando a psilocibina de maneira “recreativa” — por conta própria, isto é, sem o apoio de um guia —, e algumas pessoas não veem problemas nisso. Mas parece que, mais cedo ou mais tarde, todo mundo tem uma viagem para a qual “ruim” é um mero eufemismo. Eu odiaria estar sozinho numa situação dessas. Para mim, trabalhar individualmente com um guia experiente num lugar longe da minha vida cotidiana se tornou a maneira ideal de explorar os compostos psicodélicos. Contudo há outras formas de estruturar a viagem psicodélica — de providenciar um recipiente seguro para suas energias potencialmente esmagadoras. A ayahuasca e o peiote costumam ser usados em grupo, tendo um líder, muitas vezes um xamã, mas não necessariamente, supervisionando e ajudando as pessoas a navegarem e a interpretar suas experiências. Mas, seja individualmente ou em grupo, a presença de alguém com treinamento e experiência para “proteger o espaço” — para usar aquela antiga expressão Nova Era — é mais significativa e reconfortante do que eu imaginava.

Meus guias não só criaram um ambiente em que me senti seguro o bastante para me render à experiência psicodélica, como também me ajudaram a dar sentido a ela mais tarde. Igualmente importante, eles me ajudaram a ver que havia algo a que valia a pena dar sentido. Isso nem de longe é óbvio. É muito fácil desprezar o que se passa na nossa mente durante a viagem psicodélica, afirmando que é apenas uma “experiência com drogas”, e é exatamente isso que nossa cultura nos estimula a fazer. Matt Johnson disse isso na primeira vez que conversamos:

Imagine uns garotos de 19 anos usando cogumelos numa festa. Um deles tem uma experiência profunda. Ele passou a compreender o que é Deus, ou sua conexão com o Universo. O que os amigos dele vão dizer? “Cara, você exagerou ontem! Chega de cogumelos pra você!”

“Você bebeu ou usou drogas?” é o que a nossa cultura diz quando temos uma experiência poderosa.

No entanto, basta refletir por um momento para perceber que atribuir o conteúdo da experiência psicodélica às “drogas” não explica quase nada sobre ela. As imagens, narrativas e ideias não surgem do nada, e certamente não vêm da substância química. Elas vêm de dentro de nossas mentes,^{III} e no mínimo têm algo a nos dizer sobre elas. Se vale a pena interpretar sonhos, fantasias e associações livres, certamente vale a pena fazer o mesmo com o material mais vívido e

detalhado que a viagem psicodélica nos oferece. Isso abre uma nova porta para a mente das pessoas.

E, nesse sentido, minhas viagens psicodélicas me ensinaram muitas coisas interessantes. Muitas delas são aprendizados que seria possível adquirir com psicoterapia: ideias sobre relacionamentos importantes; contornos de medos e desejos normalmente mantidos fora da vista; memórias e emoções reprimidas e, o que talvez seja mais interessante e mais útil, uma nova perspectiva sobre o funcionamento da mente.

Acho que esse é o grande valor de explorar estados de consciência não ordinários: a luz que eles jogam nos estados ordinários, que deixam de parecer tão transparentes ou comuns. Perceber, como William James concluiu, que a consciência desperta normal é apenas uma de muitas formas de consciência — maneiras de perceber ou construir o mundo — separadas dela pela “mais fina barreira” é reconhecer que nossa descrição da realidade, interior ou exterior, é no mínimo incompleta. A consciência desperta normal parece oferecer um mapa fiel do território da realidade e é boa para muitas coisas, mas é apenas um mapa — e não o único. Quanto ao motivo da existência desses outros modos de consciência, só podemos especular. Na maior parte do tempo, é a consciência desperta normal que serve melhor aos interesses da sobrevivência — é a mais adaptativa. Mas há momentos na vida de um indivíduo ou de uma comunidade em que as novidades imaginativas propostas por estados alterados de consciência causam exatamente o tipo de variação que podem levar uma vida ou uma cultura a mudar de rumo.

Para mim, o momento em que reconheci minha própria consciência padrão como algo tênue e relativo se deu naquela tarde no topo da montanha com Fritz, quando ele me ensinou a entrar num estado de transe usando apenas um padrão de respiração rápida e os sons de um tambor rítmico. *Onde é que isso esteve durante toda a minha vida?* Freud, além de vários psicólogos e economistas behavioristas, já nos alertaram para isso, mas para mim a ideia de que a consciência “normal” é a ponta de um iceberg psíquico grande e largamente desconhecido passou a ser mais do que uma teoria; a vastidão oculta da mente se tornou uma realidade sentida.

Não estou sugerindo que atingi esse estado de consciência em que se transcende o ego, tive apenas uma amostra. Essas experiências não duram, ou pelo menos não duraram para mim. Depois de cada sessão psicodélica passei semanas me sentindo bastante diferente — mais presente no momento, menos inclinado a me concentrar no futuro. Estava também visivelmente mais emotivo e em muitas ocasiões me surpreendi ao ver quão pouco foi necessário para me fazer chorar ou sorrir. Eu me peguei pensando em coisas como a morte, o tempo e a infinidade, mas menos angustiado e mais maravilhado. (Gastei uma

quantidade pouco razoável de tempo refletindo sobre como é improvável e afortunado estar vivo aqui e agora na fronteira entre duas eternidades da não existência.) Ondas de compaixão, espanto ou pena me atingiam ao mesmo tempo e de maneira inesperada.

Eu gostava dessa sensação, mas, infelizmente, ela acabou passando todas as vezes. É difícil não voltar às velhas trilhas dos hábitos mentais; elas são profundas; é difícil resistir à força daquilo que os budistas chamam de “energias do hábito”. Some-se a isso as expectativas de outras pessoas, que sutilmente reforçam uma certa forma de ser você mesmo, por mais que você tente mudá-la. Depois de mais ou menos um mês, praticamente voltei à estaca zero.

Mas não por completo. Pois, assim como os pacientes depressivos que entrevistei em Londres, que me disseram ter ficado mais fortes e mais inspirados depois de fugirem da jaula da depressão, a experiência de uma outra forma de ser no mundo sobrevive na memória, como uma possibilidade e um destino.

Para mim, a experiência psicodélica abriu uma porta para um modo específico de consciência que agora posso ocasionalmente recapturar por meio da meditação. Estou falando de um espaço cognitivo que se abre quase no fim da viagem ou no meio de uma viagem mais branda, um espaço onde é possível ter todo tipo de pensamento e bolar todo tipo de história sem tentar chegar a qualquer tipo de resolução. Algo que de certa forma lembra a consciência hipnótica, aquele estado de transição na fronteira do sono em que todo tipo de imagem e histórias surgem brevemente para desaparecer logo em seguida. Mas nesse caso ele dura mais, e é possível lembrar exatamente o que aconteceu. E, embora não tenha controle direto sobre as imagens e ideias, que parecem surgir por vontade própria, você *pode* escolher um assunto ou mudar de tema, como quem troca de canal. O ego não está totalmente ausente — você não foi explodido em partículas, nem retornou desse estado particular —, mas o fluxo de consciência está tomando o próprio curso desordenado, e você balança à deriva com ele, sem olhar para a frente nem para trás, imerso nas correntes do ser em vez de fazer. Mas certo tipo de trabalho mental está sendo feito, e por vezes acordei desse estado com ideias, imagens ou metáforas úteis.^{IV}

Minhas aventuras psicodélicas me familiarizaram com esse território mental, e às vezes, nem sempre, descubro que posso voltar a ele durante minha meditação diária. Não sei ao certo se é exatamente onde eu deveria estar quando estou meditando, mas sempre fico feliz de me encontrar nesse fluxo mental. Jamais o teria encontrado se não fosse pelos compostos psicodélicos. Para mim, esse é um dos grandes presentes que a experiência pode proporcionar: a expansão do repertório de estados mentais.

O fato de a viagem psicodélica acontecer apenas na mente da

peessoa não significa que ela não seja real. Trata-se de uma experiência, e, para alguns de nós, uma das mais profundas que se pode ter. Sendo assim, ela se torna um elemento da paisagem da vida. Pode servir como um ponto de referência, uma placa, uma fonte de informações e, para alguns, como um tipo de sinal espiritual ou relicário. Para mim, as experiências se tornaram pontos de referência em torno dos quais dou voltas, à procura de significados — significados sobre mim mesmo, é claro, mas também sobre o mundo. Muitas imagens que apareceram no decorrer das minhas viagens estão no meu pensamento o tempo todo, esperando para abrir o que parece ser um presente cheio de significado — de onde veio esse presente, ou o que está lá dentro, ou quem mandou, não sei dizer. Havia a torre de aço flutuando sobre a paisagem do eu. Ou a imagem do crânio do meu avô me encarando de volta no espelho de Mary. As majestosas, mas agora ocas, árvores nas quais meus pais apareceram para mim, sujeitas a cair na próxima tempestade. Ou o poço de tinta do violoncelo de Yo-Yo Ma, ressoando com o caloroso abraço da morte de Bach. Mas há outra imagem que não compartilhei e que estou sempre pensando que deve conter um ensinamento importante, mesmo que siga sendo um mistério para mim.

Minha última viagem psicodélica foi com a ayahuasca. Fui convidado a me juntar a um círculo de mulheres que se reúne a cada três ou quatro meses para trabalhar com uma guia lendária, uma mulher de 80 anos que foi aluna de Leo Zeff. (Ela, por sua vez, treinou Mary, minha guia na viagem com psilocibina.) Essa viagem foi diferente das outras por acontecer na companhia de uma dezena de pessoas desconhecidas que estavam viajando comigo. No caso desse psicodélico em particular, um chá feito a partir de duas plantas da Amazônia (uma trepadeira e uma folha), houve uma quantidade considerável de cerimônia xamanística: o canto dos *icaros* tradicionais, rezas e invocações para “a avó” (também conhecida como a “planta professora” ou ayahuasca), sinos, chocalhos, *shakapas* e vários odores e fumaças soprados em nossa direção. Tudo contribuiu para um clima de profundo mistério e suspensão da descrença especialmente bem-vindo, na medida em que estávamos num estúdio de ioga muito distante de qualquer selva.

Como em todas as minhas viagens, tive insônia na noite anterior, porque uma parte de mim tentava convencer o resto a não fazer essa loucura. Essa parte com certeza era meu ego, que antes de cada viagem lutou feroz e engenhosamente contra a ameaça à sua integridade, plantando dúvidas e me fazendo pensar em desastres que tive dificuldades para ignorar. *E o seu coração, parceiro? Você pode morrer! E se você vomitar o almoço ou, pior ainda, sua merda?! E se a tal “avó” desenterrar algum trauma de infância? Você realmente quer perder*

o controle no meio de estranhos? No meio dessas mulheres? (Parte do poder do ego vem do fato de ele comandar o lado racional da pessoa.) Quando cheguei ao círculo, eu estava com os nervos em frangalhos, com os dois pés atrás em relação à prudência daquilo que estava prestes a fazer.

Mas, como aconteceu todas as vezes, assim que tomei o remédio e a se tornou impossível voltar atrás, a voz da dúvida silenciou e me entreguei ao que quer que estivesse à minha espera. O que não foi diferente das minhas outras experiências psicodélicas, com notáveis exceções. Talvez pelo fato de o chá ser viscoso, picante e inesperadamente doce, e por se fazer sentir no estômago e intestinos, a experiência com ayahuasca é mais corporal do que a de outros psicodélicos. Não passei mal, mas estava bastante consciente da bebida viscosa se movendo dentro de mim, e, à medida que o efeito do DMT (o ingrediente ativo do chá) começou a se manifestar, imaginei uma trepadeira percorrendo as curvas e vilosidades de meus intestinos, ocupando meu corpo antes de lentamente encontrar o sinuoso caminho até minha cabeça.

Lá, vi uma série de memórias e imagens, algumas horríveis, outras magníficas, mas quero descrever uma em particular porque, embora não a tenha entendido completamente, ela captura algo que os compostos psicodélicos me ensinaram, algo importante.

Como ainda havia luz na sala quando a cerimônia começou, usamos máscaras de dormir, e a minha estava um pouco apertada. No início da viagem, fiquei consciente dessas tiras negras, e elas se transformaram em barras. Minha cabeça estava presa em aço. As barras começaram a se multiplicar, se movendo da minha cabeça para envolver meu dorso e depois as pernas. Eu estava preso da cabeça aos pés numa jaula preta de aço. Forcei as barras, mas elas não cediam. Não havia como escapar. O pânico estava crescendo em mim quando notei a ponta verde de uma trepadeira na base da jaula. Ela crescia imperturbável para cima e depois virava, sinuosa, para escapar por entre duas barras, se libertando e indo em direção à luz. “Uma planta não pode ser enjaulada”, me ouvi pensando. “Só um animal pode ser enjaulado.”

Não sei dizer o que isso significa, se é que significa algo. A planta estava me mostrando uma forma de fugir? Talvez, mas eu não podia segui-la; sou um animal, no fim das contas. Mas parece que a planta estava tentando me ensinar *algo*, propondo uma charada visual que tenho revirado em minha mente desde então. Talvez fosse uma lição sobre a loucura de confrontar diretamente um obstáculo, sobre o fato de que às vezes a resposta não está no uso da força, e sim em mudar os termos do problema de forma que ele deixe de dominá-lo, mesmo que não desapareça. Parecia uma espécie de jiu-jítsu. Porque a

trepadeira não estava apenas escapando do confinamento da jaula, mas tirando partido da estrutura para melhorar sua situação, escalando mais alto para obter mais luz.

Ou talvez a lição seja mais universal, algo sobre as plantas e como nós as subestimamos. Minha planta professora, como eu agora pensava na trepadeira, tentava me dizer algo sobre si mesma e o reino verde que ela representa, um reino que sempre figurou amplamente no meu trabalho e na minha imaginação. Acredito há muito tempo que as plantas são inteligentes — não necessariamente da forma como pensamos a inteligência, mas de uma forma apropriada a elas. Podemos fazer muitas coisas que as plantas não podem, mas elas podem fazer muita coisa que não podemos — escapar de jaulas de metal, por exemplo, ou comer a luz do sol. Se definimos a inteligência como a habilidade de resolver novos problemas que a realidade descarrega sobre os seres vivos, as plantas com certeza a têm. Elas também agem, têm consciência do ambiente e uma espécie de subjetividade — interesses que perseguem e portanto um ponto de vista. Mas embora eu já acreditasse há muito tempo em todas essas ideias e ficasse feliz em defendê-las, nunca antes *senti* que elas fossem verdadeiras, nunca elas haviam tido raízes tão sólidas quanto depois de minhas viagens psicodélicas.

A trepadeira que não pode ser presa me fez lembrar a primeira viagem de psilocibina, quando senti as folhas e as plantas do jardim devolvendo meu olhar. Uma das dádivas dos compostos psicodélicos é a forma como eles reanimam o mundo, como se distribuíssem as bênçãos da consciência de modo mais amplo e uniforme pela paisagem, rompendo o monopólio humano sobre a subjetividade que nós modernos damos como certa. Acreditamos ser os únicos sujeitos conscientes do mundo e vemos o resto da criação como objetos; os mais egoístas veem até as outras pessoas como objetos. A consciência psicodélica inverte essa visão ao nos conceder uma lente mais ampla, mais generosa, pela qual podemos ver o sujeito — o espírito! — de tudo, animal, vegetal, até mineral, tudo de alguma forma retornando ao nosso olhar. Parece que há espíritos em toda parte. Novos raios de relação aparecem entre nós e todos os Outros do mundo.

Mesmo no caso dos minerais, a física moderna (esqueça os compostos psicodélicos!) nos dá motivos para pensar que talvez haja alguma forma de consciência participando da construção da realidade. A mecânica quântica sustenta que a matéria pode não ser tão desprovida da mente como os materialistas nos fazem acreditar. Por exemplo, uma partícula subatômica pode existir simultaneamente em múltiplos locais, é pura possibilidade até ser medida — isto é, até que seja percebida pela mente. Só neste momento, e nem um instante antes, ela surge na realidade como conhecemos: adquire coordenadas

fixas no tempo e no espaço. A implicação é que a matéria pode não existir como tal na ausência de um sujeito que a perceba. Não é preciso dizer que isso levanta algumas perguntas difíceis para a compreensão materialista da consciência. O chão sob nossos pés pode ser menos sólido do que pensamos.

Isso na visão da física quântica, não na de algum psiconauta — muito embora essa *seja* uma teoria muito psicodélica. Faço esse comentário apenas para emprestar alguma autoridade científica a especulações que de outra forma soariam totalmente lunáticas. Ainda tendo a pensar que a consciência deve estar confinada ao cérebro, mas tenho menos certeza disso agora do que antes de embarcar nesta viagem. Talvez também isso tenha escapado por entre as barras da jaula. Os mistérios permanecem. Mas uma coisa posso dizer com segurança: a mente é mais vasta, e o mundo muito mais vivo, do que eu imaginava quando comecei.

I. Pelo menos as pessoas que podem pagar por isso. Uma vantagem da medicalização da terapia psicodélica é que ela presumivelmente estaria disponível para todas as pessoas que têm plano de saúde.

II. Ele conta essas experiências em seu livro *Shrinks: The Untold Story of Psychiatry* (Nova York: Little, Brown, 2015), p. 190-93.

III Não desprezo a possibilidade de que elas possam vir de outro lugar, mas vou me restringir aqui a uma explicação mais simples.

IV. Em um ensaio de 1969 na *Harvard Theological Review*, Walter Pahnke descreveu muitos modos distintos de consciência psicodélica, incluindo um que denominou de “experiência psicodélica cognitiva”. Esse estado é “caracterizado pelo pensamento surpreendentemente lúcido. Problemas podem ser vistos de uma nova perspectiva, e as relações internas de muitos níveis e dimensões podem ser vistas todas de uma vez. A experiência criativa pode ter algo em comum com esse tipo de experiência psicodélica, mas essa possibilidade deve aguardar o resultado de investigações futuras”.

Glossário

alucinógeno: Classe de drogas psicoativas que induzem alucinações, incluindo os compostos psicodélicos, os dissociativos e os hipnóticos. O termo é usado com frequência como sinônimo para psicodélicos, embora estes não necessariamente produzam alucinações plenas.

Amep (Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos): Sociedade sem fins lucrativos fundada em 1986 por Rick Doblin para aumentar a compreensão pública dos compostos psicodélicos e apoiar pesquisas científicas sobre suas aplicações terapêuticas. Com sede em Santa Cruz, na Califórnia, a Amep concentrou seu foco no MDMA, ou ecstasy, como recurso terapêutico para pessoas com transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Em 2016, a associação recebeu autorização da FDA para realizar três estudos com MDMA no tratamento de TEPT. Em 2017, a FDA classificou o MDMA como uma “importante descoberta” no tratamento desses tipos de transtorno, abrindo caminho para uma aprovação rápida da terapia. Doblin e a Amep tiveram papel central na retomada das pesquisas com psicodélicos. A associação também patrocinou o Ciência Psicodélica, conferência internacional de pesquisa com psicodélicos que acontece no norte da Califórnia de tempos em tempos.

ayahuasca: Chá psicodélico feito a partir da combinação de plantas nativas da Amazônia, em geral o cipó-mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a chacrona (*Psychotria viridis*), e usado em cultos religiosos por indígenas da América do Sul. A chacrona contém o composto psicodélico DMT (N,N-dimetiltriptamina), que é bloqueado pelas enzimas digestivas a menos que seja ingerido junto com um inibidor de monoamina oxidase, como o *Banisteriopsis*. Em 2006, a Suprema Corte americana confirmou o direito da igreja brasileira Centro Espírita Beneficente União do Vegetal de usar a ayahuasca como sacramento.

cenário e ambiente: As condições interna e externa em que uma experiência com drogas se dá; “cenário” é um termo que se refere à disposição e às expectativas que a pessoa traz para a experiência, enquanto “ambiente” se refere às circunstâncias externas em que a experiência ocorre. O cenário e o ambiente têm influência particularmente relevante no caso dos psicodélicos. Os termos costumam ser atribuídos a Timothy Leary, mas o conceito foi reconhecido e usado por pesquisadores anteriores, como Al Hubbard.

5-MeO-DMT (5-metoxi-N,N-dimetiltriptamina): Composto psicodélico poderoso e de curta ação encontrado em algumas plantas na América do Sul e no veneno do sapo do deserto de Sonora (*Incilius alvarius*). O veneno do sapo é normalmente vaporizado e fumado, enquanto o 5-MeO-DMT obtido de plantas geralmente é aspirado pelo nariz. O composto vem sendo usado como sacramento religioso na América do Sul há muitos anos; foi sintetizado em 1936 e só se tornou ilegal em 2011.

Conselho de Práticas Espirituais: Organização sem fins lucrativos criada por Bob Jesse em 1993 e “dedicada a tornar a experiência direta com o sagrado mais disponível para mais pessoas”. O conselho ajudou a organizar e financiar os primeiros experimentos de pesquisa com psicodélicos na Johns Hopkins e apoiou a ação judicial que resultou na decisão da Suprema Corte americana em 2006 que reconheceu a ayahuasca como sacramento da igreja União do Vegetal.

DMT (ou N,N-dimetiltriptamina): Composto psicodélico ativo de reação rápida e efeito curto e intenso às vezes chamado de “viagem do homem de negócios”. As triptaminas são encontradas em muitas plantas e animais por razões ainda não totalmente compreendidas.

empatógeno: Droga psicoativa que provoca a sensação de conexão emocional, abertura emocional e compaixão. O MDMA ou ecstasy é um exemplo desse tipo de droga, também chamada de entactógeno.

enteógeno: Do grego “manifestação do divino interior”. Substância psicoativa que conduz ou facilita uma experiência espiritual. Os enteógenos vêm sendo usados por muitas culturas há milhares de anos, seja por xamãs ou como parte de práticas espirituais. Contudo o termo foi cunhado apenas na década de 1970, por um grupo de pesquisadores que incluía R. Gordon Wasson, Richard Evans Schultes, Jonathan Ott e Carl Ruck. A palavra pretendia ajudar a reabilitar os psicodélicos ao diferenciar seu antigo papel espiritual do uso recreativo comum na década de 1960.

Esalen ou Instituto Esalen: Retiro em Big Sur, Califórnia, fundado em 1962 para explorar diferentes métodos de expansão da consciência frequentemente colocados sob o guarda-chuva do movimento do potencial humano. Esalen era bastante identificado com o movimento psicodélico antes de as drogas serem banidas. Nos anos seguintes, foi sede de diversos encontros de desenvolvimento de estratégias para reabilitar a pesquisa com compostos psicodélicos e permitir que elas fossem reiniciadas. Muitos guias psicodélicos que hoje trabalham clandestinamente foram treinados em Esalen.

feniletilamina: Classe de moléculas orgânicas e o nome de um dos dois principais tipos de compostos psicodélicos, sendo o outro a triptamina. A mescalina e o MDMA são exemplos de feniletilaminas.

Fundação Beckley: Organização criada por Amanda Feilding na Inglaterra, em 1998, para financiar pesquisas com psicodélicos e promover a reforma de leis sobre drogas no mundo todo. O nome da organização vem do imóvel da família de Feilding em Oxfordshire (BeckleyFoundation.org).

Instituto de Pesquisa Heffter: Instituição sem fins lucrativos estabelecida em 1993 por David E. Nichols, químico e farmacêutico da Universidade Purdue, com vários colegas, para financiar pesquisas científicas com compostos psicodélicos. O nome do instituto homenageia Arthur Heffter, químico, farmacêutico e médico alemão que identificou pela primeira vez a mescalina como o componente psicoativo do peiote no fim dos anos 1890. Criado numa época em que a pesquisa com compostos psicodélicos estava inativa havia duas décadas, o Instituto Heffter teve papel fundamental, porém discreto, na retomada dos estudos, patrocinando a maior parte das experiências realizadas na América desde o fim dos anos 1990, inclusive as realizadas na Johns Hopkins e na Universidade de Nova York (Heffter.org).

LSĐ (dietilamida do ácido lisérgico): Também conhecido como ácido, esse composto psicodélico foi sintetizado pela primeira vez por Albert Hofmann, um químico suíço que trabalhava para a Sandoz e procurava uma droga capaz de estimular a circulação. O LSĐ foi a 25ª molécula que Hofmann obteve a partir dos alcalóides produzidos pelo ergot, um fungo que afeta cereais. Hofmann não levou adiante o estudo do composto depois que ele se mostrou ineficiente como remédio, mas cinco anos mais tarde voltou a sintetizá-lo após uma premonição. Depois de ingerir sem querer uma pequena quantidade de LSĐ, Hofmann descobriu as poderosas propriedades psicoativas da substância. Em 1947, a Sandoz começou a comercializar o LSĐ como droga psiquiátrica sob o nome Delysid. Ele foi retirado do mercado em 1966, depois que apareceu no mercado negro.

MDMA (3,4-metilenodioximetanfetamina): Composto psicoativo sintetizado pela primeira vez pela Merck em 1912, mas nunca comercializado. Mais tarde, na década de 1970, voltou a ser sintetizado pelo químico Alexander “Sasha” Shulgin, da baía de São Francisco, e se tornou popular como complemento à psicoterapia pelo fato de suas propriedades “empatogênicas” ajudarem pacientes a criar um forte vínculo com seus terapeutas. Na década de 1980, a droga apareceu na cena *rave*, onde era vendida sob o nome ecstasy (ou E, ou Molly). Em 1986, o governo americano tornou o ecstasy uma substância controlada nível 1, ou seja, substância

com risco de abuso e sem uso terapêutico autorizado. Contudo, experiências patrocinadas pela Amep demonstraram a eficácia do MDMA no tratamento de TEPT. O composto não é considerado uma droga psicodélica “clássica” por não atuar nas mesmas regiões do cérebro que o LSD e a psilocibina.

mescalina: Composto psicodélico derivado de diversos cactos, entre eles o peiote e o São Pedro. Foi isolado e batizado pela primeira vez pelo químico alemão Arthur Heffter, em 1897. O livro *As portas da percepção* é um relato em primeira pessoa da primeira experiência de Aldous Huxley com a substância.

microdosagem: Prática de ingestão regular de doses pequenas, “quase imperceptíveis”, de compostos psicodélicos — em geral LSD ou psilocibina — para melhorar a saúde ou a agilidade mental. Uma prática comum é tomar dez microgramas de LSD (um décimo de uma dose regular) a cada quatro dias. A prática é recente e tudo que se sabe sobre a sua eficácia é o que os usuários relatam. Há diversas pesquisas científicas sobre o assunto em andamento.

MK-Ultra: Codinome do programa clandestino de testes com compostos psicodélicos da CIA iniciado em 1953. Foi encerrado em 1963 ou 1964. A CIA tentou algumas vezes descobrir se o LSD e compostos semelhantes poderiam ser usados para o controle da mente; como técnica em interrogatórios (ou soro da verdade); como arma biológica (adicionado à reserva de água de uma população); ou como arma política (pela administração a adversários políticos de modo a expô-los ao ridículo). Como parte do programa — que em alguns momentos chegou a envolver 44 universidades e faculdades —, civis e militares receberam doses sem saber, por vezes com resultados catastróficos. O programa se tornou público durante as audiências da Comissão Church sobre a CIA em 1975. Outras audiências públicas sobre o programa foram realizadas em 1977. No entanto, a maior parte da documentação sobre o programa foi destruída em 1973 por determinação do diretor Richard Helms.

natureza noética: termo cunhado pelo psicólogo americano William James para expressar a ideia de que estados místicos são vistos não só como um sentimento, mas também como um estado de conhecimento. Quem experimenta um estado místico costuma relatar uma sensação de que verdades profundas lhe foram reveladas. A natureza noética é, para James, uma das quatro características da experiência mística, ao lado da inefabilidade, da transitoriedade e da passividade.

placebo ativo: Tipo de placebo usado em pesquisas para levar o voluntário a pensar que está recebendo a droga psicoativa testada. Nas pesquisas com psilocibina, usa-se a niacina, que causa sensação de entorpecimento, ou o metilfenidato (Ritalina), um estimulante.

Projeto Psilocibina da Universidade Harvard: Programa de pesquisa psicológica criado por Timothy Leary e Richard Alpert (mais tarde conhecido como Ram Dass) no Departamento de Relações Sociais de Harvard em 1960. Os pesquisadores (que incluíam Ralph Metzner, um estudante de mestrado) administraram psilocibina em centenas de voluntários “em um ambiente naturalista”; também realizaram experimentos com detentos na Prisão Estadual de Concord e com estudantes de teologia na Capela Marsh, da Universidade de Boston. Mais tarde o grupo começou a trabalhar com LSD. O projeto se tornou controverso e foi encerrado em 1962, depois que Alpert foi denunciado por ter administrado psilocibina em estudantes da graduação, uma violação do acordo com Harvard. Leary e Alpert criaram uma nova organização em Cambridge, mas fora de Harvard, chamada de Federação Internacional para a Liberdade Interna.

psicodélico: Do grego para “manifestação da mente”. O termo foi cunhado em 1956 por Humphry Osmond para descrever drogas como o LSD e a psilocina, que provocam mudanças radicais na consciência.

psicolítico: Termo cunhado em 1960 para a droga ou dose de uma droga que abrandas as restrições normais da mente, permitindo o acesso a informações do subconsciente. Também é

de nome de um tipo de psicoterapia que usa baixas doses de psicodélicos para relaxar o ego do paciente sem eliminá-lo.

psicomimético: Nome dado à droga que induz efeitos semelhantes aos da psicose. Termo comumente usado para o LSD e drogas semelhantes quando de sua introdução na psiquiatria, na década de 1950; pesquisadores acreditavam que os psicomiméticos promoviam um estado temporário de psicose que dava vislumbres da natureza do transtorno mental, oferecendo ao terapeuta a oportunidade de vivenciar pessoalmente a loucura.

psilocibina: O principal composto dos cogumelos psicodélicos e um sinônimo para a classe de cogumelos que o contém.

psilocina: Um dos dois principais compostos presentes nos cogumelos alucinógenos. O outro é a psilocibina, que se converte em psilocina sob determinadas condições. Os dois compostos foram isolados (a partir de cogumelos cedidos por R. Gordon Wasson) e batizados por Albert Hofmann em 1958. A psilocina é o que confere a cor azulada ao cogumelo quando cortado.

Psilocybe: Gênero composto por aproximadamente duzentos cogumelos com lamelas, dos quais em torno da metade produz compostos psicoativos como a psilocibina e a psilocina. Os *Psilocybe* estão espalhados pelo mundo. Sua posse é ilegal na maior parte dos Estados Unidos. As espécies mais conhecidas do gênero são *Psilocybe cubensis*, *Psilocybe cyanescens*, *Psilocybe semilanceata* e *Psilocybe azurescens*.

Questionário de Experiência Mística: Questionário de pesquisa psicológica desenvolvido por Walter Pahnke e William Richards na década de 1960, usado para determinar se durante um experimento com compostos psicodélicos o voluntário vivenciou uma experiência de tipo místico. As perguntas visam mensurar, numa escala de um a cinco, sete indicativos da experiência mística: unidade interior; unidade exterior; transcendência de tempo e espaço; sensação de estar diante de algo inefável e paradoxal; sentimento de sacralidade; a natureza noética; e a profunda sensação de um estado de espírito positivo. Desde então várias versões do questionário já foram desenvolvidas.

receptor 5-HT_{2A}: Um dos vários tipos de receptores do cérebro que respondem ao neurotransmissor serotonina. Compostos psicodélicos também se unem a esse receptor, precipitando uma cascata de eventos (pouco compreendidos) que produzem a experiência psicodélica. Em razão de seu formato molecular peculiar, o LSD se conecta particularmente bem ao receptor 5-HT_{2A}. Além do mais, uma parte do receptor se dobra sobre a molécula de LSD, mantendo-a dentro dele, o que pode explicar a intensidade e a longa duração da ação.

rede neural de modo padrão: Conjunto de regiões cerebrais descrito pela primeira vez pelo neurocientista Marcus Raichle, da Universidade de Washington. Deve seu nome ao fato de ficar mais ativa quando o cérebro está em descanso e liga parte do córtex cerebral a estruturas mais profundas e evolutivamente mais antigas do cérebro envolvidas na emoção e na memória. (Suas principais estruturas incluem e ligam o córtex cingulado posterior, o córtex pré-frontal e o hipocampo.) Estudos de neuroimagem sugerem que a rede de modo padrão está associada a atividades “metacognitivas” de ordem superior, como a autorreflexão, a projeção mental, a viagem no tempo e a teoria da mente — a capacidade de atribuir estados mentais a outros. A ação da rede diminui durante experiências psicodélicas, e, quando é drasticamente reduzida, é comum que os voluntários relatem a dissolução do senso que têm de si mesmos.

respiração holotrópica: Exercício de respiração desenvolvido em meados dos anos 1970 pelo terapeuta psicodélico Stanislav Grof e sua esposa, Christina, depois que o LSD se tornou ilegal. Ao aumentar a frequência e a intensidade da respiração até um estado de quase hiperventilação, o sujeito atinge um estado de consciência alterada sem o uso de drogas. Esse estado de transe pode dar acesso ao conteúdo do subconsciente. “Holotropia” significa “ir em direção à totalidade”.

triptamina: Classe de moléculas orgânicas comuns na natureza, e o nome de um dos dois principais tipos de compostos psicodélicos. O outro é a feniletilamina. O LSD, a psilocibina e o 5-MeO-DMT são triptaminas, assim como o neurotransmissor serotonina.

válvula de redução: Expressão utilizada por Aldous Huxley em *As portas da percepção* para designar o filtro mental que nos permite acessar apenas “a parte pequena da consciência” de que precisamos para sobreviver. O autor via os compostos psicodélicos como um recurso importante para abrir essa válvula, permitindo acesso total à consciência e à “Onisciência”.

Agradecimentos

FAZER UMA PESSOA mudar de ideia, assim como mudar o tema de um autor, nunca é fácil, e eu jamais teria me arriscado a escrever este livro nem jamais seria capaz de levar o projeto até o fim sem o apoio e o incentivo das pessoas à minha volta. Ann Godoff, editora de meus livros há quase quatro décadas, não hesitou nem empalideceu quando eu disse que queria escrever um livro sobre psicodélicos; seu entusiasmo e a orientação editorial segura que ela me deu durante este projeto, nosso oitavo livro juntos, foi uma bênção. Amanda Urban também foi minha cúmplice nesta aventura de vários modos; a dívida que contraí com ela ao longo de minha carreira é incalculável. Obrigado, também, às incríveis equipes que me assistiram ao longo do projeto: Sarah Hutson, Casey Denis e Karen Mayer, na Penguin; e Liz Farrell, Maris Dyer, Daisy Meyrick, Molly Atlas e Ron Bernstein, na ICM.

A melhor coisa de ser jornalista é ser pago para aprender coisas completamente novas na vida adulta. No entanto, a busca dessa educação contínua seria impossível sem a paciência das pessoas que pedimos que sejam nossos professores. Sou grato a todos — cientistas, voluntários, pacientes, terapeutas e ativistas — que aturaram minhas inúmeras e longas entrevistas e todas as perguntas tolas que fiz. Agradecimentos especiais a Bob Jesse, Roland Griffiths, Matthew Johnson, Mary Cosimano, Bill Richards, Katherine MacLean, Rick Doblin, Paul Stamets, James Fadiman, Stephen Ross, Tony Bossis, Jeffrey Guss, George Goldsmith, Ekaterina Malievskaia, Charles Grob, Teri Krebs, Robin Carhart-Harris, David Nutt, David Nichols, George Sarlo, Vicky Dulai, Judson Brewer, Bia Labate, Gabor Maté, Lisa Callaghan e Andrew Weil. Embora nem todos que entrevistei sejam citados nominalmente aqui, foram todos excelentes professores, e sou profundamente grato por sua paciência com as minhas perguntas e pela generosidade de suas respostas. Várias pessoas correram riscos significativos ao compartilhar suas histórias comigo; embora eu não possa agradecer a elas publicamente, tenho uma tremenda dívida com os vários guias clandestinos que contribuíram tão generosamente com seu tempo, experiência e sabedoria. É uma lástima que pelo menos por enquanto suas práticas de cura dependam de atos de desobediência civil.

Tive um ano produtivo e agradável como membro do Instituto Radcliffe para Estudos Avançados em Harvard, que me deu a oportunidade de pesquisar e escrever a história da pesquisa com compostos psicodélicos na cidade em que se passou um importante capítulo dessa história. O instituto ofereceu o ambiente perfeito para o trabalho em um projeto que tangencia tantas disciplinas diferentes: bastava atravessar o corredor para consultar um neurologista, um biólogo, um antropólogo e um repórter investigativo. Durante minha passagem por Radcliffe, tive a sorte de trabalhar com um obstinado assistente de pesquisa de graduação que me ajudou a navegar pelos arquivos de Harvard, encontrando nele diversas joias: obrigado, Teddy Delwiche. Tenho também uma dívida com Ed Wasserman, meu reitor na Faculdade de Jornalismo de Berkeley, por me proporcionar tempo fora de sala de aula para ir a Cambridge e, depois, para terminar de escrever o livro.

De volta a Berkeley, Bridget Huber fez um trabalho brilhante, primeiro como assistente de pesquisa e depois na checagem de fatos; que este seja o meu livro com a maior quantidade de referências bibliográficas deve-se totalmente à sua diligência e competência. Vários de meus colegas em Berkeley contribuíram imensamente para o meu aprendizado em neurociência e psicologia: David Presti, Dacher Keltner e Alison Gopnik ajudaram a melhorar este livro de maneiras que nem imaginam, e, no caso de David e sua parceira, Kristi Panik, que leram um esboço do capítulo sobre neurociência, evitaram que eu cometesse uma série de erros, tanto grandes quanto pequenos. (Embora não tenham qualquer responsabilidade pelos que eventualmente tenham passado.) Mark Edmundson me ofereceu conselhos cruciais no início da pesquisa que me ajudaram a moldar a narrativa, e Mark Danner foi, como sempre, uma caixa de ressonância valiosíssima durante nossas caminhadas pelo Inspiration Point. Considero-me especialmente sortudo por ser amigo íntimo de um editor tão astuto e generoso quanto Gerry Marzorati: seus comentários no manuscrito foram inestimáveis e pouparam você, caro leitor, da leitura de milhares de palavras desnecessárias.

Minha primeira incursão pelo tema dos compostos psicodélicos aconteceu em uma reportagem de 2015 para a *New Yorker*, “Viagem de tratamento”; sou grato a Alan Burdick, o talentoso editor que me encomendou a reportagem, e a David Remnick, por considerá-la digna de publicação; a matéria abriu todo tipo de porta.

Pela crucial ajuda na pesquisa, assim como por sua indispensável biblioteca on-line, sou profundamente grato à Earth and Fire, proprietária da Erowid, a mais importante fonte de pesquisas sobre psicodélicos existente. Vale a pena conferir.

Por seu sábio, útil e tranquilizador trabalho de assistência jurídica,

sou grato a meu caro amigo Howard Sobel e a seu colega Marvin Putnam, da Latham & Watkins. Durmo muito melhor sabendo que eles estão me protegendo.

Um longo projeto de livro acaba sendo um ponto de inflexão no clima emocional de uma família, e mais ainda neste caso. Isaac: poder discutir minhas viagens com você teve um valor inestimável; sempre saí de nossas conversas com algo inteligente, útil e inesperado. Seu apoio, curiosidade e incentivo fizeram toda a diferença.

Quando embarquei nesta longa e estranha viagem, Judith se perguntou o que isso significava para a nossa parceria de mais de trinta anos. Será que eu me transformaria de algum modo? Nunca imaginei que depois de tanto tempo algo pudesse nos aproximar ainda mais, mas aconteceu. Obrigado por me incentivar a tentar algo novo, pelas perguntas e insights perspicazes, por editar cada capítulo com atenção — e, acima de tudo, por me acompanhar na viagem.

Notas

PRÓLOGO UMA NOVA PORTA

1. Hofmann, *LSD, My Problem Child*, p. 40-47.
2. Wasson e Wasson, *Mushrooms, Russia, and History*, vol. 2.
3. Wasson, "Seeking the Magic Mushroom".
4. Cohen, Hirschhorn e Frosch, "In Vivo and In Vitro Chromosomal Damage Induced by LSD-25".
5. Tierney, "Hallucinogens Have Doctors Tuning In Again".
6. Griffiths et al., "Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences Having Substantial and Sustained Personal Meaning and Spiritual Significance".
7. Johansen e Krebs, "Psychedelics Not Linked to Mental Health Problems or Suicidal Behavior".
8. Correspondência pessoal com Matthew W. Johnson.
9. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 1-2.

CAPÍTULO UM O RENASCIMENTO

1. Langlitz, *Neuropsychodelia*, p. 24-26.
2. Hofmann, *LSD, My Problem Child*, p. 184-85.
3. Ibid., p. 36-45.
4. Ibid., p. 46-47.
5. Ibid., p. 48-49.
6. Citado em Nichols, "LSD".
7. Hofmann, *LSD, My Problem Child*, p. 51.
8. Jonathan Ott, no prefácio do tradutor. *LSD, My Problem Child*, p. 25.
9. Langlitz, *Neuropsychodelia*, p. 25-26.
10. Gonzales v. Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.
11. Kleber, "Commentary On: Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences", p. 292.
12. Schuster, "Commentary On: Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences", p. 289.
13. Nichols, "Commentary On: Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences", p. 284.
14. Wit, "Towards a Science of Spiritual Experience".
15. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 370.
16. Ibid., p. 389.
17. Ver, por exemplo, Grinspoon e Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered*, p. 192.
18. Tese de Walter Pahnke, "Drugs and Mysticism: An Analysis of the Relationship Between Psychedelic Drugs and the Mystical Consciousness", disponível em formato PDF em <www.maps.org/images/pdf/books/pahnke/walter_pahnke_drugs_and_mysticism.pdf>.
19. Huston Smith, *Huston Smith Reader*, p. 73.
20. Doblin, "Pahnke's 'Good Friday Experiment'".
21. Id., "Dr. Leary's Concord Prison Experiment".
22. Citado em Nutt, "Brave New World for Psychology?", p. 658.
23. Grob et al., "Pilot Study of Psilocybin Treatment for Anxiety in Patients with Advanced-Stage Cancer".
24. Parte dos arquivos da CIA relacionados ao Projeto Alcachofra está disponível em <www.paperlessarchives.com/FreeTitles/ARTICHOKECIAFiles.pdf>.
25. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 369.
26. Ibid., p. 370.
27. Ibid.

28. Ibid., p. 372.
29. Ibid., p. 371.
30. Ibid.
31. MacLean et al., “Mystical Experiences Occasioned by the Hallucinogen Psilocybin Lead to Increases in the Personality Domain of Openness”.
32. McHugh, resenha de *The Harvard Psychedelic Club*, por Don Lattin.
33. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 415.
34. Ibid., p. 419.
35. Ibid., p. 420.
36. Ibid.
37. Ibid., p. 378.
38. Johnson et al., “Pilot Study of the 5-HT_{2A}R Agonist Psilocybin in the Treatment of Tobacco Addiction”.

CAPÍTULO DOIS HISTÓRIA NATURAL: SOB A INFLUÊNCIA DE COGUMELOS

1. Simard et al., “Net Transfer of Carbon Between Ectomycorrhizal Tree Species in the Field”.
2. Stamets, *Psilocybin Mushrooms of the World*, p. 11.
3. Ibid., p. 16.
4. Ibid., p. 30-32.
5. Ibid., p. 53.
6. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 71.
7. Siff, *Acid Hype*, p. 93.
8. Ibid., p. 80.
9. Ibid., p. 73.
10. Ibid.
11. Todas as citações aparecem em Wasson, “Seeking the Magic Mushroom”.
12. Wasson e Wasson, *Mushrooms, Russia, and History*, p. 223.
13. Davis, *One River*, p. 95.
14. Siff, *Acid Hype*, p. 69.
15. Wasson, Hofmann e Ruck, *Road to Eleusis*, p. 33.
16. Wasson, “Seeking the Magic Mushroom”.
17. Estrada, *María Sabina*, p. 73.
18. Letcher, *Shroom*, p. 104.
19. Siff, *Acid Hype*, p. 80.
20. Ibid., p. 83.
21. Ibid., p. 74.
22. Hofmann, *LSD, My Problem Child*, p. 128.
23. Ibid., p. 126.
24. Ibid., p. 139-52.
25. Wasson, “Drugs”, p. 21.
26. Estrada, *María Sabina*, p. 90-91.
27. O vídeo, *The Stoned Ape Theory*, de Terence McKenna, está disponível em <www.youtube.com/watch?v=hOtLJwK7kdk>.
28. McKenna, *Food of the Gods*, p. 26.
29. Ibid., p. 24.
30. Ver a palestra de McKenna no YouTube em <www.youtube.com/watch?v=hOtLJwK7kdk>.
31. Samorini, *Animals and Psychedelics*, p. 84-88.
32. Wulf, *Invention of Nature*, p. 54.
33. Ibid., p. 128.
34. Ibid., p. 59.
35. Emerson, *Nature*, p. 14.
36. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 377.
37. Huston Smith, *Cleansing the Doors of Perception*, p. 76.
38. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 378.

CAPÍTULO TRÊS HISTÓRIA: A PRIMEIRA ONDA

1. Leary, *Flashbacks*, p. 232-42.
2. Greenfield, *Timothy Leary*, p. 267-72.
3. Leary, *Flashbacks*, p. 251-52.
4. Novak, “LSD Before Leary”, p. 91.
5. Osmond, “On Being Mad”.
6. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 17.
7. Ibid.
8. Para uma excelente visão geral de como essa pesquisa contribuiu para a ascensão da neuroquímica, ver Nichols, “Psychedelics”, p. 267.
9. Em pouco tempo, Weyburn se tornaria o centro de pesquisa mais importante do mundo na área de psicodélicos. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 26-28.
10. Em inglês “My Twelve Hours as a Madman”. Para uma discussão sobre a reportagem, ver *ibid.*, p. 31-33.
11. *Ibid.*, p. 40-42.
12. *Ibid.*, p. 58-59.
13. *Ibid.*, p. 59.
14. *Ibid.*, p. 71.
15. *Ibid.*, p. 73.
16. Ver Novak, “LSD Before Leary”, p. 97, e o texto “Pass It On”, publicado anonimamente; localização no Kindle: 5372.
17. Eisner, “Remembrances of LSD Therapy Past”, p. 14, p. 26-45; Novak, “LSD Before Leary”, 97.
18. Novak, “LSD Before Leary”, p. 88-89.
19. *Ibid.*, p. 92.
20. *Ibid.*
21. Betty Grover Eisner, esboço de “Sidney Cohen, M.D.: A Remembrance”, caixa 7, pasta 3, Betty Grover Eisner Papers, Stanford University Department of Special Collections and University Archives.
22. Grinspoon e Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered*, p. 7.
23. Para um relato detalhado do trabalho dele, ver Grof, *LSD*.
24. Grinspoon e Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered*, p. 208.
25. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 62.
26. Siff, *Acid Hype*, p. 100.
27. Stevens, *Storming Heaven*, p. 64.
28. Siff, *Acid Hype*, p. 100.
29. *Ibid.*
30. Novak, “LSD Before Leary”, p. 103.
31. *Ibid.*
32. *Ibid.*, p. 99.
33. *Ibid.*, p. 99-101.
34. *Ibid.*, p. 100.
35. Cohen, *Beyond Within*, p. 182.
36. *Ibid.*
37. Cohen, “LSD and the Anguish of Dying”, p. 71.
38. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 1.
39. Huxley, *Moksha*, p. 42.
40. Huxley, *As portas da percepção e Ceu e inferno*.
41. *Ibid.*, p. 17.
42. *Ibid.*, p. 18.
43. *Ibid.*, p. 23.
44. *Ibid.*, p. 17.
45. Huxley, *Perennial Philosophy*.
46. Novak, “LSD Before Leary”, p. 93.
47. *Ibid.*, p. 95.
48. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 1-2.
49. *Ibid.*, p. 2.
50. Osmond, “Review of the Clinical Effects of Psychotomimetic Agents”, p. 429.

51. Grinspoon e Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered*, p. 194-95.
52. O arquivo de Hubbard no FBI está disponível no Internet Archive: < archive.org/details/AlHubbard >.
53. Fahey, "Original Captain Trips".
54. Esses fatos, assim como suas contradições, foram extraídos de Lee e Shlain, *Acid Dreams*, e Fahey, "Original Captain Trips".
55. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 45.
56. Ibid.
57. Ibid., p. 52.
58. Fahey, "Original Captain Trips".
59. Ibid.
60. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 54.
61. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 93.
62. R.C., "B.C.'s Acid Flashback".
63. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 51.
64. Stevens, *Storming Heaven*, p. 175.
65. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 52.
66. Ibid.
67. Stevens, *Storming Heaven*, p. 56.
68. Ibid., p. 54.
69. Ibid., p. 57.
70. Eisner, "Remembrances of LSD Therapy Past", p. 10.
71. Ibid., p. 57.
72. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 97-98.
73. Markoff, *What the Dormouse Said*, xix.
74. Isaacson, *Steve Jobs*, p. 172-73.
75. Goldsmith, "Conversation with George Greer and Myron Stolaroff".
76. Fahey, "Original Captain Trips".
77. Markoff, *What the Dormouse Said*, p. 58.
78. Stevens, *Storming Heaven*, p. 178.
79. Fadiman, *Psychedelic Explorer's Guide*, p. 185.
80. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 198.
81. Fahey, "Original Captain Trips".
82. Ibid.
83. Leary, *Flashbacks*, p. 29-33.
84. Ibid., p. 33.
85. Leary, *High Priest*, p. 285.
86. Essa descrição do curso está na coleção de documentos de Leary na Biblioteca Pública de Nova York: < archives.nypl.org/mss/18400#detailed >.
87. Stevens, *Storming Heaven*, p. 135.
88. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 75.
89. Doblin, "Dr. Leary's Concord Prison Experiment".
90. Cohen, *Beyond Within*, p. 224.
91. Lattin, *Harvard Psychedelic Club*, p. 74.
92. Leary et al., *Neuropolitics*, p. 3.
93. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 77.
94. Grinspoon e Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered*, p. 86.
95. "Some Social Reactions to the Psilocybin Research Project", 8 out. 1961.
96. Memorando de McClelland para Metzner, 19 dez. 1962.
97. Lattin, *Harvard Psychedelic Club*, p. 89.
98. Robert Ellis Smith, "Psychologists Disagree on Psilocybin Research".
99. Lattin, *Harvard Psychedelic Club*, p. 91.
100. Grinspoon e Bakalar, *Psychedelic Drugs Reconsidered*, p. 66.
101. Leary e Alpert, "Letter from Alpert, Leary".
102. Ibid.
103. Stevens, *Storming Heaven*, p. 189.
104. Ibid., p. 190.
105. Eisner, "Remembrances of LSD Therapy Past", p. 145.
106. Dyck, *Psychedelic Psychiatry*, p. 132.

107. Ibid., p. 108.
108. Stevens, *Storming Heaven*, p. 191.
109. Leary, *High Priest*, p. 132.
110. Fahey, “Original Captain Trips”.
111. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 88.
112. Fahey, “Original Captain Trips”.
113. Stevens, *Storming Heaven*, p. 191.
114. Weil, “Strange Case of the Harvard Drug Scandal”.
115. Lattin, *Harvard Psychedelic Club*, p. 94.
116. Lee e Shlain, *Acid Dreams*.
117. Weil, “Strange Case of the Harvard Drug Scandal”.
118. Strauss, *Everyone Loves You When You’re Dead*, localização 352.
119. Essa citação aparece em um vídeo feito pela Retro Report, disponível em <www.retroreport.org/video/the-long-strange-trip-of-ld>.
120. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 124.
121. Grob, “Psychiatric Research with Hallucinogens”.
122. Grinker, “Lysergic Acid Diethylamide”.
123. Grinker, “Bootlegged Ecstasy”.
124. Cole e Katz, “Psychotomimetic Drugs”, p. 758.
125. Eisner, “Remembrances of LSD Therapy Past”, p. 112.
126. Presti e Beck, “Strychnine and Other Enduring Myths”, p. 130-31.
127. Cohen, “Lysergic Acid Diethylamide”.
128. Cohen e Ditman, “Complications Associated with Lysergic Acid Diethylamide (LSD-25)”, p. 162.
129. Cohen e Ditman, “Prolonged Adverse Reactions to Lysergic Acid Diethylamide”.
130. Cohen, “Classification of LSD Complications”.
131. Moore Schiller, “Exploding Threat of the Mind Drug That Got out of Control”.
132. Novak, “LSD Before Leary”, p. 109.
133. Lee e Shlain, *Acid Dreams*, p. 93.
134. Fadiman, *Psychedelic Explorer’s Guide*, p. 186.
135. E ele está disponível no YouTube em <www.youtube.com/watch?v=rjylxvQqm0U>.
136. Fahey, “Original Captain Trips”.

CAPÍTULO QUATRO MEMÓRIAS DE VIAGEM: UMA EXCURSÃO CLANDESTINA

1. Citado em Epstein, *Thoughts Without a Thinker*, p. 119.
2. Stolaroff, *Secret Chief Revealed*, p. 28, 59.
3. Ibid., p. 36.
4. Ibid., p. 61.
5. Ibid., p. 50.
6. Barrett et al., “Qualitative and Quantitative Features of Music Reported to Support Peak Mystical Experiences During Psychedelic Therapy Sessions”.
7. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 377.
8. Huxley, *As portas da percepção e Ceu e inferno*.
9. Ibid., p. 24.
10. Ibid., p. 55.
11. Ibid., p. 34-35.
12. Emerson, *Nature*, p. 13.
13. Whitman, *Folhas de relva*, p. 29.
14. Tennyson, “Luminous Sleep”.
15. Citado em James, *Varieties of Religious Experience*, p. 391.

CAPÍTULO CINCO A NEUROCIÊNCIA: SEU CÉREBRO SOB O EFEITO DE PSICODÉLICOS

1. Para mais detalhes, ver a palestra de David Nichols, “DMT and the Pineal Gland: Facts vs.

- Fantasy”, disponível em <www.youtube.com/watch?v=YeeqHUic8lo>.
2. Vollenweider et al., “Psilocybin Induces Schizophrenia-Like Psychosis in Humans via a Serotonin-2 Agonist Action”.
3. Freud, *Civilization and Its Discontents*, p. 12.
4. Nagel, “What Is It Like to Be a Bat?”.
5. Frank, “Minding Matter”.
6. Raichle et al., “Default Mode of Brain Function”.
7. Raichle, “Brain’s Dark Energy”.
8. Brewer, *Craving Mind*, p. 46.
9. Killingsworth e Gilbert, “Wandering Mind Is an Unhappy Mind”.
10. Carhart-Harris et al., “Neural Correlates of the Psychedelic State as Determined by fMRI Studies with Psilocybin”.
11. Srinivasan, “Honey Bees as a Model for Vision, Perception, and Cognition”; Dyer et al., “Seeing in Colour”.
12. Sutton et al., “Mechanosensory Hairs in Bumblebees (*Bombus terrestris*) Detect Weak Electric Fields”.
13. Kaelen, “Psychological and Human Brain Effects of Music in Combination with Psychedelic Drugs”.
14. Carhart-Harris et al., “Entropic Brain”.
15. Carhart-Harris, Kaelen e Nutt, “How Do Hallucinogens Work on the Brain?”.
16. Petri et al., “Homological Scaffolds of Brain Functional Networks”.
17. Gopnik, *Philosophical Baby*.
18. Lucas et al., “When Children Are Better (or at Least More Open-Minded) Learners Than Adults”.

CAPÍTULO SEIS A VIAGEM DE TRATAMENTO: COMPOSTOS PSICODÉLICOS NA PSICOTERAPIA

1. Kupferschmidt, “High Hopes”, p. 23.
2. Grob, “Psychiatric Research with Hallucinogens”.
3. Beacon Health Options, “We Need to Talk About Suicide”, p. 10.
4. Solomon, *Noonday Demon*, p. 102.
5. Cohen, “LSD and the Anguish of Dying”.
6. Richards et al., “LSD-Assisted Psychotherapy and the Human Encounter with Death”.
7. Grob, Bossis e Griffiths, “Use of the Classic Hallucinogen Psilocybin for Treatment of Existential Distress Associated with Cancer”, p. 303.
8. Hofman, “Dose of a Hallucinogen from a ‘Magic Mushroom’, and Then Lasting Peace”.
9. Belser et al., “Patient Experiences of Psilocybin-Assisted Psychotherapy: An Interpretative Phenomenological Analysis”.
10. Bertrand Russell, “How to Grow Old”.
11. Hertzberg, “Moon Shots (3 of 3)”.
12. Johnson et al., “Pilot Study of the 5-HT_{2A}R Agonist Psilocybin in the Treatment of Tobacco Addiction”.
13. Comunicação pessoal com o neurocientista Draulio Araujo.
14. Krebs e Johansen, “Lysergic Acid Diethylamide (LSD) for Alcoholism”.
15. Ibid.
16. Bogenschutz et al., “Psilocybin-Assisted Treatment for Alcohol Dependence”.
17. Piff et al., “Awe, the Small Self, and Prosocial Behavior”.
18. Bai et al., “Awe, the Diminished Self, and Collective Engagement”.
19. Carhart-Harris et al., “Psilocybin with Psychological Support for Treatment-Resistant Depression”.
20. Watts et al., “Patients’ Accounts of Increased ‘Connectedness’ and ‘Acceptance’ After Psilocybin for Treatment-Resistant Depression”.
21. Ibid.
22. Para ler o relato completo de Rouiller, ver <inandthrough.blogspot.com/2016/08/psilocybin-trial-diary-one-year-on.html>.
23. Moreno et al., “Safety, Tolerability, and Efficacy of Psilocybin in 9 Patients with Obsessive-Compulsive Disorder”.

24. Solomon, *Noonday Demon*, p. 65.
25. Kessler, *Capture*, p. 8-9.
26. Vollenweider e Kometer, “Neurobiology of Psychedelic Drugs”.
27. Reproduzido, em parte, em Brain Pickings: <www.brainpickings.org/2012/09/12/this-is-water-david-foster-wallace>.
28. Brewer, *Craving Mind*, p. 115.

EPÍLOGO UM ELOGIO À DIVERSIDADE NEURAL

1. Schwartz, “Molly at the Marriott”.
2. Um vídeo do evento está disponível em <www.youtube.com/watch?v=_oZ_v3QFQDE>.
3. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=NhlTrDIOcrQ&feature=share>.

Bibliografia

- Alcoólicos Anônimos, *“Pass It On”: The Story of Bill Wilson and How the A.A. Message Reached the World*. Nova York: Alcoholics Anonymous World Services, 1984.
- BAI, Yang; MARUSKIN, Laura A; CHEN, Serena; GORDON, Amie M; STELLAR, Jennifer E.; MCNEIL, Galen D.; PENG, Kaiping; KELTNER, Dacher. “Awe, the Diminished Self, and Collective Engagement: Universals and Cultural Variations in the Small Self”, *Journal of Personality and Social Psychology* 113, n. 2 (2017), p. 185-209, doi: 10.1037/pspa0000087.
- BARRETT, Frederick S.; ROBBINS, Hollis; SMOOKE, David; BROWN, Jenine; GRIFFITHS, Roland R. “Qualitative and Quantitative Features of Music Reported to Support Peak Mystical Experiences During Psychedelic Therapy Sessions”, *Frontiers in Physiology* 8 (jul. 2017), p. 1-12, doi: 10.3389/fpsyg.2017.01238.
- Beacon Health Options. “We Need to Talk About Suicide”, 2017.
- BELSER, Alexander B.; AGIN-LIEBES, Gabrielle; SWIFT, T. Cody; TERRANA, Sara; DEVENOT, Nese; FRIEDMAN, Harris L.; GUSS, Jeffrey; BOSSIS, Anthony; ROSS, Stephen. “Patient Experiences of Psilocybin-Assisted Psychotherapy: An Interpretative Phenomenological Analysis”, *Journal of Humanistic Psychology* 57, n. 4 (2017), p. 354-88, doi: 10.1177/0022167817706884.
- BOGENSCHUTZ, Michael P.; FORCEHIMES, Alyssa A.; POMMY, Jessica A.; WILCOX, Claire E.; BARBOSA, P.C.; STRASSMAN, Rick J. “Psilocybin-Assisted Treatment for Alcohol Dependence: A Proof-of-Concept Study”, *Journal of Psychopharmacology* 29, n. 3 (2015), p. 289-99, doi: 10.1177/0269881114565144.
- BREWER, Judson. *The Craving Mind: From Cigarettes to Smartphones to Love—Why We Get Hooked and How We Can Break Bad Habits*. New Haven, Connecticut.: Yale University Press, 2017.
- BUCKNER, Randy L.; ANDREWS-HANNA, Jessica R.; SCHACTER, Daniel L. “The Brain’s Default Network: Anatomy, Function, and Relevance to Disease”, *Annals of the New York Academy of Sciences* 1124, n. 1 (2008), p. 1-38, doi: 10.1196/annals.1440.011.
- CARBONARO, Theresa M.; BRADSTREET, Matthew P.; BARRETT, Frederick S.; MACLEAN, Katherine A.; JESSE, Robert; JOHNSON, Matthew W.; GRIFFITHS, Roland R. “Survey Study of Challenging Experiences After Ingesting Psilocybin Mushrooms: Acute and Enduring Positive and Negative Consequences”, *Journal of Psychopharmacology* 30, n. 12 (2016), p. 1268-78.
- CARHART-HARRIS, Robin L. et al. “Neural Correlates of the Psychedelic State as Determined by fMRI Studies with Psilocybin”, *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 109, n. 6 (2012), p. 2138-43, doi: 10.1073/pnas.1119598109.
- . “Psilocybin with Psychological Support for Treatment-Resistant Depression: An Open-Label Feasibility Study”, *Lancet Psychiatry* 3, n. 7 (2016), p. 619-27, doi: 10.1016/S2215-0366(16)30065-7.
- ; KAELEN, Mendel; NUTT, David J. “How Do Hallucinogens Work on the Brain?” *Psychologist* 27, n. 9 (2014), p. 662-65.
- ; LEECH, Robert; HELLYER, Peter J.; SHANAHAN, Murray; FEILDING, Amanda; TAGLIAZUCCHI, Enzo; CHIALVO, Dante R.; NUTT, David. “The Entropic Brain: A Theory of Conscious States Informed by Neuroimaging Research with Psychedelic Drugs”, *Frontiers in Human Neuroscience* 8 (fev. 2014), p. 20, doi: 10.3389/fnhum.2014.00020.
- COHEN, Maimon M.; HIRSCHHORN, Kurt; FROSCH, William A. “In Vivo and In Vitro Chromosomal Damage Induced by LSD-25”, *New England Journal of Medicine* 277, n. 20 (1967), p. 1043-49, doi: 10.1056/NEJM197107222850421.
- COHEN, Sidney. *The Beyond Within: The LSD Story*. Nova York: Atheneum, 1964.

- . “A Classification of LSD Complications”, *Psychosomatics* 7, n. 3 (1966), p. 182-86.
- . “LSD and the Anguish of Dying”, *Harper's Magazine*, set. 1965, p. 69-78.
- . “Lysergic Acid Diethylamide: Side Effects and Complications”, *Journal of Nervous and Mental Disease* 130, n. 1 (1960), p. 30-40.
- ; DITMAN, Keith S. “Complications Associated with Lysergic Acid Diethylamide (LSD-25)”, *Journal of the American Medical Association* 181, n. 2 (1962), p. 161-62.
- . “Prolonged Adverse Reactions to Lysergic Acid Diethylamide”, *Archives of General Psychiatry* 8, n. 5 (1963), p. 475-80.
- COLE, Jonathan O.; KATZ, Martin M. “The Psychotomimetic Drugs: An Overview”, *Journal of the American Medical Association* 187, n. 10 (1964), p. 758-61.
- DAVIS, Wade. *One River: Explorations and Discoveries in the Amazon Rain Forest*. Nova York: Simon & Schuster, 1996.
- DOBLIN, Rick. “Dr. Leary's Concord Prison Experiment: A 34-Year Follow-Up Study”, *Journal of Psychoactive Drugs* 30, n. 4 (1998), p. 419-26, doi: 10.1080/02791072.1998.10399715.
- . “Pahnke's ‘Good Friday Experiment’: A Long-Term Follow-Up and Methodological Critique”, *Journal of Transpersonal Psychology* 23, n. 1 (1991), p. 1-28, doi: 10.1177/0269881108094300.
- DYCK, Erika. *Psychedellic Psychiatry: LSD from Clinic to Campus*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.
- DYER, Adrian G.; GARCIA, Jair E.; SHRESTHA, Mani; LUNAU, Klaus. “Seeing in Colour: A Hundred Years of Studies on Bee Vision Since the Work of the Nobel Laureate Karl von Frisch”, *Proceedings of the Royal Society of Victoria* 127 (jul. 2015), p. 66-72, doi: 10.1071/RS15006.
- EISNER, Betty Grover. “Remembrances of LSD Therapy Past”, 2002. Disponível em: <www.maps.org/images/pdf/books/remembrances.pdf>.
- EMERSON, Ralph Waldo. *Nature*. Boston: James Munroe, 1836.
- EPSTEIN, Mark. *Thoughts Without a Thinker: Psychotherapy from a Buddhist Perspective*. Nova York: Basic Books, 1995.
- ESTRADA, Alvaro. *María Sabina: Her Life and Chants*. Santa Barbara, Calif.: Ross-Erikson, 1981.
- FADIMAN, James. *The Psychedelic Explorer's Guide: Safe, Therapeutic and Sacred Journeys*. Rochester, Vt.: Park Street Press, 2011.
- FAHEY, Todd Brendan. “The Original Captain Trips”, *High Times*, nov. 1991.
- FRANK, Adam. “Minding Matter”, *Aeon*, mar. 2017.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GOLDSMITH, Neal. “A Conversation with George Greer and Myron Stolaroff”, 2013. Disponível em: <erowid.org/culture/characters/stolaroff_myron/stolaroff_myron_interview1.shtml>.
- Gonzales v. Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, 546 U.S. 418 (2006).
- GOPNIK, Alison. *The Philosophical Baby: What Children's Minds Tell Us About Truth, Love, and the Meaning of Life*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.
- GREENFIELD, Robert. *Timothy Leary: A Biography*. Orlando, Flórida: Harcourt, 2006.
- GRIFFITHS, R.R., RICHARDS, W. A.; MCCANN, U.; JESSE, R. “Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences Having Substantial and Sustained Personal Meaning and Spiritual Significance”, *Psychopharmacology* 187, n. 3 (2006), p. 268-83, doi: 10.1007/s00213-006-0457-5.
- GRINKER, Roy R. “Bootlegged Ecstasy”, *Journal of the American Medical Association* 187, n. 10 (1964), p. 768.
- . “Lysergic Acid Diethylamide”, *Archives of General Psychiatry* 8, n. 5 (1963), p. 425, doi: 10.1056/NEJM196802222780806.
- GRINSPOON, Lester; BAKALAR, James B. *Psychedelic Drugs Reconsidered*. Nova York: Basic Books, 1979.
- GROB, Charles S. “Psychiatric Research with Hallucinogens: What Have We Learned?”, *Yearbook for Ethnomedicine and the Study of Consciousness*, n. 3 (1994), p. 91-112.

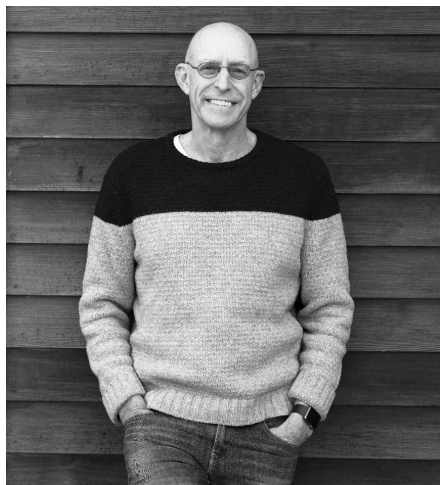
- GROB, Charles S.; BOSSIS, Anthony P.; GRIFFITHS, Roland R. "Use of the Classic Hallucinogen Psilocybin for Treatment of Existential Distress Associated with Cancer", in Brian I. Carr e Jennifer Steel (orgs.), *Psychological Aspects of Cancer: A Guide to Emotional and Psychological Consequences of Cancer, Their Causes and Their Management*, p. 291-308. Nova York: Springer, 2013, doi: 10.1007/978-1-4614-4866-2.
- GROB, Charles S.; DANFORTH, Alicia L.; CHOPRA, Gurpreet S.; HAGERTY, Marycie; MCKAY, Charles R.; HALBERSTADT, Adam L.; GREER, George R. "Pilot Study of Psilocybin Treatment for Anxiety in Patients with Advanced-Stage Cancer", *Archives of General Psychiatry* 68, n. 1 (2011), p. 71-8, doi: 10.1001/archgenpsychiatry.2010.116.
- GROF, Stanislav. *LSD: Doorway to the Numinous: The Groundbreaking Psychedelic Research into Realms of the Human Unconscious*. Rochester, Vt.: Park Street Press, 2009.
- HERTZBERG, Hendrik. "Moon Shots (3 of 3), p. Lunar Epiphanies", *New Yorker*, ago. 2008.
- HOFMAN, Jan. "A Dose of a Hallucinogen from a 'Magic Mushroom,' and Then Lasting Peace", *New York Times*, 1º dez. 2016.
- HOFMANN, Albert. *LSD, My Problem Child*. Santa Cruz, Califórnia: Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies, 2009.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção e Céu e inferno*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.
- . Moksha: *Writings on Psychedelics and the Visionary Experience (1931-1963)*. Org. Michael Horowitz e Cynthia Palmer. Nova York: Stonehill, 1977.
- . *The Perennial Philosophy*. Londres: Chatto & Windus, 1947, doi: 10.1017/S0031819100023330.
- ISAACSON, Walter. *Steve Jobs*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- JAMES, William. *The Varieties of Religious Experience*. E-book. Projeto Gutenberg, 2014.
- JOHANSEN, Pål-Ørjan; KREBS, Teri Suzanne. "Psychedelics Not Linked to Mental Health Problems or Suicidal Behavior: A Population Study", *Journal of Psychopharmacology* 29, n. 3 (2015), p. 270-79, doi: 10.1177/0269881114568039.
- JOHNSON, Matthew W.; GARCIA-ROMEU, Albert; COSIMANO, Mary P.; GRIFFITHS, Roland R. "Pilot Study of the 5-HT_{2A}R Agonist Psilocybin in the Treatment of Tobacco Addiction", *Journal of Psychopharmacology* 28, n. 11 (2014), p. 983-92, doi: 10.1177/0269881114548296.
- KAELIN, Mendel. "The Psychological and Human Brain Effects of Music in Combination with Psychedelic Drugs". Tese de doutorado. Imperial College London, 2017.
- KESSLER, David A. *Capture: Unraveling the Mystery of Mental Suffering*. Nova York: Harper Wave, 2016.
- KILLINGSWORTH, Matthew A.; GILBERT, Daniel T. "A Wandering Mind Is an Unhappy Mind", *Science* 330, n. 6006 (2010), p. 932, doi: 10.1126/science.1192439.
- KLEBER, Herbert D. "Commentary On: Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences Having Substantial and Sustained Personal Meaning and Spiritual Significance", *Psychopharmacology* 187 (2006), p. 291-92.
- KREBS, Teri S.; JOHANSEN, Pål-Ørjan. "Lysergic Acid Diethylamide (LSD) for Alcoholism: Meta-analysis of Randomized Controlled Trials", *Journal of Psychopharmacology* 26, n. 7 (2012), p. 994-1002, doi: 10.1177/0269881112439253.
- KUPFERSCHMIDT, Kai. "High Hopes", *Science* 345, n. 6192 (2014).
- LANGLITZ, Nicolas. *Neuropsychodelia: The Revival of Hallucinogen Research Since the Decade of the Brain*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- LATTIN, Don. *The Harvard Psychedelic Club: How Timothy Leary, Ram Dass, Huston Smith, and Andrew Weil Killed the Fifties and Ushered in a New Age for America*. Nova York: HarperCollins, 2010.
- LEARY, Timothy. *Flashbacks: A Personal and Cultural History of an Era: An Autobiography*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1990.
- . *High Priest*. Berkeley, Calif.: Ronin, 1995.
- LEARY, Timothy; ALPERT, Richard. "Letter from Alpert, Leary", *Harvard Crimson*, 1962.
- LEARY, Timothy; PENNER, James. *Timothy Leary, The Harvard Years: Early Writings on LSD and Psilocybin with Richard Alpert, Huston Smith, Ralph Metzler, and Others*. Rochester, Vt.: Park Street Press, 2014.

- LEARY, Timothy; WILSON, Robert Anton; KOOPMAN, George A.; GILBERTSON, Daniel. *Neuropolitics: The Sociobiology of Human Metamorphosis*. Los Angeles: Starseed/Peace Press, 1977.
- LEE, Martin A.; SHLAIN, Bruce. *Acid Dreams: The Complete Social History of LSD: The CIA, the Sixties, and Beyond*. Nova York: Grove Press, 1992.
- LIEBERMAN, Jeffrey A. *Shrinks: The Untold Story of Psychiatry*. Nova York: Little, Brown, 2015.
- LUCAS, Christopher G.; BRIDGERS, Sophie; GRIFFITHS, Thomas L.; GOPNIK, Alison. "When Children Are Better (or at Least More Open-Minded) Learners Than Adults: Developmental Differences in Learning the Forms of Causal Relationships", *Cognition* 131, n. 2 (2014), p. 284-99, doi: 10.1016/j.cognition.2013.12.010.
- MACLEAN, Katherine A.; JOHNSON, Matthew W.; GRIFFITHS, Roland R. "Mystical Experiences Occasioned by the Hallucinogen Psilocybin Lead to Increases in the Personality Domain of Openness", *Journal of Psychopharmacology* 25, n. 11 (2011), p. 1453-61, doi: 10.1177/0269881111420188.
- MCHUGH, Paul. Resenha de *The Harvard Psychedelic Club*, por Don Lattin. *Commentary*, abr. 2010.
- MCKENNA, Terence. *Food of the Gods: The Search for the Original Tree of Knowledge*. Nova York: Bantam Books, 1992.
- MARKOFF, John. *What the Dormouse Said: How the Sixties Counterculture Shaped the Personal Computer Industry*. Nova York: Penguin, 2005.
- MOORE, Gerald; SCHILLER, Larry. "The Exploding Threat of the Mind Drug That Got out of Control", *Life*, 25 mar. 1966.
- MORENO, Francisco A.; WIEGAND, Christopher B.; TAITANO, E. Keolani; DELGADO, Pedro L. "Safety, Tolerability, and Efficacy of Psilocybin in 9 Patients with Obsessive-Compulsive Disorder", *Journal of Clinical Psychiatry* 67, n. 11 (2006), p. 1735-40, doi: 10.4088/JCP.v67n1110.
- NAGEL, Thomas. "What Is It Like to Be a Bat?" *Philosophical Review* 83, n. 4 (1974), p. 435-50, doi: 10.2307/2183914.
- NICHOLS, David E. "Commentary On: Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences Having Substantial and Sustained Personal Meaning and Spiritual Significance", *Psychopharmacology* 187, n. 3 (2006), p. 284-86, doi: 10.1007/s00213-006-0457-5.
- . "LSD: Cultural Revolution and Medical Advances", *Chemistry World* 3, n. 1 (2006), p. 30-34.
- . "Psychedelics", *Pharmacological Reviews* 68, n. 2 (2016), p. 264-355.
- NOUR, Matthew M.; EVANS, Lisa; CARHAR-HARRIS, Robin L. "Psychedelics, Personality and Political Perspectives", *Journal of Psychoactive Drugs* (2017), p. 1-10.
- NOVAK, Steven J. "LSD Before Leary: Sidney Cohen's Critique of 1950s Psychedelic Drug Research", *History of Science Society* 88, n. 1 (1997), p. 87-110.
- NUTT, David. "A Brave New World for Psychology?" *Psychologist* 27, n. 9 (2014), p. 658-60, doi: 10.1097/NMD.0000000000000113.
- . *Drugs Without the Hot Air: Minimizing the Harms of Legal and Illegal Drugs*. Cambridge, England: UIT Cambridge, 2012.
- OSMOND, Humphry. "On Being Mad", *Saskatchewan Psychiatric Services Journal* 1, n. 2 (1952).
- . "A Review of the Clinical Effects of Psychotomimetic Agents", *Annals of the New York Academy of Sciences* 66, n. 1 (1957), p. 418-34.
- PAHNKE, Walter. "The Psychedelic Mystical Experience in the Human Encounter with Death", *Harvard Theological Review* 62, n. 1 (1969), p. 1-22.
- PETRI, G.; EXPERT, P.; TURKHEIMER, F.; CARHART-HARRIS, R.; NUTT, D.; HEELYER, P. J.; VACCARINO, F. "Homological Scaffolds of Brain Functional Networks", *Journal of the Royal Society Interface* 11, n. 101 (2014).
- PIFF, Paul K.; DIETZE, Pia; FEINBERG, Matthew; STANCATO, Daniel M.; KELTNER, Dacher. "Awe, the Small Self, and Prosocial Behavior", *Journal of Personality and Social Psychology* 108, n. 6 (2015), p. 883-99, doi: 10.1037/pspi0000018.

- POLLAN, Michael. "The Trip Treatment", *New Yorker*, 9 fev. 2015.
- PRELLER, Katrin H.; HERDENER, Marcus; POKORNY, Thomas; PLANZER, Amanda; KRAHENMANN, Rainer; STÄMPFLI, Philipp; LIECHTI, Matthias E.; SEIFRITZ, Erich; VOLLENWEIDER, Franz X. "The Fabric of Meaning and Subjective Effects in LSD-induced States Depend on Serotonin 2A Receptor Activation", *Current Biology* 27, n. 3 (2017), p. 451-57.
- PRESTI, David; BECK, Jerome. "Strychnine and Other Enduring Myths: Expert and User Folklore Surrounding LSD", in Thomas B. Roberts (org.), *Psychoactive Sacramentals: Essays on Entheogens and Religion*, p. 125-35. San Francisco: Council on Spiritual Practices, 2001.
- RAICHLE, Marcus E. "The Brain's Dark Energy", *Scientific American* 302, n. 3 (2010), p. 44-49, doi: 10.1038/scientificamerican0310-44.
- RAICHLE, Marcus E.; MACLEOD, Ann Mary; SNYDER, Abraham Z.; POWERS, William J.; GUSNARD, Debra A.; SHULMAN, Gordon L. "A Default Mode of Brain Function", *Proceedings of the National Academy of Sciences* 98, n. 2 (2001), p. 676-82, doi: 10.1073/pnas.98.2.676.
- R.C. "B.C.'s Acid Flashback", *Vancouver Sun*, 8 dez. 2001.
- RICHARDS, William; GROF, Stanislav; GOODMAN, Louis; KURLAND, Albert. "LSD-Assisted Psychotherapy and the Human Encounter with Death", *Journal of Transpersonal Psychology* 4, n. 2 (1972), p. 121-50.
- SAMORINI, Giorgio. *Animals and Psychedelics: The Natural World and the Instinct to Alter Consciousness*. Rochester, Vt.: Park Street Press, 2002.
- SCHUSTER, Charles R. "Commentary On: Psilocybin Can Occasion Mystical-Type Experiences Having Substantial and Sustained Personal Meaning and Spiritual Significance", *Psychopharmacology* 187, n. 3 (2006), p. 289-90, doi: 10.1007/s00213-006-0457-5.
- SCHWARTZ, Casey. "Molly at the Marriott: Inside America's Premier Psychedelics Conference", *New York Times*, 6 mai. 2017.
- SIFF, Stephen. *Acid Hype: American News Media and the Psychedelic Experience*. Urbana: University of Illinois Press, 2015.
- SIMARD, Suzanne W.; PERRY, David A.; JONES, Melanie D.; MYROLD, David D.; DURALL, Daniel M.; MOLINA, Randy. "Net Transfer of Carbon Between Ectomycorrhizal Tree Species in the Field", *Nature* 388 (1997), p. 579-82.
- SMITH, Huston. *Cleansing the Doors of Perception: The Religious Significance of Entheogenic Plants and Chemicals*. Nova York: Jeremy P. Tarcher/Putnam, 2000.
- . *The Huston Smith Reader*. Org. Jeffery Paine. Berkeley: University of California Press, 2012.
- SMITH, Robert Ellis. "Psychologists Disagree on Psilocybin Research", *Harvard Crimson*, 15 mar. 1962.
- SOLOMON, Andrew. *O demônio do meio-dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SRINIVASAN, Mandyam V. "Honey Bees as a Model for Vision, Perception, and Cognition", *Annual Review of Entomology* 55, n. 1 (2010), p. 267-84, doi: 10.1146/annurev.ento.010908.164537.
- STAMETS, Paul. *Psilocybin Mushrooms of the World*. Berkeley, Calif.: Ten Speed Press, 1996.
- STEVENS, Jay. *Storming Heaven: LSD and the American Dream*. Nova York: Grove Press, 1987.
- STOLAROFF, Myron J. *The Secret Chief Revealed*. Sarasota, Flórida: Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies, 2004.
- STRAUSS, Neil. *Everyone Loves You When You're Dead: Journeys into Fame and Madness*. E-book. 2011.
- SULLIVAN, Walter. "The Einstein Papers. A Man of Many Parts", *New York Times*, 29 mar. 1972.
- SUTTON, Gregory P.; CLARKE, Dominic; MORLEY, Erica L.; ROBERT, Daniel. "Mechanosensory Hairs in Bumblebees (*Bombus terrestris*) Detect Weak Electric Fields", *Proceedings of the National Academy of Sciences* 113, n. 26 (2016), p. 7261-65, doi: 10.1073/pnas.1601624113.
- TENNYSON, Alfred. "Luminous Sleep", *The Spectator*, 1º ago. 1903.
- TIERNEY, John. "Hallucinogens Have Doctors Tuning In Again", *New York Times*, 12 abr.

- U.S. Congress Senate Subcommittee on Executive Reorganization of the Committee on Government Operations: Hearing on the Organization and Coordination of Federal Drug Research and Regulatory Programs: LSD. 89º Congresso, 2ª sessão, 24-26 mai. 1966. [Subcomissão do Senado do Congresso dos Estados Unidos sobre a reorganização executiva do Comitê de Operações do Governo: audição sobre a organização e coordenação de programas federais de pesquisa e regulamentação sobre drogas: LSD]
- VOLLENWEIDER, Franz X.; KOMETER, Michael. "The Neurobiology of Psychedelic Drugs: Implications for the Treatment of Mood Disorders", *Nature Reviews Neuroscience* 11, n. 9 (2010), p. 642-51, doi: 10.1038/nrn2884.
- VOLLENWEIDER, Franz X.; VOLLENWEIDER-SCHERPENHUYZEN, Margreet F. I.; BÄBLER, Andreas; VOGEL, Helen; HALL, Daniel. "Psilocybin Induces Schizophrenia-Like Psychosis in Humans via a Serotonin-2 Agonist Action", *NeuroReport* 9, n. 17 (1998), p. 3897-902, doi: 10.1097/00001756-199812010-00024.
- WASSON, R. Gordon. "Drugs: The Sacred Mushroom", *New York Times*, 26 set. 1970.
- . "Seeking the Magic Mushroom", *Life*, 13 mai. 1957, p. 100-120.
- WASSON, R. Gordon; HOFMANN, Albert; RUCK, Carl A. P. *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries*. Berkeley, Calif.: North Atlantic Books, 2008.
- WASSON, Valentina Pavlovna; WASSON, R. Gordon. *Mushrooms, Russia, and History*, vol. 2. Nova York: Pantheon Books, 1957.
- WATTS, Rosalind; DAY, Camilla; KRZANOWSKI, Jacob; NUTT, David; CARHART-HARRIS, Robin. "Patients' Accounts of Increased 'Connectedness' and 'Acceptance' After Psilocybin for Treatment-Resistant Depression", *Journal of Humanistic Psychology* 57, n. 5 (2017), p. 520-64, doi: 10.1177/0022167817709585.
- WEIL, Andrew T. "The Strange Case of the Harvard Drug Scandal", *Look*, nov. 1963.
- WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- WIT, Harriet de. "Towards a Science of Spiritual Experience", *Psychopharmacology* 187, n. 3 (2006), p. 267, doi: 10.1007/s00213-006-0462-8.
- WULF, Andrea. *The Invention of Nature: Alexander von Humboldt's New World*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2015.

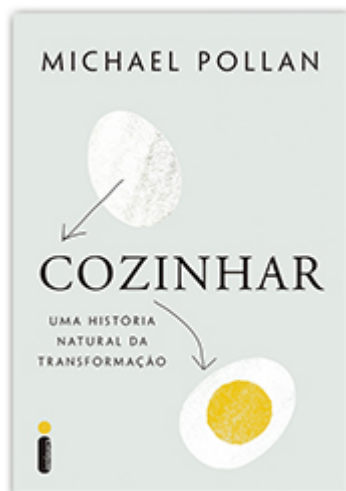
SOBRE O AUTOR



© Jeannette Montgomery Barron

Michael Pollan publicou outros sete livros, entre eles *O dilema do onívoro*, *Regras da comida*, *Em defesa da comida* e *Cozinhar*, que deu origem à série *Cooked*, da Netflix. Colaborador da *The New York Times Magazine*, ele também é professor de jornalismo na Universidade da Califórnia em Berkeley. Em 2010, foi apontado pela revista *Time* como uma das cem pessoas mais influentes do mundo.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Cozinhar



Em defesa da comida



O dilema do onívoro



Regras da comida

LEIA TAMBÉM



Comer para não morrer
Michael Greger e Gene Stone



Breves respostas para grandes questões
Stephen Hawking